



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

CARLOS ALBERTO MOREIRA SARAIVA

**ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DA REGIÃO DO CARIRI
CEARENSE (Alicace)**

**FORTALEZA
2019**

CARLOS ALBERTO MOREIRA SARAIVA

ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DA REGIÃO DO CARIRI
CEARENSE (Alicace)

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M1a Moreira Saraiva, Carlos Alberto.
Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense: ALICACE / Carlos
Alberto Moreira Saraiva. – 2019.
409 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Maria do Socorro Silva de Aragão.

1. Dialetoлогия. 2. Geolinguística. 3. Atlas Linguístico. 4. Variantes fonéticas e lexicais. 5. Cariri
Cearense. I. Título.

CDD 410

CARLOS ALBERTO MOREIRA SARAIVA

ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE
(Alicace)

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em 10 /12/ 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC) / Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profª. Drª. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profª. Drª. Maria Silvana Militao de Alencar
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho a todos que cruzaram os caminhos de minha vida escolar desde a carta do ABC...

AGRADECIMENTOS

A práxis recomenda que sempre agradeçamos por algo recebido.

Então, a primeira a quem agradeço é à vida, por permitir-me finalizar este trabalho, que muito custou a concretizar-se, mas está aqui. Mas como agradecer à vida, se não antes agradecer a meus pais, Seu Antonio de Quinco e Dona Ivana, que me permitiram estar aqui, não por obrigação, mas por escolha...

Mas vamos aos agradecimentos...

Agradeço a meus familiares, que não me deram a vida, mas sempre estiveram em minha vida: meus irmãos Côca, João e Vera (in memoriam), Tibério, Joaquim Robério, Ivo... A minha Marinez, companheira de tantas vitórias e sofreres ao longo desses tantos anos, a meus filhos Ana Carla, Hermenegaldo, Charles (in memoriam) e Pedro, a meus netos Victor Hugo, Douglas, Herveli, Luiza, Miguel e Maria, por me terem dado o prazer de ser “vovô”... A minha quase irmã professora Clemilce, que sempre tinha uma palavra para as dúvidas da língua no longo percurso de oito anos em sala de aula...

Agradeço a todos que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Linguística de Universidade Federal do Ceará, que me possibilitaram estar aqui...

Agradeço, especialmente, aos professores que se deslocaram até à Universidade Regional do Cariri para fazer o prestimoso favor de não só implantar um Dinter, mas de arregaçarem as mangas, deixar as famílias e passarem uma temporada nas bandas do sul em sala de aula.

Agradeço aos professores Dr^a. Aluiza Alves de Araújo (UECE), Dr^a. Maria Elias Soares (UFC), Dr^a. Maria Silvana Militao de Alencar (UFC) e Dr. José Ribamar (UERN), incansáveis na luta e labuta para a formação de novos pesquisadores em um contexto de poucos recursos.

Agradeço, especialmente, a todos os JOVENS e SENHORES/SENHORAS, que muito contribuíram para a realização desta pesquisa, dedicando um tempo em suas vidas para responder a dois questionários, que, de início, pareciam longos, mas durante o seu percurso tornou-se uma peça de interação cultural.

Agradeço aos alunos Heriberto, Ana Ester, Otaviana, Alexandra, Netinho, que ajudaram nesta empreitada.

Por fim, agradeço à Profa. Dra. Socorro Aragão, incansável batalhadora, que há muito vem enfrentando todos os obstáculos para edificar os estudos dialetais e geolinguísticos formando novas mentalidades para descrever a nossa fala tão rica e diversificada.

Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam a nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e nos acompanhar inseparavelmente através da vida; desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade (HJELMSLEV, 1975, p. 1)

RESUMO

O Atlas Linguístico Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense tem como objetivo geral descrever e mapear a variação linguística no que diz respeito às realizações fonética e léxico-semântica da língua falada na Região do Cariri cearense para ampliar o conhecimento do português falado no Brasil e, conseqüentemente, no Ceará, além de oferecer subsídios para as pesquisas na área da linguagem. Os pressupostos teóricos e metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística orientam a elaboração deste trabalho, por meio de autores como Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), Isquendo (2001), Cardoso (2010) Coseriu (1982). O *corpus* desta pesquisa é constituído pelas respostas obtidas por meio da aplicação de um Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 questões, objetivando apurar a variação dos fonemas ou sequências de vogais ou consoantes; e da aplicação de um Questionário semântico-lexical (QSL), composto de 202 questões de caráter onomasiológico e diatópico, cujas questões que estão distribuídas em 14 áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana. Foram aplicados a 24 informantes em sete pontos de inquéritos, Crato, Porteirias, Aurora, Araripe, Aurora e Várzea Alegre, sendo quatro informantes em cada ponto, distribuídos igualmente em duas faixas etárias (faixa etária I – 18 a 30 anos, faixa etária II – 48 a 70 anos) do sexo masculino e feminino, com grau de escolaridade de 0 a 9 anos. Com base nos dados obtidos foram elaboradas as cartas fonéticas e semântico-lexicais em que se apresentam a variação fonética e lexical dos itens investigados nos questionários, a fim de registrar a memória linguística dessa região, o que possibilitou a elaboração de 252 cartas linguísticas (112 fonéticas e 140 lexicais). Espera-se que a pesquisa propicie grandes contribuições com o registro da riqueza linguística que permeia as localidades inquiridas, permitindo o conhecimento real da língua em uso.

Palavras-chave: Dialectologia. Geolinguística. Atlas Linguístico. Variantes lexicais e fonéticas. Cariri cearense.

RESUMÉ

O Atlas Linguístico Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense a pour objectif général de décrire et de cartographier la variation linguistique par rapport aux réalisations phonétiques et lexicales et sémantiques de la langue parlé dans la région de Cariri cearense pour élargir les connaissances du portugais parlé au Brésil et, par conséquent, au Ceará, en plus d'offrir des subventions pour la recherche dans le domaine de la langue. Les hypothèses théoriques et méthodologiques de la Dialectologie et de la Géolinguistique guident l'élaboration de ce travail, au moyen des auteurs tels que Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), Isquerdo (2001), Cardoso (2010) Coseriu (1982). Le *corpus* de cette recherche est constitué par les réponses obtenues par l'application d'un Questionnaire Phonétique-Phonologique (QFF), avec 159 questions, en visant à déterminer la variation des phonèmes ou des séquences de voyelles ou de consonnes ; et de l'application d'un questionnaire sémantique-lexical (QSL), composé de 202 questions de caractère onomasiologique et diatopique, dont les questions sont réparties dans 14 zones sémantiques : accidents géographiques, phénomènes atmosphériques, astres et temps, activités agropastorales, faune, corps humain, cycles de la vie, convivial et comportement social, religion et croyances, jeux et divertissements pour enfants, habitation, nourriture et cuisine, vêtements et accessoires, vie urbaine. Ils ont été appliqués à 24 informateurs dans sept points d'enquête, Crato, Porteiras, Aurora, Araripe, Aurora et Várzea Alegre, avec quatre informateurs dans chaque point, répartis également dans deux groupes d'âge (groupe d'âge I - 18 à 30 ans, groupe d'âge II - 48 à 70 ans) du sexe masculin et féminin homme et femme, avec un niveau de scolarité de 0 à 9 ans. Sur la base des données obtenues, nous avons élaboré les lettres phonétiques et sémantiques-lexicales dans lesquelles la variation phonétique et lexicale des éléments étudiés dans les questionnaires sont présentées, afin d'enregistrer la mémoire linguistique de cette région, qui a permis l'élaboration 252 cartes linguistiques (112 phonétiques et 140 lexiques). On espère que la recherche favorise de grandes contributions avec l'enregistrement de la richesse linguistique qui imprègne les localités étudiées, permettant la connaissance réelle de la langue utilisée.

Mots-clés: Dialectologie. Géolinguistique. Atlas linguistique. Variantes lexicales et phonétiques. Cariri Cearense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Proposta de território da nova província	86
Figura 02 -	Divisão Territorial do Brasil destacando o Estado do Araripe	87
Figura 03 -	Mapa do Cariri cearense	91
Figura 04 -	Mapa do Cariri cearense com as Microrregiões	92
Figura 05 -	Localização do município de Crato em relação ao Estado	93
Figura 06 -	Localização do município de Porteiras em relação ao Estado	95
Figura 07 -	Localização do município de Várzea Alegre em relação ao Estado	97
Figura 08 -	Localização do município de Aurora em relação ao Estado	99
Figura 09 -	Localização do município de Tarrafas em relação ao Estado	101
Figura 10 -	Localização do município de Araripe em relação ao Estado	103
Figura 11 -	Mapa da Região do Cariri com os pontos de inquéritos	106
Figura 12 -	Tela inicial do programa computacional SGVCLin	112
Figura 13 -	Logotipo, representado pela gravura do Soldadinho-do-Araripe	115
Figura 14 -	Ordem de apresentação das variantes e seus símbolos	116
Figura 15 -	Representação das variáveis diagenéricas e diageraracionais	116
Figura 16 -	Representação das variáveis diagenéricas	117
Figura 17 -	Microestrutura concreta do Alicace	117

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 - Perfil dos informantes	107
Quadro 02 - Campos Semânticos da Pesquisa	110
Quadro 03 - Ordem da Rede de pontos	115
Quadro 04 - Questões e respostas fonéticas com 100% de frequência	1118
Quadro 05 - Questões com apenas um item lexical	120
Quadro 06 - Questões com dois itens lexicais como respostas	121
Quadro 07 - Questões não inseridas no questionário	121
Quadro 08 - Questões não inseridas no questionário	122
Quadro 09 - Representação Fonética utilizada na transcrição	123
Quadro 10 - Ocorrência do item lexical em todos os pontos	375

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PERCURSO DOS ESTUDOS DIALETAIS	17
2.1	A dialetologia, a Sociolinguística e a Geolinguística	24
2.1.1	<i>Os Atlas Linguísticos no Brasil</i>	42
2.1.1.1	<i>Atlas Linguísticos estaduais brasileiros publicados</i>	42
2.1.1.2	<i>Atlas estaduais, regionais e municipais concluídos</i>	47
2.2	A língua em variação	59
2.2.1	<i>A variação fonética</i>	66
2.2.2	<i>A variação lexical</i>	70
3	ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE	78
3.1	Sobre os municípios pesquisados	92
3.1.1	<i>Crato</i>	92
3.1.2	<i>Porteiras</i>	95
3.1.3	<i>Várzea Alegre</i>	97
3.1.4	<i>Aurora</i>	99
3.1.5	<i>Tarrafas</i>	101
3.1.6	<i>Araripe</i>	102
4	METODOLOGIA DA PESQUISA EM FOCO	105
4.1	A escolha dos pontos de pesquisa	105
4.2	Seleção dos sujeitos da pesquisa	106
4.3	A coleta dos dados	108
4.3.1	<i>Instrumentos da pesquisa: fichas e questionários para as entrevistas</i>	108
4.3.1.1	<i>Questionário Fonético-Fonológico (QFF)</i>	109
4.3.1.2	<i>Questionário Semântico-Lexical (QSL)</i>	109
4.3.2	<i>Natureza das entrevistas e equipamentos</i>	110
4.4	Transcrição, organização e arquivamento dos dados	111
4.4.1	<i>Transcrição dos dados</i>	111
4.4.2	<i>Organização e arquivamento dos dados</i>	112

5	ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE (ALICACE)	114
5.1	As cartas	114
5.1.1	<i>Notas para leitura das cartas linguísticas</i>	114
5.1.2	<i>Critérios de elaboração das cartas linguísticas</i>	118
5.1.3	<i>Representação fonética</i>	123
5.2	As cartas linguísticas	124
5.2.1	<i>Cartas fonéticas</i>	124
5.2.2	<i>Cartas lexicais</i>	236
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	372
	REFERÊNCIAS	379
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	389
	ANEXO A – MODELO DE FICHA DAS LOCALIDADES	391
	ANEXO B - MODELO DE FICHA DOS INFORMANTES	392
	ANEXO C – FICHA PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA	394
	ANEXO D – QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF) .	395
	ANEXO E – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)	401

1 INTRODUÇÃO

A língua, como instituição ou patrimônio social, é um sistema não unitário em que se entrecruzam diversos subsistemas resultados de situações sociais, culturais e geográficas diversas, refletindo, pois, a diversidade dos grupos sociais que a utilizam. Além de que, por ser uma realidade heterogênea, está sujeita a variações ao longo do tempo, podendo sofrer mudanças ou conservar traços e características de períodos históricos passados por conta de influências de ordem interna (fatores estruturais) e de influências externas (regionais ou sociais). E são essas variações que ocasionam a pluralidade de falares entre os habitantes de uma localidade, sendo essas variações frutos da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história, o que nos leva a perceber a necessidade de se fazer um levantamento histórico da origem das diferenças dialetais, uma vez que para os grupos que usam a chamada língua-padrão, os vários falares das várias regiões do país são decorrentes dos diferentes estratos sociais. A esse respeito, Soares (2000) define dialeto-padrão ou norma culta como o dialeto que em determinado contexto social lhe é atribuído maior prestígio, sendo, pois, considerado o modelo quando são avaliados os vários dialetos. Ainda segundo esta autora, o dialeto-padrão é aquele falado pelas classes sociais favorecidas, em particular, em situações mais formais, usado nos meios de comunicação de massa e codificado nas gramáticas escolares.

Portanto, ao julgar algumas variedades como melhores, estigmatizando outras, é, simplesmente, fazer um juízo de valor sobre os falantes dessas variedades, tendo as diferenças linguísticas como uma razão para discriminar socialmente os indivíduos. É imprescindível observar que todas as variedades linguísticas constituem sistemas que se adequam perfeitamente para a expressão das necessidades comunicativas dos falantes, de acordo com as práticas sociais e os hábitos culturais de suas comunidades. E a respeito da escolha de uma ou outra variedade em concorrência num dado contexto, Saraiva (2001, p. 65) afirma que

a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social, e não simplesmente de maneira aleatória. Ela é controlada por uma força que disciplina as diferentes falas individuais, padronizando-as em seu uso coletivo a partir de um conjunto de regras ou normas gradualmente fixado pela comunidade linguística.

Assim, concebendo-se que não se pode fazer um estudo descritivo e analítico considerando a língua com um fenômeno isolado, sem levar em conta a sua relação com os fatores extralinguísticos que permeiam o seu uso por indivíduos em situações verdadeiras de comunicações, esta pesquisa fundamenta-se no pressuposto de que a língua, sendo um

fenômeno de caráter social, está sujeita a mudança e ajustes condicionados por fatores socioeconômicos, culturais e geopolíticos, ou seja, por causa de fatores extralinguísticos que, indubitavelmente, interferem na estrutura interna da língua, apresentando a língua três tipos de diferenças: a) no espaço geográfico ou diatópicas, determinantes na diversidade linguística entre comunidades diferentes fisicamente uma da outra, b) entre os estratos sociais ou diastráticas, em que o fator social é responsável pela diversidade linguística entre grupos ou subgrupos de uma mesma comunidade, tendo como fatores determinantes a estratificação social, a faixa etária, o sexo, o nível de escolaridade, a ocupação profissional, o nível de formalidade ao uso da língua pelos falantes; c) na modalidade expressiva, conforme a circunstância no uso da língua.

Embora já se encontre publicado o Atlas Linguístico do Ceará, no qual 14 (catorze) pontos de inquéritos tenham sido realizados em municípios da Região do Cariri, constata-se que a proposta de elaboração do Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense justifica-se pela necessidade de se conhecer a realidade linguística dessa região em suas particularidades no uso da língua, uma vez que para Brandão (1991), a relevância científica em se elaborar atlas linguísticos regionais, principalmente em um país de grande extensão territorial como o Brasil, decorre de valores sincrônicos e diacrônicos, uma vez que são fotografias de um estágio da língua em um determinado período de sua evolução, bem como são registros indiretos de outros estágios dessa língua tanto pela recolha de formas em desuso quanto pelo levantamento de traços fônicos pertinentes. Essa relevância da elaboração de atlas regionais é corroborada por Cardoso (2002, p. 4) ao demonstrar o desejo de aprofundamento do conhecimento que os atlas nacionais asseguraram, uma vez que

Ao se completarem 100 anos da publicação do ALF [Atlas Linguístico da França], vê-se, no panorama universal, a atualidade e importância dos estudos geolinguísticos seja qual for a amplitude do atlas que se produza. A contemporaneidade assiste, assim, à convivência de atlas de quatro tipos - regional, nacional, continental e de família de línguas —, como que a mostrar que há lugar para todo tipo de investigação, porque cada uma delas, na perspectiva em que se propõe focalizar a realidade, está dando a conhecer fenômenos e fatos linguísticos capazes de melhor contribuir para o conhecimento da(s) língua(s) considerada(s).

Assim, a proposta de elaboração do Atlas Linguístico da Região do Cariri cearense se insere nesse contexto, como forma de oferecer subsídios aos interessados nos estudos linguísticos (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, pedagogos, geógrafos e profissionais de áreas afins), possibilitando-lhes o conhecimento da realidade sociolinguística e cultural dessa Região e, assim, contribuindo para o entendimento da língua como instrumento social de comunicação diversificado e pluricultural.

Neste contexto, esta pesquisa justifica-se, também, por fazer o registro fonético, lexical e semântico do falar de uma região que apresenta peculiaridades em seu povoamento e especificidades em sua localização geográfica por situar-se ao sul do Estado do Ceará, tendo como limites os Estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí, como também buscar informações para compreender as relações dos fatos linguísticos existentes nessa região. Ademais, esta pesquisa vem juntar-se aos poucos estudos dialetais no Ceará, especialmente na Região do Cariri, onde encontramos, a exemplo, as dissertações “As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense”, de Saraiva (2001) e a “A vibrante em posição de coda na cidade de Crato”, de Abreu (2000), que utilizaram informantes do banco de dados do PROFALA-UFC, especificamente do Projeto “O Português falado no Ceará”, cujo *corpus* foi coletado em cidades da região do Cariri, especialmente Crato, Barbalha, Nova Olinda, Juazeiro, Várzea Alegre, Altaneira, Mauriti, Caririçu e Brejo Santo, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Elias Soares.

Desta feita, é objetivo desta pesquisa descrever e mapear a variação linguística no que diz respeito às realizações fonéticas e léxico-semânticas da língua falada na Região do Cariri cearense, com o intuito de:

a) identificar que influências exercem as variáveis extralinguísticas ou sociais-geolinguísticas (principalmente diasssexual e diageracional) nos fenômenos de conservação, inovação e transição nos níveis fonéticos, lexicais e semânticos;

b) descrever a realidade do português falado na Região do Cariri cearense para identificar fenômenos fonéticos, lexicais e semânticos caracterizadores de diferenciações ou de unidades linguísticas na região;

c) verificar que variantes linguísticas (fonéticas e léxico-semânticas) ocorrem com maior frequência em cada município pesquisado e quais apresentam maior representatividade na região do Cariri cearense;

d) criar um banco de dados com o registro das variações fonética e semântico-lexicais descritas no Português falado na Região do Cariri cearense com o fim de, no futuro, subsidiar a elaboração de dicionários e glossários da fala desta região;

e) produzir o Atlas Linguístico Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense.

Portanto, para a realização desta pesquisa, tomamos como fundamento os princípios da Dialectologia pluridimensional, visto que consideramos que a ocorrência da variação fonética e léxico-semântica no falar da Região do Cariri cearense decorre, além do fator diatópico, também, de fatores diastráticos como o sexo e a idade dos falantes. Desse

modo, os 24 (vinte e quatro) sujeitos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa são nascidos e residentes na Região do Cariri cearense, cujos municípios selecionados foram: Crato, Porteiras, Várzea Alegre, Aurora, Tarrafas e Araripe.

Para a obtenção dos dados, optamos por aplicar dois questionários utilizados para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil – AliB, a saber: o Questionário Fonético Fonológico, composto de 159 questões e o Questionário Semântico-Lexical, com 202 perguntas distribuídas em 14 campos semânticos, tendo em vista a recolha de um número de dados que objetiva coletar dados a respeito de todos os temas.

Com relação à estrutura, este trabalho está organizado seguindo a ordem:

No primeiro capítulo, fazemos uma exposição dos aspectos geográficos, históricos e econômicos da região do cariri cearense, detalhando os municípios da Região que foram selecionados como pontos de inquérito.

No segundo capítulo, fazemos uma abordagem teórica sobre os estudos linguísticos no que diz respeito à relação entre língua e uso, com o intuito de planificar os fundamentos que norteiam os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa Dialetológica e Geolinguística, além de apresentar um panorama sobre a variação linguística, especificamente a fonética e a lexical, que são o eixo central desta pesquisa.

No capítulo seguinte, expomos toda a metodologia adotada para a realização desta pesquisa de caráter dialetal e geolinguístico no que tange à escolha dos pontos de pesquisa, os critérios para escolha dos sujeitos participantes, além dos instrumentos para a coleta dos dados, os critérios para a transcrição, organização e arquivamento dos dados, bem como uma descrição do Programa Computacional SGVCLin, utilizado nesta pesquisa para a elaboração das cartas linguísticas, à transcrição, organização e arquivamento dos dados.

No quarto capítulo, apresentamos o Atlas linguístico da Região do Cariri cearense, momento em que tecemos algumas orientações sobre as cartas geolinguísticas em suas especificidades, inclusive para a sua leitura. E, por fim, apresentamos o atlas propriamente dito com suas 236 cartas, sendo 98 cartas fonéticas e 138 cartas léxicas, fazendo uma fotografia objetiva das peculiaridades da fala na Região do Cariri cearense.

E no capítulo final, apresentamos as nossas considerações finais acerca da pesquisa realizada.

2 PERCURSO DOS ESTUDOS DIALETAIS

Embora não seja esta pesquisa um tratado calcado na Linguística Histórica, cujo método busca, segundo Marra-Silva (2009, p. 10) “compreender os fatores que exerceram influências no pensamento linguístico que possibilitou o surgimento de uma teoria e/ou a incorporação dessa teoria a determinadas práticas investigativas”, que, segundo Swiggers (2009, p. 67, tradução nossa.) “nos permite apreciar a universalidade dos processos e atividades de descrição e reflexão linguísticas, e, às vezes, sua grande diversidade (e diversificação) através da história e das divergentes situações geográficas, políticas e sócio-econômicas”¹, como também, por entendermos que “não existe saber sem memória nem ciência sem passado. O reexame da obra daqueles a quem devemos os fundamentos e os desenvolvimentos de nosso campo são condições necessárias para uma compreensão mais acurada das teorias contemporâneas”² (CRUZ, 2010, p. 7), optamos por fundamentá-lo a partir da exploração do percurso levado a cabo pelos estudos linguísticos, desde o que consideramos pretérito até a atualidade, ou seja, o próprio propósito deste trabalho que se pauta na Dialectologia e Geolinguística, uma vez que concordamos com Pop (1950, p. XVI, tradução nossa) ao expressar que

[...] sabemos, atualmente, que o progresso em um domínio científico está em relação com o espírito de colaboração que anima os pesquisadores. Sem trocas de ideias, sem o conhecimento aprofundado de tudo o que se passa em outros domínios linguísticos próximos ou mais afastados, o progresso dos estudos dialetológicos é doravante quase impossível.³

Todavia, somos conscientes de que “o desafio é fascinante e importante, por uma razão fundamental: na história das culturas, das sociedades, na história das ciências, assim como na trajetória de cada ser humano, tem um papel central e basicamente constitutivo a linguagem”⁴ (SWIGGERS, op. cit., p. 72, tradução nossa).

¹ nos permite apreciar la universalidad de los procesos y actividades de descripción y reflexión lingüísticas, y a la vez su gran diversidad (y diversificación) a través de la historia y de las divergentes situaciones geográficas, políticas y socioeconómicas.

² O texto foi extraído do Prefácio elaborado por Márcio Alexandre Cruz para o livro “A vida da linguagem”, de William Dwight Whitney, publicado no Brasil pela Editora Vozes, em 2010.

³ on sait aujourd'hui que le progrès dans un domaine scientifique est en rapport direct avec l'esprit de collaboration qui anime les chercheurs. Sans échanges d'idées, sans la connaissance approfondie de tout ce qui se passe dans d'autres domaines linguistiques voisins ou plus éloignés, le progrès des études dialectologiques est désormais presque impossible.

⁴ el desafío es fascinante e importante, por una razón fundamental: en la historia de las culturas, de las sociedades, en la historia de las ciencias, así como en la trayectoria de cada ser humano, tiene un papel central y básicamente constitutivo el lenguaje.

Não obstante os estudos sobre a linguagem despertem, atualmente, o interesse em diversas áreas do conhecimento, Câmara Jr. (1986) lembra que nos povos primitivos do passado e do presente não há nenhuma preocupação em analisar a linguagem. Isso decorre, segundo este linguista, do fato de ser a linguagem considerada “algo trivial” na vida social por que a fala surge natural e espontaneamente e é aprendida pelos indivíduos ao longo das fases de suas vidas.

No entanto, segundo Câmara Jr. (Op. cit., p. 9.), o estudo da linguagem é favorecido por algumas condições “à proporção que a sociedade se desenvolve e se torna cada vez mais complexa”. Dentre essas condições, o autor evidencia a invenção da escrita que fez com que os indivíduos, na tentativa de reduzir os sons da linguagem à convenção escrita, percebessem a existência das formas linguísticas.

A linguagem, ao estabelecer-se como padrão, adquirindo caráter de autoridade e de prestígio na sociedade, faz

[...] com que o pensamento humano focalize, com atenção, as maneiras como falamos como também o mecanismo da linguagem. Cria-se, desse modo, um novo clima na vida social em relação à linguagem e seu estudo pode desenvolver-se através do impacto de fatores sociais e culturais. (op. cit., p. 9)

A subdivisão da sociedade em estratos e classes sociais, e sua organização conforme as esferas ou campos de atividades humanas, tornando-se cada vez mais específicas, impulsionam um importante avanço no estudo do fenômeno linguístico. A linguagem, nesse tipo de sociedade, por ser considerada o reflexo de cada grupo social e de suas formas de comportamento, assume a marca de *status* social. Assim, ao perceberem este fato, as classes detentoras de maior prestígio e poder tentam preservar de geração a geração os traços linguísticos que as diferenciam das outras classes (ditas inferiores). Para tanto, tentam demarcar as fronteiras sociais através da linguagem, definindo e separando os traços linguísticos em “corretos” para os modos de falar de indivíduos das classes de poder e em “errados” para os das classes subalternas. Esse tipo de estudo que objetiva conservar inalterados os traços linguísticos de um determinado grupo dominante e prescrevê-los como corretos aos demais grupos da sociedade originou o que, tradicionalmente, chama-se Gramática, que segundo Câmara Jr. (Op. cit., p. 10) quando o sujeito-falante não a possui “significa que o falante não dominou os traços linguísticos mantidos pelas classes superiores como marca do seu *status*”.

Sobre os estudos linguísticos organizados nos séculos anteriores à construção da Linguística como ciência, Robins (1983, p. 136) afirma que, atualmente,

pode parecer que, do ponto de vista de uma teoria abrangente e bem ordenada, a coleta de material linguístico durante o século XVIII foi feita quase sempre de modo um tanto impreciso e aleatório; também pode parecer que as teorias gerais sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem, que vieram a lume nessa mesma época, [...] não passam em grande parte de especulações vazias de conteúdo por falta de dados adequados sobre a realidade das línguas. Porém esses dois diferentes acontecimentos têm lugar reservado no curso da história, pois para nossa felicidade eles se concretizaram, ainda que de modo contingente, nos anos que imediatamente antecederam a profícua descoberta das relações entre o sânscrito e as principais línguas europeias, descoberta que favorecida pelo ambiente acadêmico dominante no início do século XIX, serviu de estímulo para a integração da teoria e dos dados observados numa era de contínuo progresso (ROBINS, p. 136).

Para Mussalin (2009), o século XIX foi um período caracterizado pelos estudos comparativistas e históricos da língua, que

desenvolveram um método de manipulação de *dados linguísticos enquanto dados linguísticos* e trataram, pela primeira vez, a linguagem em si mesma e por si mesma, sem abordá-la em função de outros projetos, ou seja, sem subordiná-la ao estudo da retórica, da lógica, da poética ou da filosofia. (MUSSALIM, 2009, p. 27, grifos da autora).

Swiggers (2013) destaca que o trabalho dos comparatistas alemães foi bem aceito na França, mas em torno de Gaston Paris e Paul Meyer foi formado um grupo de romanistas que delineou um novo conceito para a filologia românica estabelecendo como critérios que o manuseio da documentação fosse o mais completo e confiável, e que o emprego do método respeitasse a regularidade do desenvolvimento das línguas, acrescentando que

Foi essa filosofia, ou esse estilo de pesquisa científica, que foi inculcado nos alunos que frequentam a Escola Prática de Altos Estudos e a Escola de Chartres. Como resultado, uma nova mentalidade de pesquisa foi estabelecida em filologia, e G. Paris, em harmonia com seu colega classicista e indo-europeísta Michel Bréal, fez-se porta-voz. A sentença de morte soou para filologia impressionista ⁵ (SWIGGERS, 2013, p. 78, tradução nossa).

No entanto, o autor afirma que a partir do advento desse modelo

[...] o estudo dos dialetos assumiu uma dimensão totalmente nova e gradualmente se tornou um componente metodologicamente importante da abordagem comparativa. Na verdade, os comparatistas perceberam que não somente a documentação dialetal estava aqui, em acesso direto, para ser explorada em sua grande riqueza, mas, sobretudo, pelo fato de que a variação geográfica tinha um duplo interesse heurístico: por um lado, porque a dispersão no espaço poderia ser correlacionada com os estágios históricos e por outra, porque se entendia que se se quisesse entender as mudanças linguísticas do passado, era preciso examinar os processos que ocorriam na época contemporânea ⁶ (SWIGGERS, 2013, p. 77, tradução nossa).

⁵ C'est cette philosophie – ou ce style de recherche scientifique – qui est inculqué aux élèves qui fréquentent les cours de l'École pratique des Hautes Études et de l'École des Chartes. Du coup, une nouvelle mentalité de recherche s'installe en philologie, et G. Paris, en harmonie avec son collègue classiciste et indo-européaniste Michel Bréal, s'en fait le porte-parole. Le glas a sonné pour la philologie à base impressionniste.

⁶ L'étude des dialectes prend une dimension toute nouvelle et devient progressivement une composante méthodologiquement importante de l'approche comparatiste. En effet, les comparatistes se rendaient compte du fait que non seulement la documentation dialectale était là, en accès direct, pour être explorée dans sa grande richesse, mais surtout du fait que la variation géographique avait un double intérêt heuristique: d'une part parce que la dispersion dans l'espace pouvait être corrélée avec des stades historiques et d'autre part parce qu'on

Enfim, esses estudos representaram um eminente progresso nos estudos linguísticos, uma vez que para muitos historiadores esse período histórico-comparativista é reconhecido como o período em que se deram os primeiros estudos verdadeiramente científicos sobre a linguagem humana, uma vez que os comparativistas definiram o contorno geral dos estudos linguísticos que dominaram a segunda metade do século XIX, e que tinham à frente um grupo de jovens acadêmicos alemães e escandinavos, que estudaram filologia clássica, índica, germânica e eslava.

Esse grupo, associado especialmente à Universidade de Leipzig, na Alemanha, e chamado Neogramáticos, questionava certos pressupostos tradicionais do método comparatista, como atestam Hermann Osthoff e Karl Brugmann no “Manifesto” publicado em 1878, no qual criticam a concepção naturalista da língua, vendo-a como possuidora de uma existência independente, quando esta deveria ser vista ligada ao falante, pois a língua existia no indivíduo, de quem as mudanças originaram-se. Além disso, defendiam a necessidade de uma estreita relação entre a linguística histórica e a psicologia.

Assim, o aprofundamento dos estudos histórico-comparativistas contribuiu para o desenvolvimento da ciência da linguagem, dedicando-se, principalmente, a explicar o porquê das mudanças nas palavras nunca explicitado pelos comparativistas. A esse respeito, os neogramáticos, cuja doutrina baseava-se na ausência de exceções às “leis” de mudança fonológica, afirmam que as alterações fonéticas não são acidentes que acontecem aleatoriamente ao longo do tempo e na passagem de uma língua a outra, mas são os resultados de condições diretamente observáveis, decorrentes de um processo mecânico, regido por lei, ou seja, forças físicas e psíquicas. Para eles, todos os itens lexicais que contém o som em mudança são afetados de forma simultânea e uniforme, e nos casos em que não ocorre a mudança, admitiam serem as leis fonéticas iguais às da física, cujas exceções só eram reconhecidas quando não anulados por outra lei ou por fatores que influenciassem a ação reguladora/normativizadora no sistema. Dessa maneira, os casos desviantes passam a ser explicados por analogia ou por empréstimo.

O conceito de analogia foi emprestado dos gregos pelos Neogramáticos, que o utilizaram para responder às anomalias causadas pelas mudanças fonéticas, atuando como um tipo de regularidade para tornar os paradigmas considerados “anormais” em “normais”. Em suma, para os neogramáticos a analogia funciona como condicionamento estrutural,

comprenait que si l'on voulait saisir les changements linguistiques du passé, il fallait examiner les processus qui se déroulaient à l'époque contemporaine.

preferencialmente o fonológico, no sentido de inibir ou subverter o efeito das mudanças fonéticas.

O empréstimo, outro recurso adotado para normatizar as irregularidades de determinadas mudanças, uma vez que os vocábulos emprestados de outras línguas não sofrem ação de mudança, continuando a sua forma antiga preservada. No entanto, entre os adeptos da Teoria Neogramática há um destaque em relação à capacidade de interferência do recurso do empréstimo no desenvolvimento natural dos sons da fala, o que contraria a esmagadora força das leis fonéticas.

Dentre as hipóteses apresentadas na teoria dos neogramáticos, destacam-se:

a) as mudanças fonológicas diacrônicas que afetariam de modo simultâneo e sem exceções todas as palavras cujas condições necessárias para o funcionamento dessa mudança estejam realizadas;

b) uma possibilidade lógica de que uma declaração possa ser demonstrada falsa⁷ pela observação ou por um experimento físico.

Além dessas hipóteses, é importante destacar outros aspectos importantes do programa neogramático, como o objeto de investigação ser o idioleto (a linguagem do indivíduo); a autonomia do nível sonoro, a fonética, que explicava quase todas as mudanças linguísticas, rejeitando-se, assim, a reconstrução do indo-europeu em detrimento das línguas mais próximas (que eles falam) e a noção de evolução das línguas (a língua não é um organismo que vive e se desenvolve por conta própria, mas é um produto da comunidade linguística); a concepção de um historicismo como essencial do projeto investigativo.

Contudo, esse grupo trouxe contribuições novas ao estudo e à compreensão da linguagem, e firmou-se na continuação da abordagem histórica, fora da qual, acreditavam não ser possível esse estudo, como afirmou Hermann Paul (1880 *apud* CÂMARA JR., 1986, p 76-77), visto que

[...] o único estudo científico da língua é o estudo histórico. [] Aquilo que se considera como um método não histórico, e contudo científico, de estudar a língua, não é no fundo mais do que um métodos histórico incompleto, incompleto porque em parte por culpa do observador, em parte por culpa do material de estudo.

Segundo Benveniste (1976), o método comprovado no campo indo-europeu tornou-se exemplar, e, após sua renovação, experimentou novos êxitos. No entanto, ele ressalta que é importante observar que até as primeiras décadas do século XX, a linguística

⁷ Vale salientar que este foi o primeiro caso de uma teoria sobre mudança fonológica aplicando-se o Princípio de falsificabilidade ou refutabilidade, proposto nos anos 1930, pelo grande filósofo liberal do século XX, Karl Popper como solução para o chamado problema da indução. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/biblioteca/galeria-de-autores/karl-popper/>>. Acesso em 20 mai. 2018.

consistia essencialmente em uma genética das línguas, estabelecendo como tarefa a evolução das formas linguísticas e, por conseguinte, colocando-se como uma ciência histórica, cujo objeto estava em toda parte e sempre em uma fase da história das línguas.

Apesar do rigor metodológico que trouxeram aos estudos históricos, o postulado dos neogramáticos foi muito criticado, principalmente no que diz respeito às leis fonéticas, ou seja, processo de regularidade das mudanças sonoras, ao uso contínuo da analogia e à redução da língua a um caráter puramente psicológico/individual.

No entanto, apesar desses êxitos, surge o interesse crescente pelas línguas não escritas e sem história, como as línguas ameríndias, que estando fora da descrição histórica, mostrou os limites dos modelos e das regras aplicadas até então para as línguas indo-europeias fizeram surgir algumas inquietações nos linguistas, que, segundo Benveniste (1996, p. 21), ao indagarem:

Qual é a natureza do fato linguístico? Qual é a realidade da língua? É verdade que não consiste senão na mudança? Mas como, embora mudando, permanece a mesma? Como, então, funciona e qual é a relação dos sons com o sentido? [...] e descobriam que os quadros tradicionais empregados para as línguas indo-europeias não se aplicavam aí. Tratava-se de categorias absolutamente diferentes que, escapando de uma descrição histórica, obrigavam à elaboração um novo aparato de definições e a novo método de análise.

E acrescenta que, paulatinamente, após vários debates teóricos e inspirados nas teorias saussurianas (1916), uma nova noção de língua foi estabelecida, visto que os linguistas conscientizam-se da sua tarefa, que é “estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade linguística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua em seus elementos formais próprios” (BENVENISTE, 1976, p. 21).

Dentre os críticos a esse postulado, destaca-se o posicionamento do linguista austríaco Hugo Schuchardt e do linguista italiano Graziadio Isaias Ascoli.

Hugo Schuchardt contestou o preceito de que as diferenças de uma comunidade só apareciam de acordo com o tempo, por reconhecer que em uma comunidade qualquer existia uma série de variedades condicionadas por fatores como o sexo, as línguas em contato (quer por invasão, conquistas e intercruzamento étnicos e culturais ou por aproximação geográfica) a idade e o nível de escolaridade do falante. Segundo ele, para se compreender o processo de mudanças das línguas é necessário considerar o quadro heterogêneo em que se encontra. Em sua proposição de que parte da variação linguística decorria da expansão de fenômenos linguísticos no espaço geográfico, não se podendo, pois, estabelecer fronteiras dialetais bem definidas, vê-se a antecipação do conceito de dialeto aceito pela linguística moderna.

Graziadio Ascoli, embora tenha sido partidário do postulado Neogramático, já advertia que a explicação das mudanças linguísticas deveria levar em conta a mistura de populações, decorrentes das conquistas. Em sua tese, Ascoli enunciava que as mudanças sonoras ocorriam por causa da aquisição de uma nova pronúncia pelos falantes de territórios dominados e também por assimilação da língua dos conquistadores. Assim, inaugurando, nas últimas décadas do Século XIX, a teoria do substrato⁸, esse linguista defendia que as exceções à mudança são explicadas por meio dos substratos. Para Ascoli, há evidentes casos de não-atuação da mudança que a analogia e/ou o empréstimo não podem explicar.

A grande contribuição dos estudos linguísticos de Graziadio I. Ascoli foi o seu interesse pelo conhecimento da língua do povo em suas diversidades geográficas. Para tanto, estudou os dialetos pertencentes ao grupo linguístico Ladino, nos quais reconheceu a existência de limites bem determinados de um dialeto a outro, com base em muitos caracteres comuns no que diz respeito às modificações nos sons, à morfologia e à sintaxe próprias de um certo território. Por volta de 1870, Ascoli apresenta os seus *Saggi Ladini*, um tratado dos dialetos reto-românicos, cujo propósito centrava na recuperação de fatos linguísticos de diversas etapas do percurso histórico da língua ladina, ainda com base no método comparativo, sem levar em consideração o contexto social.

Câmara Jr. (1986, p.13) considera propriamente linguísticos os estudos histórico (diacrônico) e descritivo (sincrônico) da linguagem por que ambos ocupam-se da linguagem como um traço cultural da sociedade e buscam “chegar à sua natureza, ou explicando sua origem e desenvolvimento através do tempo ou o seu papel e meio de funcionamento real na sociedade”, enfatiza que os estudos não-científicos realizados sobre a linguagem foram importantes para o surgimento da Linguística e acrescenta que esses estudos não desapareceram com o advento da Linguística, uma vez que os dois

[...] continuaram a seguir o seu caminho, ora ganhando novos aspectos do ponto de vista da linguística, ora contribuindo para esta com seu próprio background.[...] nos séculos modernos uma história da linguística não poderia ignorar inteiramente alguns estudos *pré-linguísticos* e *paralinguísticos* que tratam dos aspectos filosóficos, biológicos e filosóficos da linguagem (op. cit., p. 14, grifos do autor)

Contudo, vê-se que o interesse em estudar os fatos linguísticos, embora seja muito antigo, eram dominados por considerações empíricas sobre própria condição da linguagem. Eram estudos por vezes assistemáticos e irregulares, feitos a partir da necessidade de cada

⁸ CÂMARA JR. (1981, p. 42) Substrato - Nome que se dá à língua de um povo, abandonada em proveito de outra língua que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política.

povo e cultura, na maioria das vezes como o intuito de explicar e conservar as formas linguísticas conhecidas em glossários e gramáticas.

No entanto, observa-se que no decurso do tempo sempre houve e ainda há por toda parte um crescente empenho em instituir à Linguística a métodos mais rigorosos, tentando separá-la das construções subjetivas, pois, conforme ressalta Benveniste (1976, p. 17-18):

Os estudos linguísticos tornam-se hoje cada vez mais difíceis, exatamente por causa dessas exigências e porque os linguistas descobrem que a língua é um complexo de propriedades específicas que devem ser descritas por métodos que é preciso forjar. São tão particulares as condições próprias da linguagem que se pode estabelecer como um fato que há não apenas uma, porém várias estruturas da língua, cada uma das quais possibilitaria uma linguística completa. Tomar consciência disso ajudará, talvez, a ver claro dentro dos conflitos atuais. A linguagem tem, antes de tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, significante e significado. O simples estudo dessa propriedade constitutiva da linguagem e das relações de regularidade ou de desarmonia que acarreta, das tensões e das transformações que daí resultam em toda língua particular poderia servir de fundamentos a uma linguística. Entretanto, a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade. A linguagem pode também considerar-se como inteiramente contida dentro de um corpo de emissões sonoras articuladas que constituirão a matéria de um estudo estritamente objetivo. A língua será, pois, o objeto de uma descrição exaustiva que procederá por segmentação dos dados observáveis.

2.1 A dialetologia, a Sociolinguística e a Geolinguística

Para Saussure (2012) a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”⁹, e que a mesma “não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo”¹⁰, pois é a língua “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”¹¹, visto que

[...] de todas as instituições sociais, [a língua] é a que oferece menos oportunidades às iniciativas. A língua forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação. Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais aluam em função do

⁹ SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira: Isaac Nicolau Salum. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

¹⁰ Ibid., p. 45.

¹¹ Ibid., p. 46.

tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher.¹²

Embora concebendo a língua como instituição social, Saussure não se interessava pelas relações entre língua e sociedade. O seu interesse prioritário era pela estrutura interna da língua enquanto sistema homogêneo, ou seja, um conjunto de signos exterior aos indivíduos. Para ele, seria problemático estudar a fala por considerá-la “o germe de todas as modificações”¹³, cuja análise científica era impossível porque a fala, por ser individual, envolve todas as sutilezas idiossincráticas imprimidas pelos falantes não passíveis de análise.

Camacho (2013) aponta sobre a complexidade de se delimitar um objeto de estudo específico, principalmente quando o fenômeno representado é a linguagem e que mesmo reconhecendo essa dificuldade, Saussure teve um papel fundamental nessa tentativa de dar à linguística um estatuto diferencial e autônomo, preponderando nessa tarefa criadora à constituição para a linguística de um objeto de estudo bem delimitado e bem definido. Daí a sua importância como um dos fundadores da linguística moderna, pois

Ao distinguir a língua da fala, Saussure separa o que é geral e social do que é particular e exclusivamente individual. Esse procedimento de idealização, que se completa projetado sobre a natureza heteróclita da linguagem encontra sua mais complexa tradução na noção de sistema, visto como um conjunto de unidades e categorias inter-relacionadas. Separando, ademais, o que é essencial do que, na fala, é acessório e acidental, os chamados fatores externos, cria Saussure um objeto de estudo especificamente linguístico, gesto que vai propiciar a elevação da linguística a uma ciência autônoma no conceito das ciências humanas. (CAMACHO, op. cit. p, 38)

A respeito da delimitação e definição da linguística como ciência, Meillet (1921, p. 231, tradução nossa) acrescenta que

A linguística ganhou com isso de ser um estudo estritamente objetivo e metodicamente perseguido em um tempo quando a maior parte das outras ciências sociais não existiam ou eram ainda apenas vagas ideologias; mas o que pode ser alcançado se não se sai desta estreita consideração dos fatos de língua, de constatar relações mais ou menos definidas de simultaneidade ou de sucessão entre estes fatos sem nunca chegar a determinar quais são as condições gerais, que regulam a aparecimento e o destino, ou seja, sem nunca determinar as causas.¹⁴

No entanto, encontrando-se a linguística alheia à realidade social da linguagem, alguns linguistas, naturalmente, mostravam-se insatisfeitos com o estado em que continuavam

¹² Ibid., p. 114.

¹³ Ibid., p. 141.

¹⁴ La linguistique a gagné à cela d'être une étude strictement objective et méthodiquement poursuivie, en un temps où la plupart des autres sciences sociales n'existaient pas ou bien n'étaient encore que de vagues idéologies ; mais tout ce que l'on peut obtenir si l'on ne sort pas de cette considération étroite des faits de langue, c'est de constater des rapports plus ou moins définis de simultanéité ou de succession entre ces faits sans jamais arriver à déterminer quelles sont les conditions générales qui em règlent l'apparition et le devenir, c'est-à-dire sans en jamais déterminer les causes.

os estudos em ignorar quais ações humanas determinam as inovações e as conservações que juntas constituem a história da linguagem, conforme evidencia Meillet (op. cit., p. 232. tradução nossa) que

[...] não há nada de natural; se o meio em que a língua evolui é um ambiente social, se o objetivo da linguagem é permitir as relações sociais, se a língua é mantida e conservada apenas por essas relações, se finalmente os limites das línguas tendem a coincidir com aqueles dos grupos sociais, é evidente que as causas de que dependem os fatos linguísticos devem ser de natureza social, e que só a consideração dos fatos sociais pode permitir substituir na linguística à revisão dos fatos concretos a determinação dos processos, ou seja, a análise das coisas, a análise das ações, à pura realização de relações entre fenômenos complexos, a análise dos fatos relativamente simples considerados cada um em seu desenvolvimento particular.¹⁵

A respeito do caráter social da língua, Meillet (1916, p. 35, tradução nossa) observa que

[...] é lícito fazer em uma dada realidade um corte arbitrário para estudá-lo à vontade, não se deve imaginar que se estudou esta realidade completamente. É legítimo examinar um fato da língua em si [...] trata-se de fatos históricos que só fazem sentido se alguém procura as condições que determinaram essas mudanças [...] ao separar a mudança linguística das condições externas em que ela depende, Ferdinand de Saussure priva-a da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável.¹⁶

E enfatiza que

A linguagem é uma instituição tendo sua autonomia: é preciso então determinar as condições gerais de desenvolvimento a um ponto de vista puramente linguístico, e é o objeto da linguística geral; ela tem suas condições anatômicas, fisiológicas e físicas, e ela se insere no âmbito da anatomia, da fisiologia e da psicologia que esclarecem muitos aspectos e que a consideração é necessária para estabelecer as leis da linguística geral; mas de fato a linguagem é uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social cujas variações da linguagem são apenas as consequências às vezes, imediatas e diretas, e geralmente mediatas e indiretas¹⁷ (MEILLET, 1921, p. 17).

¹⁵ [...] il n'y a là rien que de naturel ; si le milieu dans lequel évolue le langage est un milieu social, si l'objet du langage est de permettre les relations sociales, si le langage n'est maintenu et conservé que par ces relations, si enfin les limites des langues tendent à coïncider avec celles des groupes sociaux, il est évident que les causes dont dépendent les faits linguistiques doivent être de nature sociale, et que seule, la considération des faits sociaux permettra de substituer en linguistique à l'examen des faits bruts la détermination des procès, c'est-à-dire à l'examen des choses, l'examen des actions, à la pure constatation de rapports entre phénomènes complexes, l'analyse de faits relativement simples consideres chacun dans leur développement particulier.

¹⁶ il est licite de faire dans une réalité donnée une coupe arbitraire pour l'étudier à l'aise, on ne doit pas s'imaginer qu'on a pour cela étudié complètement cette réalité. Il est légitime d'examiner un fait de langue en lui-même [...] mais il s'agit là de faits historiques qui ne prennent un sens que si l'on cherche les conditions qui ont déterminé ces changements [...]. En séparant le changement linguistique des conditions extérieures dont il dépend, Ferdinand de Saussure le prive de réalité ; il le réduit à une abstraction qui est nécessairement inexplicable.

¹⁷ Le langage est une institution ayant son autonomie ; il faut donc en déterminer les conditions générales de développement à un point de vue purement linguistique, et c'est l'objet de la linguistique générale ; il a ses conditions anatomiques, physiologiques et psychiques, et il relève de l'anatomie, de la physiologie et de la psychologie qui l'éclairent à beaucoup d'égards et dont la considération est nécessaire pour établir les lois de la linguistique générale ; mais du fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale, et le seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social dont les variations du langage ne sont que les conséquences parfois immédiates et directes, et le plus souvent médiates et indirectes.

Para ele, provavelmente quaisquer modificações ocorridas na sociedade resultará em uma mudança nas condições em que língua se desenvolve, por ser a linguagem um dos elementos participantes das relações sociais, mesmo que se admita que

A linguagem tem como primeira condição a existência das sociedades humanas, das quais ao seu lado é o instrumento indispensável e constantemente utilizado; salvo acidente histórico, os limites das várias línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais que chamamos nações (...) a língua é, pois, eminentemente um fato social. Na verdade, ela entra na definição que propôs Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam, e, embora não tenha outra realidade além da soma desses indivíduos, ela é, no entanto, por sua generalidade, externa a cada um deles; o que mostra que ela não depende de nenhum deles para mudá-la e que qualquer desvio individual do uso provoca uma reação; essa reação nem sempre tem mais que outra sanção que o ridículo a qual expõe o homem que não fala como todos: mas, nos Estados civilizados modernos, ela vai até excluir dos empregos públicos, por meio de avaliações, aqueles que não sabem se conformar com o bom uso admitido por um determinado grupo social. Os caracteres de exterioridade ao indivíduo e de coerção por que Durkheim define o fato social aparece assim na linguagem com a última evidência ¹⁸ (Meillet, 1921, p. 230, tradução nossa).

Contudo, essa forma de compreensão e o modo como Antoine Meillet acreditava ser o estudo da linguística foi assimilada por grande parte de seus alunos, dentre os quais se destaca Joseph Vendryès, para quem

A linguagem apenas pôde nascer como um fato social no dia quando o cérebro humano se encontrou bastante desenvolvido para utilizá-la. Dois seres humanos não puderam criar entre eles uma língua porque eles estavam preparados com antecedência para fazê-lo. Está na linguagem como em todas as invenções humanas. Discute-se muitas vezes se a linguagem humana foi originalmente uma ou múltipla. A questão é irrelevante. O dia quando o progresso da inteligência traz um aperfeiçoamento na civilização, a descoberta nova se faz por si mesmo, e em vários pontos ao mesmo tempo; ela está no ar, afirmam os sábios, e sente-se isso vindo como se esperam no outono a queda de todos os frutos maduros de um pomar ¹⁹ (VENDRYÈS, 1950, p. 13, tradução nossa).

¹⁸ Le langage a pour première condition l'existence des sociétés humaines dont il est de son côté l'instrument indispensable et constamment employé ; sauf accident historique, les limites des diverses langues tendent à coïncider avec celles des groupes sociaux qu'on nomme des nations (...) le langage est donc éminemment un fait social. En effet, il entre exactement dans la définition qu'a proposée Durkheim ; une langue existe indépendamment de chacun des individus qui la parlent, et, bien qu'elle n'ait aucune réalité en dehors de la somme de ces individus, elle est cependant, de par sa généralité, extérieure à chacun d'eux ; ce qui le montre, c'est qu'il ne dépend d'aucun d'entre eux de la changer et que toute déviation individuelle de l'usage provoque une réaction ; cette réaction n'a le plus souvent d'autre sanction que le ridicule auquel elle expose l'homme qui ne parle pas comme tout le monde ; mais, dans les Etats civilisés modernes, elle va jusqu'à exclure des emplois publics, par des examens, ceux qui ne savent pas se conformer au bon usage admis par un groupe social donné. Les caractères d'extériorité à l'individu et de coercition par lesquels Durkheim définit le fait social apparaissent donc dans le langage avec la dernière évidence.

¹⁹ Le langage n'a pu naître comme fait social que le jour où le cerveau humain s'est trouvé assez développé pour l'utiliser. Deux êtres humains n'ont pu créer entre eux un langage que parce qu'ils étaient préparés d'avance à le faire. Il en est du langage comme de toutes les inventions humaines. On a souvent discuté si le langage humain était à l'origine un ou multiple. La question est sans intérêt. Le jour où le progrès de l'intelligence amène un perfectionnement dans la civilisation, la découverte nouvelle se fait d'elle-même, et en plusieurs points en même temps ; elle est dans l'air, disent les savants, et on la sent venir comme on prévoit en automne la chute de tous les fruits mûrs d'un verger.

Joseph Vendryès admite ser a linguagem um fato social, porém evidencia a sua importância dentre todos esses fatos por considerá-la “o fato social por excelência, resulta dos contatos sociais. Ela tornou-se um dos elos mais fortes entre as sociedades e tem devido seu desenvolvimento a existência de um grupo social”²⁰, sendo a língua de um grupo social resultado de um acordo tácito entre seus membros para manter a língua conforme prescreveu a regra que

Nós fazemos muitas vezes, não sem razão, repousar essa regra no uso. Mas o uso não é o arbitrário; é um pouco o oposto. O uso é sempre determinado pelo interesse da comunidade, que, neste caso, a necessidade de ser compreendida. Cada um se opõe, por conseguinte, constantemente, sem saber e por instinto, à introdução do arbitrário no uso. Quando uma infração é produzida por parte de um indivíduo isolado, ela é imediatamente reprimida; o ridículo pune bastante o culpado para lhe tolher o desejo de recomeçar. Para que uma infração adquira força de lei, é necessário que os membros da comunidade estejam igualmente dispostos a cometê-la, isto é, que ela seja percebida como uma regra e, conseqüentemente, não seja mais uma infração.

O rigor com que se exerce a restrição da regra é extremamente forte e em todas as comunidades linguísticas, para todos os falantes ²¹ (Op. cit. p. 283, tradução nossa).

Assim, vista como um processo de interação verbal entre os indivíduos por meio da qual se dá o entendimento entre os falantes, a fala é heterogênea e individual, constatando-se, assim, a inexistência de uma sociedade sem linguagem. A relação entre ambas torna-se muito evidente porque a fala só é realizada pelo indivíduo em suas relações sociais, não se admitindo que a língua esteja completa em cada indivíduo, que a adquire de forma diversa uns dos outros, visto que ele não age de forma livre, consciente e intencionalmente sobre a língua, como esclarece Vendryès (1950, p.420, tradução nossa) que

É falso considerar a linguagem como uma entidade ideal evoluindo independentemente dos homens e perseguindo seus próprios fins. A linguagem não existe fora daqueles que pensam e que falam. Ela mergulha por suas raízes nas profundezas da consciência individual; é de lá que ela tira sua força para prosperar nos lábios dos homens. Mas a consciência individual é apenas um dos elementos da consciência coletiva que impõe suas leis a cada um. A evolução das línguas é, então, apenas um aspecto da evolução das sociedades. Não é preciso ver uma marcha em sentido contínuo para um destino determinado. O papel do linguista acabou quando ele reconheceu na linguagem o jogo das forças sociais e as reações da história.²²

²⁰ [...] le fait social par excellence, résulte des contacts sociaux. Il est devenu un des liens les plus forts qui unissent les sociétés et il a dû son développement à l'existence d'un groupement social. (

²¹ On fait souvent, non sans raison, reposer cette règle sur l'usage. Mais l'usage n'est pas l'arbitraire ; c'en est même tout l'opposé. L'usage est toujours déterminé par l'intérêt de la communauté, qui est ici le besoin d'être compris. Chacun s'oppose par suite constamment, sans le savoir et par instinct, à l'introduction de l'arbitraire dans l'usage. Quand une infraction se produit de la part d'un individu isolé, elle est immédiatement reprise ; le ridicule punit assez le coupable pour lui ôter l'envie de recommencer. Pour qu'une infraction prenne force de loi, il faut que tous les membres de la communauté soient également disposés à la commettre, c'est-à-dire qu'elle soit sentie comme règle et par suite ne soit plus une infraction.

La rigueur avec laquelle s'exerce la contrainte de la règle est extrêmement forte, et cela dans toutes les communautés linguistiques, pour tous les parlars.

²² Il est faux de considérer le langage comme une entité idéale évoluant indépendamment des hommes et poursuivant ses fins propres. Le langage n'existe pas en dehors de ceux qui pensent et qui parlent. Il plonge par ses racines dans les profondeurs de la conscience individuelle ; c'est de là qu'il tire sa force pour s'épanouir sur

Essa constatação já havia sido feita por Meillet (1921, p. 72, tradução nossa) ao afirmar que

Dizem muitas vezes que as inovações linguísticas são criações individuais generalizadas. Os teóricos que insistem neste fato fazem-no para destacar a parte da invenção individual e a livre escolha que há no desenvolvimento da linguagem. E eles apontam fortemente para o grande papel da imitação na mudança linguística.²³

A linguagem não é um corpo à parte, ela reflete a estrutura estratificada da sociedade, pois, como afirma Meillet (1921, p. 230, tradução nossa), “as características de exterioridade ao indivíduo e de coerção pelas quais Durkheim define o fato social aparecem assim na língua com a última evidência”²⁴, destacando que

[...] as mesmas inovações, portanto, ocorrem independentemente em indivíduos diferentes, desde que sejam colocados nas mesmas condições. Isso não prova, evidentemente, que as mudanças surgem espontaneamente em cada um dos sujeitos, e que não há, em maior ou menor grau, imitação de um sujeito por outro; mas o resultado é, pelo menos, que eles são susceptíveis de ocorrer independentemente em vários sujeitos, e muitas vezes, mesmo em muitos sujeitos ²⁵ (MEILLET, op. cit., p. 73, tradução nossa).

Além de que, segundo Meillet (1921), sendo a linguagem um fato social, conseqüentemente, a linguística é uma ciência social. Assim, para considerar a mudança linguística é necessário, além de levar em conta os fatos históricos, observar a mudança social, cujas variações da linguagem são-lhe resultantes, às vezes, imediatos e diretos, e, geralmente, mediatos e indiretos, e acrescenta que

Não se deve dizer que estamos reduzidos a uma concepção histórica, e que voltamos à simples consideração dos fatos particulares; pois se é verdade que a estrutura social é condicionada pela história, nunca são os fatos históricos em si que determinam diretamente as mudanças linguísticas, e são somente as mudanças de estrutura da sociedade que podem modificar as condições de existência da linguagem. Será necessário determinar a qual estrutura social corresponde uma dada estrutura linguística e como, de maneira geral, as mudanças de estrutura social se traduzem por mudanças de estrutura linguística ²⁶ (MEILLET, op. cit., p. 17-18, tradução nossa).

les lèvres des hommes. Mais la conscience individuelle n'est qu'un des éléments de la conscience collective qui impose ses lois à chacun. L'évolution des langues n'est donc qu'un aspect de l'évolution des sociétés. Il n'y faut pas voir une marche à sens continu vers un but déterminé. Le rôle du linguiste est fini quand il a reconnu dans le langage le jeu des forces sociales et les réactions de l'histoire.

²³ On a souvent dit que les innovations linguistiques sont des créations individuelles généralisées. Les théoriciens qui insistent sur ce fait le font pour mettre en évidence la part d'invention individuelle et de libre choix qu'il y a dans le développement du langage. Et ils signalent avec force le grand rôle de l'imitation dans le changement linguistique.

²⁴ Les caractères d'extériorité à l'individu et de coercion par lesquels Durkheim définit le fait social apparaissent donc dans le langage avec la dernière évidence.

²⁵ Les mêmes innovations se produisent donc indépendamment chez des individus différents pourvu qu'ils soient placés dans les mêmes conditions. Ceci ne prouve naturellement pas que les changements naissent spontanément chez chacun des sujets, et qu'il n'y ait pas, en une plus ou moins large mesure, imitation d'un sujet par un autre ; mais il en résulte au moins qu'ils sont susceptibles de naître indépendamment chez plusieurs sujets, et souvent même chez beaucoup de sujets.

²⁶ Il ne faut pas dire qu'on soit par là ramené à une conception historique, et qu'on retombe dans la simple considération des faits particuliers ; car s'il est vrai que la structure sociale est conditionnée par l'histoire, ce ne

Essa concepção de Meillet (1921) sobre o fato linguístico e da estrutura social levou os estudos sobre a linguagem a tomarem um novo percurso, principalmente com William Labov, pois, para este, ao correlacionar-se “o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico” (LABOV, 2008, p. 19), não devendo o contexto de fala ser excluído da significação linguística, destarte é em decorrência desse contexto que a língua evolui, transforma-se, não se podendo, pois,

[...] entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Assim, com o objetivo de analisar as variações na fala dos indivíduos em uma comunidade linguística, a Sociolinguística passa a conceber as variedades como sistemas complexos, estruturados e sistemáticos, dando um caráter teórico-metodológico ao estudo dos princípios internos e externos que geram a heterogeneidade das línguas, em razão de que

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008, p. 140).

Apesar de a Sociolinguística ter se firmado na década dos anos 1960, há muito a variação linguística já era reconhecida, embora fosse ignorada pelos estudiosos por acreditarem ser a diversidade da variação um fator que prejudicasse as pesquisas, dificultando o estudo sistemático da língua, preferindo, assim, acreditar, de forma explícita ou não, na homogeneidade da língua, cujo estudo baseava-se em seus próprios conhecimentos das regras sistêmicas da língua(gem), como ciência abstrata, autônoma e categórica (LABOV, 2008), visto que a teoria da linguística invariável foi preterida pelos neogramáticos, para os quais a mudança fonológica era vista de forma categórica, sendo explicada por meio da analogia, empréstimos e imitações; pelos estruturalistas, que concebiam os fonemas e morfemas como elementos estruturais e invariáveis, e; pelos gerativistas, para os quais a forma subjacente reúne estruturas superficiais, preocupando-se apenas com os universais linguísticos.

Tal pressuposto pode ser visto no estruturalismo quando Saussure (2012, p. 51) afirma que a fala tem um lugar específico na Linguística, cuja possibilidade se dá pela relação

sont jamais les faits historiques eux-mêmes qui déterminent directement les changements linguistiques, et ce sont les changements de structure de la société qui seuls peuvent modifier les conditions d'existence du langage. Il faudra déterminer à quelle structure sociale répond une structure linguistique donnée et comment, d'une manière générale, les changements de structure sociale se traduisent par des changements de structure linguistique.

indissociável que mantém com a língua, uma vez que “a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes” e “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos”.

Várias são as manifestações que evidenciam que o mestre genebrino não pretendia excluir a fala de suas considerações sobre a linguagem, pois, para ele, é por meio da fala que, possivelmente, ocorrem possibilidades de mudanças na língua, e que

Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discurso. Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie de espírito descansado, formas novas (...). Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva (Op. cit., p. 86-87).

Todavia, nos fins do século XIX, surge o interesse por dialetos e línguas vivas locais, tendo como precursor e fundador da Dialectologia, o linguista e dialetólogo italiano Graziadio Isaia Ascoli, que, segundo Castilho (1962), ao estudar a língua *in vivo*, ou seja, ao longo de seu processo de elaboração, Graziadio Ascoli, desviando sua atenção aos documentos literários, além de valorizar a língua popular, desenvolveu a dialectologia, provocando grandes impactos nos conceitos da linguística, pois, “pela primeira vez lança-se uma suspeição sobre os critérios historicistas em voga, consistentes em se apegar o estudioso unicamente aos textos para explicar os fatos linguísticos atuais a partir da análise dos fatos passados” (op. cit., p. 105).

Castilho (Op. cit., p. 105) destaca que, inicialmente, os estudos da língua por meio da observação direta eram feitos de modo assistemático, por isso

[...] andou a novel ciência à busca de um método; era então a Dialectologia ocupação para as férias. Saía o "dialetólogo" a passear e trazia de volta a casa um bocado de anotações colhidas a esmo, ao sabor do momento, entre uma pescaria e um dedo de prosa com o guia que a casualidade empurrava para o seu serviço. Recheava o texto com algumas notas de rodapé, de ordinário retiradas de publicações semelhantes, redigia o prefácio, apologia de suas cansadas banhas, injuriadas por aquelas patrióticas "andanças dialetológicas" e, por fim, lançava sobre aquilo tudo o título: "O Dialeto de...". Enriquecera-se a bibliografia especializada. com mais uma obra de inestimável valor.

Era, pois, objetivo desses estudos identificar áreas dialetais mais ou menos coesas, sendo, inicialmente, conhecido como dialectologia regional ou geografia dialetal, o que levou Saussure a situá-la no campo da linguística externa, posto que para ele

[...] tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o fracionamento dialetal releva da Linguística externa. Sem dúvida, é nesse ponto que a distinção entre ele e a Linguística interna parece mais paradoxal, de tal modo que o fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua;

entretanto, na realidade, ele não afeta a organismo interno do idioma (SAUSSURE, 2012, p. 54).

A esse respeito, Cardoso (2010, p. 15) destaca que o espaço geográfico

[...] evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Destarte, a dialetologia teve início na segunda metade do século XIX e deu lugar à primeira tentativa de tratar de forma sistemática a variação linguística, interessando-se em coletar dados nas zonas rurais com o propósito de descrever o dialeto regional falado, particularmente, por indivíduo nativo mais velho, de baixa escolaridade, e traçar a sua distribuição a partir de suas características fonéticas e lexicais, visto que

[...] esse informante conhece melhor a cultura da comunidade e, conseqüentemente, pode ser o legítimo representante da variação do lugar. A baixa escolaridade é um critério que se justifica por conta de o informante ter menos capacidade de monitorar sua própria fala. Justamente por tomar o espaço areal como contexto para a investigação da fala, a dialetologia apresenta quadros multiformes da realidade linguística, em que a descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiros documentos do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas (CORREA, 2012, p. 3).

Todavia, Romano (2014, p. 142) destaca que

Nos primeiros trabalhos dialetais, os estudiosos selecionavam determinada localidade e colhiam dados dos falantes locais, priorizando os sons, a gramática e, em menor escala, a sintaxe, não dando muita atenção para o vocabulário. O material recolhido era comparado com os de outros dialetos por meio da consulta a glossários e era explicado com o auxílio das tradicionais gramáticas.

A esse respeito, é importante salientar que a origem geográfica é um dos traços mais marcantes da característica de um indivíduo, determinando a variante por ele utilizada, o que leva a entender que uma das variáveis que mais exerce influência na variação linguística, além da diacrônica, é a diatópica, como esclarece Calvet (2002, p. 79. Grifos do autor),

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território.

Assim, na mesma linha de pensamento apresentada por Calvet quanto ao uso diversificado do léxico, Romano (2015, p. 20) indaga:

Será que um paraibano, sem escolaridade ou mesmo escolarizado, saberia dizer o que é um arroio ou uma sanga? E um piá paranaense conseguiria identificar o marraio e a bila? Obviamente, preferiria brincar de burquinha ou soltar pandorga, mas jamais chuparia caramelo como o fazem os guris de Cuiabá, e muito menos chuparia bombom como os meninos do Pará. Para um paulista, talvez seja difícil associar musse à geleia, enquanto que, para o catarinense seria uma tarefa mais fácil,

principalmente no litoral leste. (...) a mimosa de Curitiba é a tanja em São Luís/MA, a tangerina de Manaus, a laranja-cravo de João Pessoa.

Nesse sentido, Câmara Jr. (p. 94-95) já evidenciava que cabia à dialetologia “o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”, cujas técnicas para o desenvolvimento da dialetologia são a *Geografia Linguística* que busca levantar a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, consolidados nos ATLAS LINGUÍSTICOS, e a “descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região” compondo gramáticas e glossários regionais, levando-se a constatar que é papel da dialetologia fazer o mapeamento da variação de uma língua no espaço geográfico, cuja relação língua/espaço é representada pela compreensão dos espaços geofísicos como espaços socioculturais, presumindo-se, pois, a dialetologia que a realidade linguística de diferentes regiões geográficas, ou seja, os seus diferentes modos de uso da língua decorrem das características de seus contextos culturais, como povoamento, mobilidade social e papéis constituídos por homens e mulheres. Embora a Dialetologia se ocupasse prioritariamente em estudar a variação espacial, Cardoso (2010, p. 15) destaca que essa ciência “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” e acrescenta que

o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, Op. cit., p. 15).

Nesse sentido, além do objetivo de situar os fatos linguísticos no espaço geográfico, a dialetologia sempre se preocupou “com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da dialetologia e, especialmente, da geografia linguística” (CARDOSO, op. cit., p. 49), dado que “Fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais [...]” (CARDOSO, op. cit., p. 49). Por conseguinte, a partir dessas considerações, pode-se observar que muito antes da sociolinguística consolidar-se como um ramo da ciência da linguagem, os recursos interpretativos por ela estabelecidos já eram utilizados pela dialetologia.

No entanto, segundo Cardoso (2010), o início dos estudos sociolinguísticos na década de 1960, provocou muito interesse nos estudiosos, o que, conseqüentemente, conduziu a que diversos trabalhos fossem desenvolvidos nesse novo campo de estudos linguísticos,

parecendo que dialetologia já não suscitava tanto interesse ser chegado o fim dessa ciência, pois

O momento era das relações língua-sociedade e não mais das relações língua-espço, como se o falante não encerrasse em si a síntese do geográfico com o social, como se o social fosse destacável do espacial ou como se o regional não se concretizasse em pessoas com idade, sexo, faixa etária e profissões definidos (CARDOSO, Op. cit., p. 11-12).

Todavia, essa hipótese não se concretizou, pois a Dialetologia, embora não utilizasse os fatores sociais para pontificar a variação linguística, já detinha uma metodologia consolidada de grande notabilidade que auxiliava outros campos de estudos linguísticos, conforme ressalta Callou (2010, p. 34-35, grifos da autora):

[...] aspectos sociais sempre estiveram presentes em estudos de natureza dialetal, mas somente com o desenvolvimento da Sociolinguística quantitativa laboviana – com origem nos *Empirical Foundations for a theory of language change* (1968) – passou-se a estabelecer uma correlação entre todos esses fatores. A sociolinguística, como se deduz da definição, ramo da linguística que se preocupa com a língua como fenômeno social e cultural, nasceu, de certa forma, portanto, dentro da Dialetologia. São assim Dialetologia e Sociolinguística duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se encontram e se complementam.

Mesmo reconhecendo esta desigualdade epistemológica apontada por Callou, e, igualmente, reconhecendo a estreita relação entre a Dialetologia e a Sociolinguística, ambas apresentam, em algum momento, grandes possibilidades de convergência em sua condução porque a concepção geral de linguagem que ambas defendem é, sobretudo, a linguagem, que por definição é um objeto instável, com alta sensibilidade à ação e influência de fatores externos que impõem alterações linguísticas relevantes ou não, ou mesmo aceitação por parte da comunidade que a utiliza.

A respeito das estreitas relações entre a Dialetologia e a Sociolinguística, Ferreira e Cardoso (1994, p. 19) ressaltam que ambas voltam-se para “o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala” e que

[...] definir objetivo e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como, aliás, em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mais fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala em dialetologia e sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala.

No Brasil, os primeiros estudos dialetais tiveram início em 1826, quando Domingo Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, envia um estudo comparativo entre o português do Brasil e o de Portugal para o italiano Adrien Balbi, que ora elaborava o *Atlas Ethnographique du globe*. No entanto, a preocupação em fazer um estudo científico da variedade brasileira só aconteceu em 1920, com a publicação da obra *O dialeto Caipira*, de

Amadeu Amaral, seguida da publicação de *O linguajar carioca* (1922) de Antenor Nascentes, *A língua do Nordeste* (1934) de Mário Marroquim, *A língua do Brasil* (1934) de Gladstone Chaves de Melo, *O vocabulário pernambucano* (1934) de Pereira da Costa, entre outros.

Todavia, oficialmente, os estudos geolinguísticos no Brasil iniciam-se por meio do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, que cria, na Casa de Rui Barbosa²⁷, o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, fixando como um dos objetivos fundamentais da Comissão de Filologia a elaboração de um atlas lingüístico do Brasil, como se pode ler em seu Art. 3º, § 3º:

A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do "Atlas Lingüístico do Brasil".

Esse decreto foi regulamento pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, nas instruções de sua execução determinava que entre as pesquisas a serem planejadas, estabelecia como finalidade principal a elaboração do atlas lingüístico do Brasil.

Segundo Mota (2012, p. 509),

Ao lado desse Decreto, a Geolinguística brasileira conta, durante a década de 50 do século passado, com uma série de esforços empreendidos por diversos pesquisadores, quer na elaboração de obras que servirão de base a trabalhos futuros, quer em ações diretamente dirigidas à criação de uma mentalidade dialetológica, tal como preconizava Silva Neto, como a participação em congressos nacionais e internacionais e a organização de cursos de Dialectologia, em diversas universidades brasileiras.

Cardoso (1998, p. 165), com o objetivo de demonstrar como se deu a formação das bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil e de traçar os caminhos que a geolinguística brasileira percorreu no século passado, aponta que, nesse período, a realização de um atlas linguístico nacional se colocava como uma meta entre os estudiosos voltados para a natureza da pesquisa dialetológica com Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha. Todavia, para a realização de tão grande empreitada surgiram alguns obstáculos, que segundo Aragão (2005, p. 108), foi “devido às dificuldades de se fazer pesquisas de campo num país de dimensões continentais, com meios de transporte ainda muito carentes à época, sem especialistas suficientes e dispostos a assumir tais riscos”, que se acentuam pelas longas distâncias a serem percorridas, pela falta de estradas e pela dificuldade de financiamento.

²⁷ A Casa de Rui Barbosa tem sua origem no museu-biblioteca, considerado o primeiro museu-casa do Brasil, por ser o primeiro dedicado a uma personalidade, foi instituída em 1928, e inaugurada em 13 de agosto de 1930 pelo Presidente da República Washington Luís. Fonte: <
http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=73>

Assim, apresentando essas dificuldades como argumento, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha reconhecem impraticabilidade de realização de um atlas nacional e defendem a elaboração de atlas linguísticos regionais, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa em 1957.

Silva Neto, em 1957, em seu *Guia para estudos dialetológicos* defende a criação de uma “mentalidade dialetológica” e evidencia que, para a concretização dos estudos dialetais no Brasil, seja necessário e urgente estudar os falares brasileiros, delimitando, assim, as tarefas para o avanço desses estudos:

- a) sondagens preliminares;
- b) recolha de vocabulário seguindo as exigências técnicas;
- c) elaboração de monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas áreas semânticas sobre falares;
- d) elaboração de atlas regionais;
- e) aplicação nacional de um questionário uniforme para a elaboração de atlas nacional. (Op. cit., p. 11):

Sobre a criação de uma “mentalidade dialetológica”, defendida por Serafim da Silva Neto, Néelson Rossi acredita que, a partir da sua experiência pessoal, pode resumir o seu entendimento da seguinte maneira:

- 1) interesse, respeito, apreço pelas peculiaridades regionais da língua portuguesa no Brasil como manifestações culturais de absoluta validade;
- 2) estímulo e orientação a jovens bem dotados que se disponham a pagar o preço das agruras e desconfortos do trabalho de campo pela satisfação da descoberta e conhecimento de nossa realidade cultural, de que a realidade lingüística é a expressão mais significativa;
- 3) convencer, o que talvez seja mais difícil do que o resto a julgar por nossa experiência pessoal, autoridades administrativas municipais, estaduais, nacionais e universitárias, da importância científica, cultural e administrativa do conhecimento de nossa realidade lingüística e, portanto, dos estudos dialetais ;
- 4) abrir em nosso ensino de qualquer nível o maior espaço possível ao estudo do português do Brasil, não como uma das muitas modalidades de um **sistema**, mas como a modalidade com que está em contato real, permanente, concreto, o nosso estudante de qualquer nível. (ROSSI, 1967, p. 107. Grifo do autor)

Essa dificuldade em construir um atlas nacional já era alertada por Antenor Nascentes, que entre 1958 e 1961, escreveu as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, obra em dois volumes, na qual fornece diretrizes gerais para a escolha de localidades, de informantes e para a elaboração do questionário linguístico, e recomenda aos pesquisadores o empenho em elaborar atlas regionais, conforme suas palavras:

- Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral.
- Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação (NASCENTES, 1958, p. 7).

Destarte, em plena efervescência dessas discussões, começam a serem construídos, sistemática e gradativamente, os primeiros atlas linguísticos no Brasil, embora, como atesta Aragão (2006, p. 35), os estudos dialetológicos no Brasil tenham sempre passado por dificuldades continuam expandindo-se, pois o “trilhar desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de abnegados pesquisadores que fizeram da dialetologia e especialmente da geolingüística o objetivo maior de seus estudos”.

O trabalho de Graziadio Ascoli, apesar de utilizar o procedimento de comparação dos fatos linguísticos, constitui uma significativa conquista para os estudos da língua falada, porque permitiu uma discussão para que houvesse um método científico de coleta sistemática do *corpus* a ser estudado, aparecendo então “a Geografia Linguística, o verdadeiro método da Dialetologia, e, com ela, a necessidade dos atlas linguísticos” (CASTILHO, 1962, p. 105), cujo método dialetológico, conforme Coseriu (1982, p. 79),

pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território. Relaciona-se com a geografia não só pelo emprego comum do instrumento cartográfico, mas também porque revelam um aspecto essencial das relações entre vida social e cultural do homem em seu ambiente natural.

Além da etapa de preparação, quando são selecionados os pontos a investigar, de acordo com Castilho (1972/1973, p. 121), a geografia linguística compreende três etapas principais:

- a) Preparação do inquérito linguístico, composto de uma série de questões relativas aos hábitos de vida dos habitantes da região a estudar. Nesta fase a Dialetologia combina seus caminhos com os da Etnografia.
- b) Aplicação do inquérito: pronto o inquérito e selecionada a área a estudar, o documentador põe-se a campo, para o que deve aliar qualidades pessoais (facilidade de abordar estranhos, capacidade de inspirar confiança, respeito pelo informante, etc.) a uma formação específica (sólidos conhecimentos linguísticos, prática de transcrição fonética aí incluída). O informante, por sua vez, deve ser nascido no local, filho de pessoa também nascidas no local e pertencente a uma camada sociocultural bem determinada. Requisitos tais como viagens feitas e outros dependem da modalidade de pesquisa que se esteja cometendo.
- c) Interpretação dos fatos recolhidos, de que decorre o enriquecimento de nossos conhecimentos sobre o foneticismo, o léxico, a história e a variabilidade da língua.

São os mapas linguísticos, consoante Coseriu (1982), que permitem fazer observações gerais sobre o funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelando a ligação entre a história linguística e os fatores geográficos ou geopolíticos, além de permitir a comprovação de que as inovações ocorridas nas línguas têm origem em determinados centros e que a sua difusão se detém em certos limites constituídos por rios, montanhas fronteiras políticas, administrativas ou eclesiásticas, como ressalta Elia (1979, p. 15) que

A Geografia Linguística trouxe contribuição preciosa para o esclarecimento de certos problemas fundamentais da Linguística, como o dos limites dialetais e o das leis fonéticas. A não-coincidência das isoglossas mostra que os fenômenos lingüísticos, reflexo da mobilidade histórico-social, se cruzam e entrecruzam, não havendo, portanto, fronteiras dialetais rígidas, a não ser em casos excepcionais.

Inicialmente, a Geolinguística tinha como objetivo registrar em mapas especiais um número mais ou menos elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) que eram comprovadas por meio de pesquisa direta e unitária em uma rede de pontos localizada em um dado território, levando-se em conta a distribuição dessas formas no espaço geográfico que correspondesse à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. Evidencia-se, pois, que, enquanto método dialetológico, a geografia linguística tem como cerne analisar as variações diatópicas da língua, isto é, as variações lingüísticas no espaço, por meio de um estudo cartográfico e que, com o aperfeiçoamento do seu método, buscou delinear, além das peculiaridades etnográficas, as variações diastráticas. Assim, à proporção que os estudos de Geografia Linguística começaram a se desenvolver, o método foi aos poucos se aperfeiçoando, não procurando simplesmente retratar apenas dados lingüísticos, mas também extralingüísticos, além das peculiaridades etnológicas de cada área dialetal numa visão multidialetal, preocupando-se, pois, com a variável diatópica, como destaca Cardoso (2010, p. 19)

[...] idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar. A apresentação cartográfica de tais dados põe lado a lado a informação diatópica e a informação sociolingüística.

Nessa nova perspectiva, os estudos geolinguísticos, a partir dos anos 60, assumem uma nova dimensão, passaram a englobar alguns pressupostos metodológicos da Sociolingüística, incorporando à variável diatópica, as variáveis sociais, conforme salienta Brandão (1991, p. 26).), ao afirmar que

[...] hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas lingüístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem a distribuição geográfica dos fenômenos lingüísticos.

Assim, a nova orientação metodológica da Dialetologia e da Geolinguística surge com o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diástrático del Uruguay* (ADDU), de Harald Thun, Carlos Forte e Adolfo Elizacín, em cuja sistematização encontra-se uma perspectiva pluridimensional ao basear-se no espaço geográfico e explorar os estudos da variabilidade sociocultural, mostrando que, segundo Cardoso (2010, p.62),

[...] a uniformidade diatópica pode sofrer desdobramentos e, tal como acontece com a célula humana, é passível de dividir-se, sem contudo, perder a sua inteireza e a sua integridade. E aí estaria “o novo”, a novidade não encontrada em tempos pretérito nem explorada *ad nauseam*, como se verifica hoje – à diversidade de espaços físicos e geopolíticos junta-se a consideração dos parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, diarreferencial ou nas especificações da diatopia, diatópico-topoestático, diatópico-topodinâmico, e de outros mais a que se pode chegar.

Embora tenha nascido levando-se em conta apenas o caráter monodimensional, em cujos trabalhos realizados eram apresentados dados linguísticos com base na dimensão diatópica ou espacial, a chamada Dialectologia tradicional destacou quando em 1881 entrou para o currículo regular da École Pratique des Hautes Études, em Paris, impulsionando, além do interesse pela evolução histórica das formas linguística, como também o ideal de valorização pelas manifestações populares, culminando com a elaboração do Atlas Linguístico da França (ALF), cuja pesquisa foi realizada entre 1902-1910 por Jules Gilliéron e Edmond Edmont, e conseqüentemente com a implementação da Geografia linguística como disciplina autônoma.

Com relação aos Atlas Linguísticos, o mérito da primeira publicação é devido ao alemão George Wenker, quando em 1881, tendo como objetivo de investigar o estrato fonético da língua com a finalidade de fixar os limites dialetais da língua alemã e, assim, alargar o horizonte dos princípios da escola neogramática, à qual pertencia. Para tal intento, organizou um inquérito composto de 335 palavras agrupadas em 40 frases curtas, enviado por correspondência a professores e pessoas cultas de 40.763 localidades na Alemanha. Em sua pesquisa, não houve o controle sistemático de variáveis sociais, visto que não foram pré-determinadas a faixa etária, o sexo e a escolaridade dos informantes.

Após obtenção das respostas, Wenker elaborou as cartas com as 44.251 respostas coletadas. Não obtendo o resultado esperado, chegou a publicar, como destaca CARDOSO (2001, p. 28, grifos da autora),

[...] sob o título *Sprach atlas des Deutschen Reichs*, com um conjunto de seis cartas, duas fonéticas e quatro morfológicas, constituindo o fascículo inicial do *Sprachatlas von Nordund Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch mit Hilfe der Volksschuler gesammeltem Material aus circa 30.000 Orten*.

Embora Wenker tenha principiado uma ampla pesquisa diatópica, a qual permitiu confrontar os fatos de uma região com outras, o trabalho dialetológico que mereceu destaque foi o Atlas Linguístico da França (ALF), publicado por Jules Gilliéron e Edmond Edmont em 1903-1910, por estabelecer em definitivo o método de recolha geográfica dos dialetos, que se deu in loco, no período de 1897 a 1901 por Edmont, que aplicou um questionário composto de conceitos a 735 informantes em 638 comunidades divididas com uma densidade quase

igual em quase todo o território galo-romano da França, visto que os pontos de inquérito situam-se na região dos Pirineus Orientais, que são de língua catalã, na Bélgica romana, na Suíça francófona, no Vale de Aosta, nos vales valdenses na Itália e nas Ilhas Normandas.

Os dados coletados foram publicados em forma de mapas, distribuídos em 639 pontos, cujas respostas dialetais (transcritas no alfabeto fonético Rousselot-Gilliéron) constam ao lado ou abaixo do ponto pesquisado. No total, são 1920 mapas, cujos termos foram classificados em ordem alfabética. As cartas permitem estudar as variações lexicais galo-romanas do século XX e os dados geolinguísticos nelas contidos são utilizados para elaborar atlas interpretativos.

Ao relatarem os procedimentos iniciais, Gilliéron e Edmont (1902) destacam a preocupação quanto ao papel das observações linguísticas anteriores resultantes de atenções cuidadosas para evitar negligência na preparação do trabalho de investigação e afirmam que

[...] na verdade, na escolha antes dos pontos que se recomendam à atenção por peculiaridades, singularidades ou qualquer outro título semelhante, teríamos deliberadamente contaminado nossa exposição de fatos identificados pela aproximação geográfica, teríamos sacrificado a verdade do aspecto normal por particularidades arriscando praticamente distorcê-la.²⁸ (GILLIÉRON E EDMONT, 1902, p. 4)

E acrescentam que, levando-se em conta esse cuidado, o plano não era categórico, o que permitiu uma maior liberdade a Edmond durante as operações, o qual, em um círculo bastante vasto, deveria encontrar pessoas e circunstâncias que lhe parecessem mais indicadas para a recolha do material por meio da aplicação do questionário inicial que era composto de:

1) De palavras isoladas, escolhidas no repertório popular, agrupadas por semelhança de significado, e mais especificamente designadas para estabelecer as leis fonéticas dos falares. [...]; 2) De um número de palavras, também isoladas, que sabíamos variar em várias áreas e, como tais, mais especialmente indicadas para mostrar a variedade do vocabulário galo-romano. [...]; 3) De uma centena frases, muito pouco complicadas, de aspecto rústico, colocando em funções morfológicas e sintáticas de novas palavras e palavras que já aparecem nas duas primeiras categorias. [...]²⁹ (Op. Cit. p. 4-5)

E encerrando uma retrospectiva sobre o questionário assinalam

Após ver nosso questionário testado por mais de quatro anos, estamos longe de acreditar que este documento, mais indispensável para uma investigação feita nas circunstâncias em que nos encontrávamos, foi concebido para o melhor. Estamos

²⁸ en effet, en choisissant à l'avance des points qui se recommandent à l'attention par des particularités, des singularités ou tout autre titre analogue, nous aurions, de propos délibéré, vicié notre exposé de faits relevés par approximation géographique, nous aurions sacrifié la vérité de l'aspect normal à des particularités risquant de la fausser plus ou moins.

²⁹ 1) De mots isolés, choisis dans le répertoire populaire, groupés par similitude de sens, et plus particulièrement désignés pour établir les lois phonétiques des parlers. [...]; 2) D'un certain nombre de mots, isolés également, que nous savions varier en multiples aires et comme tels plus particulièrement indiqués pour montrer la variété du vocabulaire gallo-roman. [...]; 3) D'une centaine de phrases, fort peu compliquées, d'allure rustique, mettant en fonctions morphologique et syntactique de nouveaux mots et des mots figurant déjà dans les deux premières catégories. [...]

nos consolando com isso, além, até certo ponto, porque estamos convencidos de que devêssemos redesenhá-lo atualmente, depois do trabalho realizado, e terminar por onde tivemos que começar, o novo modelo ainda nos pouparia muitas surpresas desagradáveis.³⁰ (Op. Cit. p. 6)

No Brasil, o ponto de partida dado em novembro de 1996, traduz-se como o início da concretização do desejo de se elaborar uma descrição aprimorada da realidade linguística brasileira, priorizando-se a identificação das diferenças diatópicas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas), com vistas na geografia linguística, não se desconsiderando as implicações sócio-históricas que delas são decorrentes. Com esse objetivo, pesquisadores brasileiros da área de Dialetoлогия reunidos em Salvador - Bahia, decidiram criar um Comitê Nacional, implementado, pois, o projeto nacional para a execução do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tendo em vista um maior aprofundamento no conhecimento do português brasileiro em sua unidade e diversidade de uso.

Todavia, o ponto culminante ocorreu somente em 2014, quando foram publicados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*, cujo caráter evidencia duas pressuposições: estimular e fundamentar a sua concepção na pluralidade do conhecimento e permitir, a partir dos seus resultados, a ampla contribuição à visão das ciências no momento atual, porque vem preencher uma lacuna nos estudos dialetais no Brasil, seja fornecendo, por meio de comparações, os dados a respeito do português brasileiro abalizado na sua diversidade espacial ou diatópica, considerando-se as variantes sociolinguísticas correntes na língua, cuja diversidade de usos no plano diageracional, diastrático, diassexual ou diafásico é resultado.

Para Cardoso et al. (2014), o *Atlas Linguístico do Brasil* é o resultado de um projeto linguístico que buscou fazer a documentação, a descrição e interpretar da realidade do português falado no Brasil, tendo, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com diferentes ramos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala.

Em seu primeiro volume - *Introdução* - é apresentada a parte significativa da história da construção do Atlas Linguístico do Brasil, ou seja, a abordagem da metodologia seguida, destacando-se a rede de pontos, os questionários e os informantes, além da informação sobre a cartografia dos dados.

³⁰ Après avoir vu notre questionnaire à l'épreuve pendant plus de quatre années, nous sommes loin de croire que ce document, indispensable pis-aller pour une enquête faite dans les circonstances où nous nous trouvions, ait été conçu pour le mieux. Nous nous en consolons, d'ailleurs, dans une certaine mesure, car nous avons la conviction que, dussions-nous le remanier actuellement, après oeuvre accomplie, et terminer par où nous avons dû commencer, le nouveau modèle nous ménagerait encore bien des surprises désagréables.

No segundo volume - *Cartas linguísticas 1* – encontram-se os resultados das 25 capitais brasileiras objeto da pesquisa espelhados em mapas linguísticos com dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais que mostram a realidade pesquisada.

2.1.1 Os Atlas Linguísticos no Brasil

Aragão (2006, p. 35), referindo-se à dialetologia no Brasil, ressalta que

apesar das dificuldades pelas quais sempre passou, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado, da falta de interesse das instituições e da consequente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos.

Todavia, ao se referir aos estudos geolinguísticos concretizados no Brasil, Aragão (op. cit., p. 60) afirma ser

pouco o que foi realizado ou está em elaboração [...] Contudo, teses, dissertações e trabalhos monográficos e apresentações em Congressos nacionais e internacionais, analisando os mais diferentes aspectos da língua portuguesa do Brasil, com enfoque dialetal e sociolinguístico, têm surgido com grande frequência no momento atual, mostrando que a Dialetologia, antes vista como área menos nobre da linguística, está tendo papel dos mais relevantes no âmbito dos estudos linguísticos em nosso país.

Atualmente, o mapeamento dos falares no Brasil vem ganhando expressividade nos meios acadêmicos, visto que algumas dificuldades para a realização de estudos e pesquisas dialetais, conforme Cardoso (2014, p 19) “parecem amenizadas, a formação de pesquisadores, especificamente na área da Geolinguística, vem sendo ampliada de forma significativa”, visto que são frequentes as publicações de atlas linguísticos e estudos geolinguísticos que resultam em Dissertações e Teses em diversas regiões do país, dentre os quais destacamos:

2.1.1.1 Atlas Linguísticos estaduais brasileiros publicados

1. Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

O APFB, primeiro atlas linguístico brasileiro, foi elaborado entre os anos 1960-62, sob a coordenação do professor Nelson Rossi com a colaboração das alunas Dinah Maria Isensee, Carlota Ferreira, Josefina Barletta, Judith Freitas, Ana Maria Garcia, Cyva Leite, Edelweiss Nunes e Tânia Pedrosa, e totalmente financiado pela Universidade Federal da Bahia, tinha como objeto o mapeamento da área baiana dos falares baianos, que compreende, segundo a classificação de Antenor Nascentes, os Estados da Bahia, Sergipe, norte de Minas, leste de Goiás e do atual Tocantins.

O APFB contou com uma rede de pontos de 50 localidades e 100 informantes, sendo 57 mulheres e 43 homens analfabetos ou semi-analfabetos, cuja idade variava entre 25 e 60 anos.

Para a pesquisa, foi aplicado um questionário de 182 perguntas, que foram selecionadas baseando-se em uma versão de questionário mais amplo que continha 3.000 questões, compreendendo os campos semânticos terra, vegetais, homem, animais.

2. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)

O EALMG foi elaborado por professores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passio e Antônio Gaio, com a colaboração de Cláudia Coutinho, Edimilson Pereira, José Dionísio Ladeira e Núbia Magalhães Gomes.

O seu primeiro volume foi publicado em 1977, o qual é constituído de cartas lexicais e fonéticas, pertencentes aos campos semânticos tempo e folguedos infantis, homem, animais, água e terra.

O questionário foi aplicado em 116 localidades a um informante principal e um auxiliar, cuja escolha seguiu os critérios tradicionais adotados em pesquisas dessa natureza. Como resultado, o EALMG aponta para a confirmação que existem três falares distintos em Minas Gerais: o falar baiano ao norte, o falar paulista no sul-sudeste e o falar mineiro no centro-leste.

3. Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)

O ALPB faz parte do projeto "Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano" do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Foi realizado pelas professoras Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes.

O questionário é composto de duas partes: a geral, com 289 questões, compreendendo os campos semânticos a terra, o homem, a família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais; a específica, com 588, referindo aos cinco principais produtos agrícolas do Estado: mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi.

Este questionário foi aplicado em 25 municípios bases e 3 satélites por base, servindo como controle e convalidação dos dados, não aparecendo individualizados nas cartas.

4. Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)

O ALS foi elaborado pela equipe de Dialectologia do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, coordenada pelo Prof. Nelson Rossi e composta pelas professoras Carlota Ferreira, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Profa Vera Rollemberg e Jacyra Mota.

O questionário, constando de 505 questões, foi aplicado em 15 localidades a 30 informantes.

A sua elaboração teve início em 1963, sendo concluído em 1973 e publicado em 1987.

5. Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)

O ALPR foi apresentado como Tese de Doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera, na Universidade Estadual Paulista, em 1990. Este atlas, tendo como objetivo documentar cartograficamente a variação lexical e a variação fonética, é constituído de 191 cartas geolinguísticas que contemplam os itens lexicais e os aspectos fonéticos. Essas cartas apresentam notas explicativas das variantes registradas e traçam isoglossas da linguagem paranaense.

O questionário, aplicado a 130 informantes em 65 localidades, contém 325 questões que abrangem os campos semânticos de “terra” e “homem”.

6. Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II)

O ALS-II foi apresentado como tese de doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002, por Suzana Alice Marcelino Cardoso, sob a orientação da Profa. Dra. Dinah Callou.

Este atlas é o segundo volume do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), em que foi utilizado o *corpus* não explorado no primeiro volume. A rede de pontos está constituída por 15 localidades, onde foram inquiridos 30 informantes. É constituído de 108 cartas, sendo 105 semântico-lexicais e 03, introdutórias.

7. Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)

O ALISPA, coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky, é um projeto integrado ao ALIPA, do qual abrange as dez cidades correspondentes à pesquisa urbana. A coleta de dados foi feita através de um questionário (de caráter fonético-fonológico), com 159 perguntas, aplicado a 40 informantes.

O projeto ALISPA foi concluído e publicado, no ano de 2004, em CD- ROM.

8. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)

O ALERS, publicado em 2002, inova por não se limitar ao mapeamento de um Estado, como também pela utilização de um programa de cartografia digital e a apresentação de um glossário dos termos levantados no QSL. Coordenado pelo Professor Walter Koch, contou com a colaboração de José Luiz da Veiga Mercer, Basilio Agostini, Hilda Gomes Viera, Felício Wessling Marjotti, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen.

O atlas abrange aspectos linguísticos e culturais dos três Estados da região Sul do país, cuja rede de pontos apresenta-se em 294 localidades rurais e urbanas, distribuídas no Paraná, com 106; Santa Catarina, com 86 e Rio Grande do Sul, com 102.

O seu conteúdo está dividido em 3 partes: o questionário semântico-lexical (QSL), constituído de 610 itens num total de 800 perguntas e tarefas; o questionário morfossintático (QMS), constituído de 75 perguntas; e o questionário fonético (QFF) com 50 perguntas. Nos volumes publicados, encontram-se no 1º, a introdução e no 2º, as cartas fonéticas e fonológicas.

9. Atlas Linguístico de Mato Grosso do SUL (ALMS)

O ALMS foi organizado por Dercir Pedro de Oliveira e publicado em 2007. A rede de pontos é constituída por 32 localidades, onde foram inquiridos 128 informantes, estratificados em sexo (masculino e feminino), grau de instrução (rudimentar ou com escolaridade até 4ª série do ensino fundamental) e serem nascido no município ou nele residido desde os 08 anos de idade. Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário único com 557 perguntas separadas em aspectos fonéticos e lexicais. Quanto ao aspecto morfossintático, o estudo foi feito a partir das narrativas.

O ALMS é constituído de 231 cartas linguísticas, sendo 57 fonéticas, 167 semântico-lexicais e 07 morfossintáticas.

10. Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE)

A elaboração do ALECE teve início em 1978, por uma equipe formada por Alexandre F. Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari e por José Rogério Fontenele Bessa, sendo este o coordenador geral. Sua publicação ocorreu em 2010, sob a coordenação de José Rogério Fontenele Bessa.

O ALECE é constituído de dois volumes, constando no primeiro volume a sua Introdução, que trata dos antecedentes históricos, da orientação teórica e da metodologia; o

segundo, composto de 256 cartogramas, trazendo as cartas lexicais e um glossário, seguidas da bibliografia geral e das fontes lexicográficas consultadas.

Os cartogramas contemplam os dados lexicais e fonéticos e mapeiam os resultados da pesquisa realizada a partir de 280 inquéritos em 70 localidades do Estado.

11. Atlas Linguístico do Amapá

O Atlas Linguístico do Amapá, publicado em 2017, é de autoria da professora Celeste Maria da Rocha Ribeiro (UNIFAP), do professor Abdelhak Razky (UFPA/UNB) e do professor Romário Duarte Sanches (UFPA/UEPA), foi elaborado numa perspectiva da geolinguística pluridimensional, procura evidenciar as variedades linguísticas mais e menos recorrentes, assim como as variações fonéticas e semântico-lexicais características de cada região.

A rede de pontos foi distribuída em 10 municípios, onde foram inquiridos 40 informantes estratificados em sexo (homem e mulher), faixa etária (18 a 30 anos e 50 e 75 anos) e nível de escolaridade variando de semianalfabeto ao ensino fundamental incompleto, com a aplicação do Questionário Fonético-fonológico e do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, versão 2001.

Compõe-se de 16 cartas fonéticas em que expõe a unidade e diversidade dos principais fatos fonético-fonológicos caracterizadores dos falares do Norte, como a realização das vogais médias pretônicas, do /S/ em coda silábica, dos ditongos decrescentes e da nasal palatal, etc.; 73 cartas lexicais, nas quais explora as denominações atribuídas a itens da natureza física, da flora, da fauna, dos artefatos, das partes do corpo, et.; e 30 cartas que tratam das diferenças diastráticas relativas às variáveis sexo e faixa etária.

12. Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)

O ALiPE foi apresentado como tese de Doutorado por Edmilson José de Sá, na Universidade Federal da Paraíba, em 2013, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão. O atlas, com o objetivo de fazer uma descrição da realidade linguística do Estado de Pernambuco sob o ponto de vista fonético, léxico-semântico morfossintático, identificando as diferenças diatópicas, é constituído de 105 cartas linguísticas, sendo 50 fonéticas, 47 semântico-lexicais e foi realizado a partir de 84 inquéritos em 20 localidades.

2.1.1.2 Atlas estaduais, regionais e municipais concluídos

Dentre os Atlas regionais, estaduais e municipais até então apresentados como trabalhos finais de cursos de Pós-graduação no Brasil, vale destacar:

1. Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)

O ALAM foi elaborado como Tese de Doutorado por Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2004, sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão (UFRJ) e do Prof. Dr. João Saramago (Universidade de Lisboa). O seu desenvolvimento deu-se na perspectiva da Geografia Linguística e da Sociolinguística Variacionista, com a preocupação sistemática de controlar as variáveis gênero e faixa etária. A rede de pontos é constituída por 09 localidades e o atlas é constituído de dois volumes: o primeiro contendo uma introdução de caráter metodológico e o segundo, as cartas' composto de 107 cartas fonéticas e 150 semântico-lexicais.

2. Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara (AFéBG)

O AFéBG foi apresentado como Dissertação de Mestrado por Luciana Gomes de Lima, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão, tendo como objetivos: a) descrever os fenômenos fonético-fonológicos que tipificam os falares da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e, em especial de quatro comunidades situadas no entorno da Baía de Guanabara, que são Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé e Itaboraí; (b) averiguar a realização dos fonemas consonantais, em especial daqueles que apresentam maior índice de variação; (c) registrar a concretização dos fonemas vocálicos em todas as posições: tônica, pretônica, e postônica final e não-final, em ditongo, em hiato; (d) elaborar cartas fonéticas que registrem essas variações; (e) observar esses fenômenos, não só no plano espacial, mas também nos planos diageracional e diagenérico.

O AFéBG é composto de dois volumes: no primeiro volume encontra-se o estudo introdutório; no segundo, as 07 cartas introdutórias e 307 cartas fonéticas.

3. Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II)

O ALPR II foi defendido por Fabiane Cristina Altino como Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.

O ALPR II tem como objetivo geral cartografar os dados coletados para a pesquisa de Aguilera (1994) e que não foram contemplados no Atlas Lingüístico do Paraná, dando continuidade aos estudos iniciados por essa pesquisadora e possibilitando o acesso ao *corpus* coletado na ocasião. Dentre os objetivos específicos, vale destacar o que diz respeito à observação, por meio de gráficos de controle e da Dialectometria³¹, do desempenho dos informantes quanto à diversidade lingüística e sua relação com a história social paranaense.

4. Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)

O Micro AFERJ foi apresentado como Tese de Doutorado por Fabiana da Silva Campos Almeida na Universidade federal do Rio de Janeiro, em 2008, sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão.

O Micro AFERJ é um estudo dialetológico, de cunho fonético-fonológico, cujo objetivo é registrar e descrever a fala de doze comunidades fluminenses, com base nos preceitos atuais da Geolingüística e em parâmetros de natureza sociolingüística: cinco pontos no litoral – São Francisco de Itabapoana, Quissamã, Cabo Frio, Itaguaí, Parati – e sete pontos no interior – Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Valença, Três Rios e Resende.

Em cada ponto de inquérito, foram selecionados seis informantes, um homem (H) e uma mulher (M) em cada uma das seguintes faixas etárias: 1 - 18 a 35 anos; 2 - 36 a 55 anos; 3 - 56 anos em diante. Os informantes da pesquisa têm escolaridade até a 4ª série do Ensino Fundamental as mesmas do Questionário do AFeBG.

Algumas dessas perguntas que compõem a enquete são subdivididas — as de número 190, 242 e 275 segmentam-se em duas respostas; a de número 276, em dez; a de número 277, em sete; e a de número 278, em doze. Sendo assim, no cômputo geral, há um total de trezentas e sete palavras, que redundaram em trezentas e seis cartas,

5. Atlas semântico-lexical de Goiás

O Atlas semântico-lexical de Goiás foi defendido como Tese de Doutorado em Linguística na Universidade de São Paulo, em 2012, por Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto, sob a orientação Profa. Dra. Irenilde Ferreira dos Santos, tendo como objetivo descrever a norma semântico-lexical presente em nove municípios do Estado de Goiás.

³¹ “A Dialectometria, método inédito no Brasil, mas com tradição na Europa, constitui-se em análises estatísticas de dados coletados pela Geolingüística e permite abordar de maneira mais acurada uma quantidade de dados, auxiliando na obtenção de uma visão geral da variação geográfica das línguas [...]” (ALTINO, 2007, p. 16)

Para coletada dos dados foi aplicado o Questionário Semântico-Lexical, constituído de 202 perguntas, dividido em 14 áreas semânticas, a 36 informantes estratificados em sexo (homem e mulher), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (analfabeto ou ter cursado até o 9º ano de Ensino Fundamental).

O Atlas semântico-lexical de Goiás é composto de 3 tomos: o primeiro, contém os estudos introdutórios, o tomo 2, os 202 cartogramas onde é visualizada a distribuição dos itens lexicais; no tomo 3, a Conclusão, as Referências, os Apêndices e os Anexos.

6. Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO)

O ALITTETO foi apresentado como Tese de Doutorado por Greize Alves da Silva, na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.

O objetivo do ALITTETO é traçar o perfil dialetológico do falar da população tocaninense considerando, de acordo com Silva (2018), o contraste entre as variedades linguísticas provenientes da fala dos sujeitos nascidos nas localidades de pesquisa (topoestáticos) e as variantes oriundas da fala dos sujeitos que passaram por migrações ou deslocamentos (topodinâmicos).

A coleta dos dados foi baseada nos questionários utilizados pelo ALiB com algumas alterações: o Questionário Fonético-Fonológico contendo 50 perguntas; o Questionário Semântico-Lexical com 170 perguntas, sendo retirados alguns questionamentos e inseridas algumas questões locais; o Questionário Morfossintático, que além das 49 questões do ALiB, foram incluídas 8 questões com o objetivo de verificar alguns traços no português falado pelos informantes conforme a procedência migratória; os Temas para Discurso Semidirigido com a aplicação dos relatos pessoal e não pessoal e a inserção de narrativa de caráter folclórico. Para tanto, foram inquiridos 96 informantes, de ambos os sexos, de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), distribuídos entre 12 localidades tocaninenses.

7. Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai (ALiPP)

O ALiPP foi apresentado como Dissertação de Mestrado por Regiane Coelho Pereira Reis, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2006, sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, tendo como objetivo registrar a modalidade oral da variante sul-mato-grossense da língua portuguesa, município de Ponta

Porã, além de documentar possíveis mudanças lingüísticas na língua falada e do registro de marcas de conservadorismo e de bilingüismo nas línguas em contato (português, espanhol e guarani) na fronteira.

A rede de pontos do ALiPP reúne oito localidades - sete no interior do município e a sede, distribuídas de norte a sul e de leste a oeste. As entrevistas foram realizadas com o auxílio do questionário lingüístico semântico-lexical contendo 260 perguntas e 02 narrativas, com dois informantes em cada localidade - um masculino e um feminino -, de faixa etária entre 45 e 70 anos, analfabetos ou com baixa escolaridade, com ascendência paraguaia, falante bilíngue e residente na localidade há mais de vinte anos.

O ALiPP compõe-se de dois volumes: no primeiro há uma abordagem do percurso teórico-metodológico que fundamentou a pesquisa, dividido em capítulos, constando no último uma descrição das cartas léxicas por meio de quadros, subdivididos em áreas semânticas; no segundo volume, apresenta-se o atlas propriamente dito, composto por apresentação, seguida do índice, o mapa do município, a rede de pontos e as 239 cartas lexicais que sintetizam as respostas obtidas para as 260 perguntas do Questionário Semântico-Lexical.

8. Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG)

O ALiPTG foi apresentado por Maria das Neves Pereira como Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, em 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Dinah Maria Isensee Callou.

Com os objetivos de observar o tipo de variação predominante (se regional, social ou geracional) e delimitar as áreas conservadoras e inovadoras no que tange aos traços fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais, foram utilizados 24 inquéritos aplicados em cinco localidades que fazem parte das 11 redes de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte, adotando-se os Questionários Linguísticos do Projeto ALiB.

O ALiPTG compõe-se de dois volumes: no primeiro, encontram-se a introdução; a apresentação de dados histórico-geográficos do Estado Rio Grande do Norte, uma síntese da Geografia Linguística no Brasil, os Atlas publicados, em que se destaca a importância desses trabalhos para os estudos da descrição do português do Brasil, os fundamentos teóricos e metodológicos e a conclusão; no segundo, encontram-se 80 cartas linguísticas, sendo 35 fonéticas, 10 morfossintáticas e 35 cartas léxicas.

9. Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC

O Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC foi defendido por Adriana Cristina Cristianini como Tese de Doutorado em Linguística, na Universidade de São Paulo (USP), em 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Irenide Pereira dos Santos.

O atlas tem objetivo geral descrever a norma semântico-lexical da região do Grande ABC paulista. Para tanto, foi aplicado o Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, versão 2001, a 36 informantes em 09 localidades. É constituído de 202 cartas linguísticas, sendo de 57 fonéticas, 167 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.

10. Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT)

O ALMESEMT foi apresentado como dissertação por Marigilda Antônio Cuba, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2009, sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

A pesquisa, realizada a partir de 32 inquéritos em 08 localidades com o objetivo identificar e descrever marcas de influências interculturais e linguísticas na fala dos habitantes daquela região, uma vez que a população entrou em contato com falantes de diferentes regiões brasileiras que ali se fixaram em dois momentos diferentes de sua história.

O ALMESEMT é composto de dois volumes. No segundo volume encontram-se 243 cartas linguísticas, sendo 122 cartas fonéticas e 121 lexicais.

11. Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE)

O ALMASPE foi elaborado como dissertação de Mestrado por Edilene Maria de Oliveira Almeida, na Universidade Federal da Paraíba, em 2009, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão. O atlas tem como objetivo descrever a realidade linguística da língua portuguesa na Mata Sul Pernambucana, levando-se em conta o aspecto semântico-lexical.

Para a elaboração do ALMASPE, foi utilizado o Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB aplicado a 24 informantes em 06 municípios, estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 anos e 40 a 65 anos) e escolaridade da 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

O ALMASPE é composto de um volume em que apresenta alguns aspectos históricos do Estado de Pernambuco, enfatizando o histórico da Região da Mata Sul, a fundamentação teórica, a metodologia, a conclusão, as referências, os anexos e por fim, as 35 cartas léxicas.

12. Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo

O Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo foi apresentado por Márcia Regina Teixeira da Encarnação como tese de Doutorado em Linguística, na Universidade de São Paulo, em 2010, sob a orientação da Profa. Dra. Irenide Pereira dos Santos.

O atlas tem por objetivo geral descrever a norma semântico-lexical sob o ponto de vista geolinguístico dos municípios do Litoral Norte de São Paulo. Para a sua realização foi utilizado o Questionário Semântico-Lexical (QSL), versão 2000, do Projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brasil, sendo este aplicado a 16 informantes em 04 pontos de inquérito. O atlas é constituído de 03 volumes: no primeiro, encontram-se a Introdução, uma descrição sobre a região pesquisada, uma abordagem teórica sobre a Dialetoleologia e a Geolinguística, os métodos e procedimentos, os aportes teóricos embasadores dos tratamentos qualitativo e quantitativo dos dados e o tratamento dos dados semânticos-lexicais; no segundo volume, encontram-se os 208 Cartogramas; e no terceiro, as considerações finais, as referências e os anexos.

13. Atlas Linguístico dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM)

O AFBAM foi apresentado como Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas, em 2011, Roseanny Melo de Brito, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso.

O AFBAM teve como objetivo o estudo e a análise fonético-fonológica de cinco dos municípios que formam a micro-região do Baixo Amazonas: Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará. Este trabalho foi realizado com 06 informantes, em cada um dos cinco pontos de inquérito, sendo um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 anos em diante. Para a realização da pesquisa foi utilizado o questionário fonético-fonológico antes aplicado no desenvolvimento do Atlas Linguístico do Amazonas ALAM, elaborado por Cruz (2004), bem como o programa computacional do ALAM, que permite a inserção de todos os dados coletados e gerar automaticamente cartas fonéticas.

14. Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar

O Atlas Linguístico do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte foi apresentado como tese de Doutorado na Universidade Federal do Ceará, em 2012, por Moisés Batista

da Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão. Este Atlas tem como objetivos: identificar as variáveis extralinguísticas (diatrática, diagenérica e diageracional) nos fenômenos fonéticos e lexicais; descrever a realidade do português do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte para identificar fenômenos fonéticos e semântico-lexicais, que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado.

O *corpus* de análise, coletado em oito pontos de inquérito, quatro da Mesorregião do Oeste Potiguar (Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros e Janduís) e quatro da Mesorregião Central Potiguar (Macau, Angicos, Currais Novos e Caicó), resulta da aplicação de questionários baseados nos modelos do Projeto ALiB: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL), visto que foram feitas adaptações na formulação, ordem e número de questões. Assim, o Questionário Fonético-Fonológico constitui-se de 98 questões referentes à mudança e à variação dos fonemas ou sequências de fonemas vocálicos ou consonânticos. O Questionário Semântico-Lexical, cujas 172 questões distribuem-se em 3 grandes categorias conceituais do mundo – universo, homem e relações entre homem e universo – e em 13 campos semânticos.

Os 32 informantes inquiridos estão estratificados em sexo (homem e mulher), faixa etária (distribuída em duas gerações: G1 - geração de jovens de 18 a 32 anos e G2 - geração de adultos entre 48 a 62 anos) e escolaridade (informantes com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental).

O Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar é composto de um volume em que se apresentam alguns aspectos geográficos, históricos e econômicos do Rio Grande do Norte, destacando-se as localidades pesquisadas, a fundamentação teórica, a metodologia adotada para a pesquisa, o Atlas Linguístico propriamente dito com suas 147 cartas linguísticas, sendo 84 léxicas e 63 fonéticas, as considerações finais, as referências, os apêndices e anexos.

15. Atlas Linguístico dos falares do Alto Rio Negro (ALFARiN)

O ALFARiN foi apresentado como Dissertação (Mestrado em Letras), na Universidade Federal do Amazonas, em 2012, por Jeiviane dos Santos Justiniano, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso.

O trabalho teve como objetivo registrar os falares da microrregião do Alto Rio Negro, pertencente à mesorregião Norte Amazonense, compreendendo os municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos.

Considerando os princípios da dialetologia pluridimensional e o contexto multilíngue dos povos indígenas dessa área amazônica, para a realização da pesquisa foi aplicado o questionário fonético-fonológico do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), para seis informantes, com baixo nível de escolaridade, até 5º ano do Ensino Fundamental, bilíngues em língua indígena e língua portuguesa, sendo um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 em diante. O corpus coletado foi transcrito e revisado manualmente e, depois, inserido, para elaboração das cartas fonéticas, no banco de dados do programa computacional Mapeamento de Variação Linguística (MVL), desenvolvido para o ALAM.

16. Atlas semântico-lexical da região norte do alto Tietê (ReNAT) - São Paulo

O ReNAT foi defendido como Tese de Doutorado por Rita de Cássia da Silva Soares, na Universidade de São Paulo, em 2013, sob a orientação da Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos.

O ReNAT tem como objetivo identificar a norma semântico-lexical de cinco municípios da Região Norte do Alto Tietê- ReNAT, no estado de São Paulo, a saber: Guarulhos, Arujá, Santa Isabel, Mairiporã e Nazaré Paulista.

Para a coleta dos dados, foram aplicadas as 202 questões do questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto ALiB e, também, 31 questões do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Estudo sociogeolinguístico do Município de São Paulo, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística (GPDG) da Universidade de São Paulo.

A aplicação dos questionários deu-se em seis pontos de inquérito, uma vez que, por ser Guarulhos o município mais populoso da Região, considerou-se a sua divisão em zona urbana e rural. Assim, as questões dos dois questionários, foram aplicadas a 24 sujeitos dos gêneros masculino e feminino em duas faixas etárias, quais sejam: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, analfabetos ou com escolaridade até o 9º ano do Ensino Fundamental II.

Os resultados estão apresentados em gráficos ou tabelas com informações de frequências absoluta e relativa. A esses dados, seguiu-se a análise interpretativa dos resultados de cada questão. As respostas dos sujeitos-entrevistados, bem como a localização destes estão registradas em 233 cartogramas linguísticos.

17. Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul (ALiCoLa)

O ALiCoLa foi apresentado como Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagens por Beatriz Aparecida Alencar, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2013, sob a orientação Profa Dra Aparecida Negri Isquerdo, tendo como objetivo documentar e descrever a língua portuguesa falada por habitantes dos municípios de Corumbá e de Ladário.

Os dados foram coletados em cinco localidades, a saber: Corumbá, Ladário, Albuquerque, Porto Esperança, Forte Coimbra.

O questionário foi aplicado a 20 informantes estratificados considerando-se as variáveis sexo (homem e mulher), idade (faixa 1 de 18 a 30 anos e faixa 2 de 50 a 65 anos), escolaridade (ensino fundamental completo ou incompleto).

O questionário do ALiCoLa é composto de questões do Questionário do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) e do Questionário do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), totalizando 431 perguntas em que se contemplam as áreas semânticas “homem e natureza” em várias subáreas semânticas: acidentes geográficos e elementos hidrográficos, fenômenos atmosféricos, astros e fenômenos ligados ao tempo, flora e atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, brinquedos e diversões, habitação, alimentação e utensílios, vestuário, vida urbana, além de 06 perguntas metalinguísticas, 04 de pragmática e 04 temas para narrativas.

O atlas aqui apresentado mapeou tão somente os dados lexicais obtidos com o auxílio do Questionário Semântico-Lexical e reúne 243 cartas, sendo 04 introdutórias e 239 cartas lexicais.

18. Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (ALTOSP)

O Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo foi apresentado Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem por Ariane Cardoso dos Santos-Ikeuchi, em 2014, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob a orientação da Profa Dra Vanderci de Andrade Aguilera, tendo como objetivo registrar aspectos lexicais do português brasileiro, observados na fala de usuários naturais da região Oeste de São Paulo filhos de nordestinos.

O questionário, aplicado a oito informantes de Andradina, Adamantina, Rancharia, Presidente Epitácio, contém cinco partes: Fonético Fonológico, Semântico Lexical, Temas para Discurso Semidirigido, Crenças e Atitudes Linguísticas e Texto para

leitura, das quais são apresentadas cartas linguísticas referentes ao Questionário Semântico Lexical, que contém 116 perguntas onomasiológicas divididas em duas áreas semânticas: terra e homem.

Para a seleção dos informantes, observou-se como critério o sujeito ter nascido na localidade pesquisada e cujos pais tivessem saído do Nordeste com mais de 12 anos de idade, sendo estes estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (17 a 35 anos e 40 a 60 anos) e escolaridade (3º ano do ensino médio ou supletivo e curso superior).

O ALTOSP é composto de 2 volumes: o primeiro contém o estudo introdutório; o segundo, as cartas lexicais distribuídas em três cartas introdutórias e 116 cartas linguísticas. Com relação às questões coincidentes com cartas apresentadas nos Atlas publicados no Nordeste (APFB, ALPB, ALS I e ALS II), estas foram apresentadas seguidas de gráficos sintetizando os dados que pertencem ao ALTOSP.

19. Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS)

O ALSFS foi apresentado como tese de doutorado por Tânia Maria Braga Guimarães, na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, em 2008, tendo como objetivos a elaboração de um atlas linguístico de São Francisco do Sul, Santa Catarina, considerando os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais caracterizadores do falar daquele município levando-se em conta o favorecimento das variáveis sexo e faixa etária para a ocorrência de variantes. Em seu estudo, a autora buscou também fazer uma comparação dos dados obtidos no ALSFS com os apresentados em cartas fonéticas do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil I.

Para a elaboração do ALSFS, a pesquisa deu-se em 9 pontos de inquéritos com 36 informantes aos quais foram aplicados dois questionários, sendo um de cunho fonético-fonológico com 117 questões e um questionário semântico-lexical com 131, perfazendo um total de 248 perguntas.

Como resultados, foram elaboradas 98 cartas, sendo 53 cartas fonéticas e 42 lexicais.

20. Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Iguatu (ALIg)

O ALIg foi elaborado como dissertação de Mestrado por Fabiana dos Santos Lima na Universidade Federal do Ceará, em 2009, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão, tendo como objetivo identificar as variações lexicais na linguagem no município de Iguatu-CE.

Para a elaboração do ALIg, foram realizados 24 inquéritos em 06 localidades, sendo 04 pontos na zona urbana e 02 na zona rural, cujos informantes foram estratificados em

sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 anos e 45 a 60 anos) e escolaridade (0 a 5 anos e 6 a 9 anos).

Para a coleta dos dados, foram selecionadas 49 questões do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, 2001, levando-se em conta a ocorrência de maior variação lexical e marcas regionais.

O ALIG é composto de um volume em que consta uma descrição do panorama histórico, da situação geográfica e do perfil socioeconômico do município de Iguatu-CE, a fundamentação teórica, a metodologia, as 53 cartas linguísticas semântico-lexicais, as considerações finais, as referências e os anexos.

21. Atlas Linguístico de Buíque (ALiBUI)

O Atlas Linguístico de Buíque (ALiBUI) foi apresentado como Monografia defendida na UPE, em 2011, por Joseane Cavalcanti Ferreira.

Para a realização da pesquisa, foram escolhidos 05 pontos de inquéritos distribuídos em 05 bairros e aplicado a 20 informantes o Questionário Semântico-Lexical do ALiB acrescido de 08 questões específicas sobre o Parque Nacional do Catimbau, considerado uma das sete maravilhas do Estado de Pernambuco e segundo maior sítio arqueológico do país, tanto pela quantidade de pinturas rupestres quanto pelo valor histórico.

22. Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Capistrano

O Atlas Linguístico léxico-semântico de Capistrano foi apresentado como dissertação de Mestrado, na Universidade Estadual do Ceará, em 2011, por Jamyle dos Santos Monteiro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes. O atlas, objetivando estudar a língua falada na cidade de Capistrano, no Ceará, e analisar a composição dos aspectos verbais e visuais presentes nas cartas léxicas, é composto de 57 lexicais de organização onomasiológica, organizadas a partir de 32 inquéritos em 04 localidades do município.

23. Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO)

O AGeLO foi apresentado como dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), na Universidade Estadual de Londrina, em 2012, por Valter Pereira Romano, sob a orientação da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, tendo por objetivo estudar aspectos fonéticos e lexicais da fala de londrinenses, com base na perspectiva pluridimensional da variação linguística e investiga mudanças em tempo real e tempo aparente. É constituído de dois volumes, constando no segundo, 50 cartas mistas de caráter

lexical, 07 cartas mistas de caráter fonético e 15 cartas mistas fonéticas quantitativas, atlas contempla. A pesquisa foi realizada em dez pontos de inquérito, onde foi aplicado o questionário do Atlas Linguístico do Paraná aos 44 informantes selecionados conforme os critérios metodológicos do Projeto ALiB.

24. Atlas Linguístico de Curiúva-PR: aspectos lexicais

O Atlas Linguístico de Curiúva-PR foi apresentado como Dissertação de Mestrado, na Universidade Estadual de Londrina, em 2015, por Fátima da Silva Siqueira, sob a orientação da Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino, tendo por objetivo construir um Atlas Linguístico da cidade de Curiúva, registrando em cartas linguísticas algumas variantes lexicais da fala de usuários naturais do município de Curiúva, além de comparar as variantes lexicais coletadas na pesquisa com os registrados no Atlas Linguístico do Paraná elaborado por Aguilera (1994) e no Atlas Linguístico do Paraná elaborado por Altino (2007).

A rede de pontos compreende seis localidades do município de Curiúva: Felisberto, Guajuvira, Taboão, Sede, Alecrim, e Colônia Dantas, onde foram entrevistados quatro informantes, estratificados em sexo (homem e mulher), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos). Para a variável escolaridade, optou-se por escolher jovens, com ensino médio, e idosos, com o básico fundamental.

Para a coleta de dados, foram utilizados os questionários do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001) com alguns recortes porque, segundo SIQUEIRA, (2015, p. 69), “justificam-se pelo fato de algumas perguntas tornarem-se repetitivas e muito parecidas com questões anteriores, ou por não acrescentar mais informações para a pesquisa realizada na localidade”.

Embora tenha ocorrido a aplicação dos vários questionários do ALiB, o Atlas apresenta apenas o estudo do léxico daquela comunidade por meio de 103 cartas linguísticas, das quais 35 coincidem com o ALPR e 13 com o ALPR II.

O Atlas é composto por dois volumes: no primeiro, encontram-se as considerações introdutórias; no segundo, a apresentação das cartas lexicais.

25. Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico (ALTTI)

O ALTTI foi apresentado como Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem por Marigilda Antonio Cuba, em 2015, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, tendo como objetivo documentar e

descrever as variedades do português falado na área conhecida como território incharacterístico na denominação de Nascentes (1953).

O estudo foi desenvolvido em onze localidades: duas em Rondônia, sete em Mato Grosso, uma em Tocantins e uma em Goiás. Para a coleta dos dados, em cada localidade, foram inquiridos dois homens e duas mulheres, de 18 a 30 anos, nascidos na localidade, com escolaridade até o Ensino Médio e dois homens e duas mulheres, de 55 a 70 anos, vindos de outros Estados da Federação, com escolaridade até o Ensino Médio.

O ALTTI contém 07 cartas introdutórias e 103 cartas linguísticas divididas em 16 fonéticas, 69 lexicais, 12 morfossintáticas e 06 sintéticas.

26. Atlas Linguístico de Icatu (ALinI)

O ALinI foi apresentado como dissertação de Mestrado por Thaiane Alves Mendonça, na Universidade Federal do Maranhão, em 2017, sob a orientação do Prof. Dr. José de Ribamar Mendes.

A coleta dos dados foi feita por meio de um questionário contendo 227 perguntas distribuídas em 14 áreas semânticas e aplicado a 24 informantes estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (1 – de 18 a 30 anos, 2 – de 50 a 65 anos e 3 – 70 anos ou mais) e escolaridade (analfabeto e escolarizado até o 9º ano do ensino fundamental).

O atlas, composto de 227 cartas semântico-lexicais, tendo como objetivo identificar e mapear as variações lexicais no município de Icatu-Maranhão, foi realizado a partir dos inquéritos aplicados em 04 localidades, a saber: Icatu (sede), Itatuaba, Itaperá e Anajatuba.

2.2 A língua em variação

Por meio da língua, o homem pode expressar seus pensamentos e ideias estabelecendo variados tipos de interação e colocar-se em contato com outros indivíduos ou grupos sociais. E a partir da interação, com o mundo que o cerca e no qual está inserido, o indivíduo utiliza a língua para expressar sua vivência histórica e cultural acumulada ao longo de sua vida, cujas experiências são determinantes para o seu posicionamento político e social. Nessa perspectiva, a língua não deve ser vista isolada de seu contexto cultural e social, ela se coloca em lugar de privilégio, pois ela [a língua]

[...] está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua que essa civilização se expressa. E uma ilusão pensar que

possamos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo linguístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade... (Sapir, 1961. p. 19-20)

Desta forma, entende-se que língua, sociedade e cultura são indissociáveis, uma vez que a língua é um sistema coletivo, pois, segundo Barthes (2007, p. 18), ela é uma “instituição social, ela não é absolutamente um ato, escapa a qualquer premeditação; é a parte social da linguagem; o indivíduo não pode, sozinho, nem criá-la nem modificá-la. Trata-se essencialmente de um contrato coletivo ao qual temos de submeter-nos em bloco se quisermos comunicar;”, visto que a língua reflete a cultura de um povo ou grupo social, possibilitando-lhes, ao mesmo tempo, que a sua cultura entendida como o “complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade” (AURÉLIO, 1984, p. 191-2) seja construída e disseminada, como afirma Câmara Jr. (1972, p. 265) que

[...] as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua. Assim a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua súpula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la.

Entender a relação entre língua, cultura e meio social é fundamental para compreender os processos de comunicação e seus diferentes mecanismos, haja vista que se torna difícil entender determinadas expressões comunicativas quando não se conhece a cultura em que estas se realizam, uma vez que o valor de uma palavra dita ou expressa por um indivíduo tem um valor histórico que só pode ser percebido por quem conhece os elementos culturais da comunidade. Nesse sentido, Bortone (2007, p. 139) enfatiza que “a língua funciona como um fator de identificação social através das estruturas linguísticas que revelam os valores culturais, sociais e históricos de uma comunidade específica”. Para Saussure (2012, p. 41) a língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”, trata-se, pois,

[...] de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Porém, para que a língua se forme, desenvolva-se e estabeleça-se, é necessário que a fala, manifestação concreta da língua, seja utilizada pelos indivíduos, embora Saussure destaque que essa evolução não depende de indivíduos isolados (da fala), mas sim da coletividade (da língua). Ademais, “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões

recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos”³² porque nela “se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso”³³, mas é por meio da língua que o homem se identifica como um ser social e pela sua interação social constrói seu conhecimento, valores e identidade cultural, ou seja, a língua é um sistema organizado de signos comuns a um povo ou grupo e constitui o seu instrumento de comunicação que serve para a interação social. A respeito dessa concepção de língua, como instrumento de comunicação, Scherre (2005, p.10) enfatiza que

As línguas humanas são, sem dúvida, excelentes instrumento de comunicação, embora mal-entendidos entre os seres humanos sejam comuns, mesmo quando há domínio de uma mesma língua, de uma mesma verdade. As línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função da língua.

Embora Saussure concebesse a linguagem, multiforme e heteróclita e que esta atendia à necessidade de comunicação dos indivíduos, a relação entre língua e sociedade foi por ele rejeitada em suas discussões, cujo projeto, segundo Calvet (1975, p. 51),

[...] associado à problemática estrutural, é singularmente limitativo, ocultando simplesmente o importante fato de que uma língua é falada por pessoas, no seio de uma sociedade que é atravessada por conflitos sociais, tensões, lutas, que é herdeira de uma história e cheia de reviravoltas...

Para Câmara Jr. (1975), provavelmente os primeiros estudos sobre a linguagem originaram-se com as demarcações entre as diferentes classes sociais, e em uma sociedade desigual, cujos usos linguísticos dos grupos socialmente privilegiados eram impostos aos demais falantes.

Mas a língua configura-se pelos atos de fala do indivíduo, o que possibilita a atualização do sistema linguístico, sendo este constituído pela língua, pela comunidade humana e variável de acordo com a região, ambiente, classe social, época e outras dimensões. A noção de língua estática e uniforme abrange-a apenas quando vista como abstração. Porém essa noção não se sustenta quando vista como um sistema concreto, pois a sua realização ocorre de modo variado, fruto da diversificação dos seus usuários. A esse respeito, Ferreira e Cardoso (1994, p. 11) afirmam que

[...] não existe uma língua unificada, porque não existe um monobloco linguístico, é que se costuma associar ao conceito de língua a ideia de abstração. Diz-se, portanto, com muita procedência, que a língua entendida como um sistema é uma abstração,

³² SAUSSURE, 2012, p. 51.

³³ id., p. 141.

uma vez que, como substância, concretizada nos atos de fala, ela já aparece diversificada.

Assim, atualmente, os estudos linguísticos enfatizam a língua como realização concreta, heterogênea e multifacetada, voltando-se ao estudo da fala enquanto realização individual da língua pelos falantes. Tal fato ocorre, segundo Nogueira e Isquierdo (2013, p. 231-2) porque uma

Nova ordem social, política, cultural, econômica e linguística instaura-se na modernidade, quando a globalização, resultante da informatização do mundo, configura-se como ameaça às diferenças, às minorias étnicas e socioculturais, aos saberes locais e regionais, criando nova consciência e respeito da valorização das diferentes identidades linguísticas, cujos saberes tradicionais e experiências precisam ser conhecidos e resgatados.

Estudos dessa ordem oferecem informações e possibilitam reflexões sobre a singularidade e pluralidade da língua, além de possibilitar o conhecimento da identidade cultural de seus falantes em diferentes épocas e contextos.

Fiorin (2009, p. 150) ressalta que a língua é “produto do meio social e, uma vez constituída, tem um papel ativo no processo de conhecimento e no comportamento do homem” e a língua, uma vez constituída, influencia o conhecimento, determinando o modo de apreender a realidade por meio de suas categorias, pois, ao aprender a pensar e falar, o indivíduo apropria-se dos saberes de gerações passadas acumulados na língua tornando-se capaz de usar os recursos oferecidos pela língua para compreender e se fazer compreendido, inserindo-se no mundo como sujeito, com seus modos de identidade, com sua cultura, sua visão de mundo.

Porém, a língua, abstrata e sistêmica, só se realiza como atividade linguística nas várias ocorrências da vida do falante, ou seja, a sua atualização só ocorre em um momento concreto, por um determinado indivíduo, sendo, pois, manifestada na fala que, segundo Terra (2008, p. 84) “é responsável pela diversidade da língua: cada falante acaba utilizando-a de maneira peculiar, de modo que a forma utilizada por um falante individualmente é diferente da utilizada pelos demais”, não bastando apenas a articulação de sons, é preciso que o falante conheça as estruturas linguísticas, para, por meio delas, entender e se fazer entender no processo comunicativo utilizado em uma comunidade linguística, onde, conforme Alkimin (2004, p. 32-3) constata-se imediatamente

[...] a existência de diversidade linguística ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar.

[...] Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.

Entende-se por variação linguística o uso sistemático e coerente de diferentes formas de falar que apresenta em uma determinada comunidade linguística ou de fala, não comprometendo o funcionamento do sistema nem o processo de comunicação entre os falantes.

Os processos de variação e mudança pelo qual passa a língua resultam de fatores históricos, regionais, sociais ou contextuais, originando variantes e a variedades linguísticas. As variantes são as formas semanticamente equivalentes em variação, como ressalta Tarallo (1986, p. 08), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”, cujos motivos dessas variações linguísticas podem ser explicados levando-se em conta o usuário e o uso que ele faz da língua, conforme esclarece Pretti (1994, pp. 26-30) ao afirmar que

[...] os fatores ligados ao falante, que determinam/influenciam a fala do indivíduo, são: idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na comunidade. Já os fatores pertinentes à situação de comunicação são, principalmente: ambiente, tema, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os interactantes.

Assim, nessa perspectiva de concepção da língua em uso, fica evidente que a variação situa-se em dois grupos básicos, como aponta Leite (2005, p. 187, grifos da autora.) em que “o usuário, com sua configuração sociogeográfica, que dá origem ao que se denomina *dialeto*, e o uso, com todas as nuances de variação de situação ao que se denominam *registro* ou níveis de linguagem, formal ou informal”.

A) variantes segundo os falantes:

Diacrônica (ou histórica): refere-se às transformações por que passa a língua no tempo, considerando fatores intralinguísticos ou estruturais e fatores extralinguísticos ou sócio-históricos, evidenciando-se palavras, expressões ou construções que deixaram de ser usadas, pois

Uma variedade divulgada por um grupo social, em determinada época, pode ser abandonada no transcorrer do tempo, permanecendo somente nos registros escritos, tornando-se, dessa forma, esquecida (arcaica) e sem uso, originando uma nova palavra, marcada pelo momento histórico e pelos grupos sociais de prestígio, juntando-se à língua como uma variedade aceita e reconhecida. (PEZATT; BARONAS; SILVESTRE (2013, p. 263)

Nesse sentido, Camacho (1988, p. 31) ressalta que o reconhecimento da variação histórica está condicionado

à observação de pelo menos dois estados sucessivos de uma língua. Sob essa consideração, é ocioso dizer que duas variantes diacrônicas, a substituta e a substituída, a rigor não coexistem num mesmo plano temporal. O conhecimento de variantes históricas e seu reconhecimento pelos membros de sua comunidade, como pertencentes à língua que falam, decorre em maior escala da modalidade escrita, que faz preservar o passado de um instrumento de comunicação.

E releva que o processo de mudança linguística não ocorre de forma simples, pois quando uma variante encontra-se em processo de adoção pela norma da comunidade trata-se tão somente de uma das várias variantes circunscritas ao uso de um número restrito de falantes. Assim, ao se difundir e ser adotada por um grupo de expressividade social, que nela reconhece um fator de prestígio contrastando com a forma em desuso, que fica confinada ao uso de gerações mais velhas. Enfim, a forma é eleita como variante normal da fala da comunidade com a eliminação total da forma substituída, fixando-se a forma substituída em virtude da modalidade escrita.

Diatópica (ou geográfica, ou espacial ou regional): refere-se às diferenças observadas quando se compara o uso linguístico em diversas regiões do país ou entre as formas usadas em países diferentes que fazem uso de uma língua comum, podendo ocorrer pelo uso de palavras diferentes para o mesmo conceito, de dialetos, sotaques e falares locais, conforme esclarecem Mussalin e Bentes (2006, p. 34), que esse tipo de variação

[...] está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Assim, considerando-se as diferentes variedades linguísticas de uma mesma comunidade, Preti (1977, p. 16, grifos do autor) afirma que as variedades diatópicas

conduzem a uma oposição fundamental: *linguagem urbana/linguagem rural*. A primeira cada vez mais próxima da linguagem padrão da comunidade, pela ação decisiva que recebe dos fatores culturais (escola, meios de comunicação de massa, literatura), [...] A segunda mais conservadora e isolada, extinguindo-se gradualmente com a chegada da civilização.

Diastrática (ou sociocultural): refere-se às diferenças linguísticas observadas em diferentes estratos que têm entre si características sociais e culturais distintas. Essa variação, segundo Alkmin (2004, p.35) relaciona-se “a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”, como idade, profissão, sexo, grau de instrução, grupo social, nível econômico. Assim, o uso linguístico nessa variação pode ser manifestada por diversas variedades linguísticas, das quais destacamos: o socioleto e o tecnoleto.

O socioleto ou dialeto social é uso de formas linguísticas relacionadas à posição social: classe socioeconômica, nível cultural, profissão, etc. Monteiro (2002) afirma que a partir do uso da linguagem, independentemente, da sua aparência, sua classe social é revelada.

O tecnolecto ou jargão é o uso de formas linguísticas específicas relacionadas à profissão ou a uma especialização, cujos traços mais marcantes dizem respeito ao léxico para expressar a tecnologia ou agir de uma ciência, arte, esporte, área técnica e ou tecnológica: *chulear*, *alinhavo*, na costura³⁴; *tapetão*, *bicanca*, *gaveteiro* e *trivela*, no futebol³⁵; *aceiro*, *cespitosa*, *brinqueto*, na agricultura³⁶.

B. Variação segundo o uso:

Diafásica (ou situacional): um mesmo indivíduo, independentemente de sua origem social, usa a língua de forma diferente conforme a situação de comunicação (contexto de comunicação, idade do falante, profissão, sexo, grau de instrução grupo social, nível econômico...)

Há dois tipos de situações comunicativas:

a) Formal: situação comunicativa que requer formalidade e um uso cuidadoso da língua; são utilizados os registros padrão e culto.

O registro padrão se caracteriza por seguir a norma, que se encarrega de estabelecer as regras do uso correto da língua. Esta variedade serve de modelo para o resto porque se aproxima mais do ideal da língua.

O registro culto se caracteriza pela pronúncia e ortografia corretas, apresentando uma riqueza léxica, uma sintaxe ordenada e sem erros, além do uso de cultismos ou recursos retóricos.

b) Informal: situação comunicativa em que se permite um uso menos elaborado da língua, mais familiar; são utilizados os registros coloquial e vulgar.

O registro coloquial caracteriza-se pela pronúncia relaxada, uso de expressividade por meio de exclamações, interjeições, fórmulas de tratamento de confiança, uso de

³⁴ **Chulear** v. Pontear ou coser a ponto ligeiro a orla de um pano, para que não se desfie. (D.S.T. - Dicionário Santana Têxtil-, 2011); **Alinhavo** s.m. Tipo de costura feita a mão, através da qual se unem temporariamente as diversas peças entre si. (D.S.T., 2011). ■ O alinhavo tem também a finalidade de passar as marcações do molde para o tecido, na alta costura ou costura caseira. In: CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **Glossário de terminologias do vestuário**. Brasília: Editora IFB, 2013.

³⁵ **Tapetão** – vitória obtida na justiça desportiva ou comum, quando há resultados de partidas confirmados, anulados ou alterados; **Bicanca** – chute dado com o bico do pé; **Gaveteiro** – juiz ou jogador que aceita suborno. **Trivela** – chute com efeito dado com a parte da frente externa do pé. In: GASPARG, Lúcia. Futebol brasileiro, gíria e frases feitas. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em 10 mai. 2018.

³⁶ **Aceiro** - faixa sem vegetação que divide um povoamento florestal ou uma lavoura, de modo a evitar a propagação de incêndios ou pragas. (p. 11); **Brinqueto** - pequena viga colocada verticalmente sobre o aparelho usado nas casas de farinha para espremer a massa da mandioca (arrocho) para transmitir à prancha com que se cobre a massa (maseira), e que recebe a pressão da vara. (p. 53); **Cespitosa** - diz da planta que cresce formando tufo ou touceira. (p. 70); **Covacho** – pequena cova realizada para a plantação de espécies de pequeno porte de desenvolvimento. (p. 89). In: Ormond, José Geraldo Pacheco. Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006.

hipocorísticos, bordões e palavras muito gerais, frases feitas, encurtamentos lexicais, orações ordenadas de maneira subjetiva ou inacabadas.

O registro vulgar caracteriza-se pelo desvio da norma. Apresenta pobreza lexical: uso incorreto de palavras, de preposições, de provérbio, além do uso incorreto da gramática com orações curtas e sem terminar; as mensagens são desorganizadas, sem ordem lógica.

O fenômeno da variação manifesta-se em todos os níveis de análise linguística: no fonético-fonológico, no morfológico, no sintático, no lexical, embora seja mais perceptível nos níveis fonético-fonológico e lexical.

2.2.1 A variação fonética

Com relação à alteração fonológica, encontramos na língua os processos de supressão, inserção, e alteração de segmentos:

Processos por supressão:

Síncope: supressão de fonema(s) no interior da palavra: teço (terço), problema (problema), cosca (cócega).

Esse fenômeno é observado muito frequentemente no português porque há uma tendência de se igualarem as proparoxítonas às paroxítonas: musga (música), relampo (relâmpago), cózca (cócega), lampa (lâmpada), evidenciando ser este um fenômeno regular no português.

Aférese: Supressão de um fonema no início da palavra: panhá (apanhar), costumado (acostumar), ocê (você), brigado (obrigado)

Apócope - Supressão de um ou vários fonemas em final de palavras: corrê (correr), qualqué (qualquer), flô (flor), melhó (melhor). Há casos em que algumas palavras compostas perdem o segundo radical de sua formação, como por exemplos, foto (fotografia), pneu (pneumático), et., cujas alterações foram absorvidas pela língua e aceitas, conseqüentemente, pela norma-padrão.

Ainda, com relação à apócope, observamos que a preposição **por** apresenta pouca probabilidade de ser suprimida. Esse fato deve-se, talvez, por formar expressões do tipo “por nada”, “por favor”, “por isso”³⁷, que sofreram um processo de formação de compostos e se transformaram em algo semelhante a uma lexia, interpretadas pelos falantes como uma única palavra.

³⁷ Na expressão “por isso”, a preposição “por” não sofre a perda do fonema /R/. No entanto, este fonema sofre uma alteração e passa a ser produzido como uma alveolar.

Monotongação: transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: pouco = /^lpowko/ < ['poku], cenora = /se^lnowrə/ < [sẽ^lnorə], faixa = /^lfajfə/ < ['faʃə], peixe = /^lpejfe/ < ['peʃi]

Aragão (2014, p. 113) mostra que

[...] a monotongação é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, no dizer de Xavier e Mateus, também tem sido estudada dos mais diferentes pontos de vista, ora como uma variação fonética, de facilidade de articulação, ora como uma marca sociolinguística e dialetal. (2014, p. 2093)

E reforça que esse fenômeno é estudado como uma variação fonética ao trazer à cena Câmara Jr., que afirma o caráter puramente fonético do fenômeno, uma vez que para este autor, a monotongação é uma

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiente (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha. (Câmara Jr., 1977 *apud* ARAGÃO, op. cit., p. 2093)

Essa afirmação foi confirmada por Aragão (op. cit., p. 120) ao analisar o resultado de um estudo sobre o fenômeno da monotongação nas capitais brasileiras, utilizando o corpus do ALiB, ao atestar que “o fenômeno da ditongação e da monotongação no falar de Fortaleza não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente linguístico: fonético por excelência”.

Processos por inserção:

Prótese: acréscimo de um fonema no início da palavra: avoar (voar), alembrar (lembrar).

Epêntese vocálica – é o acréscimo de uma vogal entre consoantes, não representada na escrita formal: pineu (pneu), adijetivo (adjetivo).

Para Matheus (1989, p.6), “em muitos dialetos do Português brasileiro encontra-se uma vogal epentética (normalmente [i] entre consoantes que não pertencem à mesma sílaba, passando então a constituir duas sílabas)”, que, segundo Cagliari (2000), a inserção desse segmento vocálico ocorre para corrigir a estrutura silábica mal formada, fazendo com que certas consoantes que ocupavam a posição de *coda* passem para a posição de *onset*, criando um núcleo vocálico em uma sílaba que não o tem ou formando ditongos.

Paragoge (ou epítese) - acréscimo de um fonema no final da palavra. Como exemplo, tem-se palavra arcaica portuguesa “ante”, na qual foi acrescentado o fonema /S/, originando-se a atual palavra “antes”. Como exemplos de variação social, tem-se a forma verbal da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo que não apresenta desinência número-pessoal, mas recebe-a em algumas realizações, como em “tu fizestes”, ao invés de “tu fizeste”.

Processos por Alteração

Vocalização: ocorre a transformação de consoante (lateral) em vogal, ocorrendo sempre em posição final de sílaba com características articulatorias da semi-vogal [w]: [bra'ziw] (=Brasil), [m'ew] (=mel), [paʃ'tew] (=pastel) etc.;

Desnasalização (de vogais postônicas): ocorre a transformação de um fonema nasal em oral. Observa-se que esse fenômeno ocorre em palavras que apresentam um ditongo nasal em sua estrutura, como *homi* (homem), *bagagi* (bagagem), *onti* (ontem), *viage* (viagem) etc.;

Palatalização: transformação de um ou mais fonemas em um fonema palatal.

As fricativas alveolares /s/ e /z/ realizam-se como fricativas alveopalatais /ʃ/ e /ʒ/ quando ocorrem em posição de coda: [kaʃka] (casca), [deʒdɪ] (desde). Vale ressaltar que na fala do Nordeste (sertão) essa realização só ocorre quando os segmentos /s/ e /z/ em coda precedem as oclusivas alveolares /t/ e /d/.

As oclusivas alveolares /t/ e /d/ realizam-se como africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] quando precedem a vogal alta anterior [i] e suas variantes [I,ĩ], como em [tʃia] (tia), [dʒia] (dia), [dʒIza'foru] (desaforo), [tʃĩtu] (tinto).

Em palavras em que ocorrem os fonemas lateral alveolar [l] e o nasal alveolar /n/ apresentando a estrutura silábica CVV (como em “família”, “demônio”), as estruturas LI e NI tendem a realizar-se como lateral palatal [ʎ] e nasal palatal [ɲ], ocorrendo assim as variantes [fa'miʎa] e [de'mõɲu].

Assimilação: ocorre a aproximação total ou parcial de fonemas devido à influência de um sobre o outro: (a) do /d/ pelo /n/ (com queda do /d/), como em cantano (cantando), correno (correndo), sorrino (sorrindo); (b) do /t/ pelo /s/: tu fosse (tu foste) etc.; (c) a presença do fonema vocálico anterior alto /i/ em posição tônica provoca a realização do

fonema vocálico anterior médio-alto /e/ e do fonema vocálico posterior médio-alto /o/ como os alofones [i] e [u], respectivamente, como em [pɪ'riɣu] (perigo) e [pɔ'lisja] (polícia).

Processo por transposição

Metátese: ocorre quando um fonema muda de lugar dentro da palavra: parteleira (prateleira), frever (ferver), perguntar (perguntar), drumir (dormir), fromiga (formiga), trumenta (tormenta), estrupar (estuprar)

Hipértese: ocorre quando um fonema muda de uma sílaba para outra: falcudade (faculdade), cardeneta (caderneta), sastifeito (satisfeito).

Segundo Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 179-180)

Estudos sobre a metátese são muito escassos, principalmente quando se trata de sua ocorrência no PB. A sua aparente irregularidade e assistemática, talvez, tenham contribuído para o pouco interesse demonstrado por estudiosos que se dedicam à análise de certos processos fonológicos, a exemplo da assimilação, dissimilação, apagamento etc., considerados mais comuns.

E acrescentam que não consideram aleatório o uso da metátese, tendo em vista que esse fenômeno decorre da conjugação entre fatores estruturais (havendo claras restrições que condicionam sua ocorrência, como, por exemplo, a direcionalidade, o domínio prosódico e o contexto segmental) e fatores sociais (estes demonstrando que o uso de metátese limita-se apenas às variedades não padrão do Português Brasileiro, não se firmando, portanto, como um processo lexical nessa língua).

Processos por substituição

Rotacismo - fenômeno que consiste na troca da consoante lateral alveolar /l/ pela consoante vibrante alveolar /r/ em sílabas do tipo CCV em posição de *onset*, como em cabocro (caboclo), craro (claro), brusa (blusa), probrema (problema), sendo esta troca, segundo Amaral (1955, p. 52) “um dos *vícios* de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contacto com o povo rude.”; ou pela consoante fricativa velar em final de sílaba, como ocorre em sortero (solteiro), carça (calça), sordado (soldado).

Despalatalização - consiste na substituição dos fonemas lateral alveopalatal /ʎ/ e nasal alveopalatal /ɲ/ pelos alofones lateral alveolar [l] e nasal alveolar [n], como em [mu'le] (mulher), [kõpãnia (companhia).

Iotização – consiste na transformação de um fonema em iode. É muito característico no linguajar caipira a ocorrência de [muj'ɛ], [kuj'ɛ] e [kã'gaja] por mulher, colher e gangalha, respectivamente.

Para alguns estudiosos, o fator que condiciona a ocorrência deste fenômeno diz respeito à aproximação entre os pontos de articulação da palatal /λ/ e da semivogal /y/, ocorrendo que em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação, o traço palatal passa a ser articulado como alveolar ou como iode.

2.2.2 A variação lexical

Para Saussure (2012, p. 46), a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”, cuja assimilação ocorre pelos grupos sociais, não podendo ser criada ou modificada individualmente por um sujeito, visto que [a língua] “é um fato social é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (op. cit, p. 46), existindo

na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários (SAUSSURE, op. cit, p. 51).

Saussure considera a língua apenas um sistema de valores puros, partindo, pois, da análise de dois aspectos básicos, as ideias e os sons, e rejeita qualquer possibilidade de a língua ser vista como descrição do mundo, mesmo enfocando-a, em sua teoria, como um fato social, produto da coletividade, e estabelecendo os valores desse sistema por meio do acordo social sobre o qual o indivíduo não tem nenhum poder de modificação, mas que todos os membros da comunidade devem conhecê-la, conservando um grande número dos signos utilizados, de modo que constituam cada signo pelo mesmo significado e significante, o que lhes garante a possibilidade de interação social por meio da língua, que, segundo ele, é “o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. (SAUSSURE, 2012, p. 117).

Na realidade, a teoria desenvolvida por Ferdinand de Saussure não necessita levar em consideração o falante historicamente situado por este não ter consciência da língua, que lhe escapa à vontade. Em seu estudo, o mestre genebrino concebe que toda língua apresenta

uma estrutura composta de signos que se organizam a partir de três níveis hierárquicos: o fonológico, o morfológico e o sintático, cujas unidades definem-se em função da posição ocupada na estrutura, conforme os elementos precedentes e seguintes na construção. No entanto, segundo Duranti (2000, p.104), para a análise da língua como fenômeno social e conceitual, uma vez produto e instrumento de cultura, ela

[...] é mais do que um conjunto de categorias fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais e uma série de regras para seu uso. Uma língua existe no contexto de práticas culturais que, por sua vez, repousam sobre alguns recursos semióticos, como as representações e expectativas que proporcionam os corpos e movimentos dos participantes no espaço, o ambiente construído em que interagem, e as relações dinâmicas que se estabelecem por meio de recorrência na atividade conjunta que realizam.³⁸

E acrescenta que

Adquirir uma língua significa fazer parte de uma comunidade de pessoas que participam de atividades comuns através do uso, mas nunca completo, de uma ampla variedade de recursos comunicativos compartilhados. Nesse sentido, adquirir uma língua significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, repleta de histórias, alusões, opiniões, receitas e outras coisas que nos tornam humanos. Não adquirir uma língua, ou ter apenas um conjunto muito limitado de seus recursos, significa ser privado desse acesso.³⁹ (DURANT, op. cit., p. 447-448)

A língua constitui-se, pois, um construto sócio-histórico e coletivo existente na memória dos indivíduos de uma comunidade, tendo como função precípua tornar usual e compreensível o que se apresenta no dia a dia desses indivíduos, e seu uso significa estar ciente do mundo que os cerca, que tal qual a língua nunca permanece estanque, visto que está sempre a passar por alterações em todos os níveis, adaptando-se à sociedade, à situação de uso e à cultura.

Assim, fundamentando-se no princípio de que a língua se particulariza como parte da cultura de uma sociedade, é por meio do sistema linguístico, notadamente de seu léxico, que os indivíduos tanto se manifestam como manifestam seus valores, construindo a sua história. Por conseguinte, para se compreender a importância do léxico é preciso reconhecer a pertinência do tripé: léxico, cultura e sociedade, posto que

³⁸ [Una lengua] es más que un conjunto de categorías fonológicas, morfológicas, sintácticas o léxicas y una serie de reglas para su uso. Una lengua existe en el contexto de prácticas culturales que, a su vez, descansan en algunos recursos semióticos, como las representaciones y expectativas que proporcionan los cuerpos y movimientos de los participantes en el espacio, el entorno construido en el que interactúan, y las relaciones dinámicas que se establecen por medio de la recurrencia en la actividad conjunta que realizan.

³⁹ Adquirir un lenguaje significa formar parte de una comunidad de personas que participan en actividades comunes a través del uso, si bien nunca completo, de una gran variedad de recursos comunicativos compartidos. En este sentido, adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, por tanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos. No adquirir un lenguaje, o tener únicamente un conjunto muy limitado de sus recursos, significa verse privado de ese acceso.”

Se quisermos compreender o papel da linguagem na vida das pessoas, devemos ir além do estudo de sua gramática e aventurar-nos no mundo da ação social, onde as palavras são incorporadas e constitutivas de atividades culturais específicas, como contar uma história, pedir um favor, cumprimentando, mostrando respeito, orando, dando direções, lendo, insultando, elogiando, argumentando no tribunal, fazendo um brinde, ou explicando uma agenda política.⁴⁰ (DURANTI, 2001, p. 1)

Para Duranti (2000), é por meio da comunicação linguística que a cultura é aprendida e transmitida de geração em geração, não se ligando, pois, a traços genéticos, mas estando sujeita a influências do ambiente em que vive o indivíduo, e ressalta que

Se a cultura é aprendida, então uma grande parte dela pode ser pensada em termos de conhecimento do mundo. Isso não significa apenas que os membros de uma cultura devem conhecer certos fatos ou ser capazes de reconhecer objetos, lugares e pessoas. Também significa que eles devem compartilhar certos modelos de pensamentos, modos de entender o mundo, de fazer inferências e predições⁴¹ (DURANTI, 2000, p. 52).

É importante mencionar que a oposição natureza *versus* cultura foi introduzida na antropologia americana por Franz Boas, antropólogo de origem alemã, que havia recebido influência da filosofia de Immanuel Kant e de outros filósofos idealistas do século XIX. Boas, ao publicar em 1911 a obra “The mind of primitive man”, seu trabalho mais influente, argumentou que não há relação entre os aspectos biológicos com o desenvolvimento cultural humano: “Eu acho que todas as investigações que foram feitas até o presente momento nos obrigam a assumir que as características do sistema ósseo, muscular, visceral ou circulatório, praticamente não têm relação direta com a capacidade mental do homem”⁴² (BOAS, 1911, p. 24) e expôs sua proposta central:

Descobrimos que a suposição não comprovada de identidade da realização cultural e da capacidade mental se baseia em um erro de julgamento; que as variações no desenvolvimento cultural podem também ser explicadas por uma consideração do curso geral de eventos históricos sem recurso à teoria das diferenças materiais da faculdade mental em raças diferentes. Descobrimos, além disso, que um erro semelhante está subjacente à suposição comum de que a raça branca representa fisicamente o mais alto tipo de homem, mas que a consideração anatômica e fisiológica não suporta esses pontos de vista.⁴³

⁴⁰ If we want to understand the role of language in people's lives, we must go beyond the study of their grammar and venture into the world of social action, where words are embedded and constitutive of specific cultural activities such as telling a story, asking for a favor, greeting, showing respect, praying, giving directions, reading, insulting, praising, arguing in court, making a toast, or explaining a political agenda.

⁴¹ Si la cultura se aprende, entonces una gran parte de ella puede pensarse en términos de conocimiento del mundo. Esto no significa solamente que los miembros de una cultura deban saber ciertos hechos o ser capaces de reconocer objetos, lugares y personas. También significa que deben compartir ciertos modelos de pensamientos, modos de entender el mundo, de hacer inferencias y predicciones.

⁴² I think all the investigations that have made up to the present time compel us to assume that the characteristics of the osseous, muscular, visceral, or circulatory system, have practically no direct relation to the mental ability of man

⁴³ We have found that the unproved assumption of identity of cultural achievement and of mental ability is founded on an error of judgment; that the variations in cultural development can as well be explained by a consideration of the general course of historical events without recourse to the theory of material differences of mental faculty in different races. We have found, furthermore, that a similar error underlies the common

A respeito da interligação da cultura de um povo com a língua, Câmara Jr. (1972, p. 53) manifesta que “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga”, conforme salientou Sapir (1921, p. 39), que

longe de ser um todo isolado, a língua é uma parte importante de uma cultura; como tal, ela reflete em sua matéria, ou seja, essencialmente em seu vocabulário, muitos elementos metalinguísticos dessa cultura. [...] a língua é, como a cultura, composta por elementos de épocas muito diferentes: algumas formas se perdem no início dos tempos, outras nasceram de ontem, resultado de um desenvolvimento ou uma resposta dada a uma necessidade. Se, portanto, conseguirmos combinar a face móvel da língua com a face móvel da cultura, seremos capazes de determinar, com uma precisão que variará dependendo das circunstâncias, a ordem de aparecimento dos elementos culturais.⁴⁴

Desta feita, a língua funciona como instrumento para expressar cultura permitindo a comunicação entre os indivíduos, já que se faz presente na própria essência da atividade cultural. É por meio do léxico, entendido como instrumento do pensar, ver, codificar e decodificar o mundo, que o homem consegue apresentar sua história, categorizando e nomeando os seres que o rodeiam enquanto conhece e estrutura o universo de que faz e é parte integrante e determinante, gerando o léxico cujo processamento ocorre por meio de atos sucessivos de apreensão cognitiva da realidade e de categorização da aprendizagem anterior dos signos linguísticos. O léxico de uma língua constitui, pois, uma forma de registrar o conhecimento do universo, sendo, conforme Vilela (1994, p. 6),

[...] a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

De acordo com Câmara Jr. (1977, p. 16):

A língua é assim, antes de tudo, no seu esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural e estrutural [...].

assumption that the white race represents physically the highest type of man, but that anatomical and physiological consideration do not support these views.

⁴⁴ Loin d'être un ensemble isolé, la langue est une partie importante d'une culture; comme telle, elle réfléchit dans sa matière, c'est-à-dire essentiellement dans son vocabulaire, un grand nombre des éléments métalinguistiques de cette culture. [...] la langue est, comme la culture, composée d'éléments d'époques très différentes : certaines formes se perdent dans la nuit des temps, d'autres sont nées d'hier, aboutissement d'un développement ou réponse apportée à un besoin. Si donc nous réussissons à faire coïncider la face mobile de la langue avec la face mobile de la culture, nous pourrions déterminer, avec une précision qui variera selon les circonstances, l'ordre d'apparition des éléments culturels.

Neste sentido, o léxico atua como um repositório do saber linguístico existente somente na consciência dos indivíduos de uma coletividade com o qual os seus membros veem o mundo, e que, segundo OLIVEIRA e ISQUERDO (2001, p. 9),

[...] constitui-se como o acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes da uma comunidade, como também as transformações tecnológicas, transformações sócioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.

Assim, constituindo-se como um patrimônio histórico, social e cultural das sociedades e considerando a língua em dimensão social, que de acordo com Biderman (1981, p. 132), pode-se ver no léxico “o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural [...] transmitido de geração para geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias, ressaltando que

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua. (BIDERMAN, 1978, p.139).

E ao discorrer sobre acervo do saber vocabular de uma língua e da competência lexical do falante, ou seja, o conhecimento e capacidade do indivíduo utilizar o vocabulário de sua língua, Biderman (2001, p. 15) ressalta que

[...] qualquer indivíduo adulto, membro de uma sociedade, possui armazenado no cérebro o seu acervo linguístico pessoal que constitui parte do acervo linguístico da sua comunidade. No ato linguístico, ele se serve dessas virtualidades, gerando material de fala e de língua, que se acumulará ao longo da sua vida de membro de um grupo societário.

No entanto, entende-se que quaisquer alterações nas unidades desse acervo, seja, na maioria das vezes, reflexo de alterações culturais, dado que existe uma próxima concomitância no desenvolvimento dos sistemas culturais e dos sistemas lingüísticos, como salienta Barbosa (1981, p. 120) a respeito do léxico,

[...] cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura - no sentido antropológico -, sua civilização.

Nesse contexto, é necessário considerar que o processo de ampliação lexical de uma língua pode decorrer da necessidade que têm os usuários de nomear novos referentes, conforme destaca Biderman (1978, p.139), que

[...] são os usuários da língua - os falantes - aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a semântica da sua língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras.

Nessa perspectiva, Biderman (1978, p. 158) afirma que o léxico, por ser “um sistema aberto e em expansão”, constituído de um número variável e incontável de componentes, configurando-se como um dos lados sociais da linguagem,

[...] se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico, podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, op. cit., p. 158)

A esse respeito, Mario Vilela (1994, p. 12-14) afirma que

[...] o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar lingüisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas.

Sobre a expansão e alteração do vocabulário, Vendryès (1921, p. 225-226) já sinalizava que

[...] o vocabulário nunca é fixo porque depende das circunstâncias. Cada sujeito falante constitui seu vocabulário do início ao fim da vida por meio de uma série de empréstimos ao seu redor. Aumenta-se seu vocabulário, mas também reduz e transforma-o. É um vai-e-vem perpétuo de palavras que entram e que saem. Mas os recém-chegados nem sempre caçam os antigos; a mente acomoda-se pela existência de sinônimos e sobreposições, que geralmente se divide em empregos diferentes. [...] A vida favorece transformações de vocabulário, porque ela multiplica as causas que agem sobre as palavras. As relações sociais, as profissões, as diversas ferramentas contribuem para transformar o vocabulário, condenando as antigas palavras ou modificando seu significado, exigindo a criação de novas palavras.⁴⁵

Biderman (1996) esclarece que a herança cultural como aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social é perpetuada por meio da linguagem e que

⁴⁵ le vocabulaire n'est jamais fixé parce qu'il dépend des circonstances. Chaque sujet parlant se constitue son vocabulaire d'un bout à l'autre de sa vie par une série d'emprunts à son entourage. On augmente son vocabulaire, mais on le diminue aussi et on le transforme. C'est un va-et-vient perpétuel de mots qui entrent et qui sortent. Mais les nouveaux venus ne chassent pas toujours les anciens ; l'esprit s'accommode de l'existence de synonymes et de doublets, qu'il répartit généralement dans des emplois différents. [...] La vie favorise les transformations du vocabulaire, parce qu'elle multiplie les causes qui agissent sur les mots. Les relations sociales, les métiers, les divers outillages contribuent à transformer le vocabulaire, condamnent les vieux mots ou en modifient le sens, réclament la création de mots nouveaux.

[...] a língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura. E o *léxico* da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre. De um lado, ele pode ser transmitido verbalmente pela interação humana e social no processo da educação informal e formal, via aprendizagem. E, de outro, ele pode ser armazenado em forma codificada de engramas na memória do indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando delas precisar para se expressar ou para se comunicar. (BIDERMAN, op. cit., p. 44)

É o léxico a parte mais visível da língua, varia segundo o espaço geográfico, o tempo, a sociedade e a cultura, e sua variação está intimamente relacionada ao sentido atribuído aos elementos constituintes do mundo que rodeia cada membro de uma comunidade linguística, pois, conforme destaca Victor Hugo (1942, p. 23),

Uma língua não se fixa nunca. O espírito humano está sempre em marcha, ou melhor, em movimento, e a língua com ele. As coisas são assim. Quando o corpo muda, porque não mudaria o traje? O francês do século XIX não pode mais ser o francês do século XVIII, nem o francês do século XVII, nem o francês do século XVII é o do século XVI. A linguagem de Montaigne não é mais a de Rabelais, a linguagem de Pascal não é mais a de Montaigne, a língua de Montesquieu não é mais a de Pascal. Cada uma dessas quatro línguas, tomadas em si, é admirável, porque é original. Toda época tem suas ideias próprias, é preciso que ela tenha também palavras próprias para essas ideias. As línguas são como o mar, oscilam continuamente. Em alguns momentos, elas deixam uma costa do mundo do pensamento e invadem outra. Assim, tudo o que sua onda abandona, seca e desaparece do chão. É assim que as ideias se extinguem, que as palavras desaparecem. Tais são os idiomas humanos como todo o resto. Todo século traz-lhes e tira-lhes alguma coisa. Que se pode fazer? Isso é fatal. É, portanto, em vão que se quisesse petrificar instável fisionomia do nosso idioma sob uma determinada forma. É em vão que nossos Josués literários ordenem que a língua pare; nem as línguas e nem o sol nunca param. No dia quando se fixarem, ela morrem. – É por isso que o francês de alguma escola contemporânea é uma língua morta.⁴⁶

Conforme o explicitado, Preti (1989) postula que na contínua renovação da língua, a condição dinâmica da língua é o léxico que melhor exprime a diversidade material, ideológica e a mobilidade das estruturas sociais, através do aparecimento de novos itens ou através da atribuição de novos significados aos já existentes. A esse respeito, vale ressaltar que no interior de uma comunidade existem diferenças culturais, visto que as classes mais privilegiadas dispõem de um determinado patrimônio cultural constituído de normas de falar e

⁴⁶ Une langue ne se fixe pas. L'esprit humain est toujours en marche, ou, si l'on veut, en mouvement, et les langues avec lui. Les choses sont ainsi. Quand le corps change, comment l'habit ne changerait-il pas ? Le français du dix-neuvième siècle ne peut pas plus être le français du dix-huitième, que celui-ci n'est le français du dix-septième, que le français du dix-septième n'est celui du seizième. La langue de Montaigne n'est plus celle de Rabelais, la langue de Pascal n'est plus celle de Montaigne, la langue de Montesquieu n'est plus celle de Pascal. Chacune de ces quatre langues, prise en soi, est admirable, parce qu'elle est originale. Toute époque a ses idées propres, il faut qu'elle ait aussi les mots propres à ces idées. Les langues sont comme la mer, elles oscillent sans cesse. À certains temps, elles quittent un rivage du monde de la pensée et en envahissent un autre. Tout ce que leur flot déserte ainsi sèche et s'efface du sol. C'est de cette façon que des idées s'éteignent, que des mots s'en vont. Il en est des idiomes humains comme de tout. Chaque siècle y apporte et en emporte quelque chose. Qu'y faire ? cela est fatal. C'est donc en vain que l'on voudrait pétrifier la mobile physionomie de notre idiome sous une forme donnée. C'est en vain que nos Josués littéraires crient à la langue de s'arrêter ; les langues ni le soleil ne s'arrêtent plus. Le jour où elles se fixent, c'est qu'elles meurent. – Voilà pourquoi le français de certaine école contemporaine est une langue morte.

de escrever, forma de conduta, de valores, ao passo que as menos ou não privilegiadas dispõem igualmente de outras características culturais que lhes têm permitido sua manutenção enquanto classes.

A respeito das variações lexicais, Aragão (1999, p. 18) destaca que estas “podem ser e geralmente são consideradas, ora como puramente geográficas, dialetais ou diatópicas, como sociais ou diastráticas, ou ainda dependentes do estilo, estilísticas ou diafásicas”

No entanto, esse saber lexical depende de um conjunto de fatores que, articulados entre si, determinam a amplitude e diversidade lexical dos falantes de uma mesma língua, são eles: o meio socioeconômico de origem, o nível de escolarização, o meio em que se insere, a atividade profissional que desempenha, os seus gostos e preferências, a idade e o sexo.

Além desses fatores, outros inúmeros articulados entre si determinam a amplitude e diversidade do conhecimento lexical dos falantes de uma mesma língua. Assim, quando os falantes são inseridos em ricos contextos, maior será a probabilidade de desenvolver o conhecimento lexical, quanto mais capital lexical o falante possuir, melhor será o seu desempenho em suas práticas languageiras⁴⁷, uma vez que o uso de variantes lexicais reflete propósitos enunciativos dos falantes e revelam registros da constituição do léxico, sinônimo da cultura de um povo, como destacam Oliveira e Isquerdo (op. cit., p. 110), “o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade”, cujos indivíduos em seus discursos, conforme assinala Biderman (1978), são capazes de atuar na estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras, levando-se, pois, a afirmar que são esses indivíduos que geram a semântica da língua e que “o universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico” (Biderman, 1978, p. 139), embora seja “certo que cada indivíduo, membro da comunidade que fala essa língua, domina apenas uma parcela pequena do Léxico global”⁴⁸, visto que é o Léxico “o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo”⁴⁹.

⁴⁷ Segundo Charlot (2000, p. 130), práticas languageiras são o uso da linguagem não apenas enquanto sistema, mas sobretudo enquanto prática - que é também social, cultural e pessoal - em determinada situação. Charlot, Bernard. Práticas languageiras e fracasso escolar. In: Estilos da clínica. vol.5. Ano.9. São Paulo: 2000.

⁴⁸ BIDERMAN, 1978, p. 140.

⁴⁹ Id., p. 40.

3 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE

A Região do Cariri cearense, com extensão territorial⁵⁰ de 17.390,30 km², e uma população estimada⁵¹ em 1.014.610 habitantes, situa-se ao Sul do Estado do Ceará, limitando-se ao norte, com os municípios de Aiuaba, Saboeiro, Jucás, Cariús e Cedro; a oeste, com o Estado do Piauí; a leste, com os municípios de Umari, Baixio, Ipaumirim e o Estado da Paraíba; e ao sul, com o Estado de Pernambuco, cujo extremo é demarcado pela Chapada do Araripe⁵² que, como mostrou Alves (1945, p. 96)

[...] separa o Vale de Pernambuco, pela encosta meridional, tendo como porta aberta às comunicações interestaduais, no município de Jardim, a estrada se bifurca em dois ramos, uma que vai para o município de Salgueiro, através da pequena planície que se continua do sítio Bom Sucesso para diante. Outro que segue para o distrito de Macapá, fronteiro de Belmonte.

Segundo Figueiredo Filho (2010, p. 7, grifos do autor),

Há duas regiões nordestinas com a denominação de Cariri. Uma fica na Paraíba, em zona de natureza inteiramente diferente da do Ceará, e onde impera a caatinga braba, e outra, no sul do Ceará. A região cearense recebeu o nome de CARIRIS NOVOS, uma vez que foi conhecida e colonizada após sua homônima paraibana.

Ao falar das impressões sobre a região, os seus escritores e historiadores sempre apresentam um discurso enaltecendor, em que idealizam a natureza e a pujança dos seus habitantes, conforme a descreve Pinheiro (1979, p. 399)

Caracterizando-se o Cariri Novo pela situação geográfica fronteiriça – consoante a atual classificação global do I.B.G.E., com os Estados da Paraíba, Pernambuco e Piauí – a par de um solo humoso singularmente fértil, atraiu uma “corrente migratória ponderável e, na bagagem irrequieto adventício”, o temperamento agitado e aventureiro e turbulento que, durante longa fase, “nos lembra a vibrante imagem de Euclides da Cunha em relação ao Rio Grande: o longo diafragma por onde nos penetra, numa permanente endomose, o espírito febril da caudilhagem, obrigando-nos, por vezes, a colaborar também a pontações de lança, naquelas revoluções crônicas e naquele regime clássico de tropelias”... (1979. p. 399)

É importante ressaltar que, comumente, a noção de região vincula-se à localização e extensão, embora também seja vista como uma unidade administrativa sob o domínio hierárquico e controle do estado, tal como na origem da palavra latina “regione”, que, segundo Gomes (2000, p. 50), “nos tempos do Império Romano era a denominação utilizada

⁵⁰CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão. IPECE. *Perfil básico das regiões de planejamento: Cariri*. Fortaleza, CE, 2017. p. 6.

⁵¹ibid., p. 7.

⁵²A Chapada do Araripe, abrangendo os Estados de Ceará, Pernambuco e Piauí, é uma superfície tabuliforme, caracterizada por rochas sedimentares, cujo eixo se dispõe de leste a oeste com extensão aproximada de 170 a 180 km, com largura de aproximadamente 80 km, cujos níveis altímetros chegam a 900 metros, atingindo 1000 metros no município de Porteirias.

para designar áreas que, ainda que dispusessem de uma administração local, estavam subordinadas às regras gerais e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma”.No entanto, vista como um espaço geográfico, a região abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde, harmoniosamente, entrelaçam-se componentes humanos e da natureza, não se apresentando como algo fixo, mas representando o espaço sobre o qual se projetam valores sociais e culturais, além de sentimentos de pertença. Gomes (2003) ressalta ainda que no domínio do conhecimento do senso comum, a ideia de região, relacionada aos princípios de localização e de extensão,

[...] pode ser assim empregada como uma referência associada à localização e à limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial (...), como referência a um conjunto de área onde há o domínio de determinadas características que distingue aquela área das demais. (GOMES, 2003, p. 53)

No entanto, no Cariri cearense, o uso da palavra “região” para designar o espaço geográfico surgiu da afetividade ligada ao sentimento dos moradores de pertencerem a um dado lugar, conforme afirmação do historiador cratense Figueiredo Filho (1968, p. 463),

Não é o Cariri cearense uma região propriamente dita, como significação geográfica. É zona, ou sub-região, com características próprias, dentro do Ceará e da Região Nordeste. Há, no entanto, o hábito arraigado de receber tal designação, no linguajar do povo, da Imprensa, da Literatura e da Crônica Histórica, de tal forma, que criou força de Lei.

No entanto, em 20 de outubro de 2015, foi sancionada pelo Governo do Estado a Lei Complementar N°154, que define as 14 regiões de planejamento do Estado do Ceará, dentre as quais se destaca a criação da Região do Cariri, que até então seus municípios integravam a Região Centro-Sul.

Essa região, embora situada no Sertão Nordestino em pleno domínio da Caatinga, apresenta alguns aspectos naturais que a diferem das demais regiões. Isso decorre da abundância de água, do clima ameno e dos solos férteis, uma vez que toda a sua parte sul é ocupada pela Chapada do Araripe, cuja formação rochosa de Embasamento Pré-cambriano e rochas sedimentares e Cristalinas datadas do período Mesozóico, favorece com que as águas das chuvas sejam absorvidas no seu topo e retidas em seu subsolo, surgindo em sua encosta mais de 300 fontes de água cristalina, que segundo Alves (1945, p. 95),

[...] vê-se que o Vale do Cariri leva a sua influência aos municípios contornantes, sendo uma das regiões em que o grande número de riachos e rios, imprime á sua fisiografia uma característica distinta, pela abundancia da água que se apresenta na sua superfície e que desponta em fontes perenes, vindas dos lençóis superficiais e profundos, formadas pelas águas de infiltração da Serra do Araripe.

Essa característica hidrográfica entre o Crato e os demais municípios da região foi observada pelo médico, naturalista botânico brasileiro Francisco Freire Alemão que, em

viagem ao Ceará (1859-1860), evidencia a existência de uma diferença no próprio Cariri, não propagada por seus setores letrados, pois para aquele grupo, tudo o que não fosse “refrigério”, “fertilidade” ou ocorrência de “fontes d’água” parecia não fazer parte da região. Tal contraposição entre o Crato com o restante do espaço denominado de “sertão” foi assim destacado pelo pesquisador:

O caminho que do Juazeiro conduz ao Crato é de três léguas – [de] estrada plana, arenosa, tortuosa – e bordado de vigorosa vegetação; era uma estrada das vargens do Rio de Janeiro. Ao lado direito nos ficava uma vargem fresca, por onde passa um rio, e toda plantada de cana-de-açúcar, havendo à beira do caminho 13 engenhos, às vezes quase juntos. Quando chegamos ao alto dum morro sobranceiro à cidade, se nos ofereceu um bonito panorama, por diante fechava o quadro a serra do Araripe, que não é mais que uma vasta chapada rasa e igual, como a do Apodi, adiante da qual fica a bacia do Crato, toda vestida de vigorosa vegetação e formando contraste com o aspecto do sertão. No centro e por entre o verde das árvores aparecia a torre da Matriz. A estrada, descendo moderadamente, oferecia grupos de gente com trajas domingueiros que concorriam para a missa. (ALEMÃO, 2007, p. 234)

Portanto, os habitantes apresentavam o Cariri como um lugar agradável e de progresso, opondo-se à ideia de sertão associada ao atraso e miséria, dissociando-o dos problemas específicos da seca, como destaca Figueiredo Filho (apud Figueiredo Filho, 2010, p. 5) ao afirmar que

Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, o seu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão em seu sentido mais amplo, na acepção da zona do interior, afastada da faixa litorânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de zona da mata pernambucana, ou dos brejos na Paraíba.

Foram tais características tão diferentes das demais regiões do Estado que levaram o naturalista inglês George Gardner (1942) a descrever as suas impressões sobre essa região, afirmando ser

Impossível descrever as delicias que senti ao entrar nesta zona, comparativamente rica e risonha, depois de uma marcha de mais de trezentas milhas através de uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto. A tarde era das mais belas que me lembra ter visto, com o sol a sumir-se em grande esplendor por trás da serra de Araripe, longa cadeia de montanhas a cerca de uma legua para o oeste da Vila, com uma frescura ambiente que tirava aos seus raios o ardor que pouco antes do poente é tão opressivo ao viajante das terras baixas. A beleza da noite, a doçura revigorante da atmosfera, a variedade de aspectos da paisagem, tão diferente de quanto, havia pouco, houvera visto, tudo tendia a gerar uma exultação de espírito, que só conhece o amante da natureza, e que em vão eu desejava fosse duradoura, porque me sentia não só em harmonia comigo mesmo, mas “em paz com tudo em torno”. (GARDNER, op. cit., p. 150, grifos do autor)

O contraste de Crato com o restante da região sempre foi valorizado pela população que se considerava quase não fazendo do sertão, como evidencia Irineu Pinheiro (2009), ao referir-se à viagem de George Gardner pelo interior do Brasil, comentando a atitude dos moradores e o orgulho por seu lugar:

Tanto mais lhe deleitaram os olhos as paisagens caririenses quanto acabara êle de viajar do Aracati ao Crato, numa distância de cerca de 300 milhas, “através de uma

região que naquela época era pouco melhor do que um deserto”. É verdade podermos considerar o Cariri uma zona à parte no interior do nordeste. Por isso, em geral, se não julgam os sertanejos os caririenses. Em virtude de um certo orgulho nativista, talvez porque o termo sertão lhes dê a ideia de uma zona seca e estéril, acham que sua terra, muito bonita e fértil, não deve incluir-se naquela designação. O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão. (op. cit., p. 7)

Ainda a respeito dessas características peculiares do Cariri cearense que o distingue das demais regiões dos sertões nordestinos, Pompeu Sobrinho (*apud* Figueiredo Filho, 1967, p. 312) destaca que

O Cariri é região do Ceará, situado ao sopé do Araripe. É irrigado, em grande parte, por dezenas de fontes perenes, brota daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda.

O Cariri cearense oferece uma feição original e bem caracterizada, quer se considere a sua fâcies geográfica, quer as suas origens e sobrevivências étnicas, quer o seu aspecto social.

Esta curiosa diferenciação, no seu conjunto, bem acentuada quanto ao resto do Ceará e dos vizinhos, o é igualmente em relação a todo o País.

O mais frizante contraste observa-se entre o pequeno vale do Batateira com seus tributários, ainda menores, e o sertão circundante.

Mas interposto entre aquele e este uma zona de transição se estende, subdividida em trechos, mais ou menos bem definidos, que daquele vale, se irradiam, perdendo progressivamente as qualidades especiais que sobremodo, singularizam a parte nuclear.

Essas características, segundo os historiadores, foram o marco para a colonização da região por volta do século XVIII, pois, como evidencia Alves (1945, p. 98)

Quem rompe os sertões distantes da baía, Alagoas e Pernambuco, onde predominam as formações xerofilas, com sua vegetação de espinho, em galgando a chapada do Araripe, pela encosta setentrional, ao atingir o alto da serra, sente logo a mudança da paisagem geográfica, e mais deslumbrado fica ao avistar do lado cearense, a natureza ressurgida na exuberância da flora e no verde dos canaviais que pontilham a terra com o verde gaio de sua folhagem.

A vista do viadante descansa, em contemplando a natureza virente de todo o Vale do Cariri. É um oásis em meio das terras adustas dos sertões nordestinos.

A denominação Cariri atribuída à região, segundo Figueiredo Filho (2010), origina-se de um dos povos indígena, chamado Kariris, cuja tribo estendia-se do Paraguaçu ao Itapicuru onde se encontrava desde o início da colonização do Brasil ocupando uma área que se estendia do sul do Ceará ao centro da Bahia e do oeste pernambucano à parte oriental da Borborema, ocupando, principalmente, as regiões mais férteis e menos áridas, como

[...] o vale entre as serras do Araripe e de S. Pedro, abundante d’água, e todo o vale do rio Salgado, que era então perene. Possivelmente, ainda no Ceará, moravam em trechos limitados das bacias dos rios Cariús, dos Porcos ou Podi-mirim, Rio das Antas, do Rosário e de outros afluentes do Salgado. (Op. cit., p. 6)

A respeito da chegada desses indígenas à região do Cariri, Pompeu Sobrinho (1955 *apud* Figueiredo Filho, 1968, p. 466) presume que

[...] este povo chegara às margens do rio São Francisco, há cerca de 1,5 milênios, portanto ainda no primeiro quartel da era cristã. Poucos séculos depois estariam

alguns grupos de Cariri estabelecidos no sul do Ceará, isto é, ai pelo IX ou X século de nossa era.

Sobre os primeiros habitantes, as suas culturas e línguas, pouco se sabe. Muito embora, existam vestígios da população pré-histórica, evidenciada nos sítios arqueológicos, onde foram encontrados restos de urnas funerárias e ossos humanos, pedras lapidadas e registros rupestres em cavernas e rochas, oriundos de várias épocas e, como tudo indica, de populações diferentes que habitavam, principalmente, o sopé da Chapada do Araripe, conforme afirma Figueiredo Filho (2010, p. 8) que

Restam ainda, sensíveis vestígios da vida silvícola por estas passagens. [...] de quando em quando se têm encontrado, em escavações de alicerces, igaçabas e mais igaçabas. Infelizmente, não se pode aproveitá-las inteiras. O trabalhador, ao descobri-las, julga estar diante de uma botija, escondida por um ricaço da antigüidade, em sua fuga de lutas armadas constantes. Sem mesmo examiná-las cuidadosamente, trata logo de arreventá-las a enxadecos ou picaretas. Restam, apenas, daquele tesouro que cobiçavam, em sua vida de pobreza, ossos pulverizando-se, em parte, e cacos de barro, alguns com desenhos bem vistosos.

Pompeu Sobrinho (1950, p. 323) pondera que esse “grupo que veio habitar o sul do Ceará possuía um dialeto próprio, de que, infelizmente, afora alguns raros topônimos, nem relíquias já existem”.

Segundo Della Cava (2014, p. 58), o povoamento da região do Cariri, deu-se “no primeiro quartel do século XVIII, por criadores de gado provenientes da Bahia e de Pernambuco, atraídos que eram pelas terras férteis e pelas fontes perenes de água”, que acompanhados dos missionários, tentaram atrair os grupos indígenas para se fixarem em lugares de catequese cristã, promovendo a chamada “pacificação”, consoante atestou Pompeu Sobrinho (1956, p. 201),

Em 1703, Manuel Rodrigues Ariosia e Manuel Carneiro da Cunha, que já possuíam terras por compra no baixo Jaguaribe, obtiveram uma sesmaria de seis léguas «nas cabeceiras do rio Salgado, adonde abita uma nação de gentio de nome cariri», começando da «cachoeira dos cariris» (Missão Velha) pelo riacho acima até estestar com o fim da lagoa dos cariris. Êstes sesmeiros eram originários de Goiânia. O segundo não veio povoar a sua concessão, mas Ariosia fê-lo solicitamente. Chegaram os interessados pouco depois, não do São Francisco, mas do baixo Jaguaribe, onde possuíam bens valiosos. Esta foi a primeira concessão de terras do vale do Batateira, isto é, no coração dos Cariris-Novos.

Devido à fertilidade do vale do Cariri, começaram a surgir os primeiros núcleos urbanos (como a Missão Velha e a Missão do Miranda, hoje a cidade do Crato), crescendo assim a atividade agrícola com a produção de vários gêneros alimentícios e, desde o século XIX, a cultura da cana-de-açúcar, que ainda pode ser encontrada até hoje.

No entanto, afirma-se que a colonização do vale do Cariri deva-se, também, à notícia de que na região havia ouro em abundância, o que ocasionou uma grande corrida por

famílias oriundas de Portugal para o sertão, esperando que, com as riquezas das terras inexploradas, pudessem aumentar o patrimônio material e o prestígio pessoal com a corte portuguesa.

A respeito das minas de ouro nos Cariris Novos, em 1690, em carta noticiando sobre a Comarca do Ceará Grande, que à época pertencia à Capitania de Pernambuco e dividia-se em três grandes distritos: Siará, Acaracu e Ribeira de Jaguaribe, Aleteia (1907) apresenta uma descrição dos rios, das povoações, da natureza e produções de seus terrenos, dos minerais descobertos e gêneros comercializados em cada um, a qual acrescenta

He vulgar nos Cariris Novos a noticia de que pelos annos de 1690 fora incumbido pello Senhor Rey D. Pedro Segundo o Almotacé-Mór do Reyno Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho Governador então das Capitánias de Pernambuco, do descobrimento das Minas naquelle Destricto. Igual noticia corre de que no anno de 1718 andara nas mesmas diligencias Manoel Marques, Capitão de Infantaria do Terço de Recife, e tanta attenção mereceu este descobrimento aos nossos Augustos Soberanos que ao Governador de Pernambuco Feliz José Machado enviou o Senhor Rey D. João Quinto ordem particular para mandar fazer aquella indagação em observância da qual fez partir para o Siará o Tenente General da Artilharia Diogo da Silva Velozo, que então fazia de Capitão Engenheiro, com tropa destinada para aquella fim. (ALETEIA, op. cit., p. 164)

Foi essa busca pelo ouro, nas ribanceiras do Rio Salgado, que trouxe para essa região os colonizadores, bem como a doação das sesmarias, permitindo o surgimento de vilas que, posteriormente, tornaram-se municípios com processos distintos de formação, tendo ocorrido as suas emancipações nos três últimos séculos, conforme segue: Crato (1764), Jardim (1814), Barbalha (1846), Missão Velha (1864), Santana do Cariri (1885), Juazeiro do Norte (1911) e Nova Olinda (1957). E foram esses municípios, desde os seus aldeamentos às suas emancipações, os responsáveis pela primeira etapa da história econômica, social e política da região do Cariri cearense.

Com relação à sua formação sócio-política e territorial, nessa região, as lideranças regionais e locais sempre manifestaram anseios de torná-la autônoma politicamente. Em 3 de maio de 1817, José Martiniano Pereira de Alencar, escolhido como emissário das forças revolucionárias de Pernambuco, conforme relata Figueiredo Filho (1964, p. 70) que

Ao terminar a missa, o sub-diacono (...), assomou à porta principal da Igreja, fazendo-se arrodar do seu cortejo. Em suas vestes, batina e roquete, como por contraste, só explicável pelo seu ardor patriótico e pouca idade, exhibia faca à cintura. Entre aclamações dos assistentes, proclamou a independência e república em sintonia com o movimento recifense.

Embora esse movimento tenha durado apenas uma semana, Figueiredo Filho afirma que houve

[...] repercussão extraordinária no tempo e no espaço. A vila tornou-se a cabeça natural das lutas em prol da independência, no Ceará, e seu raio de ação estendeu-se até pelo Maranhão e Piauí. Crato, por si, ou seus filhos natos e adotivos, esteve à

testa de tudo que se fêz pela emancipação política na província e muitas vezes, até fora dela. (op. cit., p. 68)

Porém, segundo Paiva (2007), com este feito naquele dia 3 de maio, José Martiniano Pereira de Alencar “entrou para a História” (p. 9), pois, apesar de sua prisão em Fortaleza e nos cárceres do Recife e Salvador, após sua libertação no ano de 1821, o diácono como destaca Figueiredo Filho (2010b, p. 15), “revelou-se sempre homem de suma prudência, encarando, com bom senso, a realidade das coisas, mesmo ao abraçar causa nitidamente revolucionária”⁵³.

A respeito desse herói da revolução, Gardner (1942), ao relatar as suas impressões sobre a população no que diz respeito à moral e aos costumes afirma que, na vila do Crato, “raramente os homens da melhor classe social vivem com as esposas” (p. 153) o que o leva a não se admirar da conduta do clero, visto que

O vigário, que era então de setenta a oitenta anos, era pai de seis filhos naturais, um dos quais foi educado para ser sacerdote, depois se tornou presidente da província e era então senador do império, conquanto ainda conservasse seu título eclesiástico. Durante minha permanência em Crato veio o senador visitar o pai, trazendo consigo sua amante, que era sua prima, com oito filhos dos dez que ela lhe dera, tendo além disso cinco filhas de outra mulher, que falecera ao dar à luz o sexto. (op. cit., p. 153-154)

Ainda nas primeiras décadas do século XIX, datando de 1828, ocorreu a primeira tentativa de formação de uma unidade federada na Região do Cariri, quando o Presidente da Câmara, Nunes Berford, apresentou à Câmara Municipal do Crato, a possibilidade de se criar a Província do Cariri, conforme atesta a Revista ITAYTERA (1957, p.3)

Com efeito, no dia 1º de julho daquele ano, a Câmara Municipal do Crato tomou a deliberação de encaminhar uma representação ao Governo Provincial (...) propugnando pela fundação da Província dos Cariris Novos, formada pela zona sul do Ceará e parte dos Estados vizinhos.

cujo intento naquele momento não encontrou espaço de ordem política, talvez, para sua efetivação. No entanto, o desejo dessa proposta permaneceu nos ideários e pretensões de intelectuais da região, visto que, em 16 de agosto de 1839, o então Senador do Império proclamador da república da região do Cariri em 1817, José Martiniano Pereira de Alencar, que representava a Província do Ceará e os interesses do Cariri, apresentou um projeto, não obtendo êxito, junto à Assembleia Geral Legislativa, argumentando que

⁵³José Martiniano Pereira de Alencar foi deputado constituinte na Assembleia Geral e deputado pela mesma província perante as Cortes Portuguesas. Foi nomeado senador, tomando posse no ano de 1832. Pai do escritor romancista José de Alencar, José Martiniano de Alencar estudou no Seminário de Olinda, posteriormente participando da chamada Revolução Pernambucana, em 1817, e da Confederação do Equador, em 1824. Na década de 1840, assumiu a presidência de sua província natal, vindo a falecer em 1860. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/jose_alencar_pai.html Acesso em: 16 ago. 2019.

[...] a primeira conveniencia deste projecto é ser um meio de se levar a civilização a estes lugares já bastantemente populosos, e com todas as proporções de se tornarem felizes, mas que, pela longitude em que se acham das sédes dos Governos Provinciaes a que pertencem, existem como em abandono e em um estado de barbaridade que em todos os tempos tem occasionado os mais tristes acontecimentos. Em tempos mais antigos existiram as sanguinolentas questões entre varias famílias do Inhaumum e Jaguaribe, que se disputaram com mão armada a posse do Cariri Novo, descoberto e povoado pelo meado do seculo passado. Os nomes, que ainda hoje conservam certos lugares, como os Defuntos, os Emboscados, as Contendas, as Tropas, a Batalha e varios outros semelhantes trazem á memoria dos habitantes as barbaras façanhas que nesses sitios tiveram lugar.⁵⁴

Nesse projeto de criação da “Província do Cariri Novo”, que apenas chegou a ser aprovado na Comissão de Estatística, o Senador José Martiniano Pereira de Alencar, destacava as cidades que o comporiam:

A Assembléa Geral Legislativa decreta:

Art. 1º Fica creada uma nova Provincia, que se denominará – Provincia do Cariri Novo – cuja capital será a villa do Crato.

Art. 2º Esta Provincia se comporá:

§ 1º Dos municipios do Riacho do Sangue, Icó, Inhamum, S. Matheus, Lavras, Jardim e Crato, da Provincia do Ceará.

§ 2º Dos municipios do Rio do Peixe e Pinhacó [Piancó], da Provincia da Parahyba.

3º Do municipio de Dajau [Pajeú] de Flôres e dos compreendidos no antigo Julgado de Cabrobó, na Provincia de Pernambuco.

§ 4º Do municipio de Piranhos [Piranhas], na Provincia do Piauí.

Art. 3º As autoridades geraes que, em virtude da Constituição e das leis existentes, houverem de ser creadas nesta nova Provincia, vencerão os mesmos ordenados que as da Provincia do Ceará.⁵⁵

Segundo Reis Junior (2014, p. 48), o projeto de lei de criação da Província do Cariri Novo encaminhado pelo Senador José Martiniano de Alencar foi “uma proposta de fôlego, audaciosa, que envolveria os territórios de quatro outras províncias já estabelecidas, tendo a cidade do Crato como o centro irradiador do poder, sua capital política e econômica”, pois

[...] considerável parte do território do Ceará passaria a ser do Cariri Novo. A cidade de Icó, mais antiga do que o Crato, e desde o século XVIII um centro regional de comércio e de tropas de gado, estaria subordinada à nova capital. Do Piauí, seria retirado o território de Piranhas - que englobava o que hoje constitui os municípios de Crateús e Independência, no Ceará. No ano de 1880, este território passou ao Ceará que cedeu para o Piauí sua atual área litorânea. Rumo ao sul, uma grande área da província de Pernambuco seria incorporada, até às margens do Rio São Francisco, na fronteira com a Província da Bahia. Por fim, ao leste, na província da Paraíba, até Pombal, núcleo importante naquele sertão. (REIS JUNIOR, op. cit, p. 48)

A dimensão do pretense território pode ser melhor visualizada através do mapa elaborado por Reis Junior (2014, p. 49):

⁵⁴ ALENCAR, Martiniano de Alencar. Projecto. In: *Anais do Império*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Senado Imperial, 1913. p. 204.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 204.

Figura 01 - Proposta de território da nova província.



Fonte: Reis Junior (2014, p. 49)

Em 1940, em uma publicação na Revista Brasileira de Geografia, o Major João Segadas Viana apresenta a proposta de uma nova divisão territorial do Brasil em um Distrito Federal, 27 Estados e 39 Territórios, apresentando, pois, o Cariri como o “Estado do Araripe”, contando com uma população de 751.000 habitantes, uma área de 96.560 km² e a cidade de Crato como a sua sede administrativa. Em sua proposta, Viana (1940, p. 392) delimitava o território do “Estado do Araripe”, com os seguintes limites:

Limites N. - Partir para O. da junção dos limites do Ceará com o Rio G. do Norte e Paraíba até Icó, rio *Jaguaribe*, rio *Trussú*, serra das *Guaribas* até a confluência do arroio *Independência* com o rio *Potife* este rio até a fronteira com o Estado do Piauí. Limites O. - Os atuais limites do Ceará e Pernambuco com o Piauí e os da Baía com o Piauí até o meridiano 0°, dêste último ponto uma reta até a ilha do *Miradouro* no rio *S. Francisco*. Limites S. - O rio *S. Francisco*. Limites L. - Partindo do N. os

atuais limites do Ceará com a Paraíba e em seguida os rios *S. José* e *Pageú*, afluente do *S. Francisco*.

A figura 02 apresenta a divisão proposta por Viana, em destaque.

Figura 02 - Divisão Territorial do Brasil destacando o Estado do Araripe.



Fonte: Adaptada da figura anexada pelo autor na publicação citada, p. 375.

Ainda na primeira metade do século XIX, em uma nova tentativa de criação de uma Província nos sertões denominados Cariris Novos, os argumentos apresentados pela Assembleia Provincial do Ceará ao Senado Imperial, datado em 14 de agosto de 1946, evidenciam, além da importância política e econômica da região, a sua posição geográfica e características ambientais, sendo, pois, uma necessidade urgente dos habitantes dos sertões da Província do Ceará, da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Piauí, ressaltando que

A grande distancia, que separa as capitães das referidas províncias dos lugares conhecidos pela denominação de Cariris Novos, faz com que a acção governativa dos Presidentes das diversas províncias não seja ali desenvolvida e posta em execução com a promptidão, celeridade e energia indispensáveis, e que mui poderosamente poderão concorrer para o augmento e progresso principalmente da agricultura, em tão grande extensão de território, que parece ter sido collocado pela Providência no meio de sertões em extremo aridos para servir como de fornecedor commum de viveres e de toda a casta de cereaes aos numerosos habitantes da vasta porção de territorio, que apenas se presta á criação dos gados e ás escassas

plantações de legumes que nascem, crescem e frutificam no curto período das estações chuvosas.

A circunstancia, pois, Augustos e Diguissimos Senhores Representantes da Nação, da disposição e propriedade que tem os Cariris Novos para a agricultura em todas as estações do anno, a doçura do seo clima, a facilidade com que nella produzem todos os generos de plantas mesmo exoticas, tem concorrido para o prodigioso augmento de sua população que todos os dias cresce pela frequente immigração dos povos, que para ali concorrem acossados pelos flagellos de que se vêem perseguidos da fome e da miseria nos estéreis sertões em que habitavam.⁵⁶

Em 1856, os líderes políticos cratenses iniciaram uma campanha em prol da autonomia política dentro do Império. Nesse mesmo ano, a Câmara Municipal do Crato propôs ao governo imperial e à Câmara Provincial um plano de criação de uma nova província, a dos Cariris Novos. Assim, o Crato aspirava poder alargar sua autoridade e modo de compreender não apenas todo o sul do Ceará como também as áreas vizinhas do Piauí, da Paraíba e de Pernambuco, onde os interesses econômicos cratenses tinham se enrincheirado fortemente.

O desejo de emancipação da região ao sul do Estado sempre esteve presente na sua elite cultural, visto que, em 1957, fundou-se em Crato o “Comitê Central Pró-Estado do Cariri”, contando com a participação de membros do Instituto Cultural do Cariri, que, por meio de uma revista intitulada *Itaytera*, demonstravam o apoio ao movimento, divulgando textos sobre o passado do Crato em que se buscava legitimar a campanha do Estado do Cariri por meio de narrativas dos grandes fatos ocorridos ao longo da sua história, cujo passado era narrado como o tempo em que o Crato, pela visão de futuro e pioneirismo dos seus munícipes, se preparou para ser superior às cidades circunvizinhas, além de que o Comitê patrocinou a publicação de uma separata da revista intitulada “Estado do Cariri” apresentando discursos, epístolas e artigos em defesa da campanha de libertação do Cariri, como escreveu José de Figueiredo Brito (1957, p. 14) que

Nascemos revolucionários e assim viveremos até atingirmos o STATUS QUO de uma vida independente, autodirigida. [...]. Empunhando a bandeira de um Cariri livre, lutaremos de qualquer maneira até o fim, até a concretização do nosso ideal, até a criação do Estado do Cariri.⁵⁷

Assim, contando com o apoio dos moradores da região, em 22 de maio de 1957, o então Deputado Estadual Wilson Roriz entrou na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará com um projeto em que solicitava a autorização de um plebiscito sobre a criação do Estado do

⁵⁶ Província dos Cariris-Novos. Representação da Assembleia Legislativa Provincial do Ceará ao Senado e Câmara dos Deputados. In: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza, 1892, p. 222-226. Disponível em: http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33089:1892-provincia-dos-cariris-novos&catid=438&Itemid=101. Acesso em 15 jun. 2019.

⁵⁷ BRITO, José de Figueiredo. A Sorte está lançada. In: *Estado do Cariri*. Separata da Revista *Itaytera*. Crato, Tipografia Imperial, 1957.

Cariri. Em sua justificativa alegava ser a região constituída de uma formação geológica especial em toda a Região Nordeste e que havia se tornado economicamente autônoma, o que levou a firmar-se uma mentalidade de sua autossuficiência, causando o seu abandono administrativo por parte do litoral, devendo, pois, o progresso da região à iniciativa particular ou, com o advento da última República, por ter três representantes regionais na Câmara conseguiram-se as principais obras como estradas, Postos de Saúde Federal, Escolas Agrícolas, etc.

Constituindo-se região de formação geológica especial, em toda a grande e vasta Região Nordeste, tornou-se desde o descobrimento verdadeiramente autônoma economicamente [...].

Com o decorrer dos tempos, firmou-se a mentalidade, ainda hoje inexplicavelmente dominante, de autossuficiência do grande vale, e daí abandono administrativo que sempre lhe votou o litoral, ou seja, a Capital, de forma a que todo o progresso ali existente, ou se deve a iniciativa particular ou data de pouco tempo para cá, principalmente com o advento da última República, quando, possuindo na Câmara dos Deputados três representantes regionais, conseguimos carrear para o recôncavo as principais obras administrativas ali existentes, notadamente as estradas, os hospitais, Postos de Saúde Federal, Escolas Agrícolas etc.

Vale salientar que essa não participação governamental na região sempre causou o desejo de emancipação, o que levava alguns intelectuais a manifestarem seu apreço ao movimento, como de pode observar a seguir:

O Cariri não pode ser considerado um peso morto no desenvolvimento cultural nordestino a aliás de todo o Brasil. O litoral não o conhece porque não o estudou acuradamente. Só agora começa a enxergar-nos, pela evidência dos fatos. Rompeu o Cariri o tabu da civilização do CARANGUEIJO, do passado. E assim, coopera com a máxima eficiência, para a valorização do interior, colocando-se em pé de igualdade, nas suas devidas proporções, com o opulento litoral. (FIGUEIREDO FILHO [1968], 2010:19, grifos do autor)

Assim, mais uma vez o espírito de emancipação toma forma, quando em 1987, o então Constituinte Furtado Leite apresentou, junto à Comissão da Organização do Estado, a Emenda 200009-1, que acresceria ao artigo 25, do Anteprojeto da Subcomissão dos Estados, a criação do Estado do Cariri:

VII - Do Cariri, com desmembramento da área do Estado do Ceará abrangida pelos Municípios de Iguatu, Solonópole, Cariús, Jucás, Saboeiro, Aiuaba, Antonina do Norte, Campos Sales, Assaré, Altaneira, Potengi, Araripe, Nova Olinda, Farias Brito, Crato, Juazeiro do Norte, Caririaçu, Granjeiro, Várzea Alegre, Lavras da Mangabeira, Cedro, Icó, Umari, Baixio, Ipaumirim, Aurora, Barro, Missão Velha, Milagres, Abaiara, Mauriti, Brejo Santo, Jati, Porteiras, Penaforte, Jardim, Barbalha, Santana do Cariri, Parambu, Catarina, Acopiara, Orós e Tauá; a capital e a incorporação de novos municípios fronteiriços ao Estado do Cariri serão definidas por plebiscito (FURTADO LEITE, 1987, p. 5-6).⁵⁸

Em sua justificativa, argumenta que

⁵⁸ ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE. V. 82. Emendas oferecidas à Comissão da Organização do Estado. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, Junho de 1987. p. 5-7.

A história do povo cearense demonstra que a divisão do Estado sempre foi uma aspiração popular, principalmente no que diz respeito aos habitantes do Sul do Ceará, que sonham com a independência de uma região composta por quase 50 municípios. A viabilidade de nossa emenda, além do exposto acima, se faz pelo isolamento e a distância da Capital do Estado, em relação a esta região que tem características próprias.

[...]

Os tributos pagos pelos Municípios constantes da Região do Cariri são imensamente desproporcionais aos que recebem de volta. Não temos com permitir que uma população considerável continue sendo aviltada, em função de uma indivisibilidade sem sentido, num Estado das proporções do Ceará. Isso sem contar que o Cariri pode abranger Municípios tais como Araripina, Exu, Bodocó, Oricuri, Serrita, Cedro e Sítio dos Moreiras, em Pernambuco, e Cajazeiras, Conceição, Cachoeira dos índios, no Estado da Paraíba, se assim for a vontade popular, manifestada por plebiscito ⁵⁹(Op. cit., p. 5-6).

Segundo Nascimento (2018) as particularidades sócio-econômicas e culturais muito despertaram a autonomia política, administrativa e territorial e propalaram sentimento de territorialidade e pertencimento na população da região do Cariri, diferenciando-se, pois, das demais microrregiões do Ceará, acarretando a criação de movimentos sociopolíticos em busca de autonomia político-administrativa a fim de que fossem feitas maiores alocações de recursos orçamentários para efetivação de políticas públicas diversas e realização de novos investimentos no Cariri. No entanto, esses movimentos não obtiveram “êxito por falta de apoio e desarticulação política, dificuldades de cooperação entre os municípios e lideranças políticas locais e repressão por parte das lideranças da cúpula estadual” (NASCIMENTO, op. cit., p. 29).

Como forma de minimizar as desigualdades sociais e econômicas existentes entre a capital e interior do Estado, em 26 de junho de 2009, por meio da Lei Complementar Nº 78, criou-se a Região Metropolitana do Cariri, composta pelos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri, que surge como possibilidade de contribuir com os municípios integrantes da região para seu crescimento e desenvolvimento.

A Região do Cariri cearense apresentava, em 2017, a estimativa de uma população de 1.014.610 habitantes⁶⁰, dos quais 700.000 encontram-se na zona urbana e 300.000 na zona rural. Essa disparidade em relação à divisão da população rural e urbana dá-se por conta de que os dois municípios de maior porte (Juazeiro do Norte e Crato) apresentam uma grande concentração de habitantes na zona urbana. No entanto, observa-se que os demais municípios desta região apresentam uma maior densidade demográfica em suas zonas rurais,

⁵⁹Ibid. p. 5-6.

⁶⁰CEARÁ. Perfil das Regiões de Planejamento: Cariri. Fortaleza: IPECE, 2017. p. 7

o que os configura como sendo municípios rurais, uma vez que a região tem uma taxa de ruralidade de 89,28%.

Essa região, enquanto símbolo da identidade do sul cearense, é descrita, ainda, em sua valorização paisagística, conforme se observa nos escritos de Pinheiro (1979, p. 399-400, grifos do autor)

Caracteriza-se esse Cariri, sobejamente, ainda, por oferecer uma paisagem paradisíaca: com cantar murmurante de suas águas perenes jorrando abundantemente das fontes do sopé da majestosa Chapada do Araripe; com a vegetação gritantemente verdejante dos inúmeros e férteis sítios e pomares; seus perdulariamente aristocráticos e elegantes babaçus e buritis buscando a placidez azul do firmamento; seus farfalhantes canaviais de pé-de-serra e dos ubérrimos brejos circunvizinhos; seus inúmeros engenhos de moer cana de açúcar cheirando apetitosamente a mel, com suas bagaceiras adornadas por bois pacientes e tardos ruminando nos momentos de folga das almanjarras e seus burricos supinamente manhosos e irrequietos, cochilando após a faina contínua do cambitar cana ou sua palha dos ‘cortes’ para o pé das moendas; tudo isso culminando com lindíssimo panorama descortinado das ladeiras das encostas araripanas, convidando ao lazer tranquilo do turismo reconfortador...

Figura 03 - Mapa do Cariri Cearense.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas*(2017). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>> Acesso em 02 set. 2019.

A Região do Cariri cearense, atualmente é formada por 07 sete microrregiões, em que se encontram 29 municípios, conforme podemos observar a seguir:

1. Microrregião do Cariri: Crato, Barbalha, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri;
2. Microrregião de Caririaçu: Altaneira, Caririaçu, Farias Brito e Granjeiro;

3. Microrregião de Barro: Aurora, Barro e Mauriti;
4. Microrregião da Chapada do Araripe: Araripe, Assaré, Campos Sales, Potengi e Salitre;
5. Microrregião de Brejo Santo: Abaiara, Brejo Santo, Jati, Milagres e Penaforte;
6. Microrregião de Várzea Alegre: Antonina do Norte, Tarrafas e Várzea Alegre;
7. Microrregião de Lavras da Mangabeira: Lavras da Mangabeira, Baixio, Ipaumirim e Umari.

Figura 04 - Mapa do Cariri cearense com as Microrregiões.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas* (2017). Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/128.htm>. Acesso em 02 set. 2019.

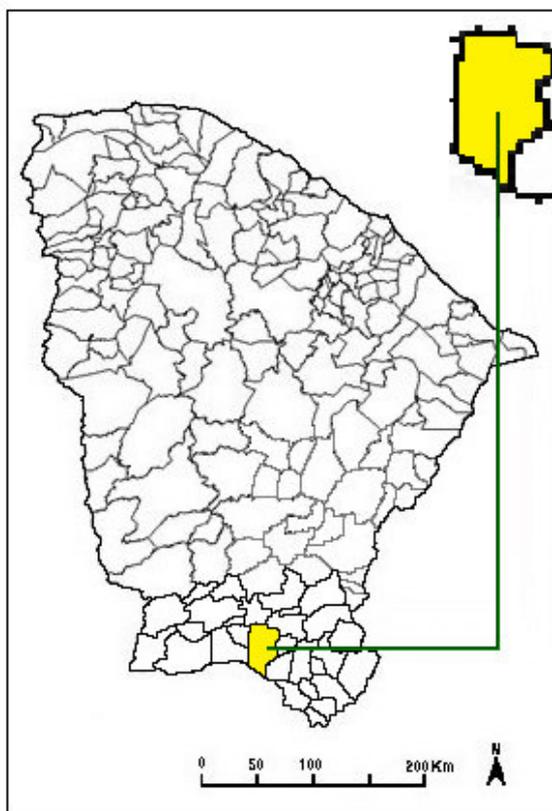
3.1 Sobre os municípios pesquisados

3.1.1 Crato

O município de Crato, conhecido inicialmente por Missão do Miranda, Aldeia do Brejo Grande e Missão dos Cariris Novos, foi elevado à categoria de vila através de Carta Régia em 16 de dezembro de 1762, tendo ocorrida a sua instalação em 21 de junho de 1764, recebendo a denominação de Vila Real do Crato, que foi elevada à categoria de cidade por meio da Lei Provincial nº 628, de 17 de outubro de 1853.

A denominação Crato reporta, segundo alguns historiadores, a uma homenagem feita a D. Antônio, Prior do Crato, príncipe bastardo que pretendia o Trono Luso. Para outros, a designação foi uma homenagem ao Vilarejo de Crato, na região de Alentejo, em Portugal.

Figura 05 – Localização do município de Crato em relação ao Estado.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas*(2017). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>> Acesso em 02 set. 2019.

Os municípios limítrofes são: ao norte, Caririçu, Farias Brito; ao oeste, Nova Olinda, Santana do Cariri; ao leste, Barbalha, Juazeiro do Norte, Caririçu; e ao sul, Estado de Pernambuco.

Sua extensão territorial é de 1.176,5 km², e área relativa ao Estado referente a 0,79 %. Possui altitude de 426,9 m e a distância em linha reta em relação à capital é 400 km.

O município de Crato apresenta, em suas características ambientais, o **clima** Tropical quente semi-árido brando e Tropical quente sub-úmido e pluviosidade de 1090,9 mm. A temperatura média é de 24°C a 26°C, com período chuvoso nos meses de janeiro a maio. Seu **relevo** é formado predominantemente por Chapada do Araripe e Depressões Sertanejas, com solos aluviais, solos litólicos, latossolo vermelho-amarelo, podzólico vermelho-amarelo, terra roxa estruturada similar, apresentando uma **vegetação** carrasco,

floresta caducifolia espinhosa, floresta subcaducifolia tropical pluvial, floresta subperenifolia tropical pluvio-nebular, floresta subcaducifolia tropical xeromorfa e localiza-se nas bacias hidrográficas do Alto Jaguaribe e Salgado.

Em relação à divisão político-administrativa, o município conta com 10 distritos: Crato, Baixio das Palmeiras, Belmonte, Campo Alegre, Dom Quintino, Monte Alverne, Bela Vista, Ponta da Serra, Santa Fé e Santa Rosa.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, apresentavam, no ano de 2010, um total de 121.428 habitantes nos centros rurais e urbanos, e uma densidade demográfica de 104,87 hab/km².

No ano de 2010, a quantidade de homens era de 57.616, representando 47,45% e a de mulheres era de 63.812, representando 52,55%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentavam um valor de 44,09 e ocupava a 17ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,713 e ocupava a 3ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,441 e ocupava a 25ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,548 e ocupava a 26ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB de 2013 apresentam um valor de R\$ 1.178.172 e à renda per capita representam um valor R\$ 9.307,00.

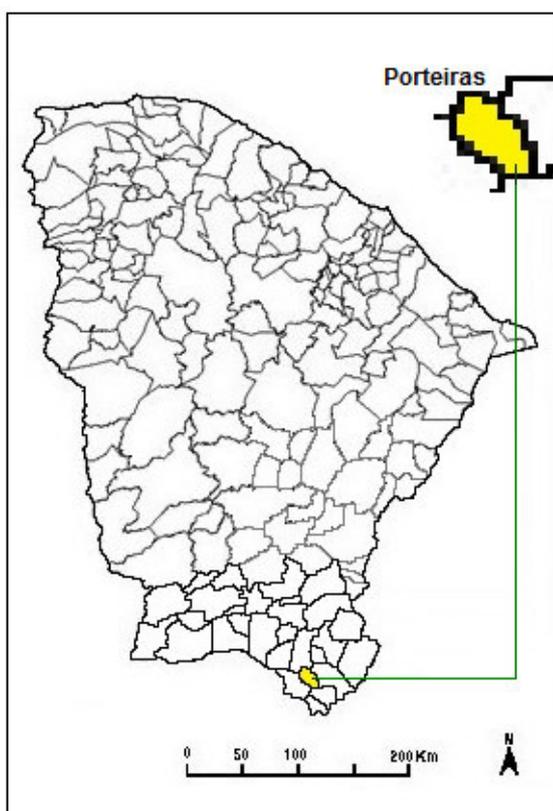
A economia do município está baseada na **produção agrícola** de feijão, milho, mandioca, arroz, monocultura de algodão, cana-de-açúcar, castanha de caju, hortaliças, banana, abacate e diversas frutas; na **criação** de bovinos, ovinos, caprinos, suínos e de aves; na **indústria**, o município conta com 95 empresas para a fabricação de tijolos, telhas, calçados, equipamentos de alumínio e de borrachas; no **comércio**, com mercantis e supermercados, lojas de roupas, de eletrodomésticos, de calçados e de produtos variados; na **mineração** com a extração de rochas ornamentais, rochas para cantaria, brita, fachadas e usos diversos na construção civil, além da areia, argila - utilizada no fabrico de telhas e tijolos - e de rocha calcária - calcinada para obtenção de cal e gipsita; no **extrativismo vegetal**, com a extração de madeiras diversas para lenha e construção de cercas, uso em padarias e fabricação de carvão vegetal, bem como a coleta do babaçu, da oiticica, do faveiro, do pequi e da carnaúba.

Os principais eventos culturais no município são a Semana do Município, em junho, a Exposição Centro-Nordestina de Animais e Produtos Derivados – EXPOCRATO, em julho e a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha, em setembro,

3.1.2 Porteiras

A denominação dada ao município de Porteiras decorre de duas porteiras existentes em uma grande lagoa chamada de Ariosa, as chamadas Porteira de Fora e Porteira de Dentro. Ainda pertencente ao município de Jardim, foi elevado à categoria de vila através do Ato Provincial de 12 de julho de 1860. A sua elevação à categoria de Município ocorreu em 17 de agosto de 1889, através da Lei nº 2.169. Em 1920, foi suprimido pela Lei nº 1.794, de 9 de outubro e restaurado 1922, consoante Lei nº 2.002, de 16 de outubro, sob a denominação de Conceição do Cariri. No ano de 1931, através do Decreto-Lei nº 193, de 20 de maio, foi novamente suprimido, passando a figurar como distrito de Brejo Santo até 1951, quando foi restaurada a sua categoria de município, consoante Lei nº 1.158, de 22, de novembro de 1951.

Figura 06 – Localização do município de Porteiras em relação ao Estado.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas* (2017). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>> Acesso em 02 set. 2019.

Os municípios limítrofes são: ao norte, Brejo Santo e Missão Velha; ao oeste, Jardim e Missão Velha; ao leste, Brejo Santo; e ao sul, Jardim e Jati.

Sua extensão territorial é de 217,6 km², e área relativa ao Estado referente a 0,15 %. Possui altitude de 538,0 m e a distância em linha reta em relação à capital é 425 km.

O município de Porteiras, localizado na bacia hidrográfica do Salgado, apresenta, em suas características ambientais, o **clima** Tropical quente semi-árido brando, com temperatura média de 24°C a 26°C, e período chuvoso nos meses de janeiro a abril com pluviosidade de 904,2 mm. Seu **relevo** é formado pela Chapada do Araripe, com solos Litólicos, Latossolo vermelho-amarelo, Podzólico vermelho-amarelo e Vertissolo, uma **vegetação** composta de Floresta caducifólia espinhosa, Floresta subcaducifólia tropical pluvial e Floresta subperenifólia tropical pluvio-nebular.

Em relação à divisão político-administrativa, o município conta com 02 distritos: Porteiras e Barreiros.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente apresentavam, no ano de 2010, um total de 15.061 habitantes nos centros rurais e urbanos, e uma densidade demográfica de 69,22 hab/km².

No ano de 2010, a quantidade de homens era de 7.366, representando 48,91% e a de mulheres era de 7.695, representando 51,09%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentavam um valor de 19,25 e ocupava a 164ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,622 e ocupava a 66ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,410 e ocupava a 43ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,426 e ocupava a 163ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB de 2013 apresentam um valor de R\$ 82.005 e à renda per capita representam um valor R\$ 5.428,00.

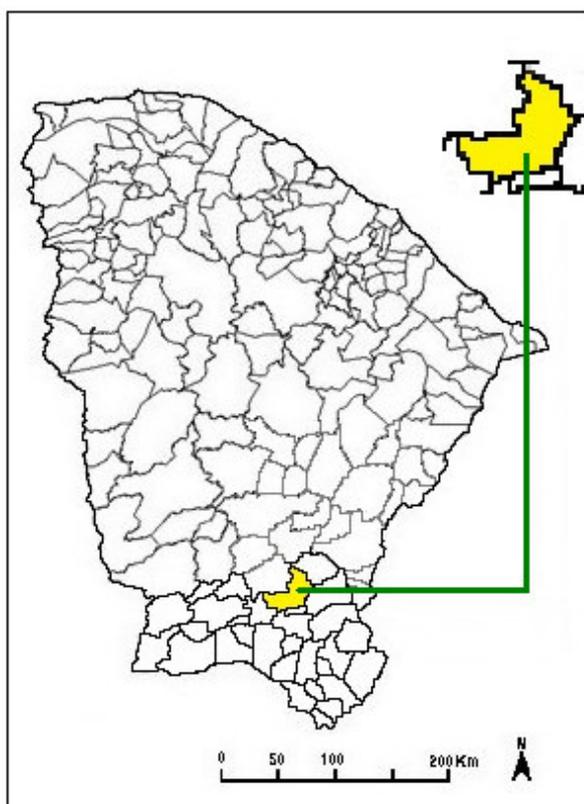
A economia do município está baseada na **produção agrícola** de algodão arbóreo e herbáceo, banana, cana-de-açúcar, arroz, milho e feijão; na **criação** de bovinos, suínos e aves; no **comércio**, com mercantis, pequenas lojas de roupas, de eletrodomésticos, de calçados e de produtos variados.

Os principais eventos culturais no município são a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, em dezembro, a Semana do Município.

3.1.3 Várzea Alegre

Segundo a tradição, foi dada pelos viajantes que percorriam a Região do Cariri em direção a Crato, que, ao se encantarem com a beleza do vale verdejante e com a cantoria dos pássaros, chamaram o lugar de Várzea Alegre, que pertencendo ao município de Lavras da Mangabeira, foi criado pela Lei Provincial nº 1.076, de 30 de novembro de 1863, e elevado à categoria de Município através da Lei nº 1.329, de 10 de outubro de 1870. Em 20 de maio de 1931, através do Decreto Estadual nº 193, foi suprimido, ficando seu território anexado ao município de Cedro. Porém, em 4 de dezembro de 1933, foi restaurada a sua categoria de Município através do Decreto Estadual nº 1.156.

Figura 07 – Localização do município de Várzea Alegre em relação ao Estado.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas* (2017). Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>. Acesso em 02 set. 2019.

Os municípios limítrofes são: ao norte, Cedro e Cariús; ao oeste, Cariús e Farias Brito; ao leste, Granjeiro, Lavras da Mangabeira e Cedro; e ao sul, Farias Brito, Caririçu e Granjeiro.

Sua extensão territorial é de 835,7 km², e área relativa ao Estado referente a 0,56 %. Possui altitude de 300 m e a distância em linha reta em relação à capital é 351 km.

O município de Várzea Alegre, localizado na bacia hidrográfica do Salgado, apresenta, em suas características ambientais, o **clima** Tropical quente semi-árido brando e Tropical quente semi-árido, com temperatura média de 26°C a 28°C, e período chuvoso nos meses de janeiro a abril com pluviosidade de 965,3 mm. Seu **relevo** é formado pela Depressão sertaneja e Maciços residuais, com solos Aluviais, solos Litólicos e Podzólico vermelho-amarelo, e **vegetação** composta de Caatinga arbustiva densa, Cerrado, Floresta caducifólia espinhosa e Floresta subcaducifólia tropical pluvial.

Em relação à divisão político-administrativa, o município conta com 06 distritos: Várzea Alegre, Calabaça, Canindezinho, Ibicatu, Naraniú e Riacho Verde.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, apresentavam, no ano de 2010, um total de 38.434 habitantes nos centros rurais e urbanos, e uma densidade demográfica de 45,99 hab/km².

No ano de 2010, a quantidade de homens era de 18.660, representando 48,55% e a de mulheres era de 19.774, representando 51,45%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentavam um valor de 26,08 e ocupava a 105ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,629 e ocupava a 50ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,353 e ocupava a 140ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,524 e ocupava a 42ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB de 2013 apresentam um valor de R\$ 222.168,00 e à renda per capita representam um valor R\$ 5.603,00.

A economia do município está baseada na **produção agrícola** de algodão arboreo e herbáceo, arroz e feijão; na **criação** de bovinos, suínos e aves; na **indústria** com a fabricação de móveis e de peças e acessórios para motos; no **comércio**, com supermercados, mercadinhos, lojas de roupas, de eletrodomésticos, de calçados e de produtos variados.

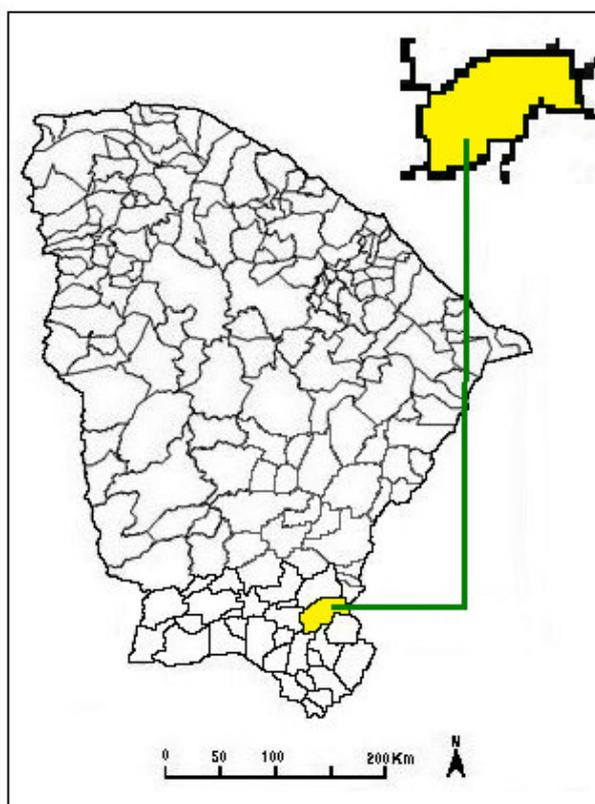
Os principais eventos culturais no município são: Semana da Co-Padroeira - Nossa Senhora das Mercês, em Janeiro; Carnaval de Várzea Alegre, considerado o melhor da Região do Cariri; Semana do Padroeiro São Raimundo Nonato, em agosto; Semana do município, em outubro; Natal da Paz, em dezembro.

3.1.4 Aurora

A origem da denominação Aurora, segundo à tradição, surgiu do nome de uma mulher, mantida como concubina por um influente coronel. A mulher de nome Aurora habitava em um barraco que também servia de ponto comercial, batizado com o nome de Venda, atendendo tropeiros viajantes às margens do Rio Salgado. Com o passar dos anos, um povoado foi ali formado, a proprietária da venda foi adquirindo popularidade e, conseqüentemente, dando nome aos município.

O município de Aurora foi criado em 10 de novembro de 1883. pela Lei Estadual n.º 2.047, sendo desmembrado dos municípios de Lavras da Mangabeira. A denominação Aurora é simplificação do local Aurora Velha, onde existia estabelecimento comercial que oferecia produtos comestíveis, bebidas e hospedaria. Os municípios limítrofes são: ao norte, Lavras da Mangabeira; ao oeste, Caririaçu; ao leste, Estado da Paraíba; e ao sul, Barro, Milagres e Missão Velha.

Figura 08 – Localização do município de Aurora em relação ao Estado.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas* (2017). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>> Acesso em 02 set. 2019.

Sua extensão territorial é de 885,83 km², e área relativa ao Estado referente a 0,60 %. Possui altitude de 283 m e a distância em linha reta em relação a capital é 358,0 km.

O município de Aurora, em suas características ambientais existentes, apresenta o clima tropical quente semi-árido e pluviosidade equivalente a 884,9 mm. A temperatura média é de 26°C a 28°C, com período chuvoso nos meses de fevereiro a abril. Apresenta o relevo com depressões sertanejas, o solo bruno não cálcico, solos litólicos e podzólico vermelho-amarelo, a vegetação presente é caatinga arbustiva densa, caatinga arbustiva aberta e floresta caducifólia espinhosa, e localiza-se na bacia hidrográfica do Salgado.

Em relação à divisão político-administrativa, o município conta com 04 distritos: Aurora, Ingazeiras, Santa Vitória e Tipi.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente apresentavam, no ano de 2010, um total de 24.566 habitantes nos centros rurais e urbanos, e uma densidade demográfica de 27,61 hab/km².

No ano de 2010, a quantidade de homens era de 12.224, representando 49,76% e a de mulheres era de 12.342, representando 50,24%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentavam um valor de 24,26 e ocupava a 118ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,605 e ocupava a 121ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,387 e ocupava a 71ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,472 e ocupava a 116ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 108.670,00 e os dados relativos ao PIB per capita representam um valor R\$ 4.441,00.

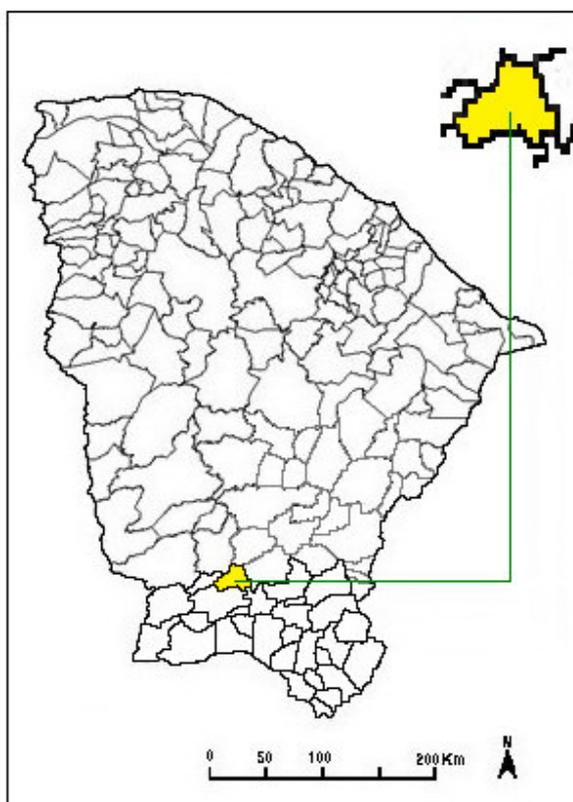
A economia do município está baseada na **agricultura** com a produção de algodão arbóreo e herbáceo, banana, cana-de-açúcar, milho e feijão; na pecuária com a criação de bovinos, suínos e aves; na **indústria** com três fábricas de produtos alimentícios, uma de produtos minerais não metálicos, uma de madeira, uma de Química, e uma de serviços de construção; no **comércio**, contando com mercantis e supermercados, lojas de roupas e de eletrodomésticos.

Os principais eventos culturais no município, são o Carnaval de Rua, Encenação da Via Sacra (Páscoa), Semana da Pátria, de 01 a 09 de setembro, Semana do Município, em novembro, e a Semana do Padroeiro Menino Deus, de 17 a 25 de dezembro.

3.1.5 Tarrafas

A origem do nome Tarrafas, que denomina município, deve-se a uma rede de pescar (chamada tarrafa) que ficou presa em um poço do Rio Bastiões. Tal fato levou os habitantes a chamarem o “poço da tarrafa”, onde se originou o povoado, elevado à categoria de vila Vila pelo Ato Governamental, de 7 de junho de 1920, e elevado a Município através da Lei nº 6.810, de 3 de dezembro de 1963, sendo suprimido pela Lei nº 8.339, de 14 de dezembro de 1965, antes de sua instalação. Em 21 de outubro de 1987, foi novamente elevado à categoria de município pela Lei nº 11.360, modificada conforme Lei nº 11.484/88.

Figura 09 – Localização do município de Tarrafas em relação ao Estado.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas* (2017). Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>. Acesso em 02 set. 2019.

Tem como municípios limítrofes ao norte, Cariús, Jucás e Saboeiro; ao oeste, Saboeiro, Antonina do Norte e Assaré; ao leste, Farias Brito e Cariús; e ao sul, Assaré e Farias Brito.

Sua extensão territorial é de 454,4 km², e área relativa ao Estado referente a 0,31 %. Possui altitude de 300 m e a distância em linha reta em relação a capital é 357 km.

O município de Tarrafas, localizado na bacia hidrográfica do Alto Jaguaribe, apresenta, em suas características ambientais, o **clima** Tropical quente semi-árido, com temperatura média de 26°C a 28°C, e período chuvoso nos meses de janeiro a abril com pluviosidade de 965 mm. Seu **relevo** é formado pela Depressão sertaneja e Maciços residuais, com solos Aluviais, Litólicos, Latossolo vermelho-amarelo, Podzólico vermelho-amarelo, Terra roxa estruturada Similar, e **vegetação** composta de Floresta caducifólia espinhosa, Caatinga arbustiva densa e Floresta subcaducifólia tropical pluvial.

Em relação à divisão político-administrativa, o município conta como distrito apenas a própria sede.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, apresentavam, no ano de 2010, um total de 8.910 habitantes nos centros rurais e urbanos, e uma densidade demográfica de 19,61 hab/km².

No ano de 2010, a quantidade de homens era de 4.452, representando 49,97% e a de mulheres era de 4.658, representando 51,03%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentavam um valor de 12,80 e ocupava a 181ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,576 e ocupava a 170ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,375 e ocupava a 99ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,495 e ocupava a 82ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB de 2013 apresentam um valor de R\$ 48.264,00 e à renda per capita representam um valor R\$ 5.393,00.

A economia do município está baseada na **produção agrícola** de algodão arboreo e herbáceo, banana, milho, mandioca e feijão; na **criação** de bovinos, suínos e aves; no **comércio**, com mercadinhos, pequenas lojas de roupas, de eletrodomésticos, de calçados e de produtos variados.

Os principais eventos culturais no município são a Festa da Padroeira Nossa das Angústias, em agosto, e a Festa do Município, em outubro.

3.1.6 Araripe

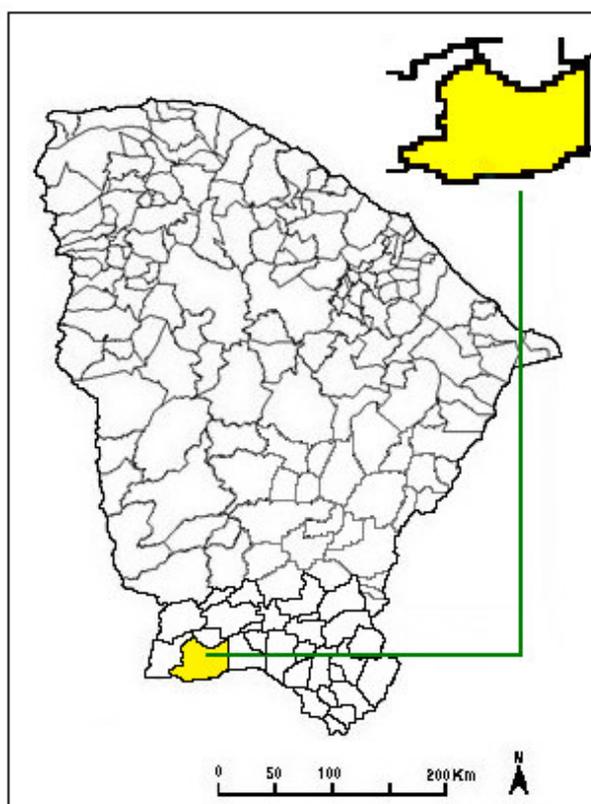
O município de Araripe foi criado em 03 de agosto de 1875, pela Lei Estadual n.º 1.661, sendo desmembrado dos municípios de Assaré. O termo Araripe provém da denominação dada à chapada que se estende entre o Ceará e Pernambuco, e vem do tupi-

guaraniara (dia, tempo, mundo, claridade), **ari** (começo, nascimento) e **pe** (em, lugar, onde) e significa “lugar onde o dia começa”. Os municípios limítrofes são: ao norte, Potengi; ao oeste, Salitre; ao leste, Santana do Cariri; e ao sul, Estado de Pernambuco.

Sua extensão territorial é de 1.099,9 km², e área relativa ao Estado referente a 0,74 %. Possui altitude de 605,8 m e a distância em linha reta em relação à capital é 426 km.

O município de Araripe, em suas características ambientais, apresenta o clima tropical quente sub-úmido e pluviosidade equivalente a 633,4 mm. A temperatura média é de 22°C a 24°C, com período chuvoso nos meses de janeiro a maio. Com relação ao relevo, apresenta solos litólicos, latossolo vermelho-amarelo, podzólico vermelho-amarelo, terra roxa estruturada similar, a vegetação presente é carrasco, floresta caducifólia espinhosa, floresta subcaducifólia tropical pluvial, e localiza-se na bacia hidrográfica do Alto Jaguaribe.

Figura 10 – Localização do município de Araripe em relação ao Estado.



Fonte: Adaptado de IPECE: *Ceará em Mapas* (2017). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155x.htm>> Acesso em 02 set. 2019.

Em relação à divisão político-administrativa, o município conta com 05 distritos: Araripe, Alagoinha, Brejinho, Pajeú e Riacho Grande.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, apresentavam, no ano de 2010, um total de 20.685 habitantes nos centros rurais e urbanos, e uma densidade demográfica de 18,81 hab/km².

No ano de 2010, a quantidade de homens era de 10.292, representando 49,76% e a de mulheres era de 10.393, representando 50,24%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentavam um valor de 21,23 e ocupava a 149ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,564 e ocupava a 180ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,357 e ocupava a 135ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,390 e ocupava a 180ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB de 2013 possuem um valor de R\$ 121.519,00 e relativos à renda per capita representam um valor R\$ 5.740,00.

A economia do município está baseada na **produção agrícola** de algodão arbóreo e herbáceo, banana, cana-de-açúcar, milho e feijão; na **criação** de bovinos, suínos e aves; na **indústria** com apenas uma fábrica de produtos alimentícios; no **comércio**, com mercantis e supermercados, lojas de roupas e de eletrodomésticos.

Os principais eventos culturais no município são Corpus Christi, Festa de Frei Damião, Festa do Município, de 01 a 03 de agosto, Festa do Padroeiro Santo Antônio, de 04 a 13 de Junho, Semana do Folclore, Seminário de Turismo de Araripe, Vaquejada.

Por ser esta uma pesquisa dialetológica em que se entrecruzam língua, sociedade e espaço geográfico, é mister que se faça um detalhamento dos aspectos geográficos, históricos e econômicos da região que se deseja estudar. Desta feita, o propósito deste capítulo estabelecer uma ligação entre a pesquisa e o espaço geográfico, descrevendo, com mais acuidade os municípios selecionados como pontos de inquéritos.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA EM FOCO

Este trabalho de pesquisa norteia-se pelos princípios e parâmetros “emanados da Dialectologia contemporânea, que se preocupa com o estudo da variação espacial aliada à variação social” (ISQUERDO, 2006, p.79), ou seja, um estudo que partindo do aspecto topoestático (areal) reconhece que a variação ocorre também no topodinâmico (ambientes de mobilidade geográfica), com vista a abranger as dimensões sexuais, geracionais, sociais e de mobilidade geográfica, numa relação bidimensional, opositiva.

Assim, este trabalho pauta-se na metodologia adotada para a organização do corpus e seguindo os critérios metodológicos constitutivos da Geolinguística Pluridimensional adotados pelo ALiB com algumas adaptações para atender às diferenciações históricas e geopolíticas dos municípios que compõem a Região do Cariri cearense.

4.1 A escolha dos pontos

Formada por 29 municípios, a Região do Cariri cearense apresenta características diversas quanto ao seu povoamento, seu desenvolvimento industrial, seus aspectos culturais e emancipação política dos municípios que a compõem.

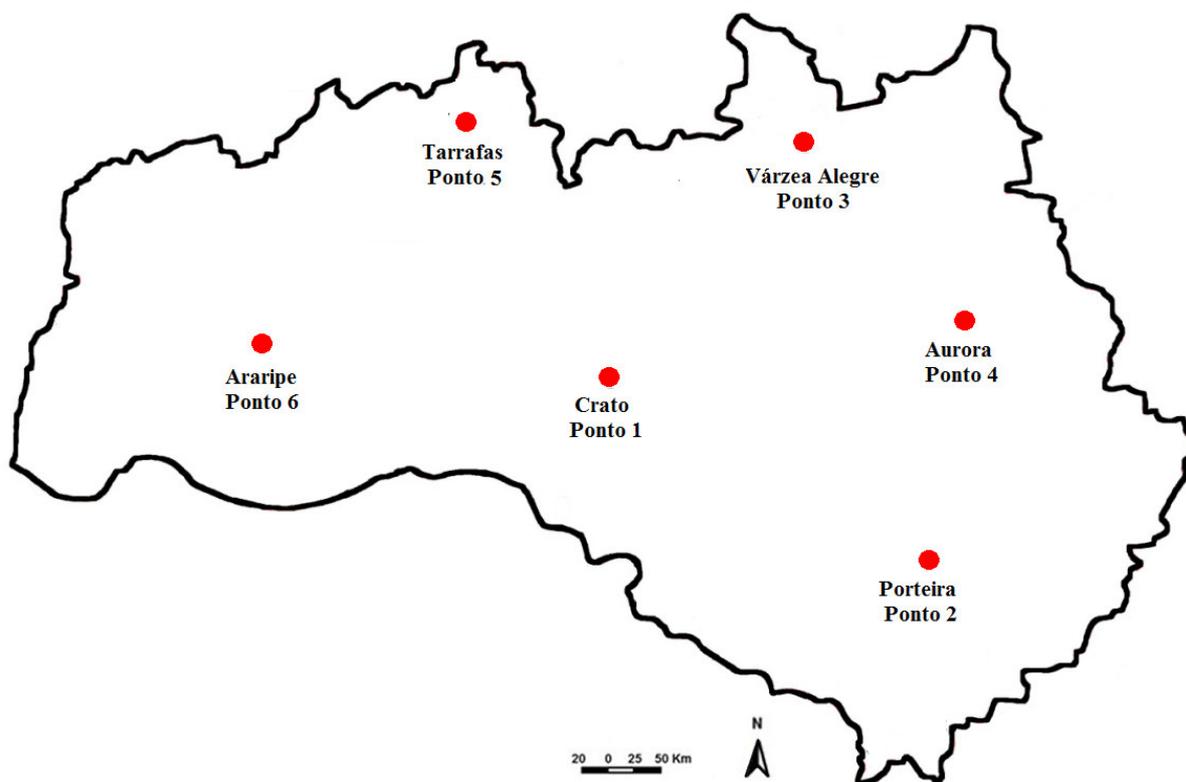
Com relação à escolha dos pontos investigados, Ferreira e Cardoso (1984, p. 25-26) ao estabelecerem as diretrizes que norteiam a escolha dos pontos de inquéritos que sugerem sejam observados:

(i) a história da área, a começar de sua fundação e das diferentes etapas que caracterizam o seu desenvolvimento; (ii) o grau de isolamento da área, nada obstante reconhecer-se que, no momento moderno, o isolamento é relativo e parcial, em face do aperfeiçoamento do sistema viário, principalmente entre nós o rodoviário, da ação dos meios de comunicação, sobretudo do rádio e da televisão, e da própria facilidade com que se deslocam habitantes de uma região para outra; (iii) a antiguidade da região, que definirá a que o estágio do processo de povoamento do território se prende; (iv) a natureza do desenvolvimento econômico que fornecerá a posição da localidade na região, conceituando-a como mais destacadamente difusora ou receptora das mudanças, embora se saiba que todas as áreas é, em parte, centro de produção e de recepção de transformações e (v) o estabelecimento de uma rede a ser inquirida no qual se verifique a intensidade de pontos condizentes com a densidade demográfica da área, refletindo a equidistância entre eles, de modo a vir recobrir harmonicamente toda a região pretendida.

No entanto, quanto à escolha dos pontos de investigação para esta pesquisa adotamos como critérios a distância geográfica entre os municípios e que estes não estabeleçam limites entre si. Assim, para a elaboração do Atlas Fonético e Léxico-Semântico

da Região do Cariri cearense (Alicace), foram escolhidos 6 municípios, como se pode observar na Figura 11:

Figura 11 - Mapa da Região do Cariri com os pontos de inquéritos.



Fonte: Adaptado IPECE: Ceará em Mapas. Disponível em <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/155.htm>. Acesso em 06 mar. 2017.

4.2 Seleção dos sujeitos da pesquisa

Para a seleção dos informantes, foram considerados critérios baseados em Nascentes (1958) e na Dialectologia tradicional, ou seja, que os informantes apresentem boa dicção, desembaraço nas respostas. Além da dimensão diatópica serão acrescentadas a diasssexual, diageracional e diastrática, uma vez que, como mostra Brandão (1991, p. 26), nos estudos geolinguísticos atuais

torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Assim, levando-se em conta os parâmetros acima, em cada ponto linguístico, os informantes selecionados atendem ao seguinte perfil:

- a) Tempo de residência: preferencialmente, os informantes devem ser naturais da localidade e filhos de pessoas nascidas na mesma área linguística. No entanto, podem ser considerados informantes indivíduos que tenham vivido nessa área a maior parte de sua vida, que se relacionem com pessoas nascidas na localidade, não tenham viajado;
- b) Sexo: Em cada localidade serão entrevistados 04 (quatro) informantes, sendo 02 (dois) homens e 02 (duas) mulheres;
- c) Nível de instrução: os informantes desta pesquisa apresentam a escolaridade de 0 a 9 anos, ou seja, se cursado, no máximo, até o 9º ano do ensino fundamental. Esse baixo nível de instrução tem como finalidade obter dados mantidos na fala dos moradores sem muita influência da escola;
- d) Faixa etária: Os informantes serão distribuídos por duas faixas etárias: G1 - 18 a 30 anos e G2 - 48 a 70 anos.

O recorte em duas faixas etárias distantes em relação ao tempo de vida dos sujeitos oferece uma amostragem qualitativa da variação fonética e léxica da região, como expressam Cardoso e Mota (2013, p. 132-133)

Na impossibilidade de se documentarem três diferentes faixas etárias, o que acarretaria um aumento de custos, optou-se pelo registro de informantes de faixas etárias mais distanciadas. Tal opção procura atender às possibilidades de melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e da mudança linguística.

Por fim, foram entrevistados 24 informantes, cujos dados pessoais constam nas fichas dos informantes.

No quadro seguinte, verifica-se o perfil de cada informante selecionado em cada ponto de inquérito da pesquisa:

Quadro 01 - Perfil dos informantes.

Ponto / Informante	Iniciais	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado Civil
CRA1	RMS	H	29 anos	9º ano	Agricultor	Casado
CRA2	VSMS	M	18 anos	9º ano	Estudante	Solteira
CRA3	FMF	H	70 anos	0 ano	Agricultor	Casado
CRA4	MIS	M	54 anos	5º ano	Dona de Casa	Casada
POR1	FSL	H	19 anos	8º ano	Aux. Pedreiro	Solteiro
POR2	FRF	M	30 anos	8º ano	Func. Pública	Casada

POR3	CFS	H	63 anos	5º ano	Aposentado	Casado
POR4	FSM	M	64 anos	8º ano	Aposentada	Casada
VAR1	PVC	H	19 anos	8º ano	Estudante	Solteiro
VAR2	REMS	M	29 anos	9º ano	Func. Pública	Casada
VAR3	AQM	H	56 anos	7º ano	Agricultor	Casado
VAR4	RAB	M	66 anos	9º ano	Dona de casa	Casada
AUR1	RTA	H	20 anos	4º ano	Entregador	Casado
AUR2	MAER	M	25 anos	9º ano	Dona de Casa	Casada
AUR3	MIPS	H	50 anos	4º ano	Agricultor	Casado
AUR4	FOL	M	59 anos	4º ano	Aposentada	Casada
TAR1	FDL	H	30 anos	8º ano	Agricultor	Solteiro
TAR2	MS	M	22 anos	9º ano	Dona de Casa	Casada
TAR3	ARS	H	69 anos	6º ano	Agric./ Radialista	Casado
TAR4	APC	M	65 anos	4º ano	Aposentada	Casada
ARA1	JDPGJ	H	27 anos	9º ano	Aux. Pedreiro	Casado
ARA2	MEPSA	M	23 anos	9º ano	Dona de Casa	Casada
ARA3	REA	H	65 anos	0 ano	Agricultor	Casado
ARA4	MLBN	M	49 anos	4º ano	Agricultora	Casada

4.3 A coleta dos dados

A recolha dos dados desta pesquisa deu-se por meio da aplicação direta do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) a 24 informantes na região, construindo, pois, esse material o *corpus* de análise.

4.3.1 Instrumentos da pesquisa: fichas e questionários para as entrevistas

As fichas de identificação dos informantes e as fichas de localidade seguem o padrão adotado pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O preenchimento dessas fichas teve grande importância por possibilitar um melhor direcionamento no momento de escolher os sujeitos para aplicação dos questionários, além da recolha dos dados históricos e sócio-econômicos dos municípios, fatores de grande relevância em uma pesquisa de cunho dialetal.

Com relação ao questionário linguístico para a coleta dos dados, aplicamos os questionários utilizados no Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, direcionados para os aspectos fonético-fonológico e semântico-lexical. Tal procedimento, ou seja, a aplicação de questionários estruturados para a pesquisa dialetológica, é considerado de relevante

importância por dialetólogos e geolinguistas, visto que permitem a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados, cujas questões objetivam apurar a variação diatópica estabelecendo e caracterizando as áreas dialetais, como expressa Alencar (2007, p. 99): “[...] as questões têm uma formulação inicial, de modo a assegurar um razoável grau de uniformidade necessário à intercomparabilidade dos dados obtidos, acrescentando-se, em alguns casos, gravuras que visam a auxiliar o desenvolvimento do inquérito”, cabendo, no entanto, ao inquiridor fazer as adequações necessárias, no momento do inquérito.

4.3.1.1 O Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

O Questionário Fonético-Fonológico (QFF) é composto de 159 questões, cujo objetivo é registrar, de forma mais completa possível, as variantes fonéticas diatópicas, diagenéricas e diageracionais e diastráticas de cada município pesquisado, documentando os fonemas da língua falada na região em todas as suas possibilidades de distribuição na cadeia sonora “com vistas ao estabelecimento e à caracterização de áreas dialetais” (CARDOSO et al., 2013, p. 42).

A respeito das questões de cunho fonético-fonológico, espera-se do informante a resposta adequada, ou seja, o termo específico cujo fenômeno linguístico é proposto para estudo. No entanto, no Atlas Linguístico do Brasil – AliB – a análise das respostas dadas, conforme destaca Aquilera (2014, p. 95) “indica que há uma série de questões que levam a não resposta ou a respostas equivocadas”, verificando-se diferentes hipóteses, como: mesmo fazendo parte do mundo do informante, o referente é conhecido apenas pela forma dialetal, o desconhecimento do referente pelo informante a partir da descrição feita; a forma que se procura pode ter outras variantes; o informante não conhece a forma que se busca por não fazer parte de seu mundo; em algumas regiões ou na fala de gerações mais idosas, a forma é mais produtiva; pode haver equívoco na formulação da pergunta pelo inquiridor.

4.3.1.2 O Questionário Semântico-Lexical (QSL)

O Questionário Semântico-Lexical (QSL) compõe-se de 202 questões de caráter onomasiológico e diatópico como o propósito de documentar o registro coloquial do falante, buscando coletar formas empregadas de maneira mais geral na localidade, não priorizando regionalismos, arcaísmos ou linguagem de determinados grupos. A respeito do objetivo das questões descritivas do Questionário Semântico-Lexical, Santos (2006, p. 83) observa que se

trata de “investigar a designação atribuída pelo entrevistado, sujeito da pesquisa, a determinados objetos do mundo referencial ou imaginário previamente selecionados”.

Os itens desse Questionário encontram-se distribuídos em 14 campos semânticos, com um determinado número de questões para cada um deles, conforme discriminados, a seguir:

Quadro 02 - Campos Semânticos da Pesquisa

Campos semânticos	Questões
Acidentes geográficos	1 a 6
Fenômenos atmosféricos	7 a 21
Astros e tempo	22 a 38
Atividades agropastoris	39 a 63
Fauna	64 a 88
Corpo humano	89 a 120
Ciclos da vida	121 a 135
Convívio e comportamento social	136 a 146
Religião e crenças	147 a 154
Jogos e diversões infantis	155 a 167
Habitação	168 a 175
Alimentação e cozinha	176 a 187
Vestuário e acessórios	188 a 193
Vida urbana	194 a 202

4.3.2 Natureza das entrevistas e equipamentos

Para a realização desta pesquisa, optamos pela aplicação direta do questionário aos 24 informantes dos seis municípios da Região do Cariri cearense. Essa técnica de aplicação *in loco* permitiu que houvesse um contato mais efetivo entre o pesquisador e os informantes, inclusive por permitir que algumas dúvidas pudessem ser dirimidas e feitas algumas observações.

Primeiramente, os dados foram gravados em um equipamento Olympus Digital Voice Record VN-701PC (gravador digital), em seguida registrados e armazenados em microcomputadores.

Para a aplicação dos questionários, contamos com a presteza de alguns munícipes, visto que éramos desconhecidos em alguns pontos do inquérito, o que acarretava a falta de confiança das pessoas.

Em algumas localidades, contamos com a colaboração de alguns alunos do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA, residentes na localidade, para apresentação dos possíveis informantes.

A aplicação dos questionários se deu de forma espontânea e individualmente a cada informante, ocorrendo, na maioria das vezes, na sua própria casa ou em escolas do município. A aplicação dos questionários somente aconteceu após dadas as explicações sobre o propósito da entrevista, que era uma pesquisa de doutorado, cujo objetivo era fazer um mapeamento das palavras usadas atualmente para nomear as coisas da nossa região. Após o consentimento do informante em ser entrevistado, era feita a leitura do “Termo” de concordância do uso dos dados na pesquisa.

Ao retornar das viagens, buscamos sempre identificar e arquivar o material sonoro em vários computadores para que fossem evitadas perdas e facilitassem o seu devido acesso ao tratamento dos dados.

4.4 Transcrição, organização e arquivamento dos dados

4.4.1 Transcrição dos dados

Após a coleta e arquivamento dos dados, procedemos à transcrição do material, de sorte que garantíssemos o tratamento e a elaboração das cartas do Atlas Fonético e Léxico-semântico da Região do Cariri cearense (Alicace).

O *corpus* coletado encontra-se transcrito fonética e graficamente, obedecendo aos seguintes critérios:

a) todas as respostas do Questionário fonético-fonológico foram transcritas com base no Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com um reduzido número de sinais e diacríticos para que os dados adequassem-se aos parâmetros do programa computacional a ser utilizado para elaboração das cartas.

b) todas as respostas obtidas pelo Questionário léxico-semântico foram transcritas graficamente, para que utilizamos um dos itens proposto Aguilera (2004), no que tange a representação grafemática dos fatos fonéticos que refletem importantes variações diastráticas e diafásicas, tais como:

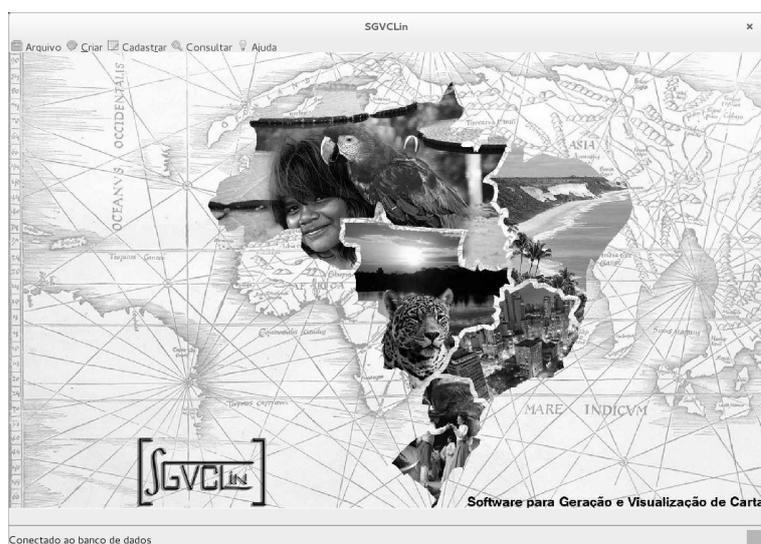
- apagamento de consoantes finais, como em cantá, colhê, melhó;
- outros casos de apagamento em formas contractas, como pro (para o), dum (de um);
- apagamento de sílabas em formas como em: tá (está), tiver (estiver), sabo (sábado);
- acréscimo de fonemas ou sílabas, como em: avoar (voar), maisi (mais).

4.4.2 Organização e arquivamento dos dados

Os dados obtidos com a aplicação dos questionários foram transcritos e armazenados no Programa Computacional SGVCLin, obtido gratuitamente no site <http://sgvclin.altervista.org/>.

O SGVCLin é um software, criado em 2015 pelos Professores Rodrigo Duarte Seabra, Valter Pereira Romano e Nathan Oliveira, cujo objetivo “é facilitar o processo de consulta ao material linguístico transcrito e armazenado em um banco de dados geral que servirá para quaisquer tipos de projetos” (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2015, p. IV).

Figura 12 - Tela inicial do programa computacional SGVCLin.



Fonte: SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, Op. cit., p. 130.

Inicialmente, o aplicativo exige que seja inserido o mapa, no qual devem ser indicados os pontos de inquéritos (localidades), que devem ser posicionados exata e geograficamente quais são e onde estão no mapa os pontos linguísticos.

Assim, no banco de dados foram inseridas todas as questões dos dois questionários utilizados nesta pesquisa, todas as respostas (variantes), tanto fonéticas quanto lexicais, os dados dos informantes referentes às variações diagenéricas e diageracionais, os pontos de inquéritos (localidades) e todas as respostas obtidas, tanto fonéticas quanto lexicais.

Com relação às variantes fonéticas inseridas no programa computacional, optamos por utilizar o teclado virtual disponível, no qual constam os símbolos fonéticos do IPA, que foram usados para a representação fonética das variantes obtidas nas respostas.

Após inseridas as variantes, o programa permite que sejam feitas consultas por meio da exportação dos dados, da geração de relatórios e da geração de cartas linguísticas.

Com a geração das cartas diatópicas, são por ela exibidos, de forma espacial sobre o mapa inserido no programa, os dados sobre cada uma das questões, inclusive um quadro com o percentual de ocorrência de cada uma das variantes.

Em nossa pesquisa, optamos por não apresentar as cartas linguísticas como foram geradas pelo programa. Assim, utilizamos o programa computacional Microsoft Paint, um software que se encontra incluso no sistema operacional Windows, e que tem por finalidade a criação de desenhos simples e edição de imagens.

5 ATLAS FONÉTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE (Alicace)

5.1 As cartas

Neste capítulo, apresentamos as cartas linguísticas que compõem o Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense, em que são registradas as variantes fonéticas e léxico-semânticas que apresentam maior relevância sob o ponto de vista pluridimensional, visto que o propósito dessas cartas é mostrar a ocorrência real de um determinado fenômeno linguístico presente na região pesquisada, considerando a variável diatópica em consonância com a diagenérica e a diageracional.

Assim depois de coletados e reunidos, os dados foram registrados em cartas linguísticas, que evidenciam a realidade diatópica, diagenérica e a diageracional de um fenômeno linguístico existente na Região do Cariri cearense. Assim, neste trabalho foram elaboradas cartas fonéticas e cartas lexicais.

Nas cartas fonéticas registra-se a ocorrência das variantes de um fonema ou dos vários fonemas nos pontos investigados. Foram elaboradas 98 cartas que representam as formas variantes do falar da Região do Cariri cearense no que refere ao uso da língua em sua variação fonética.

Nas cartas lexicais registram-se os vocábulos usados para expressar o mesmo conceito, independentemente da variação fônica comprovada em cada ponto. Foram elaboradas 138 cartas léxicas.

5.1.1 Notas para leitura das cartas linguísticas

As cartas linguísticas são compostas pelos elementos seguintes:

a) no cabeçalho de cada carta, na parte superior, encontram-se 03 colunas assim distribuídas: a primeira, no canto esquerdo, consta o logotipo, representado pela gravura do soldadinho-do-araripe (*Antiolphiabokermanni*), ave com 15 centímetros, pertencente à família Pipridae, e encontrada em um território restrito na Chapada do Araripe, nos municípios cearenses de Barbalha, Crato e Missão Velha; a segunda, no centro, consta o nome do Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense (Alicace); a terceira, no canto direito, o número da carta em algarismos arábicos, e abaixo da identificação, o tema da carta;

Figura 13 - logotipo, representado pela gravura do soldadinho-do-araripe.



Fonte: Adaptado de <<http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/plano-de-acao-nacional-lista/614-plano-de-acao-nacional-para-conservacao-do-soldadinho-do-araripe>>. Acesso em 10 set. 2017.

b) logo abaixo do cabeçalho, alinhado à esquerda, consta a indicação do tipo de questionário: QFF, para o questionário fonético-fonológico, e QSL, para o questionário semântico-lexical, juntamente com o seu número correspondente, acompanhados pela devida questão por extenso;

c) abaixo da indicação da questão, no centro da carta, situa-se o mapa do Cariri cearense, constando os pontos de inquérito, enumerados de 1 a 6, que correspondem ao número de localidades que constituem a rede de pontos. Nas cartas, embora não seja comum indicar nominalmente os nomes das localidades, optamos, neste trabalho, por indicá-los, haja vista a praticidade de não se reportar a algum trecho do texto para resgatar o ponto em que ocorre essa ou aquela variante. No quadro a seguir, explicitamos o número do ponto e a localidade que lhe equivale, conforme a ordem:

Quadro 03 - Ordem da Rede de pontos

Pontos	Localidades
Ponto 01	Crato
Ponto 02	Porteiras
Ponto 03	Várzea Alegre
Ponto 04	Aurora
Ponto 05	Tarrafas
Ponto 06	Araripe

d) Em cada ponto, há uma cruz formando 04 espaços onde estão registradas as respostas dos 24 informantes;

e) à esquerda, abaixo do mapa do Cariri cearense, encontra-se a legenda das variantes em consonância com o número e percentual de suas ocorrências, conforme representação abaixo:

Figura 14 - Ordem de apresentação das variantes e seus símbolos.

- variante 1
- variante 2
- variante 3
- variante 4
- variante 5
- variante 6
- outra forma
- sem resposta

g) ao lado da legenda das variantes, apresenta-se, de forma concisa, o gráfico mostrando a frequência das variantes nas cartas fonéticas e léxico-semânticas, e, abaixo das variantes e do gráfico, quando necessário, são expressas algumas notas, com o registro de variantes semanticamente diferentes da questão proposta, bem como algumas observações relevantes;

h) a representação das variáveis sociais encontra-se alinhada à esquerda do mapa do Cariri cearense em forma de o espaço geográfico evidencia referente à distribuição sequencial dos informantes nos pontos pesquisados.

Cada espaço da cruz será preenchido levando-se em conta as variáveis adotadas nesta pesquisa:

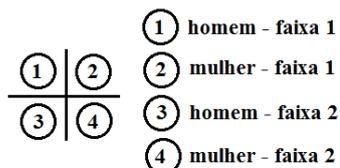
- a dimensão diageracional - na parte superior, constam as faixas 1 (geração mais nova, entre 18 a 30 anos) e na inferior, a faixa 2 (geração mais velha, entre 48 a 70 anos).

Figura 15 - Representação das variáveis diagenéricas e diageracionais

Hf1	Mf1
Hf2	Mf2

- a variável diagenérica - à esquerda da linha vertical da cruz, encontram-se acostadas as variantes correspondentes às respostas dos homens; e à direita, as correspondentes às respostas das mulheres.

Figura 16 - Representação das variáveis diagenéricas.



A seguir, apresentamos um modelo das cartas linguísticas que compõem os resultados desta pesquisa, indicando as posições de cada uma das informações geográficas e linguísticas a serem inseridas na carta, como se pode observar na figura seguinte:

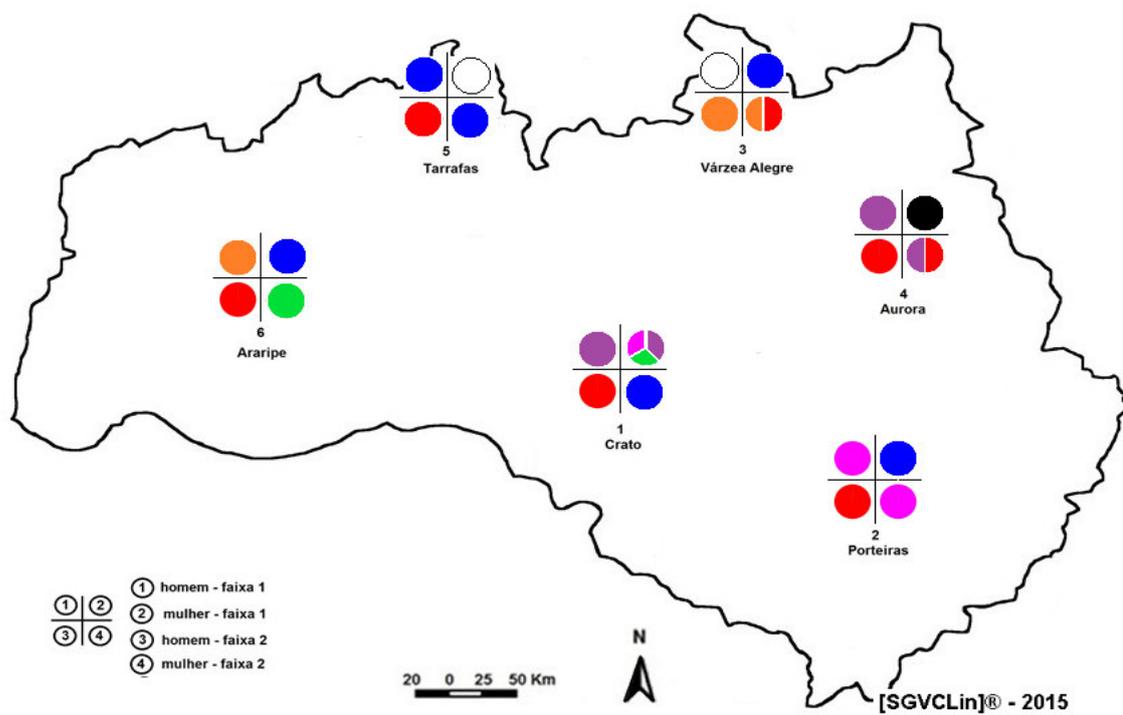
Figura 17 - Microestrutura concreta do Alicace.



**Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
(Alicace)**

**Carta nº 3
XXXXXXX**

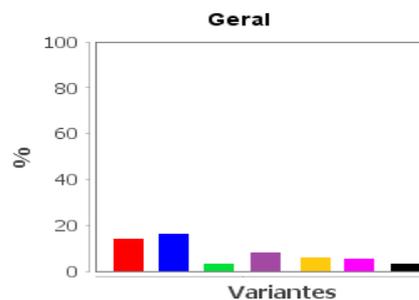
QFF X -



Variantes

- variante 1
- variante 2
- variante 3
- outra resposta
- sem resposta

Nota:



5.1.2 Critérios de elaboração das cartas fonéticas nesta pesquisa

Para a elaboração das cartas fonéticas, adotamos os seguintes critérios: frequência da ocorrência, distribuição regular e número de variantes fonéticas do item.

Em relação à frequência da ocorrência, optou-se por cartografar as questões cuja resposta apresente um percentual igual ou superior a 50%, ou seja, que tenha havido 12 ou mais ocorrências.

Quanto à regularidade da distribuição da ocorrência, decidiu-se usar o item que foi dado como resposta pelo menos por um dos informantes de cada ponto, ou seja, que se encontre presente em todos os pontos. Já com relação ao número de variantes fonéticas elegeu-se o item que apresenta, no mínimo, duas variantes fonéticas, ainda que uma delas apresente ocorrência ímpar.

Assim, do total de 159 questões do QFF, foram elaboradas 112 cartas fonéticas, visto que a causa para que algumas cartas fonéticas não fossem elaboradas foi a questão apresentar uma única variante como resposta, ou seja, todos os 24 informantes deram como resposta a palavra-tema, como nas questões abaixo:

Quadro 04 – Questões e respostas fonéticas com 100% de frequência.

Questão-tema	Resposta-tema
QFF 1 – CASA	['kazə]
QFF 2 – TERRENO	[tɛ'hẽnu]
QFF 4 – TELEVISÃO	[tɛlevi'zãw]
QFF 9 – LUZ	['lujs]
QFF 13 – ÎMÃ	['ĩmã]
QFF 19 – ALMOÇO	[aw'mosu]
QFF 21 – ARROZ	[a'hojs]
QFF 28 – SAL	['saw]
QFF 31 – CASCA	['kaskə]
QFF 33 – CLARA	['klarə]
QFF 34 – GEMA	['ʒẽmɐ]
QFF 38 – ROSA	['hɔzə]
QFF 40 – PLANTA	['plãtɐ]
QFF 45 – MEL	['mew]

QFF 48 – <u>R</u> ATO	['hatʊ]
QFF 51 – <u>C</u> AN <u>O</u> A	[kã'noɐ]
QFF 53 – FA <u>Z</u> ENDA	[fa'zɛdɐ]
QFF 57 – <u>A</u> NO	['ãnu]
QFF 58 – <u>S</u> OL	['sɔw]
QFF 61 – CAL <u>O</u> R	[ka'lo]
QFF 62 – TAR <u>D</u> E	['tafidɪ]
QFF 63 – TR <u>Ê</u> S	['trejs]
QFF 64 – <u>D</u> E <u>Z</u>	['dɛjs]
QFF 66 – NÚ <u>M</u> ERO	['nũmerʊ]
QFF 71 – BICIC <u>L</u> ETA	[bisi'kletɐ]
QFF 82 – <u>I</u> NÍCIO	[ĩ'nisiw]
QFF 83 – PR <u>E</u> FEITO	[pre'fejtʊ]
QFF 85 – CO <u>L</u> EGAS	[kɔ'legəs]
QFF 90 – BRAS <u>I</u> L	[bra'ziw]
QFF 93 – SOL <u>D</u> ADO	[sɔw'dadu]
QFF 97 – <u>D</u> EFESA	[de'fezɐ]
QFF 98 – CAL <u>Ç</u> ÃO	[kaw'sãw]
QFF 105 – <u>C</u> ERTO	['sɛhtʊ]
QFF 110 – PER <u>D</u> ÃO	[peɦ'dãw]
QFF 111 – <u>C</u> OROA	[ko'roɐ]
QFF 113 – P <u>E</u> SCO <u>Ç</u> O	['pes'kosʊ]
QFF 119 – <u>C</u> ORA <u>Ç</u> ÃO	[kɔra'sãw]
QFF 124 – CAS <u>P</u> A	['kaspɐ]
QFF 132 – <u>G</u> EN <u>R</u> O	['zɛɦʊ]
QFF 133 – <u>Ú</u> NICO	['ũnikʊ]
QFF 137 – <u>V</u> OZ	['vɔjs]
QFF 144 – <u>P</u> ER <u>F</u> UM <u>E</u>	[peɦ'fũmɪ]
QFF 150 – PER <u>D</u> IDA	[peɦ'didɐ]
QFF 152 – <u>P</u> ERGUNTAR	[peɦgũ'ta]
QFF 153 – SA <u>I</u> R	[sa'i]
QFF 154 – BARUL <u>H</u> O	[ba'ruɦʊ]
QFF 155 – <u>P</u> AZ	['pajs]
QFF 159 – MOR <u>R</u> EU	[mo'hew]

Quanto às cartas lexicais, estas foram elaboradas sempre considerando a presença de um variante em pelo menos 50% das ocorrências, desde que sejam observados três itens lexicais como respostas dadas pelos informantes. Embora não apresentando esse percentual, porém havendo dispersão dos itens, optamos que a carta fosse elaborada, visto que o nosso trabalho tem por objetivo fazer uma descrição detalhada do falar da Região do Cariri cearense, podendo, assim, qualquer interessado no assunto visualizar a fotografia linguística da região.

Assim, do total de 197 questões lexicais, foram elaboradas 140 cartas, dado que se adotou como fundamento para não confecção da carta:

1) questões que tenham apenas um item lexical registrado ou não por todos os informantes, apesar de apresentar alta frequência e constante distribuição, conforme se observa na Tabela 05 abaixo:

Quadro 05 – Questões com apenas um item lexical.

Questão	Item Lexical
QSL 8	relâmpago
QSL 10	trovão
QSL 43	gêmeas
QSL 45	espiga
QSL 46	sabugo
QSL 51	mandioca
QSL 55	gangalha
QSL 64	urubu
QSL 78	mocho
QSL 79	mocha
QSL 100	desdentado /banguela
QSL 122	menopausa
QSL 125	gêmeos
QSL 134	madrasta
QSL 171	borralho
QSL 178	carne moída
QSL 200	ônibus urbano

2) questões que apresentam apenas dois itens lexicais dadas como resposta pelos informantes em todos os pontos de inquéritos, conforme detalhamento no Quadro 06 a seguir;

Quadro 06 – Questões com dois itens lexicais como respostas.

Questão	Itens Lexicais
QSL 5	onda / maré
QSL 9	raio / corisco
QSL 42	penca / cacho
QSL 48	girassol / mirassol
QSL 49	bage / vage
QSL 51	macaxeira / mandioca
QSL 65	beija-flor / bizunga
QSL 71	gambá / cassaco
QSL 76	quilina / crina
QSL 77	chifre / ponta
QSL 81	rabo / cauda
QSL 83	varejeira / mutuca
QSL 88	pernilongo / muriçoca
QSL 99	queixar / queixal
QSL 106	clavícula / cantareira
QSL 108	suvaco / axila
QSL 111	peitos / seios
QSL 112	vomitar / provoca
QSL 131	caçula / mais novo
QSL 143	xará / xarapa
QSL 157	baladeira / estilingue
QSL 173	isqueiro / bina
QSL 185	bombom / bala
QSL 187	bengala / véa
QSL 196	calçada / passeio
QSL 201	ônibus / busão

3) questões cujas respostas não foram dadas pelos informantes em um ponto de inquérito, como se pode observar no quando seguinte:

Quadro 07 – Questões sem respostas em um ponto de inquérito.

Questão	Palavras-temas	Nº de variantes	Pontos
QSL 3	foz	4	Aurora Araripe
QSL 12	nomes específicos para temporal	5	Porteira Aurora
QSL 13	tromba d'água	5	Aurora
QSL 14	chuva forte	4	Araripe
QSL 24	alvorada	2	Araripe

			Tarrafas
QSL 26	crepúsculo	2	Araripe Tarrafas
QSL 56	canga	5	Tarrafas
QSL 87	coró	4	Várzea Alegre
QSL 137	peessoa pouco inteligente		Aurora
QSL 118	tornozelo	7	Tarrafas
QSL	ferrolho/ salva / pícula / pique	4	Porteiras Tarrafas Araripe
QSL 177	geleia	3	Várzea Alegre Tarrafas
QSL 201	ônibus interurbano	2	Várzea Alegre Tarrafas

3) Questões que não foram aplicadas aos informantes de dois pontos de inquérito por um equívoco no questionário utilizado pelo pesquisador, conforme se verifica no quadro a seguir:

Quadro 08 – Questões não inseridas no questionário.

Questão	Palavras-temas
QSL 152	curandeiro
QSL 153	medalha
QSL 154	presépio

Como o objetivo desta pesquisa é mapear a fala na Região do Cariri cearense, nas Cartas Linguísticas elaboradas, optamos por registrar todas variantes no nível fonético quanto no lexical, evidenciando, nas notas, a representação fonética e grafemática de cada uma das variantes e a indicação do informante por meio do código expresso no Quadro 1, p. 107.

5.1.3 Representação fonética

A transcrição fonética foi feita com base no Alfabeto Internacional de Fonética (IPA), levando-se em conta a proposta de Silva (2001)⁶¹ para a representação fonética do português brasileiro.

Quadro 09 – Representação Fonética utilizada na transcrição.

Vogais		
oral	nasal	nasalizada
[a] = ['kahte*]	[ã] = [ado'sãtɪ]	[ã] = [kã'melʊ]
* [e] = vogal oral átona em final de palavra		
[ɛ] = [pɛ'kadʊ]	[e] = [a'beʎe]	[ẽ] = ['bêtu]
[i] = [i'greʒe]	[ĩ] = [dʃ'titʊ]	[ĩ] = [baj'ʃitʊ]
[o] = [mĩ'ʎoke]	[o] = [o'veʎe]	[õ] = [tõ'matɪ]
[u] = [u'zadu]	[ũ] = ['nũke]	[ũ] = [kũ'jadʊ]
[ɪ] = ['zêti]	[ʊ] = ['bahku]	
Semivogais		
[j] = ['kaj]e]	[w] = [paw'lade]	
Consoantes		
[p] = [põ'made]	[b] = [ko'lete]	
[t] = [tele'fônɪ]	[d] = [de'zeʒʊ]	
[tʃ] = ['tigrɪ]	[dʃ] = [dis'pute]	
[k] = [ko'ʎege]	[g] = [ga'vete]	
[f] = [fi'veʎe]	[v] = [vi'ole]	
[s] = [se'bole]	[z] = ['zebre]	
[ʃ] = ['ʃavi]	[ʒ] = [ge'ade]	
[l] = ['livrʊ]	[ʎ] = ['boʎe]	
[m] = ['mule]	[n] = ['navɪ]	[ɲ] = [ga'ʃiɲe]
[r] = [amar'elʊ]	[h] = ['hatʊ]	[ɦ] = ['poɦte]
[ɾ] = [par'tide] (usado em realização vibrante, característica da fala do gaúcho)		
Sinais diacríticos		
'	Tonicidade	
~	Nasalidade	

⁶¹ CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português - roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

5.2 As cartas linguísticas

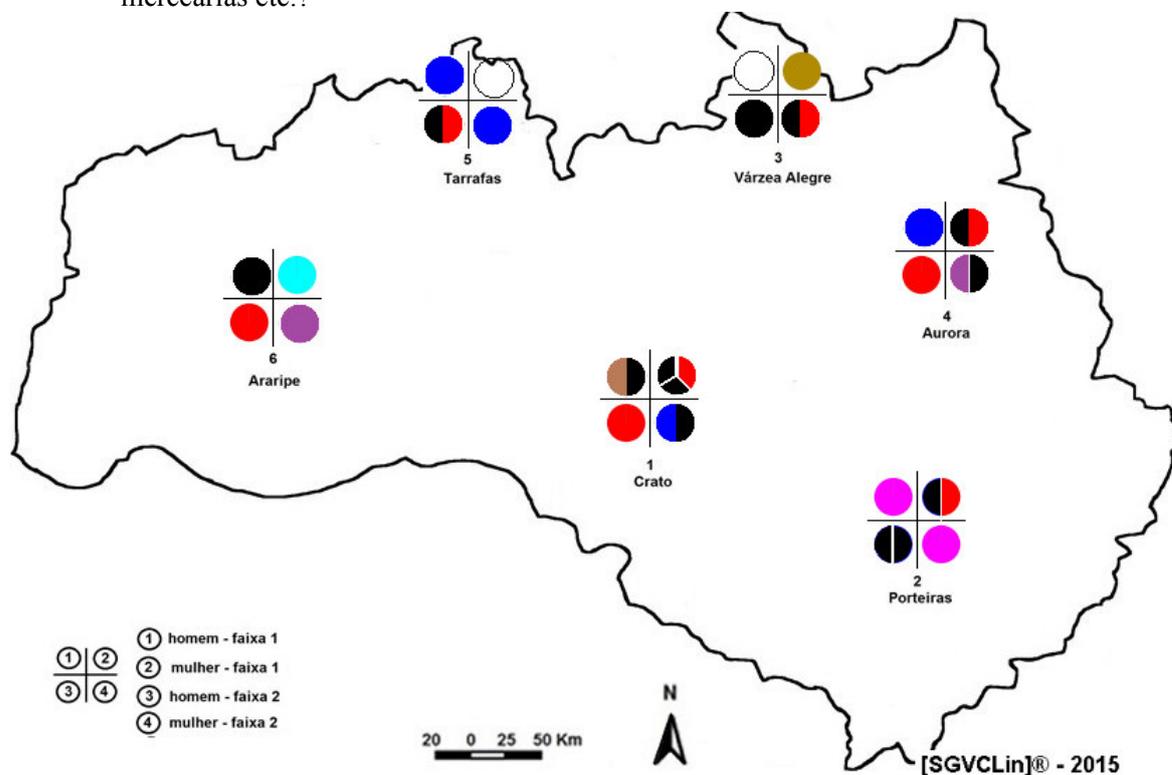
5.2.1 Cartas fonéticas



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 1
PRATELEIRA

QFF 3 - Como se chama aquilo assim (*mímica*) onde se colocam objetos na cozinha (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender no supermercado, mercearias etc.?



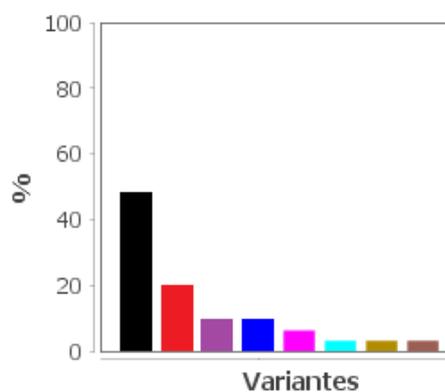
Variantes

- outras respostas
- [pahtɾ'lerɐ]
- [paʃtɾ'lerɐ]
- [pratɾ'lerɐ]
- [patɾ'lerɐ]
- [platɾ'lerɐ]
- [pratʃ'i'lerɐ]
- [prati'lejɾɐ]
- sem resposta

Nota:

1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ah'maryw] pelos informantes CRA1, CRA2 (2ª resp.), POR2, POR3 (1ª resp.), VAR3, VAR4, AUR2 e AUR4; b) [ɾ'fãtɾ] pelos informantes CRA2 (1ª resp.), CRA4; POR3 (2ª resp.), TAR3 e ARA1.

Geral

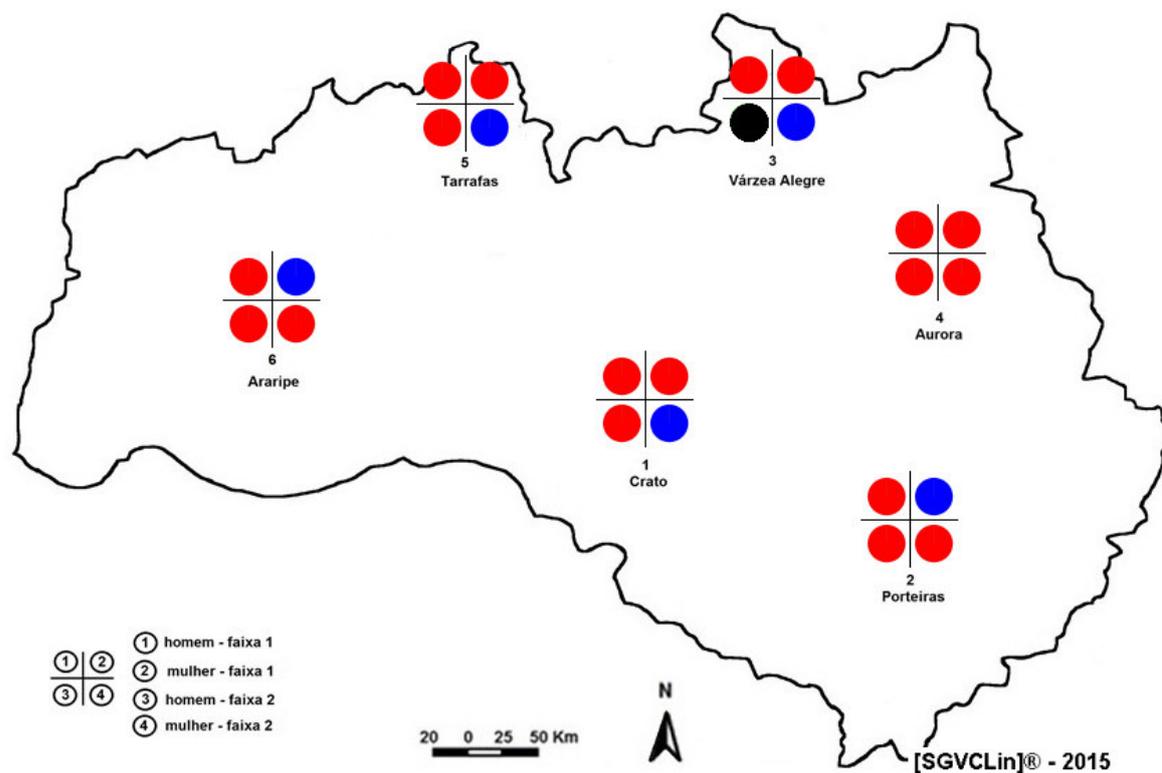




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

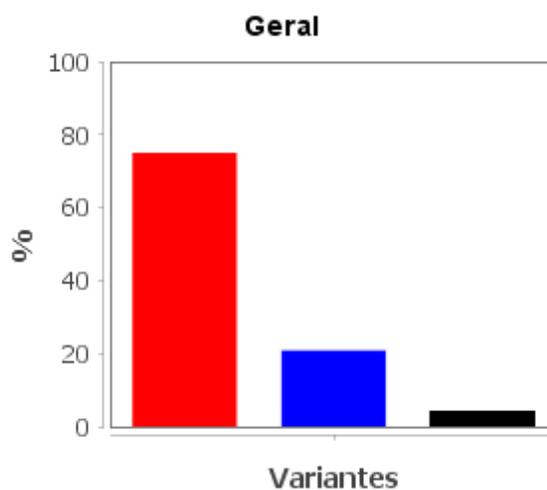
Carta nº 2
CAIXA

QFF 5 - Quando a gente compra uma TV, ela vem da loja dentro de uma _____.



Variantes

- ['kaʃɐ]
- ['kajʃɐ]
- outra resposta



Nota:

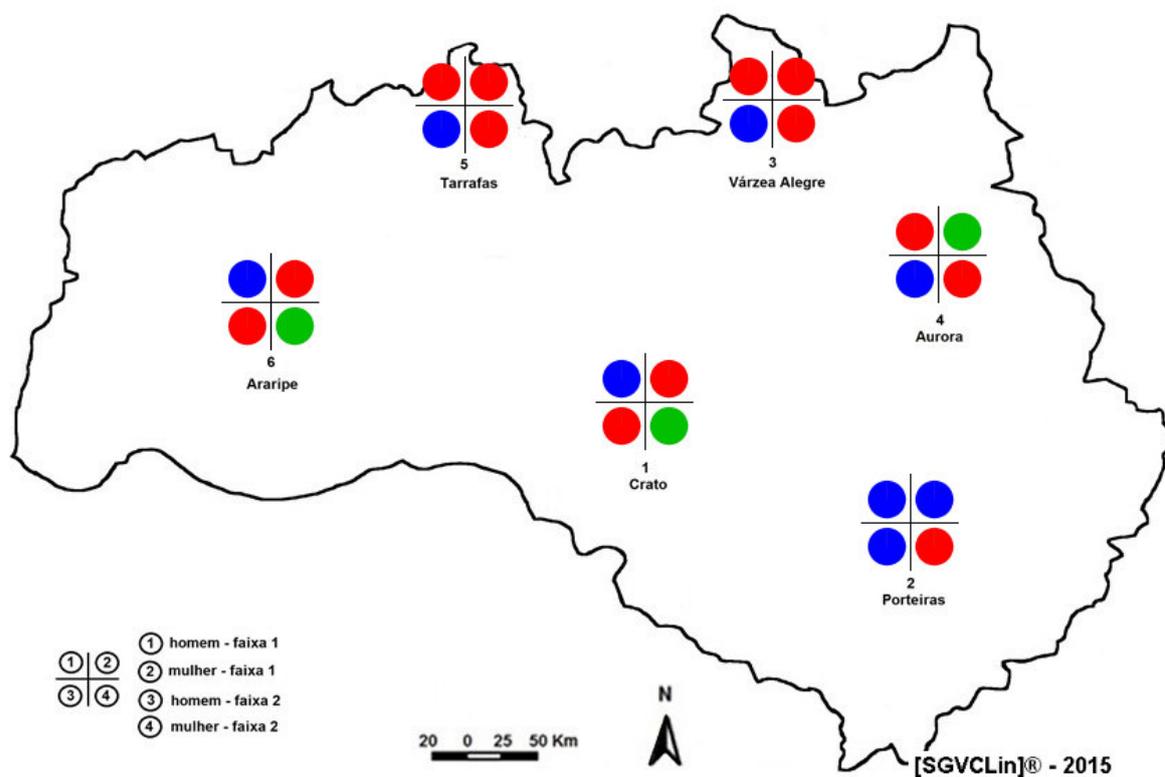
1. Foi registrada a forma [iba'laʒɪ] pelo informante VAR3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 3
TESOURA

QFF 6 – Como se chama o objeto com que se corta tecido?

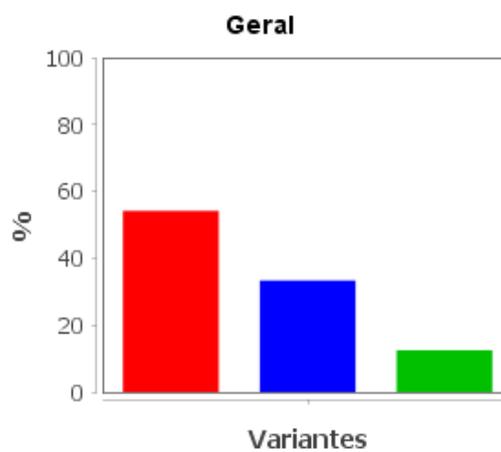


Variantes

● [tʰzorɐ]

● [te'zorɐ]

● [te'zowrɐ]

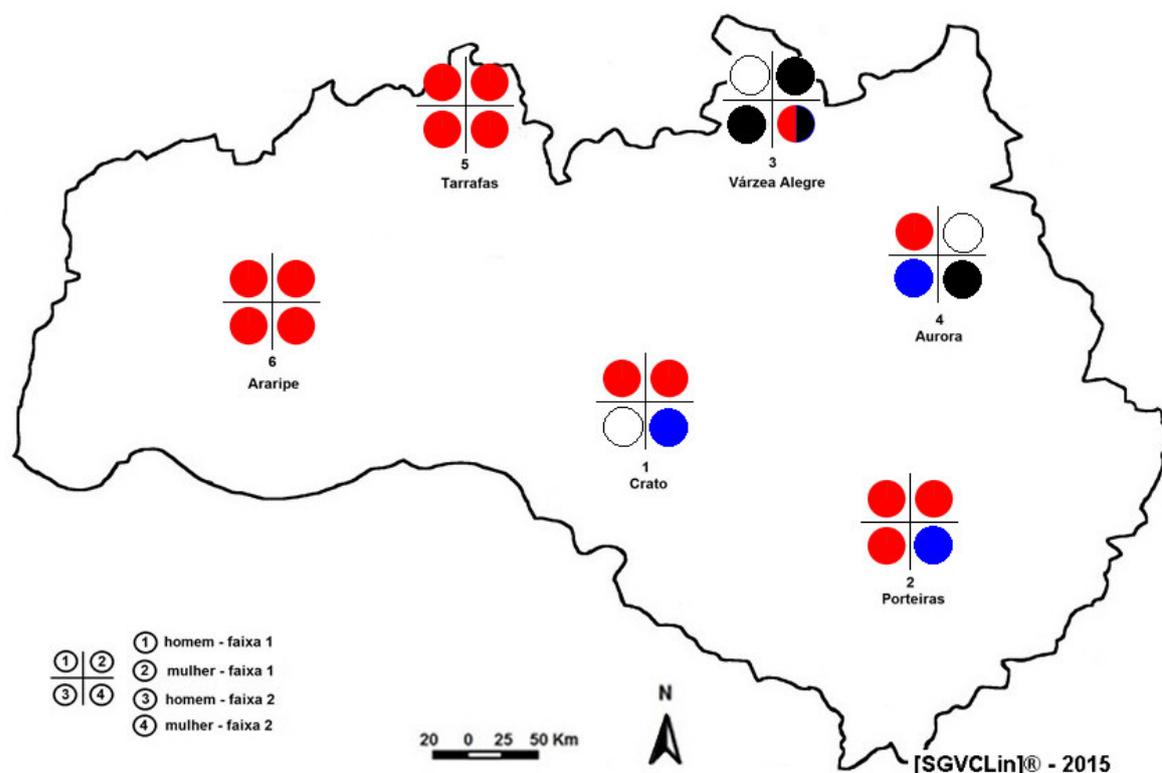




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

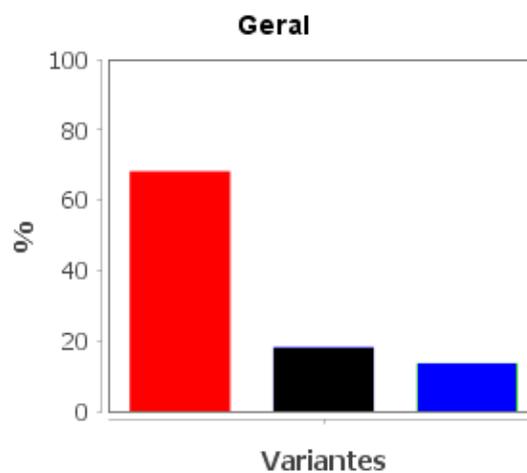
Carta nº 4
CAMINHA

QFF 7 – Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?



Variantes

- [kã'mĩɛ]
- outras respostas
- [kã'mĩɲɛ]
- sem resposta



Nota:

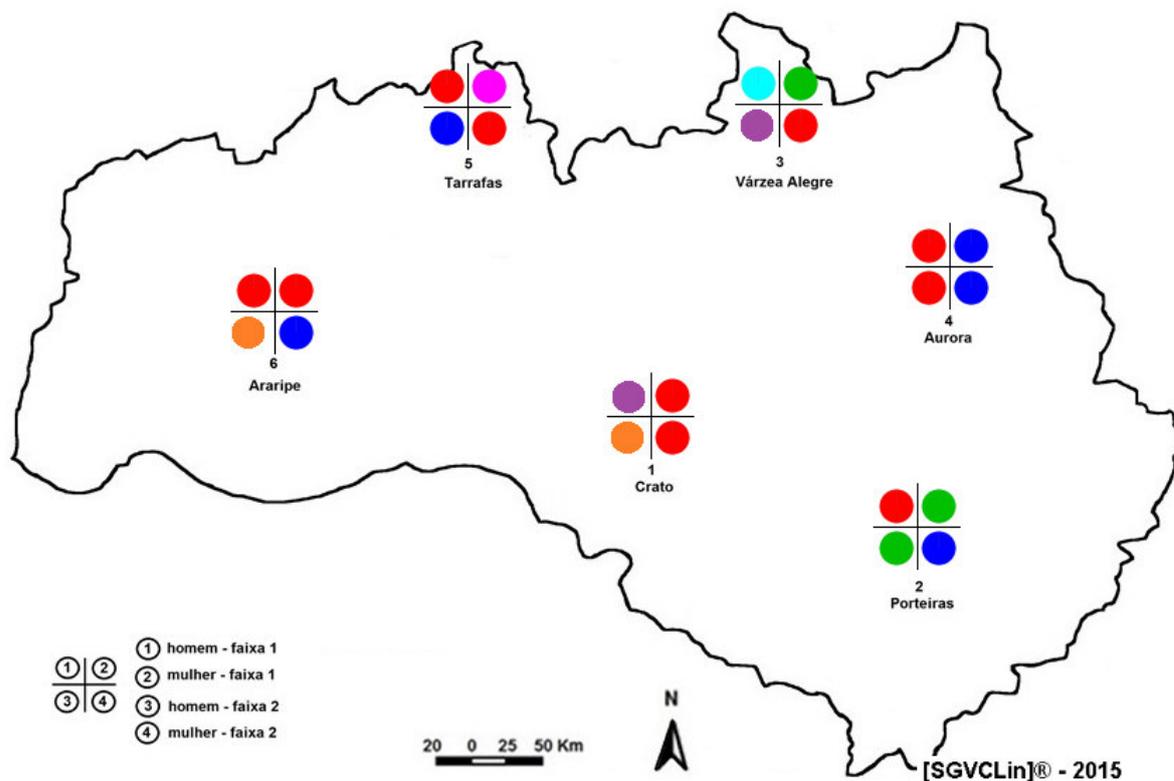
1. Foram registradas as seguintes formas: a) ['hedɪ] pelo informante VAR4; b) [kwah'tĩ] pelos informantes VARZ3 e AUR4; c) ['kãmɛpɪkĩ'nĩɛ] pelo informante VAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

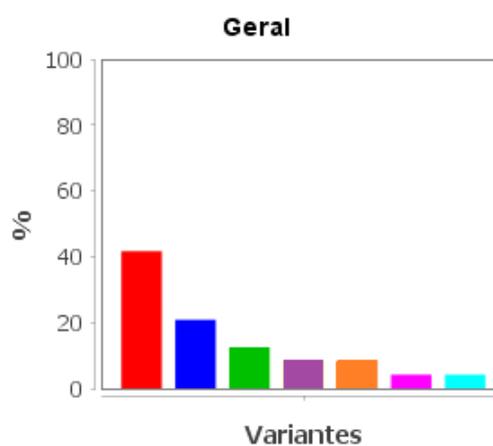
Carta nº 5
TRAVESSEIRO

QFF 8 - Como se chama aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?



Variantes

- [travi'seru]
- [tabi'sejru]
- [trabi'seru]
- [trabe'seru]
- [kabi'sejru]
- [trave'seru]
- [travi'sejru]

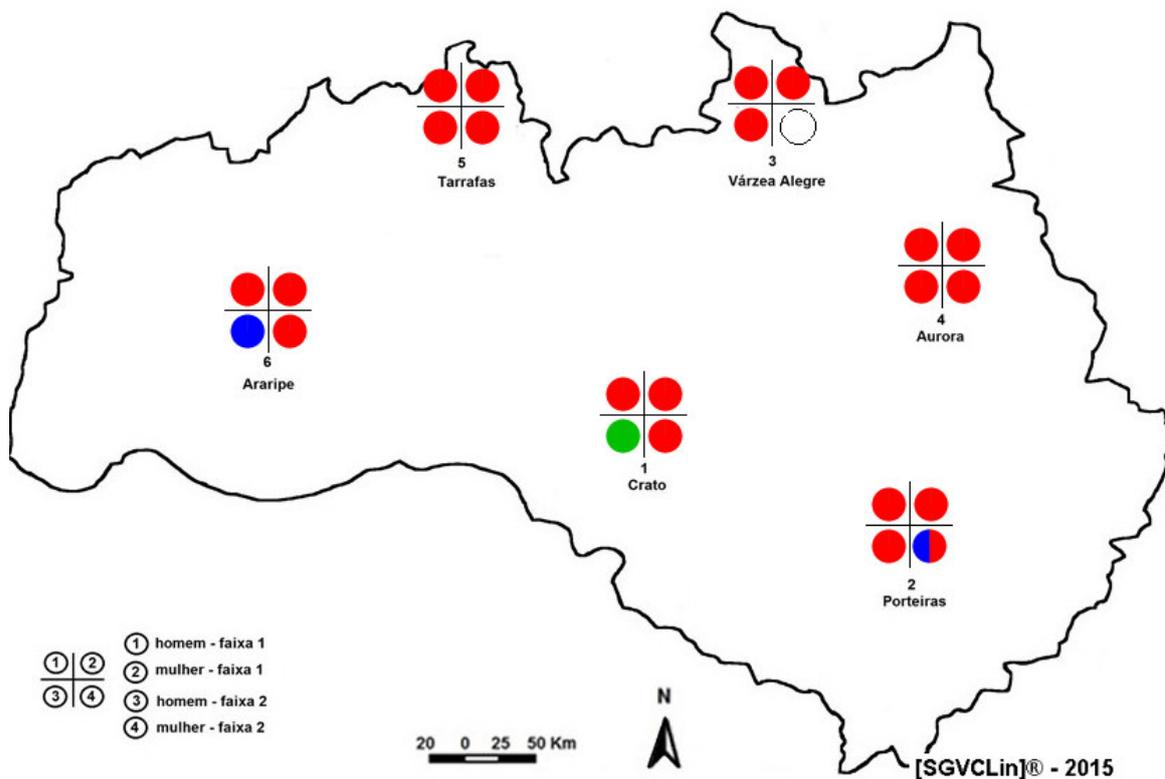




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 6
LÂMPADA

QFF 10 – O que ilumina uma casa e tem que ser trocada quando queima? (*Apontar*).

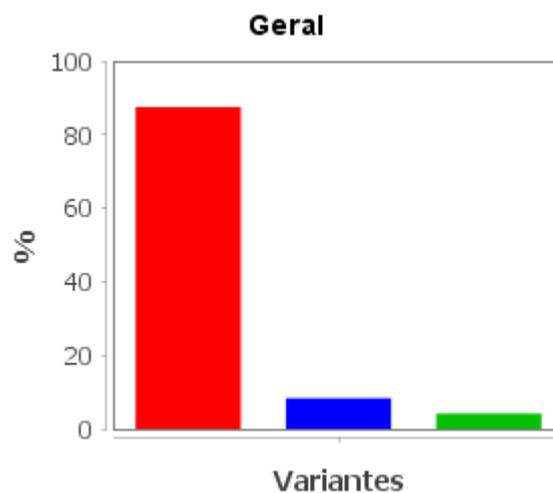


Variantes

● [lãpadɛ]

● [lãpɐ]

● [lãprɛ]

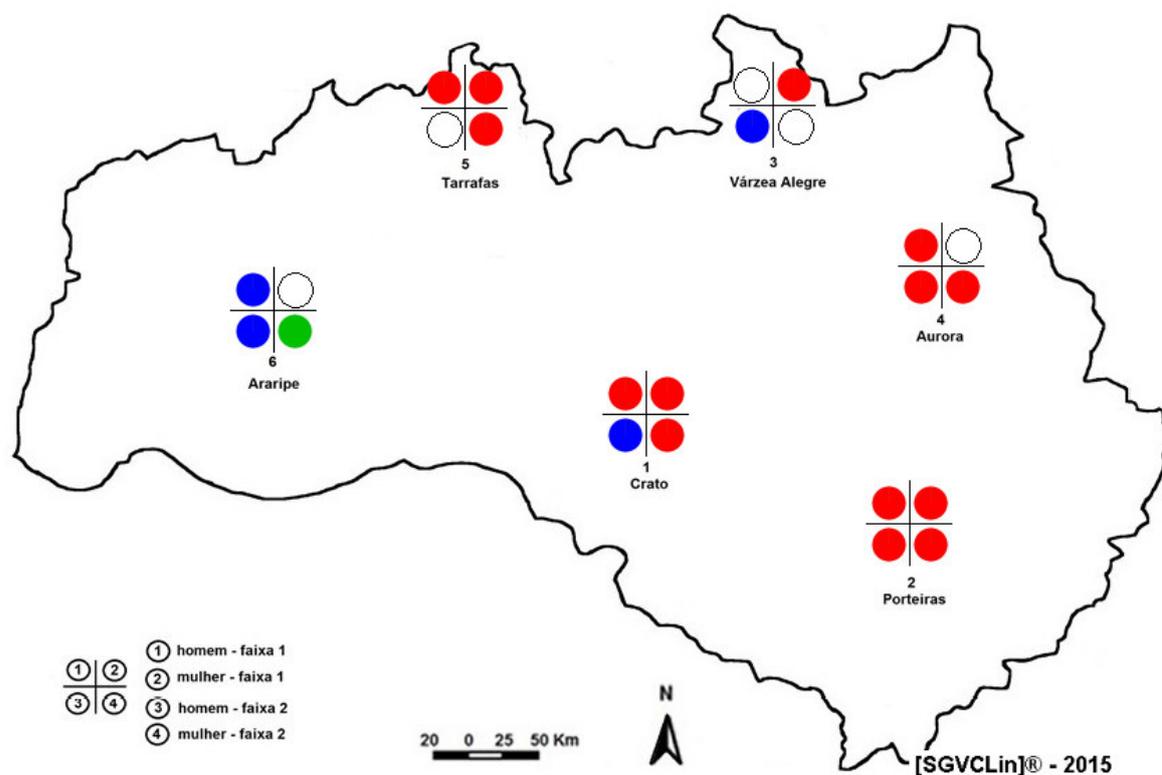




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

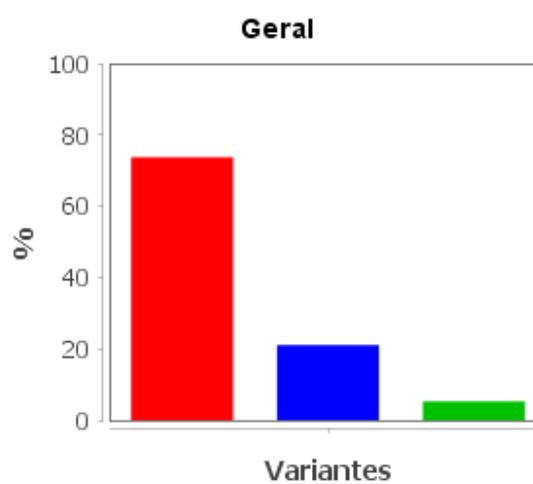
Carta nº 7
ELÉTRICO

QFF 11 – Antigamente, para passar a roupa, usava-se um ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferros que se usa?



Variantes

- [ɛ'letrikʊ]
- [ɛ'letikʊ]
- [ɛ'letrikʊ]
- sem resposta

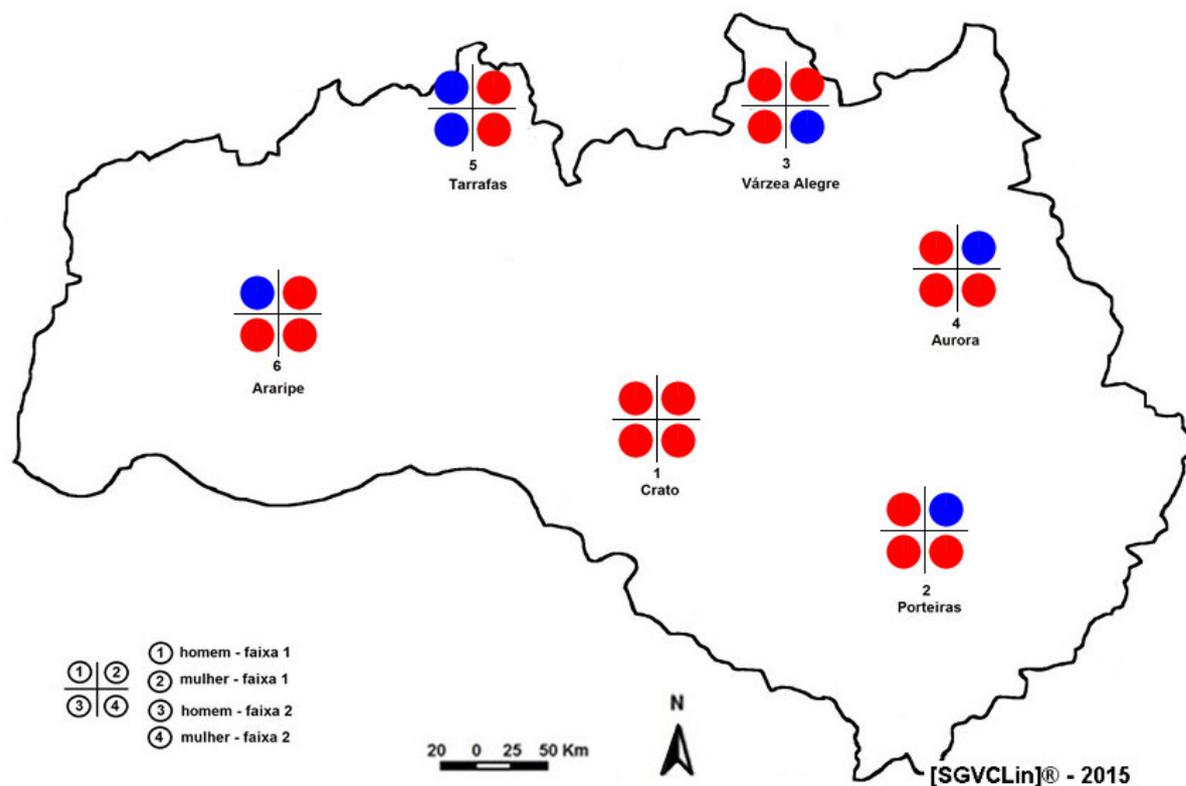




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 8
TORNEIRA

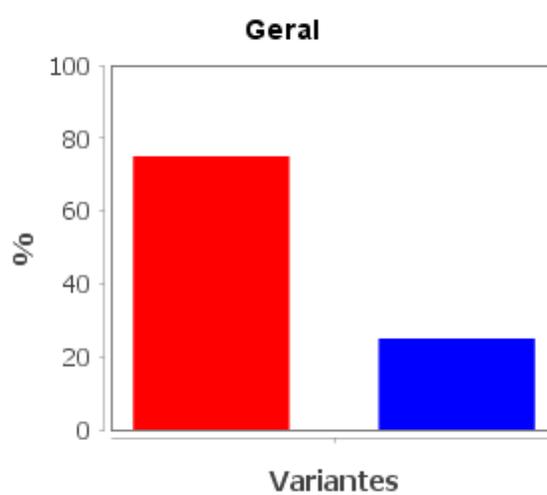
QFF 12 – Como se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?



Variantes

● [tofi'nerɐ]

● tofi'nejrɐ]

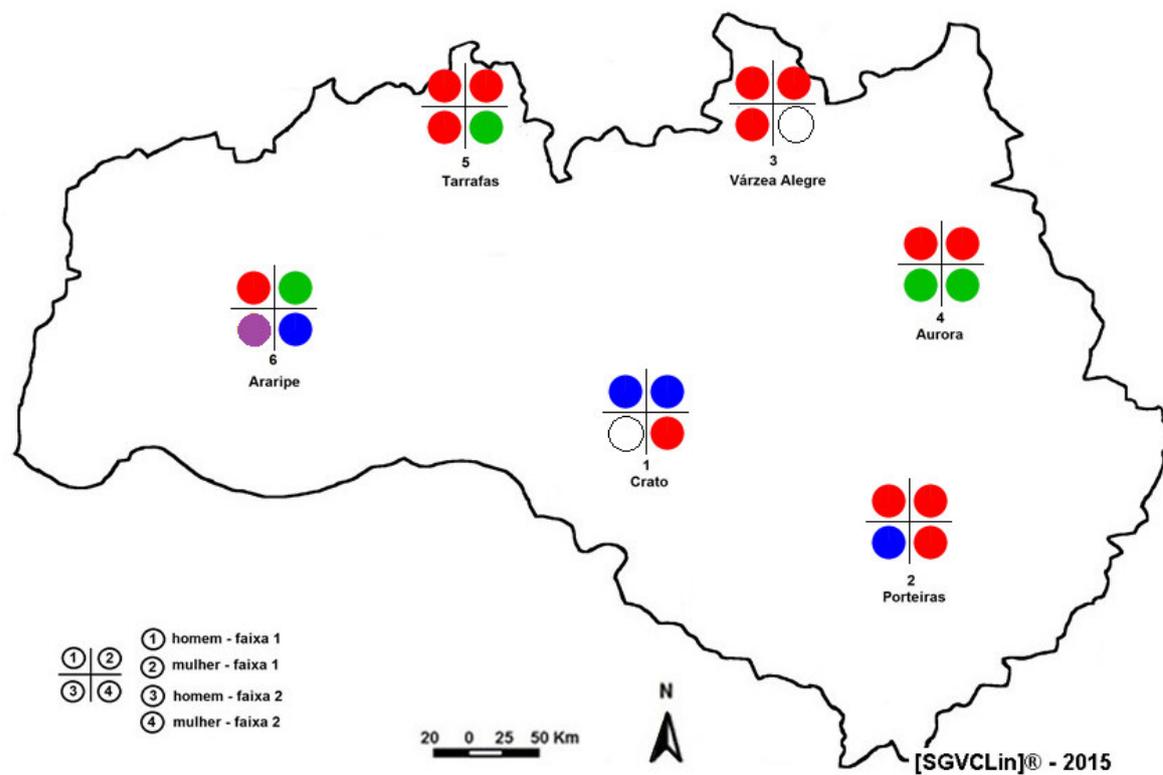




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 9
FECHA

QFF 11 – Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano _____ a porta.



Variantes

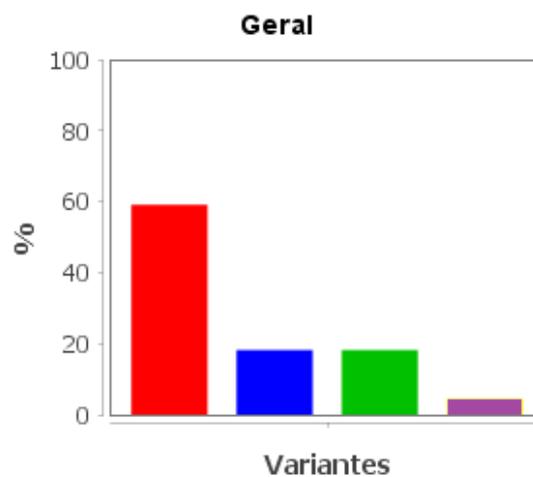
● ['feʃɪ]

● ['fɛʃɪ]

● ['feʃɐ]

● ['fɛʃɐ]

○ sem resposta

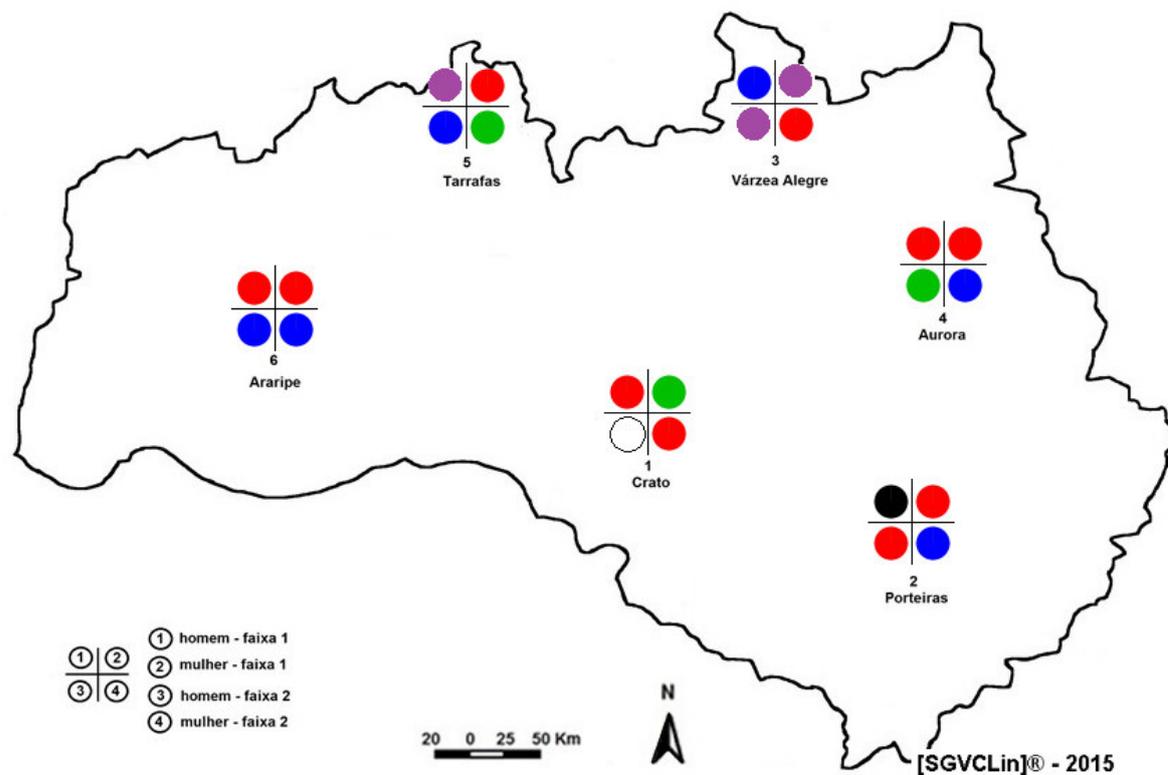




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

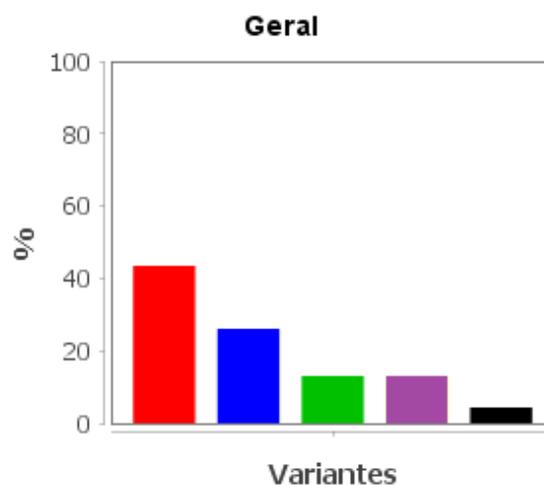
Carta nº 10
FÓSFORO

QFF 15 – Como se chama aquele palitinho que acende o fogo?



Variantes

- [ˈfɔsfɔɾu]
- [ˈfɔsku]
- [ˈfɔskɔɾu]
- [ˈfɔsfuru]
- [ˈfɔskuru]
- sem resposta

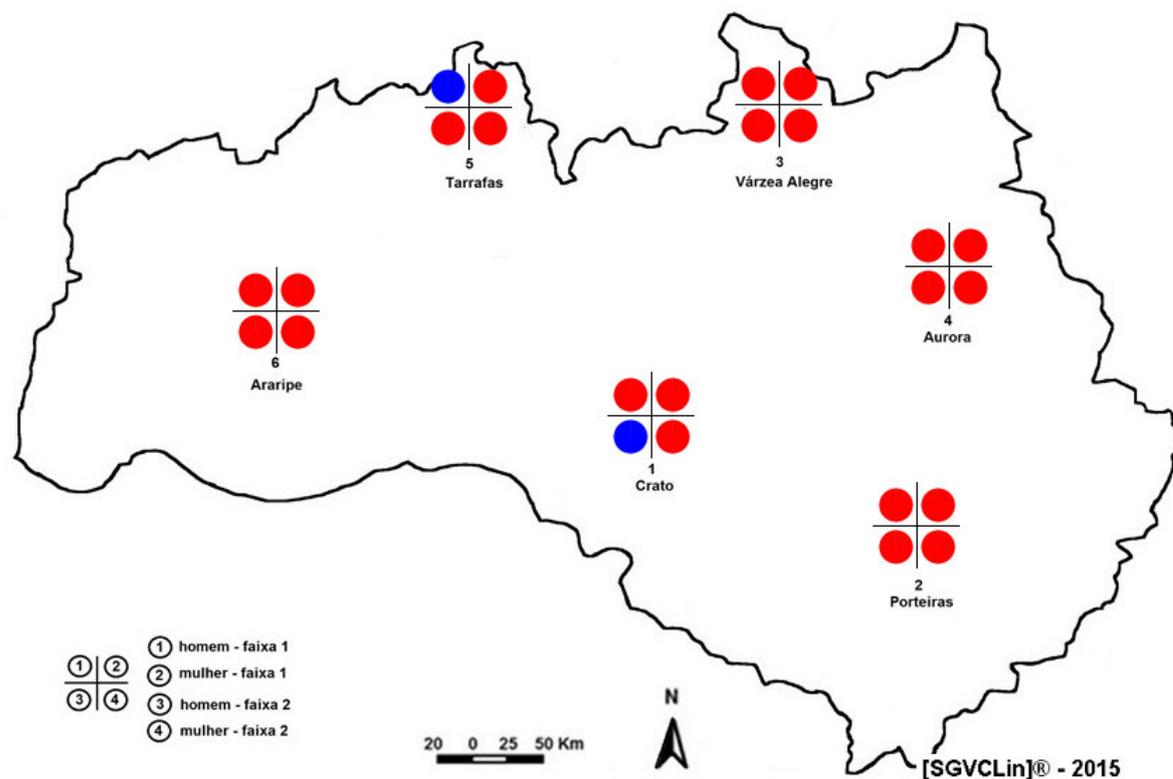




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 11
FUMAÇA

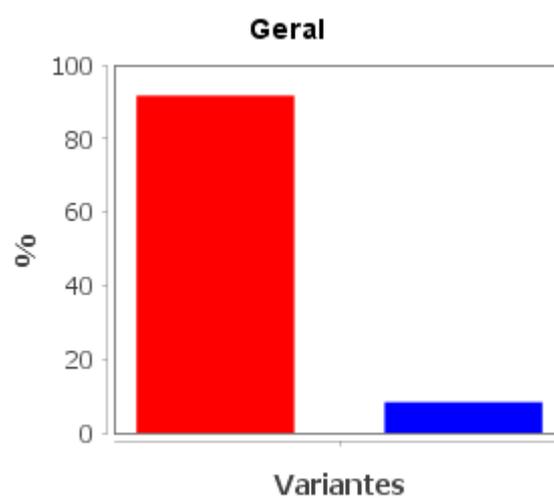
QFF 16 – Como se chama aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?



Variantes

● [fũ'masɛ]

● [fu'masɛ]

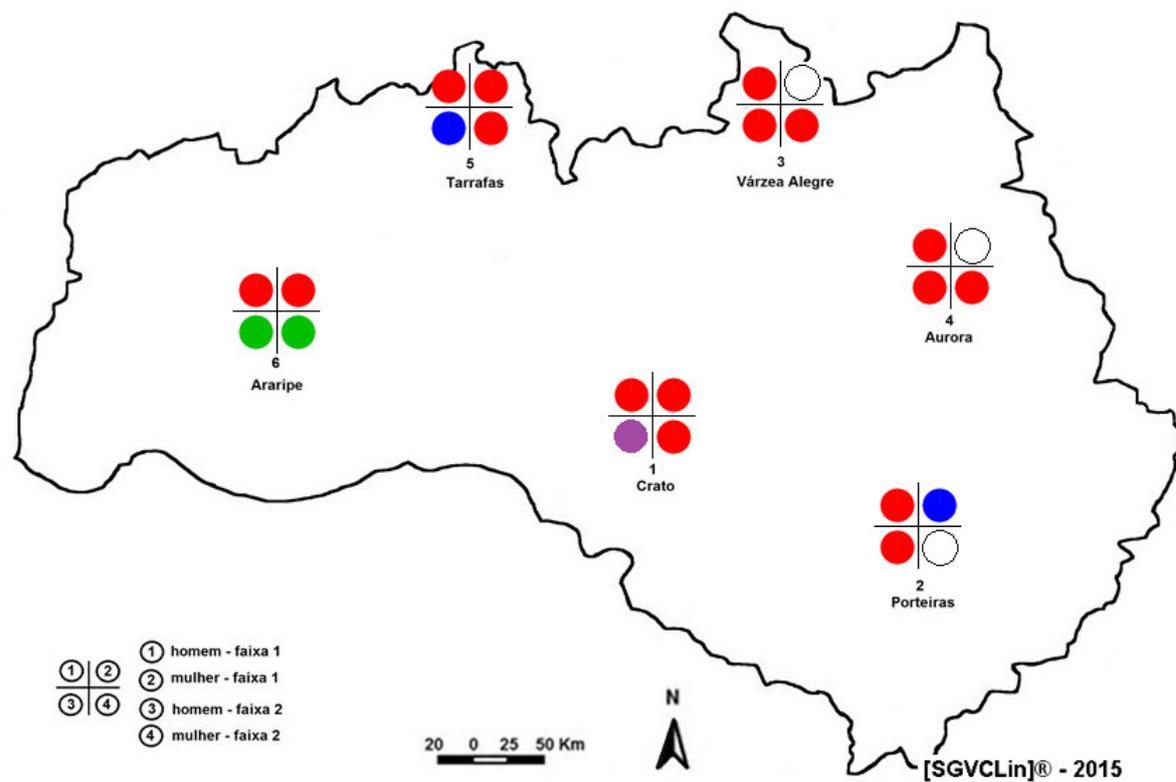




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

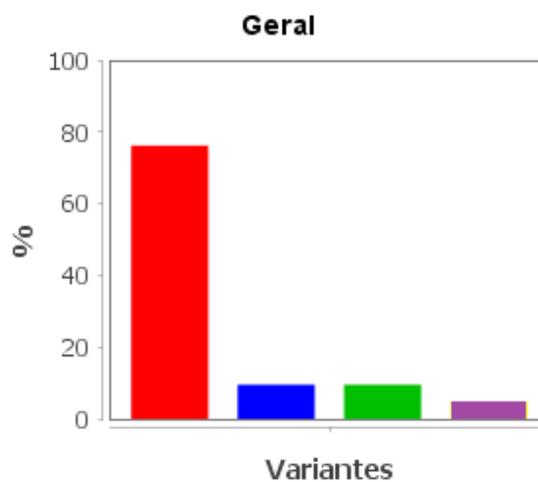
Carta nº 12
PÓLVORA

QFF 17 – Do que são feitos os fogos de artifícios?



Variantes

- ['pɔwvɔrɐ]
- ['pɔvɔrɐ]
- ['pɔwvɐ]
- ['pɔjvɐ]
- sem resposta

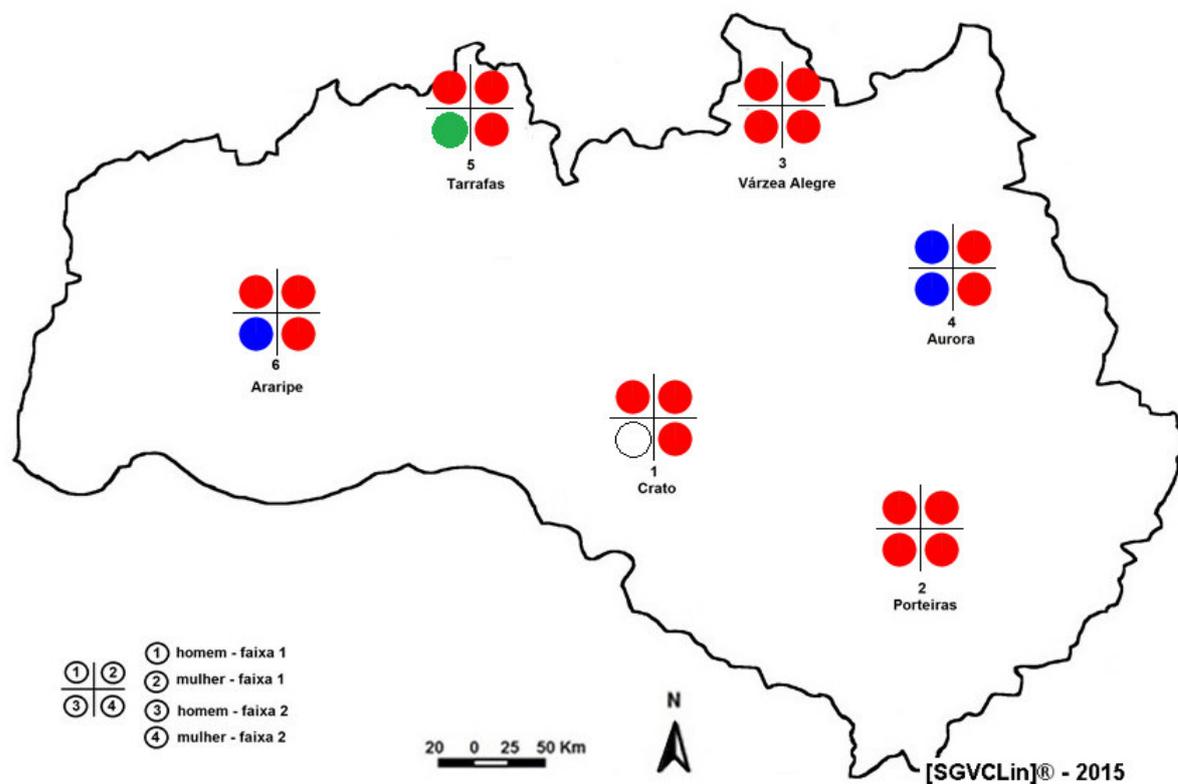




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 13
VARRER

QFF 18 – Para limpar o chão o que é que é preciso fazer? (*mímica*).

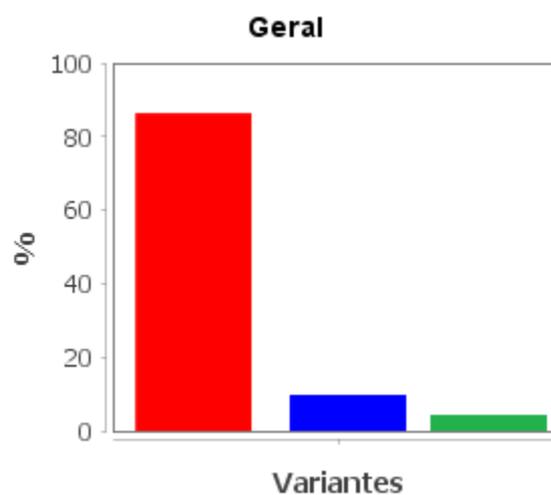


Variantes

● [va'he]

● [ba'he]

○ sem resposta



Nota:

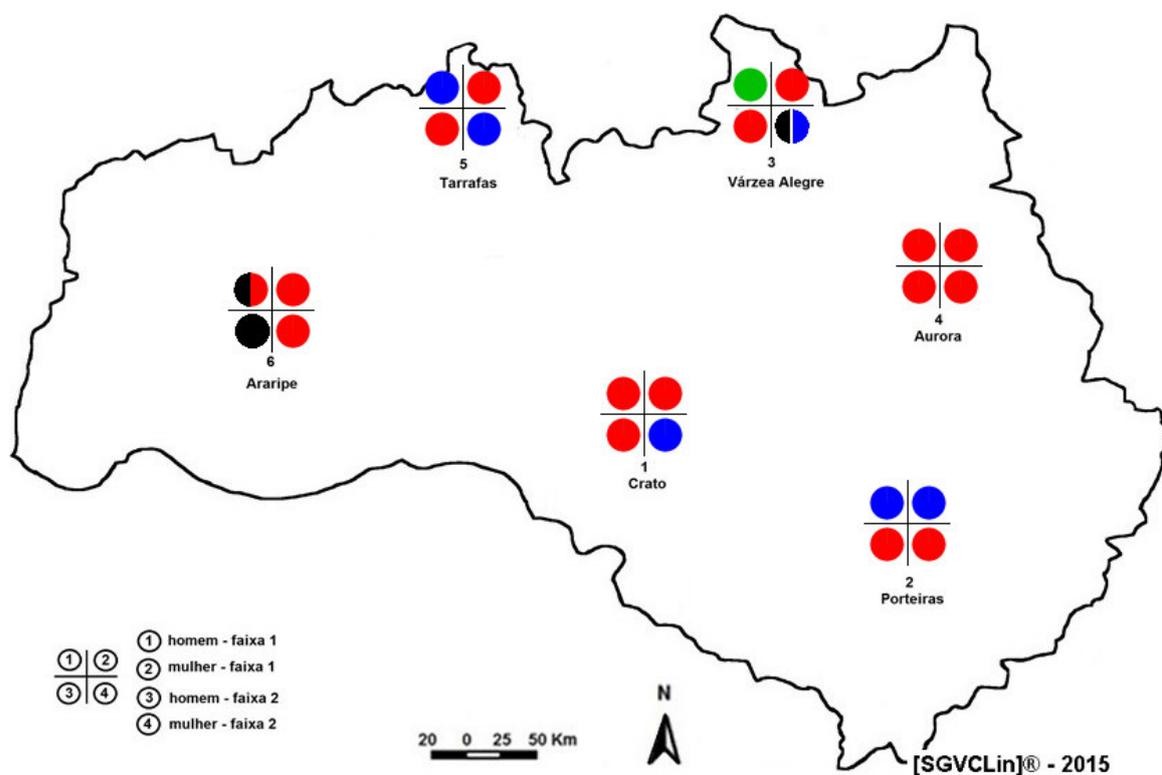
1. Foi registrada a forma [va'hẽdu] pelo informante TAR3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

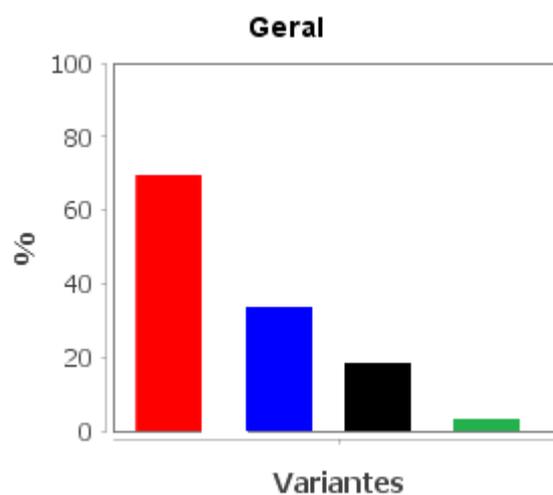
Carta nº 14
RUIM

QFF 20 – Uma comida pode estar boa ou _____



Variantes

- ['hũ]
- [hu'ĩ]
- ['hĩ]



Nota:

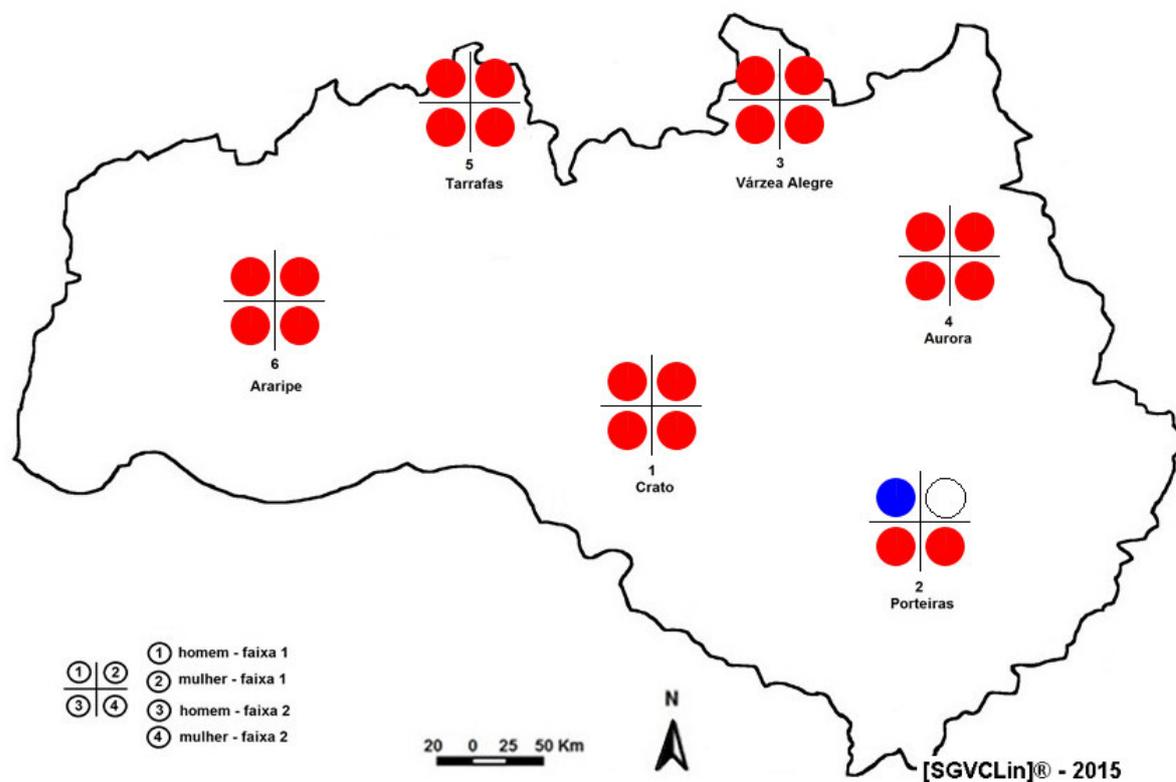
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ɪʃtra'gadɐ] pelos informantes ARA1, VAR4; b) [hazu'avi] pelo informante ARA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 15
GORDURA

QFF 22 – A carne de porco não é magra porque tem_____.

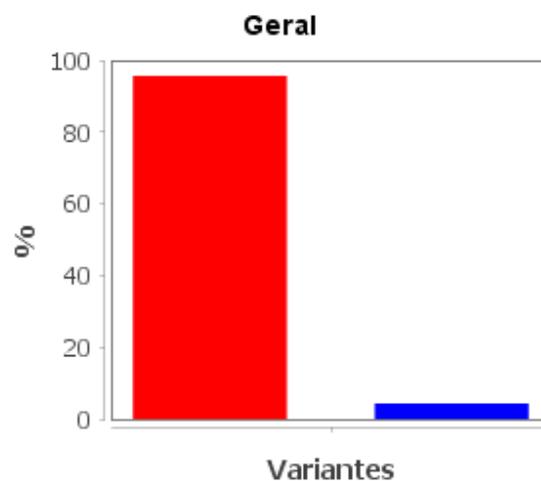


Variantes

● [gofɨ'durɐ]

● [gofɨ'durɐ]

○ sem resposta

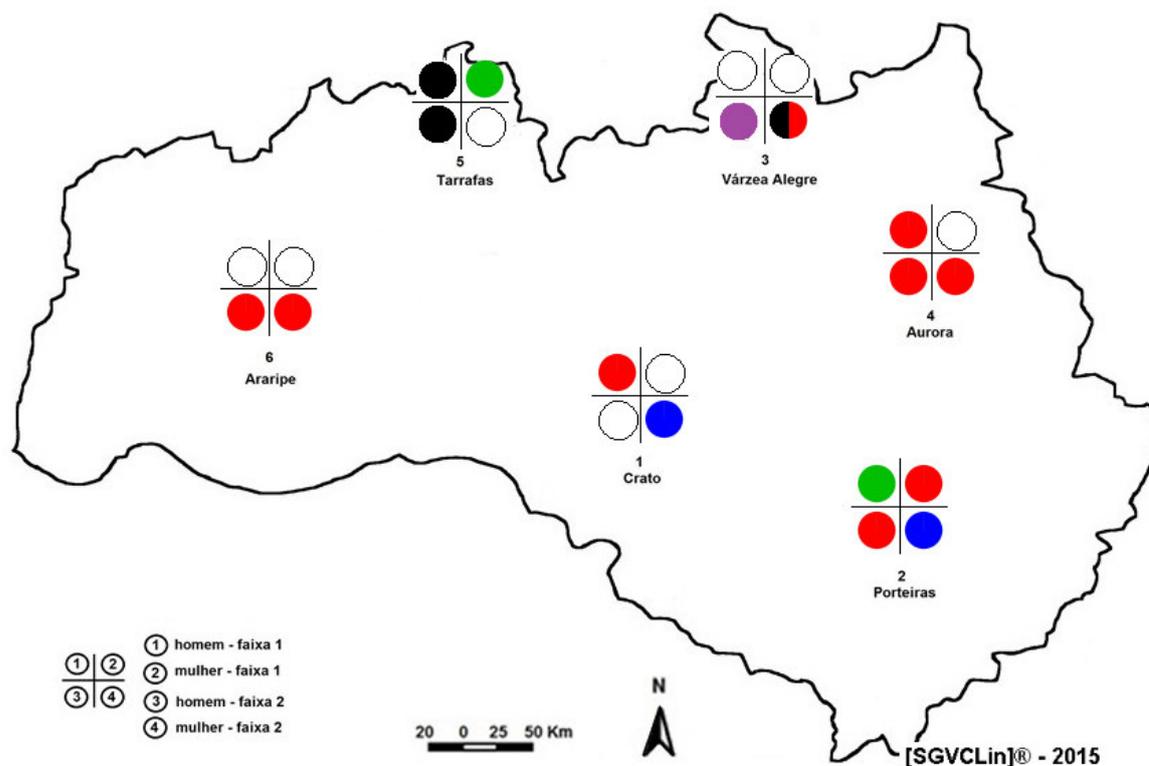




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

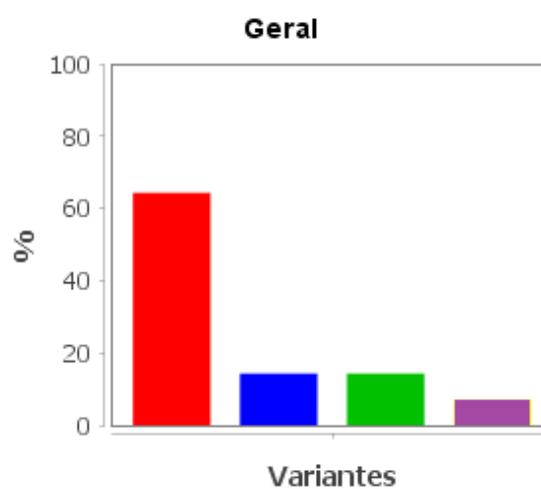
Carta nº 16
GRELHA

QFF 23 – Como se chama uma pequena grade de metal ou de ferro que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa para assar carne, frango, etc.?



Variantes

- ['gɾɛɫɐ]
- ['gɾɛɐ]
- ['gɾɛɫɐ]
- ['gɾɛjɐ]
- outras respostas
- sem resposta



Nota:

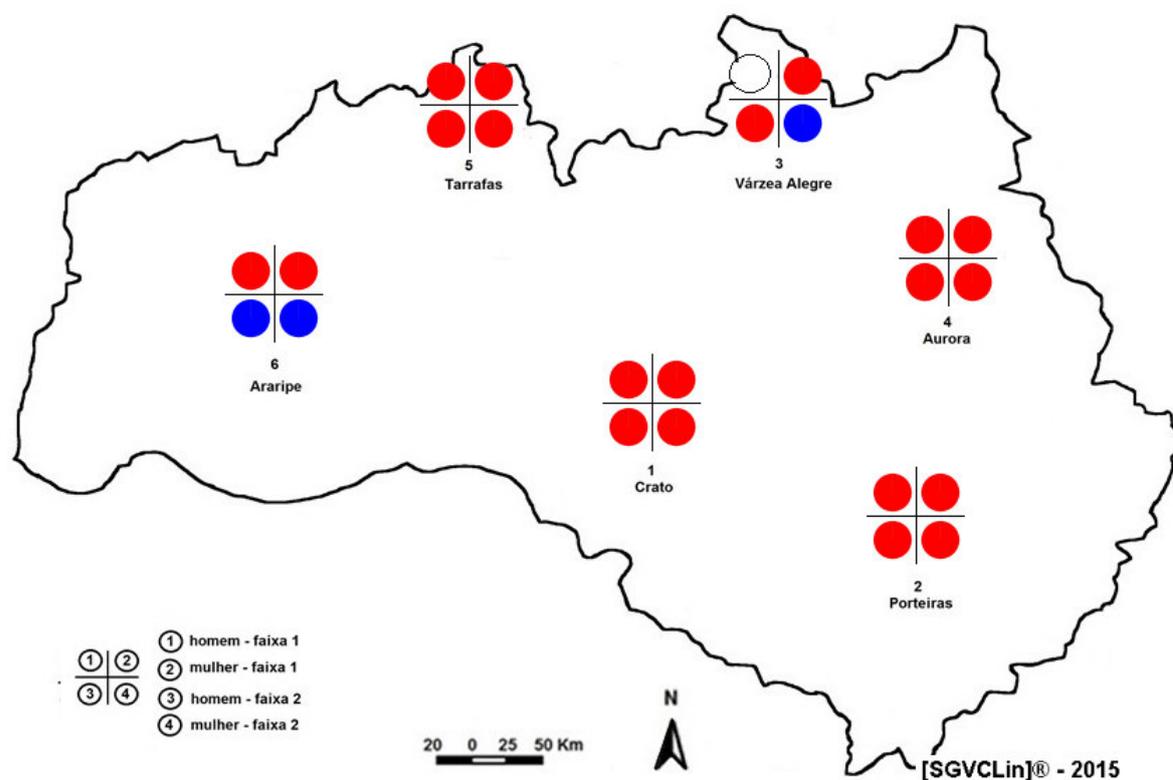
1. Foram registradas as seguintes formas: a) ['gɾadɪ] pelos informantes VAR4 e TAR1; b) 2. ['gɾa'diãdɾa'rãmɪ] pelo informante TAR3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 17
PENEIRA

QFF 24 – Como se chama aquele objeto que se usa na cozinha para passar farinha? (*mímica*).

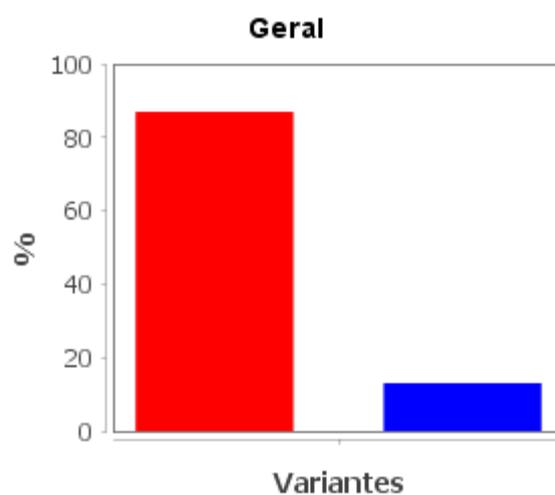


Variantes

● [pẽ'nerɐ]

● [pẽ'nejrɐ]

○ sem resposta

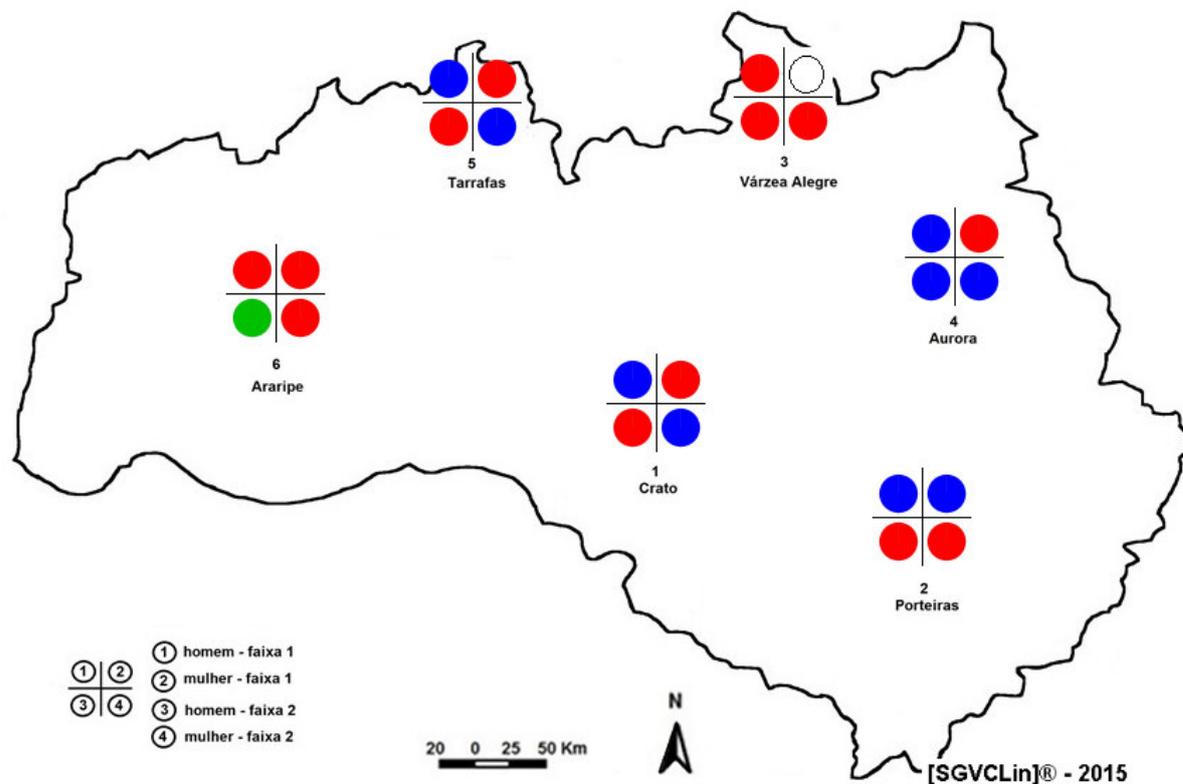




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

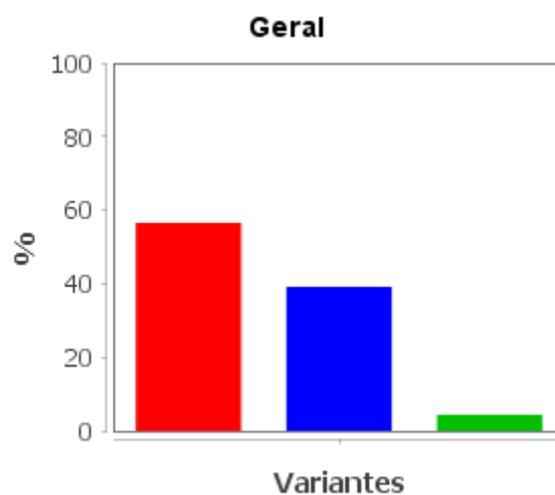
Carta nº 18
COLHER

QFF 25 – A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]



Variantes

- [kʊ'ɫɛ]
- [ko'ɫɛ]
- [koj'ɛ]
- sem resposta

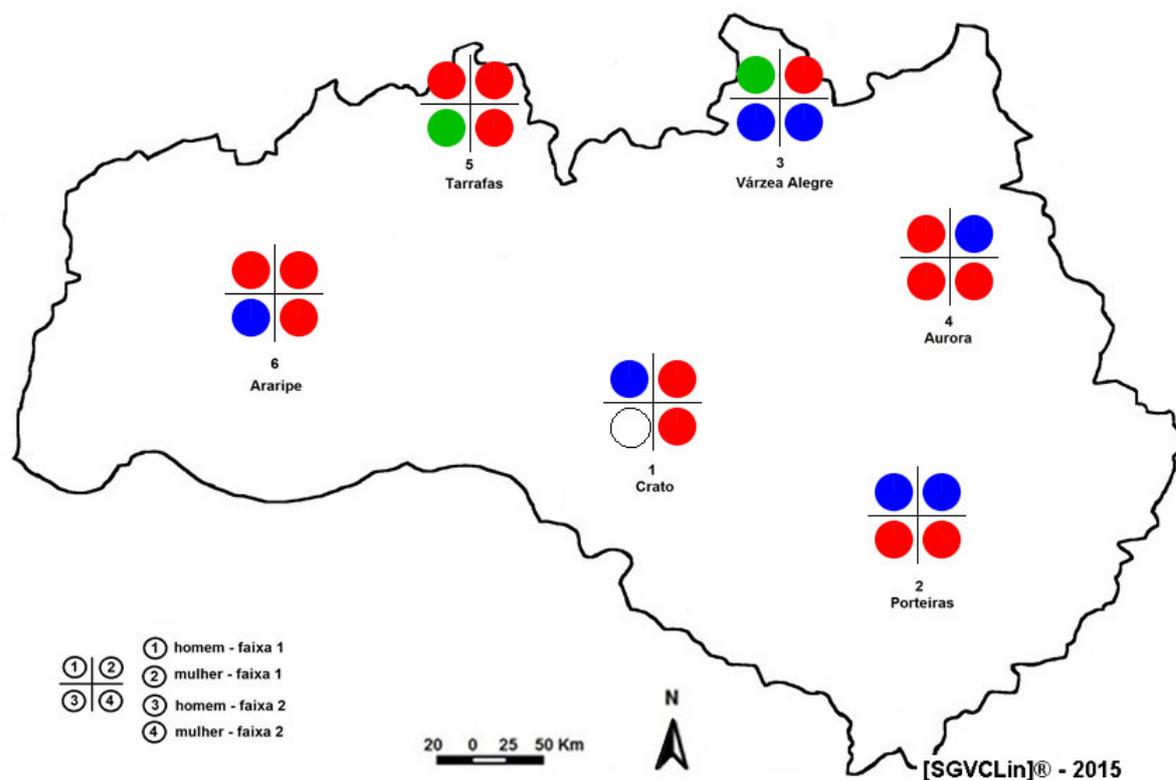




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

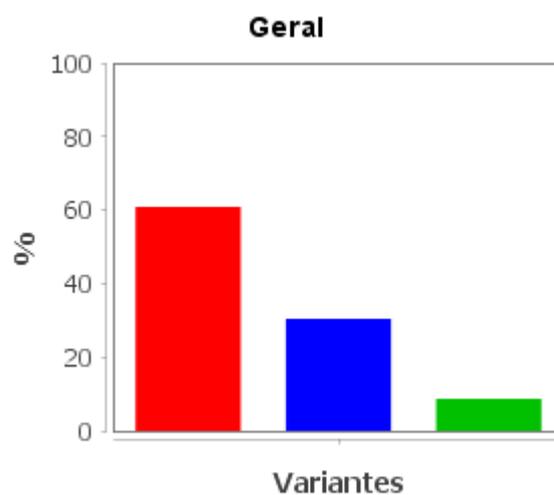
Carta nº 19
LIQUIDIFICADOR
LIQÜIDIFICADOR

QFF 26 – Como se chama um aparelho que é usado para fazer vitamina, sucos, etc.?



Variantes

- [likwidifika'do]
- [likidifika'do]
- [lifika'do]
- sem resposta

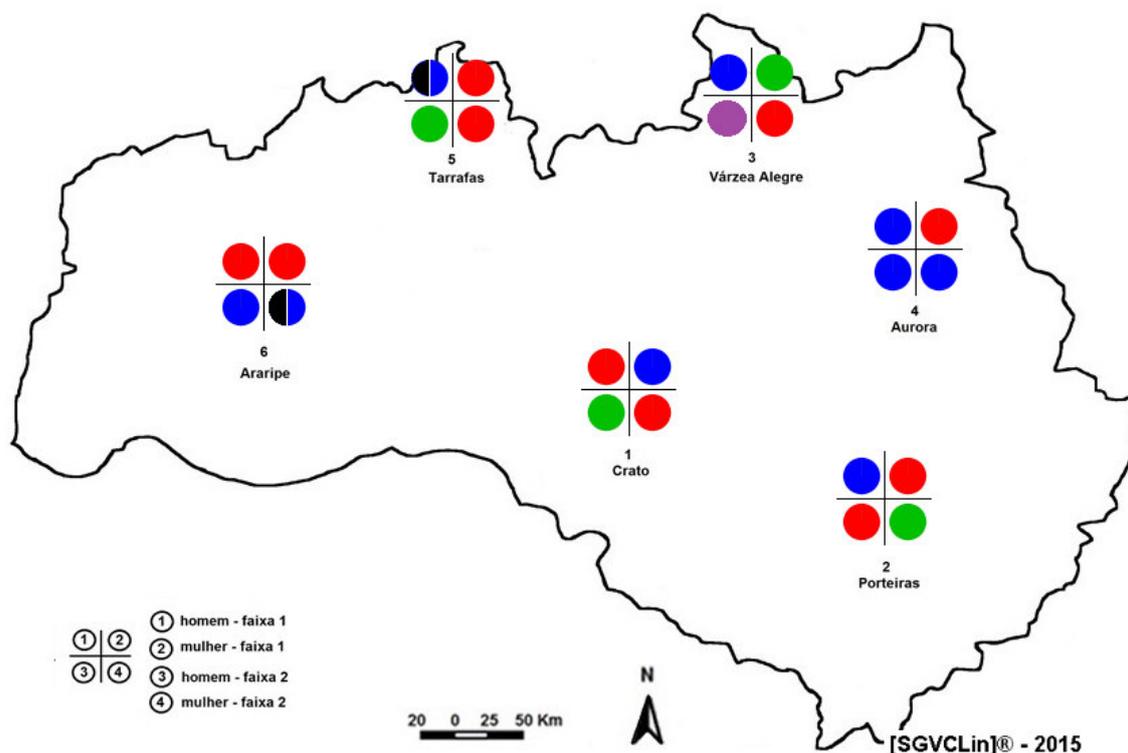




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

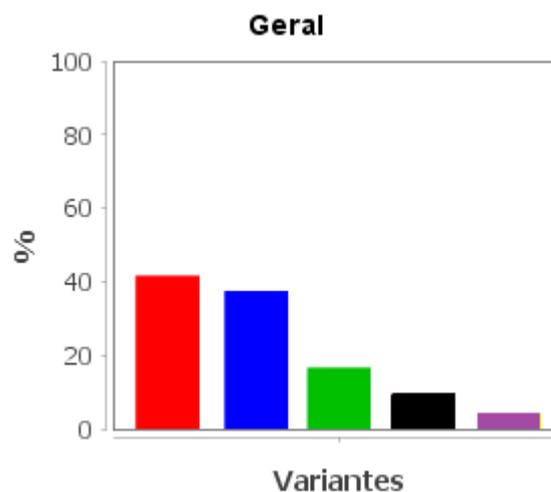
Carta nº 20
FERVENDO

QFF 27 – Quando a água da panela está quente, cheia de bolinhas, como é que se diz que ela está?



Variantes

- [fɛh'vẽdu]
- [fɛh'vẽnu]
- [frɛ'vẽnu]
- outras respostas
- [frɛ'vẽndu]
- sem resposta



Nota:

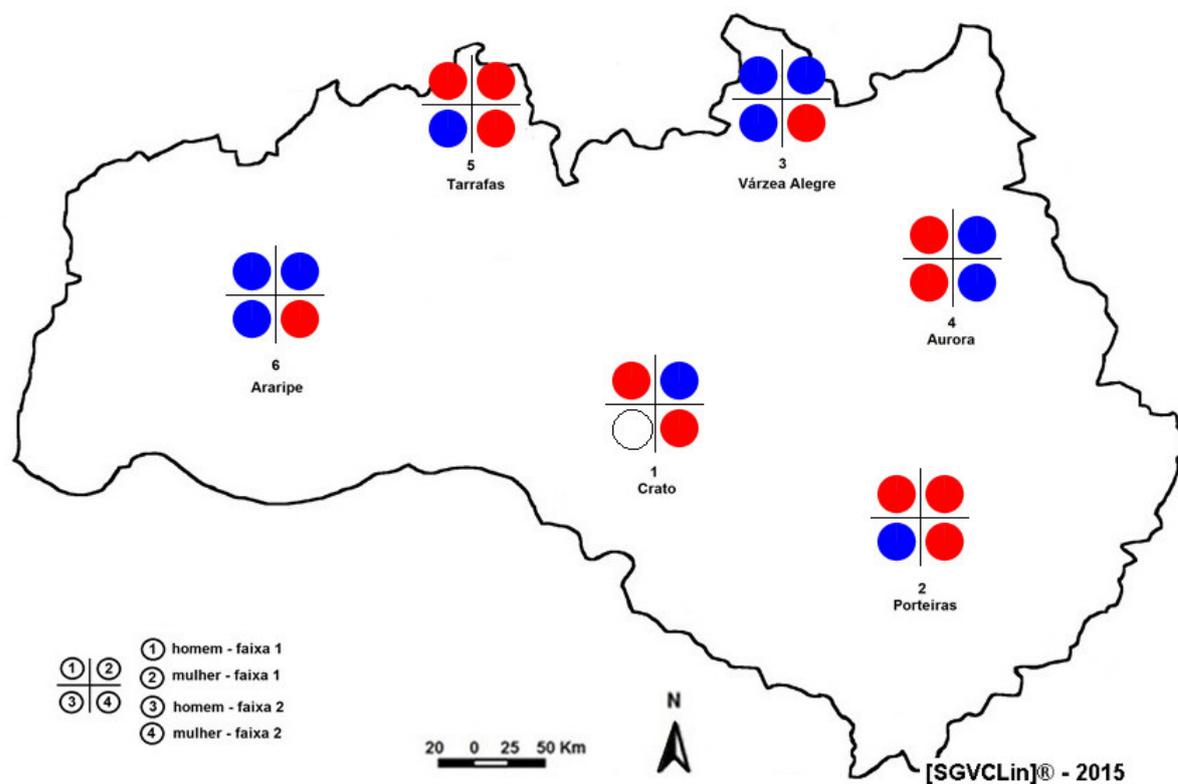
1. Foram registradas as seguintes formas: a) ['kẽti] pelo informante ARA2; b) [bɔfibu'ãdu] pelo informante TAR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 21
CEBOLA

QFF 29 – Como se chama um tempero de comida que quando se está cortando chora.

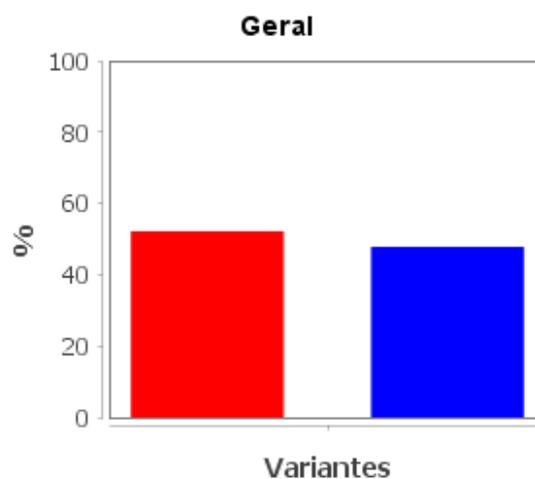


Variantes

● [se'bolɔ]

● [sɪ'bolɔ]

○ sem resposta

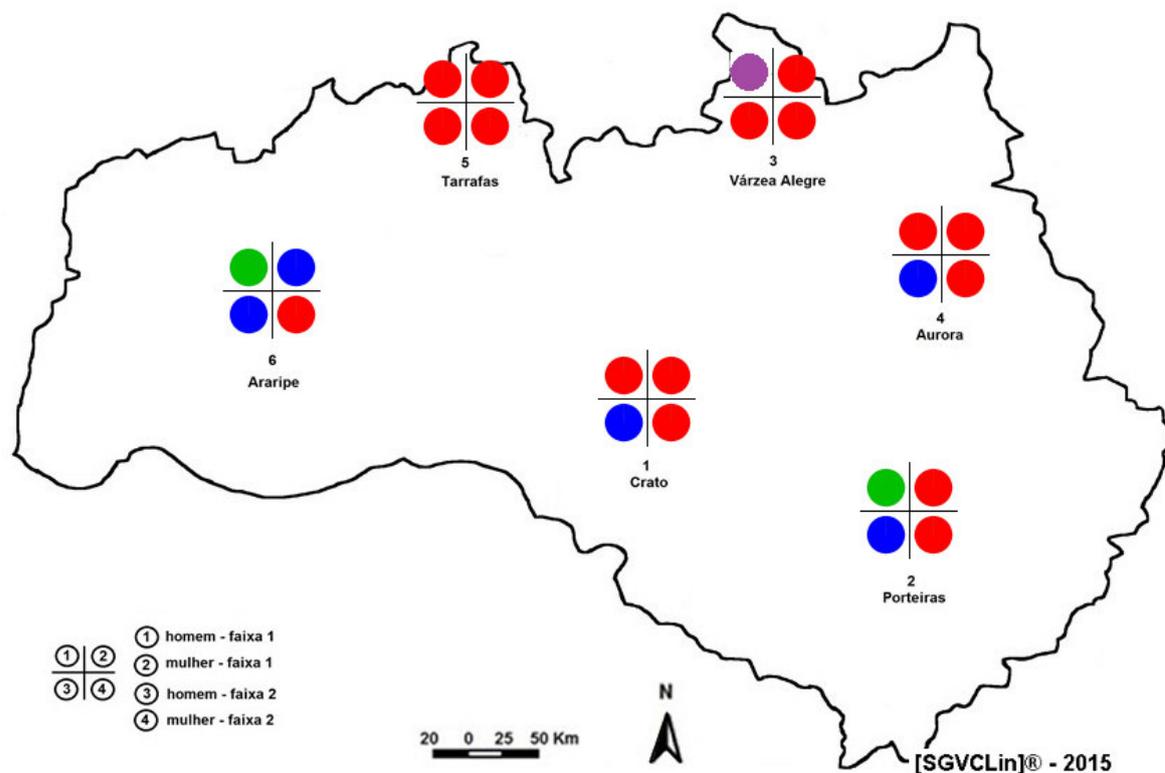




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

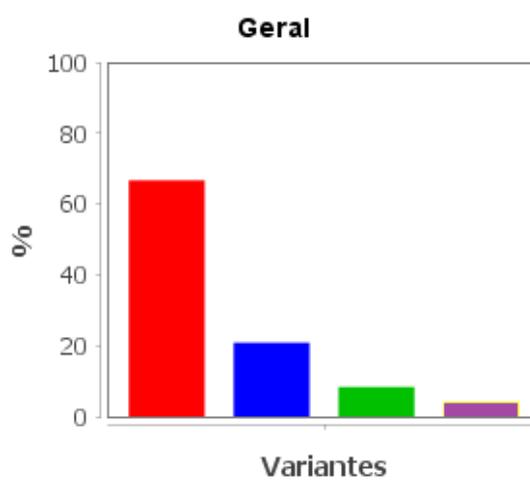
Carta nº 22
TOMATE

QFF 30 – Como se chama aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão.



Variantes

- [tõ'matɪ]
- [tũ'matɪ]
- [to'matɪ]
- [tu'matɪ]

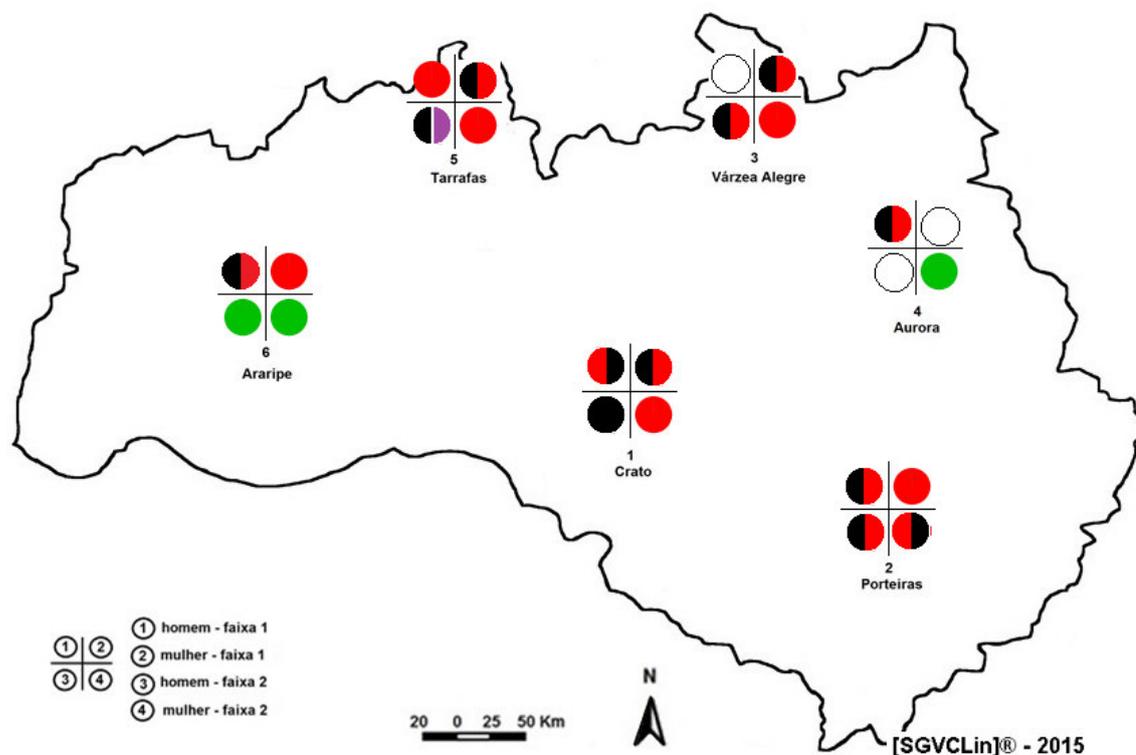




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

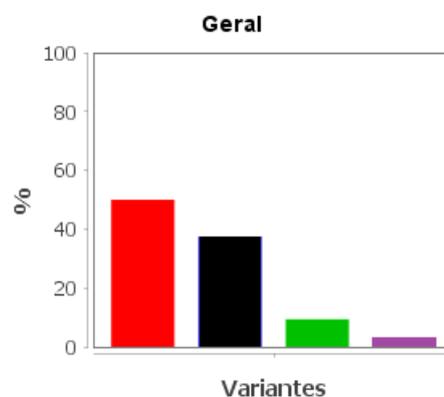
Carta nº 23
ABÓBORA

QFF 32 – Como se chama aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?



Variantes

- [a'bõbõɾɐ]
- outras respostas
- [a'brõbõɾɐ]
- [a'bõfĩbõɾɐ]
- sem resposta



Nota:

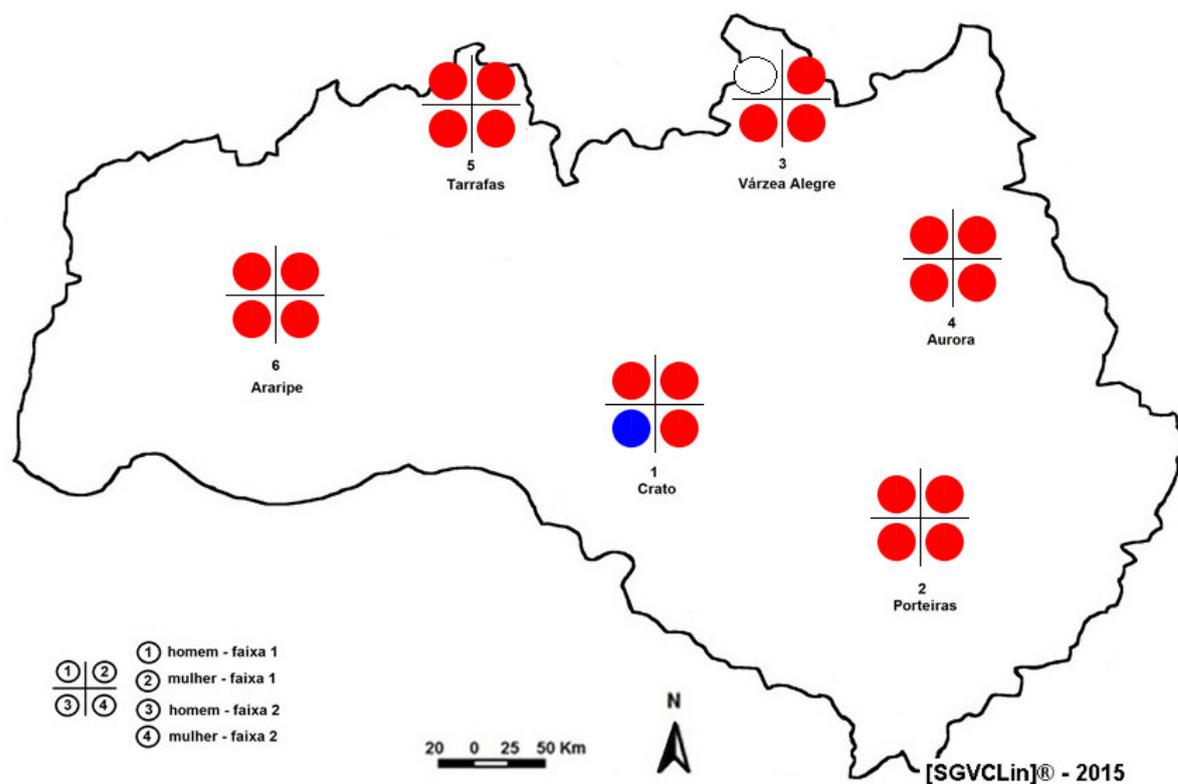
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ʒiɦ'mű] pelos informantes CRA1, CRA2, CRA3, POR1, AUR1; VAR2, TAR2 e TAR3; b) [ʒiri'mũ] pelos informantes POR3, POR4, VAR3 e ARA1; c) [ʒeri'mũ] pelo informante TAR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 24
CLARA

QFF 33 – No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?

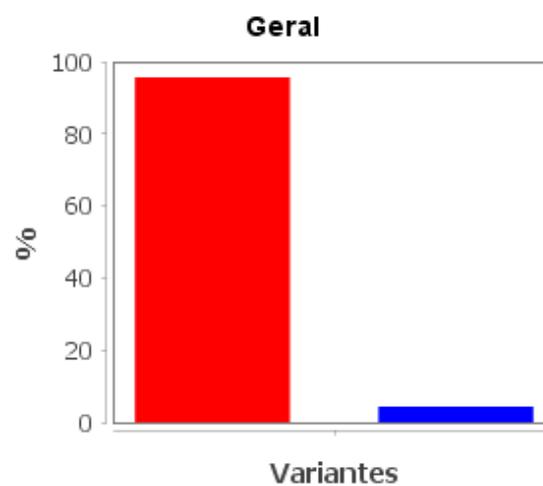


Variantes

● ['klarɐ]

● [ki'larɐ]

○ sem resposta

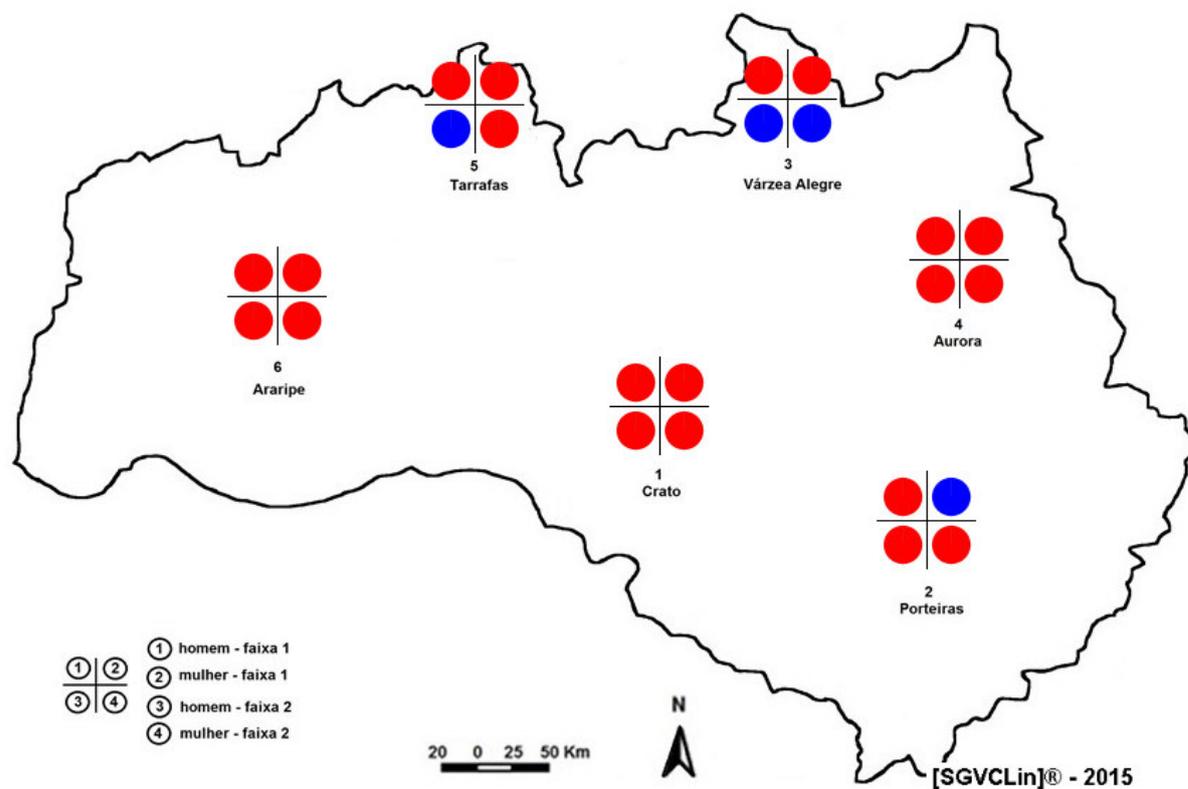




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 25
MANTEIGA

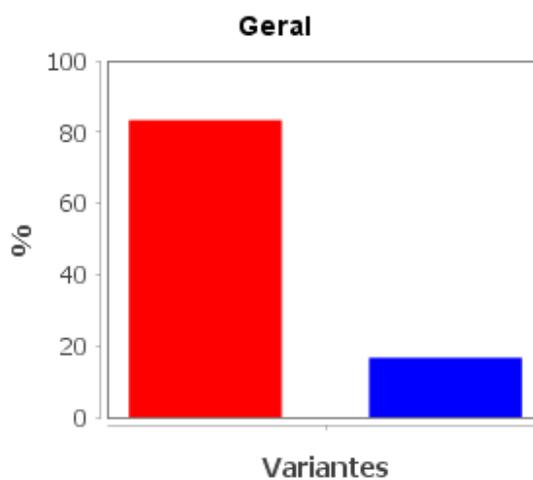
QFF 35 – Como se chama aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?



Variantes

● [mã'tegɐ]

● [mã'tejɐ]

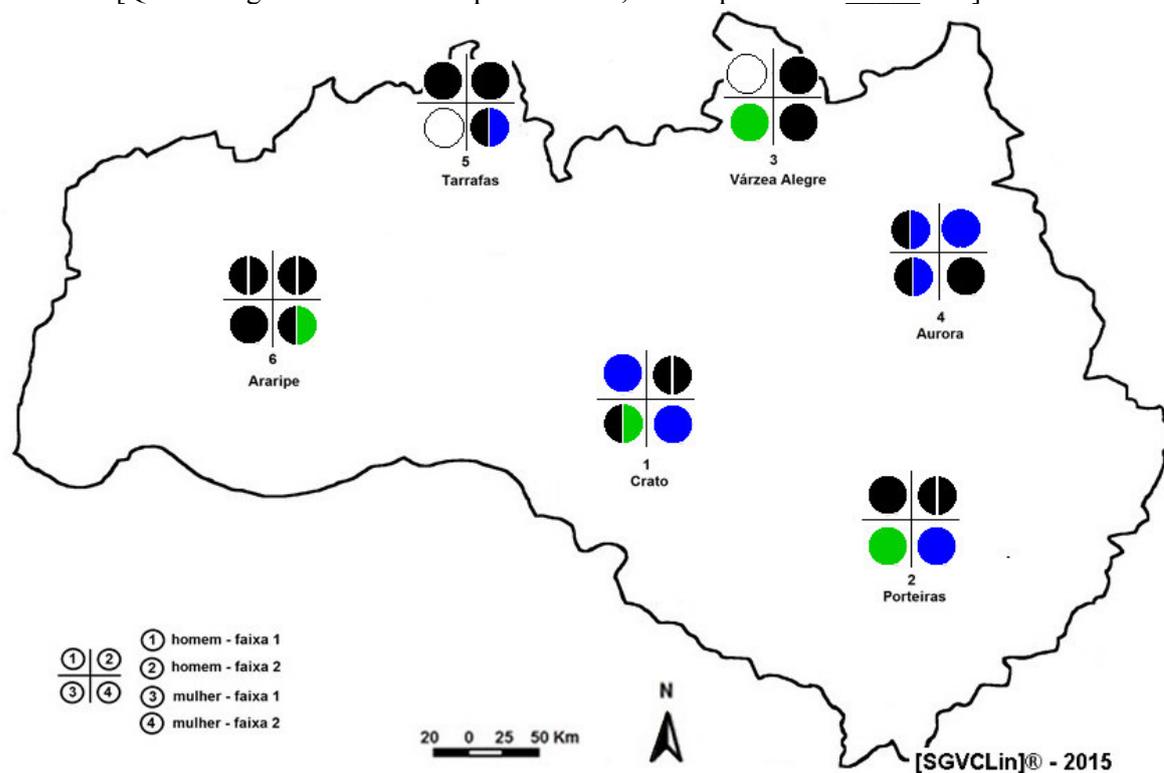




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

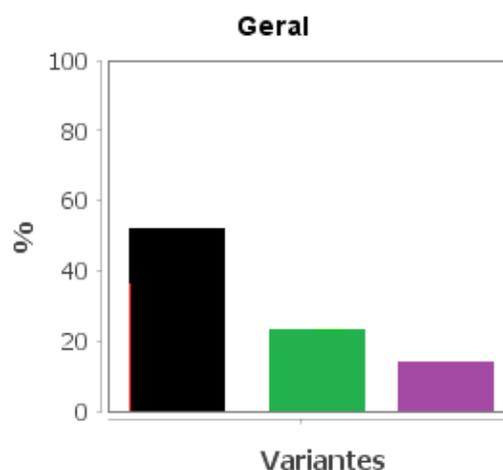
Carta nº 26
BOTAR

QFF 36 – Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai _____ (mímica) água dentro.
[Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].



Variantes

- outras respostas
- [bɔ'ta]
- [bu'ta]
- sem resposta



Nota:

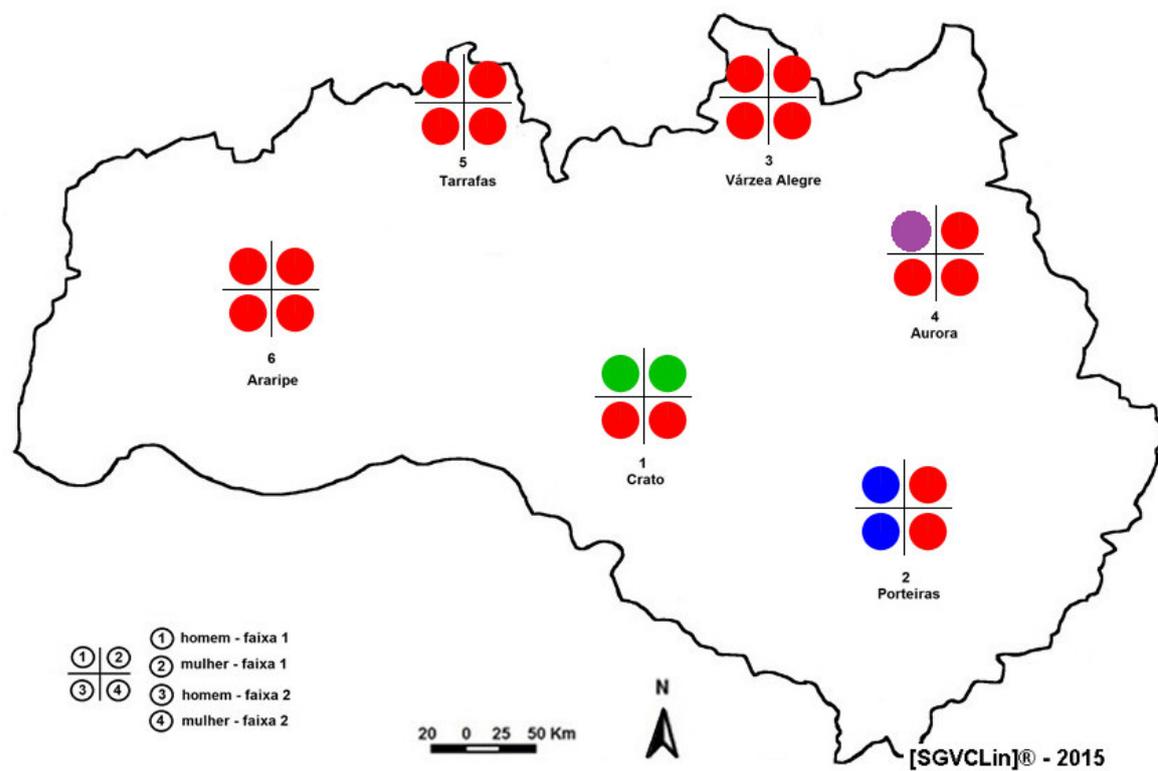
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ˈpo] = CRA2 (2ª resp.), CRA3, POR1, POR2 (2ª resp.); AUR1, AUR3, VAR2; TAR1, TAR4, ARA1 (2ª resp.), ARA2, ARA4 (2ª resp.); b) [kɔlɔ'ka] = POR2 (1ª resp.); AUR4; VAR3; TAR2; ARA1 (1ª resp.), ARA2, ARA4 (1ª resp.); c) [ʒɔ'ga] = CRA2 (1ª resp.)



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

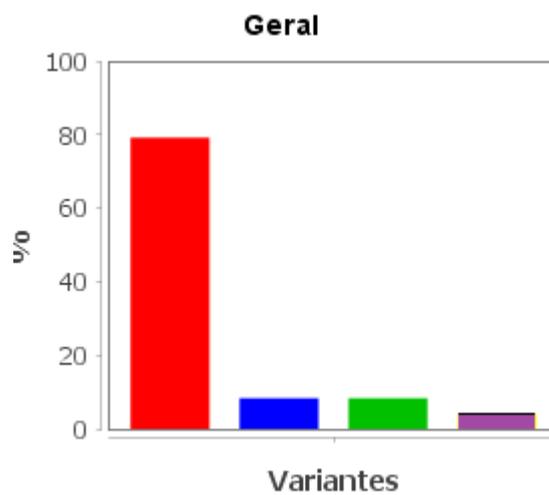
Carta nº 27
BONITO

QFF 37 – Qual o contrário de feio?



Variantes

- [bũ'nitʊ]
- [bõ'nitʊ]
- [bũ'nitʃʊ]
- [bũ'nitʊ]

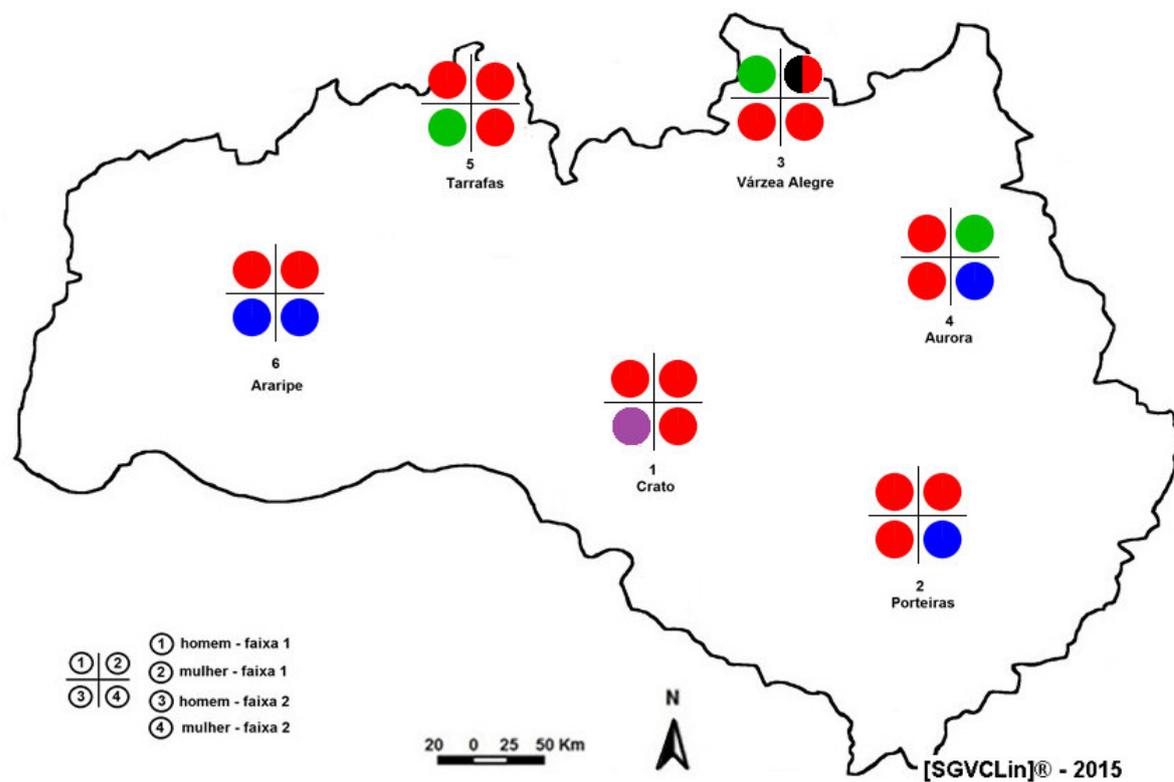




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

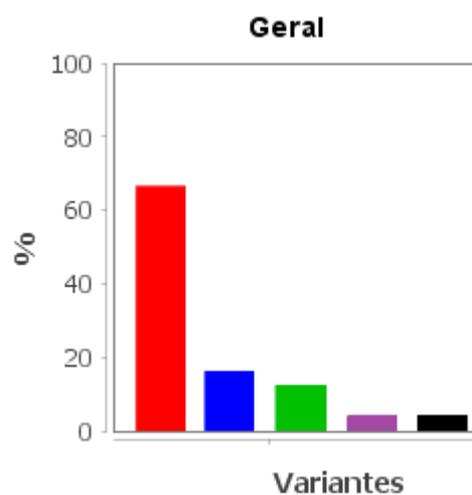
Carta nº 28
ÁRVORE

QFF 39 – O que é que dá sombra nas ruas, no campo, para o gado nos pastos?



Variantes

- ['afivɔɾi]
- ['afivɾi]
- ['afivi]
- ['avɾi]
- outra resposta



Nota:

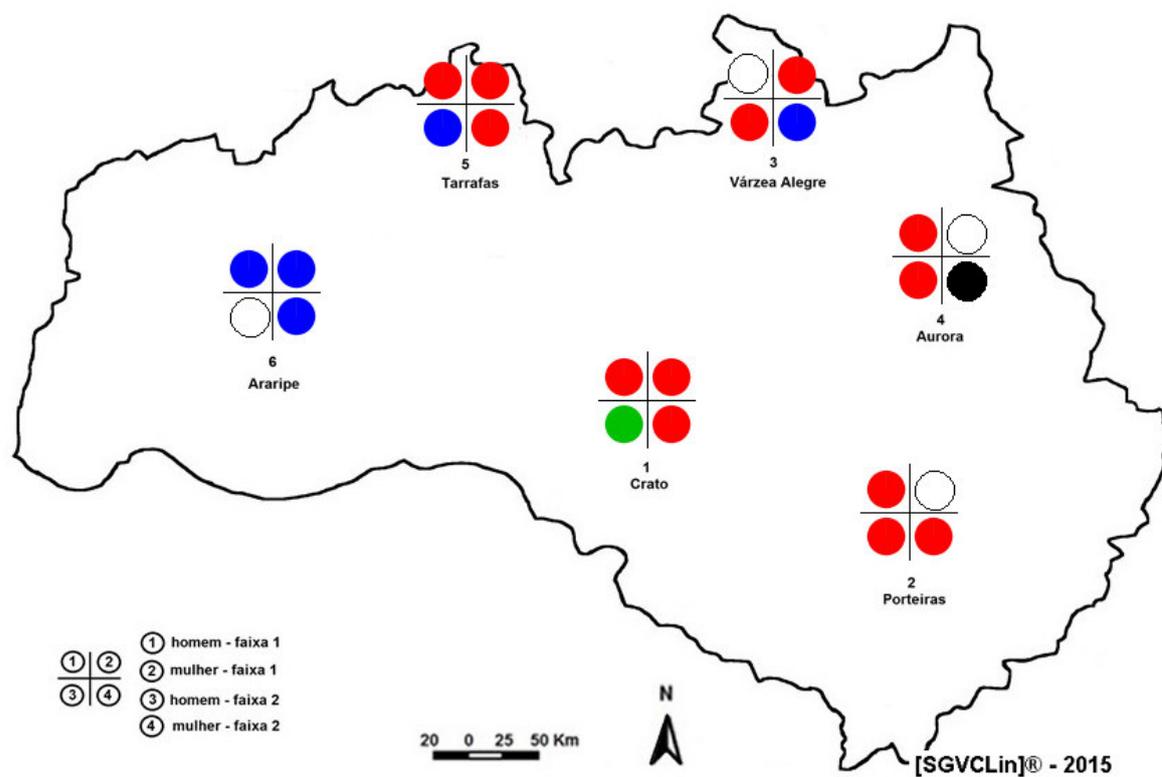
1. Foi registrada a forma ['plãtɛ] pelo informante VAR 2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

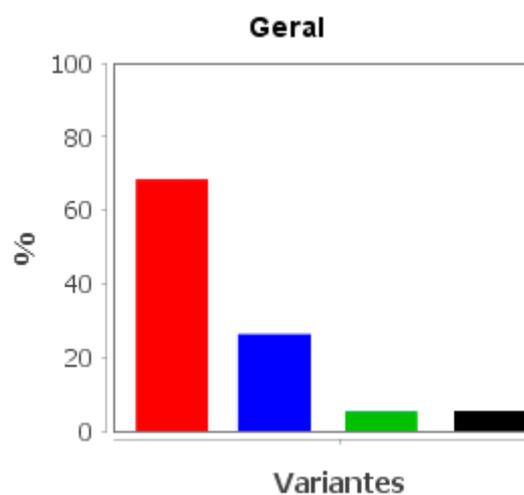
Carta nº 29
QVELHA

QFF 41 – Como se chama a fêmea do carneiro?



Variantes

- [o'veɫə]
- [u'veɫə]
- [u'veə]
- outra resposta
- sem resposta



Nota:

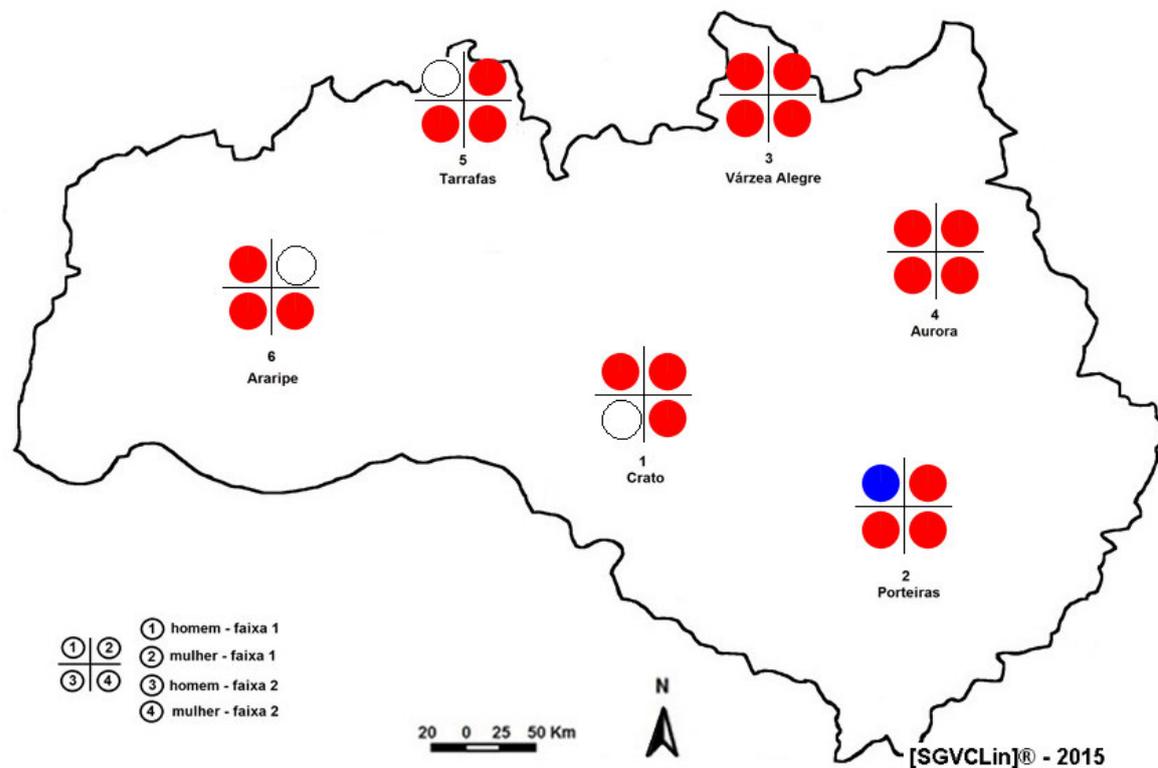
1. Foi registrada a forma [bu'heɫu] pelo informante AUR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 30
CAVALO

QFF 42 – Como se chama aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro?
OBTEN A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS

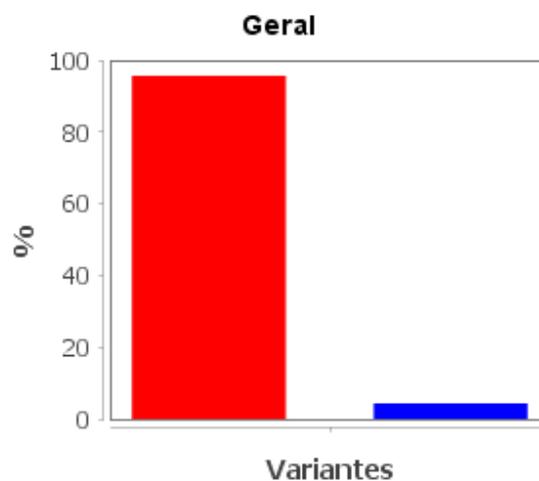


Variantes

● [kava'lu]

● [kaha'lu]

○ sem resposta

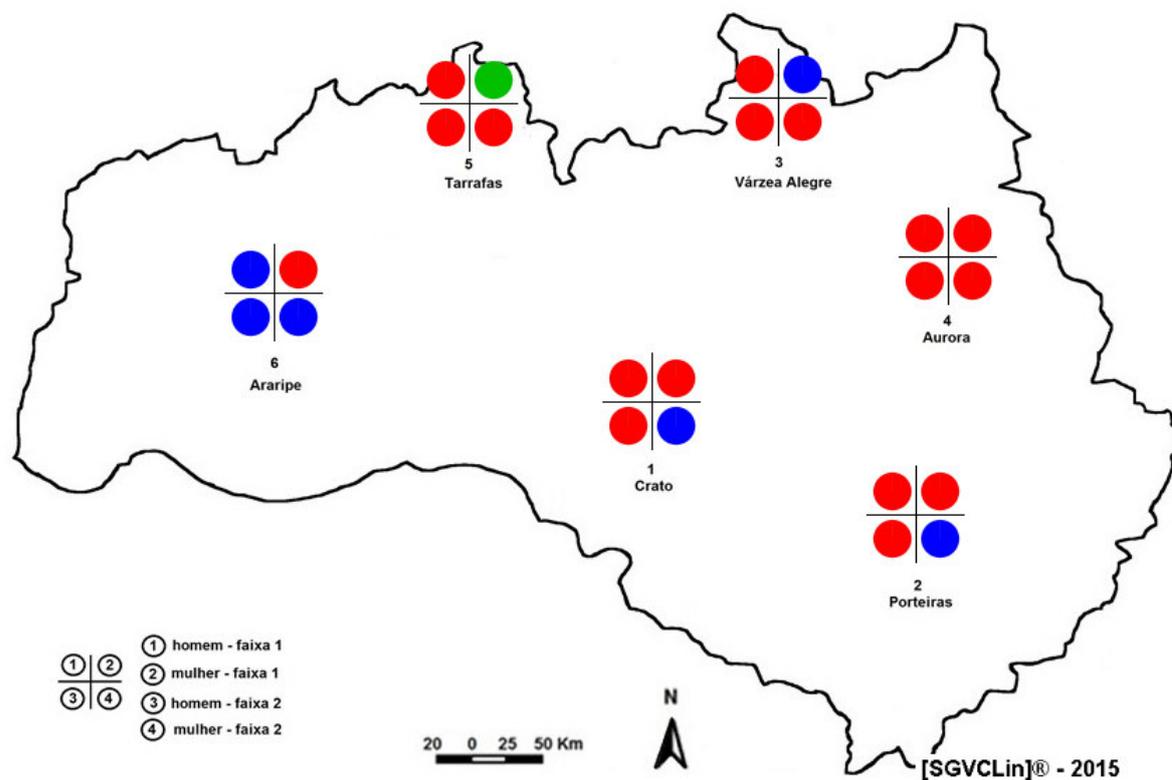




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

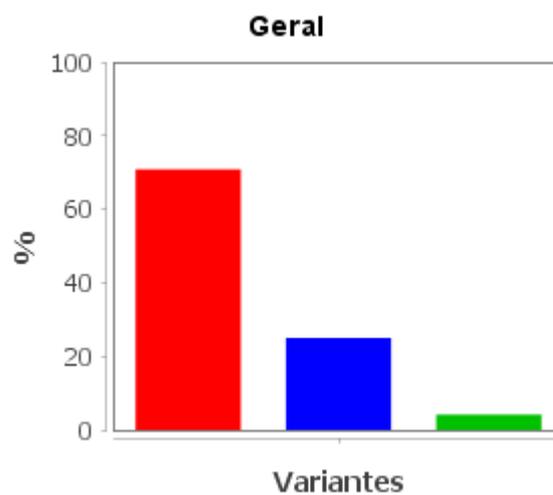
Carta nº 31
MONTAR

QFF 43 – Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (mímica)?



Variantes

- [mõ'ta]
- [mũ'ta]
- [amũ'ta]

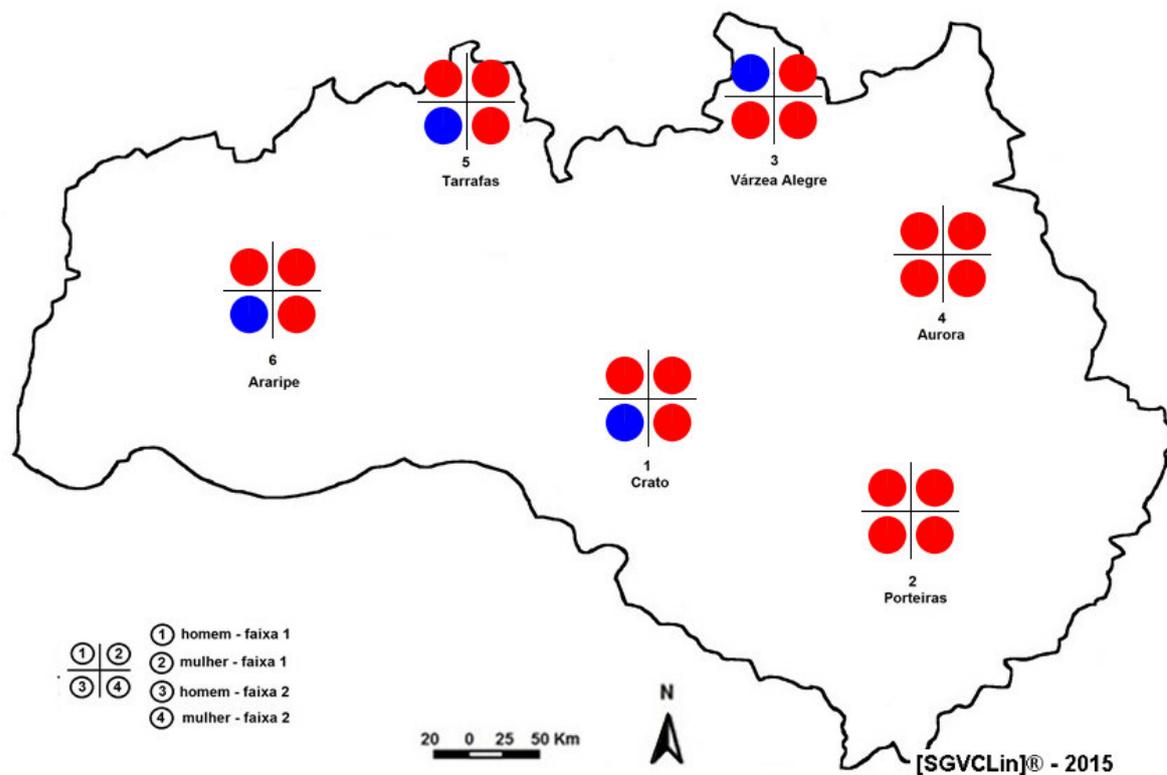




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 32
ABELHA

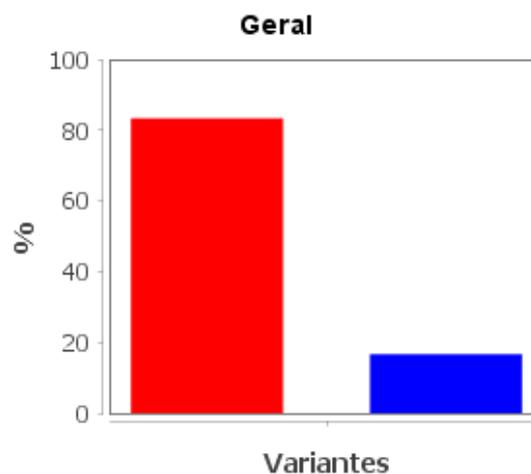
QFF 44 – Como se chama um inseto que vive em colmeias e produz um líquido que é usado como alimento?



Variantes

● [a'beʎɐ]

● [a'beɐ]

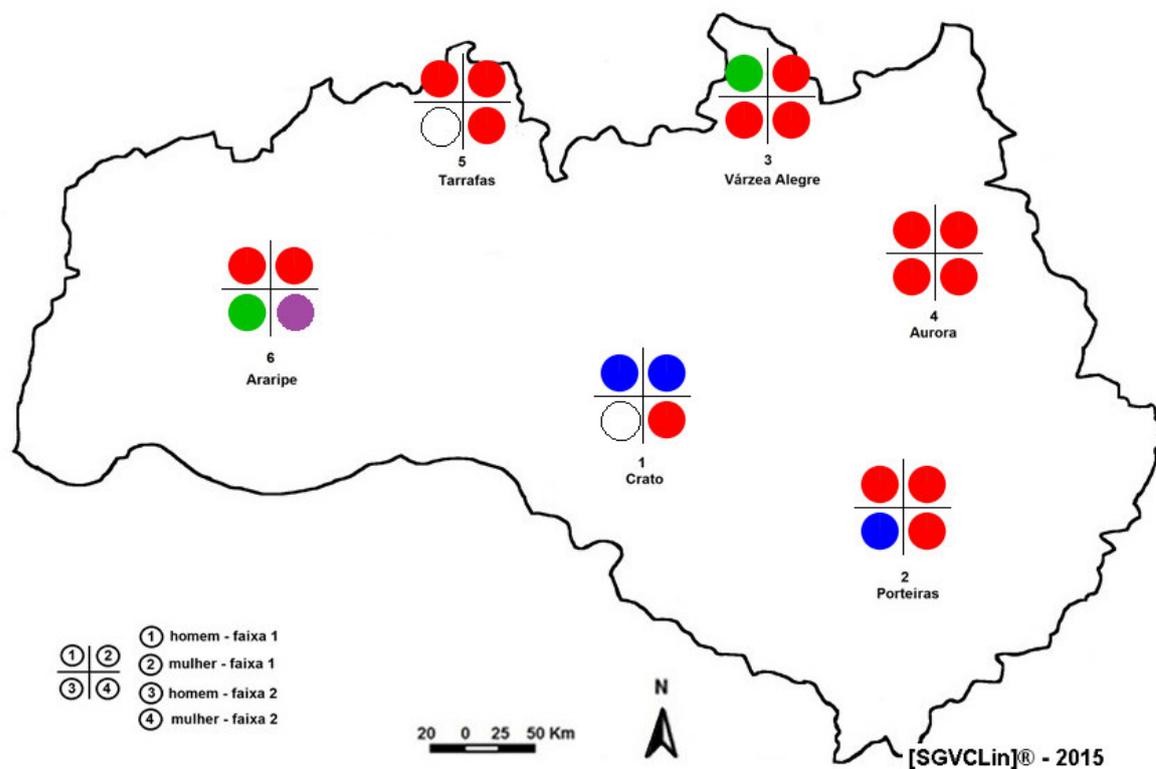




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

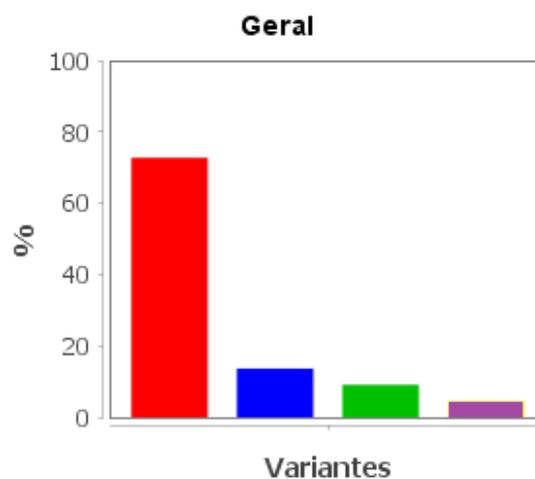
Carta nº 33
BORBOLETA

QFF 46 – Como se chama um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?



Variantes

- [bofibu'letɛ]
- [bofibo'letɛ]
- [bafibu'letɛ]
- [babu'letɛ]
- sem resposta

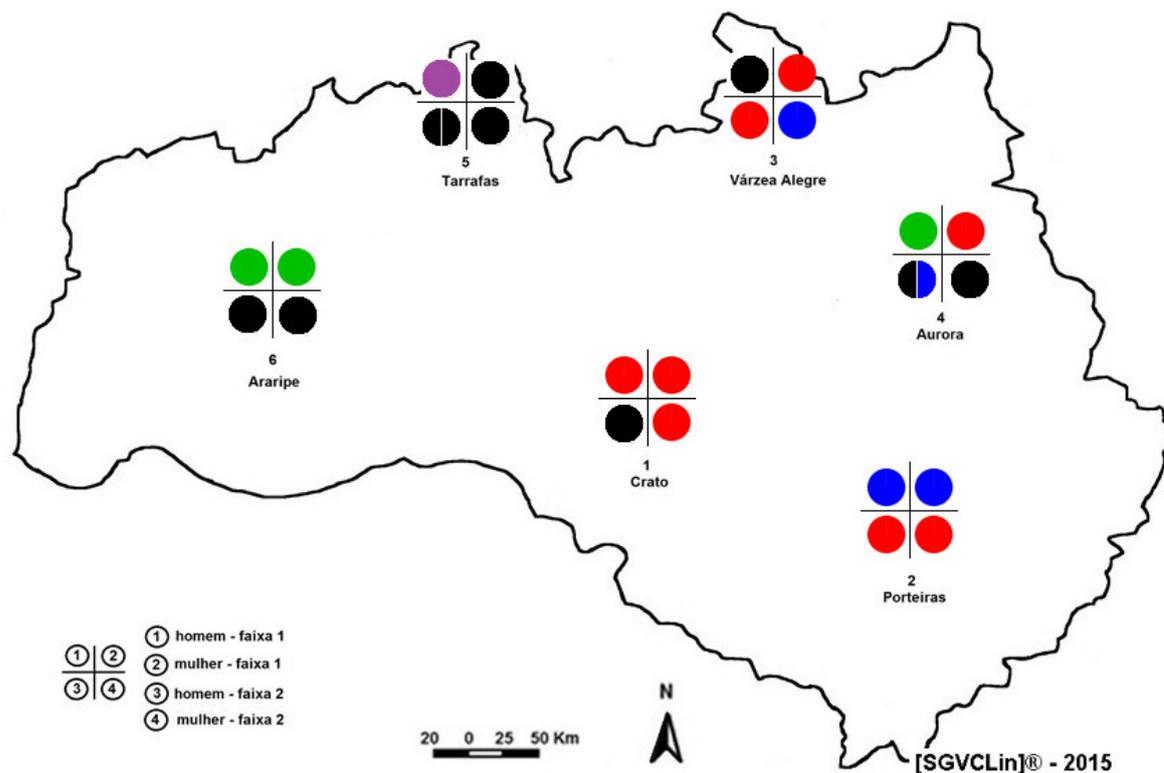




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 34
TEIA

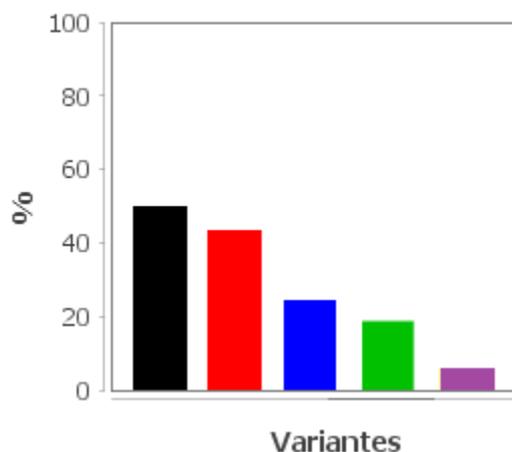
QFF 47 – Como se chama aquilo que a aranha faz nas paredes?



Variantes

- outras respostas
- ['teɐ]
- ['teɫɐ]
- ['tejɐ]
- ['teɫɐs]
- sem resposta

Geral



Nota:

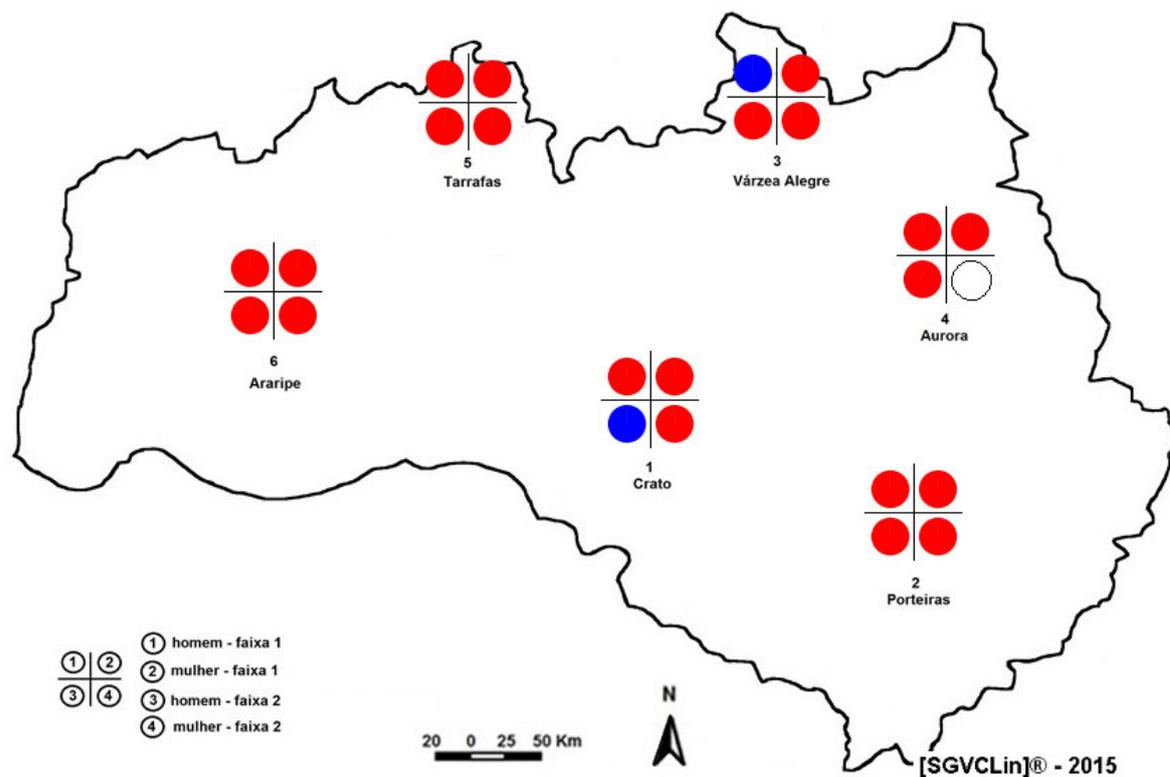
- Foram registradas as seguintes formas: a) ['kazɛdɾa'rãjɐ] pelos informantes CRA3, VAR1 e TAR3 (2ª resp.); b) ['kazɛdɾɐ'rãjɐ] pelo informante TAR4; c) [he'dĩɐ] pelo informante AUR4 e TAR3 (1ª resp.); d) ['kazɐ] pelo informante AUR3 e TAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 35
ELEFANTE

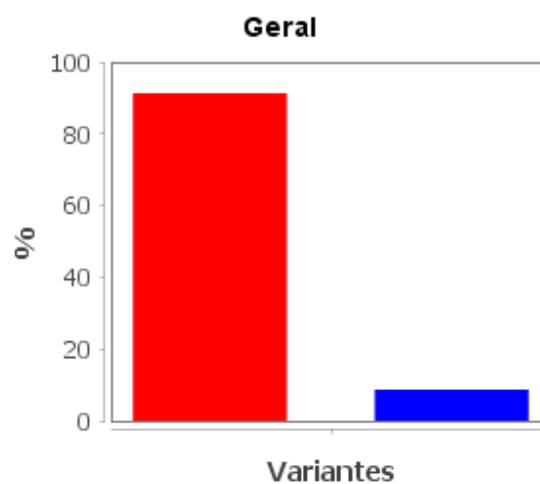
QFF 49 – Como se chama um animal grande que se vê no circo, tem uma tromba?



Variantes

● [elɛ'fãti]

● [alɛ'fãti]

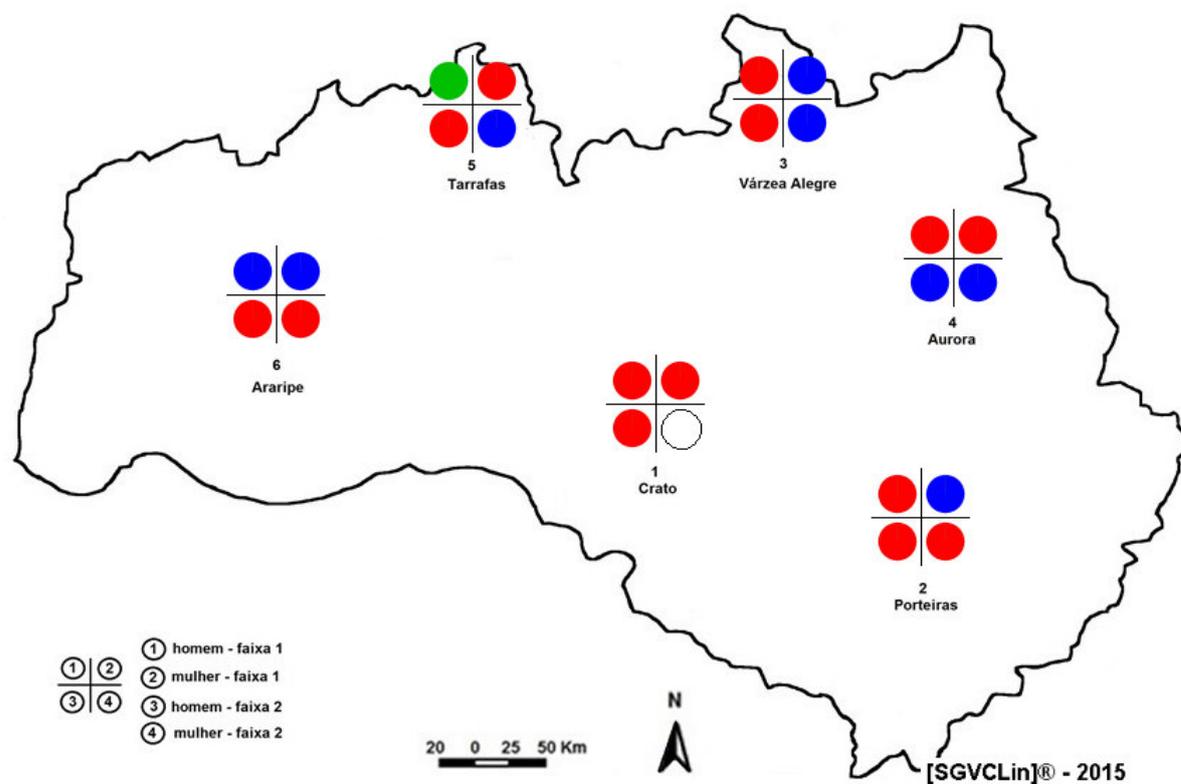




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

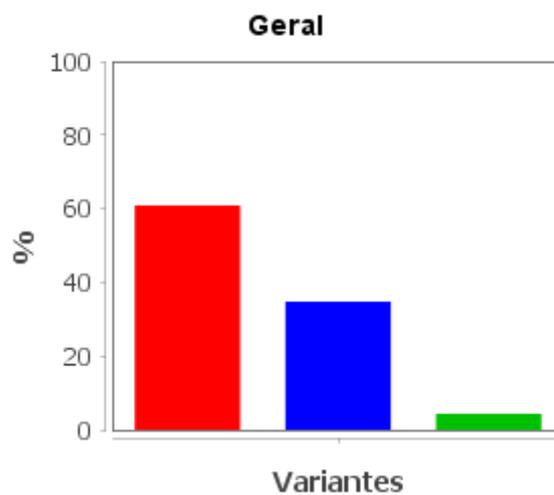
Carta nº 36
PEIXE

QFF 50 – O que se pesca nos rios, no mar?



Variantes

- ['peʃɪ]
- ['pejʃɪ]
- ['pejʃɪs]
- sem resposta

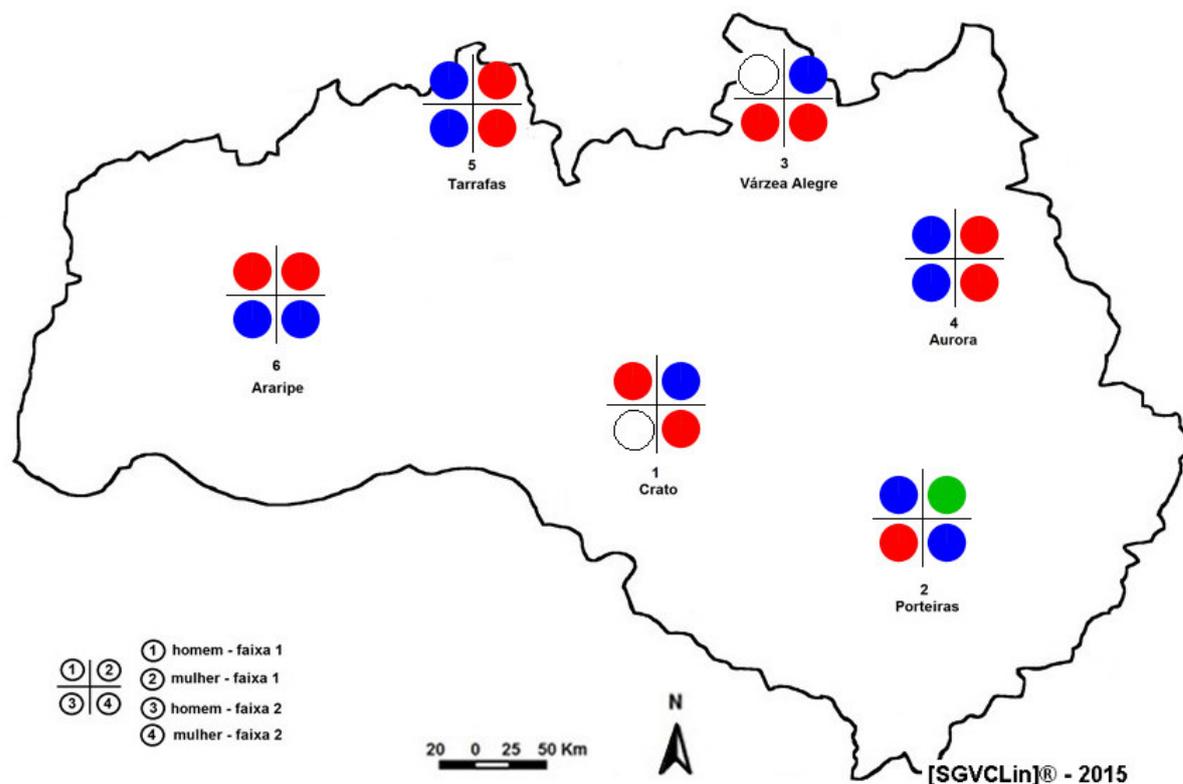




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

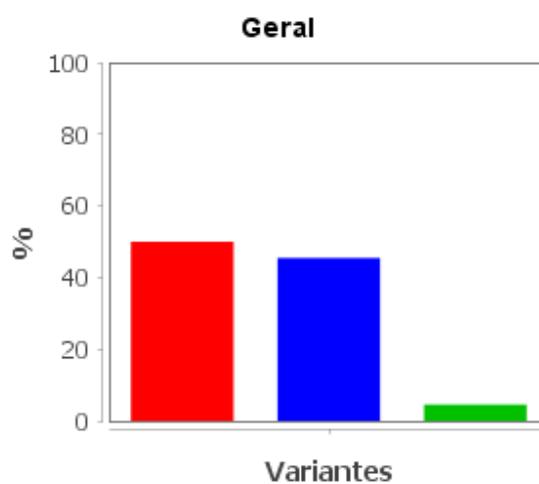
Carta nº 37
REMANDO

QFF 52 – Quando se faz assim (mímica) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?



Variantes

- [hẽ'mãdu]
- [hẽ'mãu]
- [hẽj'mãdu]
- sem resposta

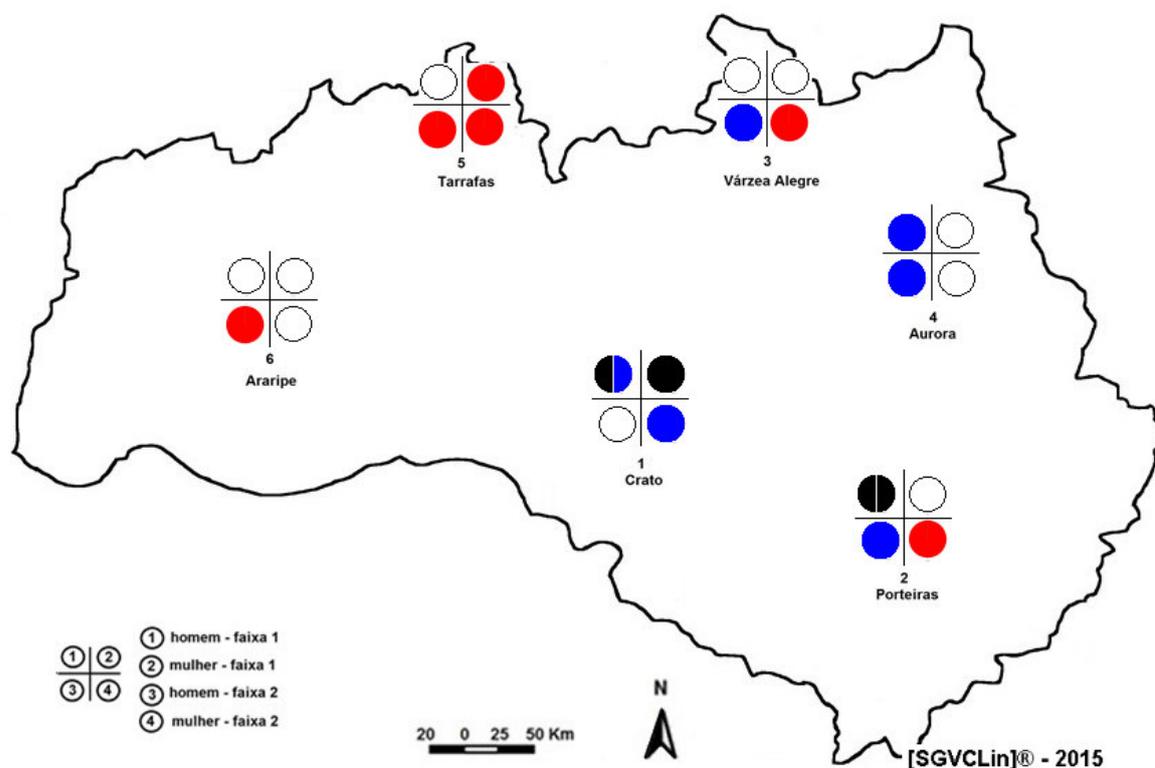




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

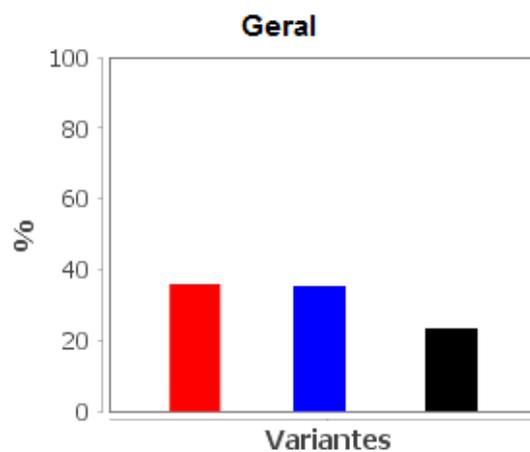
Carta nº 38
AFTOSA

QFF 54 – Como se chama uma doença que dá no gado, em geral, na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.



Variantes

- [fi'tɔzɐ]
- [afi'tɔzɐ]
- outras respostas
- sem resposta



Nota:

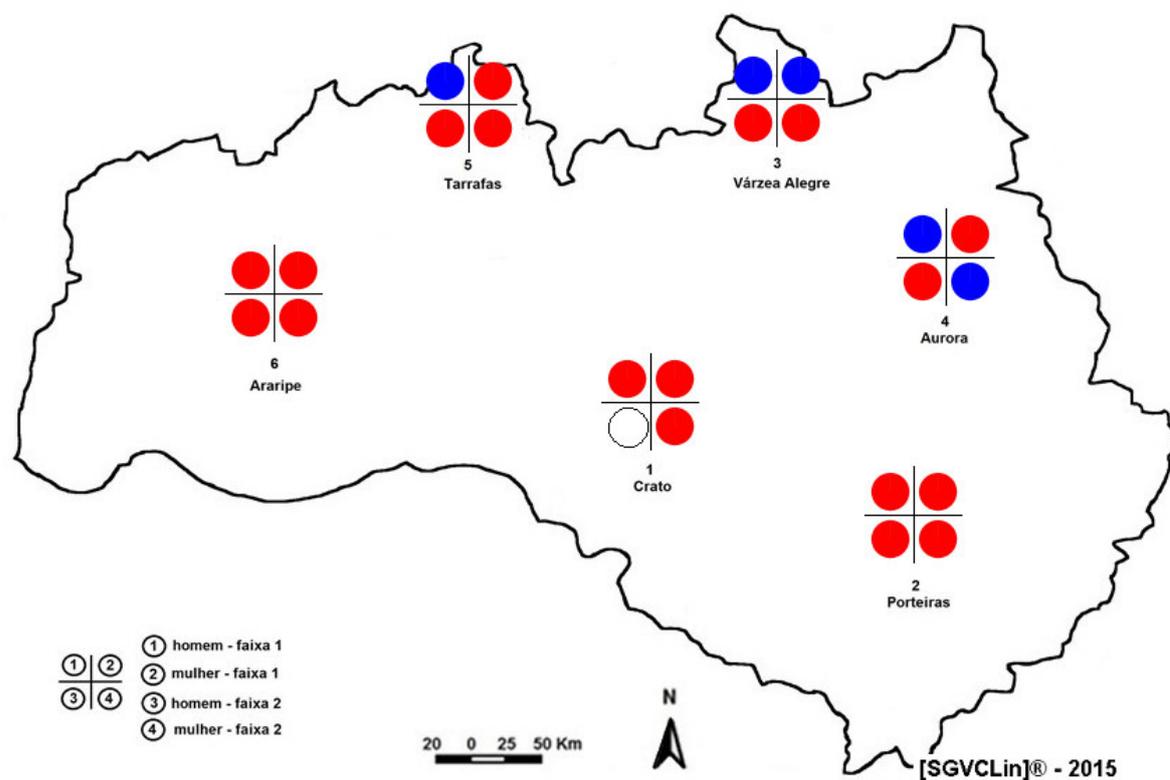
1. Foram obtidas as seguintes formas: a) ['vakɛ'lokɛ] pelos informantes CRA1 e POR1 (2ª resp.); b) [fɛbrama'relɛ] pelo informante POR1 (1ª resp.); c) [maku'lozɛ] pelo informante CRA2



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 39
NOITE

QFF 55 – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____

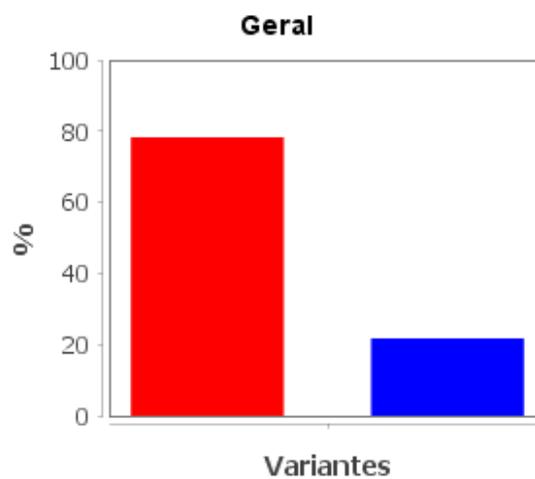


Variantes

● ['nojti]

● ['nojtiɾ]

○ sem resposta

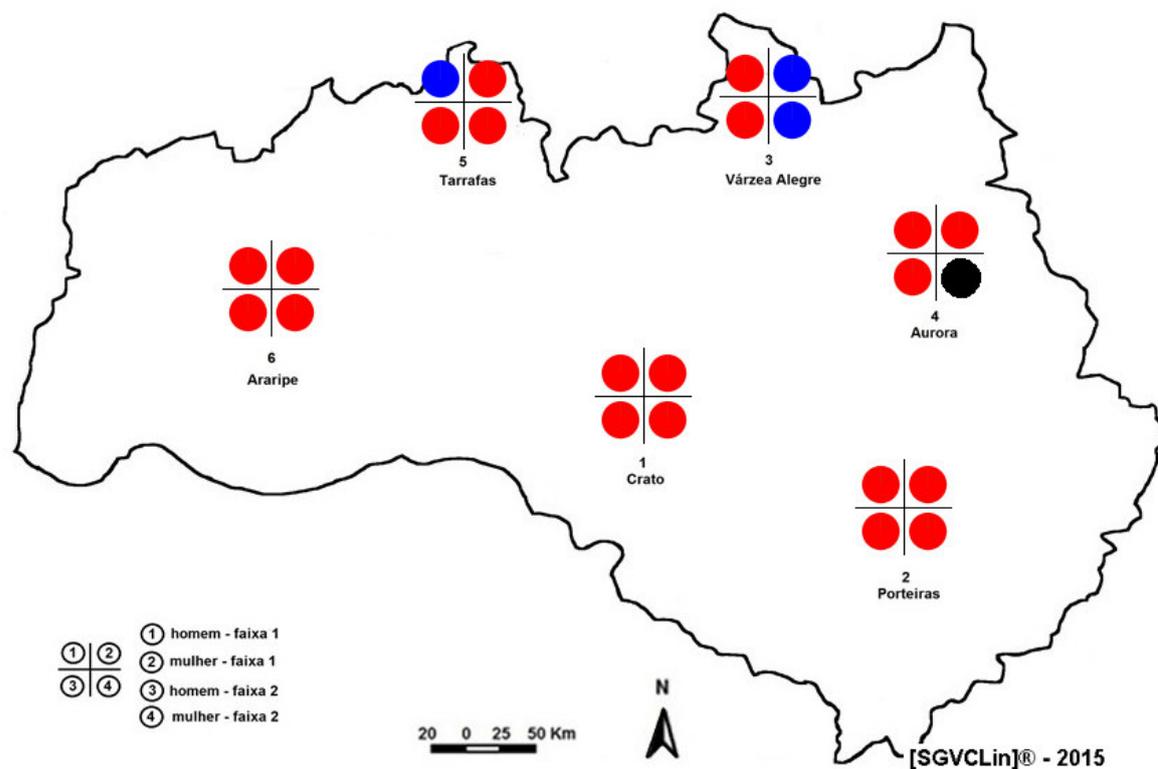




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

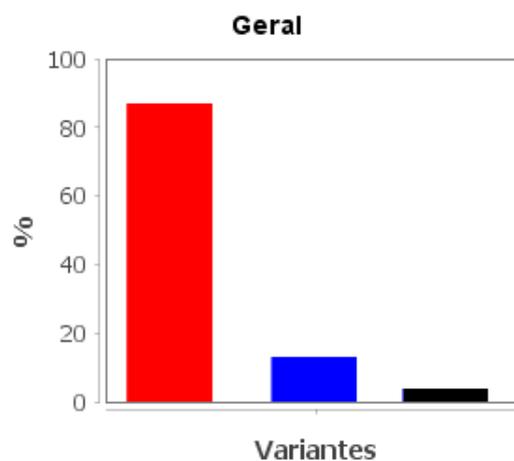
Carta nº 40
DIA

QFF 56 – E depois da noite, vem o quê?



Variantes

- ['dʝə]
- ['dʒjə]
- outra resposta



Nota:

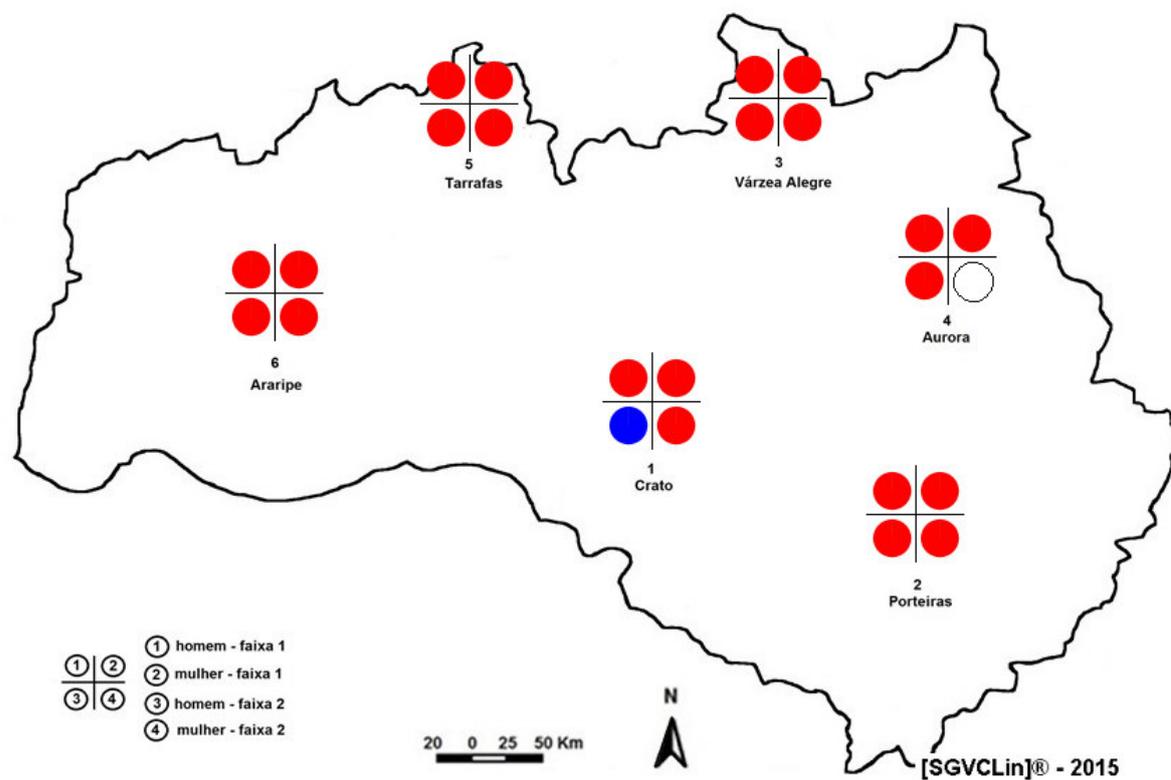
1. Foi registrada a forma [mã'jã] pelo informante AUR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 41
SOL

QFF 58 - Como se chama aquilo que brilha no céu, de dia?

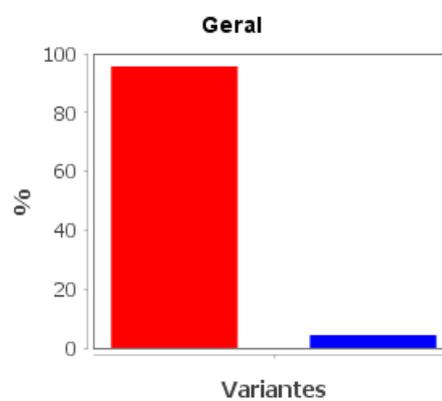


Variantes

● ['sɔw]

● ['sɔ]

○ sem resposta

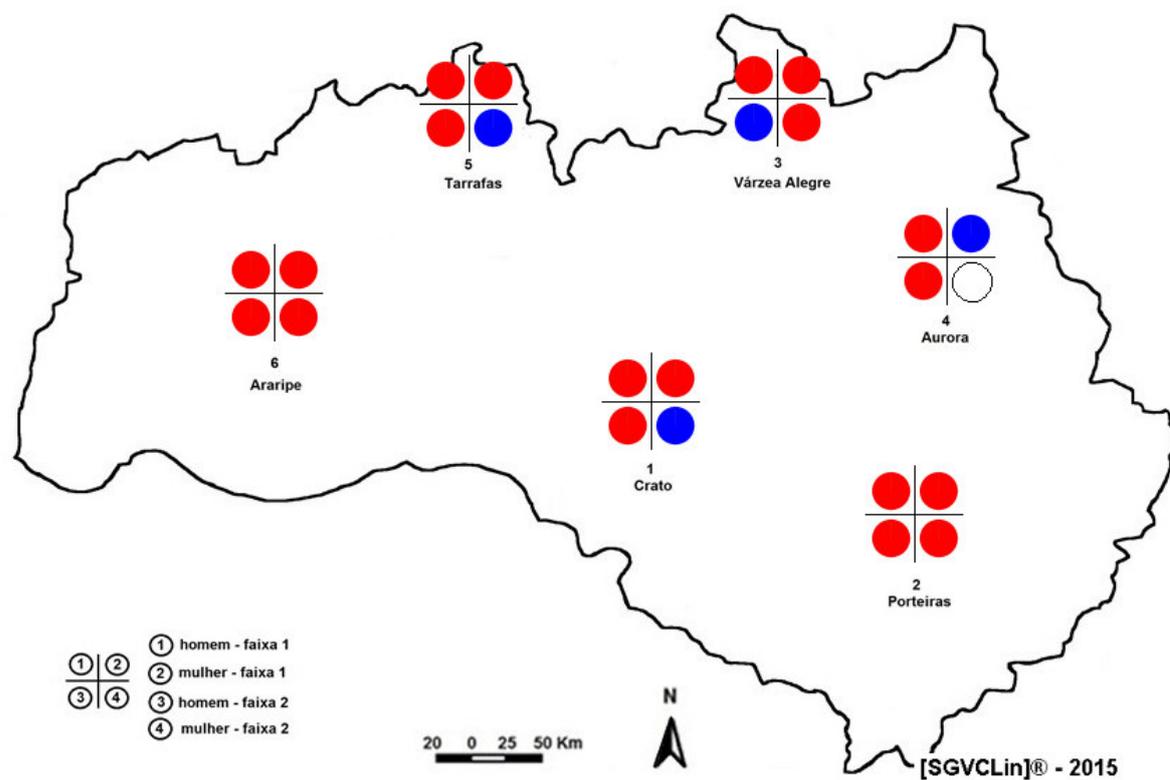




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 42
AMANHÃ

QFF 59 – Como se chama o dia depois de hoje?

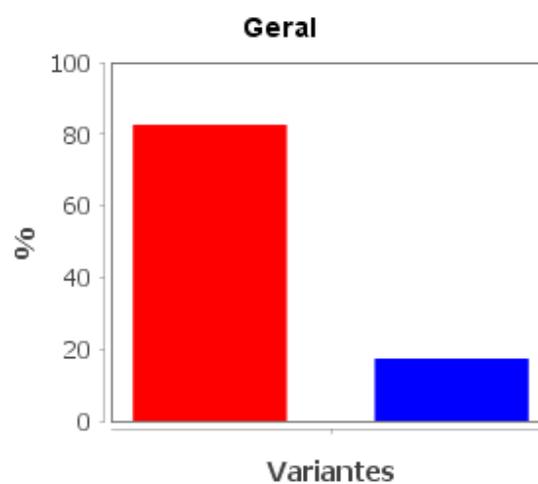


Variantes

● [amaĩ'ã]

● [amã'ņã]

○ sem resposta

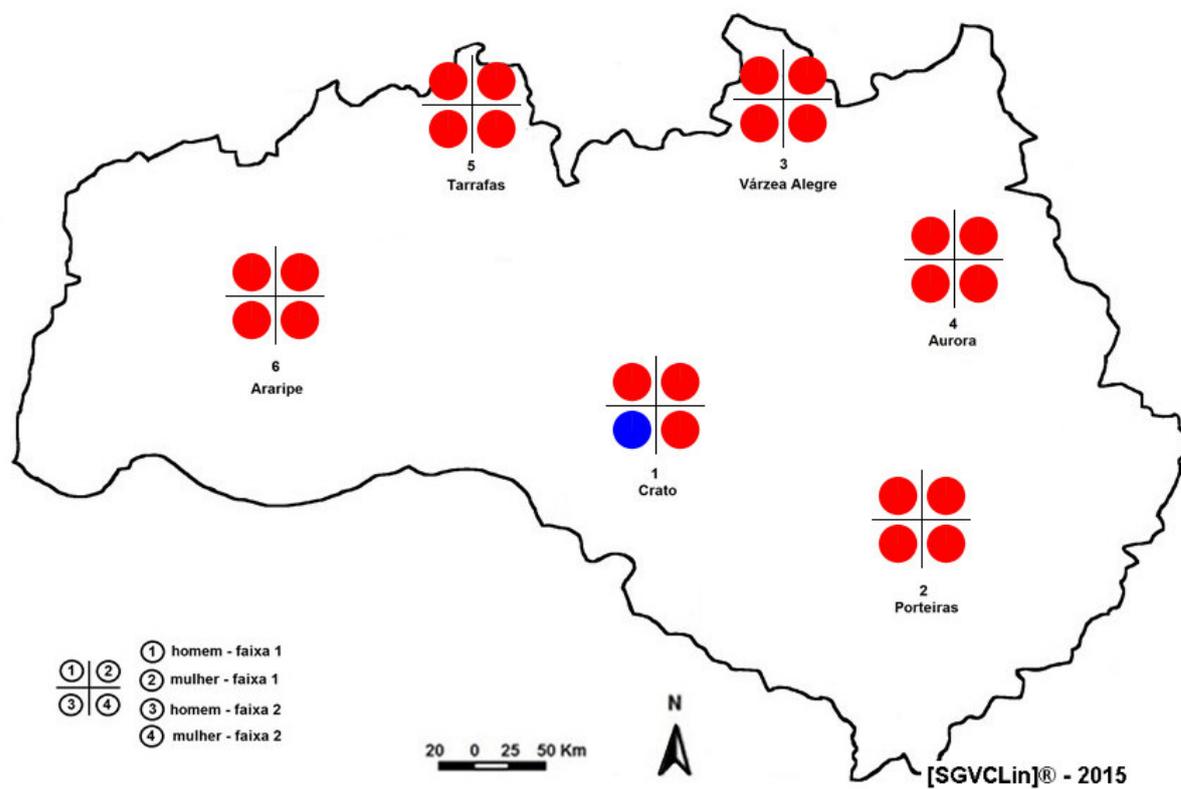




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 43
SÁBADO

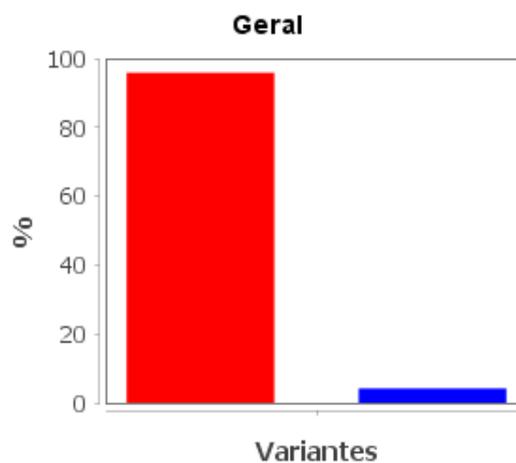
QFF 60 - Como se chama o dia que vem depois de sexta-feira?



Variantes

● ['sabadu]

● ['sabu]

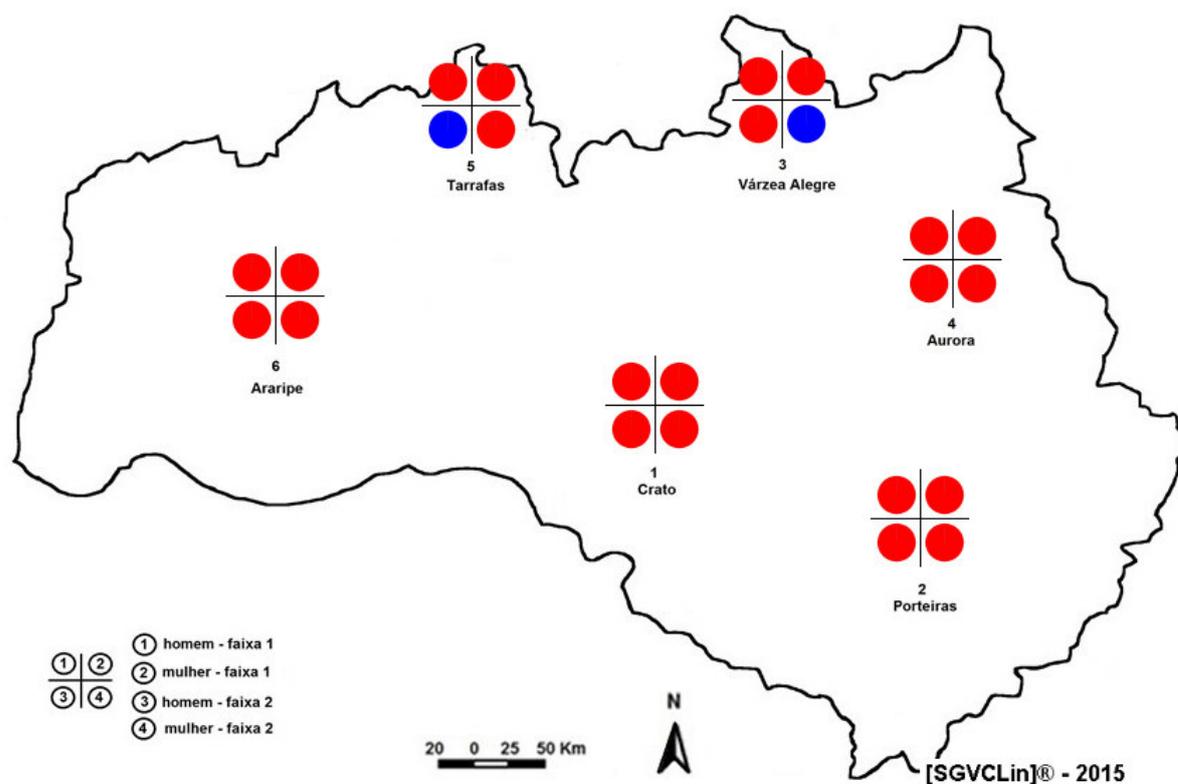




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta n° 44
CATORZE
QUATORZE

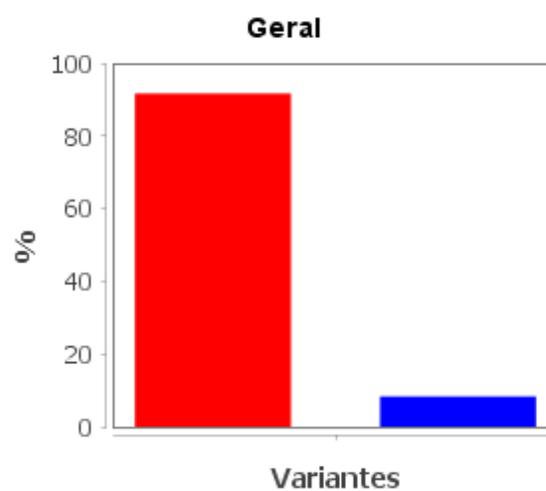
QFF 3 – O que vem depois de treze?



Variantes

● [ka'tozi]

● [ka'tofizi]

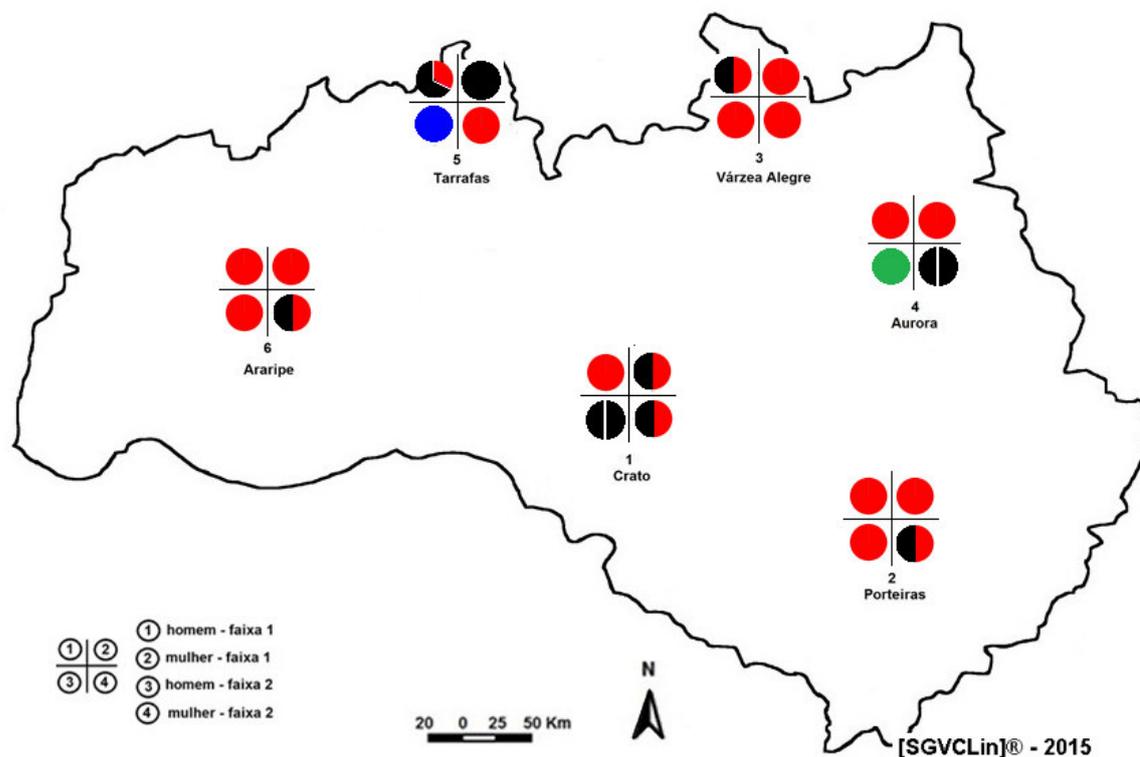




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

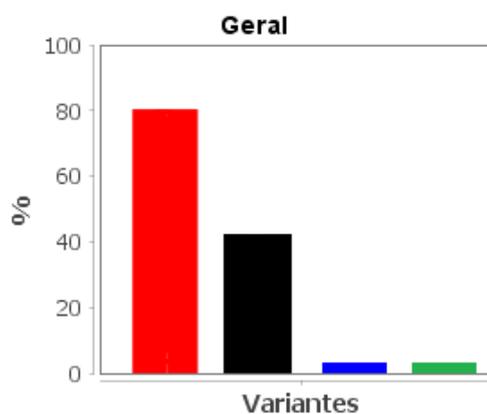
Carta nº 45
ESTRADA

QFF 67 – Por onde os carros passam para ir de uma cidade para outra?



Variantes

- [iʃˈtradɐ]
- outras respostas
- [isˈtradɐ]
- [eʃˈtradɐ]
- sem resposta



Nota:

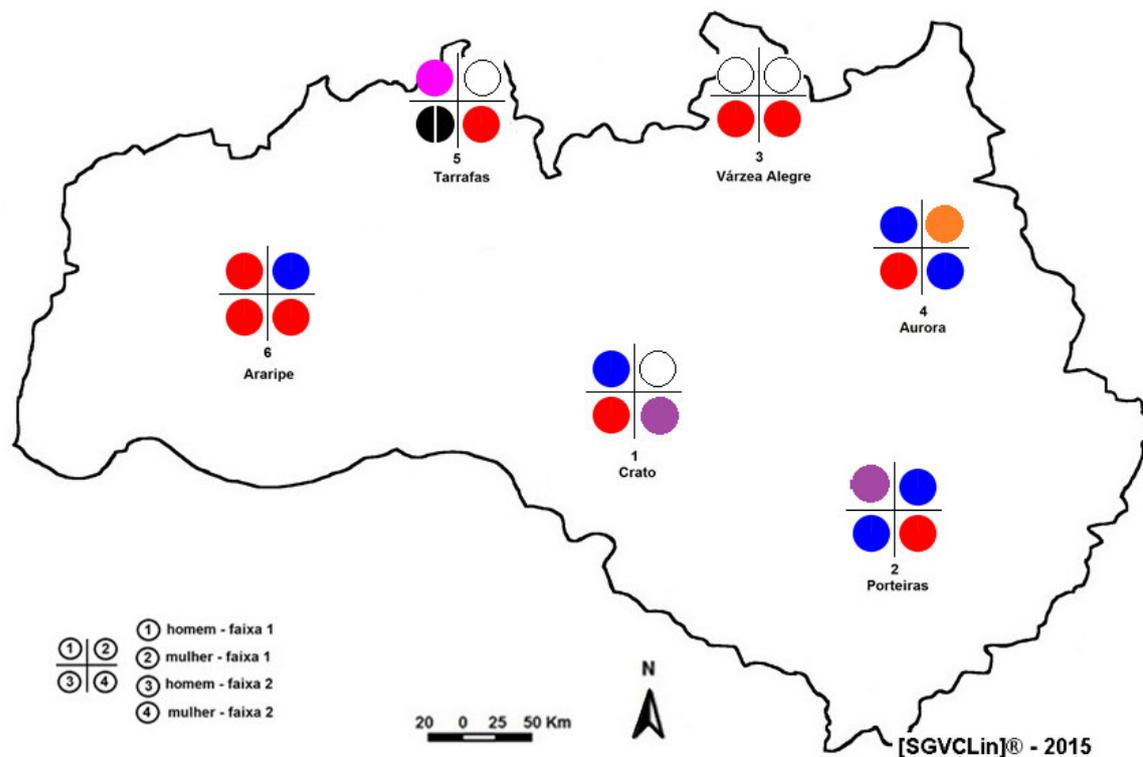
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ˈpiʃtɐ] pelos informantes CRA4 (1ª resp.), POR4, AUR4 (1ª resp.), VAR1, TAR1 (1ª resp.), TAR 2 e ARA4; b) [hɔdɔˈvjɐ] pelo informante CRA2; c) [hɔdaˈzɛj] pelo informante CRA3 (1ª resp.); d) [asˈfawtu] pelo informante TAR1 (2ª resp.); e) [sɛˈrtaw] pelo informante CRA3 (2ª resp.); f) [iʃˈtradɐkahoˈsavew] pelo informante AUR4 (2ª resp.)



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

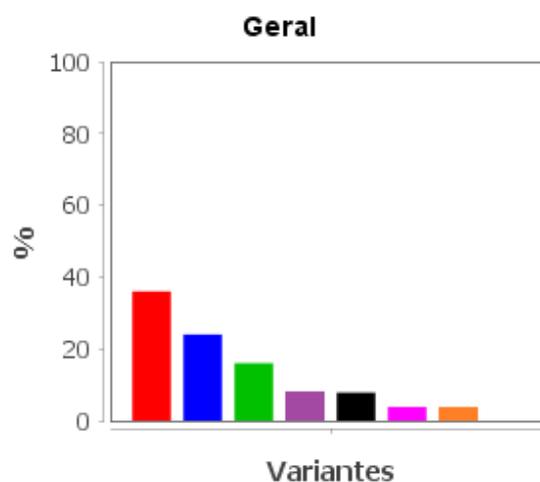
Carta nº 46
POÇA

QFF 68 – Como se chama aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?



Variantes

- ['posu]
- ['posə]
- ['pəsə]
- ['pəsu]
- ['poso]
- outras respostas
- sem resposta



Nota:

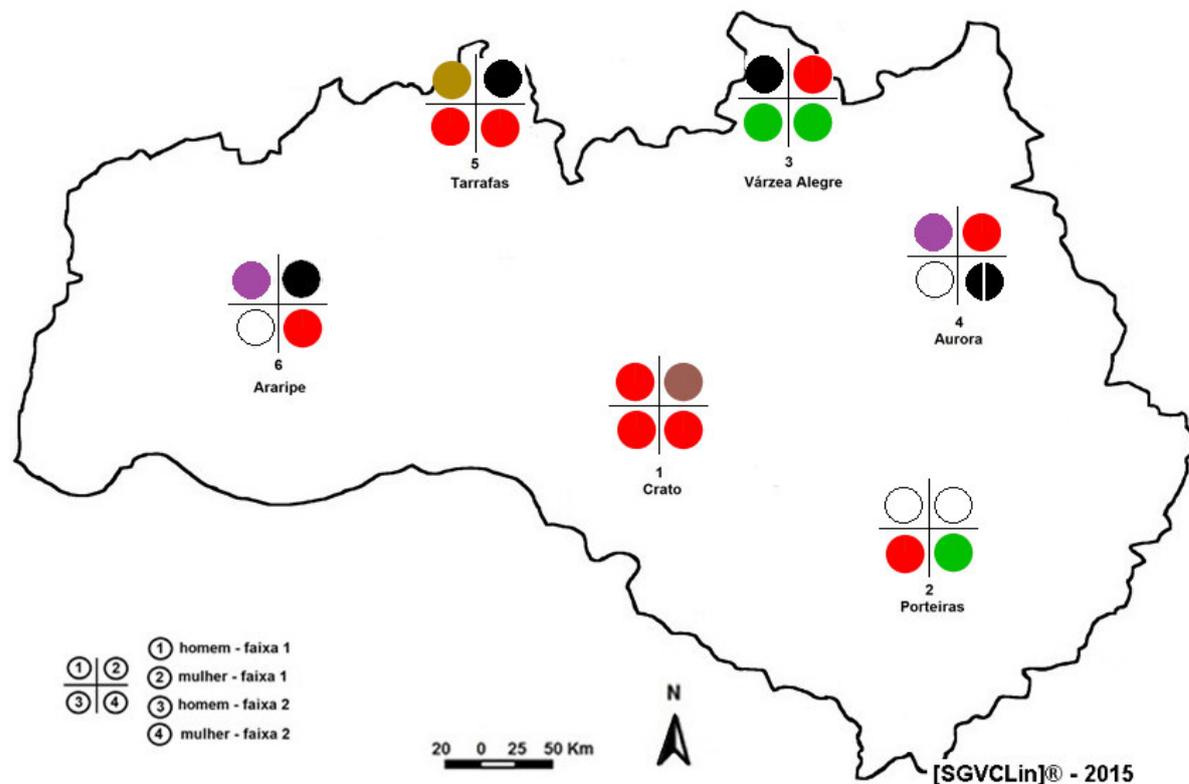
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [lã'merũ] pelo informante TAR3 (1ª resp.); b) ['fahku] pelo informante TAR3 (1ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

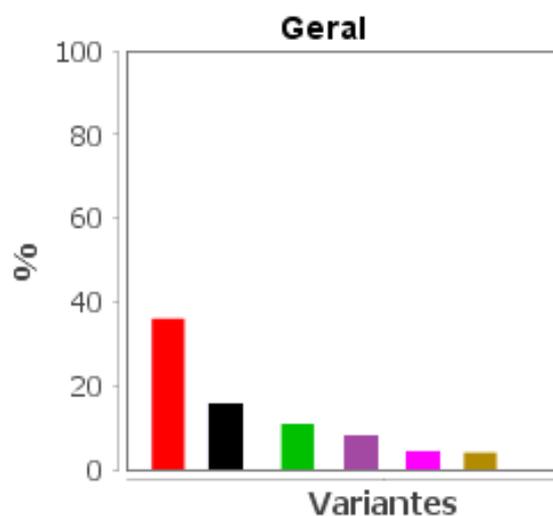
Carta nº 47
DES_VIO

QFF 69 – Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros passem?



Variantes

- [dez'viw]
- [diz'vij]
- [diz'viw]
- [di'viw]
- [dez'vij]
- outras respostas
- sem resposta



Nota:

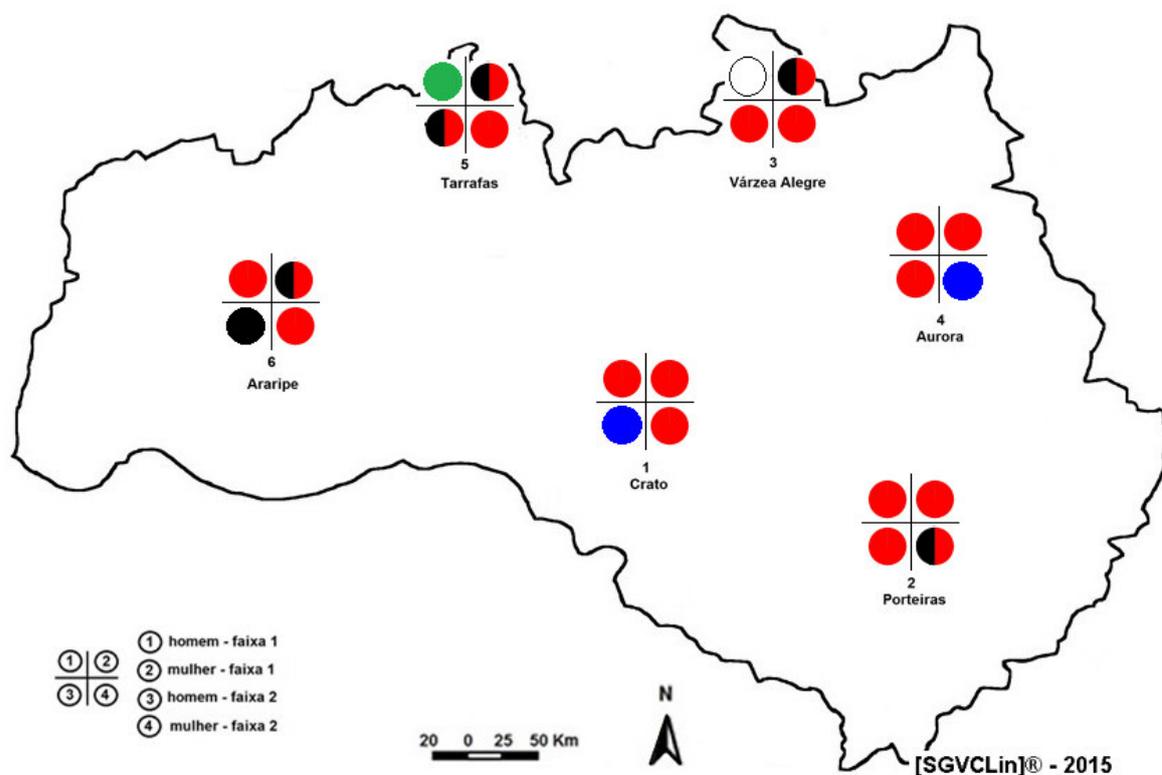
- Foram registradas as seguintes formas: a) [va'rede] pelo informante AUR4 (1ª resp.); b) [kã'mĩu] pelo informante AUR4 (2ª resp.); c) [ahõ'dej] pelo informante TAR2; d) [dizvi'a] pelo informante VAR1; e) [ahõ'dejũ] pelo informante ARA2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

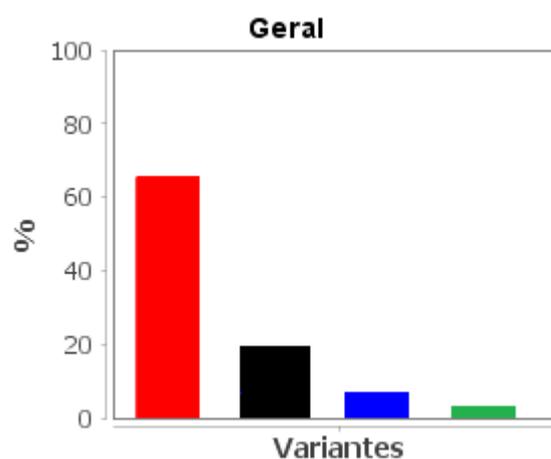
Carta nº 48
PLACA

QFF 70 – O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos para-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (*mímica*), com números?]



Variantes

- ['plakɐ]
- outras respostas
- ['prakɐ]
- ['plakəs]
- sem resposta



Nota:

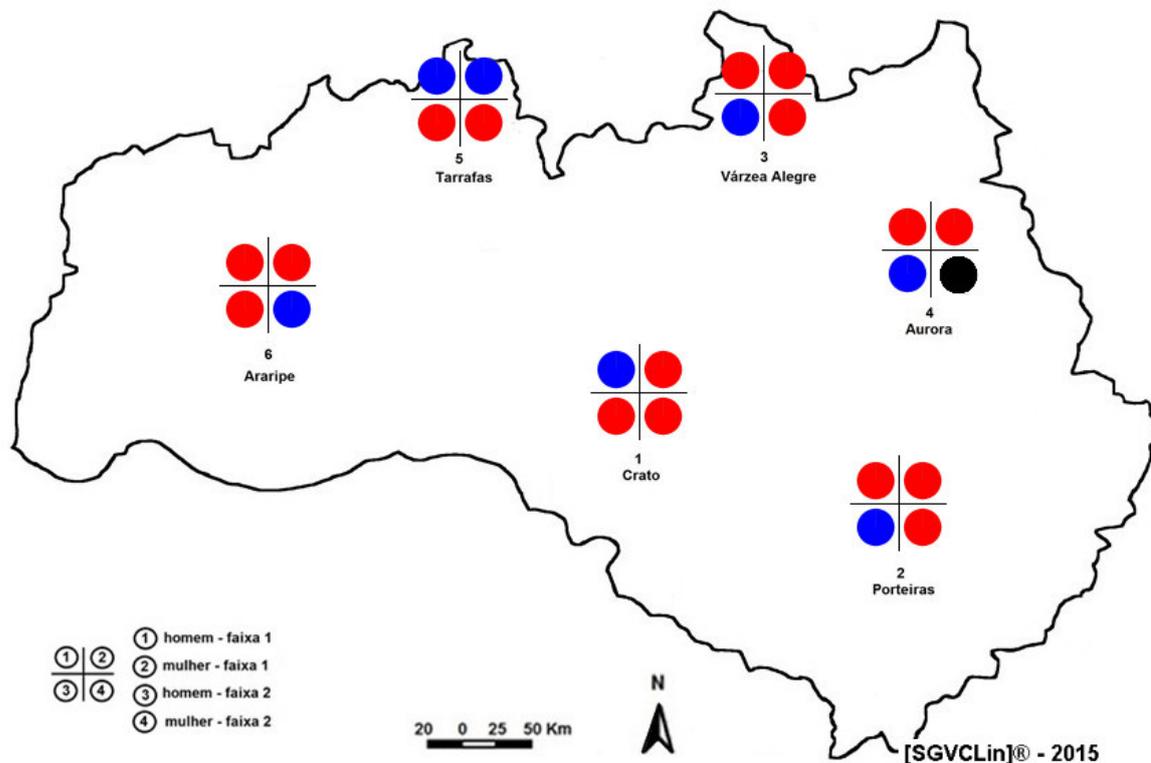
1. Foram registradas as seguintes formas: ['setɐ] pelo informante TAR3 e ARA2; b) [sĩ'naw] pelo informante ARA3; c) [sĩ'najs] pelo informante POR4 e VAR2; d) ['kõni] pelo informante TAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

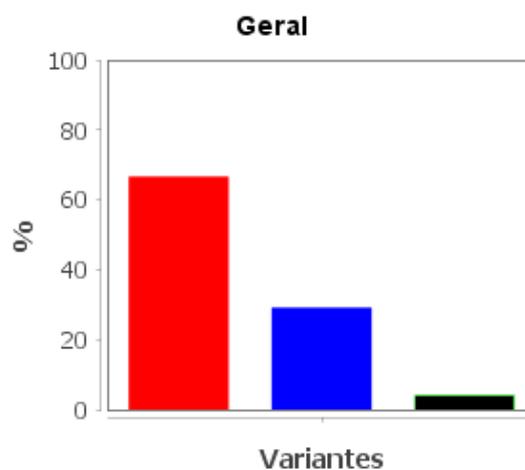
Carta nº 49
PNEU

QFF 72 – Como se chama aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego fura e se esvazia?



Variantes

- ['pĩnew]
- ['pẽnew]
- outra forma



Nota:

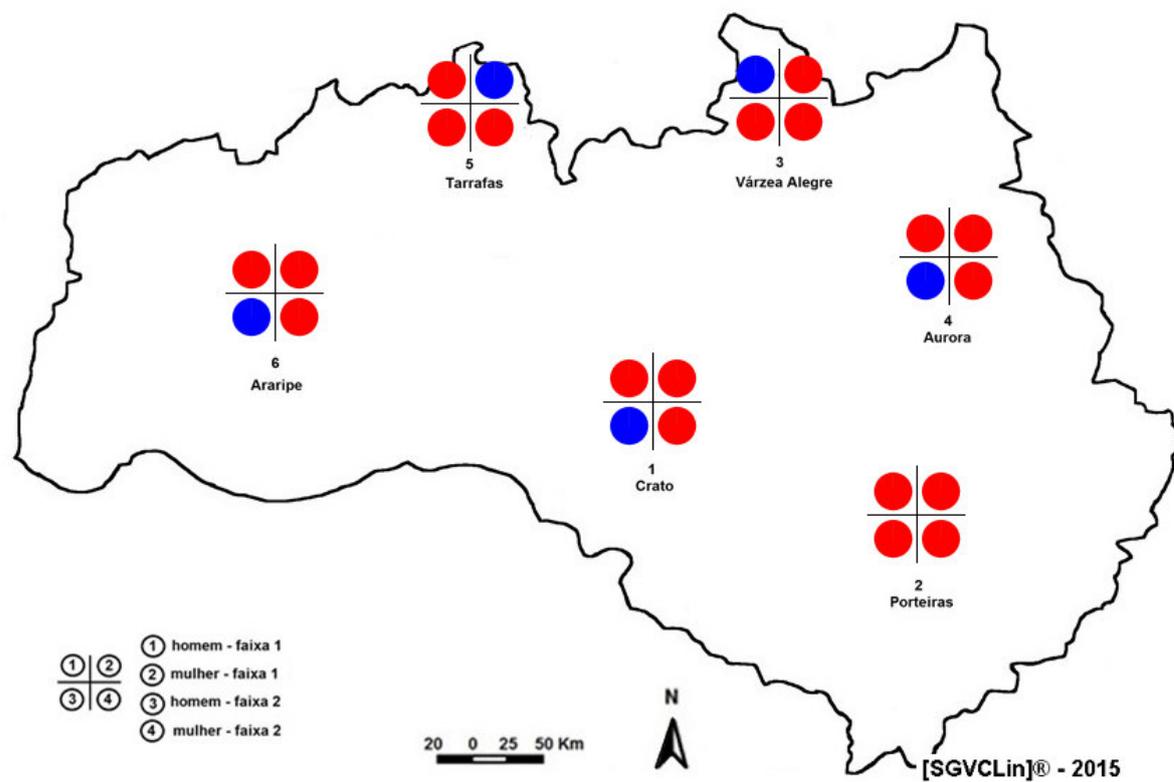
1. Foi registrada a forma ['hɔdɐ] pelo informante AUR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 50
VIDRO

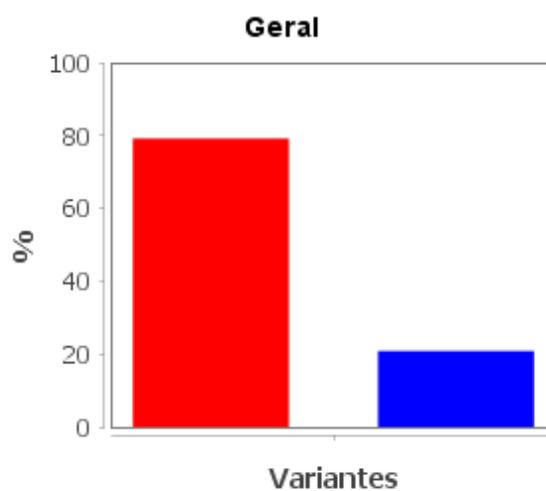
QFF 73 – De que material são feitas as janelas, os para-brisas dos carros?



Variantes

● ['vidrɔ]

● ['vɾidɔ]

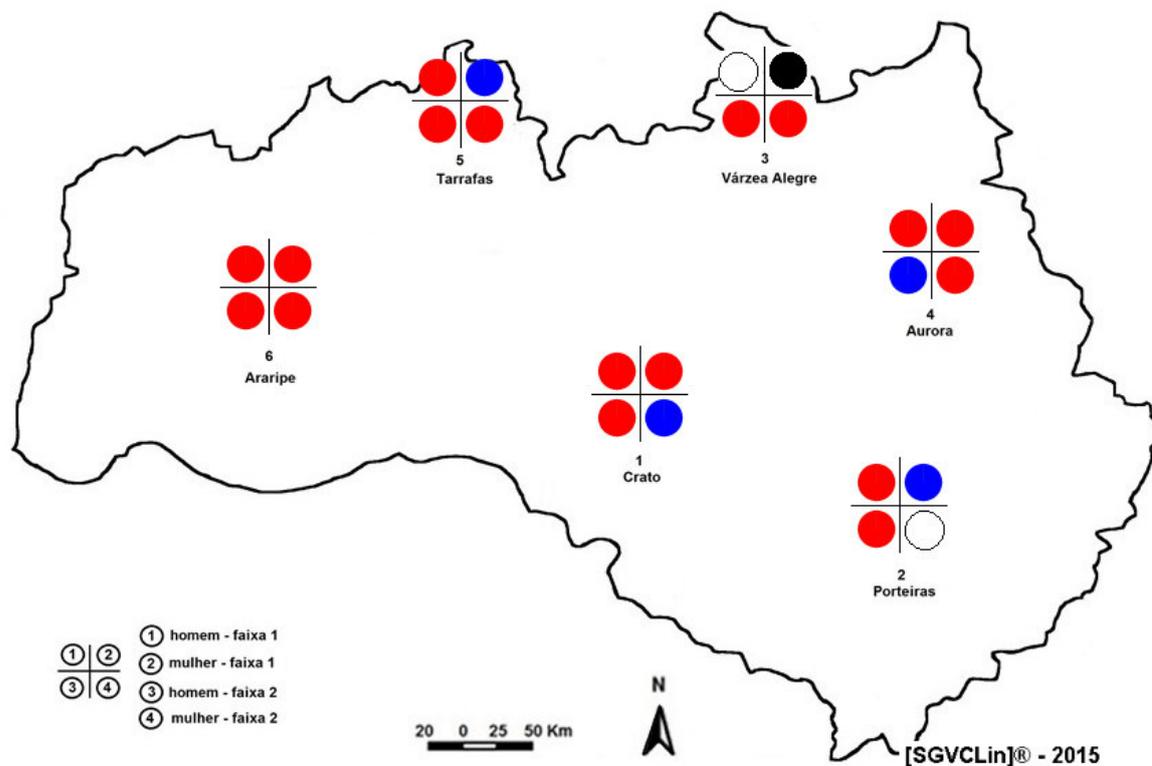




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

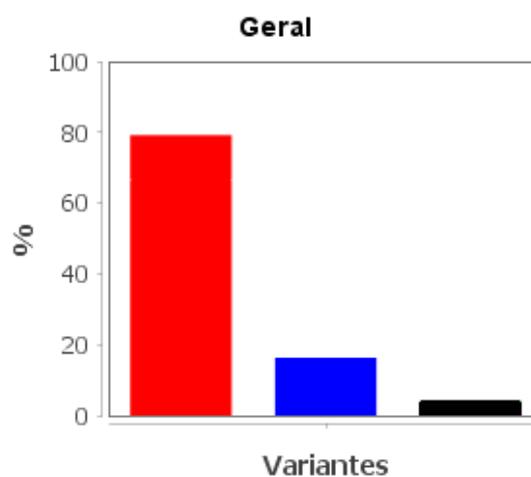
Carta nº 51
SEGURO

QFF 74 – Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?



Variantes

- [sɪ'guru]
- [se'guru]
- outra resposta
- sem resposta



Nota:

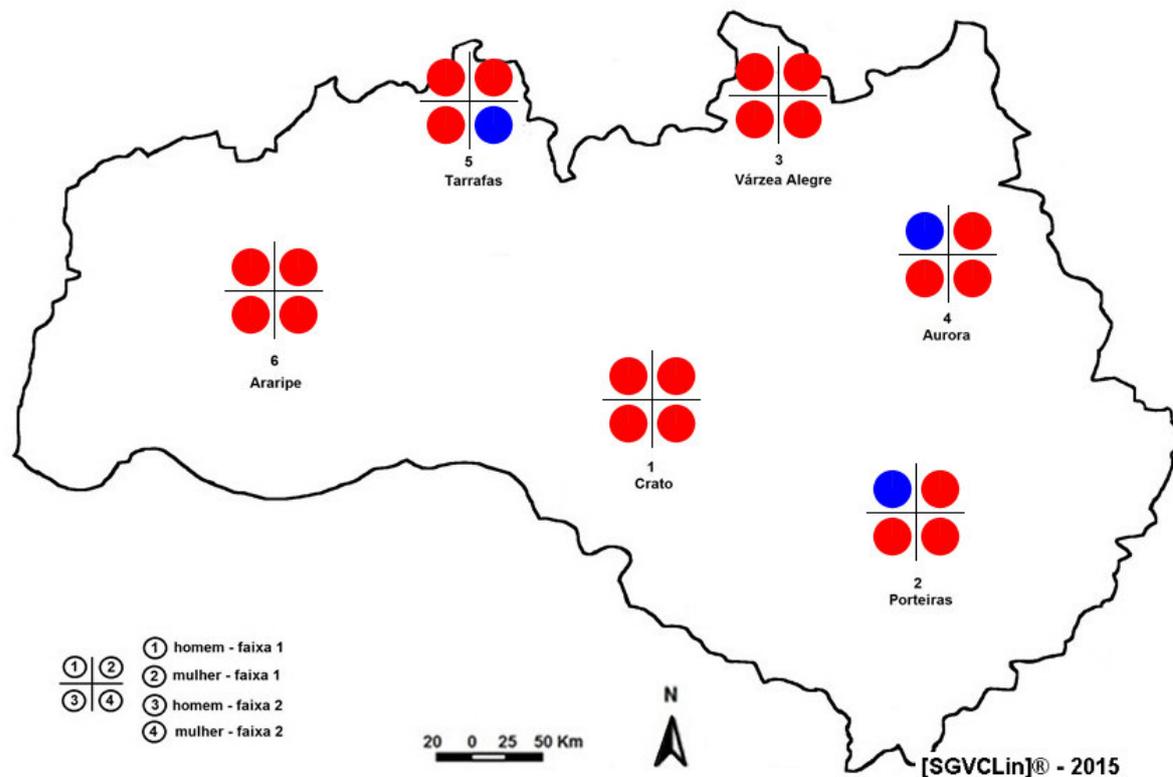
1. Foi registrada a forma [sɪ'guru] pelo informante VAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 52
PASSAGEM

QFF 75 – Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

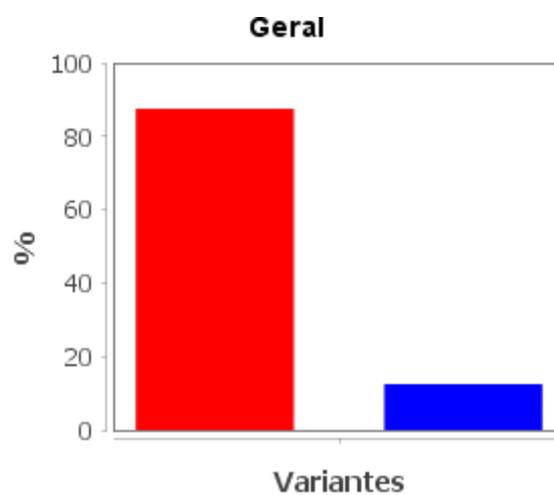


Variantes

● [pa'saʒɪ]

● [pa'saʒẽj]

○ sem resposta

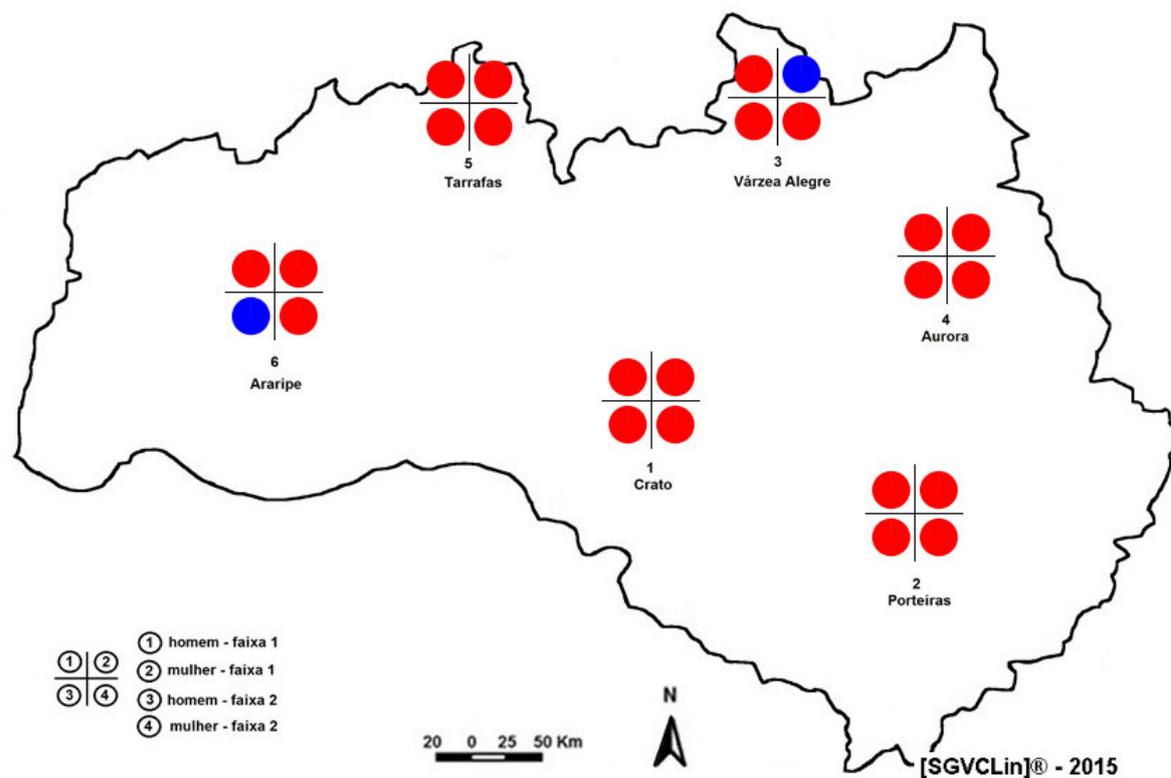




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 53
REAL / REAIS

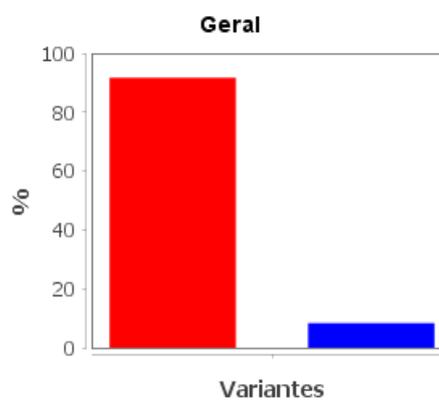
QFF 76 – E quanto se paga para viajar daqui a _____? Dizer o nome de uma cidade próxima



Variantes

● [hɛ'ajs]

● [hɛ'aw]

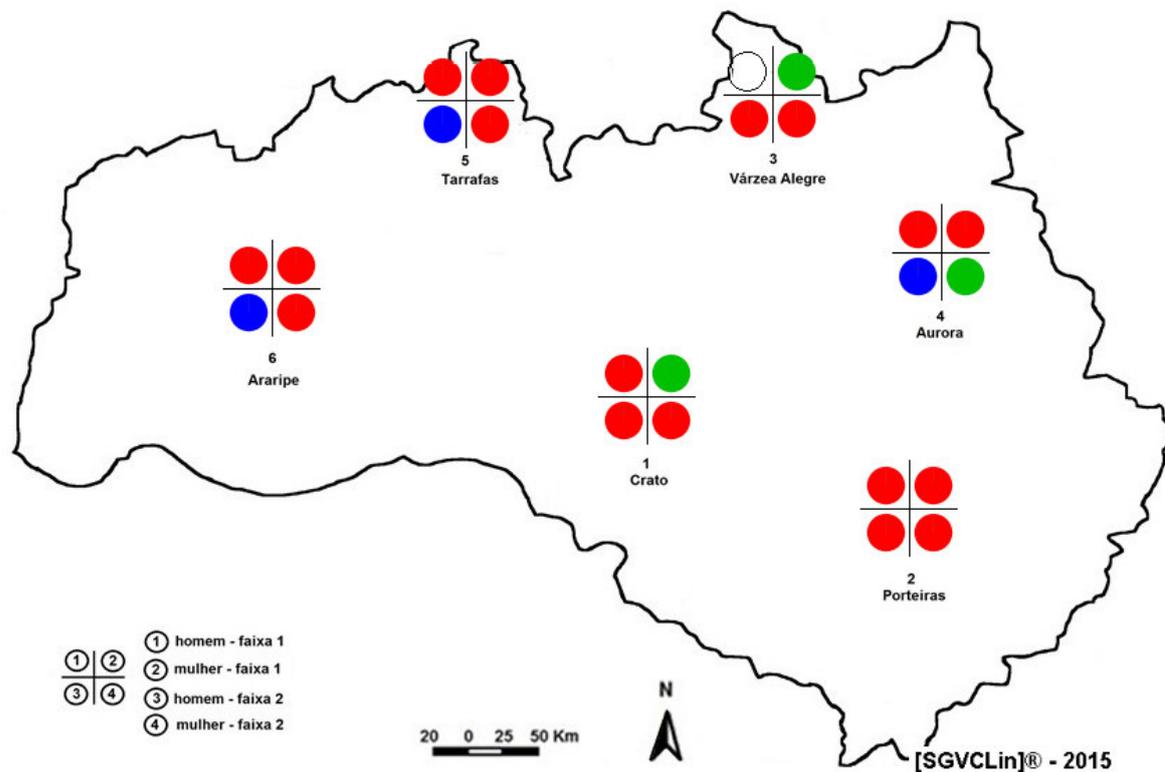




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

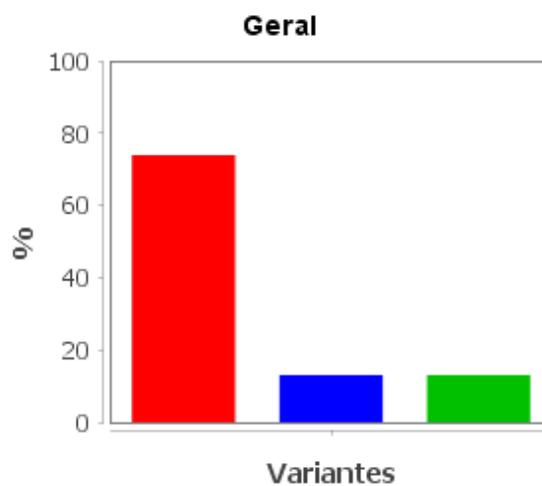
Carta nº 54
MUITO

QFF 77 – Qual o contrário de pouco?



Variantes

- ['mũjtɔ]
- ['mũtɔ]
- 'mũjtʃɔ]
- sem resposta

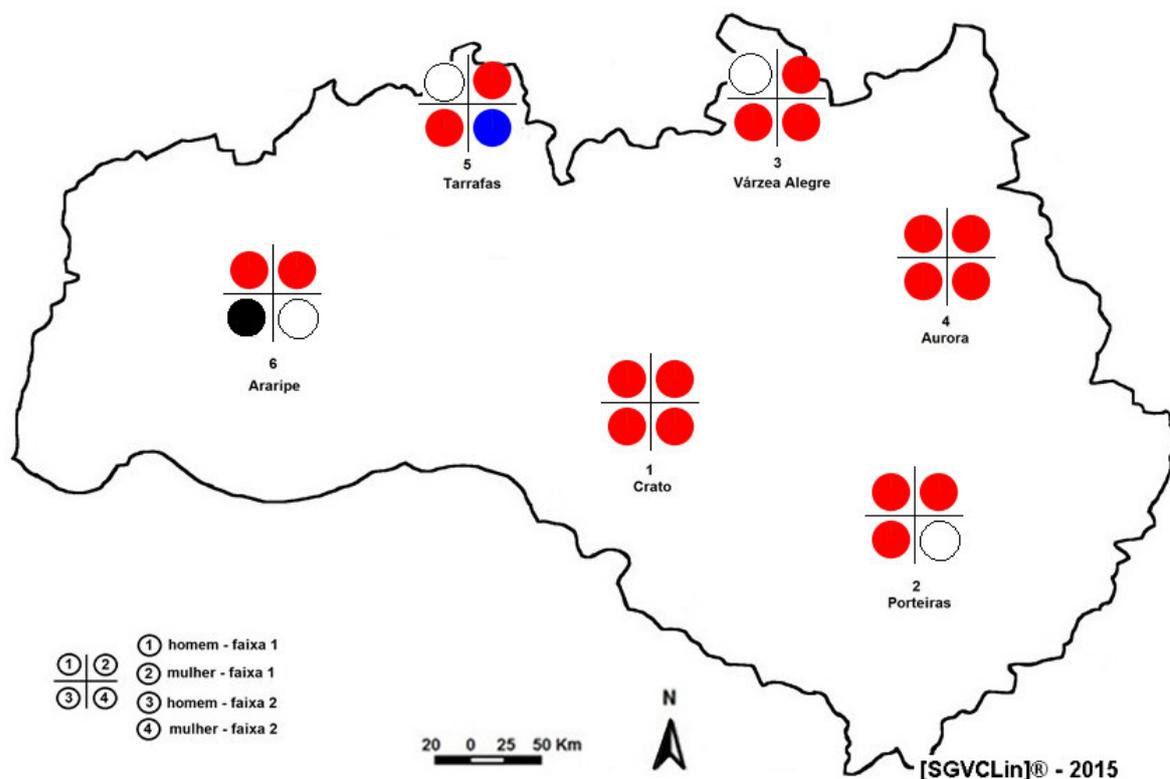




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 55
DEVE

QFF 78 – Você / o(a) senhor(a) tomou / pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me _____ 500 reais.

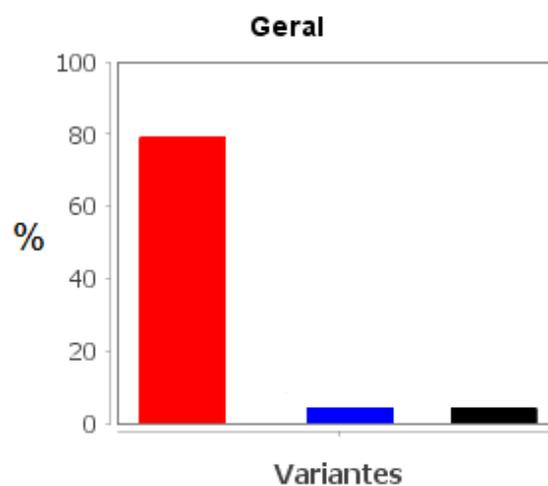


Variantes

● ['dɛvɪ]

● ['dɛhɪ]

○ sem resposta



Nota:

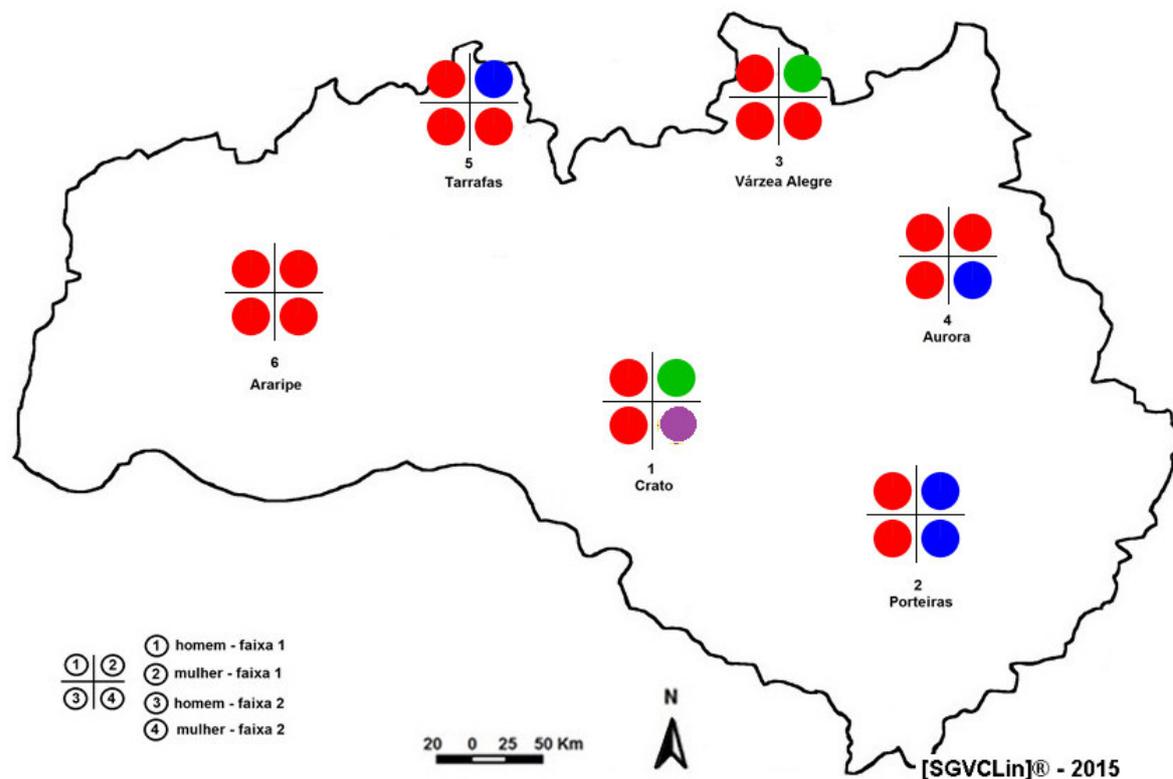
1. Foi registrada a forma [dɛv'ɛdu] pelo informante ARA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

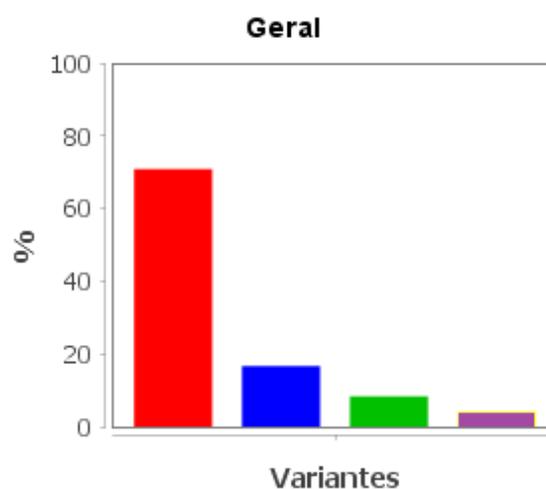
Carta nº 56
OBRIGADO

QFF 79 – Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o(a) senhor(a) vai devolver. Você / o(a) senhor(a) agradece. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?



Variantes

- [ɔbri'gadɔ]
- [ɔbri'gadɐ]
- [bri'gadɐ]
- [bri'gadɔ]
- sem resposta

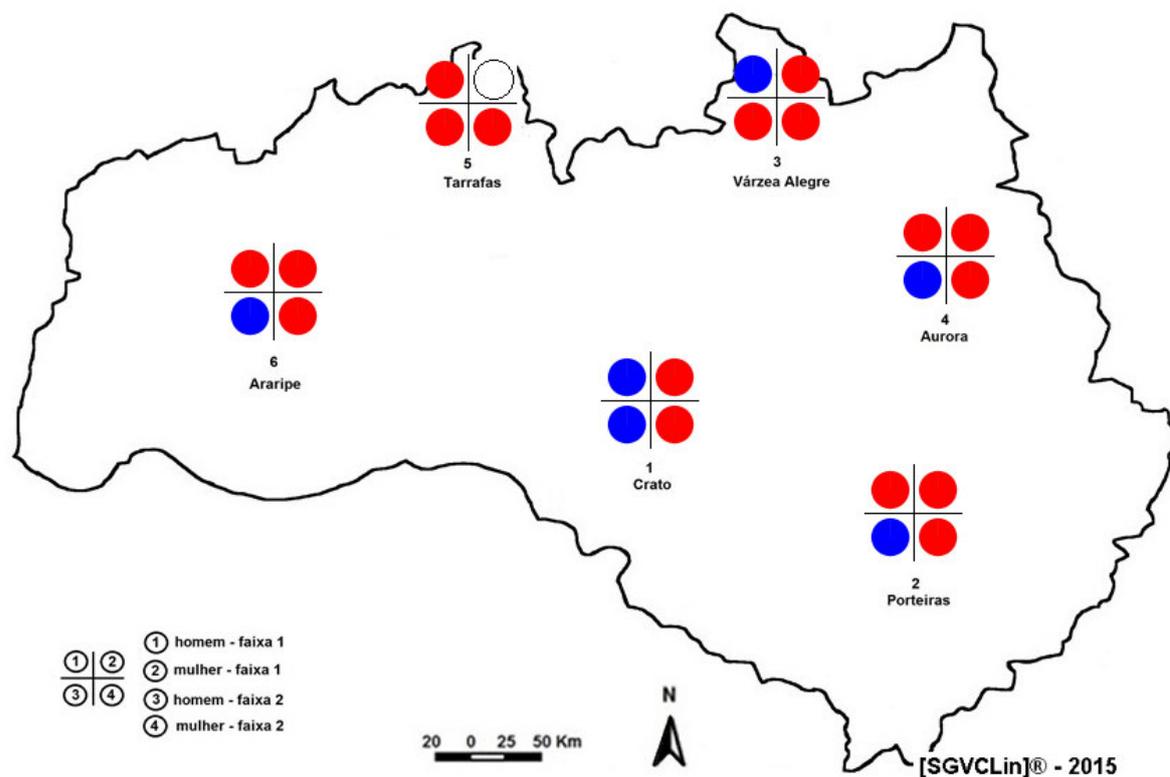




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 57
TRABALHAR

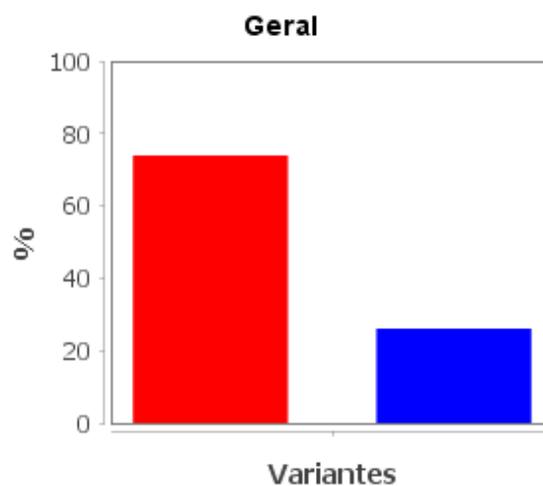
QFF 80 – Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?



Variantes

● [traba'ka]

● [trabaj'a]

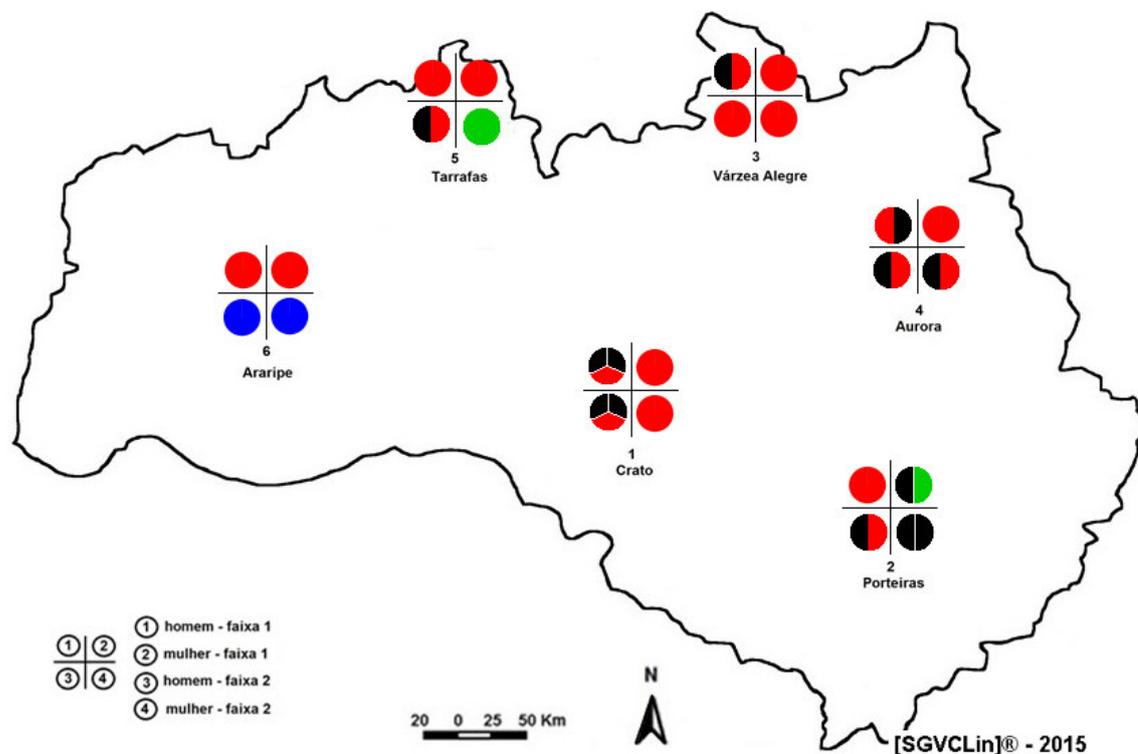




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

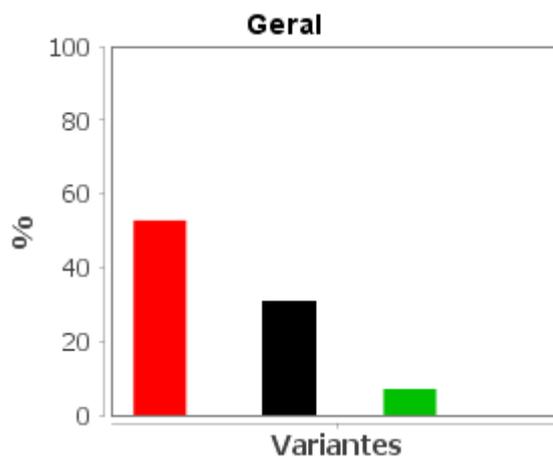
Carta nº 58
EMPREGO

QFF 81 – Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o _____?]



Variantes

- [ĩ'pregu]
- outras respostas
- [ẽj'pregu]
- sem resposta



Nota:

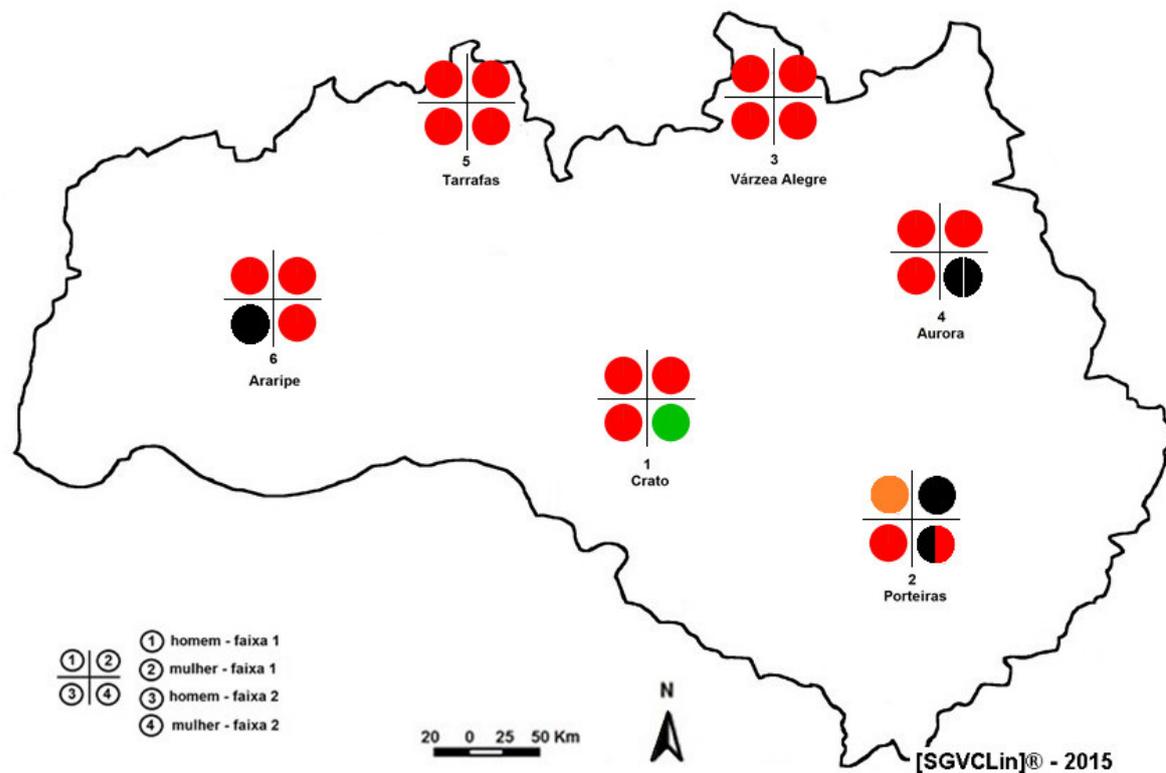
- Foram registradas as seguintes formas: a) [sefi'visu] pelos informantes CRA1 (1ª resp.), CRA3 (1ª resp.), POR2, POR4 (1ª resp.), AUR1, TAR3 e ARA4; b) [tra'baʎu] pelos informantes CRA1 (3ª resp.), CRA3 (3ª resp.), POR3, AUR3, AUR4; c) [tra'baj] pelo informante ARA3; d) [tra'baju] pelo informante POR4 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

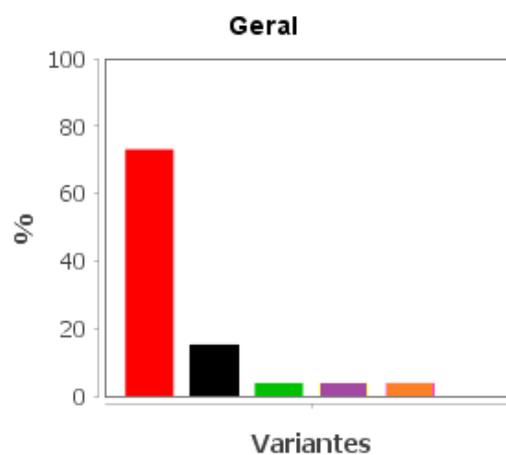
Carta nº 59
ESCOLA

QFF 84 – Onde as crianças vão aprender a ler?



Variantes

- [ɪs'kɔɫɐ]
- outras respostas
- [ɪf'kɔɫɐ]
- [es'kɔɫɐ]
- [ej'kɔɫɐ]
- sem resposta



Nota:

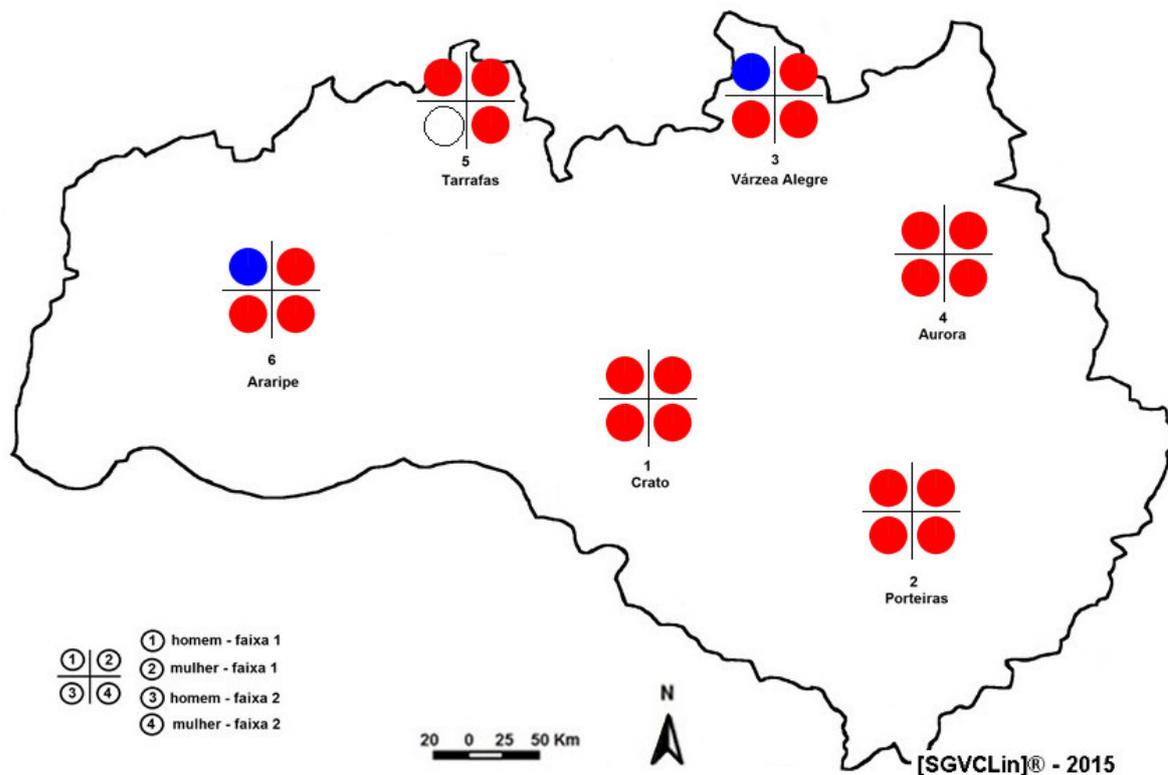
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [k'ɔɫɛʒjɔ] pelos informantes POR4 e AUR4 (1ª resp.); ARA3; b) ['krɛʃɪ] pelo informante AUR4 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 60
GIZ

QFF 86 – Como se chama aquilo branquinho, assim (mímica), que serve para escrever no quadro, na escola?

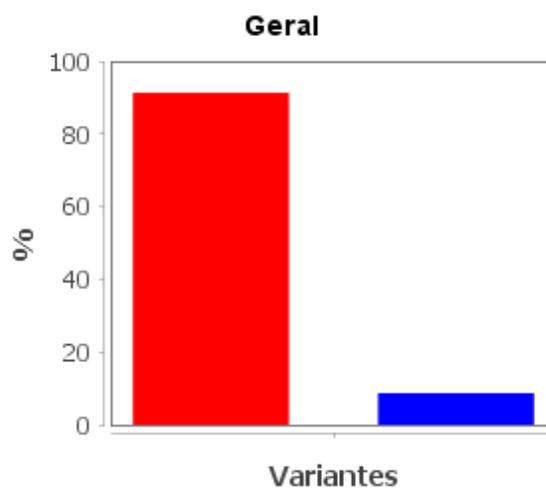


Variantes

● ['ʒijs]

● ['ʒis]

○ sem resposta

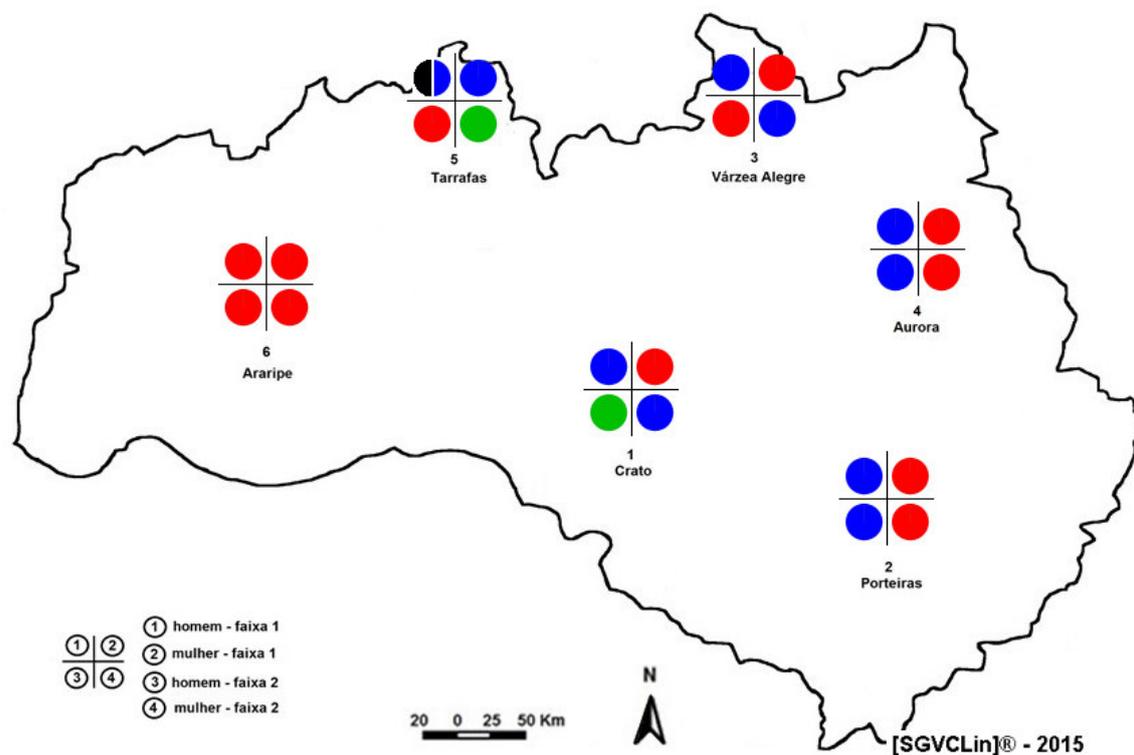




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

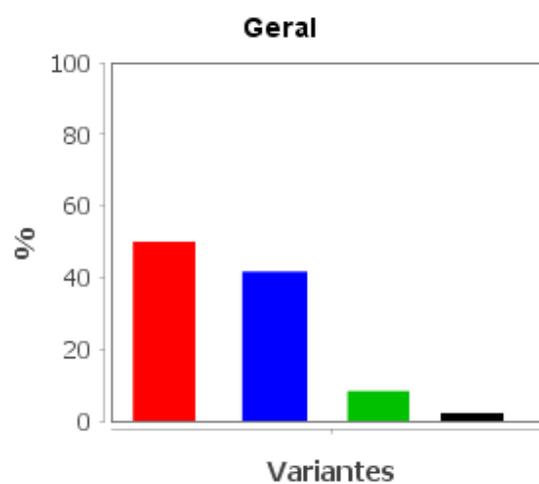
Carta nº 61
BORRACHA

QFF 87 – Como se chama aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?



Variantes

- [bʊ'haʃɐ]
- [bo'haʃɐ]
- [bɔ'raʃɐ]
- outra forma



Nota:

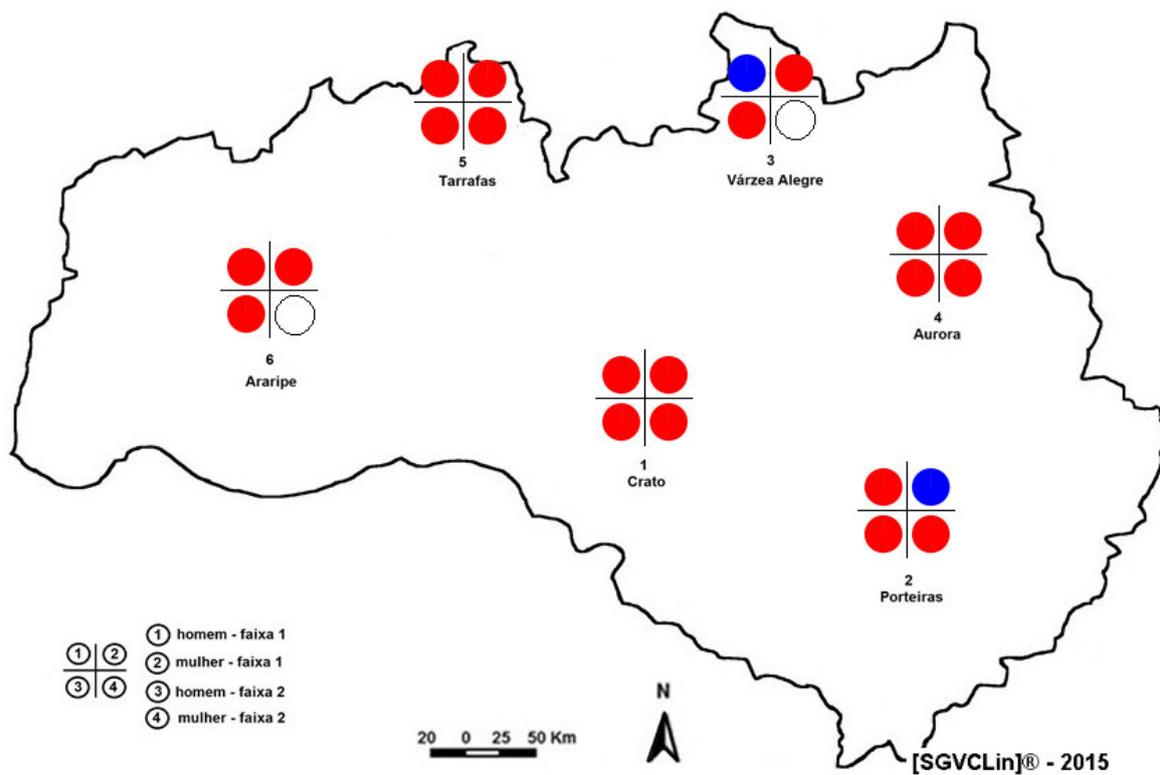
1. Foi registrada a forma [apaga'do] pelo informante TAR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 62
RASGAR

QFF 88 – Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____

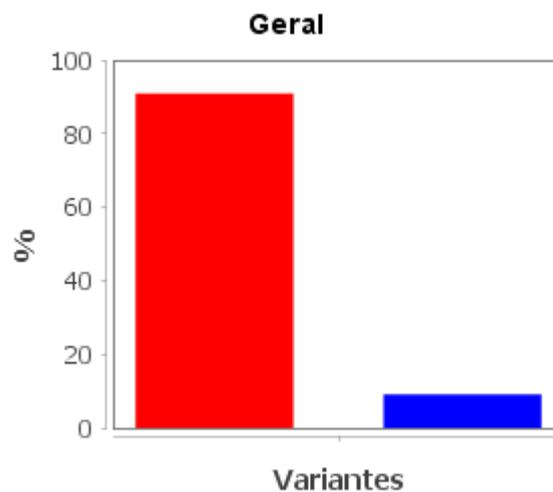


Variantes

● [haz'ga]

● [haj'ga]

○ sem resposta

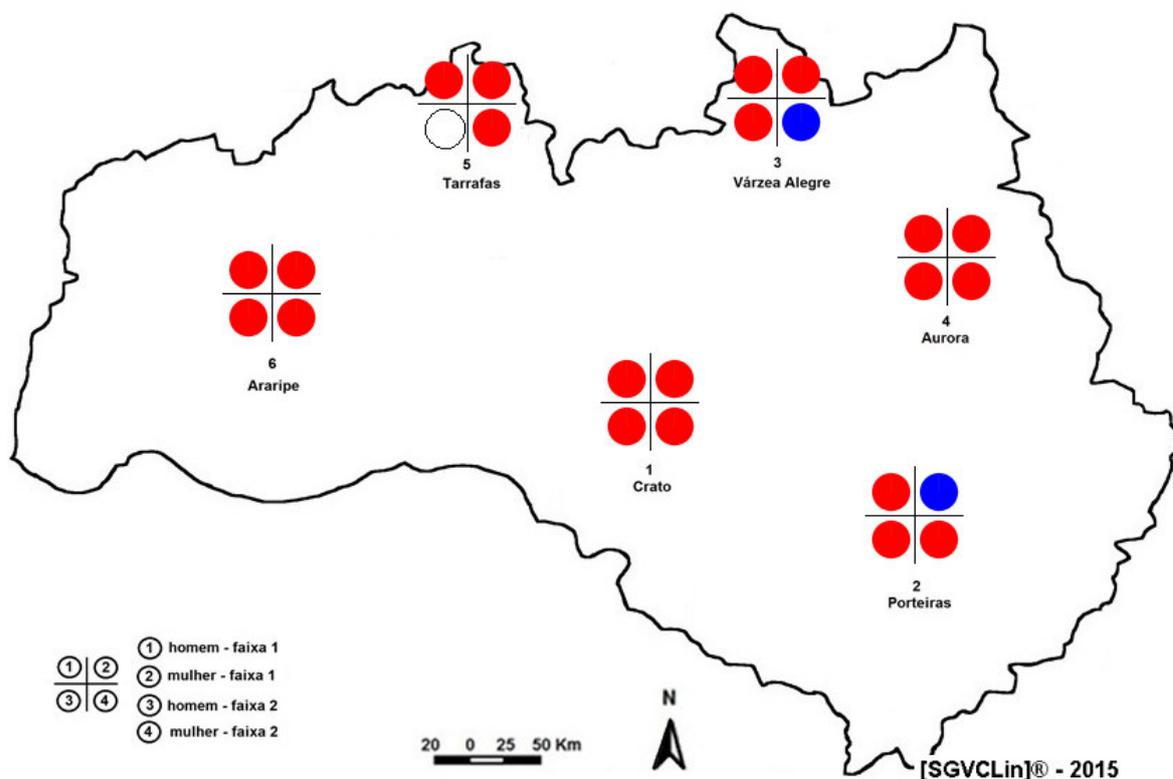




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 63
AZUL

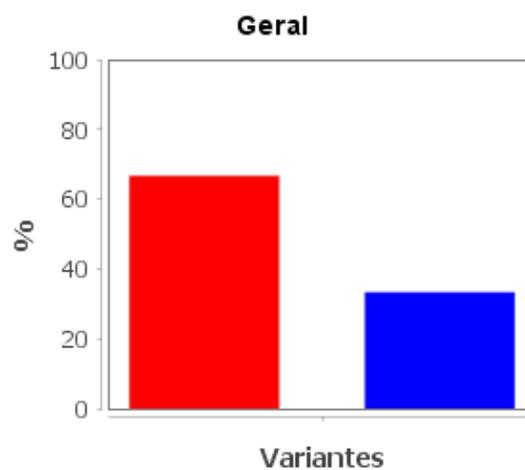
QFF 89 - Que cor é esta? *Mostrar*



Variantes

● [a'zu] 63, 185

● [a'zuw]

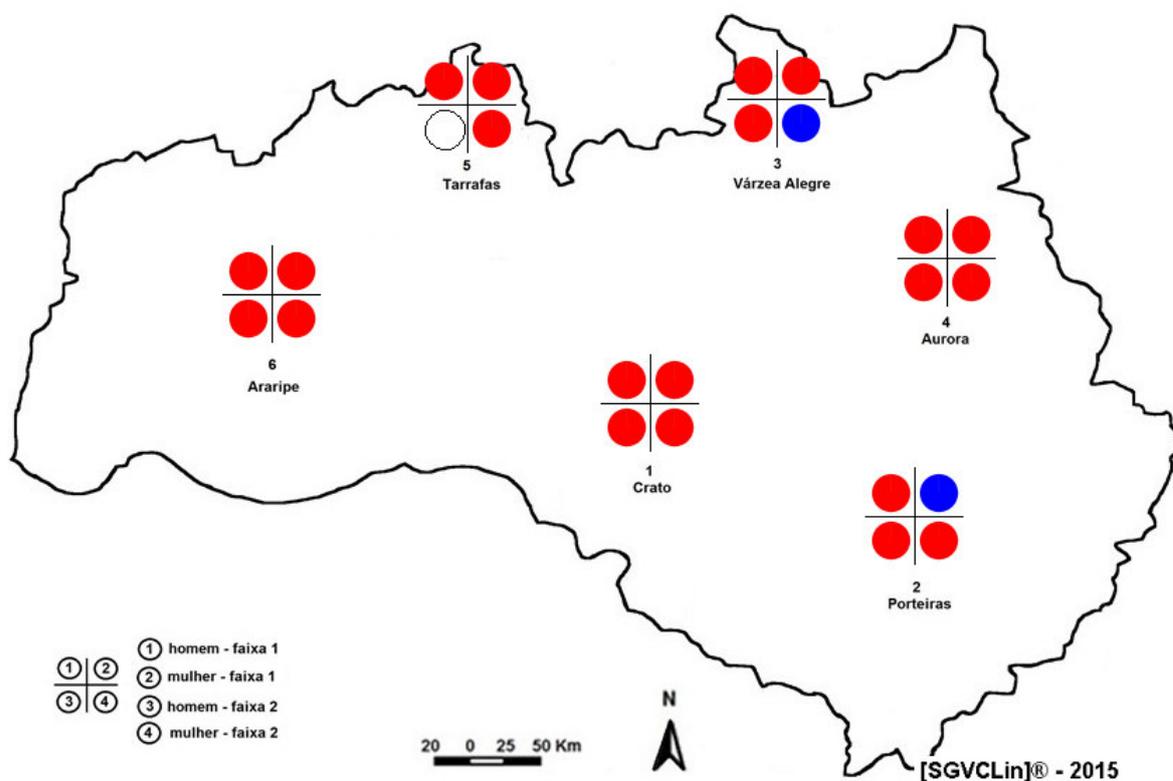




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

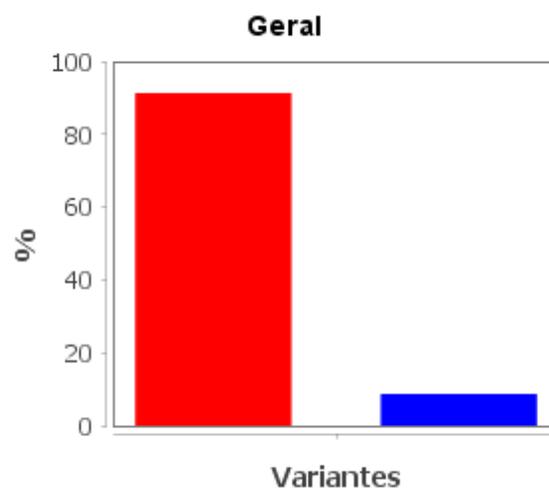
Carta nº 64
BANDEIRA

QFF 91 – Como se chama aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?



Variantes

- [bã'derɐ]
- [bã'dejrɐ]
- sem resposta

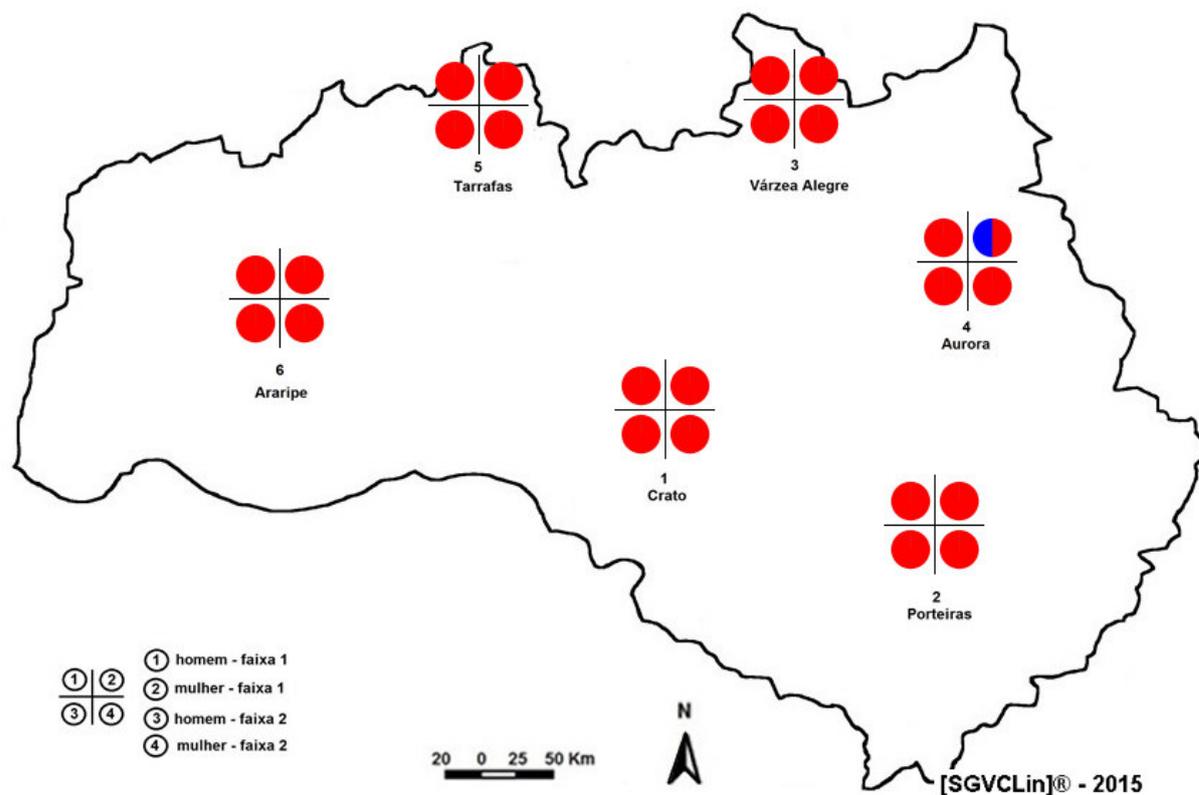




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 65
PERNAMBUCANO

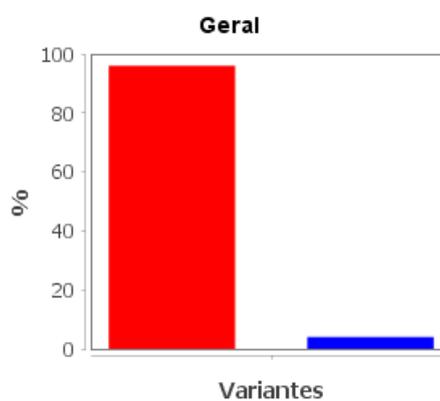
QFF 92 - Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca? E quem nasce em Pernambuco?



Variantes

● [pefnãbu'kãu]

● [pefnãbu'kēsɪ]

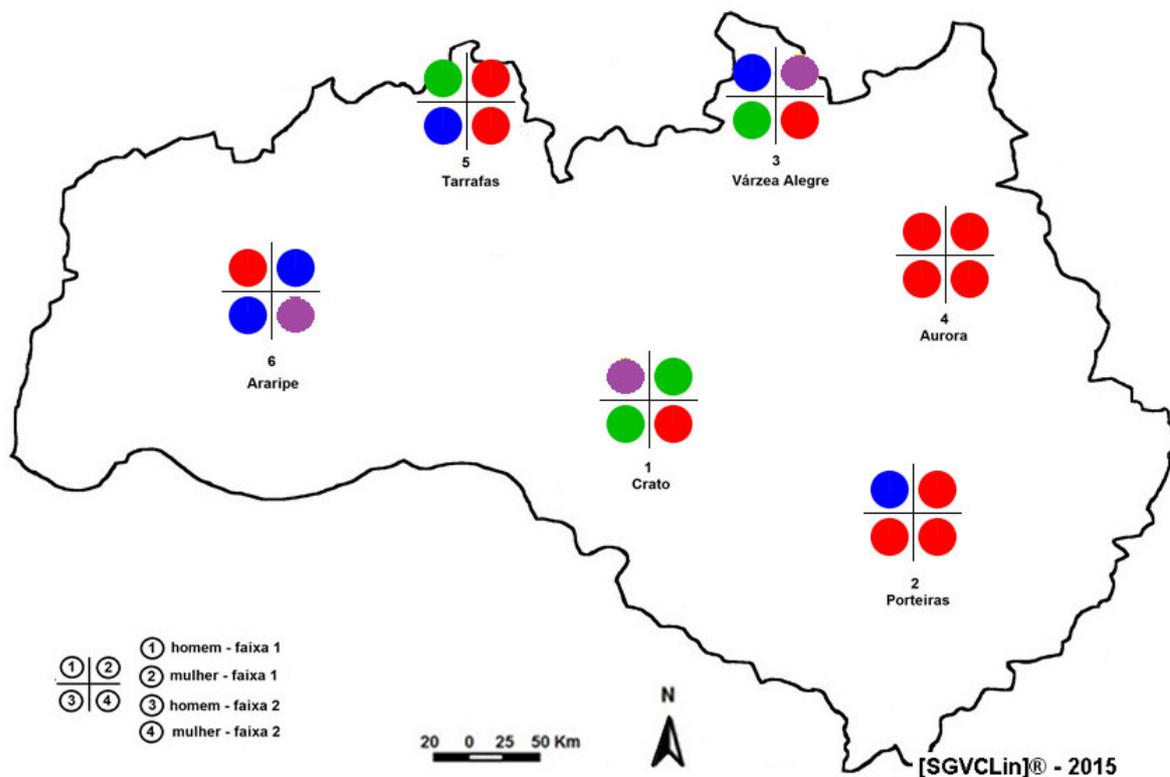




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

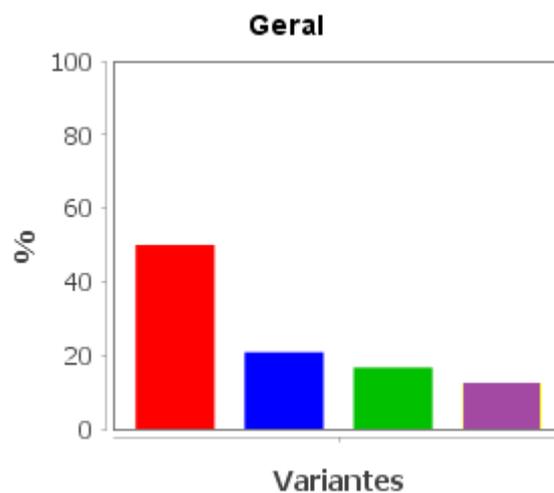
Carta nº 66
CORREIO

QFF 94 – Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?



Variantes

- [ko'heju]
- [ko'hej]
- [ko'hejus]
- [ko'reju]
- sem resposta

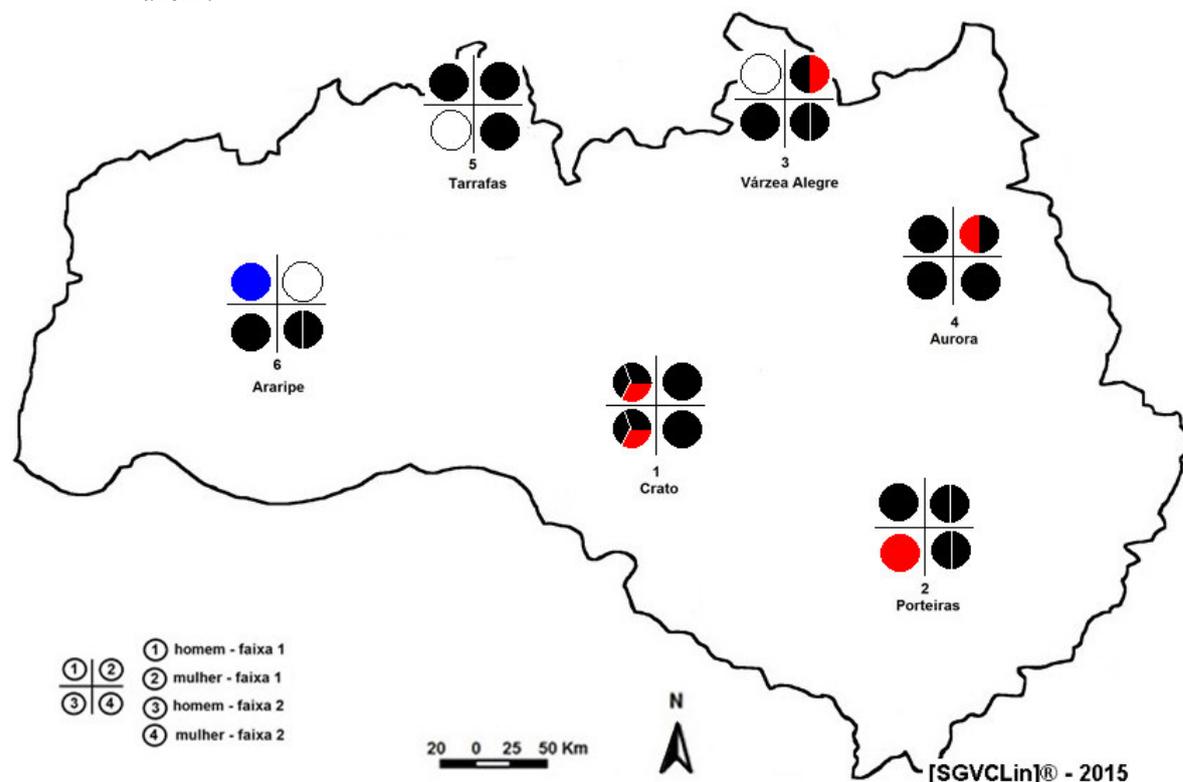




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

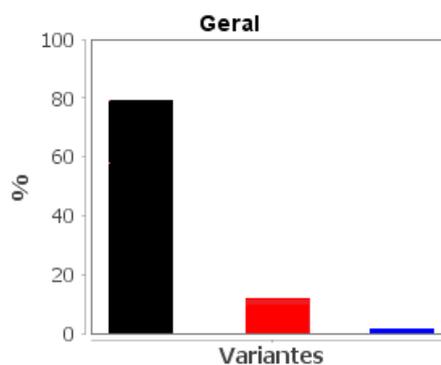
Carta nº 67
LIQUIDAÇÃO
LIQUÛIDAÇÃO

QFF 95 – De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?



Variantes

- outras respostas
- [likida'sãw]
- [likwida'sãw]
- sem resposta



Nota:

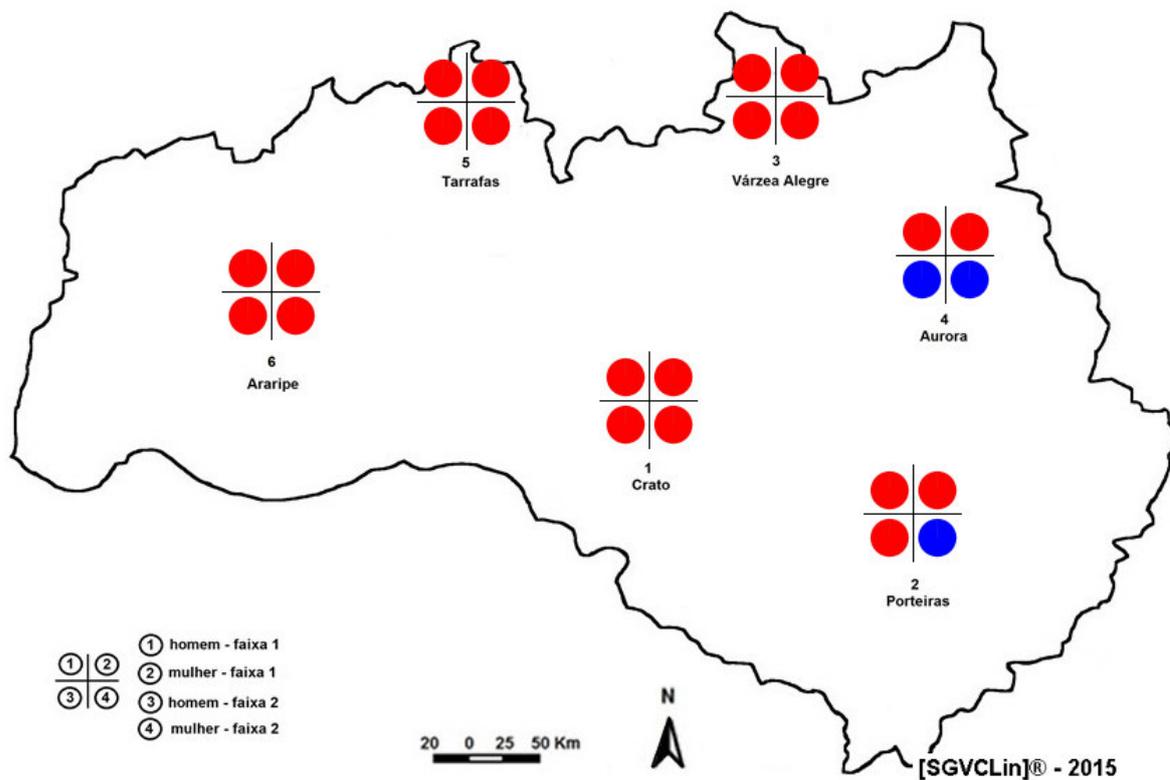
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [prõmɔ'sãw] pelos informantes CRA (1ª resp.), CRA3 (1ª resp.), CRA3, CRA4 (1ª resp.), POR1, POR2 (1ª resp.), POR4 (2ª resp.), AUR1, AUR2 (1ª resp.), AUR3, AUR4; VAR2 (1ª resp.), VAR3, VAR4 (1ª resp.), TAR1, TAR3; ARA3 e ARA4 (2ª resp.); b) ['kejmɐ] pelos informantes POR2 (2ª resp.), VAR4 (2ª resp.); TAR4 e ARA4 (1ª resp.); c) [ɔ'fɛhte] pelos informantes CRA1 (2ª resp.) e CRA3 (2ª resp.); d) [pi'ʃiʃɛ] pelos informantes POR4 (1ª resp.) e ARA1; e) [pe'ʃiʃɛ] pelo informante CRA4 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 68
CINEMA

QFF 96 – Aonde se vai para ver um filme?

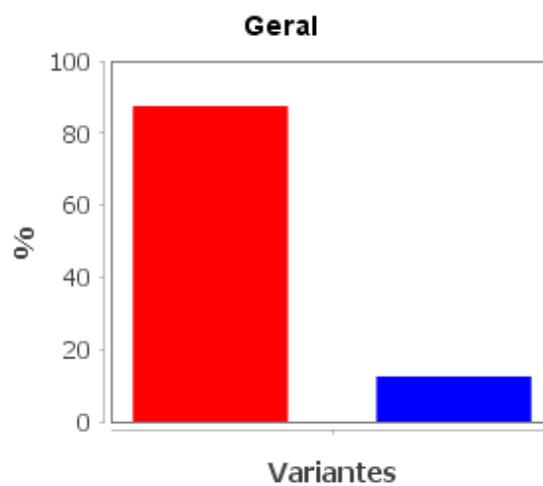


Variantes

● [si'nẽmɐ]

● [sĩ'nẽmɐ]

○ sem resposta

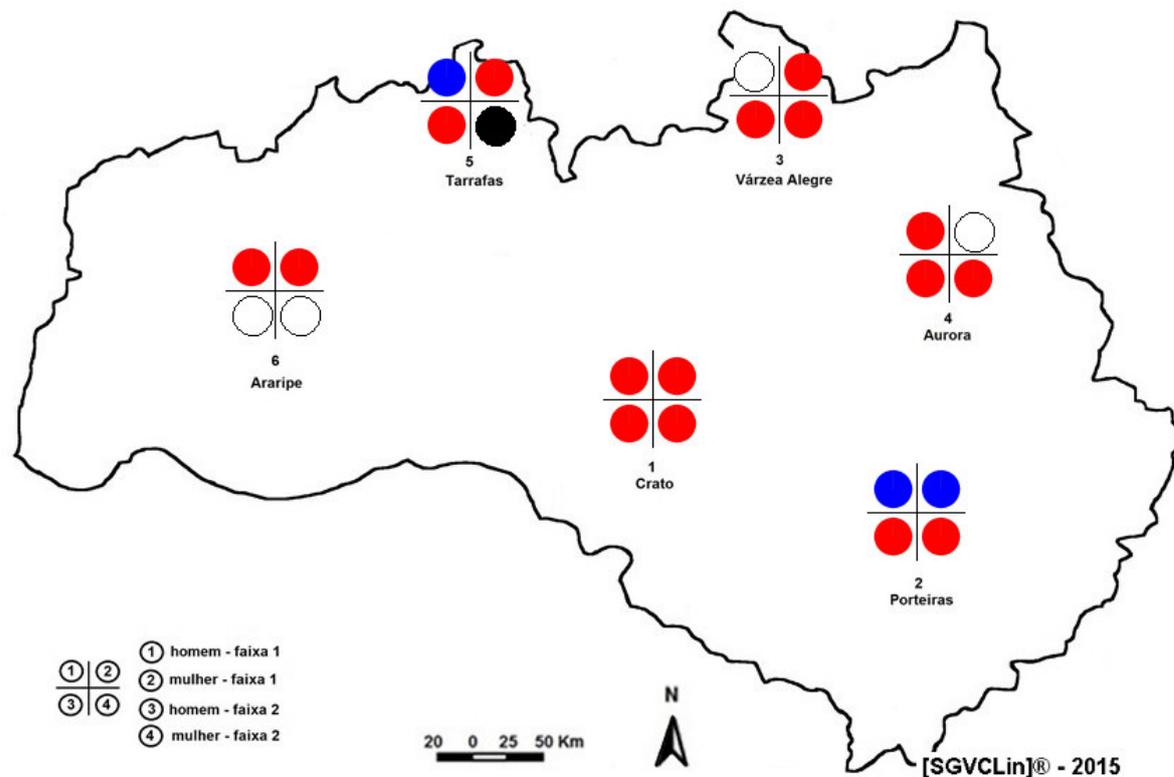




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

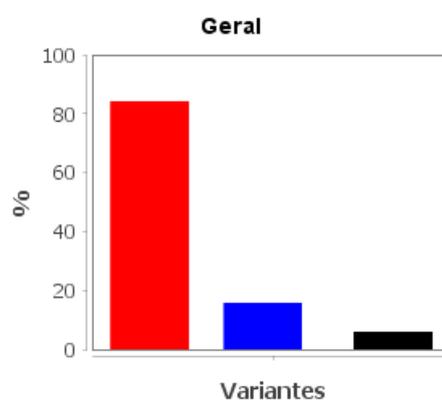
Carta nº 69
UNIÃO

QFF 99 – Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há _____, há força?]



Variantes

- [ũ'niãw]
- [u'niãw]
- outra resposta
- sem resposta



Nota:

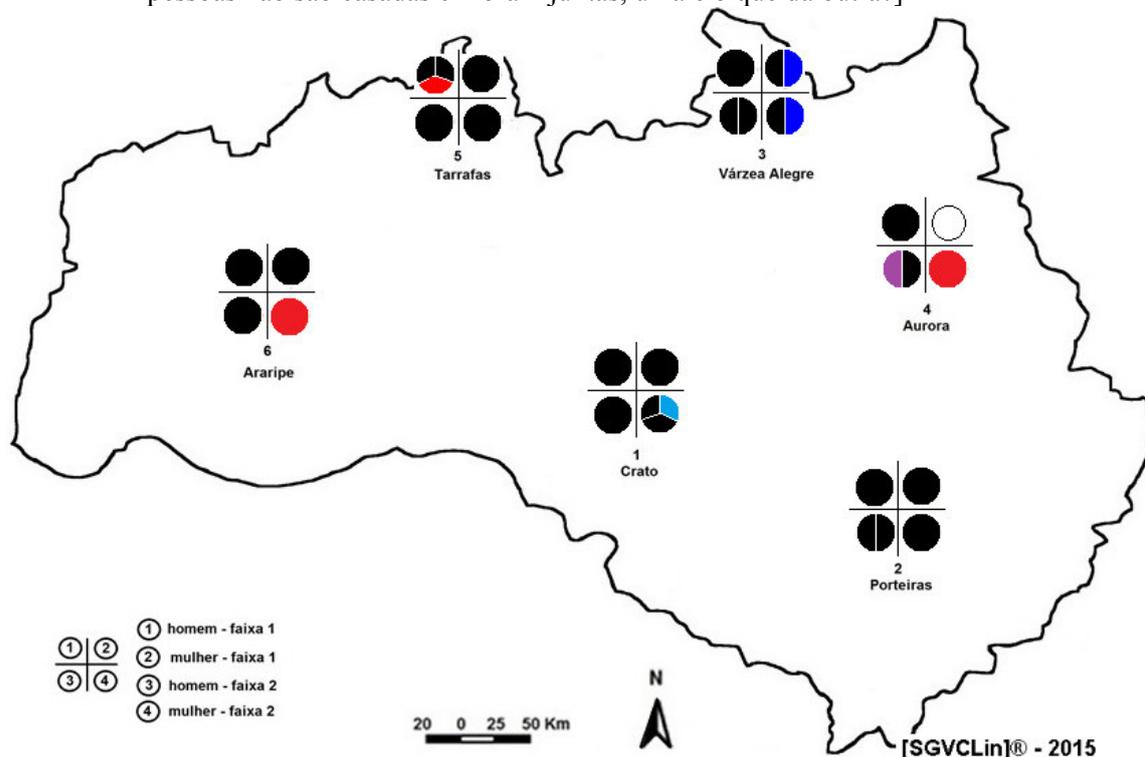
1. Foi registrada a forma [hẽũ'niãw] pelo informante TAR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta n° 70
COMPANHEIRO

QFF 100 – Em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoa são uma das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]

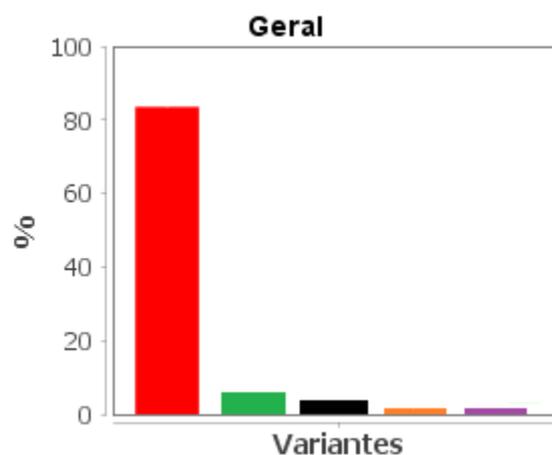


Variantes

- outras respostas
- [kõpã'eru]
- [kõpã'erus]
- [kõpã'neru]
- [kõpã'nejro]
- sem resposta

Nota:

1. Foram registradas as seguintes formas: a) [kõ'legus] pelos informantes CRA1, CRA2, CRA3, CRA4 (1ª resp.), POR1, POR2 (1ª resp.); VAR1 (2ª resp.), VAR2, VAR3 (1ª resp.), VAR4, TAR1 (2ª resp.), TAR2 (2ª resp.), TAR3, ARA1 e ARA2; b) [ã'migus] pelos informantes CRA4 (2ª resp.); POR2, POR3 (2ª resp.), POR4; VAR1 (1ª resp.), TAR1 (1ª resp.), TAR2 e ARA3; c) [pa'seru] pelos informantes POR3 (1ª resp.) e AUR3; d) [pah'seru] pelo informante TAR4; f) [pa'serus] pelo informante VAR.

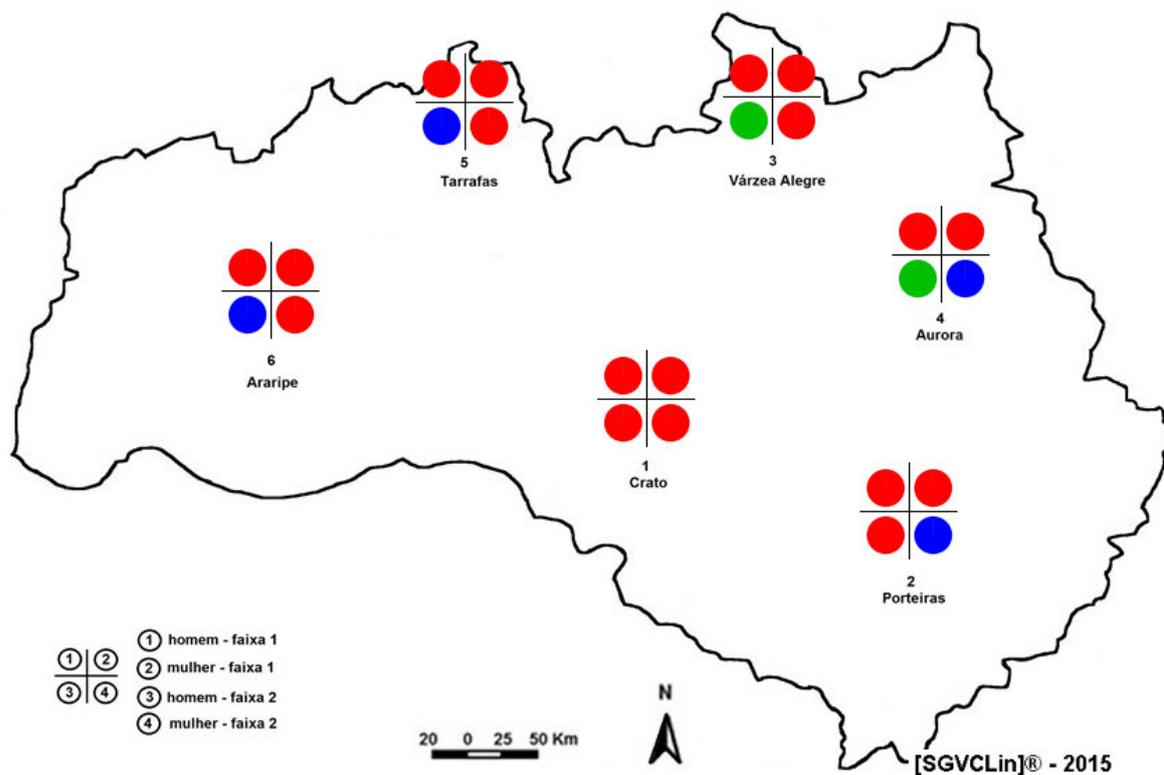




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

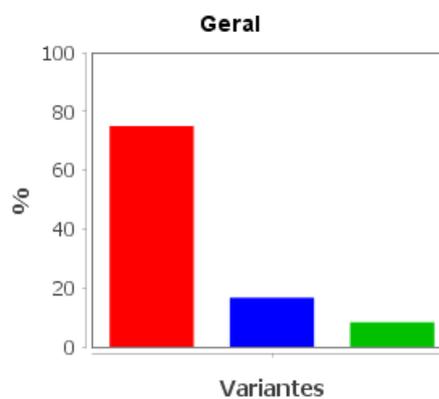
Carta nº 71
ADVOGADO

QFF 101 – Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?



Variantes

- [adivɔ'gado]
- [adɛvɔ'gado]
- [adzivɔ'gado]
- sem resposta

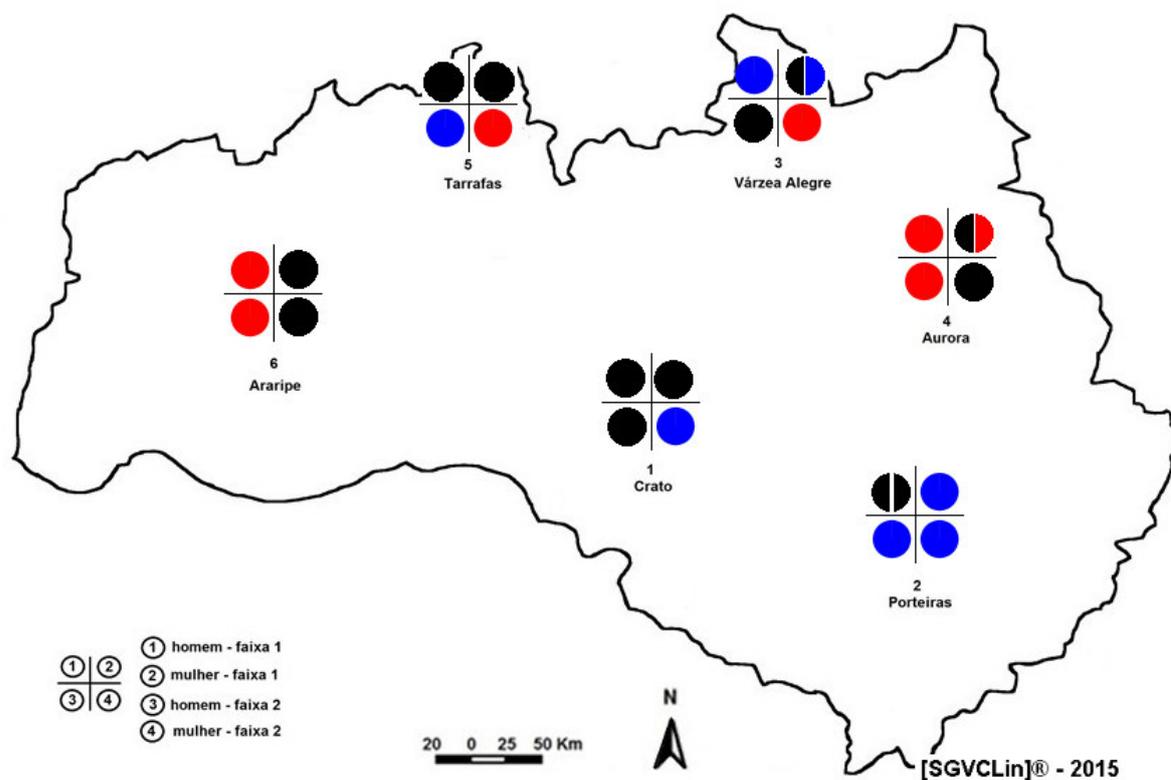




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

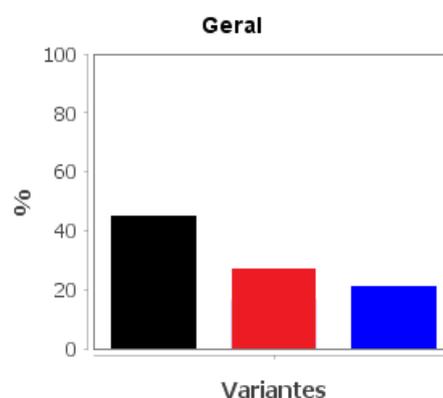
Carta nº 72
QUESTÃO
QUESTÃO

QFF 102 – Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a ____? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço ____].



Variantes

- outras respostas
- [kɛ]ʰtãw
- [kɛsʰtãw]
- sem resposta



Nota:

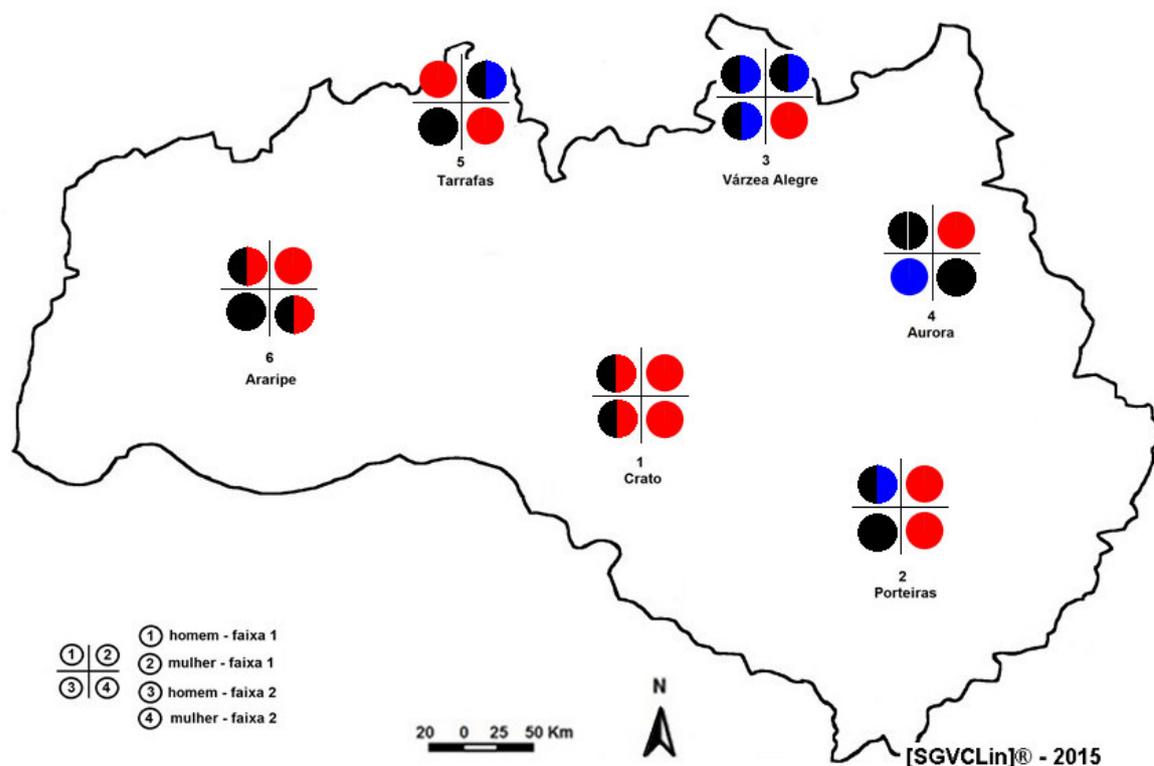
- Forma registradas as seguintes formas a) [ˈkawzɐ] pelos informantes CRA1, CRA2, CRA3, AUR2, AUR4, VAR2, VAR3, TAR2, ARA2 e ARA4; b) [ˈkazu] pelo informante PORT (1ª resp.); c) [situaˈsãw] pelo informante POR1 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

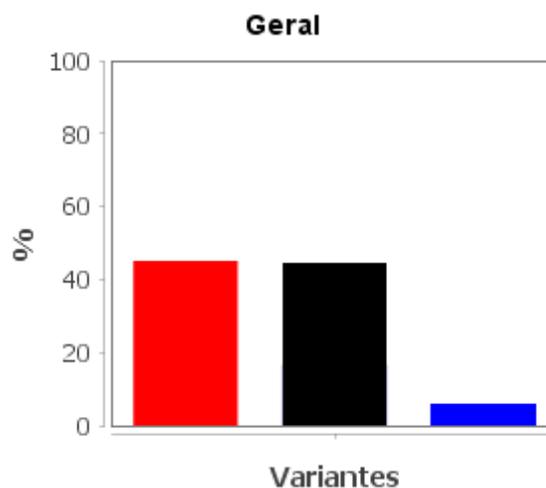
Carta nº 73
PEGO

QFF 103 – Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: o ladrão foi _____ pela polícia.



Variantes

- ['peɣu]
- outras respostas
- ['peɣu]
- sem resposta



Nota:

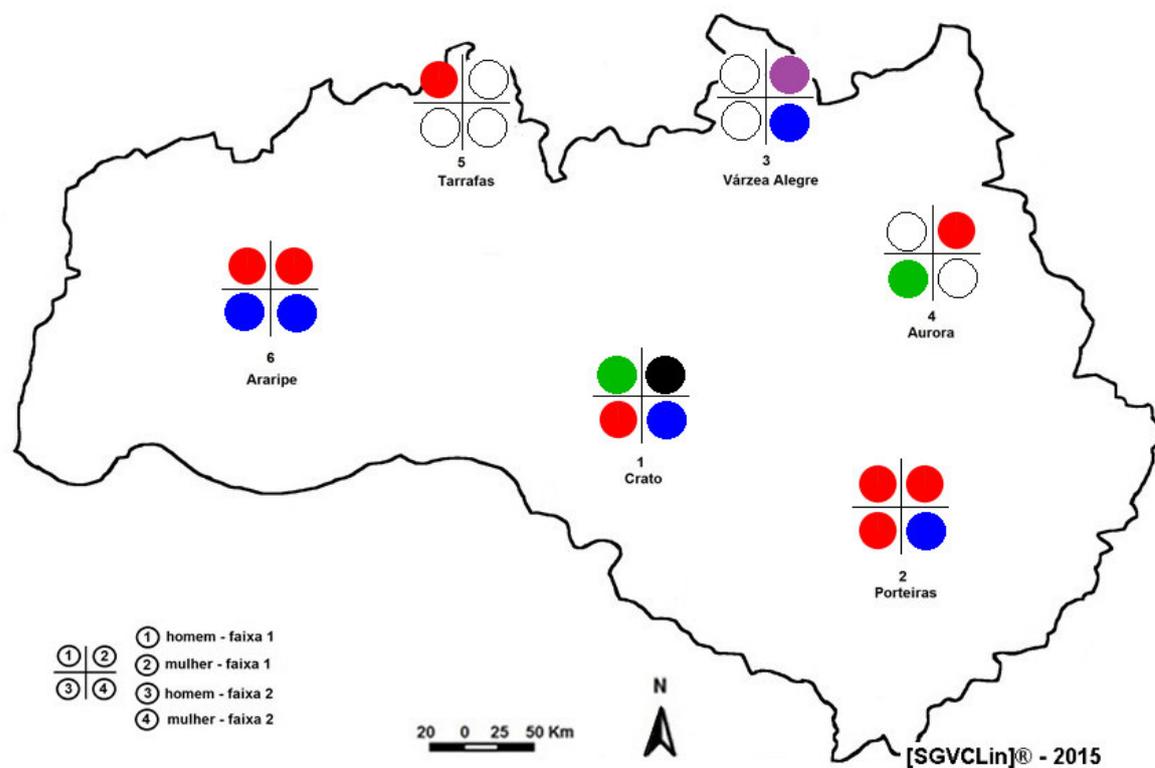
- Foram registradas as seguintes formas: a) ['prezu] pelos informantes CRA1, CRA3, POR1, POR4, AUR1 (2ª resp.); VAR1, VAR2, VAR3, TAR2, TAR3, ARA1 (1ª resp.), ARA3 e ARA4; b) [pe'gadu] = pelos informantes AUR1 (1ª resp.) e AUR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

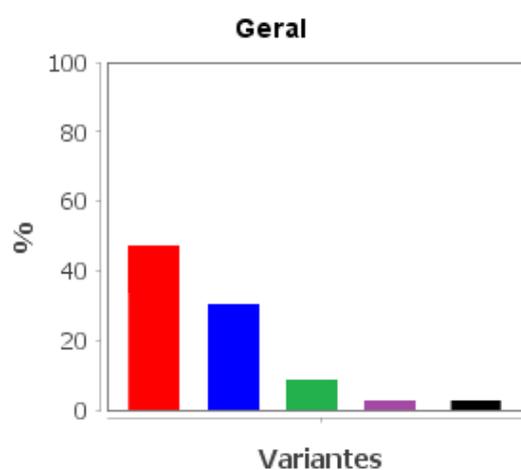
Carta nº 74
INOCENTE

QFF 3 – Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ela é o quê?



Variantes

- [ino'sêti]
- [ĩno'sêti]
- [ĩno'sêti]
- [ĩno'sêfi]
- sem resposta
- outra resposta



Nota:

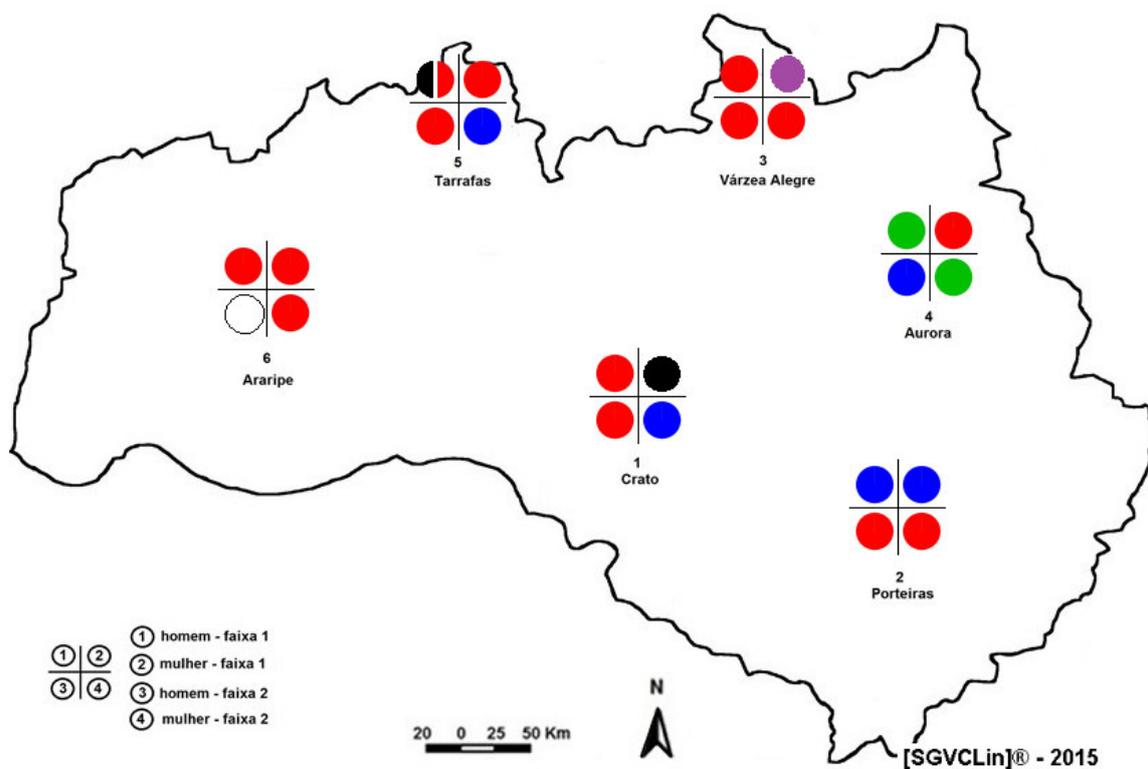
1. Foi registrada a forma [ĩʒuʃti'sadu] pelo informante CRA2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

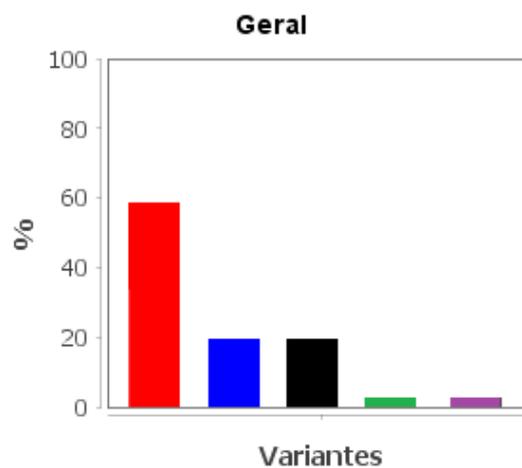
Carta nº 75
MENTIRA

QFF 106 – Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o (a) senhor(a) diz que é _____



Variantes

- [mĩ'tirɐ]
- [mẽ'tirɐ]
- outras respostas
- [mĩ'tʃirɐ]
- [mẽ'tʃirɐ]



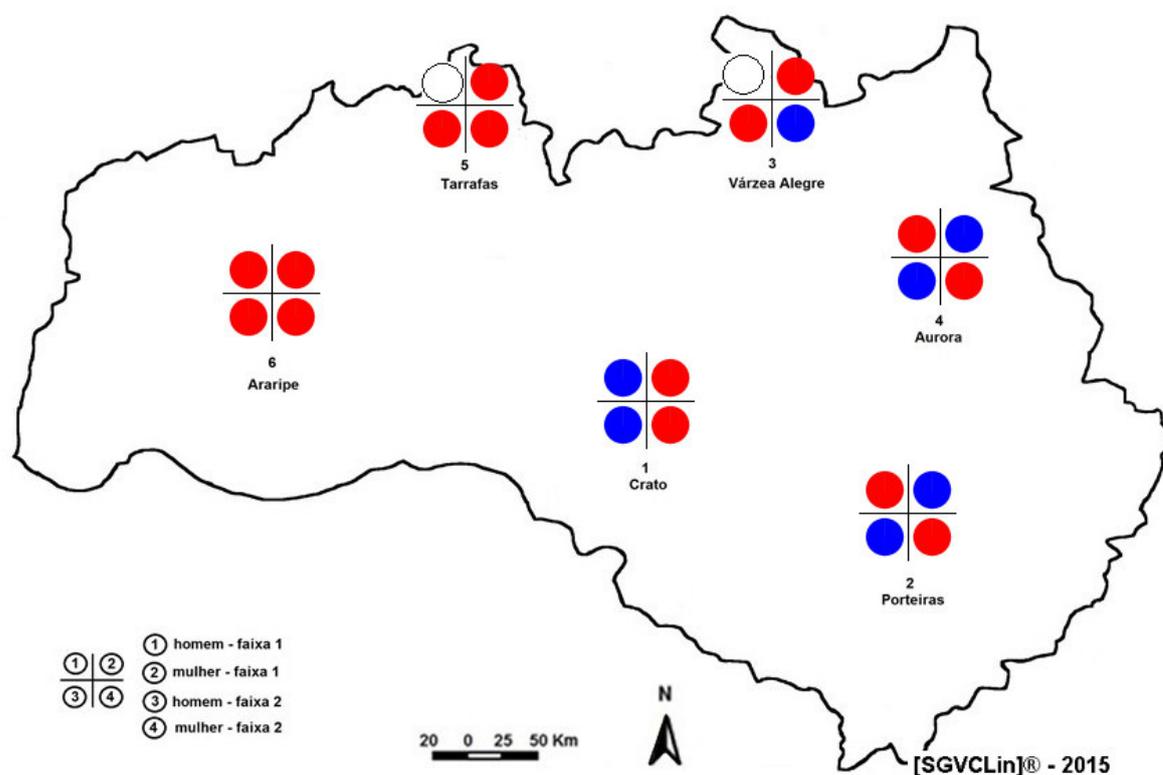
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ˈfawsɔ] pelo informante TAR1; b) [mĩtiˈrozo] pelo informante CRA2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

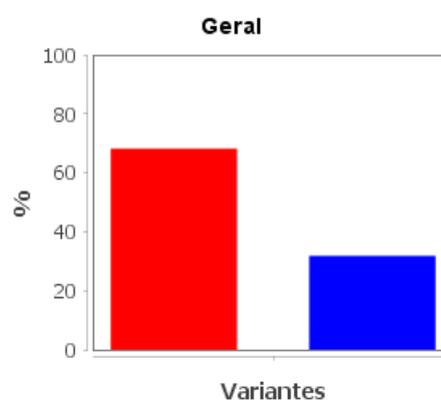
Carta nº 76
PROCISSÃO

QFF 107 – Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?



Variantes

- [prɔsi'sãw]
- [pɔsi'sãw]
- sem resposta

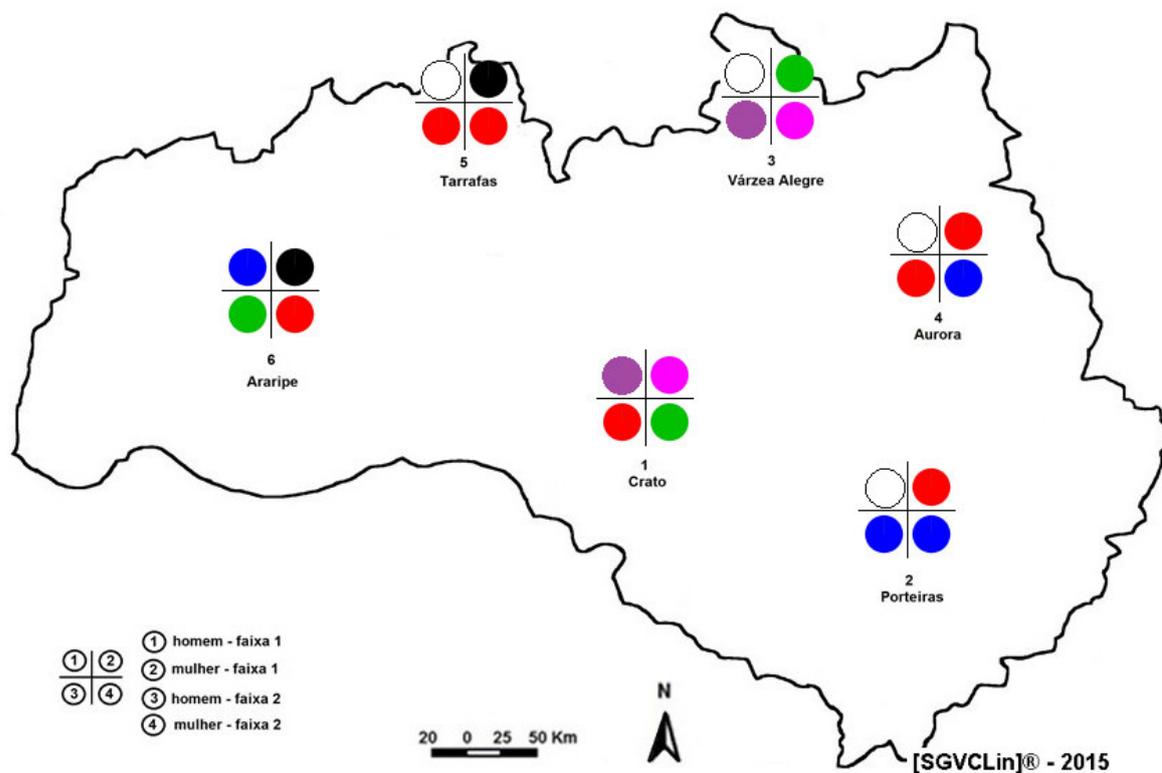




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

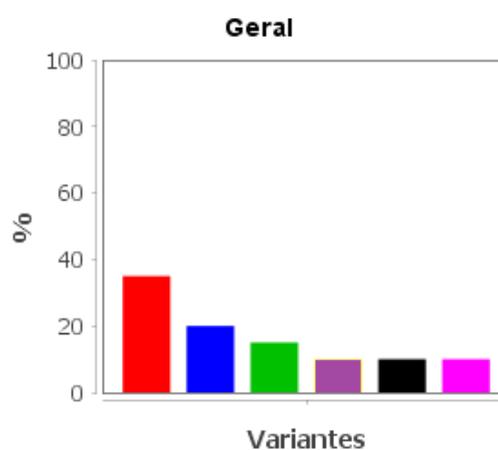
Carta nº 77
SANTO ANTONIO

QFF 108 – Como se chama o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?



Variantes

- [sãtã'tõniw]
- [sã'tãtõj]
- [sãtoã'tõniw]
- [sãtã'tõno]
- [sãtoã'tõj]
- [sãtoã'tõno]
- sem resposta

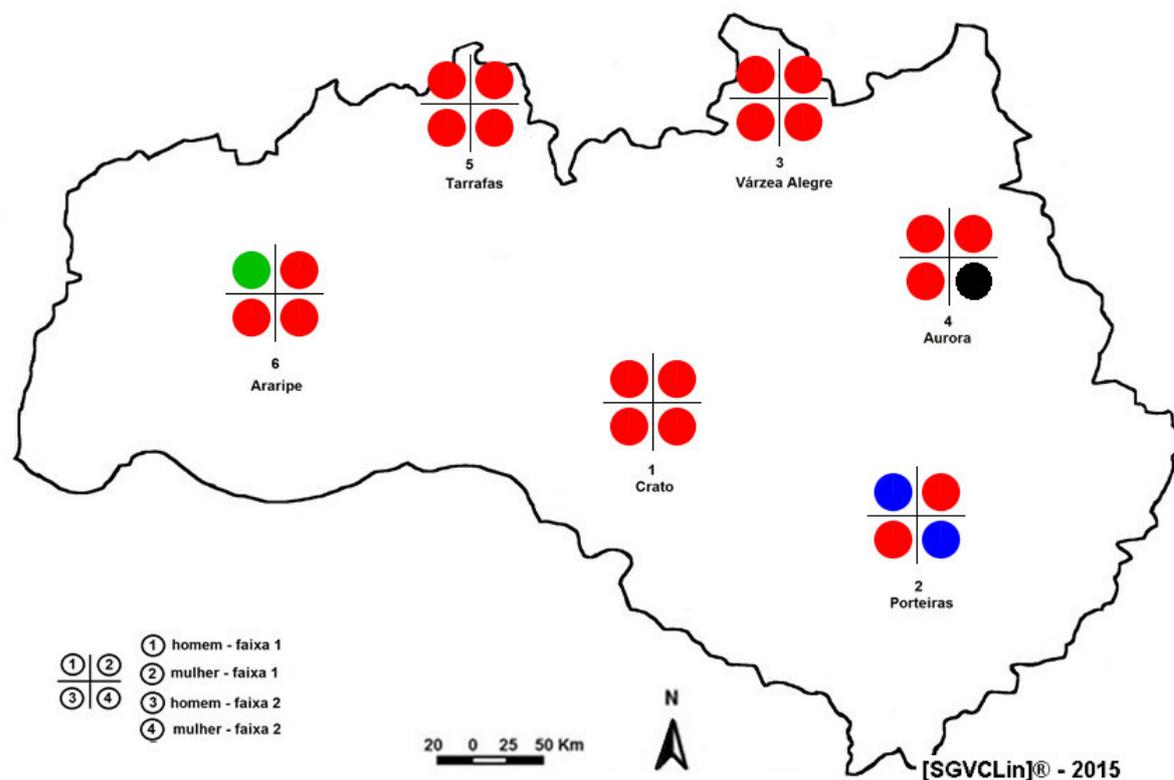




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

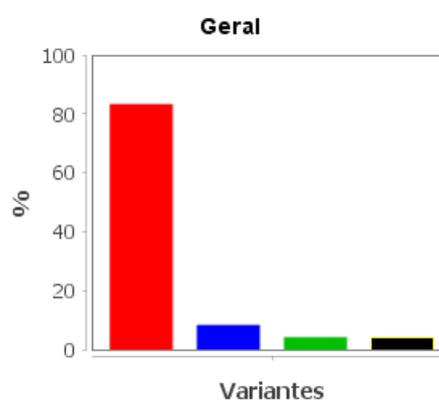
Carta nº 78
OLHO

QFF 112 – Como se chama isto? *Apontar*



Variantes

- [ʰoʎu]
- [ʰɔʎu]
- [ʰoʎo]
- outra resposta
- sem resposta



Nota:

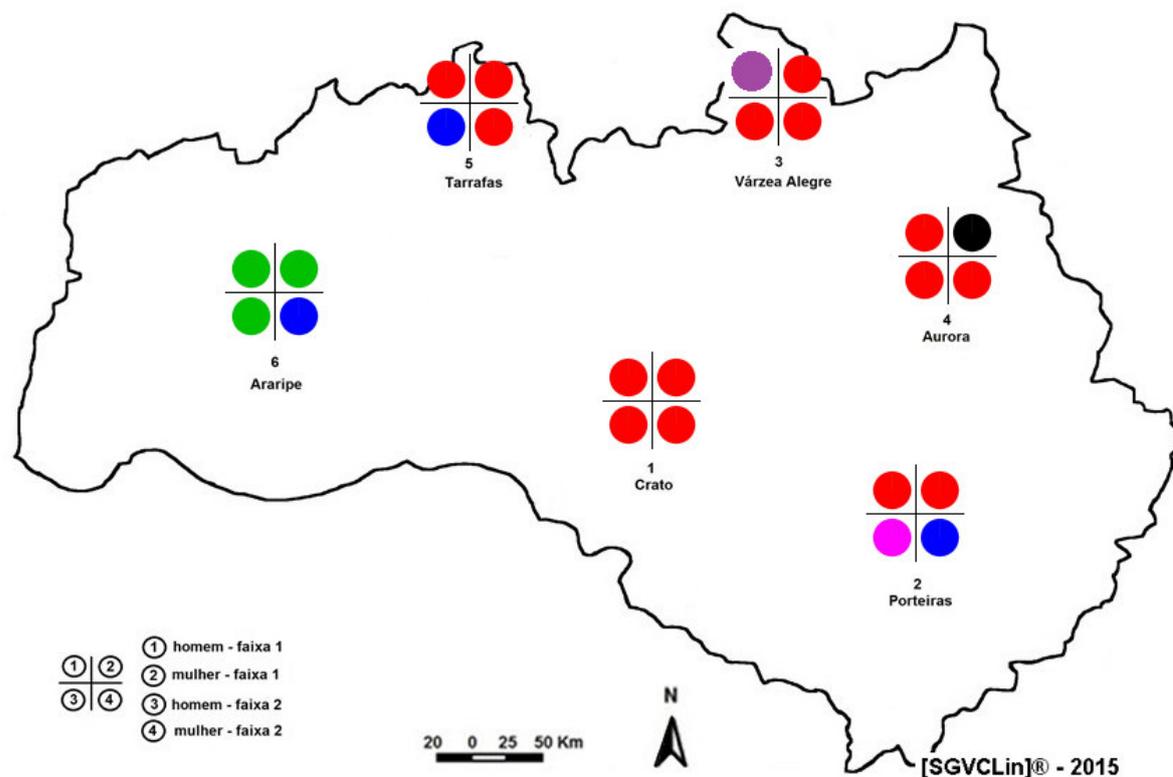
1. Foi registrada a forma [uzʰoʎus] pelo informante AUR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 79
ORELHA

QFF 114 – Como se chama esta parte? *Apontar*



Variantes

● [o'reʎa]

● [ʊ'reʎ]

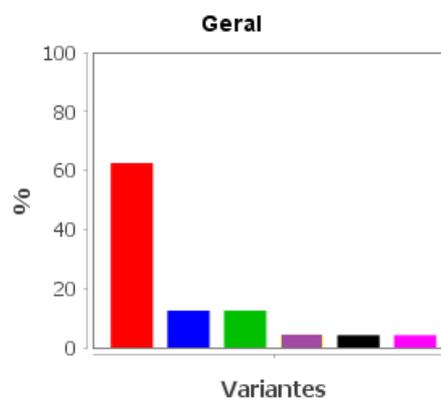
● [ʊ'reʎa]

● [o'reʎ]

● [ɔ'reʎa]

● [o'rejɐ]

○ sem resposta

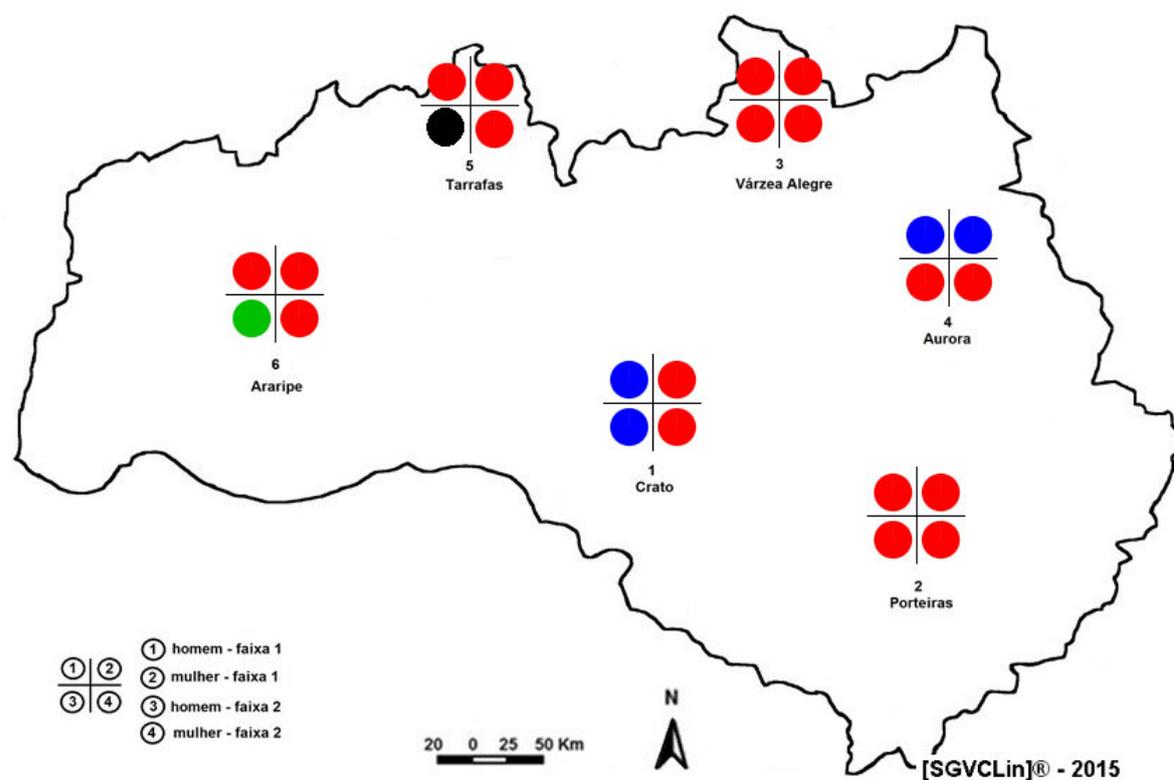




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

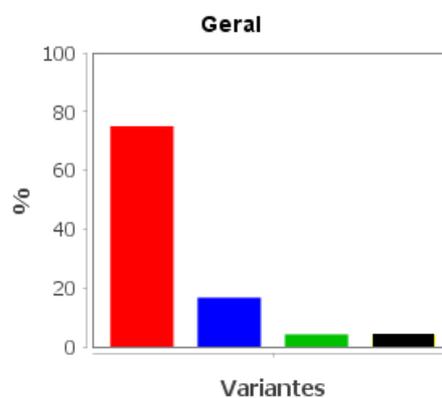
Carta nº 80
OUVIDO

QFF 115 – E esta parte aqui dentro, (*apontar*) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?



Variantes

- [o'vidu]
- [ow'vidu]
- [u'vidu]
- outra resposta
- sem resposta



Nota:

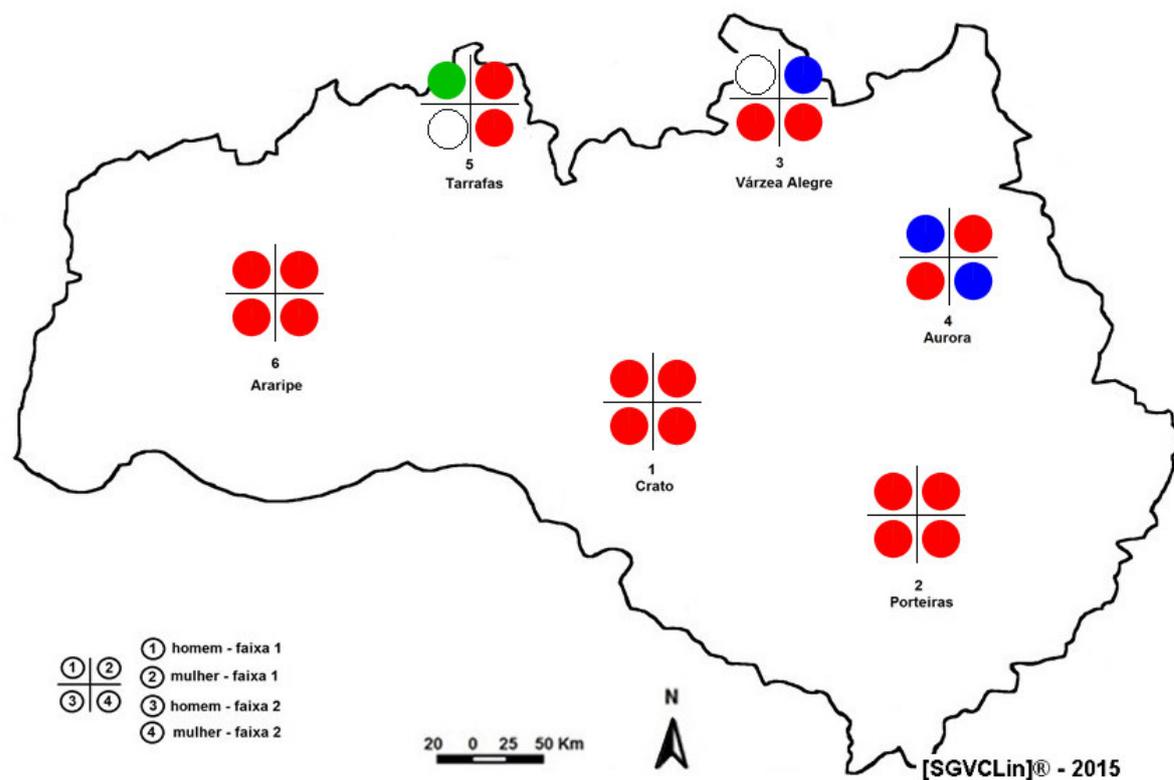
1. Foi registrada a forma [zu'vidu] pelo informante TAR3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 81
DENTE

QFF 116 – E isto? *Apontar*



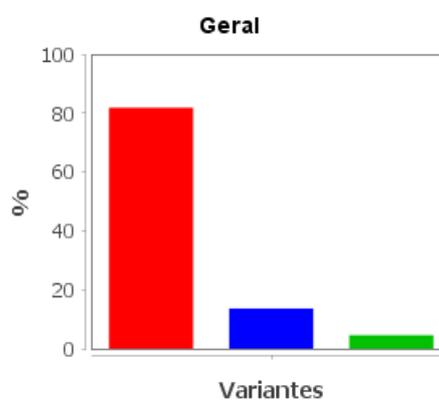
Variantes

● ['dētɪ]

● ['dētʃɪ]

● ['dētɪs]

○ sem resposta

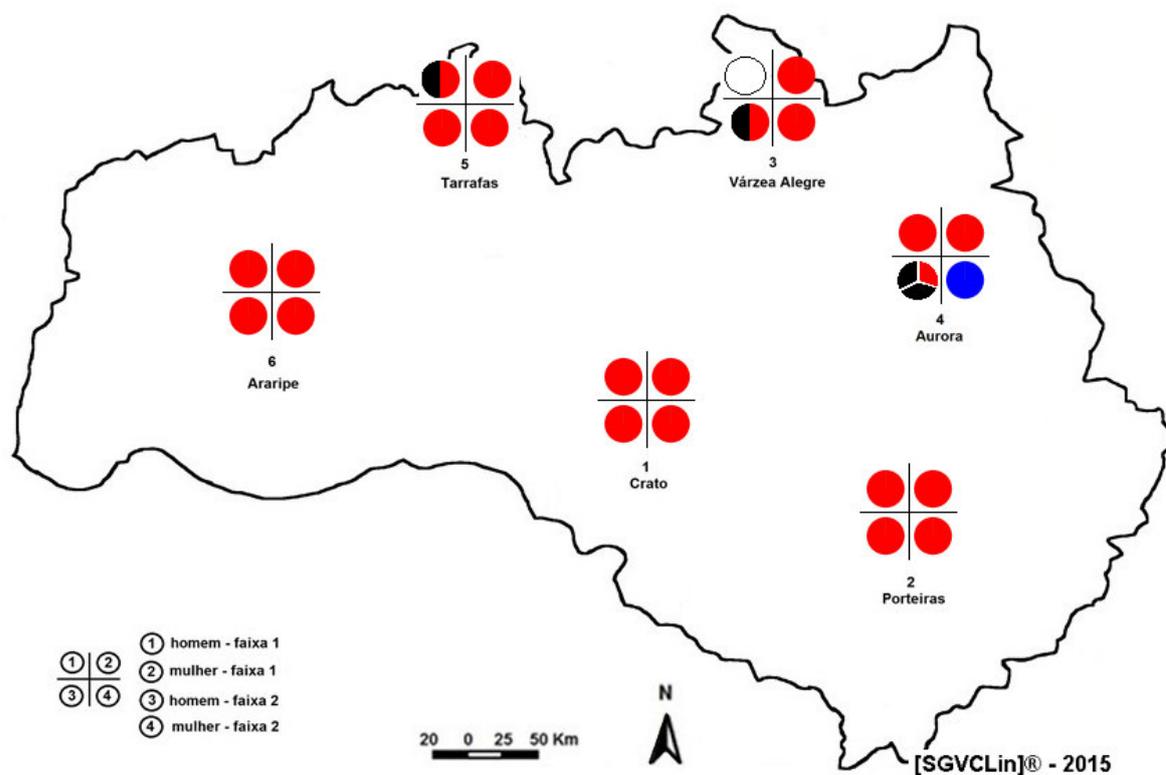




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

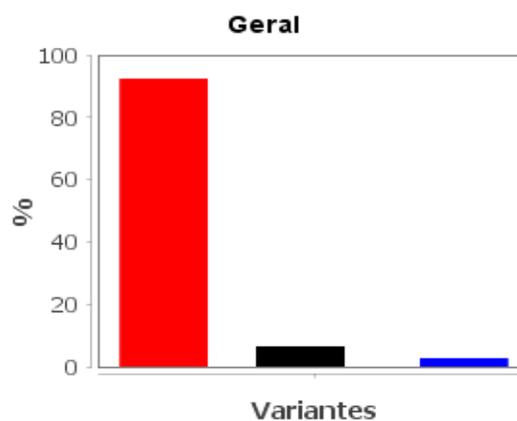
Carta nº 82
PEITO

QFF 117 – Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do _____?]



Variantes

- ['pejtu]
- outras respostas
- ['pejtʃu]
- sem resposta



Nota:

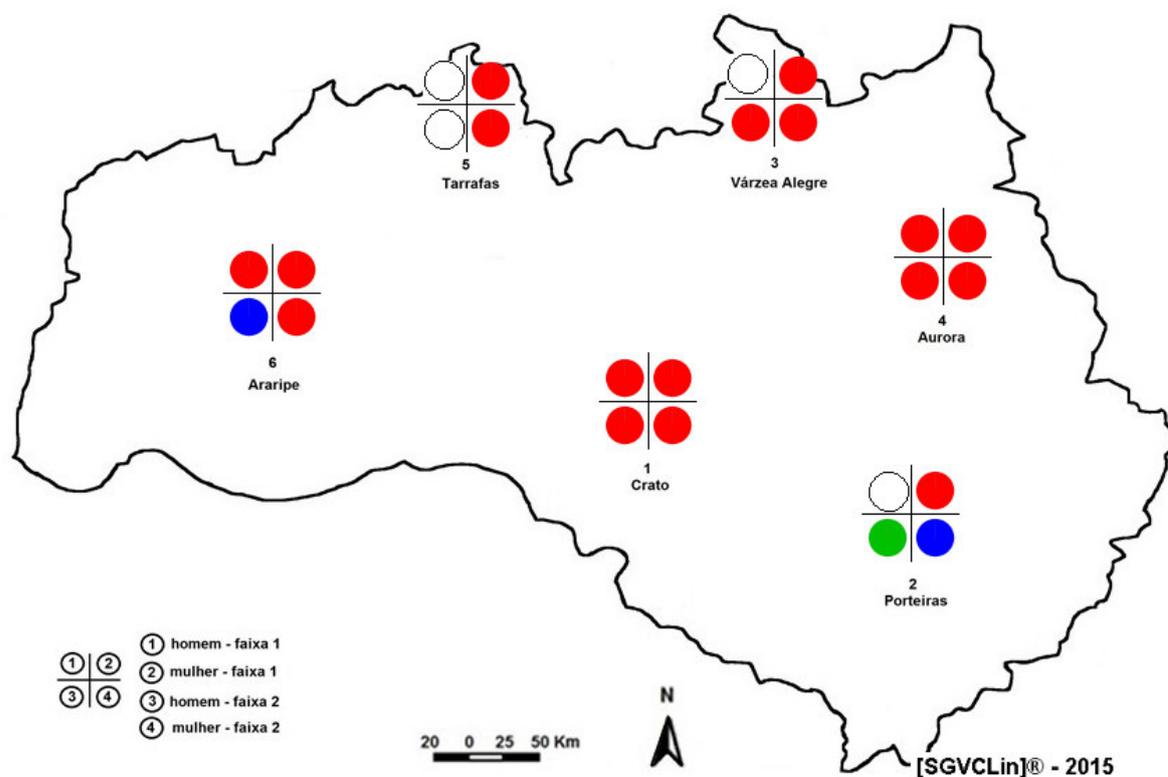
1. Foram registradas as seguintes formas: a) ['seju] pelos informantes pelos informantes AUR3 (2ª resp.), VAR3, TAR1 e TAR2; b) ['tete] pelo informante AUR3 (1ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

Carta nº 83
FÍGADO

QFF 118 – Como se chama o órgão que fica aqui (apontar), que adoce se a pessoa bebe demais, se teve malária?



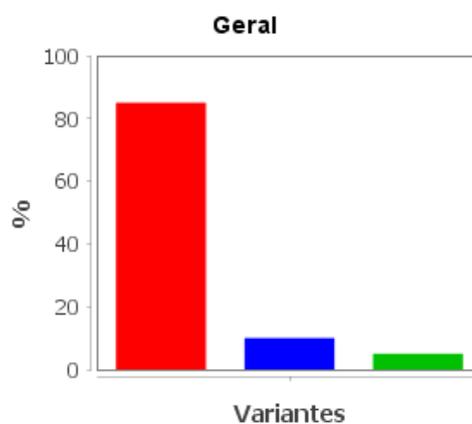
Variantes

● ['figadʊ]

● ['figʊ]

● ['figidʊ]

○ sem resposta

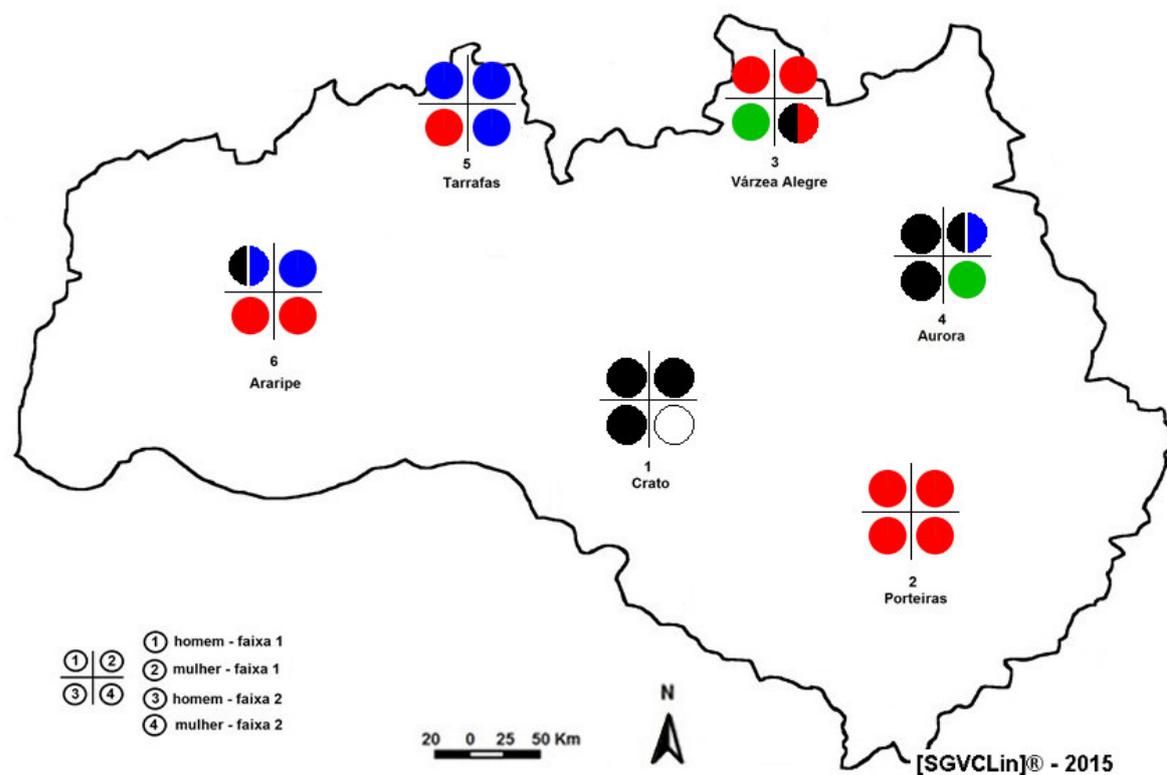




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

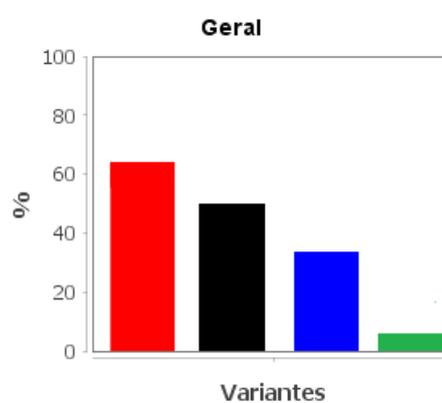
Carta nº 84
COSTAS

QFF 120 – Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?



Variantes

- ['kɔʃtɐ]
- outra resposta
- ['kɔʃtɐs]
- ['kɔstɐs]
- sem resposta



Nota:

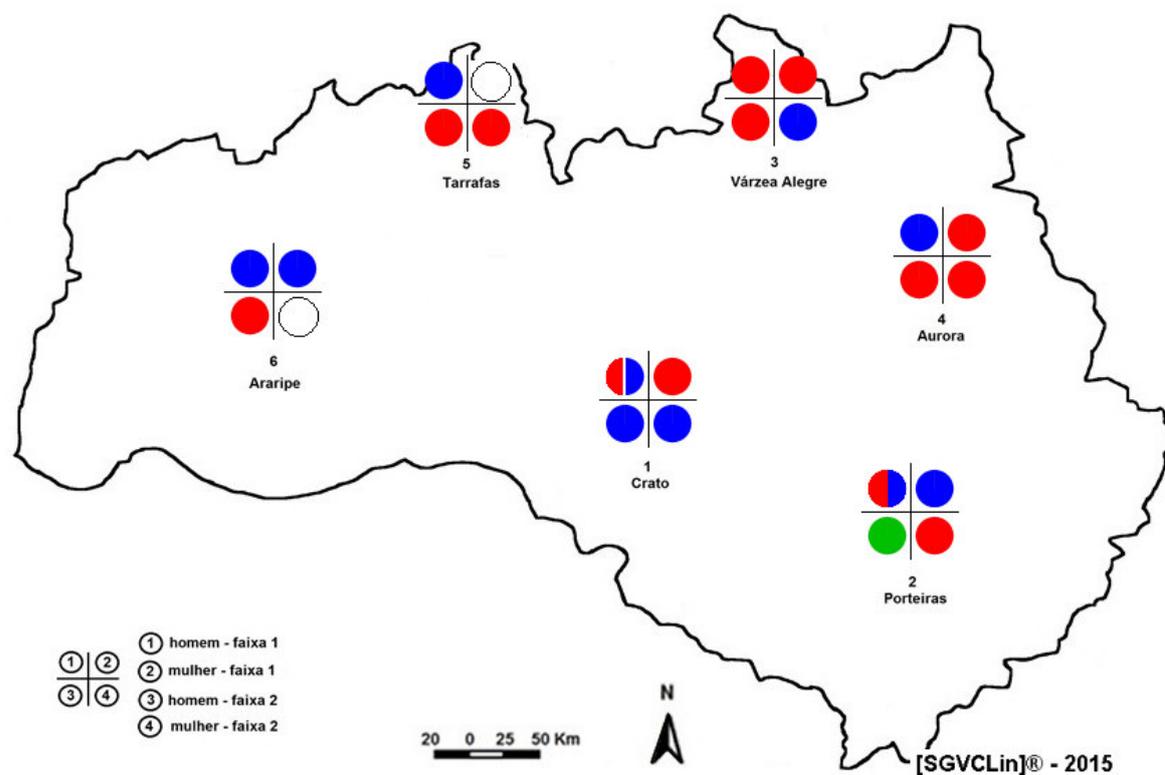
1. Foi registrada a forma [a'trajs] pelos informantes CRA1, CRA2, CRA3; AUR1, AUR2, AUR3 e ARA1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 85
UMBIGO

QFF 121 – Como se chama aquele buraquinho que se tem no meio da barriga



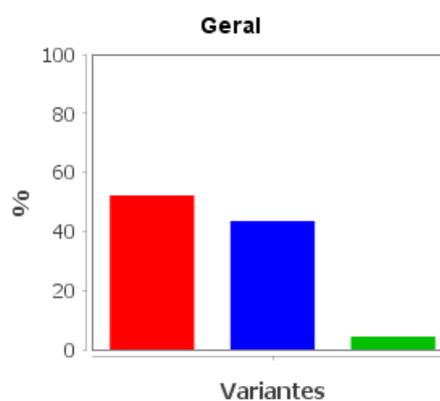
Variantes

● [i]'bigu

● [ũ]'bigu

● [e]'bigu

○ sem resposta

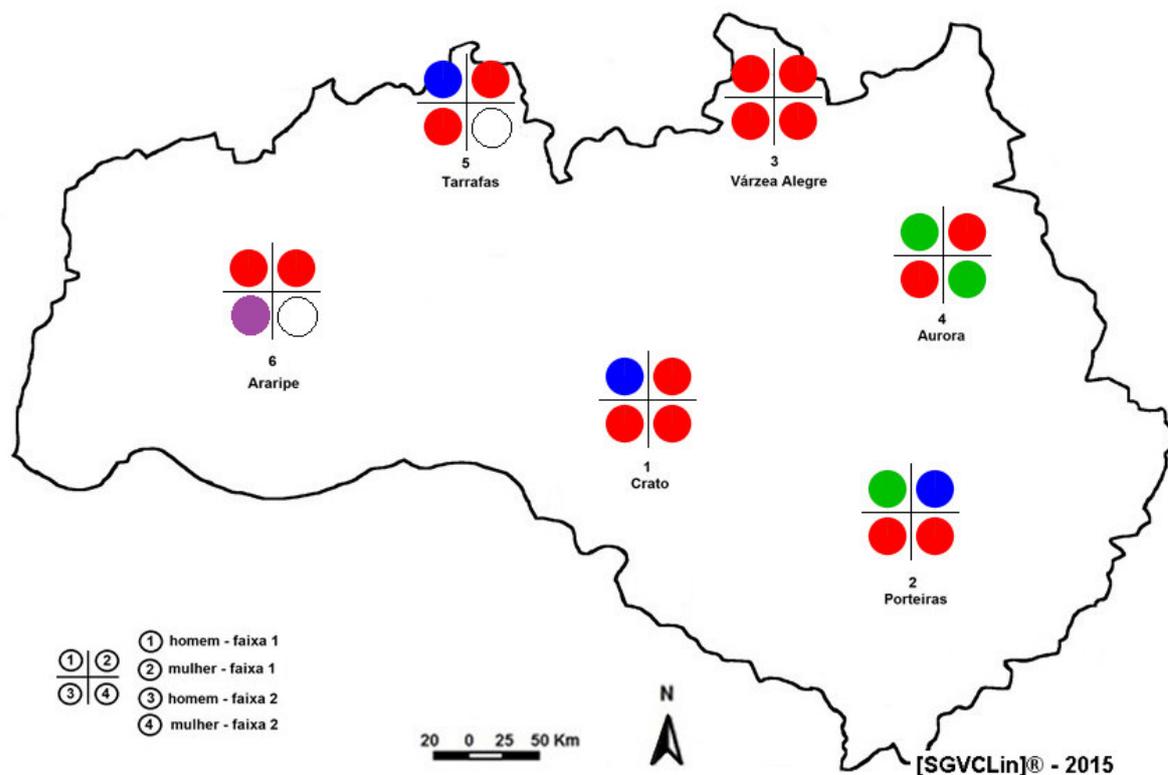




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

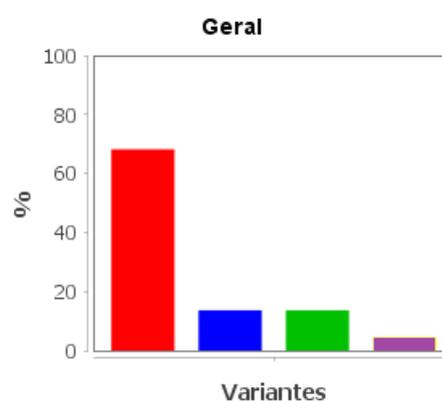
Carta nº 86
JOELHO

QFF 122 – E esta parte? *Apontar*



Variantes

- [ʒɔ'eʎu]
- [ʒɔ'ejɔ]
- [ʒo'eʎu]
- [ʒɔ'ej]
- sem resposta

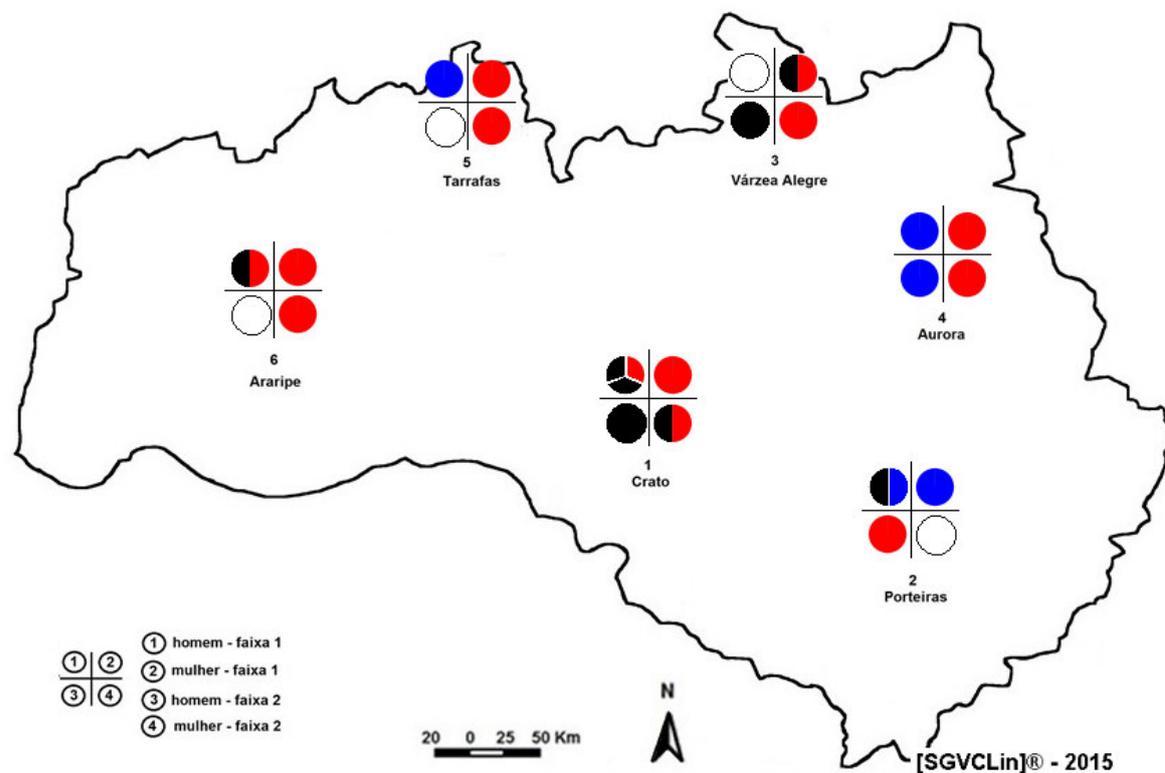




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 87
FERIDA

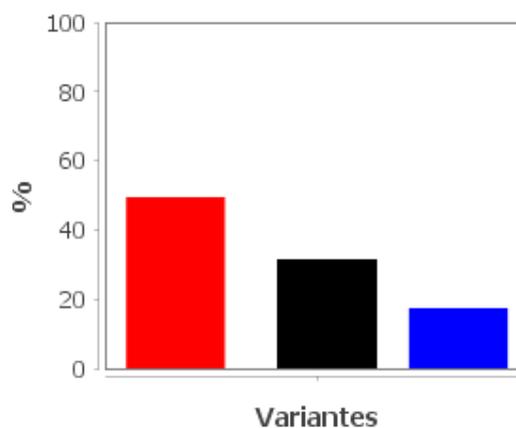
QFF 123 –Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?



Variantes

- [fi'ridɐ]
- outras respostas
- [fe'ridɐ]
- sem resposta

Geral



Nota:

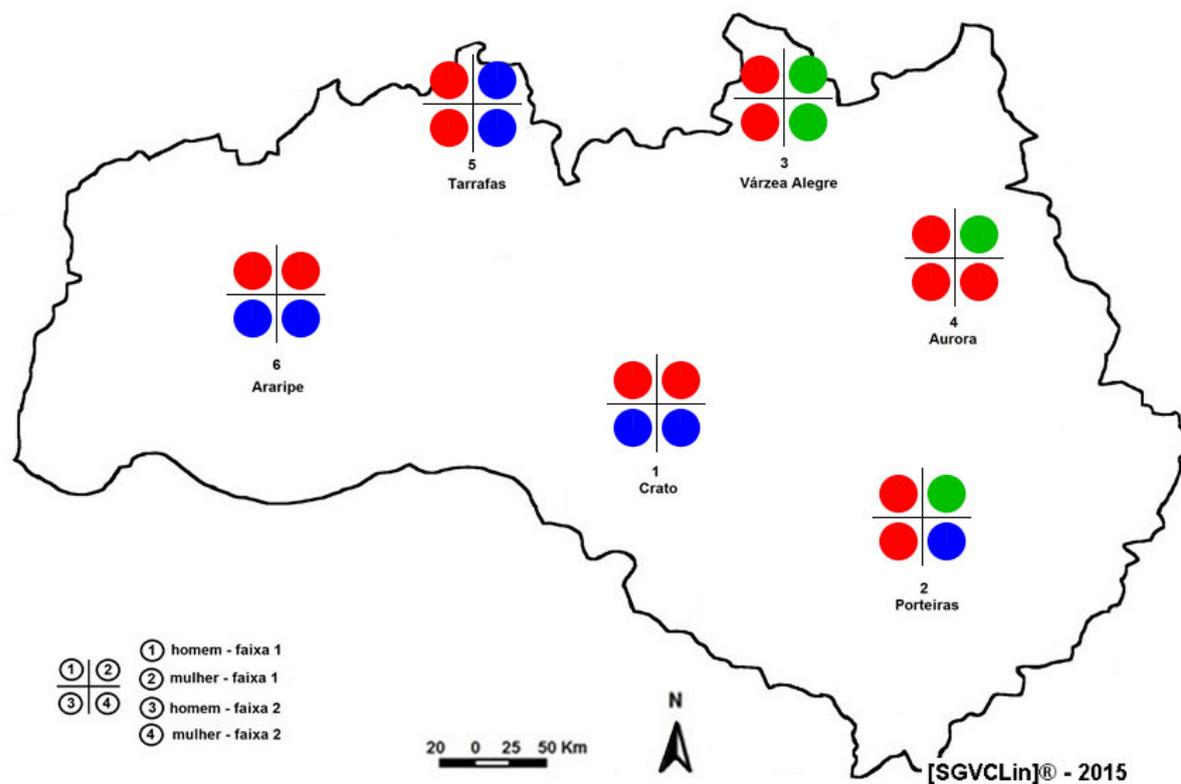
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [hala'durɐ] pelos informantes CRA1 (1ª resp.), CRA4, VAR2 e ARA1; b) [pe'rɛbɐ] pelo informante CRA3; 3. [firi'mɛto] pelo informante VAR3; 4. [ã'bɔki] pelo informante POR1; e) [ɪskɔria'sãw] pelo informante CRA1 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

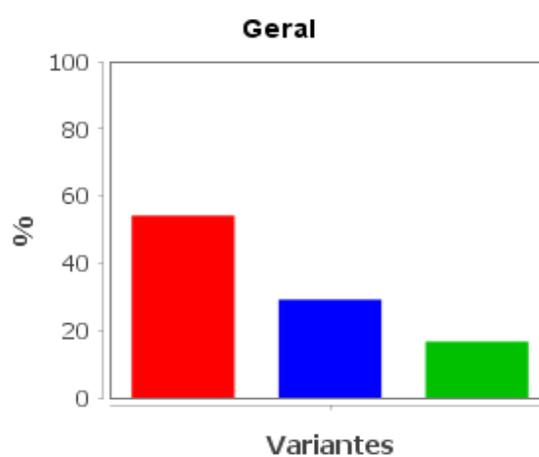
Carta nº 88
BANHO

QFF 125 – Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?



Variantes

- ['bãjʊ]
- ['bãj]
- ['bãɲʊ]

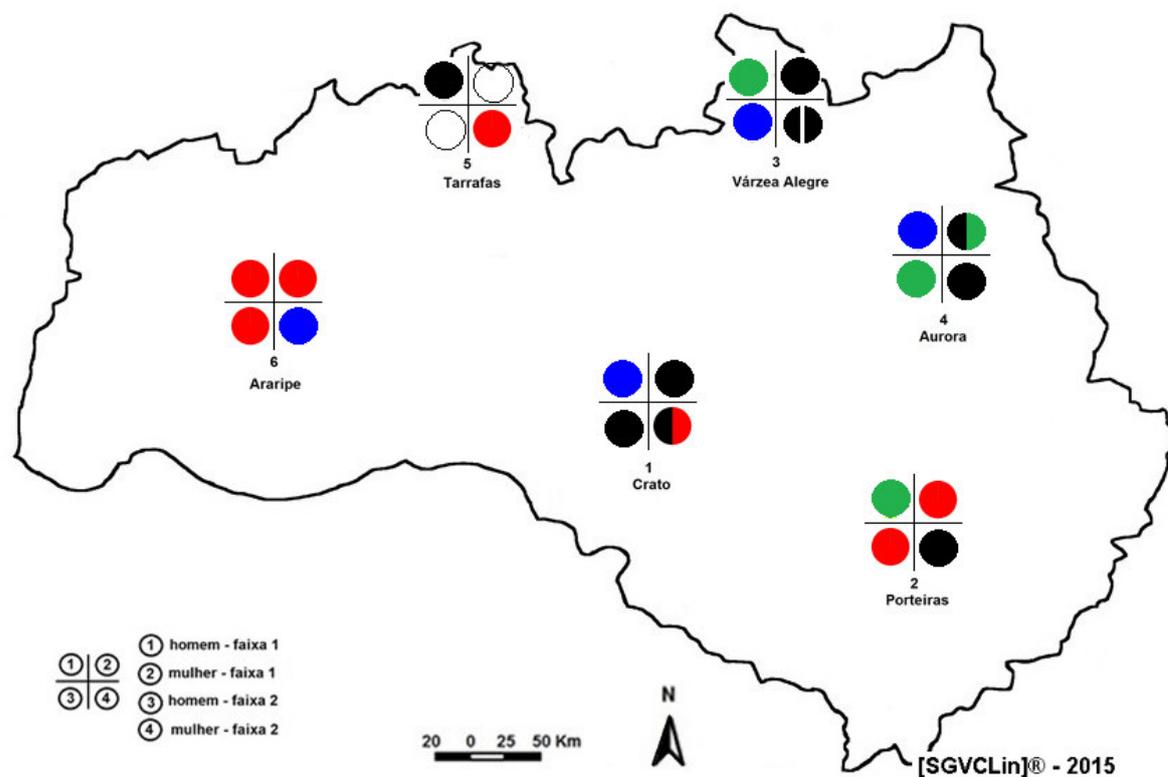




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

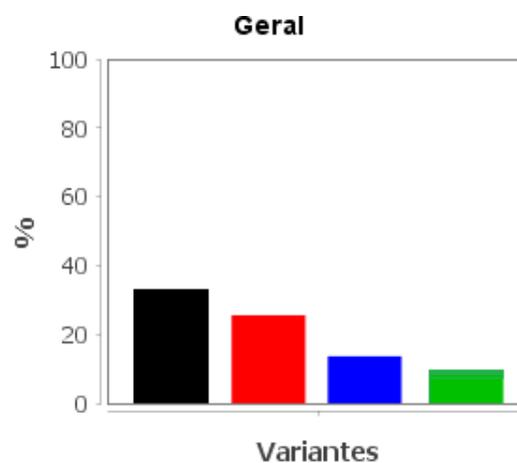
Carta nº 89
DESMAIO

QFF 126 – Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?



Variantes

- outras respostas
- [dɪz'majʊ]
- [dez'majʊ]
- [dɪf'majʊ]
- sem resposta



Nota:

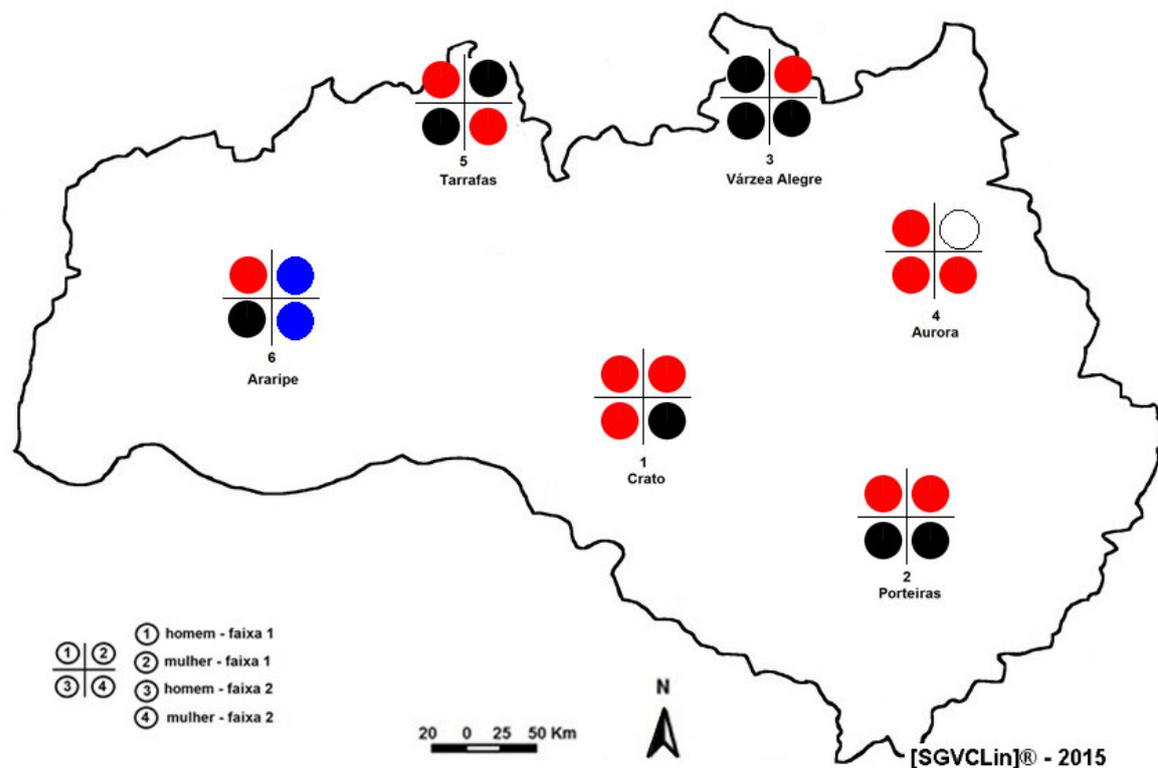
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [dez'majʊ] pelos informantes CRA2, AUR1e VAR4 (2ª resp.); b) [mawɨf'ta] pelos informantes CRA4, TAR1; c) [paso'maw] pelos informantes AUR2 e AUR4; d) [pasa'mêtu] pelos informantes POR4 e VAR4 (1ª resp.); e) [dɪf'majɐ] pelo informante CRA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

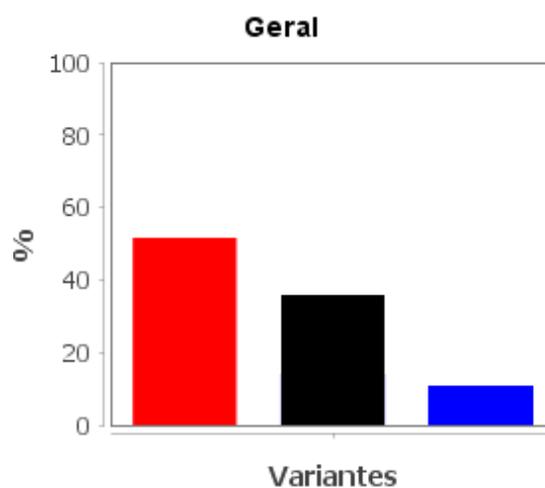
Carta nº 90
VÔMITO

QFF 127 – O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?



Variantes

- ['võmitu]
- [võ'mitu]
- outras respostas
- sem resposta



Nota:

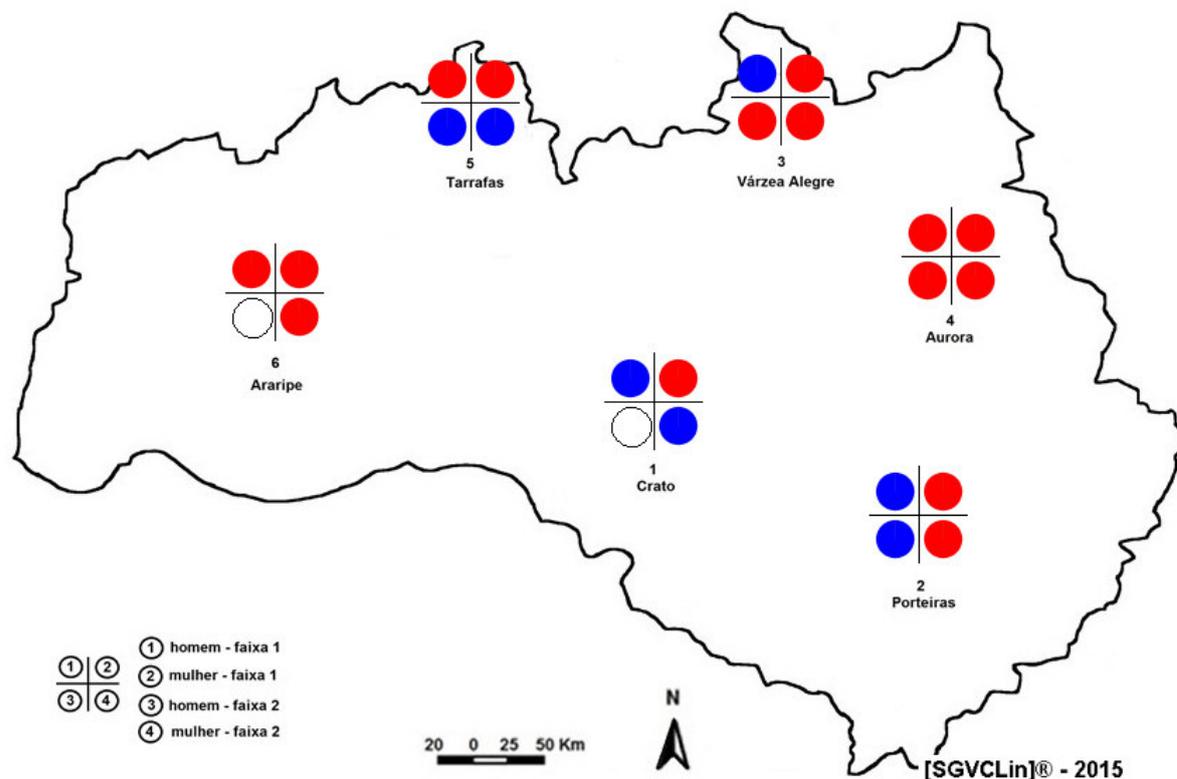
- 1 Foram registradas as seguintes formas: a) [vomi'to] pelos informantes CRA3, VAR3 e VAR4; b) [võmi'ta] pelos informantes VAR1 e ARA3; c) [vomi'to] = POR4 e ARA3; d) [prõvõ'ka] pelo informante TAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 91
HOMEM

QFF 128 – Adão foi o primeiro _____?

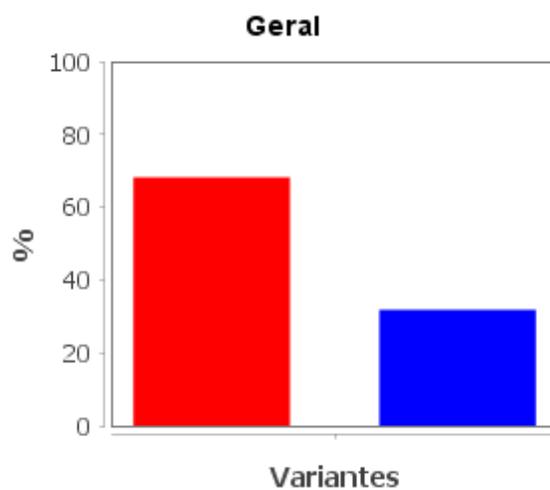


Variantes

● ['õmẽj]

● ['õmɪ]

○ sem resposta

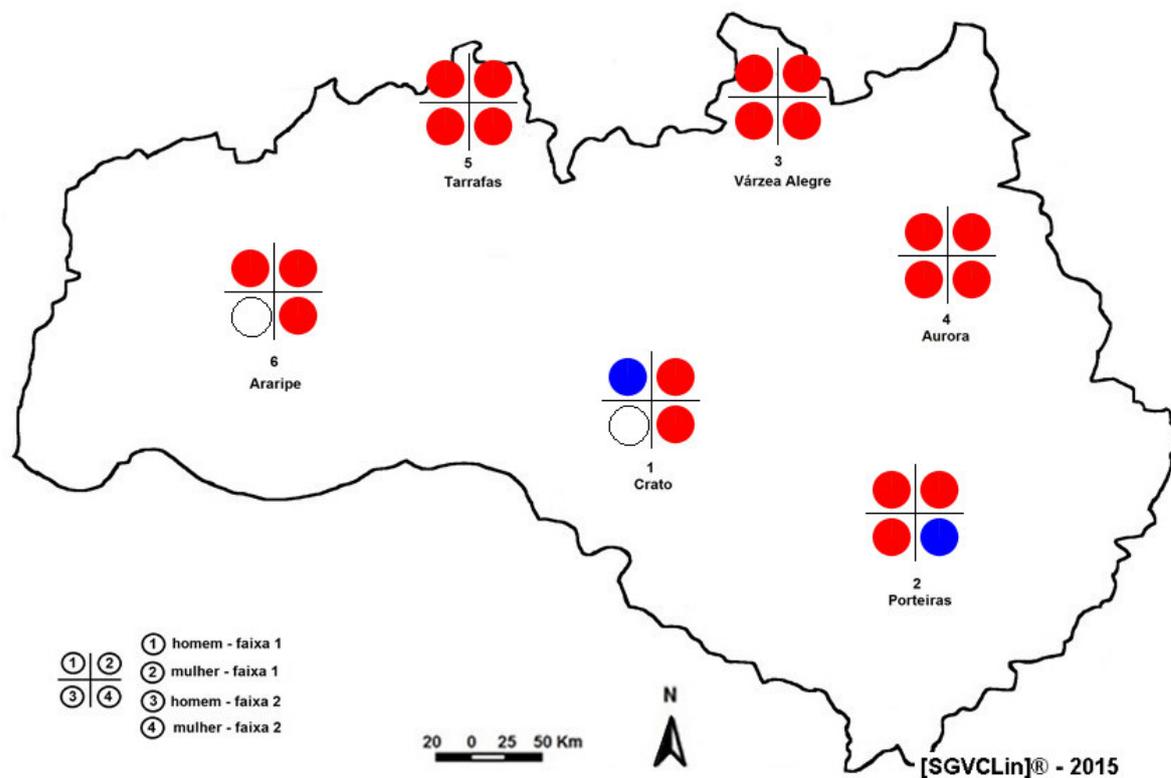




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 92
MULHER

QFF 129 – Eva foi a primeira _____?

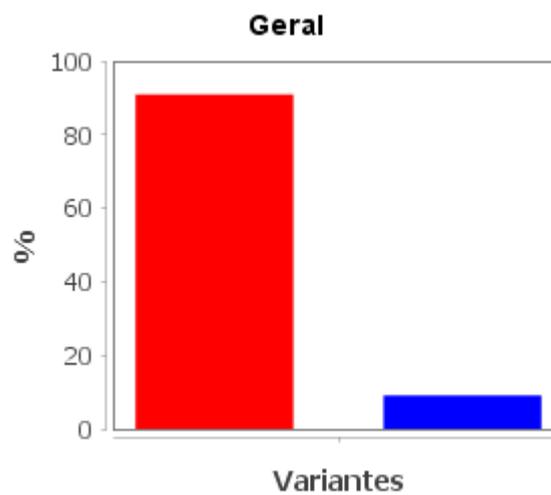


Variantes

● [mu'ʎɛ]

● [muj'ɛ]

○ sem resposta

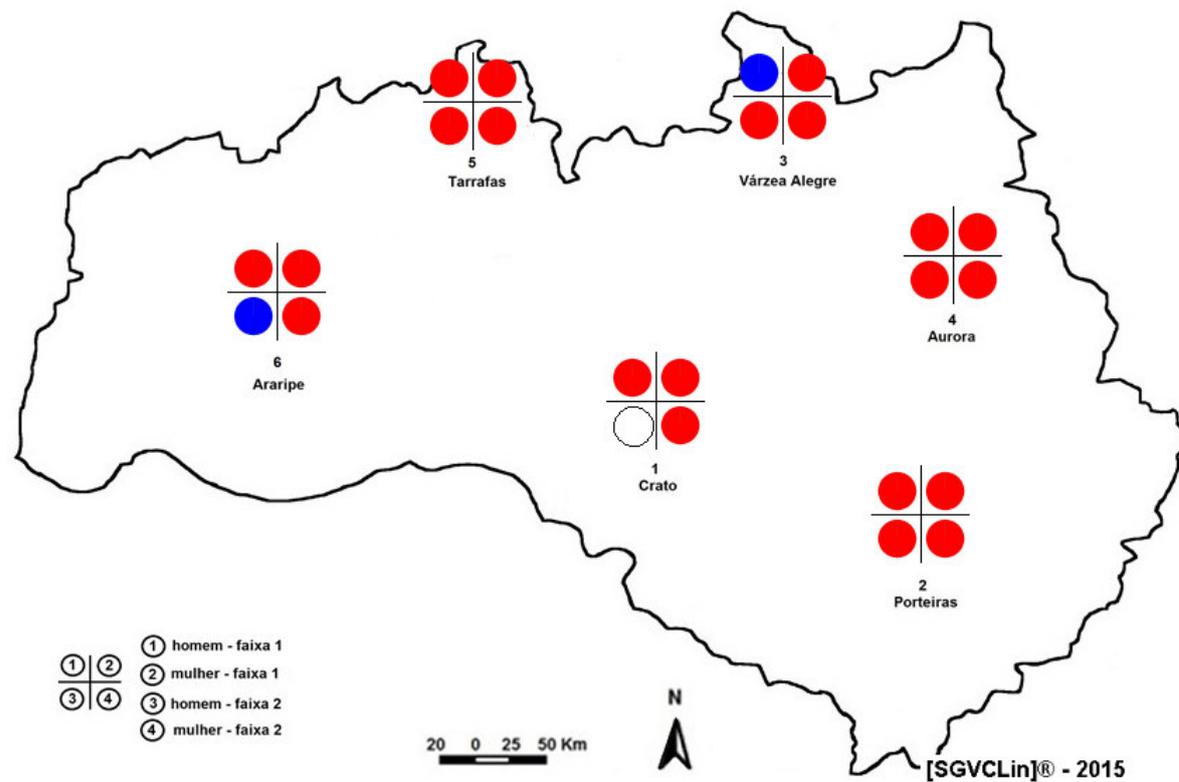




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

Carta nº 93
FAMÍLIA

QFF 130 – Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?

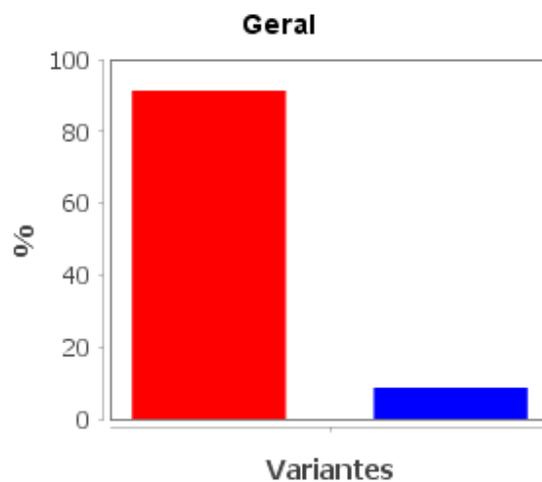


Variantes

● [fã'miʎɐ]

● [fã'mjɐ]

○ sem resposta

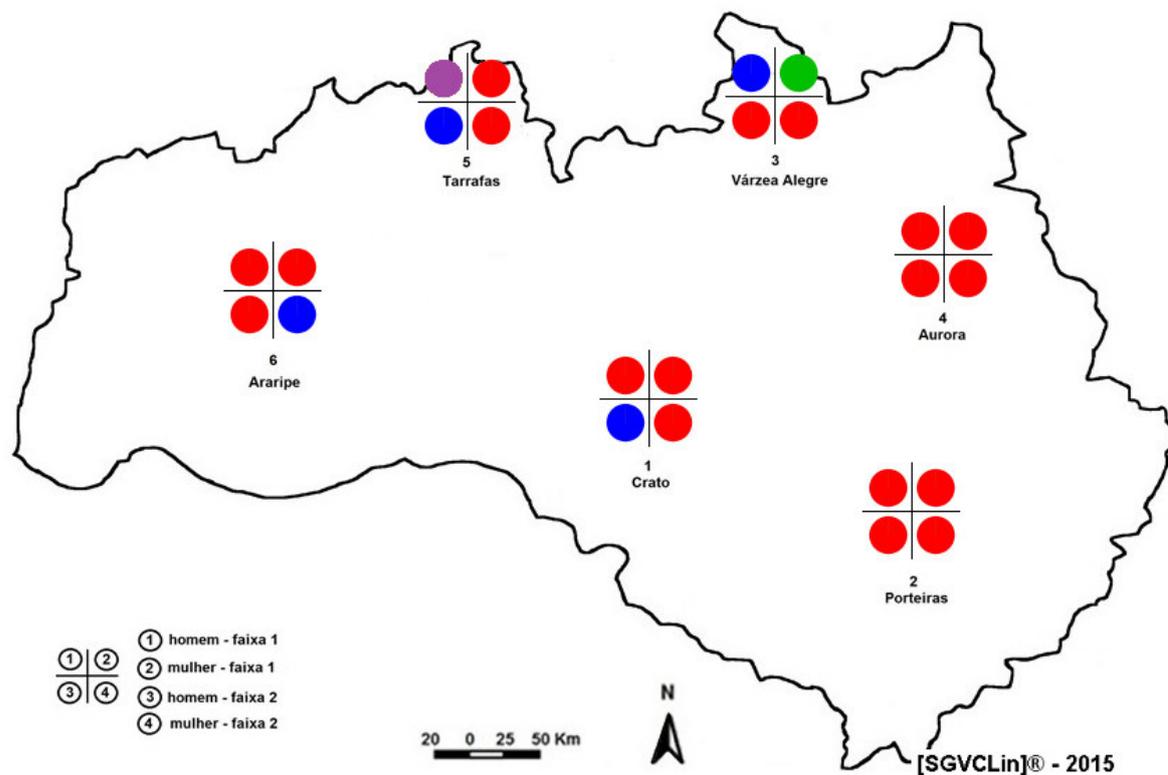




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

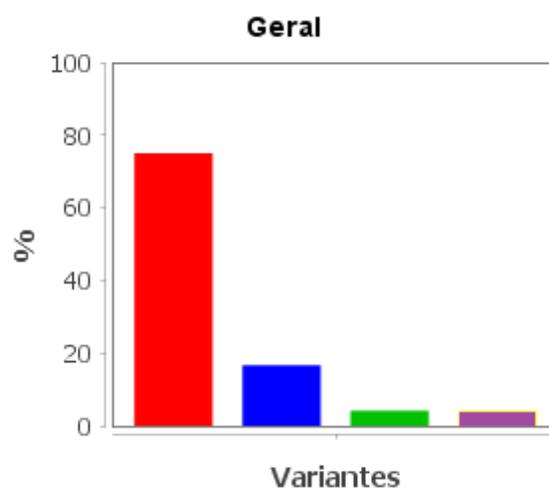
Carta nº 94
TIO

QFF 131 – O que é que o irmão de seu pai ou de mãe é seu?



Variantes

- ['tiw]
- ['tij]
- ['tʃiw]
- ['tʃij]

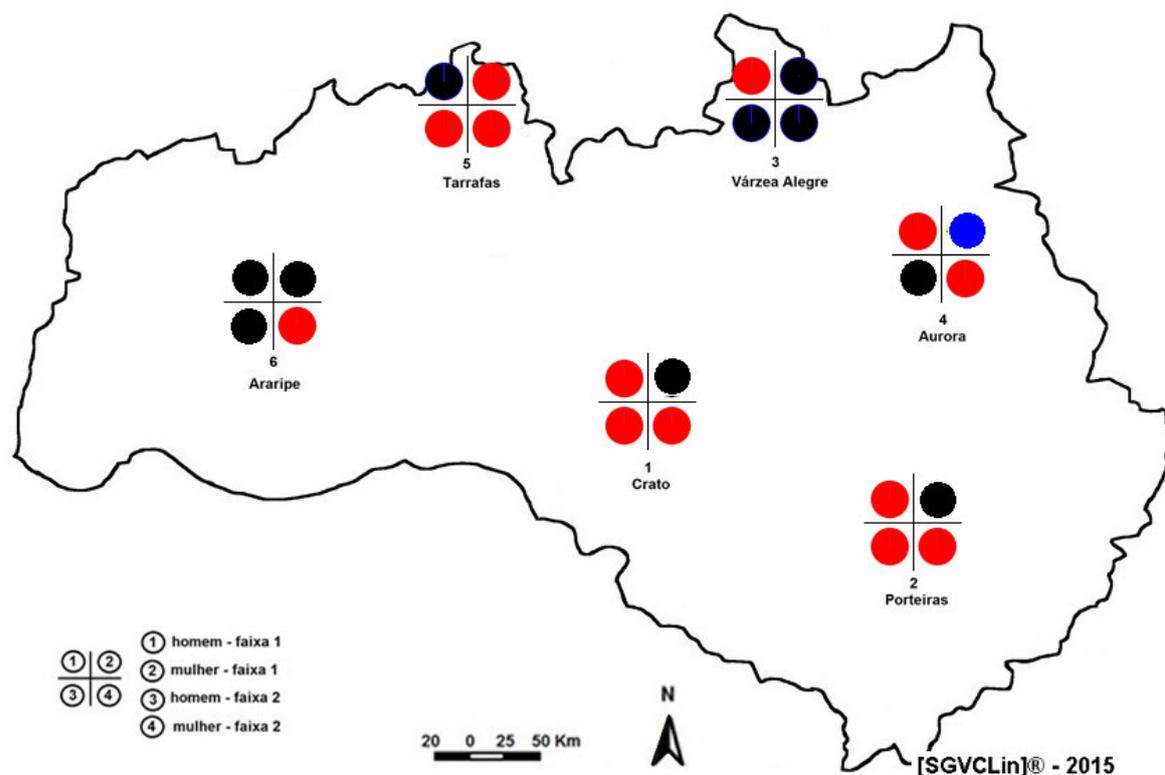




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

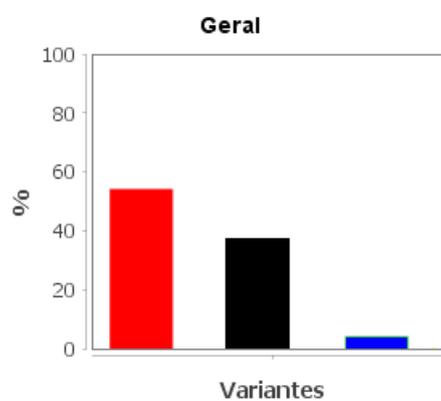
Carta nº 95
ALTA

QFF 134 – O que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?



Variantes

- [1awtɐ]
- outras respostas
- [1ahtɐ]



Nota:

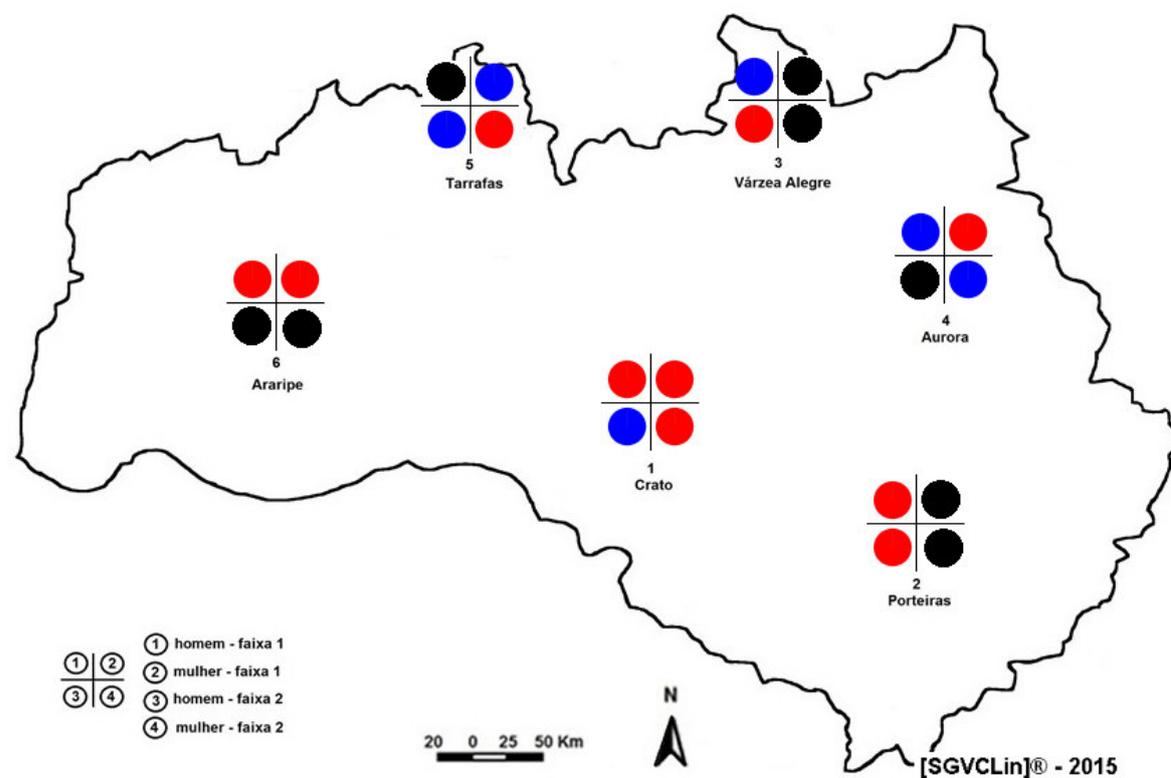
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [1awtu] pelos informantes POR2, AUR3, VAR2, VAR3, VAR4, TAR1; ARA1, ARA2 e ARA3; b) [aw'turɐ] pelo informante CRA2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

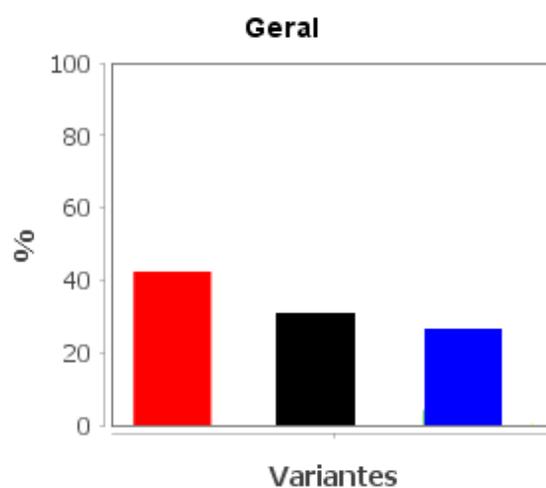
Carta nº 96
BAIXA

QFF 135 – Qual é o contrário de alta?



Variantes

- ['bajʃɐ]
- outras respostas
- ['baʃɐ]



Nota: Outras respostas obtidas:

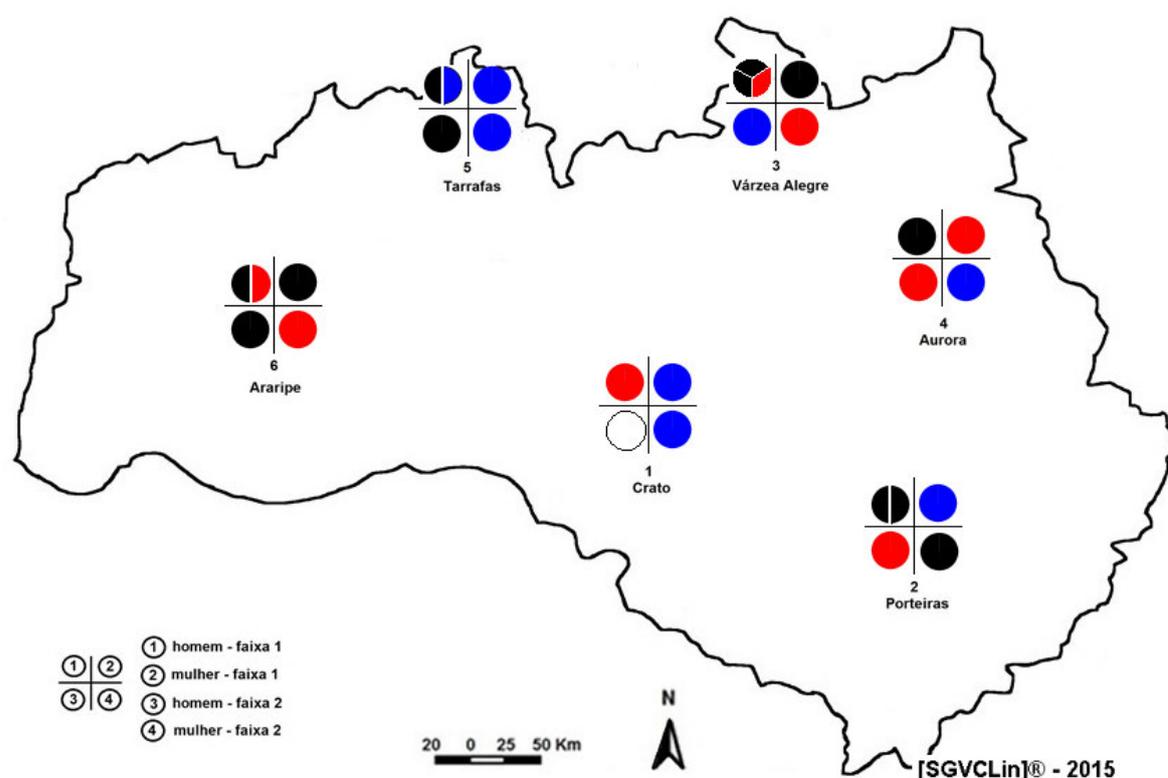
- Foram registradas as seguintes formas: a) ['bajʃu] pelos informantes POR2, POR4, AUR3, VAR2 e VAR4; b) ['baʃu] pelos informantes TAR1, ARA3 e ARA4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

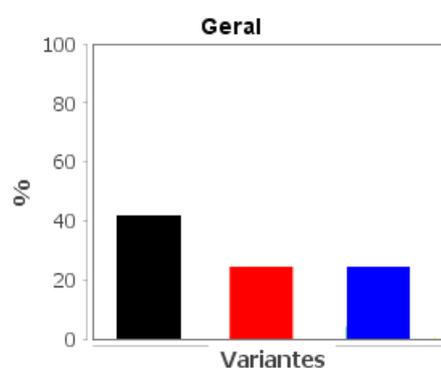
Carta nº 97
LOURA

QFF 136 – A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem os cabelos claros, dourados, amarelados?



Variantes

- outras respostas
- ['lorɐ]
- ['lojɾɐ]
- sem resposta



Nota:

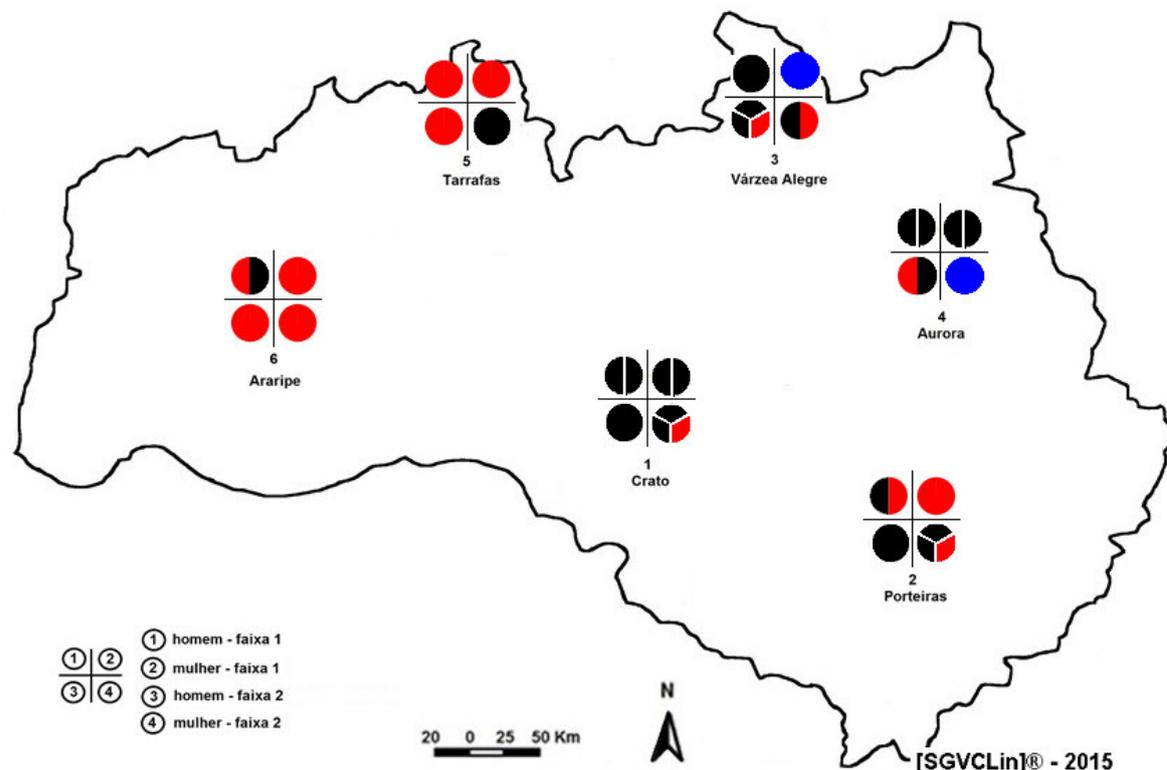
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ga'legu] pelos informantes POR1 (1ª resp.), VAR2, ARA3, TAR1 e TAR3; b) [ga'legɐ] pelos informantes POR4, VAR1 (2ª resp.) e ARA1; c) ['lojɾo] pelo informante ARA2; d) ['brãkɐ] pelo informante VAR1 (1ª resp.); e) ['lowɾu] pelo informante AUR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

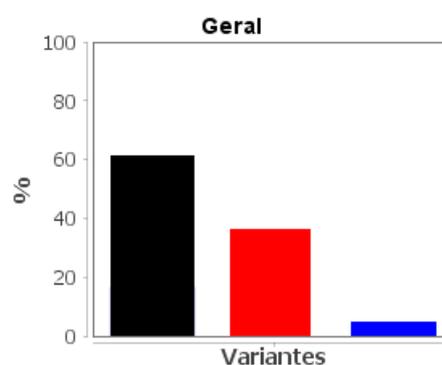
Carta nº 98
DOIDO

QFF 138 – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?



Variantes

- outras respostas
- ['dojdu]
- ['dojdʒu]



Nota: Outras respostas obtidas:

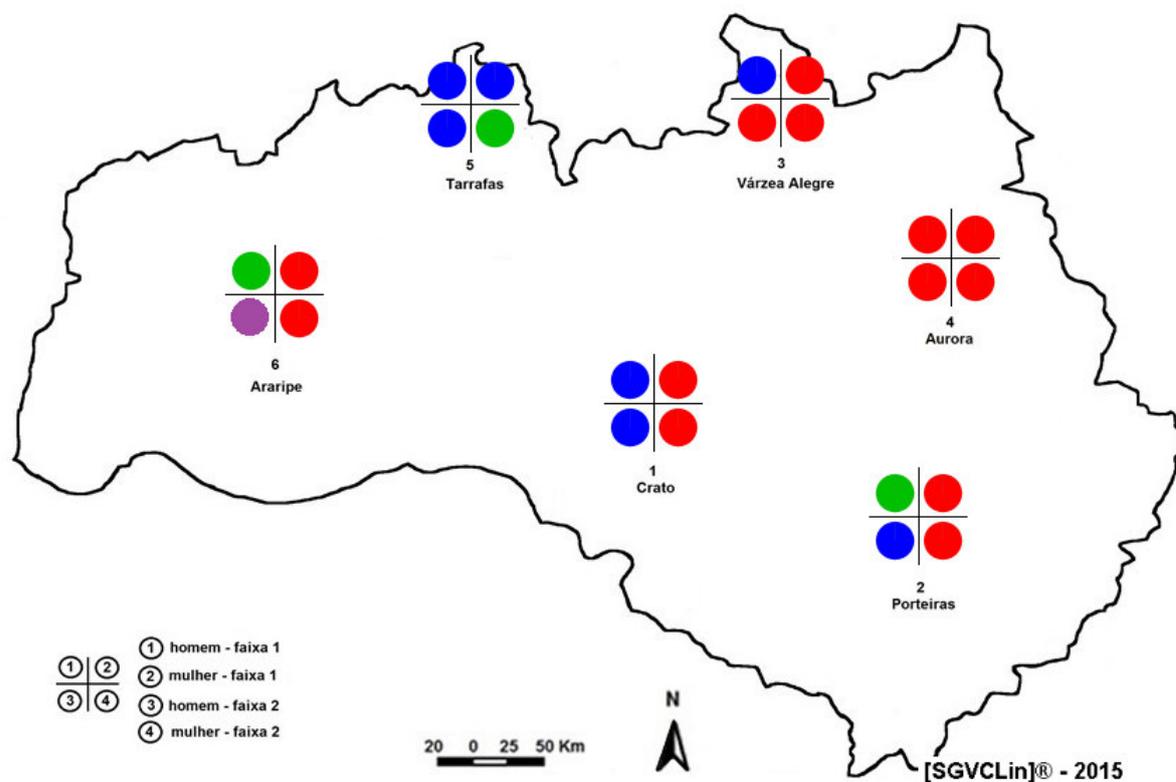
1. Foram registradas as seguintes formas: a) ['lokə] pelos informantes CRA1 (1ª resp.), CRA2 (2ª resp.) e AUR1 (2ª resp.); b) ['lowkɔ] pelos informantes AUR1 (1ª resp.), AUR3 e ARA1; c) [nef'vozɔ] pelos informantes POR 4 (1ª resp.) e VAR4; d) ['loko] pelos informantes CRA4 (2ª resp.) e VAR3 (2ª resp.); f) [ɪftɾe'sadɔ] pelo informante POR4 (2ª resp.); g) [zã'gadɔ] pelo informante CRA4 (1ª resp.); h) [dɛpɾe'sivɔ] pelo informante AUR1 (2ª resp.); i) ['dɛbiwmẽ'taw] pelo informante VAR3 (1ª resp.); j) [bɛʃta'ladɔ] pelo informante POR1; k) ['dojdɛ] pelos informantes CRA1 (2ª resp.), CRA2 (1ª resp.), CRA3; POR3; AUR2 (1ª resp.), VAR1 e TAR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

Carta nº 99
VELHO

QFF 139 – Um sapato que não é novo é _____ ?



Variantes

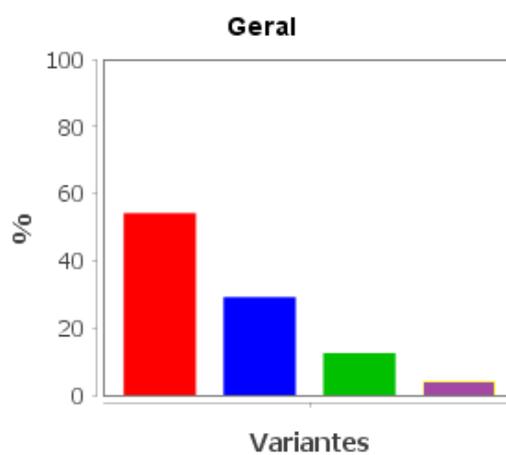
● ['vɛλu]

● ['vɛj]

● ['vɛλu]

● ['vɛju]

○ sem resposta

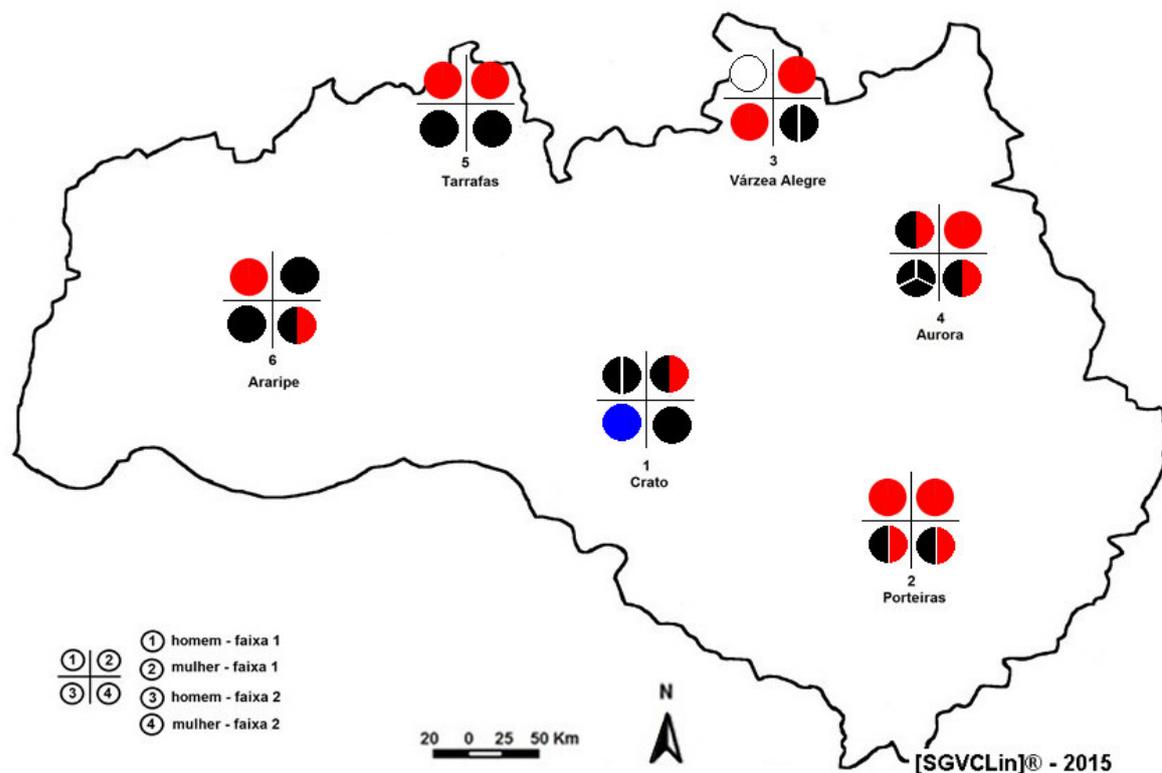




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

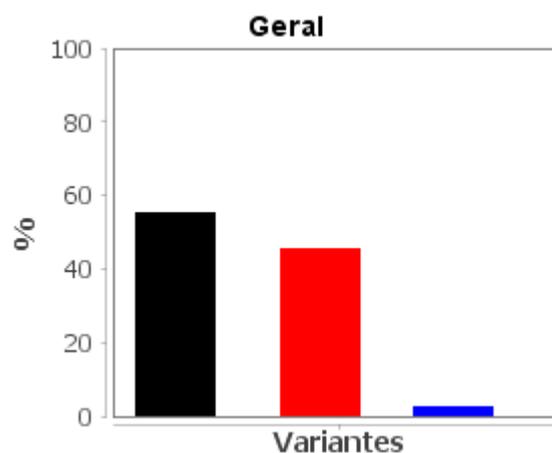
Carta nº 100
SANDÁLIA

QFF 140 – Aquele chinelo aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?



Variantes

- outras respostas
- [sã'daʎə]
- [sã'dajɐ]
- sem resposta



Nota:

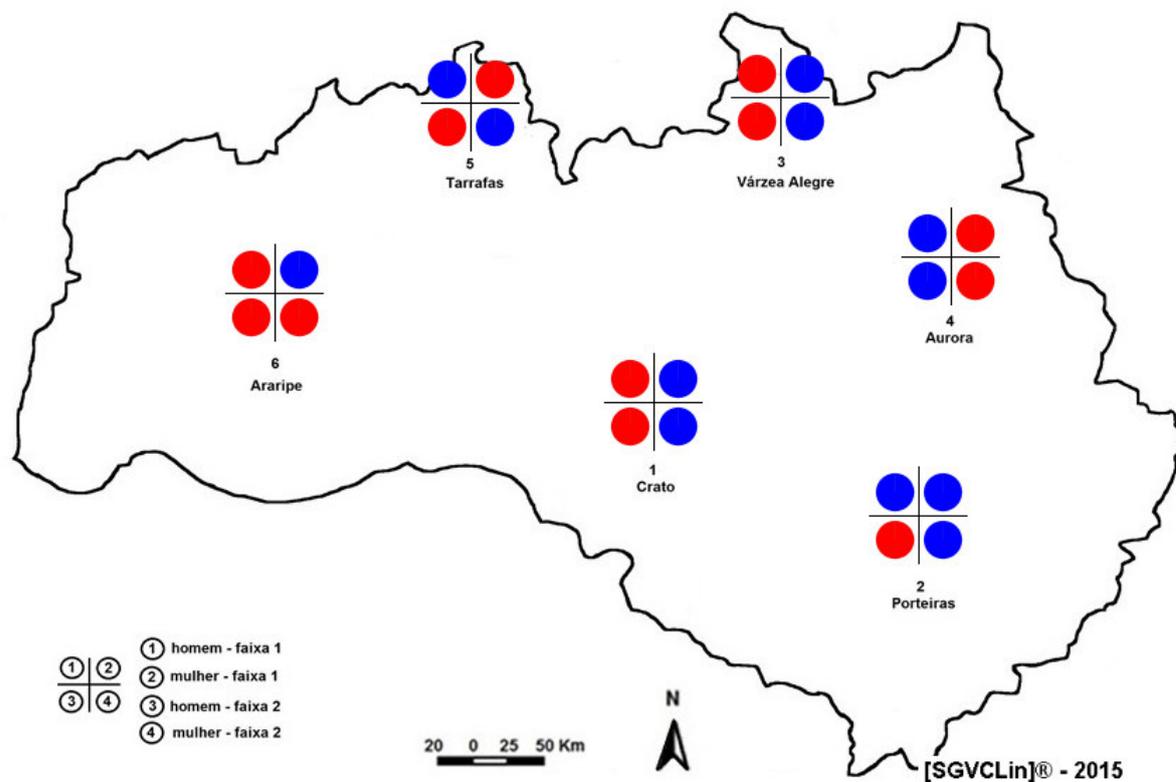
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ʃi'nɛʎu] pelos informantes CRA1 (2ª resp.), CRA4; POR3, AUR1, AUR3 (2ª resp.), VAR4 (2ª resp.), ARA3 e ARA4; b) [ʒapõ'nezɐ] pelo informante POR4, AUR 4, VAR4 (1ª resp.), TAR 3 e TAR4; c) [haʃ'terɐ] pelo informante ARA2; c) [ha'biʃu] pelo informante AUR3 (1ª resp.); d) [tã'mãku] pelo informante AUR3 (3ª resp.); e) [awpafi'gatɐ] pelo informante CRA2; f) [awpɛfi'gatɐ] pelo informante (CRA1 (1ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 101
MEIA

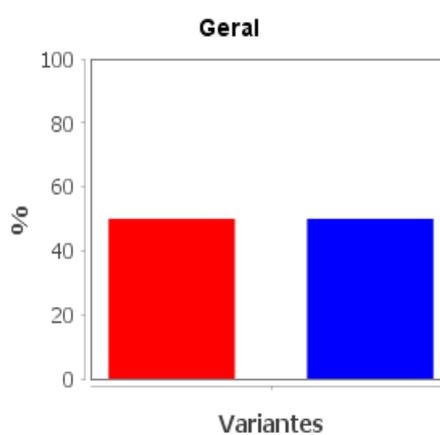
QFF 141 – Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?



Variantes

● ['mejə]

● ['meʌ]

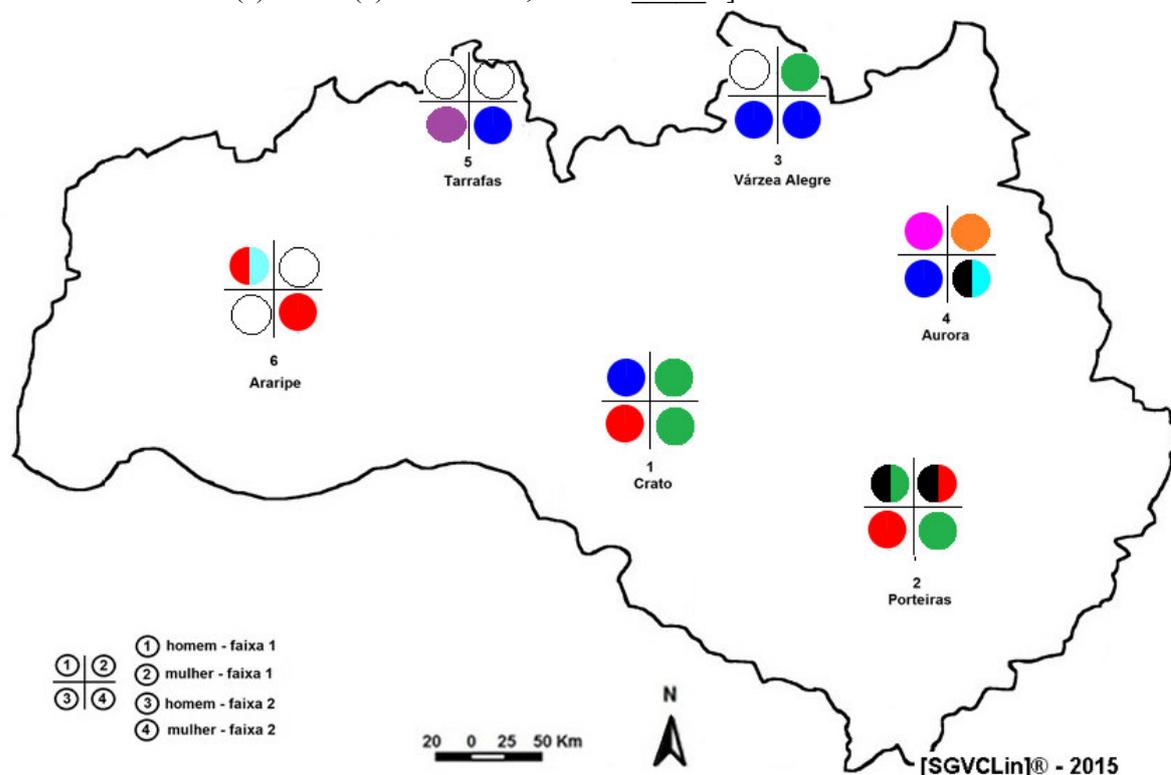




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 102
BRAGUILHA

QFF 142 – Como se chama a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com um zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____ ?]

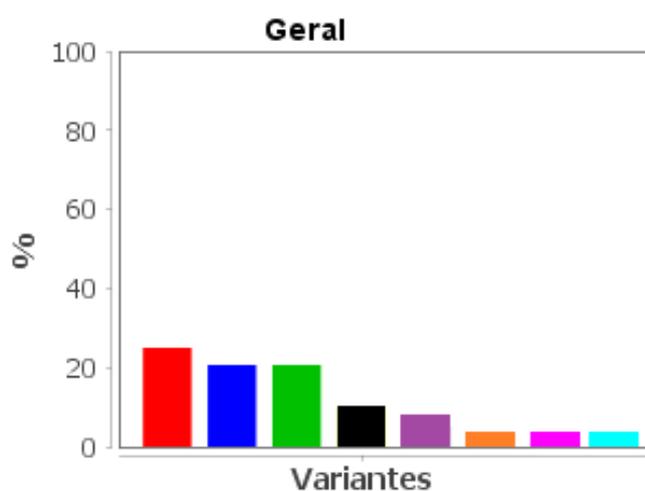


Variantes

- [bah'giɛ]
- bah'giɫɛ]
- [baj'giɛ]
- outra resposta
- [bar'gjɛ]
- [baj'giɫɛ]
- [ba'giɫɛ]
- [bra'giɫɛ]
- sem resposta

Nota:

1. Foi registrada a forma ['ziɸɛ] pelos informantes POR1, POR2 e AUR4.

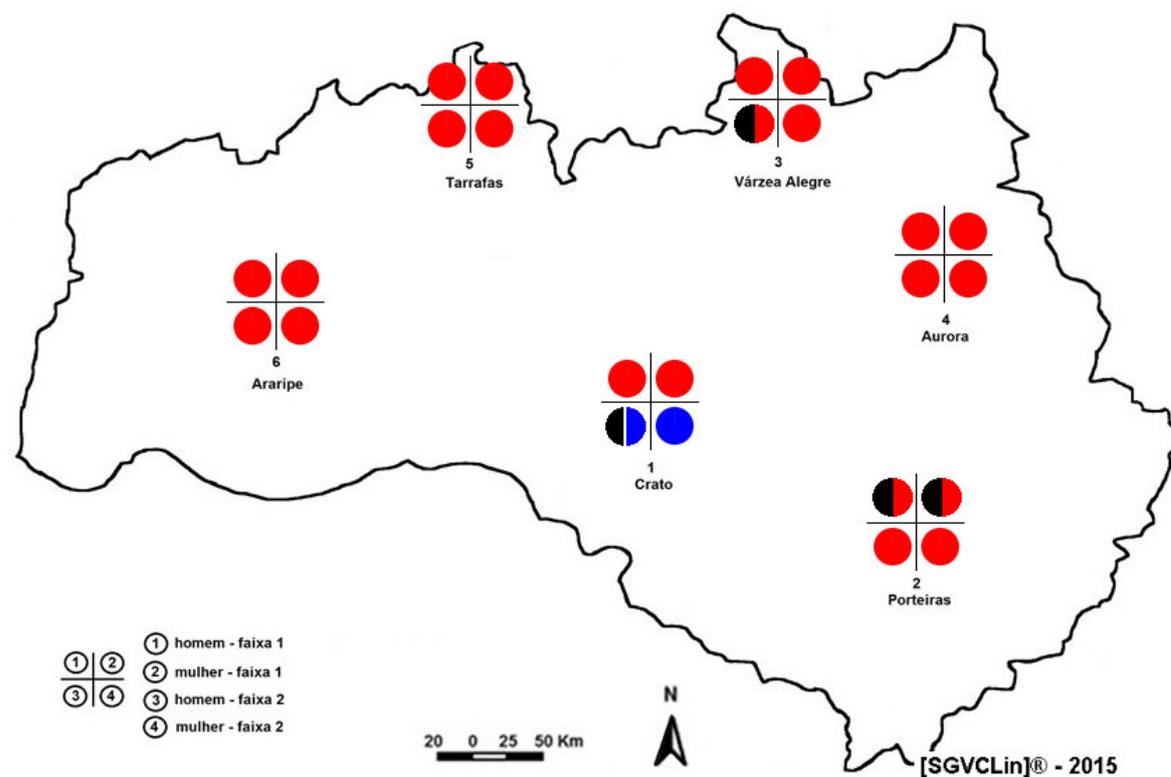




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

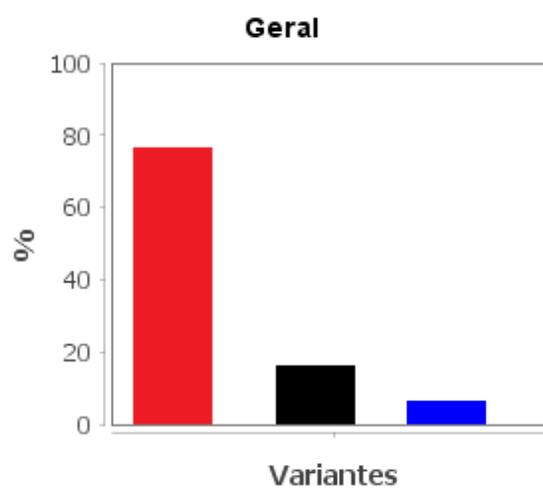
Carta nº 103
ANEL

QFF 143 – O que é que se usa aqui no dedo? (*apontar*).



Variantes

- [ã'nɛw]
- outras respostas
- [a'nɛw]



Nota:

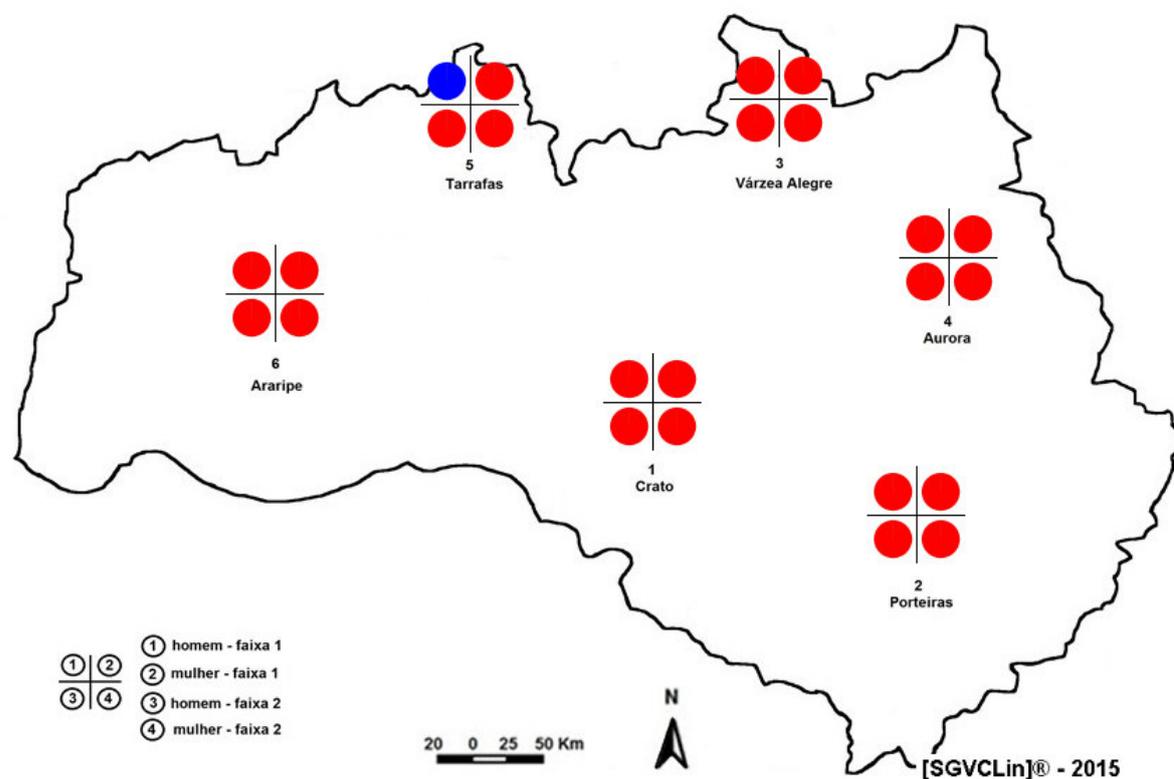
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ali'ãsɐ] pelos informantes POR1 e VAR3; b) [li'ãsɐ] pelos informantes CRA3 e POR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

Carta nº 104
PRESENTE

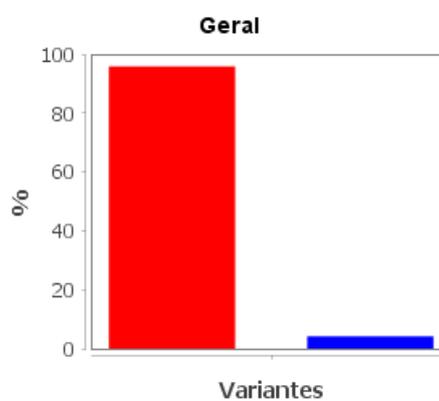
QFF 145 – Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?



Variantes

● [prɛ'zẽti]

● [prɛ'zẽtʃi]

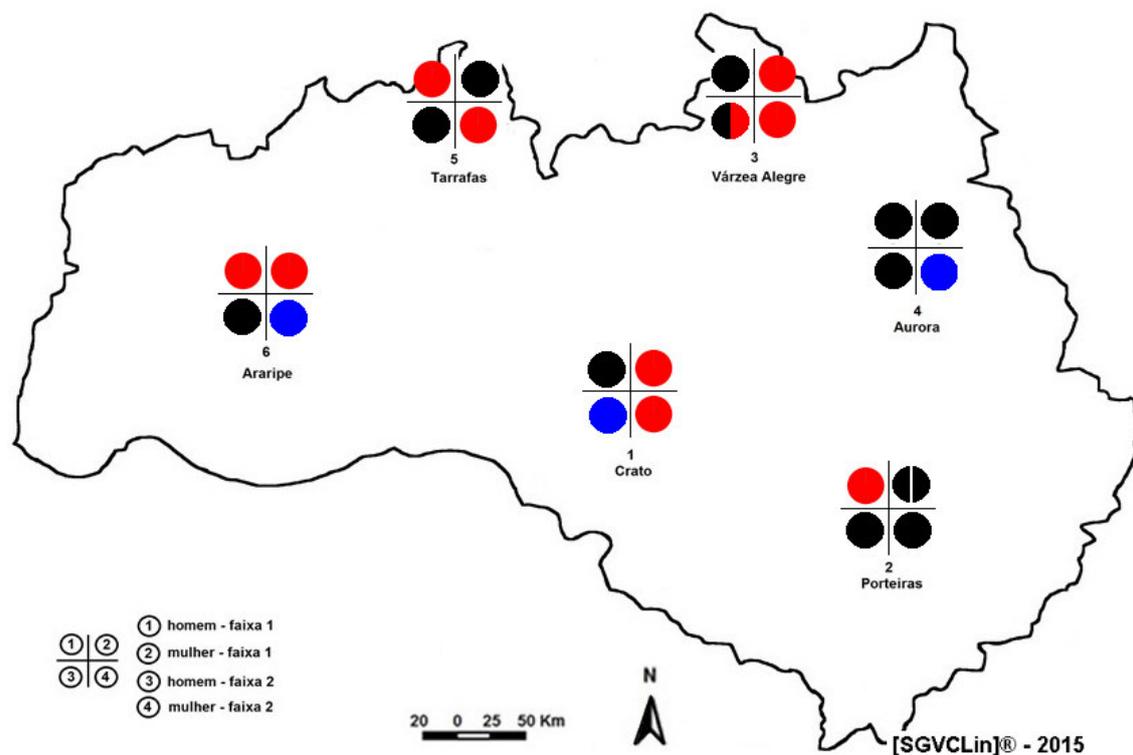




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

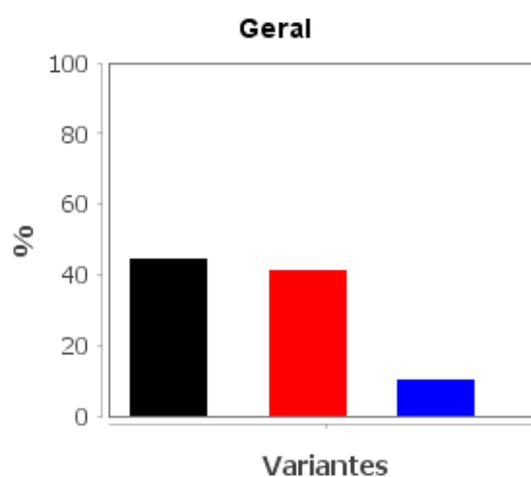
Carta nº 105
BEIJAR

QFF 146 – Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?



Variantes

- [bej'ʒa]
- outras respostas
- [be'ʒa]



Nota:

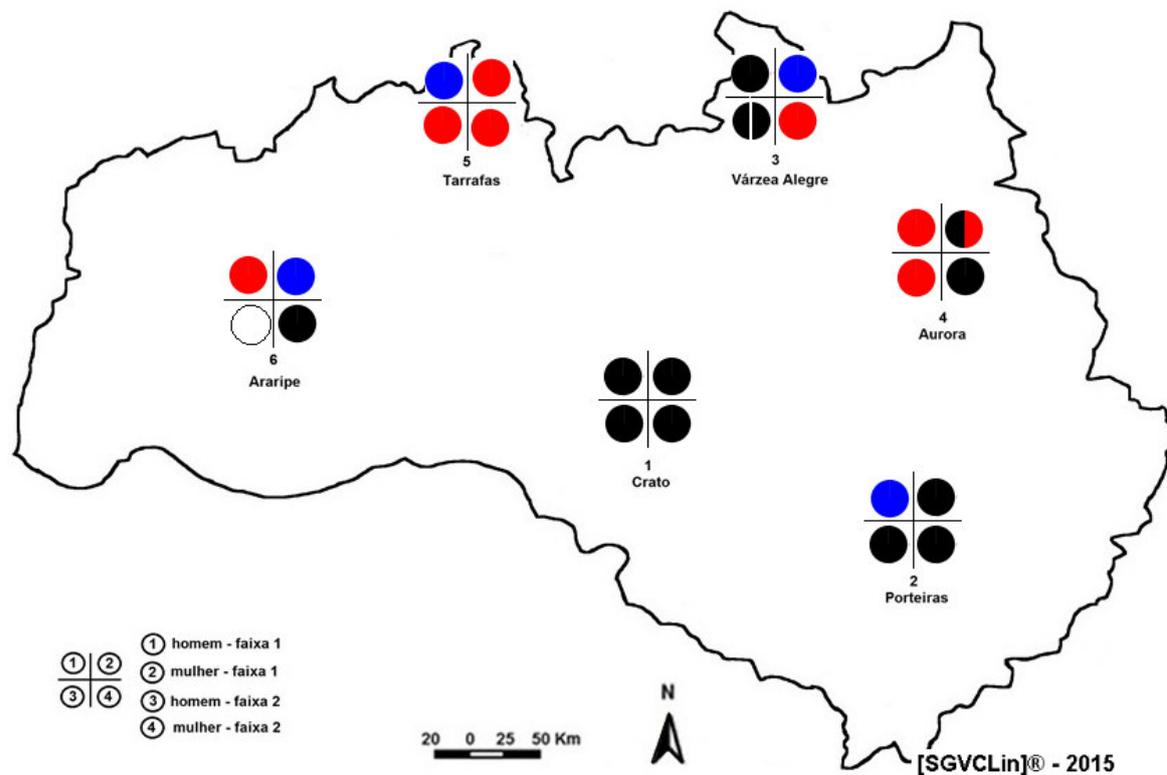
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ˈbeʒu] pelos informantes CRA1; POR2 (1ª resp.), POR3, POR4, AUR2; VAR1 e ARA3; b) [ˈbejʒu] pelos informantes AUR3, VAR3 e TAR3; c) [biˈtøkə] pelo informante POR2 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

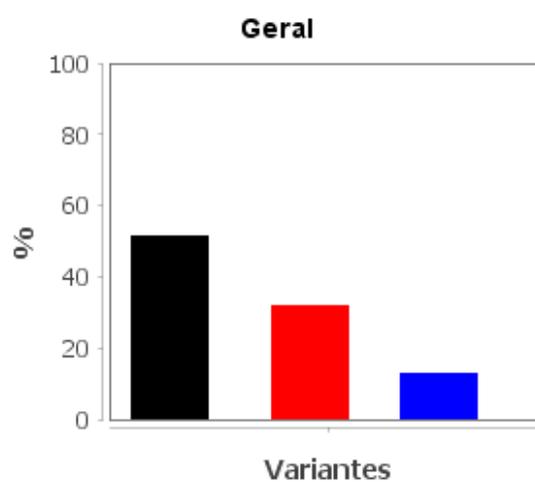
Carta nº 106
SORRISO

QFF 147 – Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____ (*mímica*)



Variantes

- outras respostas
- [sɔ'hizɔ]
- [so'hizɔ]
- sem resposta



Nota:

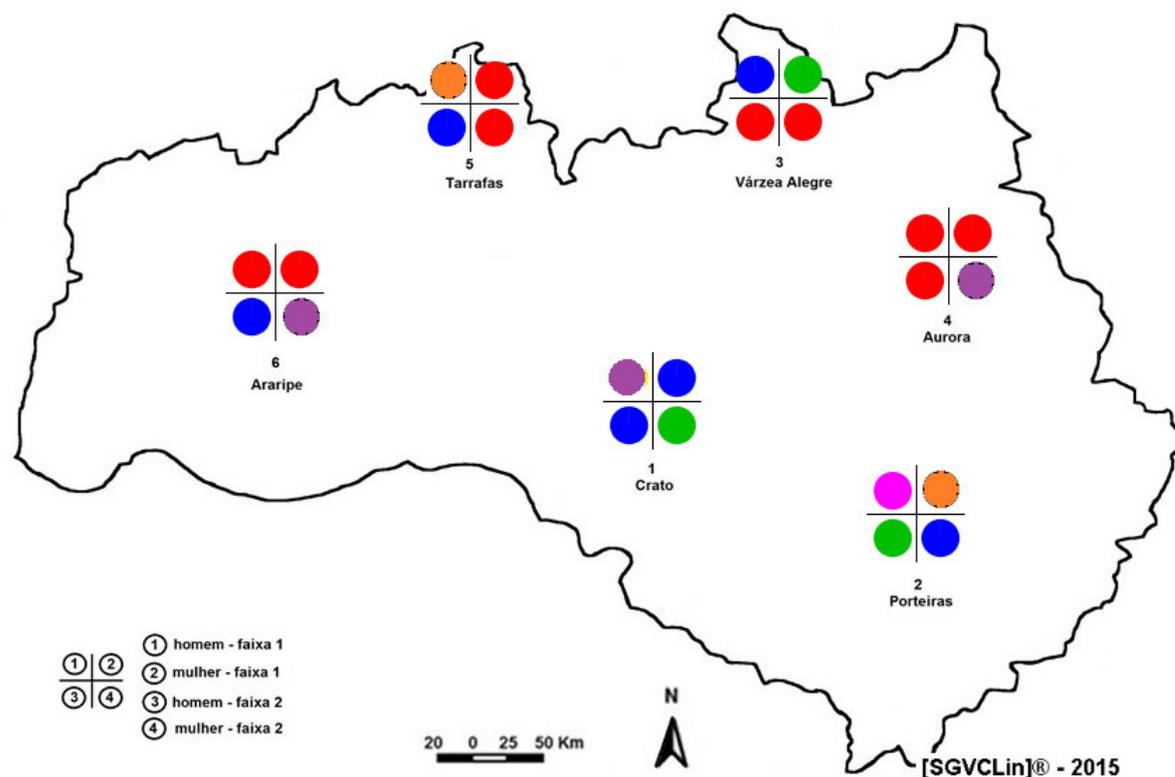
- Foram registradas as seguintes formas: a) [hi'zadɛ] pelos informantes CRA1, CRA4, VAR1, VAR3 (1ª resp.) e ARA4; b) [hizɔ] pelos informantes CRA2, CRA3; AUR2 e VAR3 (2ª resp.); c) [hi] pelo informante AUR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

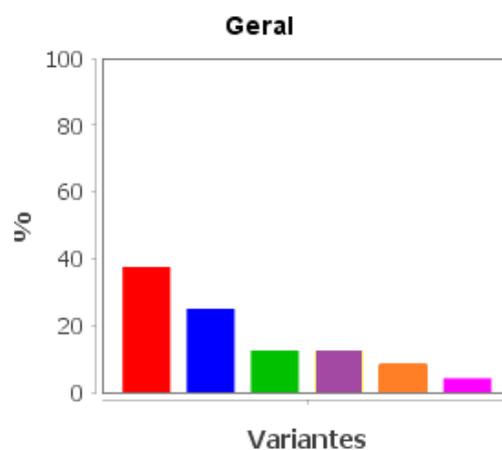
Carta nº 107
DORMINDO

QFF 148 – A pessoa que não está acordada, está _____? (*mímica*).



Variantes

- [doh'mĩdʊ]
- [doh'mĩnʊ]
- [doh'mĩdʊ]
- [doh'mĩnʊ]
- [doh'mĩdʊ]
- [doh'mĩnʊ]

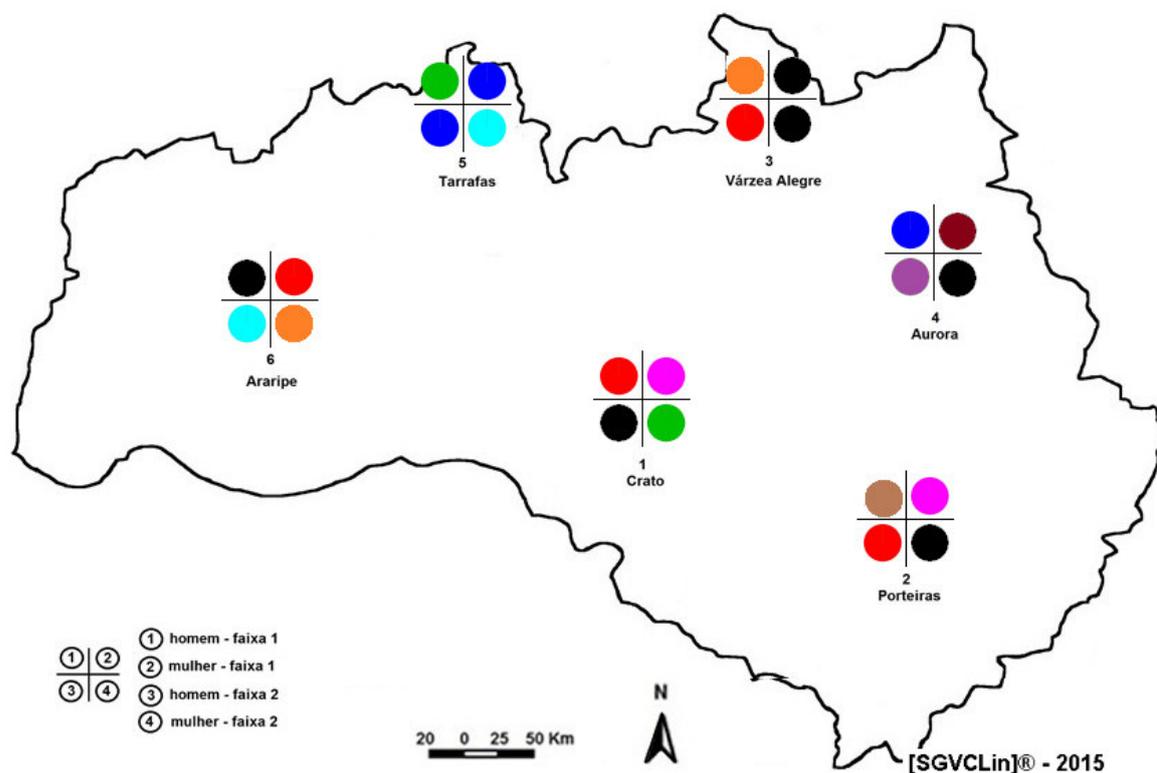




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

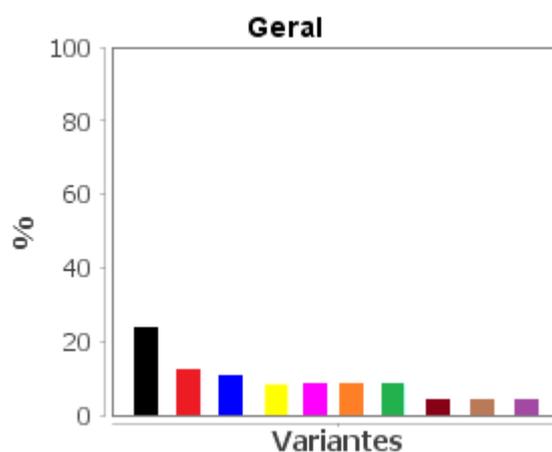
Carta nº 108
ASSOBIO

QFF 149 – Como se chama isto? (*Assobiar*)



Variantes

- outras respostas
- [aso'viɔ]
- [aso'biɔ]
- [aso'biɔ]
- [aso'bej]
- [aso'viɔ]
- [sɔ'bejɔ]
- [sɔ'biw]
- [aso'bejɔ]
- [aso'bejɔ]



Nota:

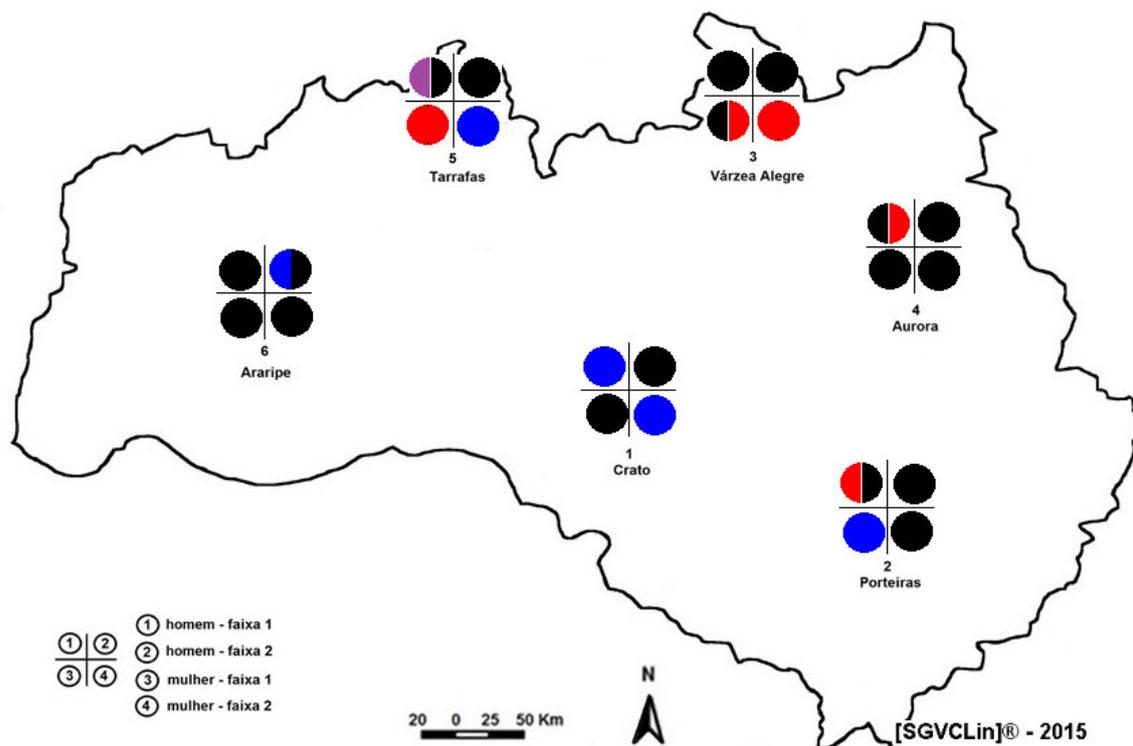
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [asovi'a] pelos informantes VAR3 e ARA1; b) [asobi'a] pelo informante AUR4; c) [asobi'a] pelo informante POR4; d) [asobi'ãɔ] pelo informante VAR2; e) [asobi'ãɔ] pelo informante CRA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

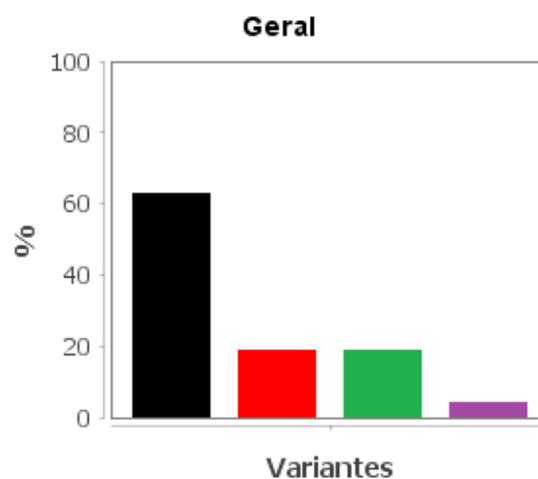
Carta nº 109
ENCONTRAR

QFF 151 – Quando se perde uma coisa, se vai procurando até _____ ?



Variantes

- outra resposta
- [i'ko'tra]
- [ẽ'kõ'tra]
- [i'kro'ta]
- sem resposta



Nota:

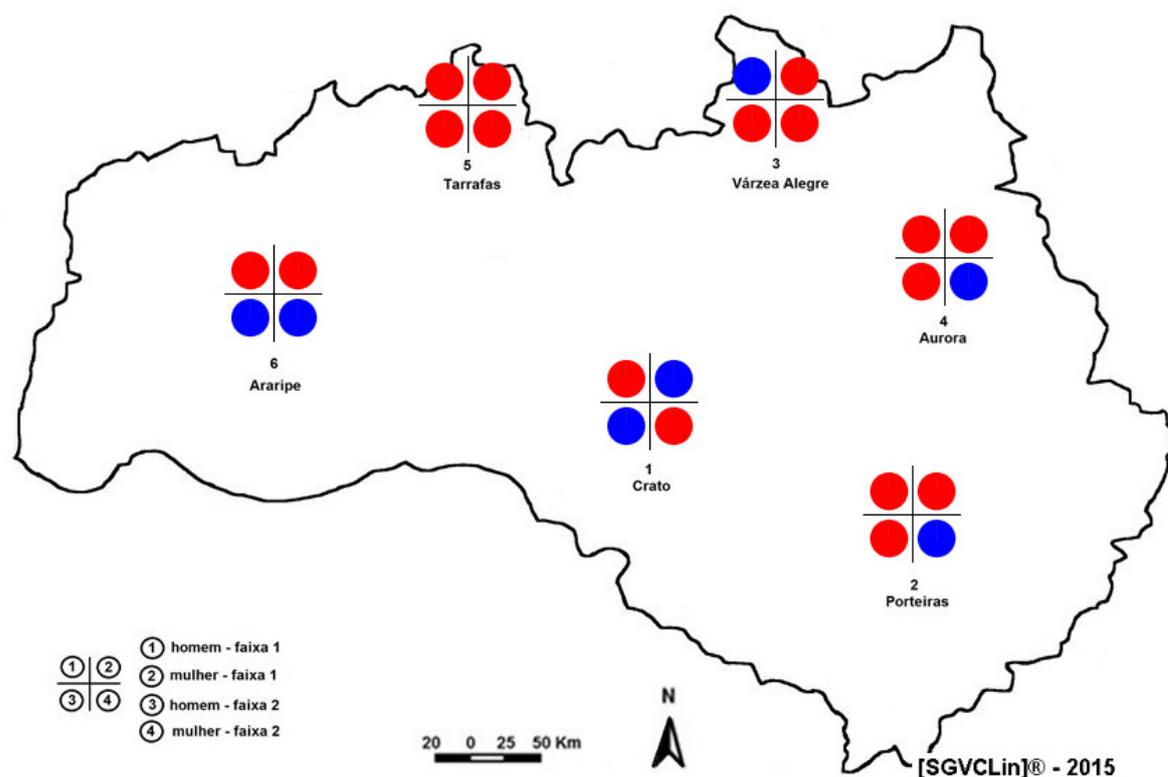
1. Foi registrada a forma [a'fa] pelos informantes CRA1, CRA2, POR1, POR2, POR4, AUR1, AUR2, AUR3, AUR4, VAR1, VAR2, VAR3, TAR1, TAR2, ARA1, ARA2, ARA3 e ARA4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 110
ME_SMA

QFF 156 – Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa ____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a ____ sogra.] Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a ____ roupa.]

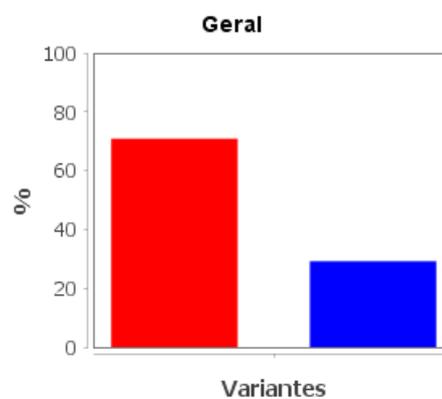


Variantes

● ['mezme]

● ['mefme]

○ sem resposta

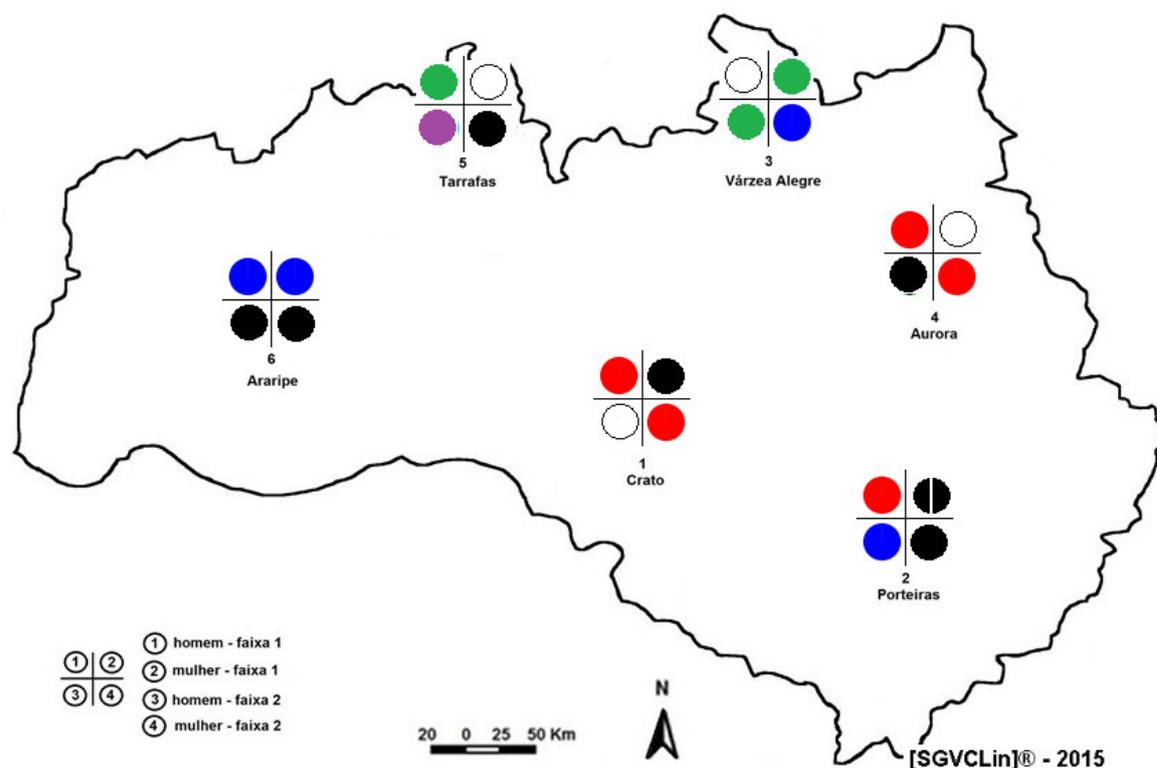




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

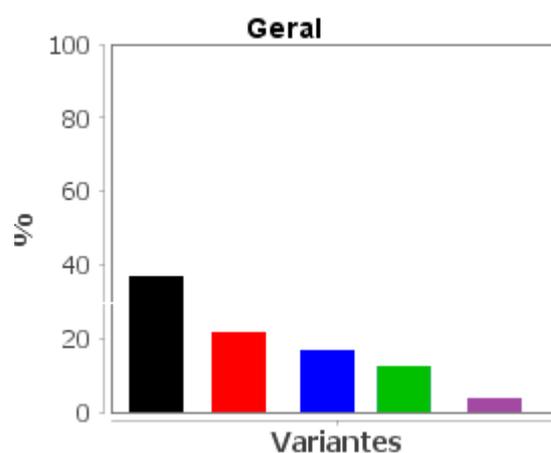
Carta nº 111
HÓSPEDE

QFF 157 – Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?



Variantes

- outras respostas
- [ˈɔspɛdɪ]
- [ˈɔspɛdɪs]
- [ˈɔspidɪs]
- [ˈɔspidɪ]
- sem resposta



Nota: Outras respostas obtidas:

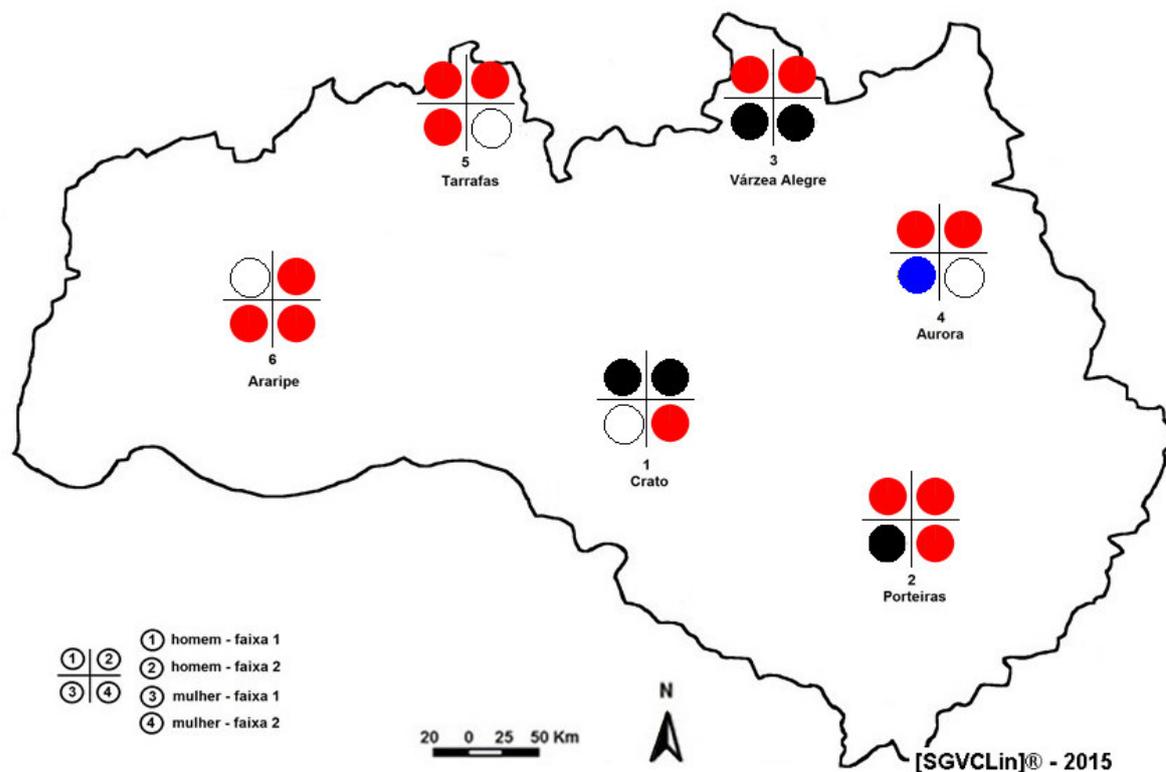
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [kli'ɛtɪ] pelo informante CRA2, AUR3, TAR4 e ARA4; b) [ɔspɛ'dadɔ] pelo informante ARA3; c) [fre'gejs] pelo informante POR4; d) [tu'riʃtɛ] pelo informante POR2 (1ª resp.); e) [vi'zitɛ] pelo informante POR2 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

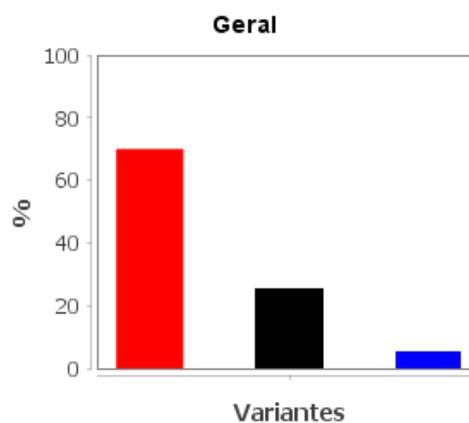
Carta nº 112
ESQUERDO

QFF 158 – Este lado é o direito e este (mostrar)?



Variantes

- [ɪs'kefidu]
- outras respostas
- [es'kefidu]
- sem resposta



Nota:

1. Foram registradas as seguintes formas: a) [ɪs'kefidu] pelos informantes CRA1, VAR3 e VAR4; b) [ɪs'kefidu] pelos informantes CRA1 e POR2

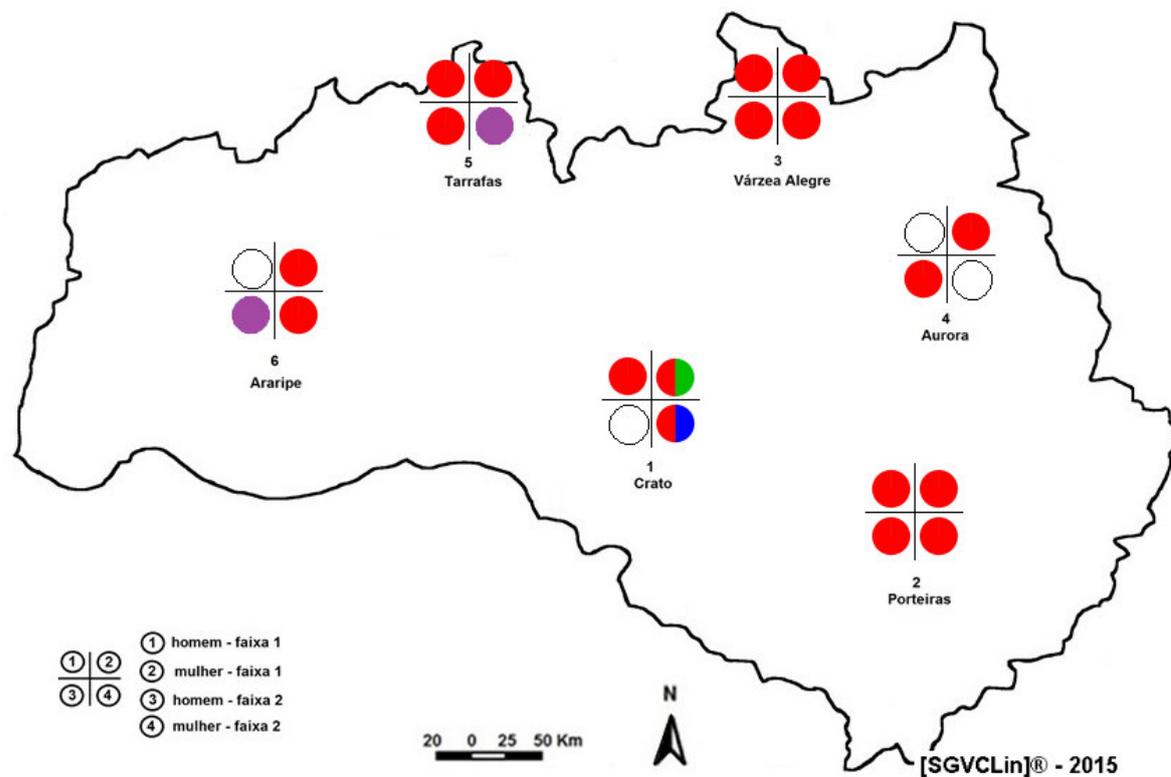
5.2.2 Cartas lexicais



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

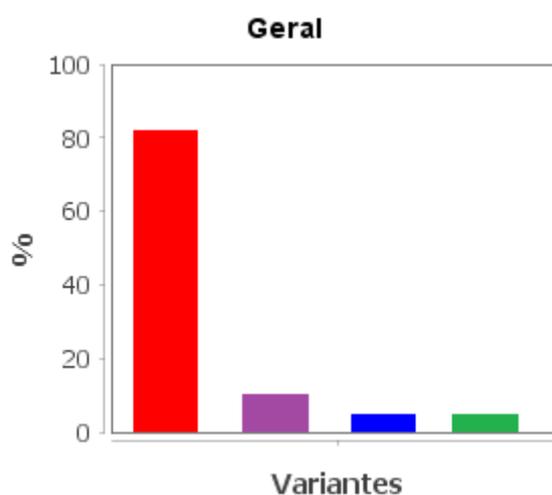
Carta nº 1
CÓRREGO
RIACHO

QSL 1 – Como se chama um rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?



Variantes

- riacho
- levada
- nascente
- córrego¹
- sem resposta



Nota:

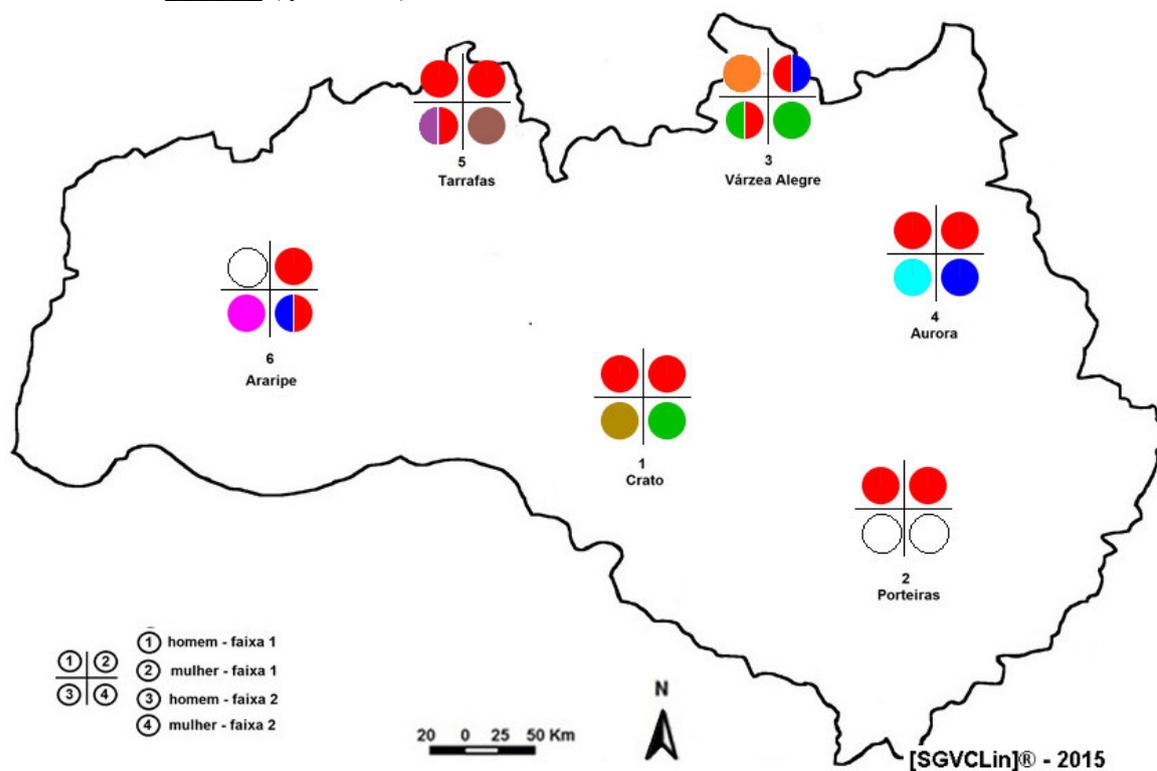
1. Foi registrada a variante fonética [ˈkõɦɣu] pelo informante ARA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta n° 2
PINGUELA

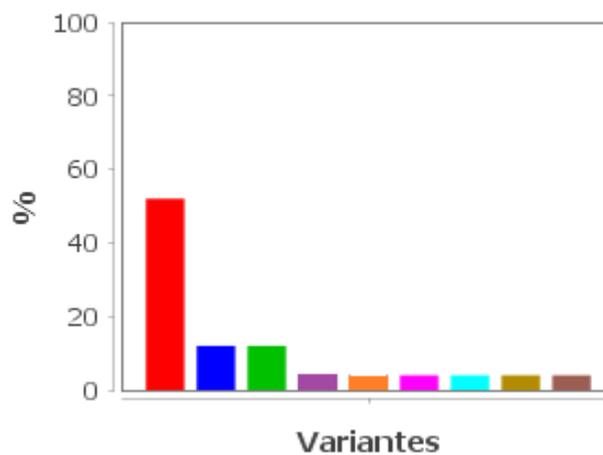
QSL 2 – Como se chama um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de _____ (cf. item 1)?



Variantes

- ponte
- passarela
- pinguela
- banguela
- madeira
- passagem
- viela
- travessão¹
- pau
- sem resposta

Geral



Nota: Outra resposta obtida:

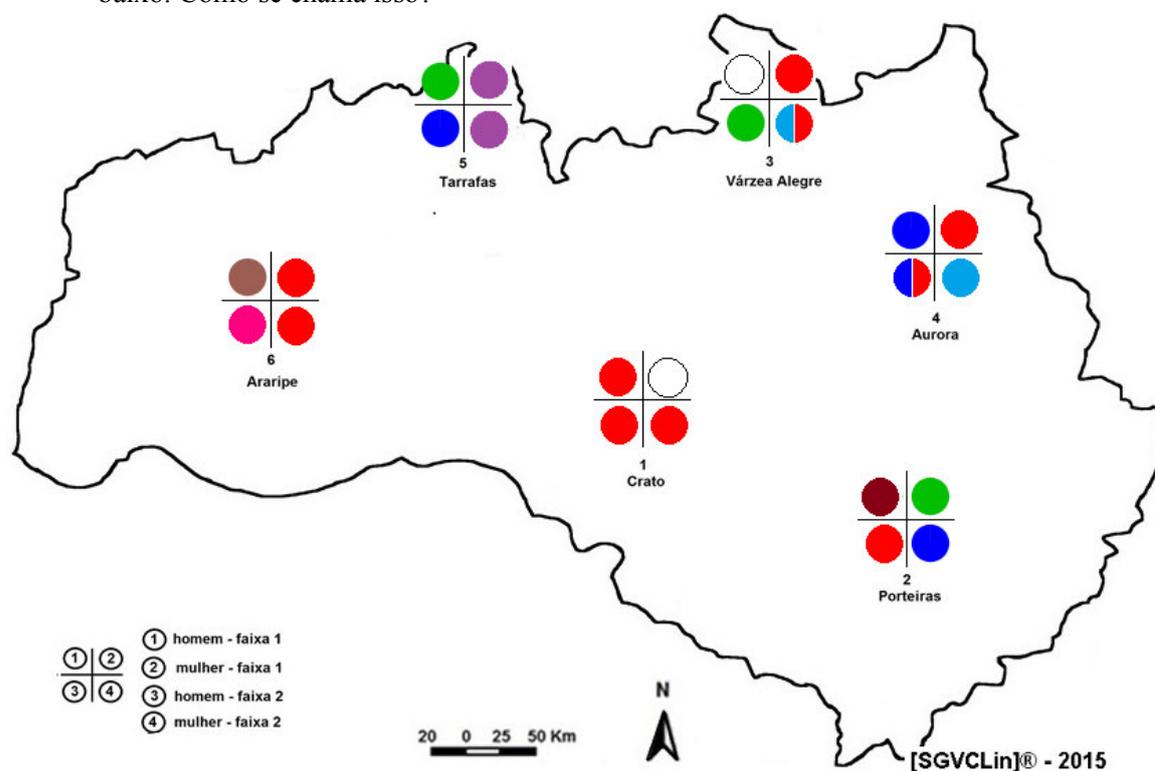
1. Foi utilizada a variante fonética [trɛvɛ'sãw] pelo informante CRA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

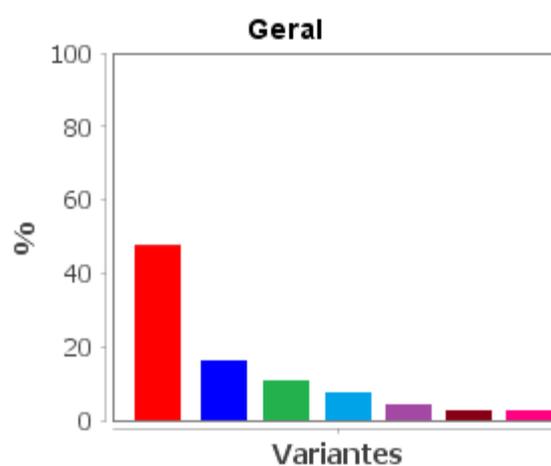
Carta n° 3
REDEMOINHO
(DE ÁGUA)

QSL 4 – Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso?



Variantes

- redemoinho¹
- remanso
- corrupio
- correnteza
- funil
- rebojo
- furacão
- sem resposta



Nota:

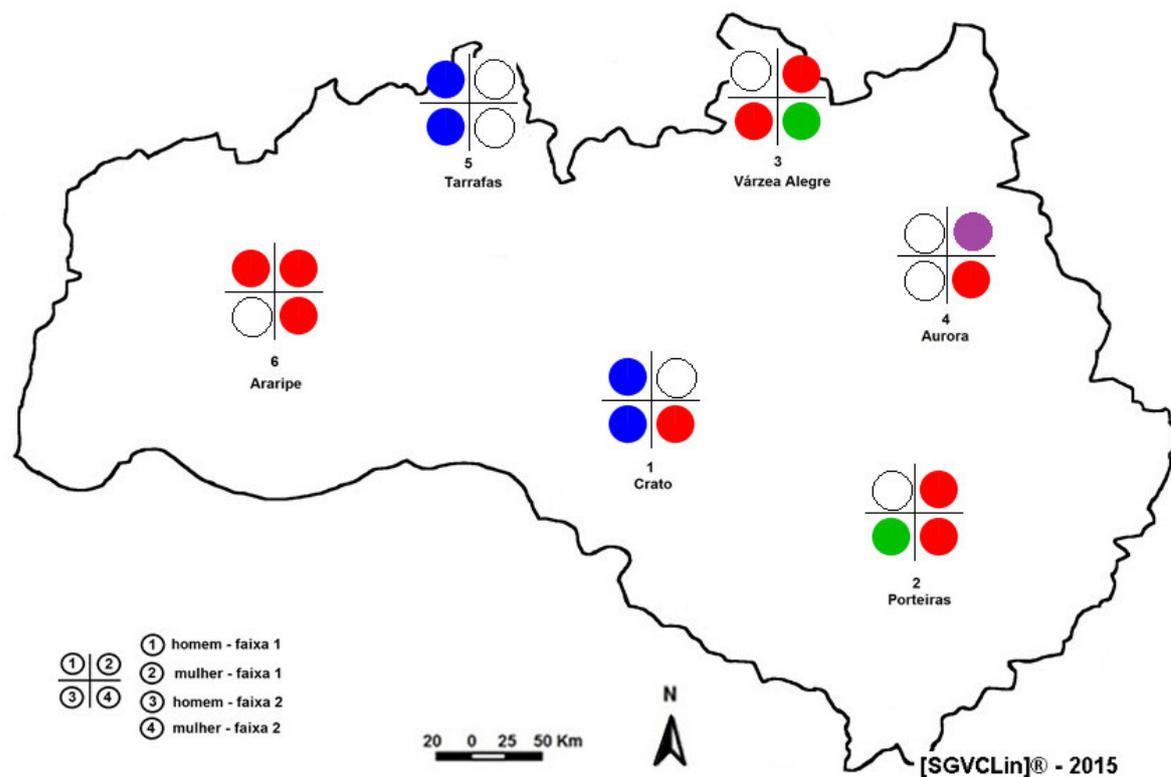
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [hɨdɨmu'ĩɲu] pelos informantes CRA4; VAR2, VAR4 (2ª resp.); ARA2, ARA4; b) [hɨdɨmu'ĩ] pelos informantes CRA1 e CRA3; c) [hedɨ'muɲu] pelos informantes POR3 e AUR3 (2ª resp.); d) [hede'muɲu] pelo informante POR1; e) [hedemu'ĩɲu] pelo informante AUR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

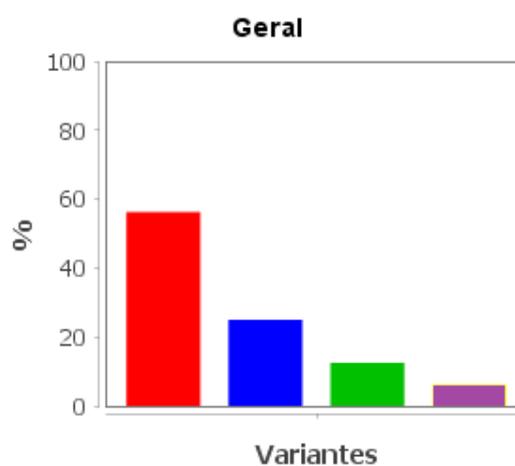
Carta nº 4
ONDA DO RIO

QSL 6 – Como se chama o movimento da água do rio?



Variantes

- onda
- corrente
- correnteza
- redemoinho¹
- sem resposta



Nota: Outras formas obtidas:

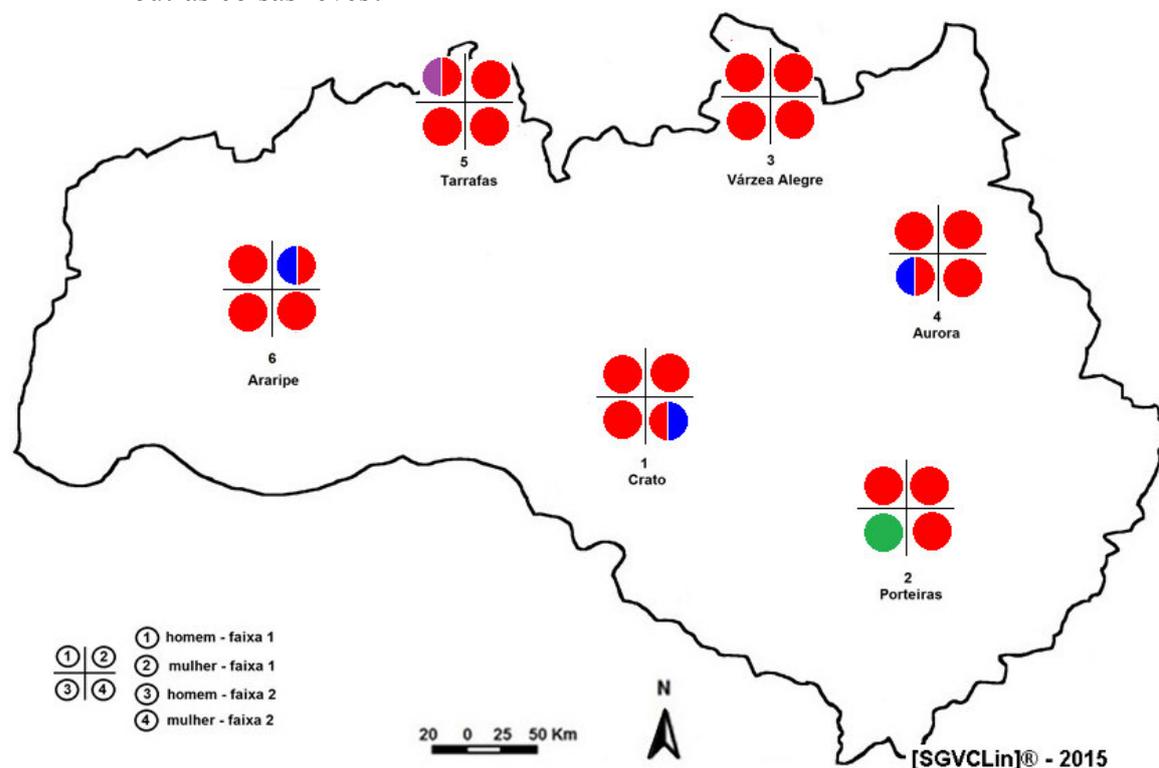
1. Foi utilizada a variante fonética [hedemuˈɲu] pelo informante AUR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

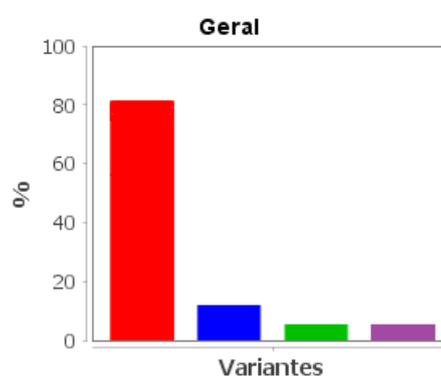
Carta n° 5
REDEMOINHO
(DO VENTO)

QSL 7 – Como se chama o vento forte que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?



Variantes

- redemoinho¹
- furacão
- funil
- tornado
- sem reposta



Nota:

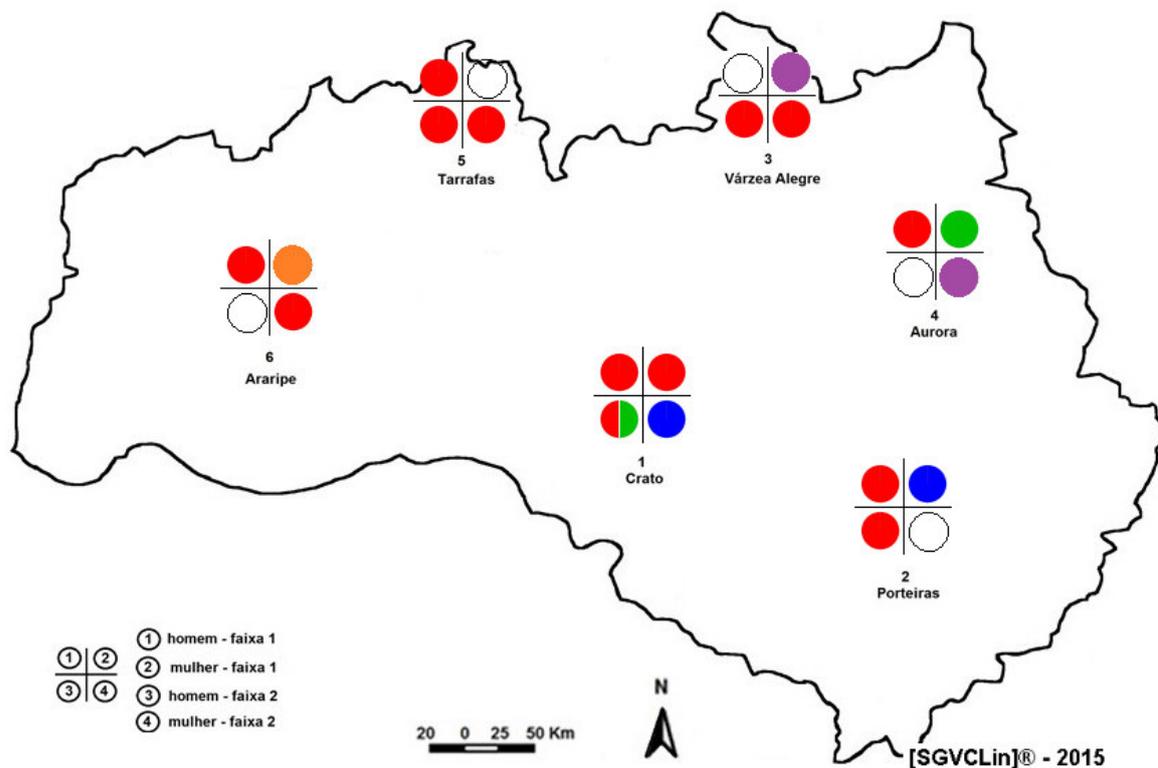
1. Foram registradas as seguintes formas: a) [hedr'mujʊ] pelos informantes CRA4 (2ª resp.), AUR1, AUR3 (2ª resp.) e TAR4; b) [hidu'miʃʊ] pelos informantes VAR2, VAR3, VAR4, ARA3 e ARA4; c) [hedemu'ʃʊ] pelos informantes CRA1, POR2, AUR2 e TAR1 (1ª resp.); d) [hidimu'ʃi] pelos informantes POR4, VAR1 e TAR3; e) [hede'mujʊ] pelos informantes CRA3 e TAR3; f) [hidimu'ʃʊ] pelo informante ARA (2ª resp.); g) [hidi'mujʊ] pelo informante POR2; h) [hedemu'ʃi] pelo informante CRA2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

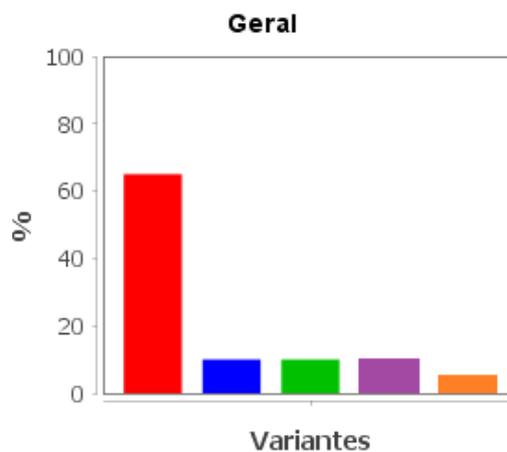
Carta n° 6
TEMPORAL
VENDAVAL
TEMPESTADE

QSL 11 – Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?



Variantes

- tempestade
- temporal
- toró
- ventanias
- rajadas
- sem resposta

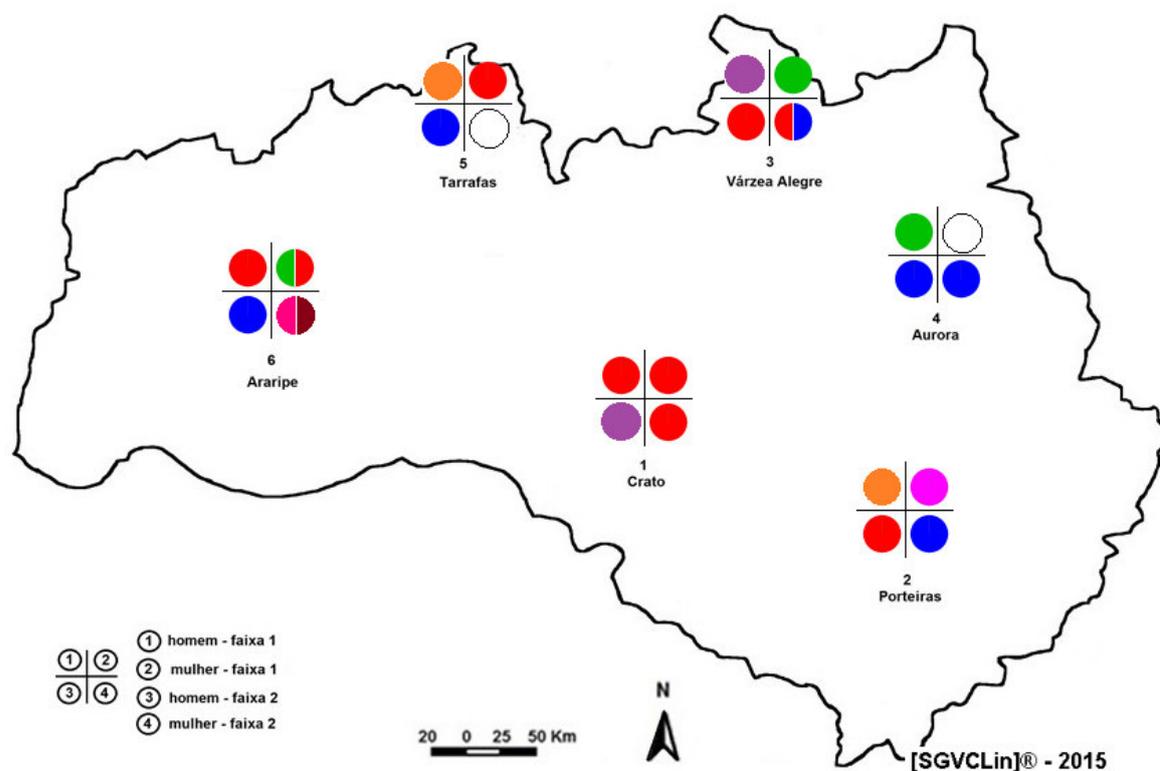




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

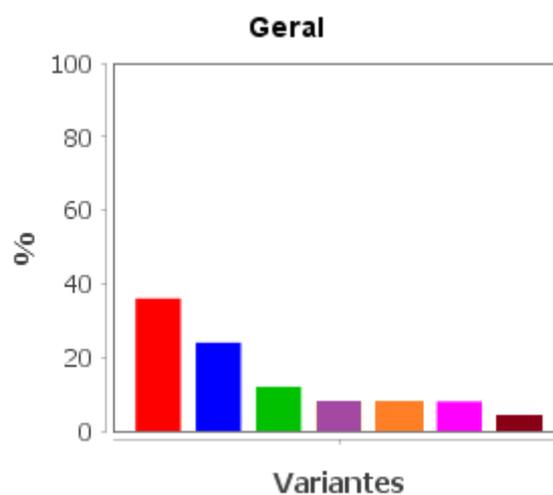
Carta n° 7
CHUVA DE PEDRA

QSL 15 – Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?



Variantes

- chuva de granizo
- chuva de pedra
- chuva de granito
- chuva de gelo
- granizo
- chuvinha de pedra
- granito
- sem resposta

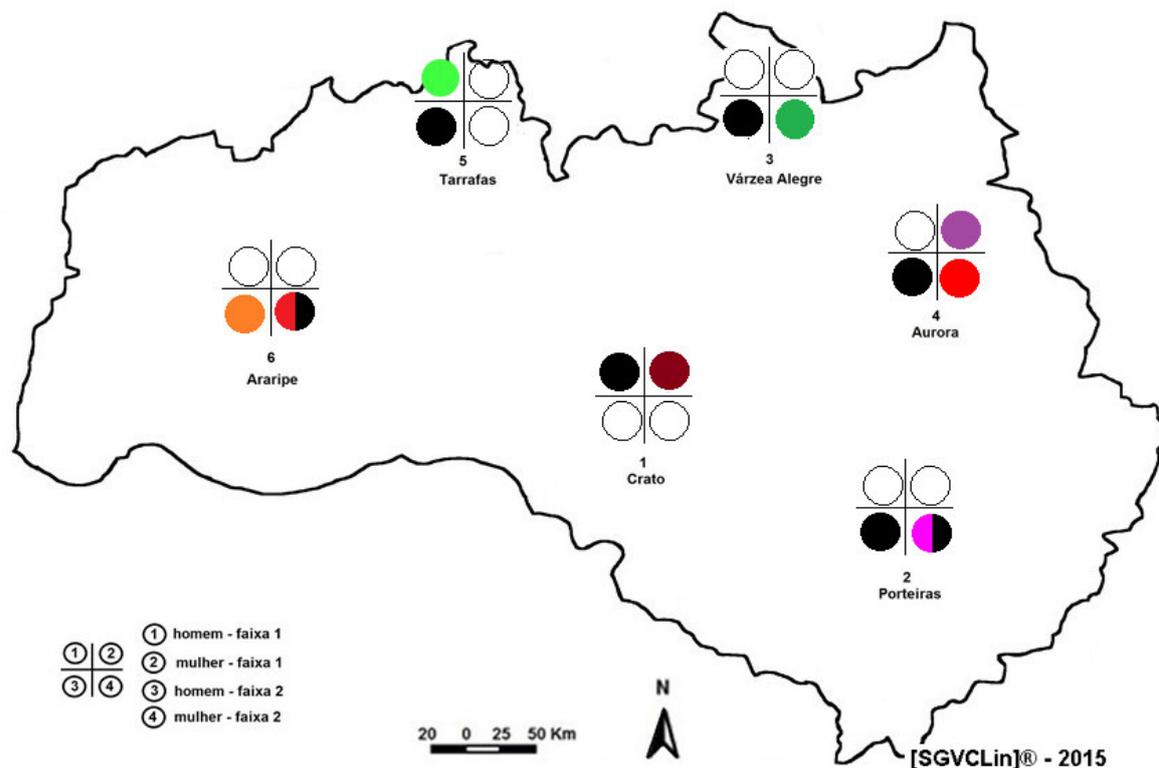




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

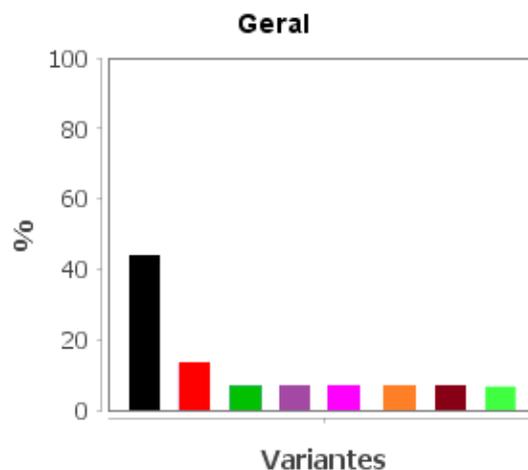
Carta n° 9
ESTIAR
COMPOR O TEMPO

QSL 16 – Como dizem aqui do tempo quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?



Variantes

- outras formas
- estiar
- aberto
- tempo bonito
- verão
- limpar
- ensolarar
- estiagem
- sem resposta



Nota:

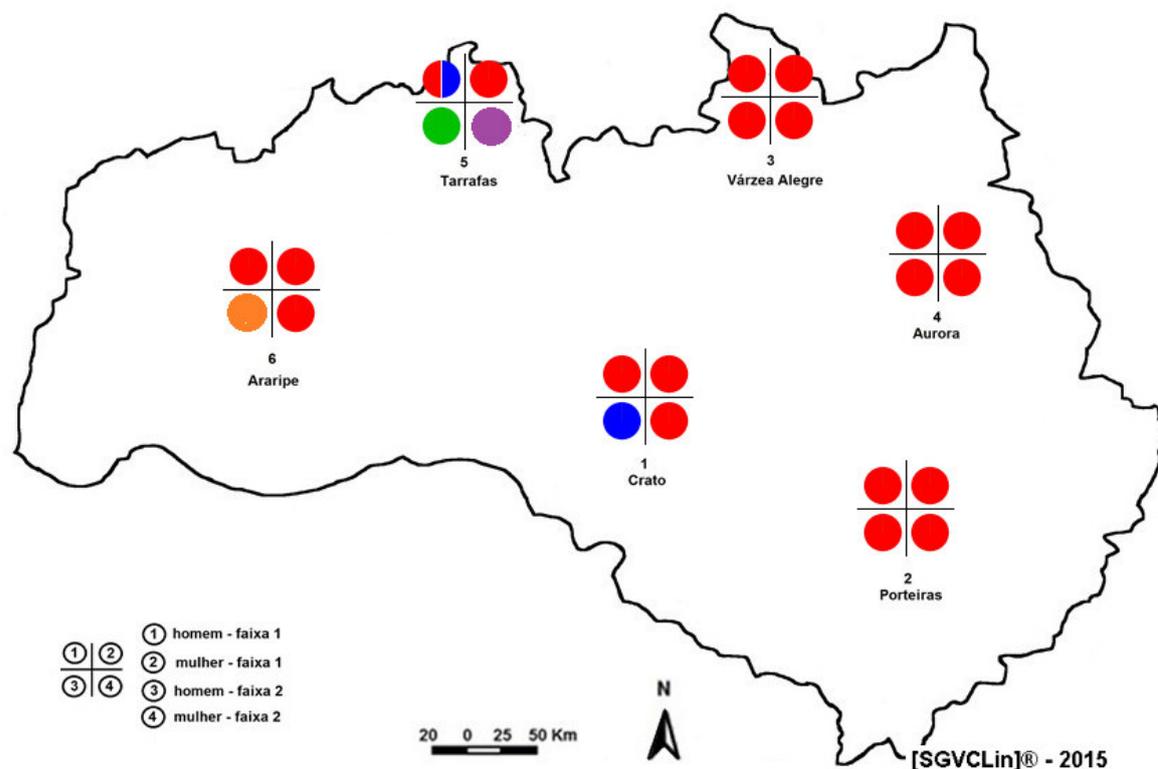
1. Foram registradas as seguintes formas: a) “estiado” pelos informantes CRA1, POR3, POR4 e VAR3; b) “estiando” pelo informante TAR3; c) “o sol abriu” pelo informante ARA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

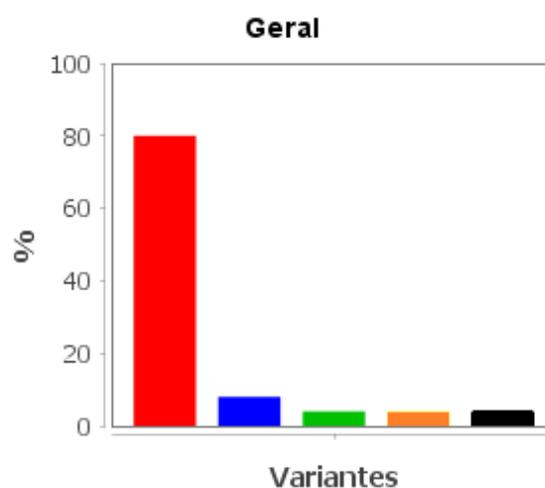
Carta n° 9
ARCOS-ÍRIS

QSL 17 – Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?



Variantes

- arco-íris
- alço-celeste
- torre
- barra
- outra resposta
- sem resposta



Nota:

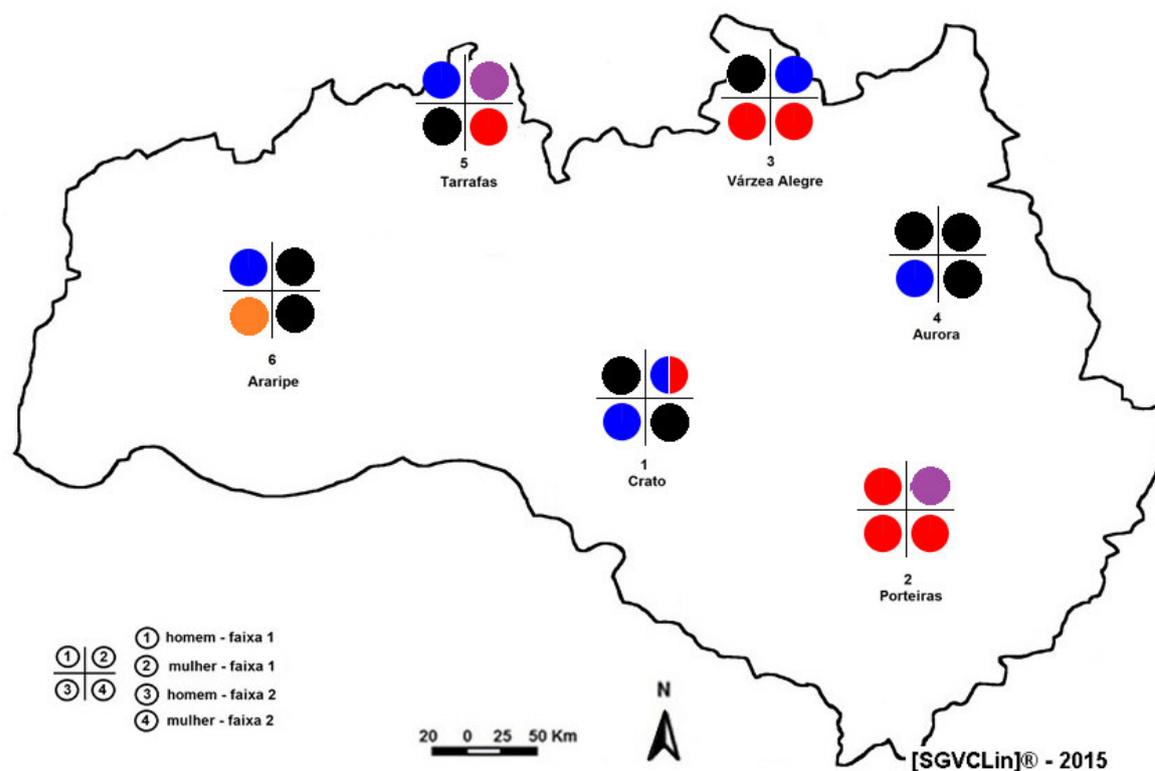
1. Foi registrada a variante fonética [ku'iris] pelo informante TAR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

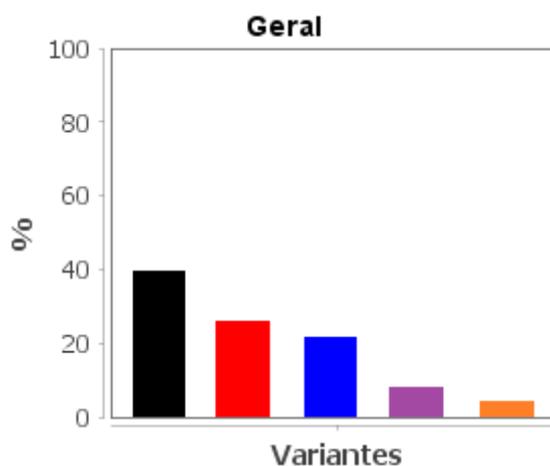
Carta nº 10
GAROA

QSL 18 – Como se chama uma chuva bem fininha?



Variantes

- outras respostas
- neblina
- garoa
- chuvisco
- sereno



Nota:

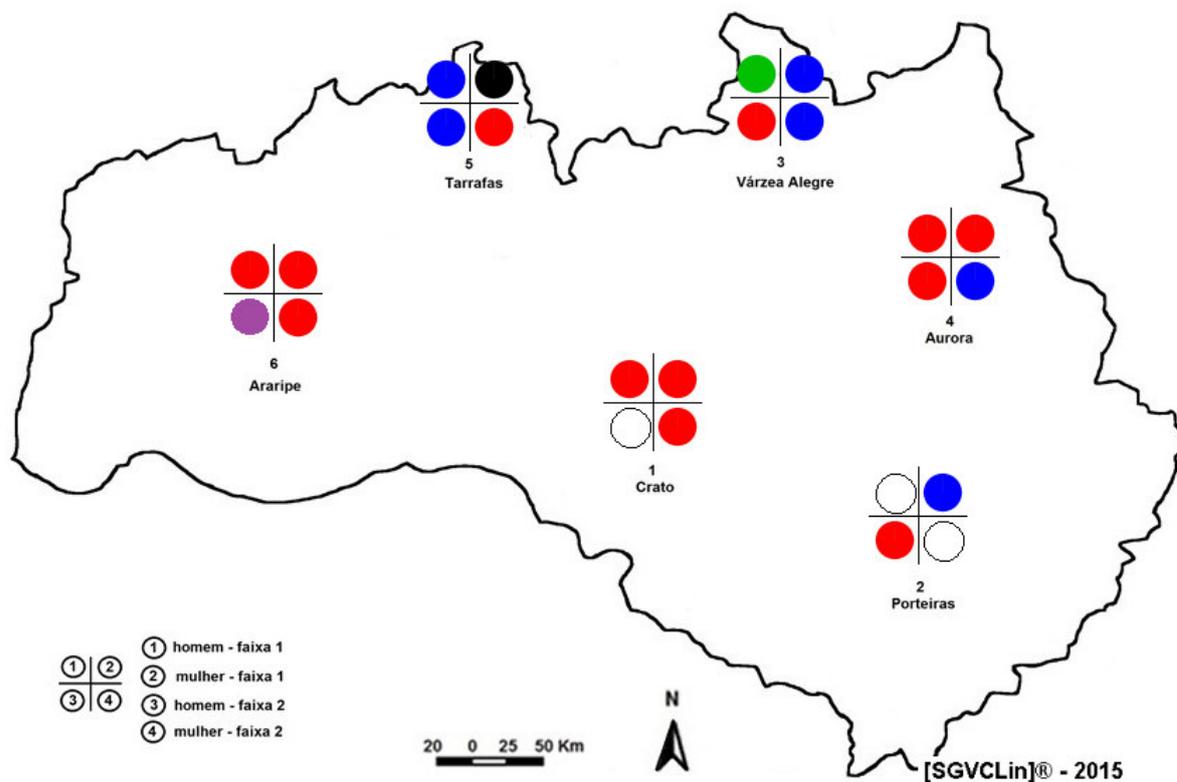
1. Foram registradas as seguintes formas: a) “lebrina” pelos informantes CRA4, AUR1, AUR4 e TAR3; b) “neblinando” pelo informante AUR2; c) “librina” pelo informante VAR1; d) “nebrina” pelo informante ARA4; e) “lebrina” pelo informante CRA1; f) “chuviscando” pelo informante ARA2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta nº 11 TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA

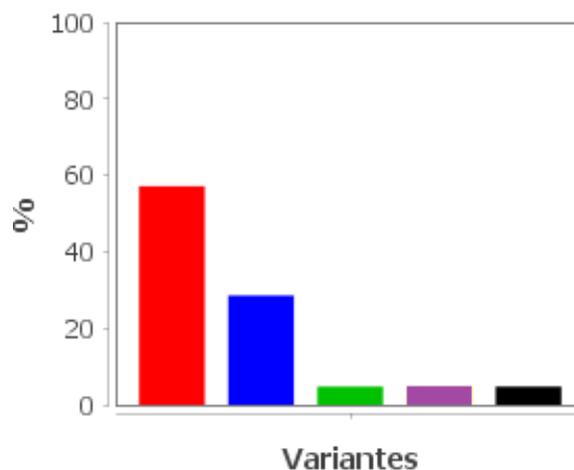
QSL 19 – Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?



Variantes

- úmida
- ensombrada
- aguada
- zarolha
- outras formas¹
- sem resposta

Geral



Nota:

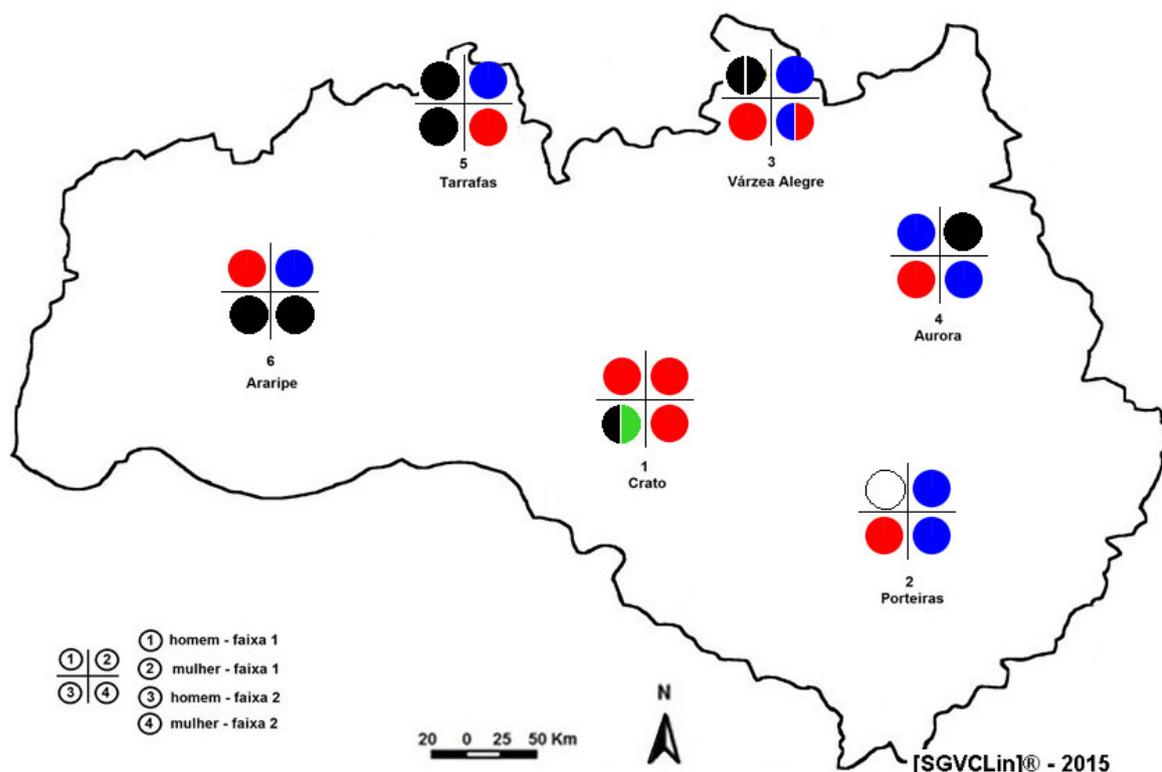
1. Foram utilizadas as seguintes formas: “zarolha” [za'roa] pelo informante ARA3; b) “umedeceu” pelo informante TAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

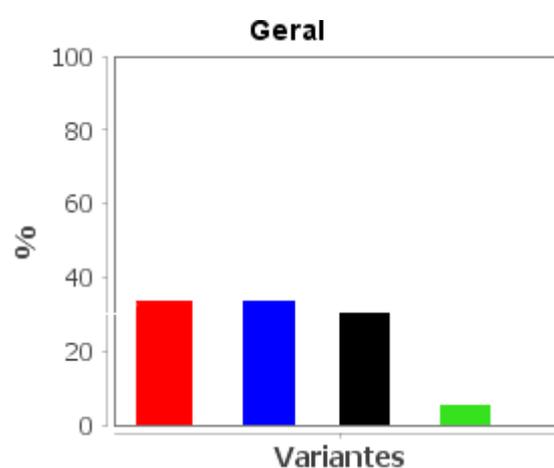
Carta n° 12
ORVALHO
SERENO

QSL 20 – De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?



Variantes

- orvalho
- sereno
- garoa
- outras formas
- sem resposta



Nota:

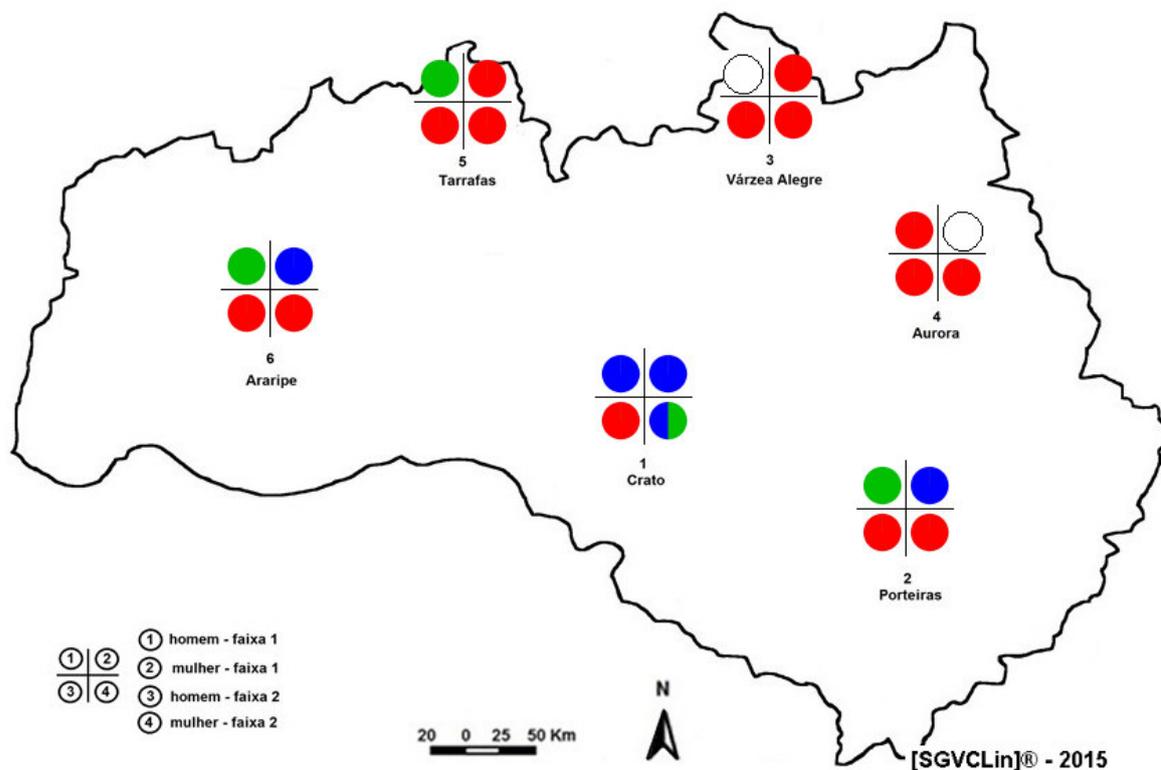
- Foram registradas as seguintes formas: a) “oruvalho” pelos informantes TAR3 e ARA3; b) “oruvai” pelo informante ARA4; c) “librina” pelo informante VAR1 (1ª resp.); d) “lebrina” pelo informante AUR2; e) “uruvai” pelo informante TAR1; f) “friera” pelo informante VAR1 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

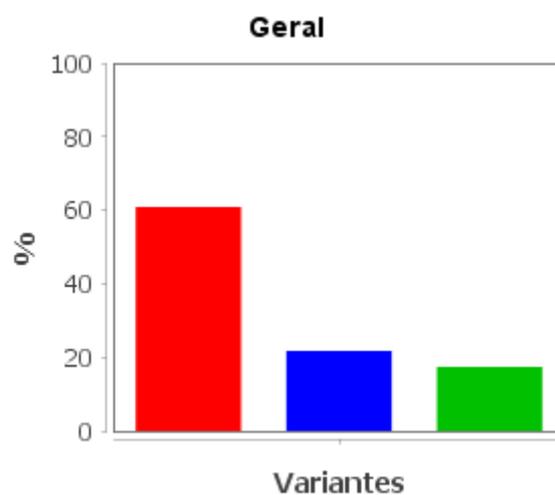
Carta nº 13
NEVOEIRO
CERRAÇÃO
NEBLINA

QSL 21 – Muitas vezes, principalmente de manhã, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?



Variantes

- neve
- névoa
- neblina
- sem resposta

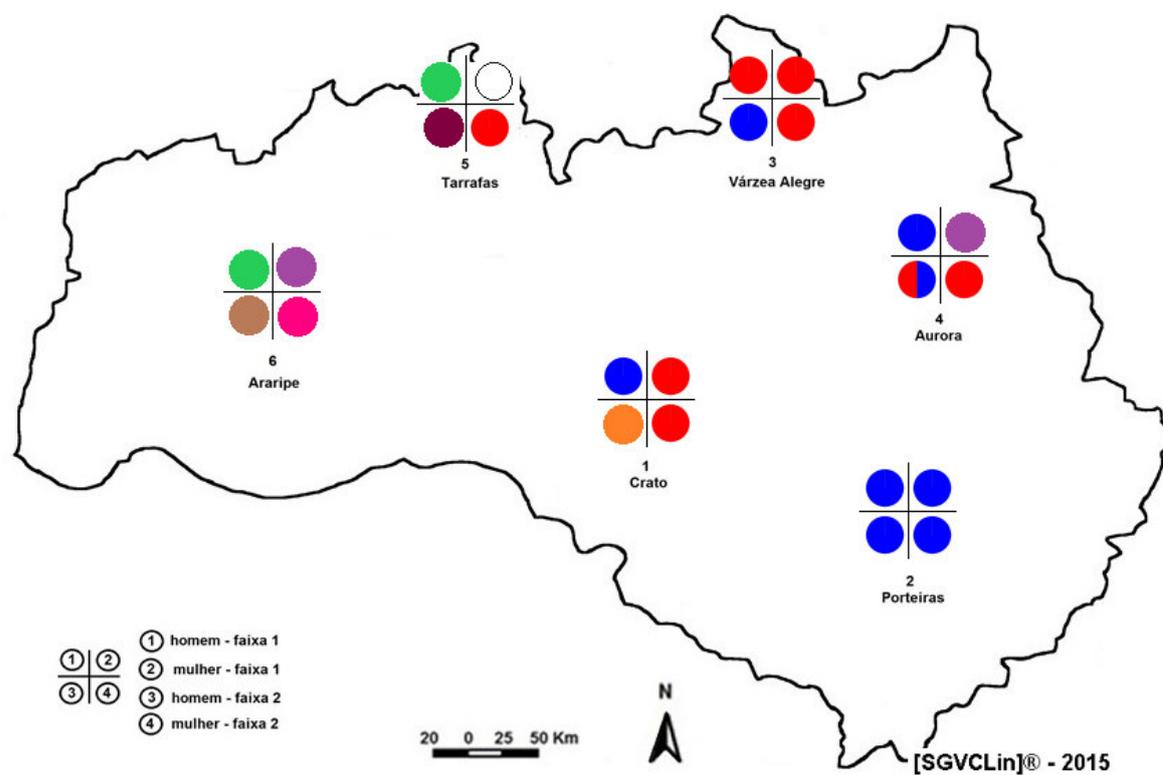




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

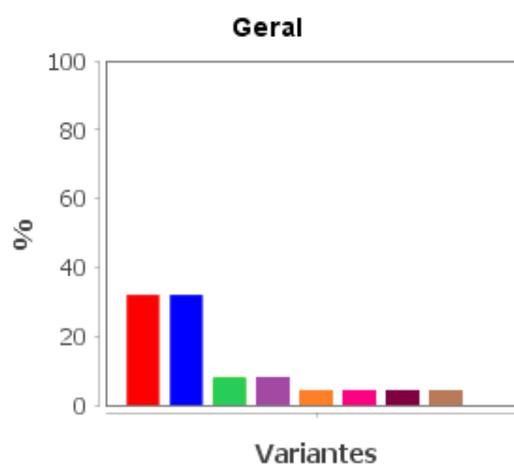
Carta n° 14
AMANHECER
(O DIA)

QSL 22 –



Variantes

- amanhecendo
- manhã
- amanhecer
- amanheceu
- manhecendo
- o dia amanhecendo
- aurora
- amanhecer do dia
- sem resposta

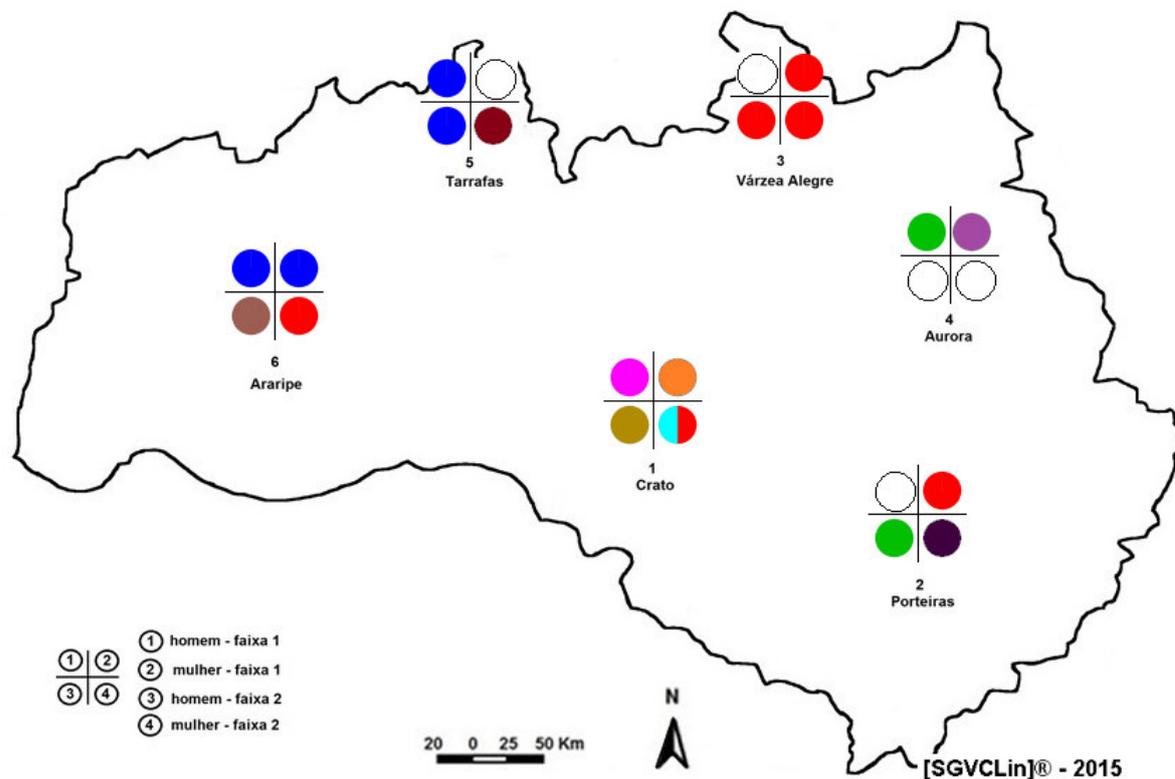




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

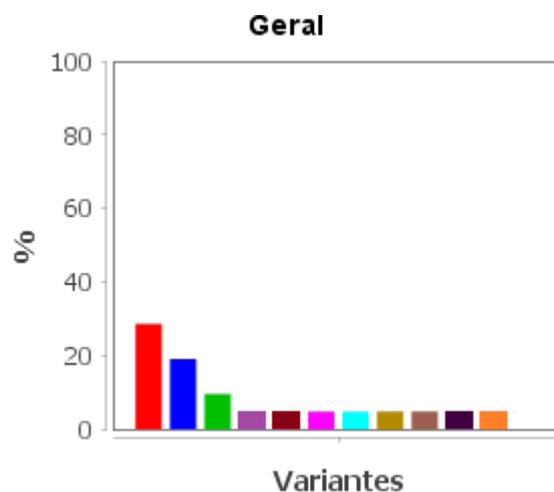
Carta n° 15
NASCER
(DO SOL)

QSL 23 – O que é que acontece no céu de manhã quando começa a clarear?



Variantes

- o sol sai
- o sol nasce
- nascer do sol
- o sol nascendo
- sol abre
- aparece o sol
- alvorecer
- o sol vem saindo
- barra
- o sol vai andando
- o sol tá raiando
- sem resposta

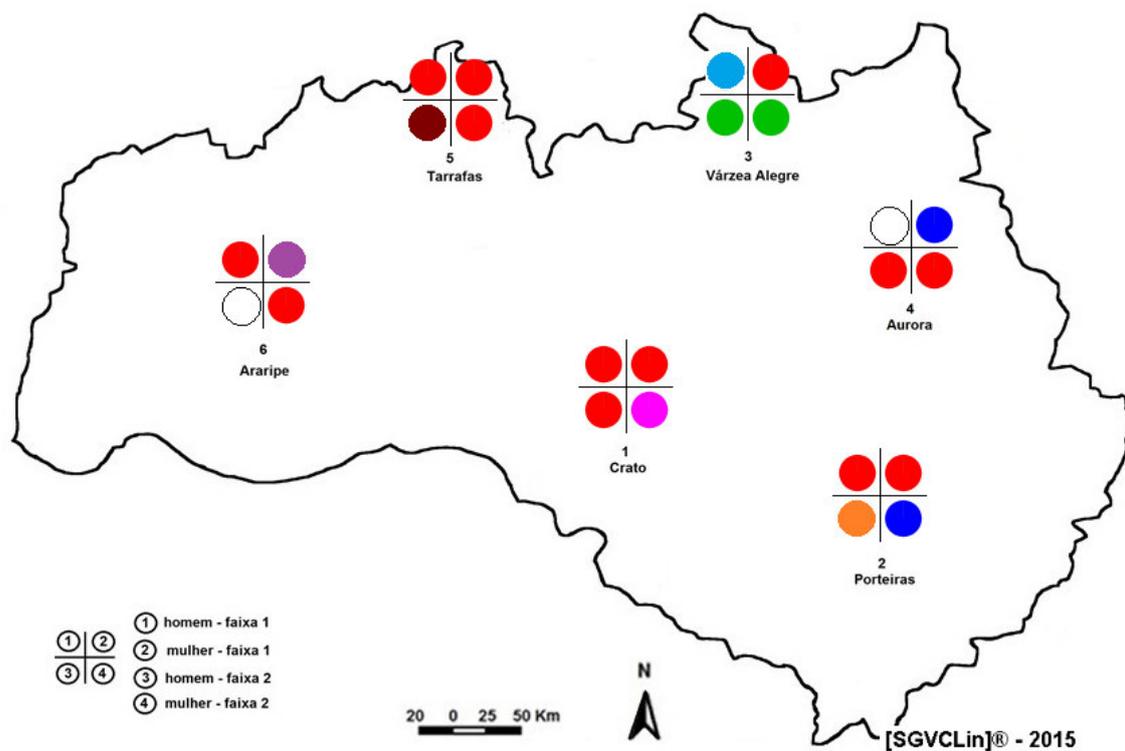




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

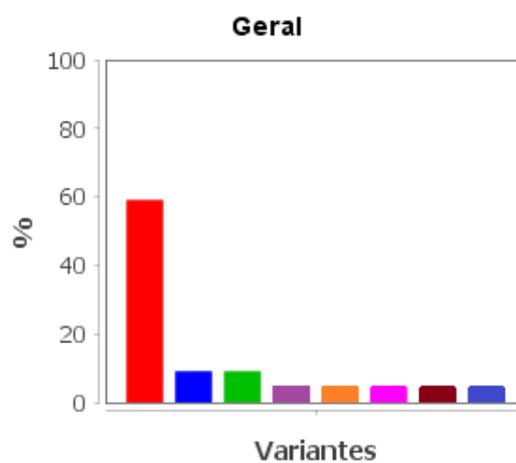
Carta nº 16
POR (DO SOL)

QSL 25 – E o que acontece no céu no final da tarde?



Variantes

- o sol se põe
- o sol vai se pondo
- por do sol
- ele dorme
- ele vai se pondo
- entardecer
- o sol se pôs
- o sol se foi
- sem resposta

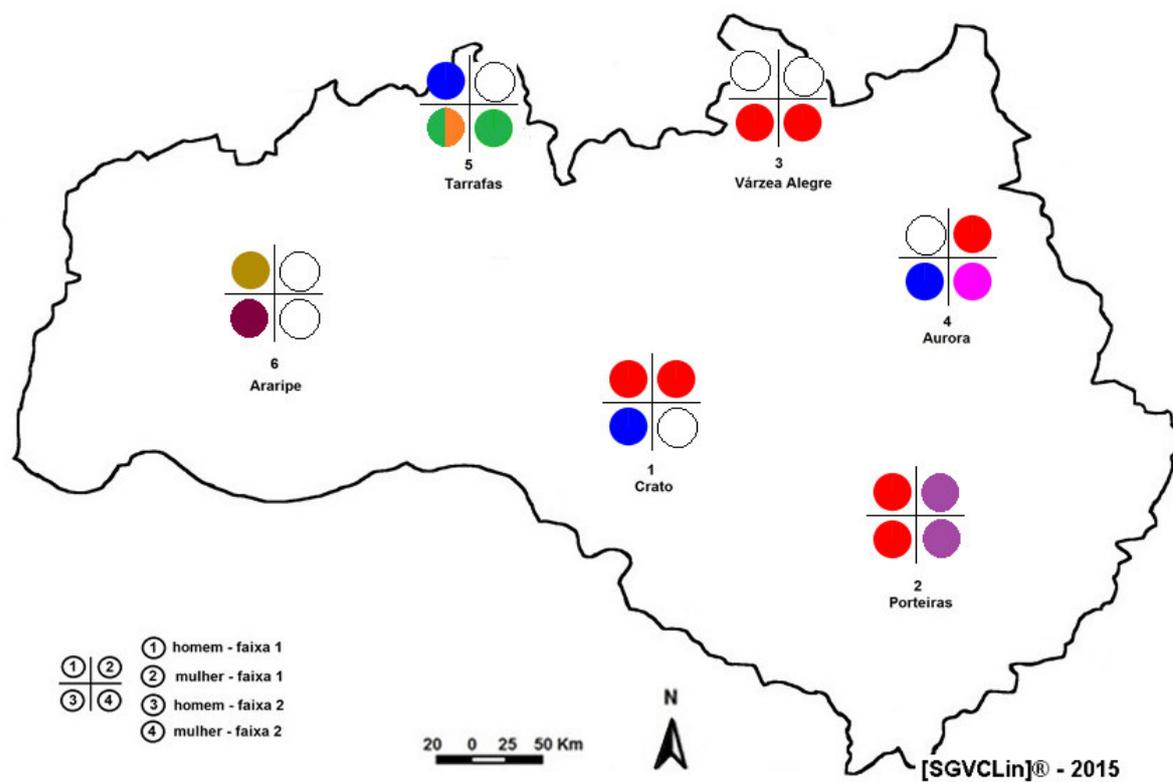




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

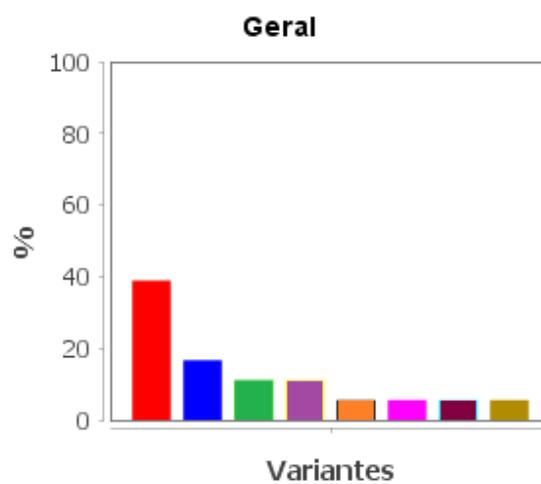
Carta nº 17
ENTARDECER

QSL 27 – E quando o sol se põe?



Variantes

- anoitecer
- entardecer
- por do sol
- noite
- noitecer
- ficar tarde
- ficando tarde
- escurecer
- sem resposta

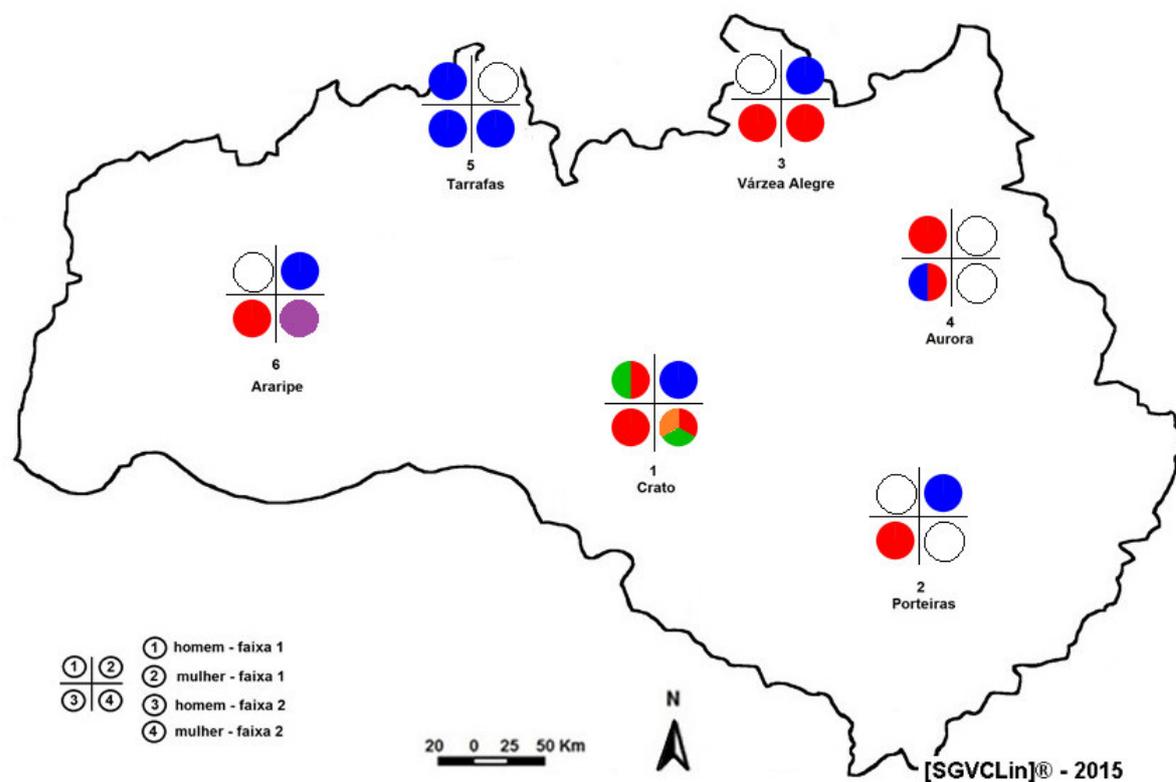




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

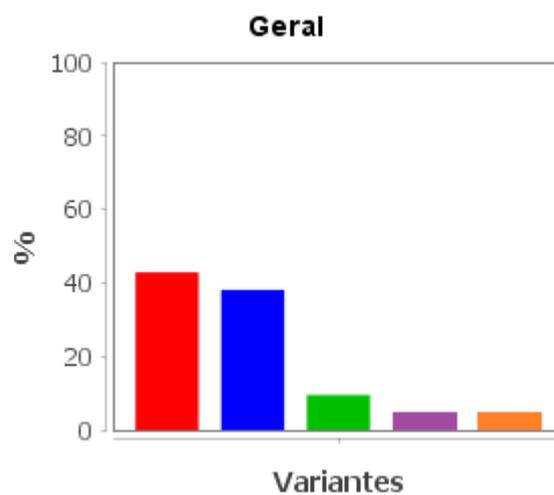
Carta nº 18
ANOITECER

QSL 28 – Como se chama o começo da noite?



Variantes

- boca da noite
- anoitecer
- tardezinha
- entardecer
- noitinha
- sem resposta

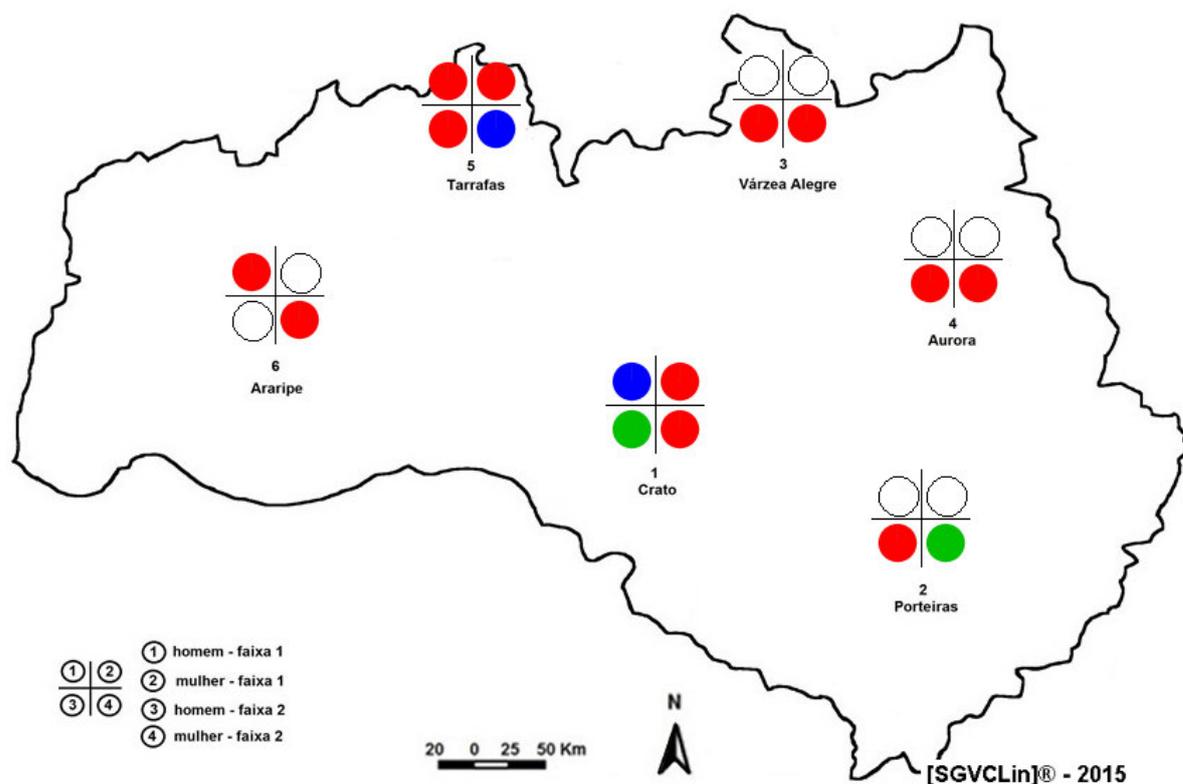




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

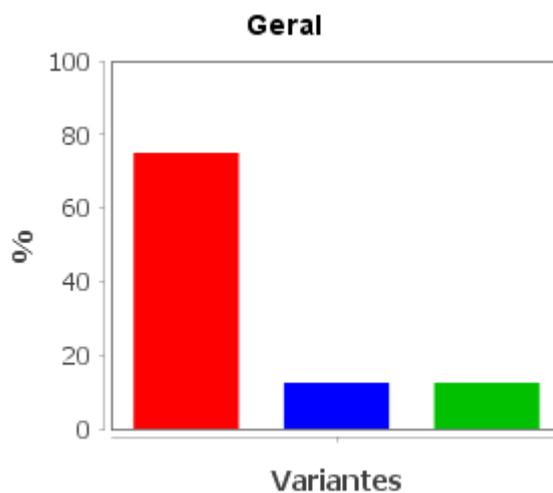
Carta n° 19
ESTRELA MATUTINA
VÊNUS
ESTRELA DA MANHÃ
ESTRELA D'ALVA

QSL 29 – De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam essa estrela?



Variantes

- estrela d'alva
- estrela dávila
- estrela-dávi
- sem resposta

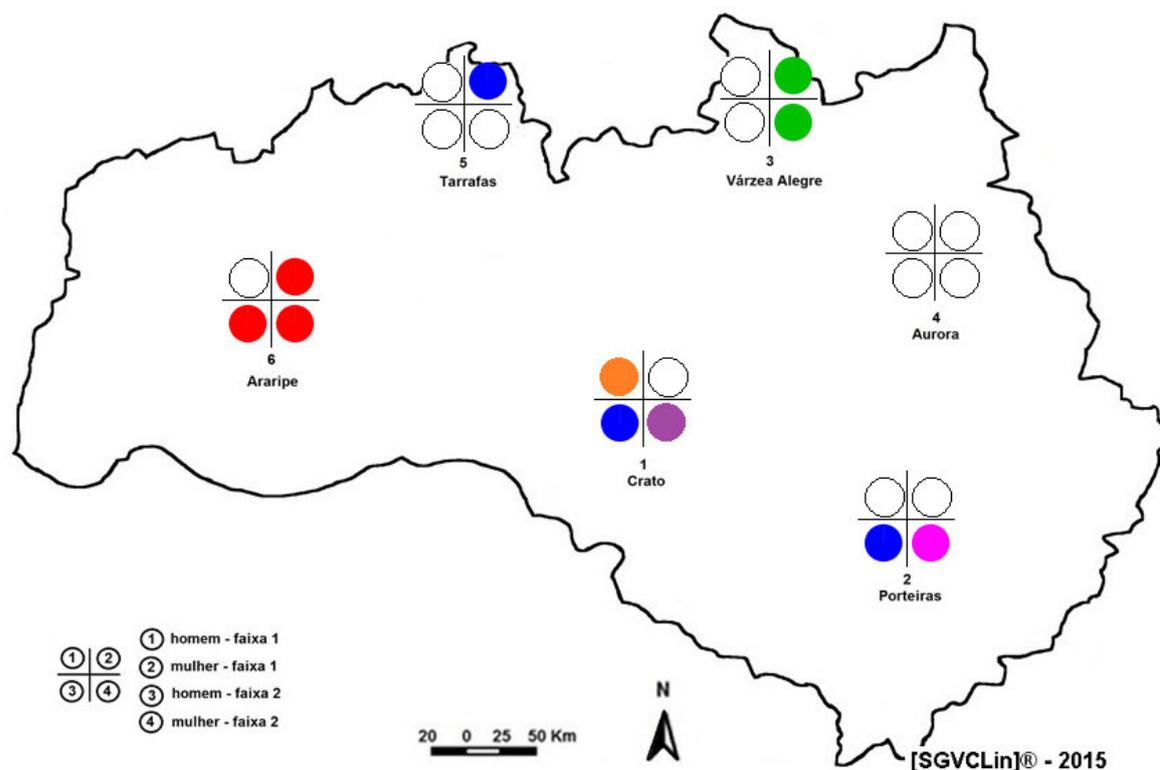




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

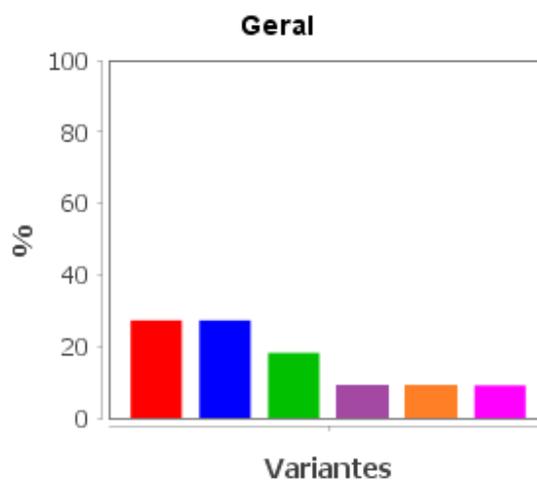
Carta n° 20
ESTRELA
VESPERTINA
VÊNUS / ESTRELA
DA TARDE

QSL 30 – De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?



Variantes

- estrela d'alva
- estrela-dávi
- estrela da tarde
- estrela guia
- estrela dávila
- dávi (estrela)
- sem resposta



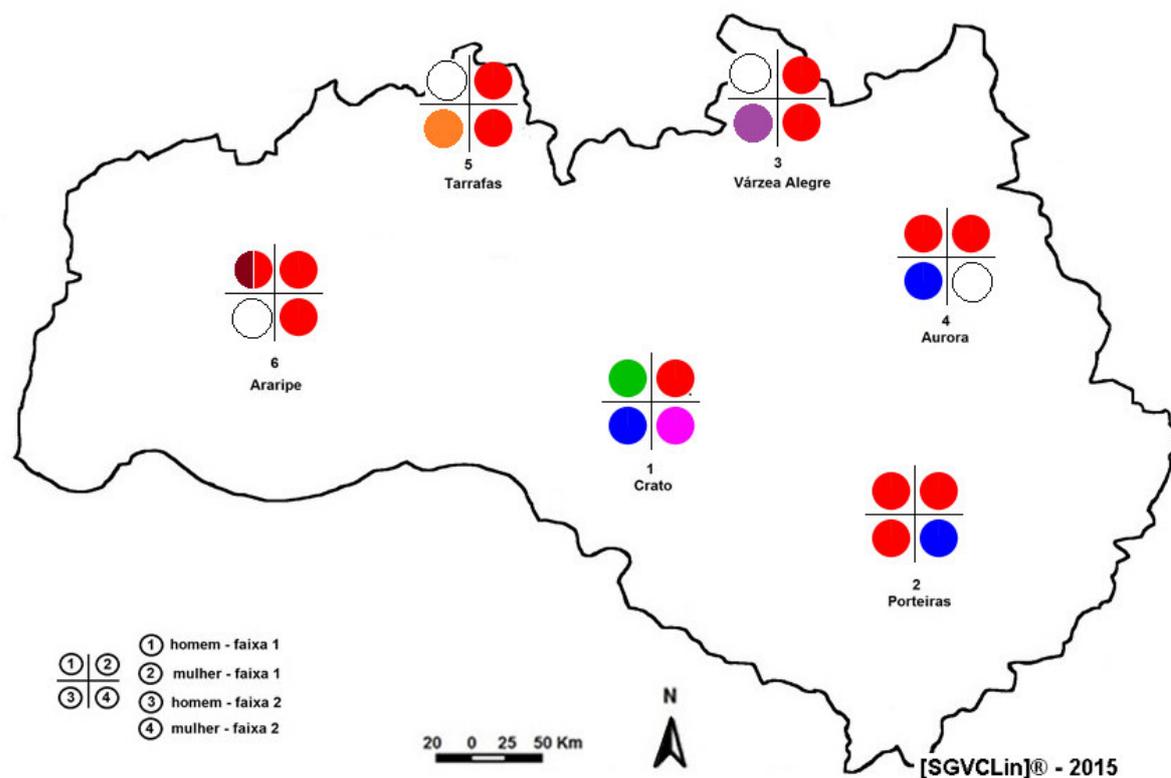


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense

Alicace

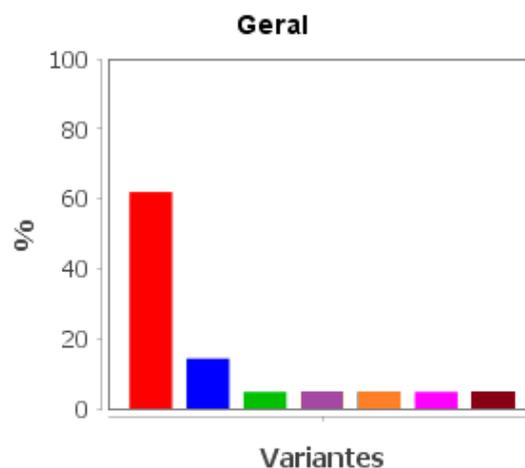
Carta nº 21
ESTRELA
CADENTE
ESTRELA FILANTE
METEORO
ZELAÇÃO

QSL 31 – De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (*mímica*) e faz um rico de luz. Como chamam isso?



Variantes

- estrela cadente
- planeta
- corpo celeste
- estrela corrente
- velação
- estrela guia
- meteoro
- sem resposta

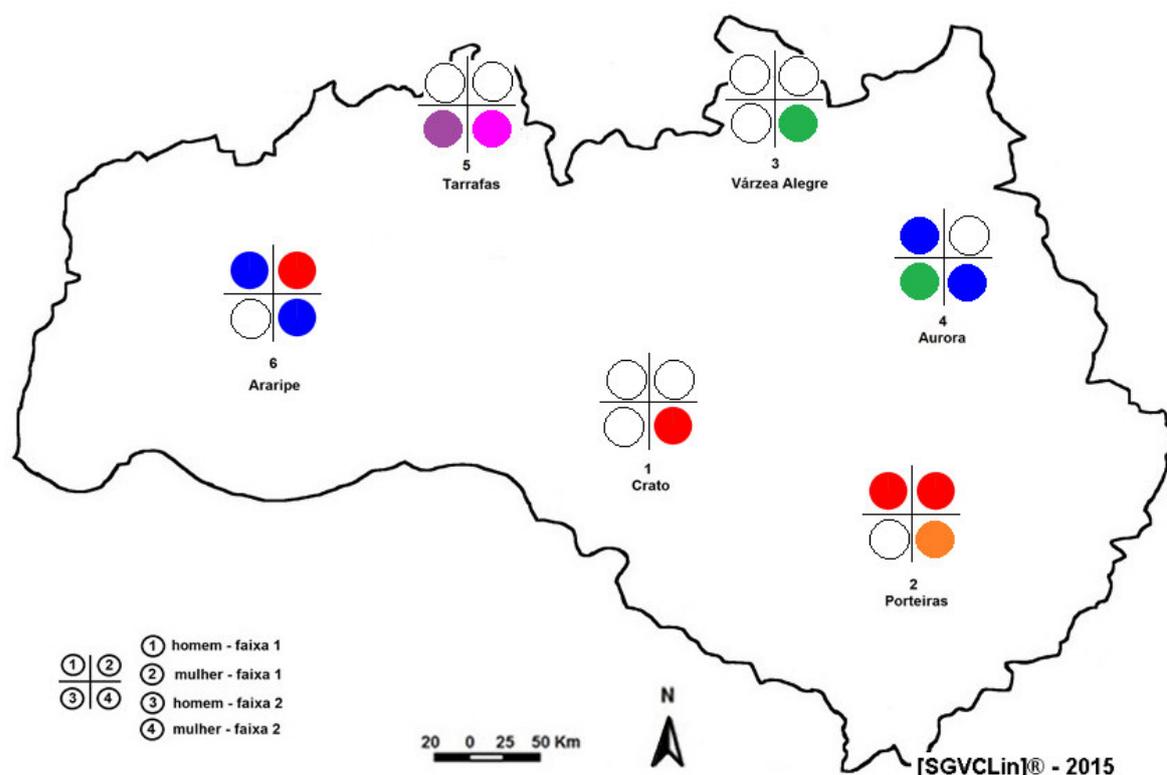




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 22
MUDAR
CORRER UMA
ESTRELA

QSL 32 – E quando se vê uma _____ (cf. item 31), como é que se diz?
IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA
ESTRELA CADENTE

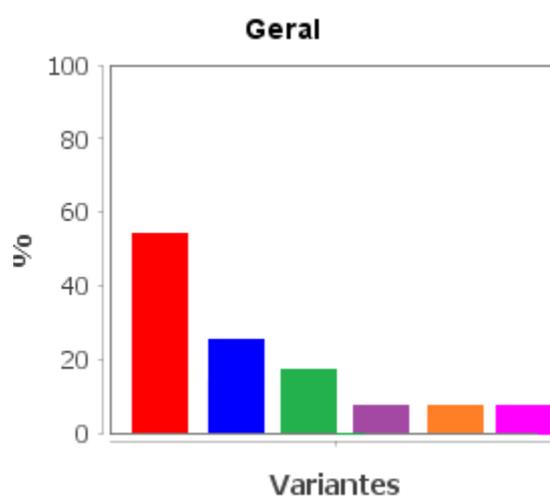


Variantes

- faz um pedido / faz pedido¹
- mudar / mudando / mudou²
- cair / caiu³
- estrela vai pro mar
- sair
- deus te guie
- sem resposta

Notas:

1. A forma “faz um pedido” foi registrada pelos informantes CRA4, POR1 e POR2; a forma “faz pedido” pelo informante ARA2.
2. A forma “mudar” foi registrada pelo informante AUR4; a forma “mudando” pelos informantes ARA1 e ARA4; a forma “mudou” pelo informante AUR1.
6. A forma “cair” pelo informante VAR4; a forma “caiu” pelo informante AUR3.

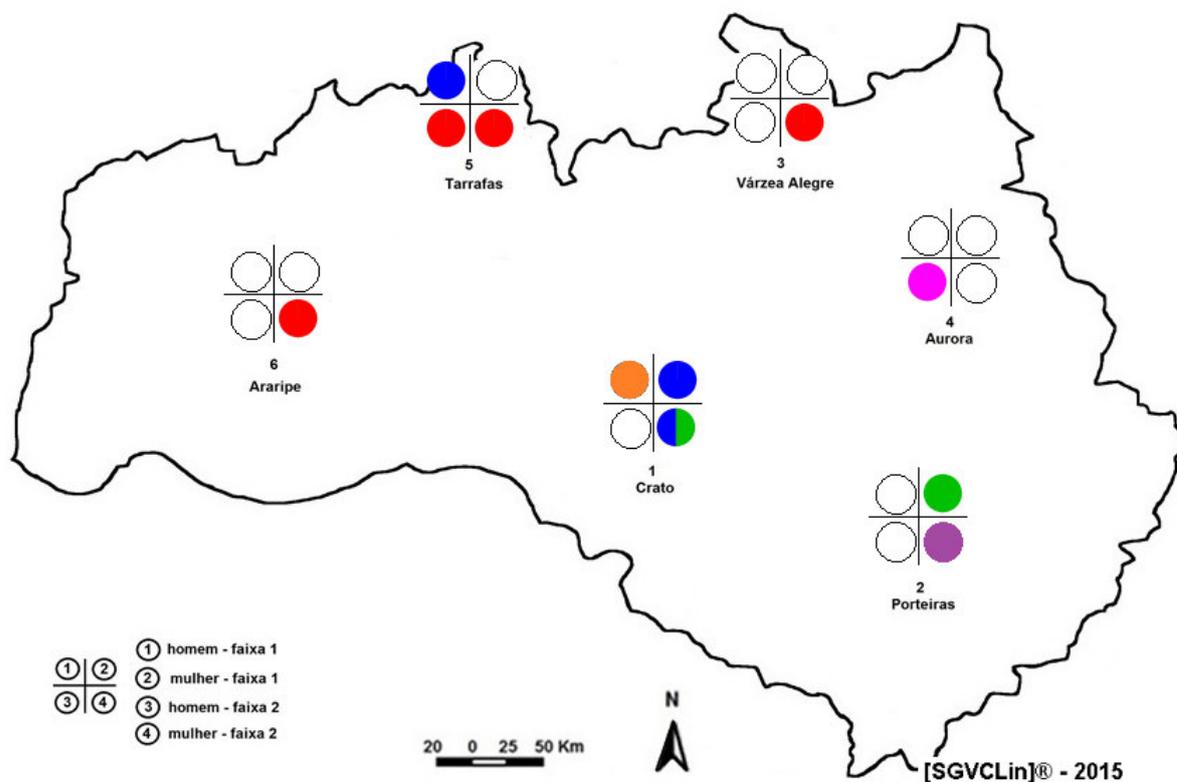




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

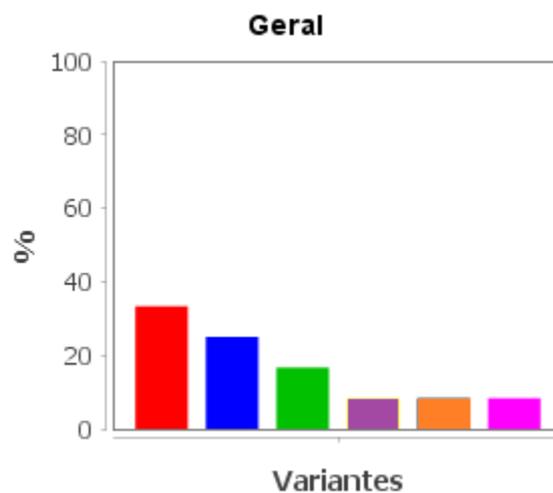
Carta n° 23
VIA LÁCTEA
CAMINHO DE
SANTIAGO

QSL 33 – Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto das outras. Como chamam esta banda ou faixa?



Variantes

- sete estrela
- constelação
- três marias
- via láctea
- caminho do céu
- planeta
- sem resposta

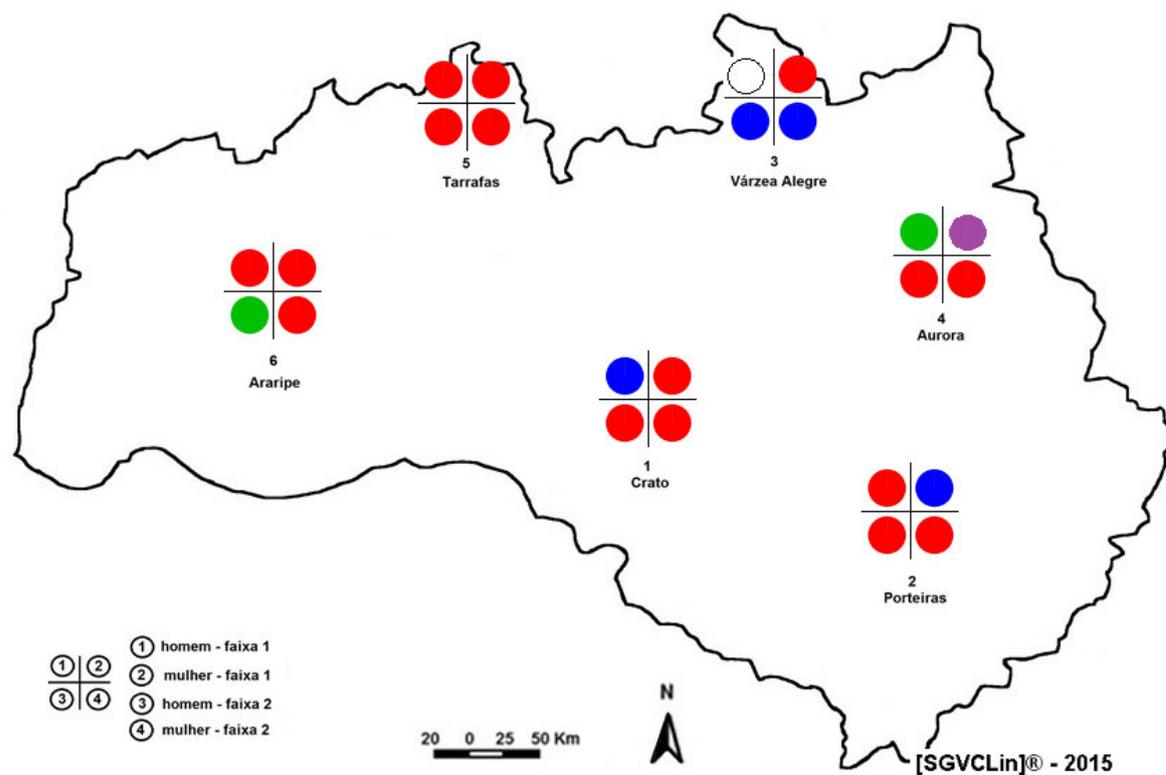




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

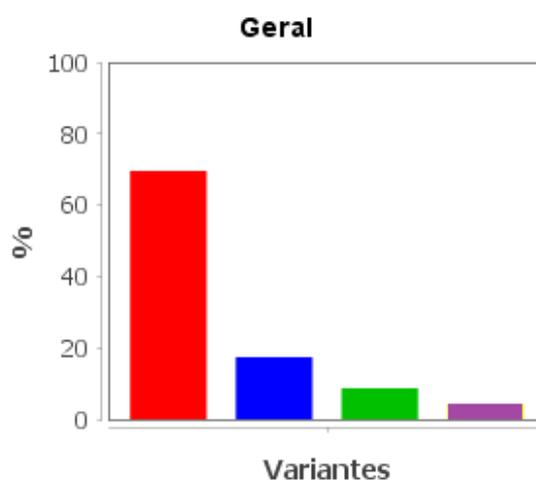
Carta nº 24
ANTEONTEM

QSL 37 – Como se chama o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]



Variantes

- antes de ontem
- anteontem
- ontonte
- antontem
- sem resposta

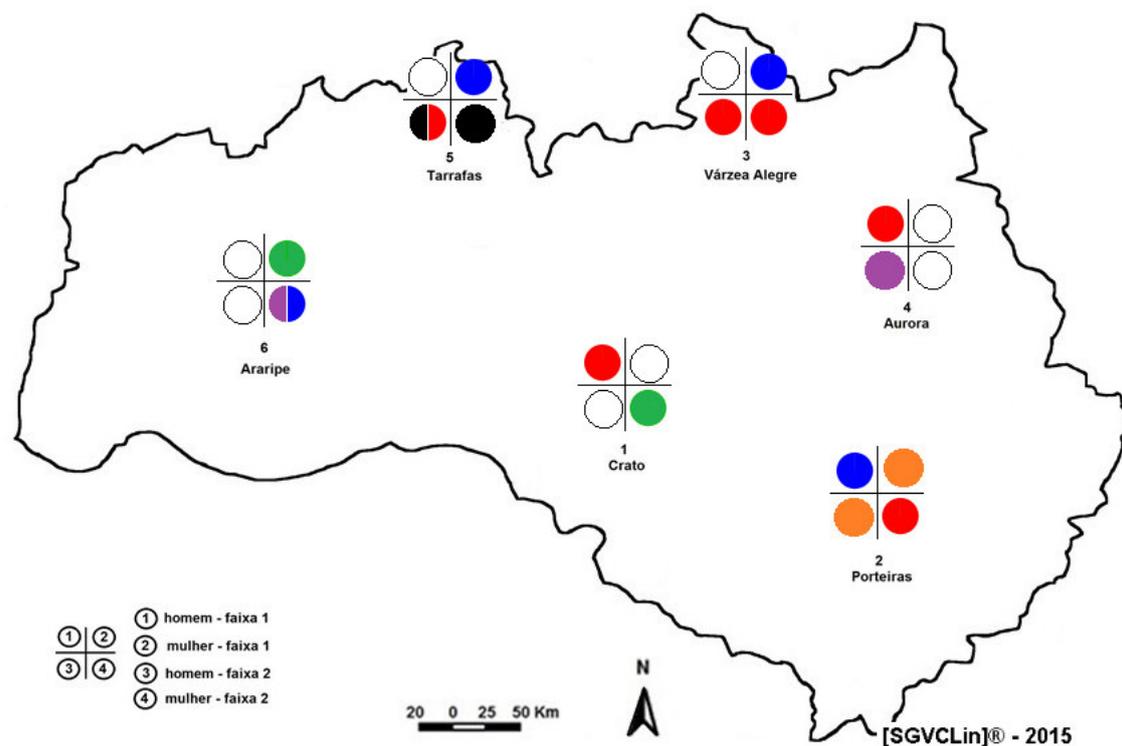




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta n° 25
TRANSANTEONTEM

QSL 38 – Como se chama o dia que foi antes de ____ (cf. item 37)? [E mais um dia para trás?]

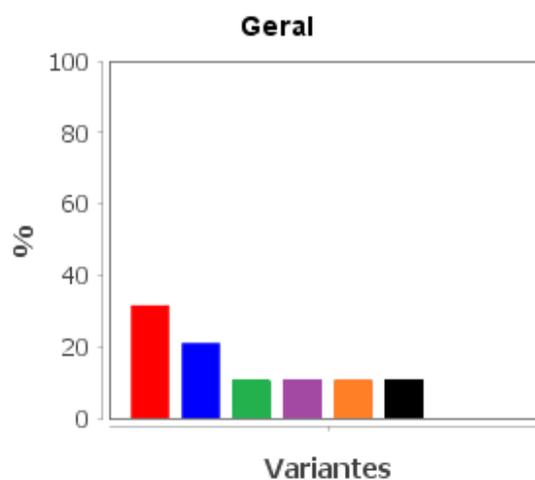


Variantes

- ternantontem
- antes de ontontem
- antes de antes de ontem
- ternontontem
- ternontonte
- outras formas
- sem resposta

Nota:

1. Foram registradas as seguintes formas: a) “ontonte” pelo informante TAR1 (1ª resp.); b) “anteontem” pelo informante TAR4.

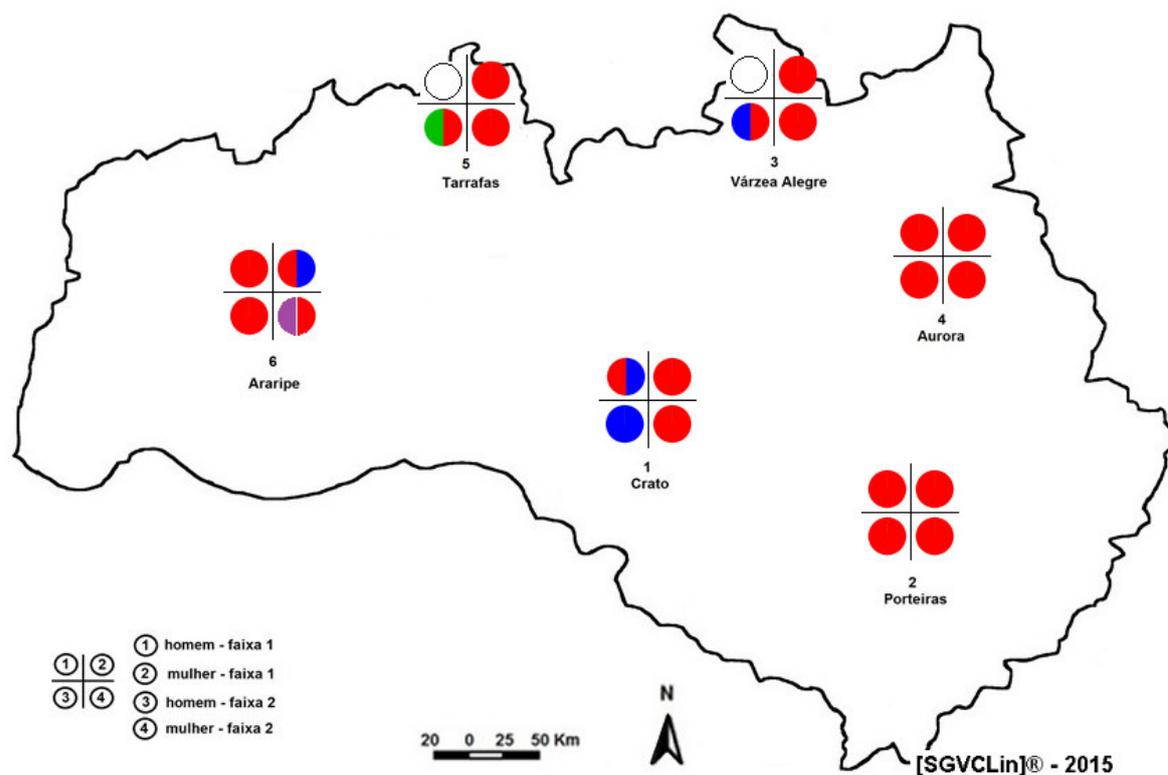




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

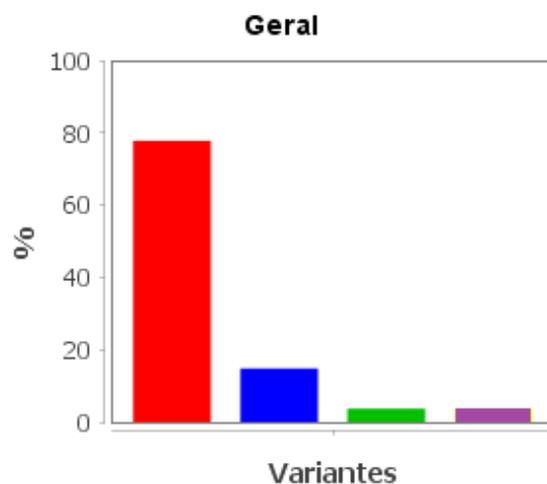
Carta nº 26
TANGERINA
MEXERICA

QSL 39 – Como se chama as frutas menores que a laranja que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?
PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGACÕES CITADAS PELO INFORMANTE



Variantes

- tangerina
- mexerica
- tanja
- pocã
- sem resposta

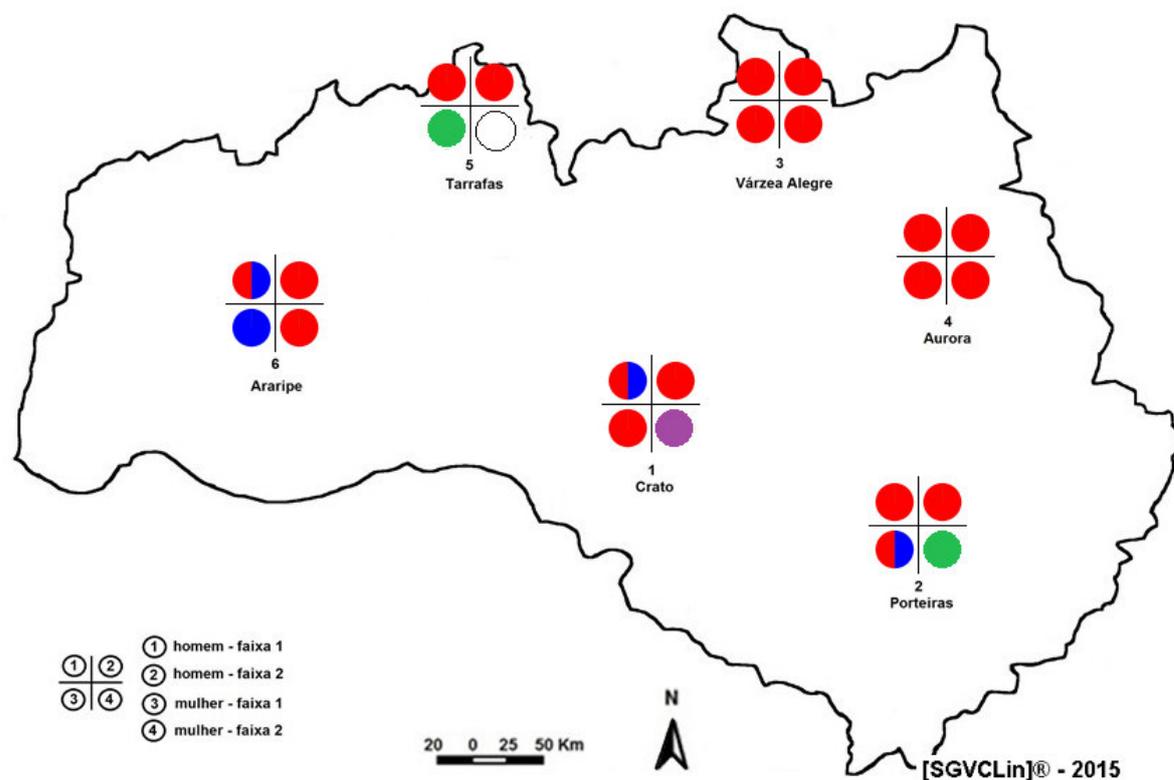




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

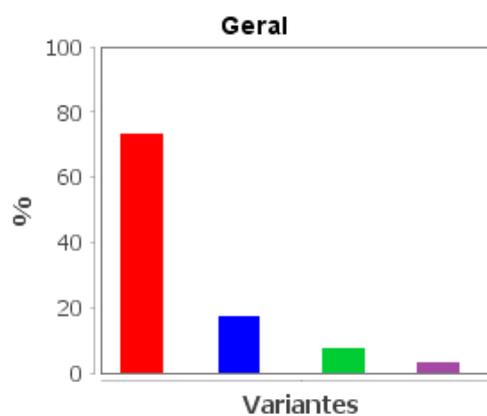
Carta n° 27
AMENDOIM

QSL 40 – Como se chama o grão coberto por uma casquinha dura, que se come cozido, assado, cozido, torrado ou moído?



Variantes

- amendoim
- mudubim
- menduim
- ameduim

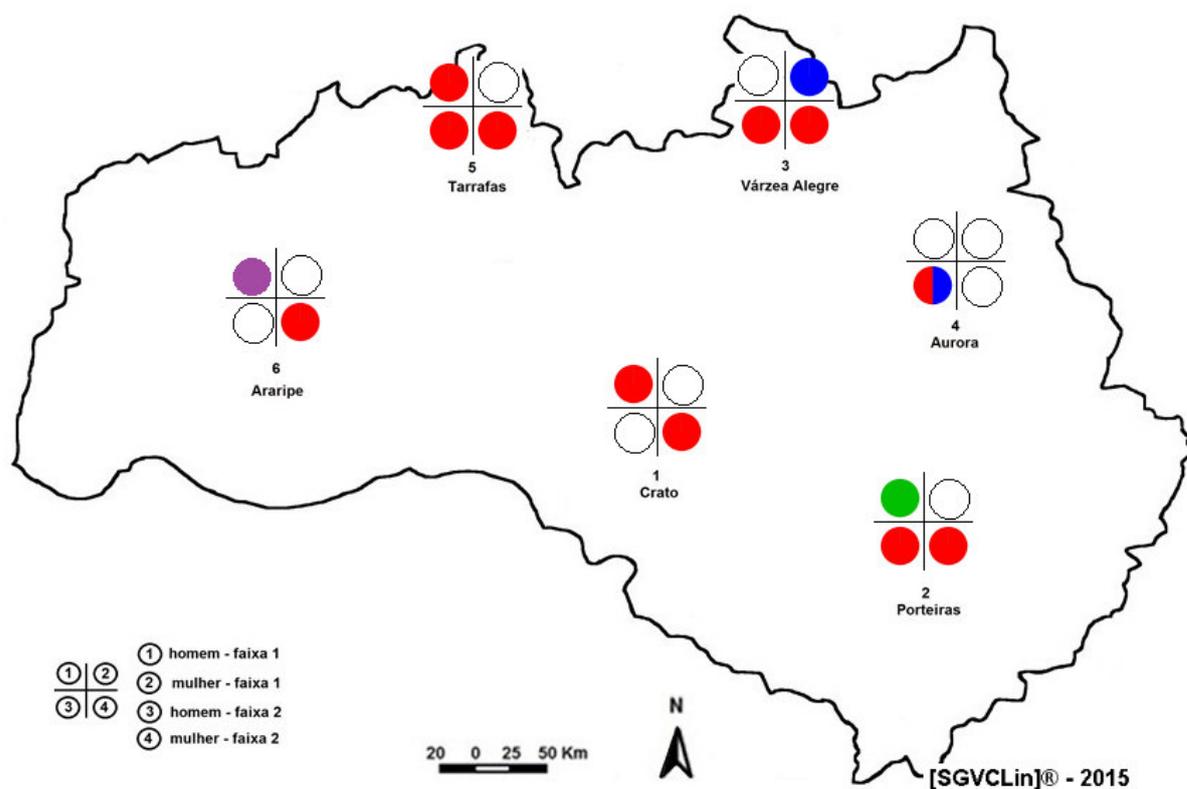




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

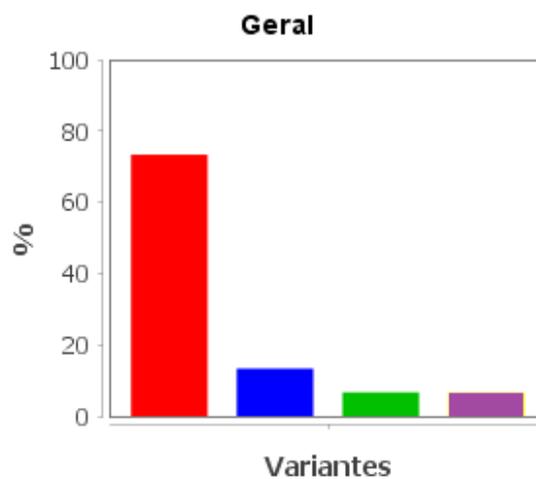
Carta n° 28
PARTE TERMINAL
DA INFLORESCÊNCIA
DA BANANEIRA
UMBIGO
CORÇÃO

QSL 44 – Como se chama a ponta rosa no cacho da bananeira



Variantes

- mangará
- flor de banana
- camaleão
- olho
- sem resposta

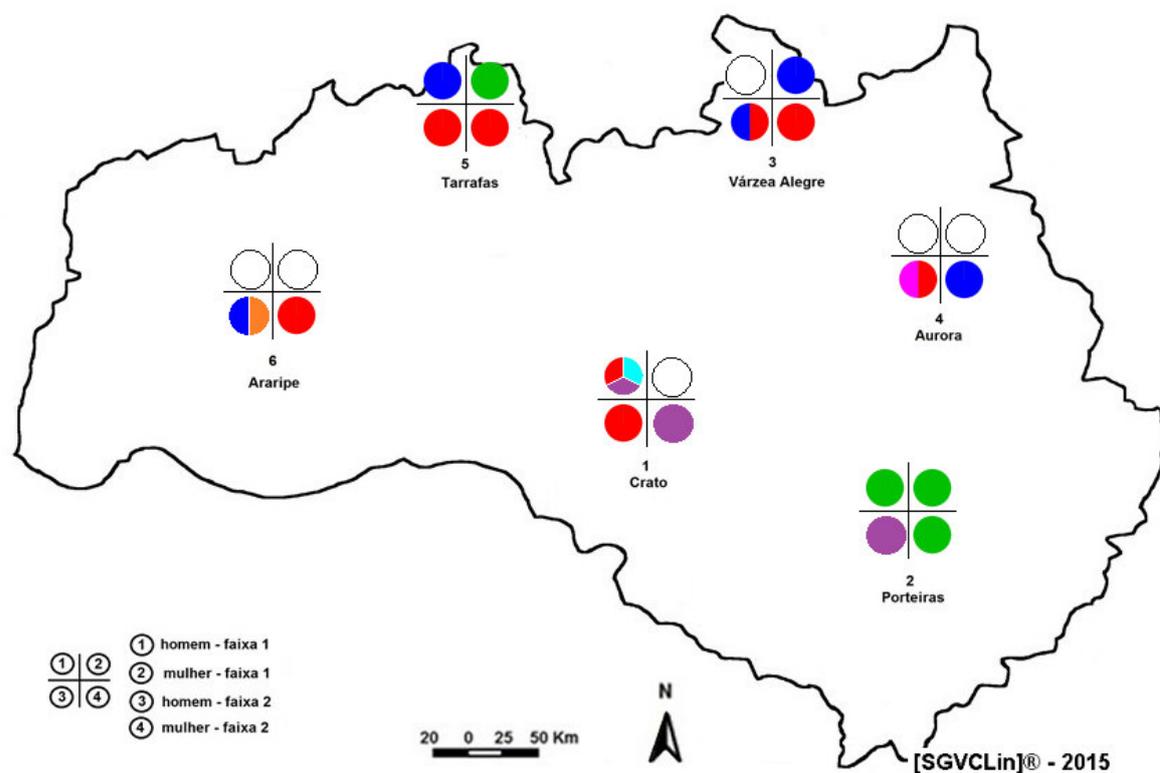




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

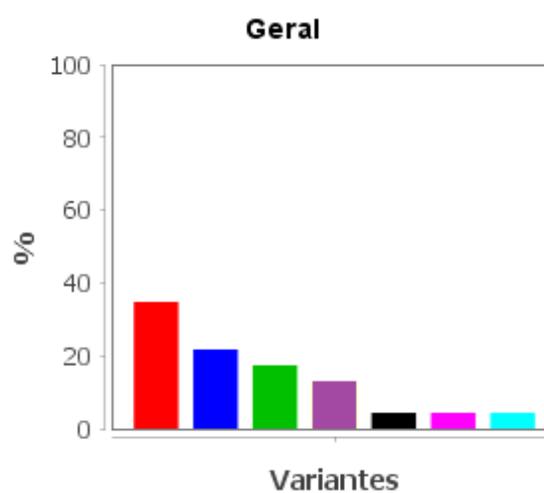
Carta nº 29
SOCA
TOUCEIRA

QSL 47 – Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. ?



Variantes

- soca
- tronco
- raiz
- broto
- sepa
- palha
- renovo
- sem resposta

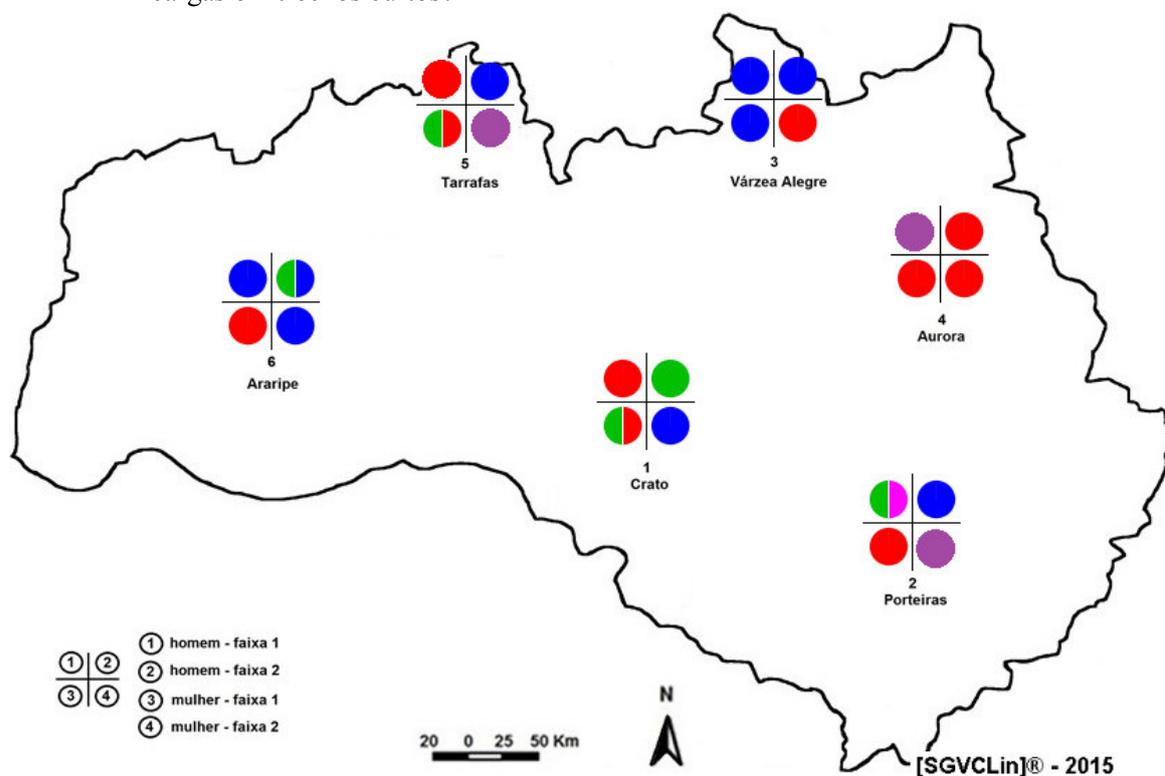




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

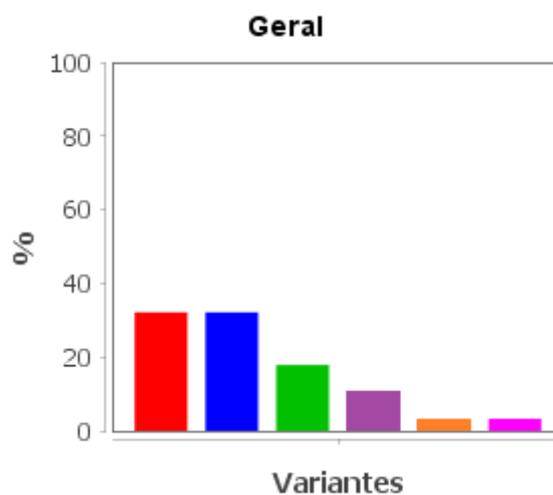
Carta nº 30
CARRINHO DE
MÃO
CARRIOLA

QSL 52 – Como se chama um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?



Variantes

- carro de mão
- carrim de mão
- carroça
- carrinho de mão
- carrim
- carroça de mão

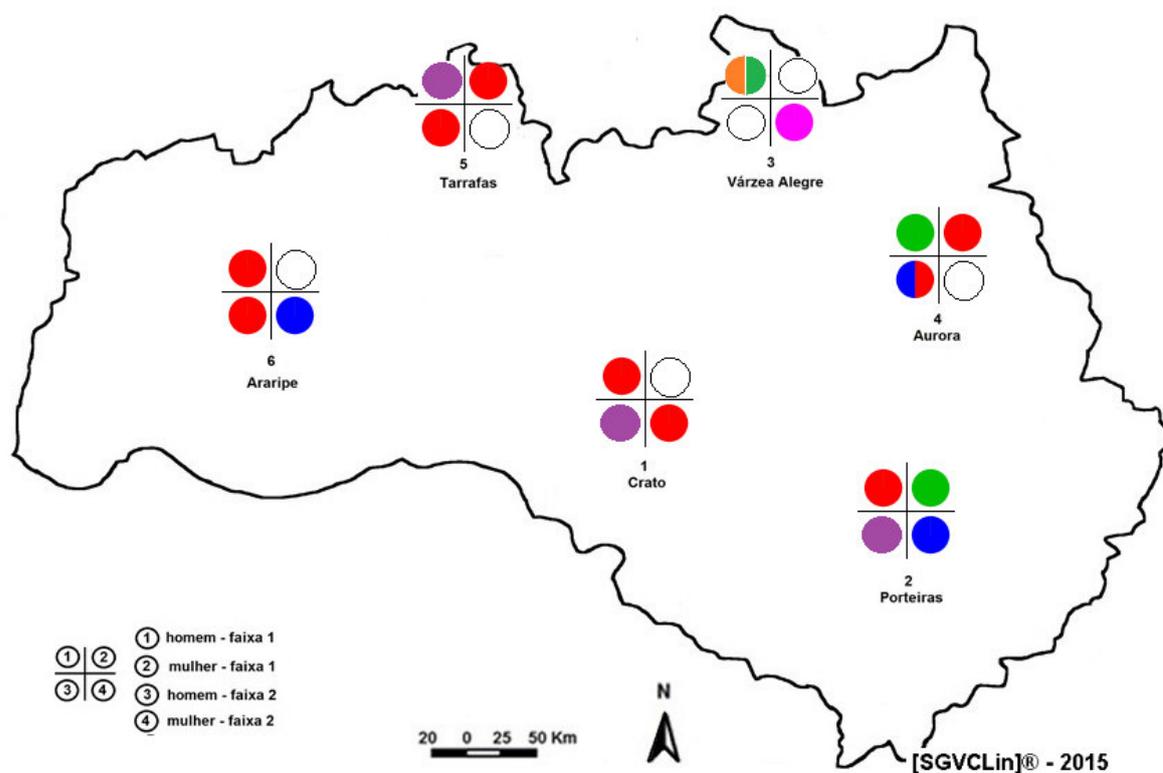




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

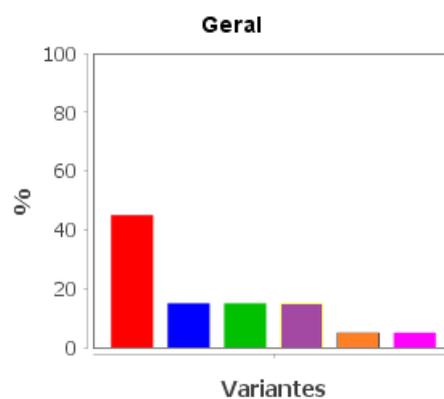
Carta nº 31
HASTE DO
CARRINHO DE
MÃO

QSL 53 – Como se chama as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o(a) _____ (cf. item 52)?



Variantes

- braço
- cabo
- ferro
- mão
- mão de fero
- pegador
- sem resposta

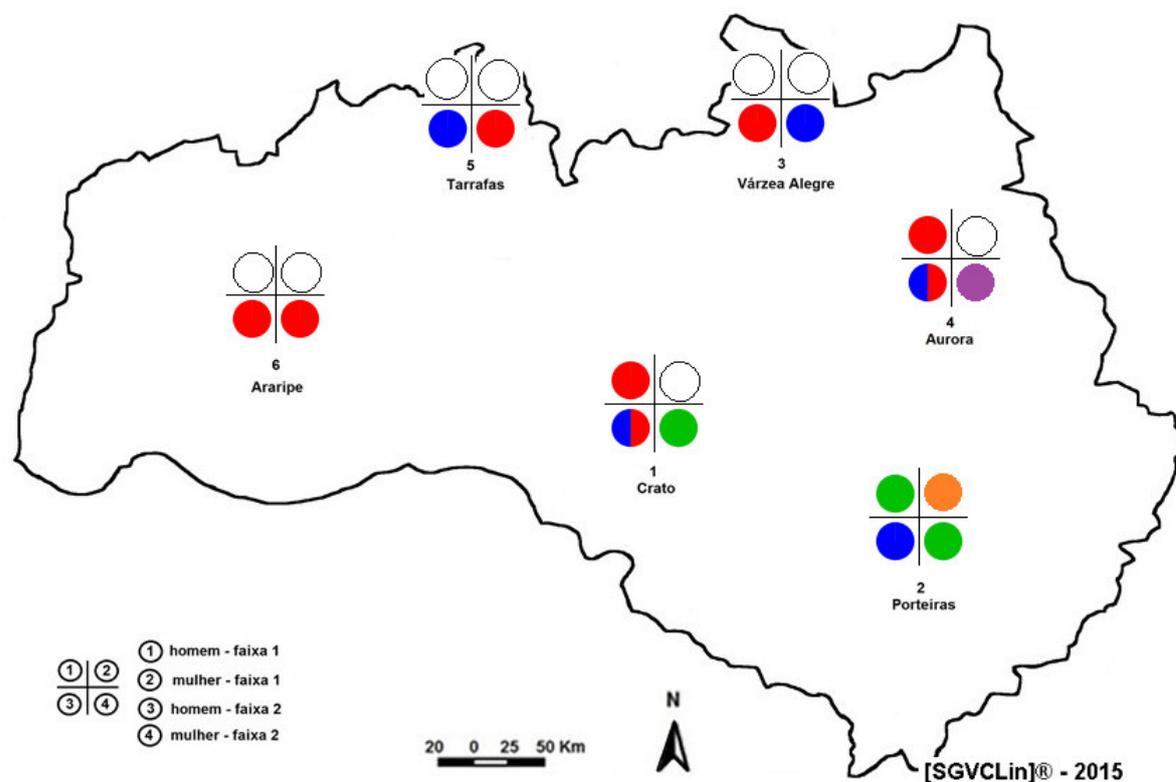




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

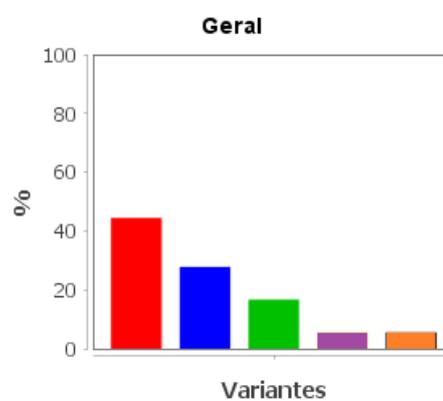
Carta nº 32
CANGALHA
FORQUILHA

QSL 54 – Como se chama a armação de madeira que se coloca no pescoço do (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca?



Variantes

- cambão
- canga
- cambito
- trave
- gancho
- sem resposta

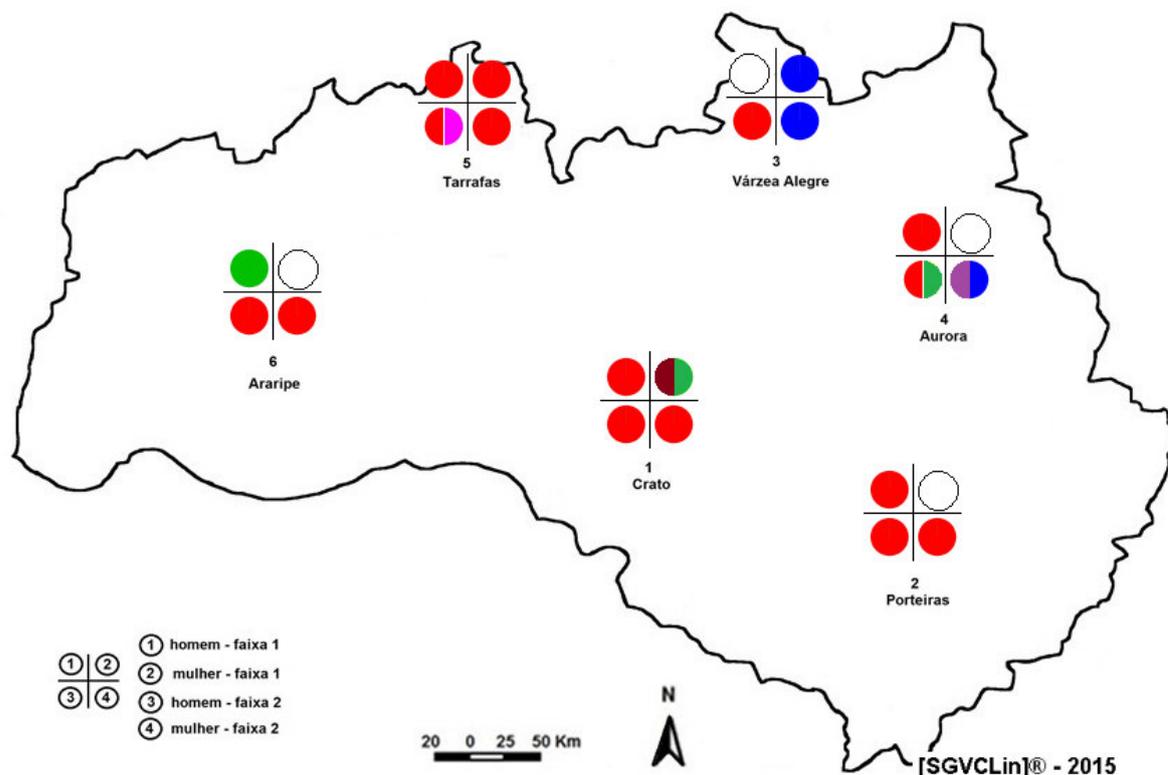




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

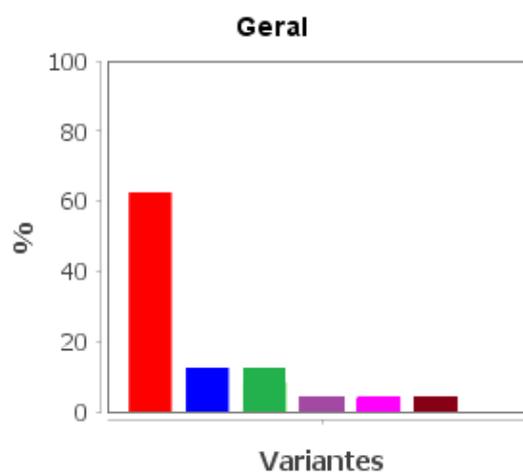
Carta nº 33
JACÁ
BALAIO

QSL 57 – Como se chama aquele objeto de vime, de taquara, de cipó trançado, para levar batatas, (mandioca, macaxeira, aipim, etc.) no lombo do cavalo ou do burro?



Variantes

- caçua
- cesta
- balaio¹
- bolsa
- jacá
- cesto
- sem resposta



Nota:

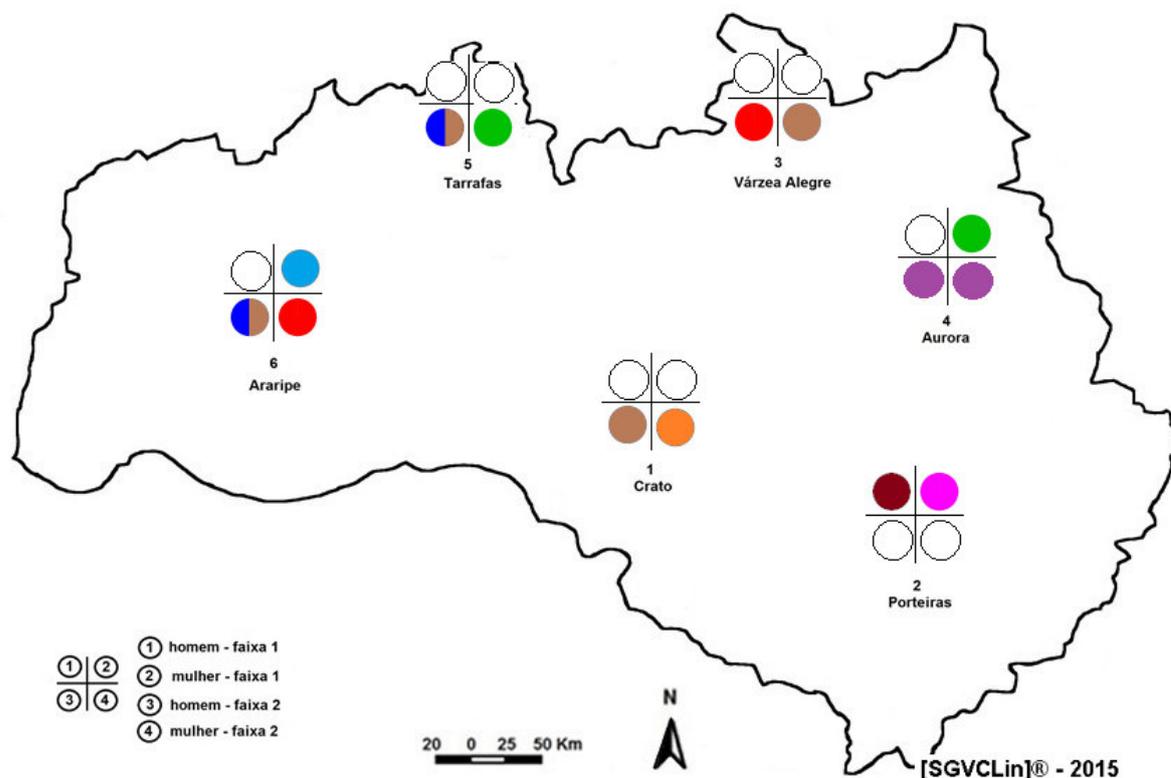
1. Foi registrada a variante ['balaj] pelos informantes CRA2 e ARA1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta n° 34
BOLSA
BRUACA

QSL 58 – E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?

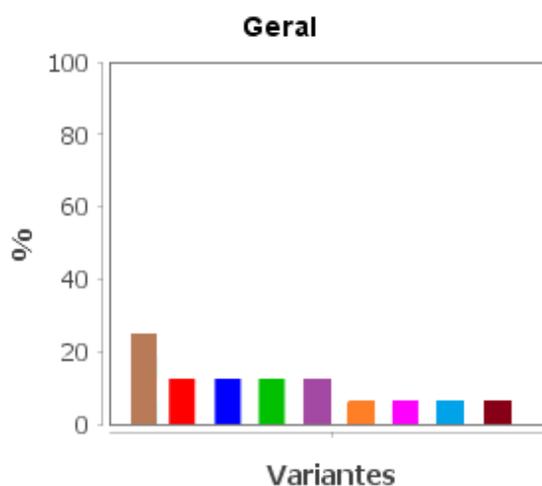


Variantes

- alforge¹
- mala de couro
- surrão
- mala
- bolsa
- gamela
- cesto
- caçua
- borná
- sem resposta

Nota:

1. Foram registradas as seguintes variantes fonéticas: CRA3 [aj¹fõɣɪ]; VAR4 [[aw¹fõɣɪ]; TAR [aw¹fõɣɪ]; ARA3 [a¹fõɣɪ];

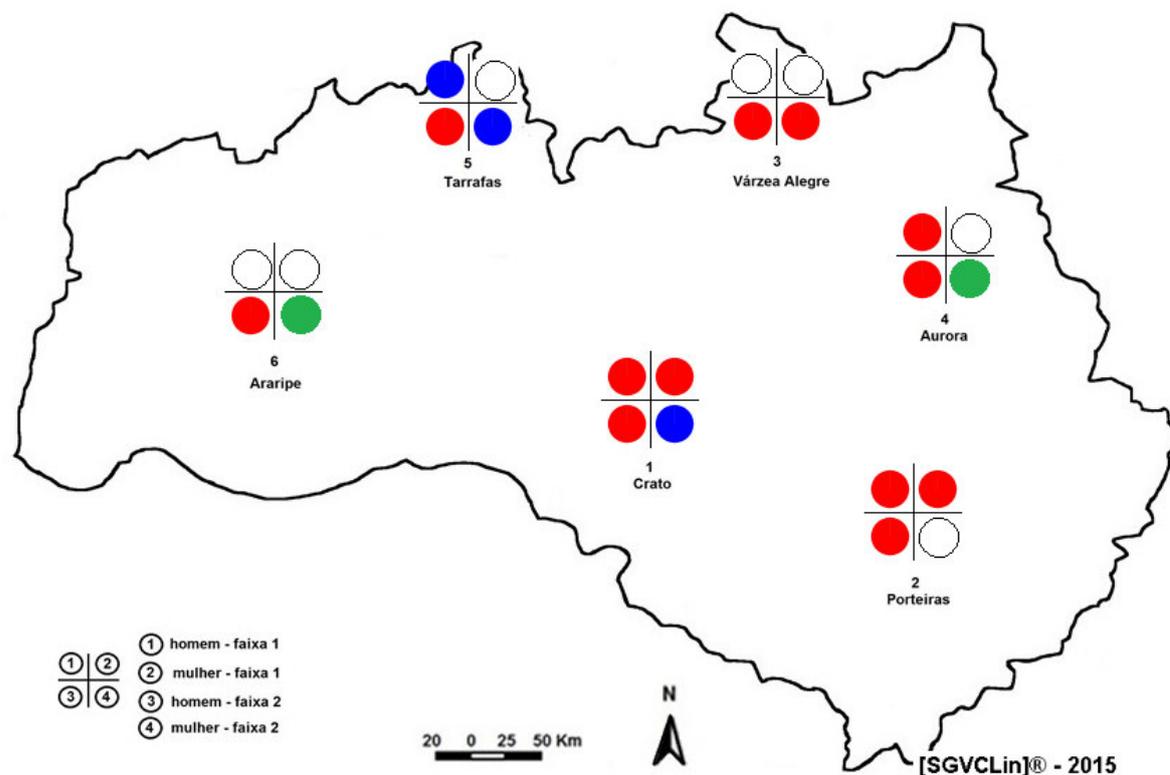




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

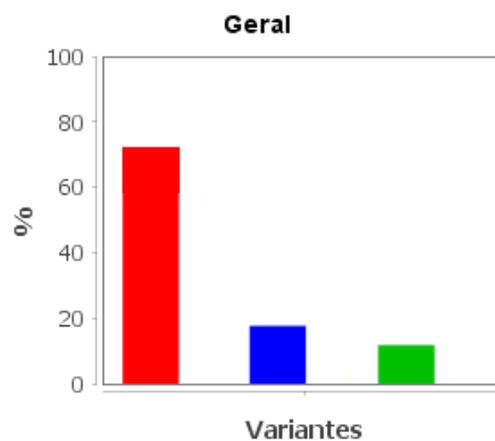
Carta n° 35
BORREGO

QSL 59 – Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? e até que idade se dá esse nome?



Variantes

- borrego¹
- carneirinho
- borreguinho²
- sem resposta



Notas:

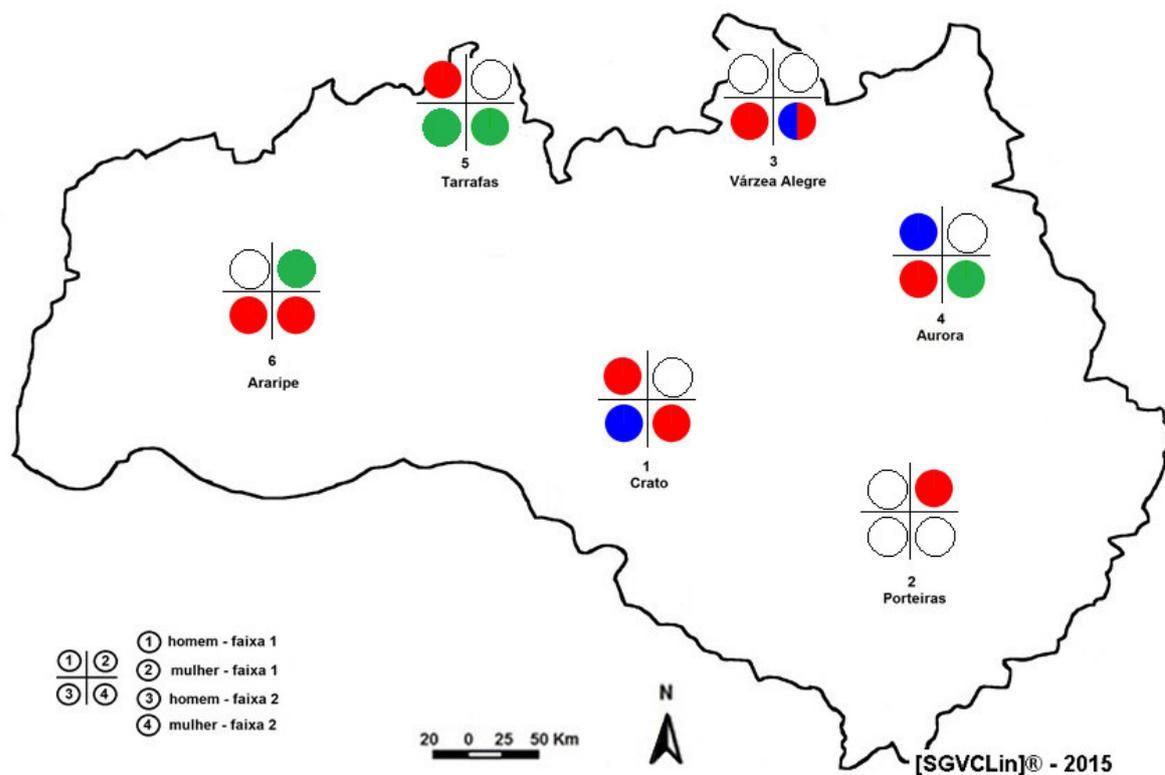
1. Foi registrada a variante [bu'hegu] pelos informantes CRA3; POR1, POR2, POR3; AUR1, AUR3; VAR3, VAR4; TAR3; ARA3.
2. Foram registradas as seguintes variantes fonéticas: [buhe'gĩũ] pelo informante AUR4 e [buhe'gĩ] pelo informante ARA4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

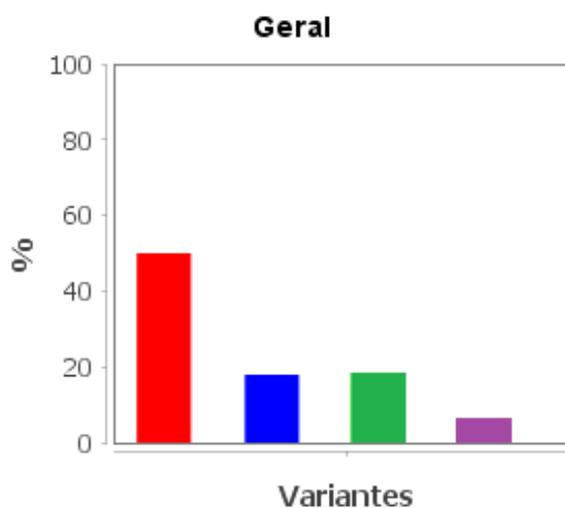
Carta n° 36
PERDA DA CRIA

QSL 60 – Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?



Variantes

- perdeu a cria / perder a cria
- abortou
- o bezerro morreu
- botou no mato
- sem resposta

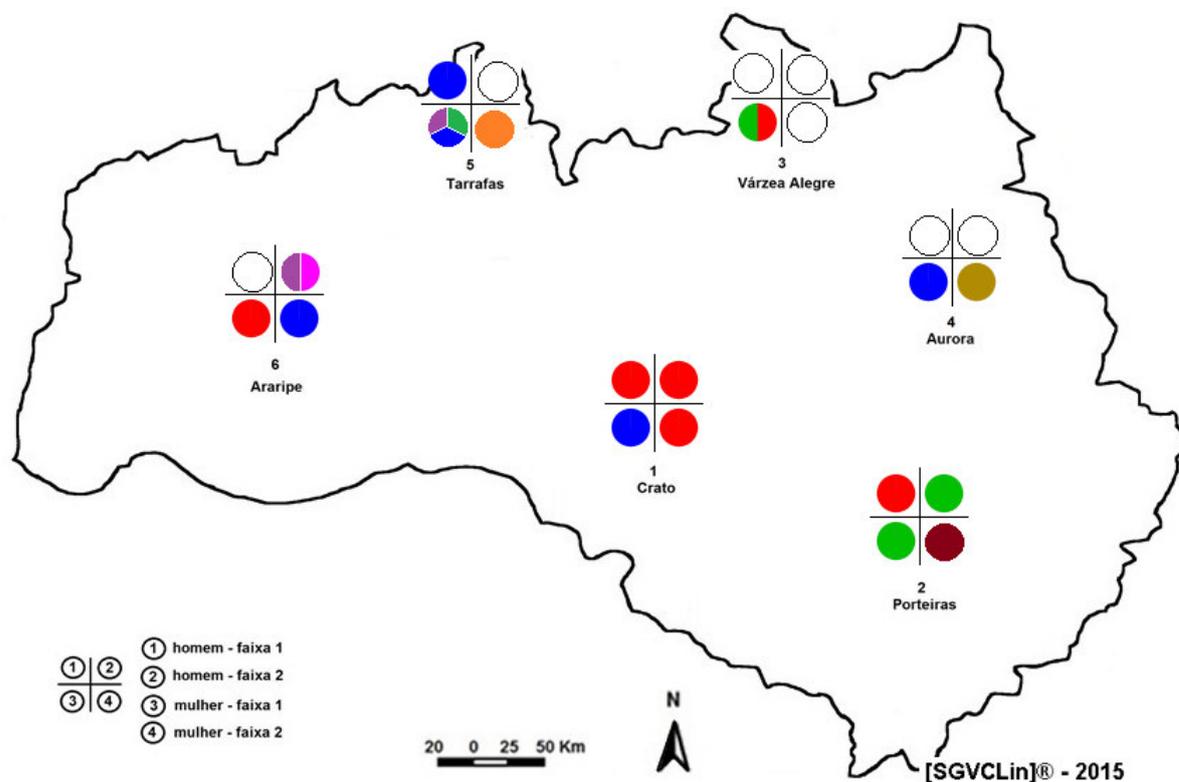




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

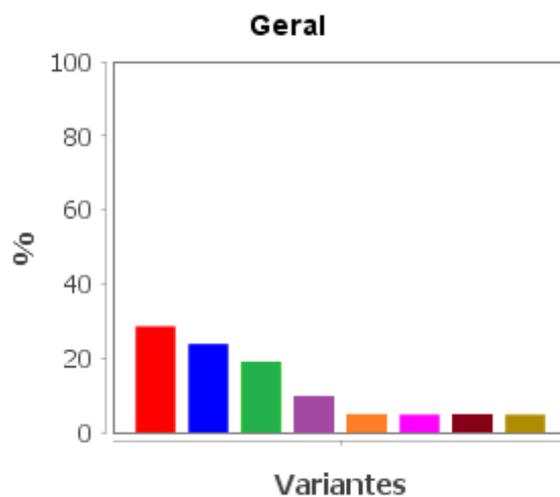
Carta nº 37 TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

QSL 61 – Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro e recebe por dia de trabalho?



Variantes

- diarista
- trabalhador alugado
- trabalhador
- agricultor
- trabalhador rural
- empregado
- aluguel
- trabalhador de roça
- sem resposta



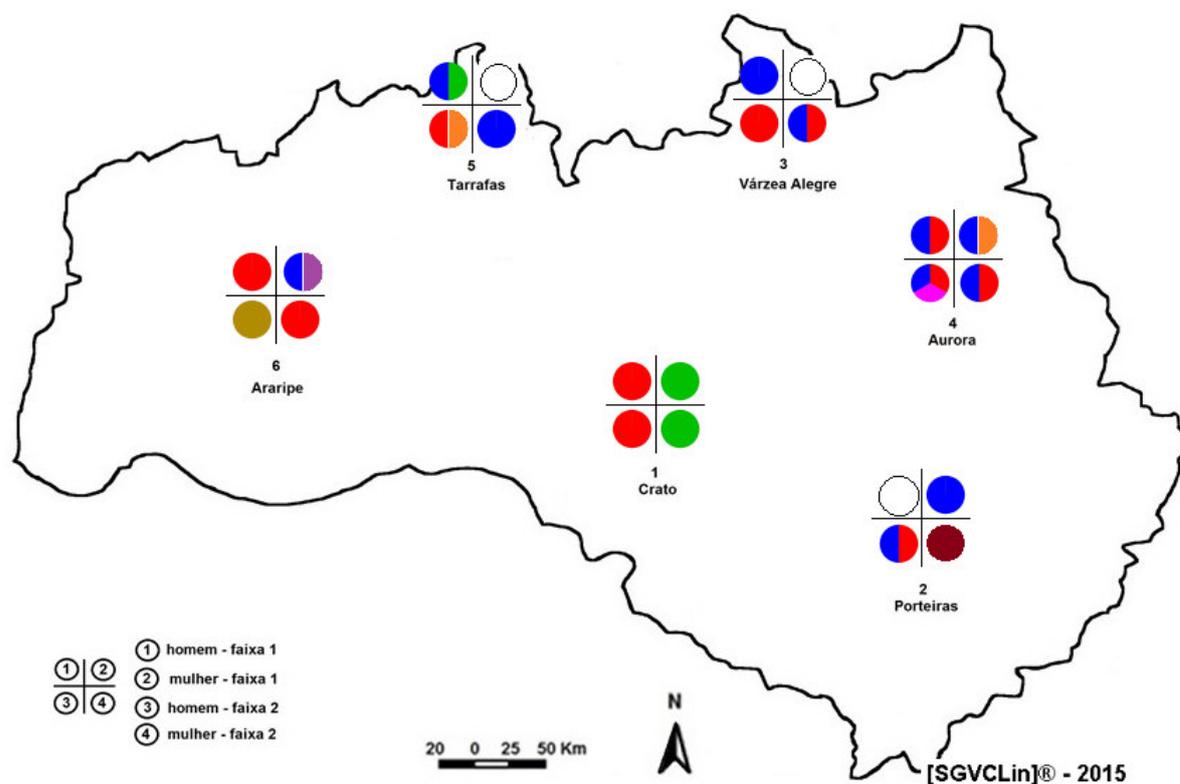


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense

Alicace

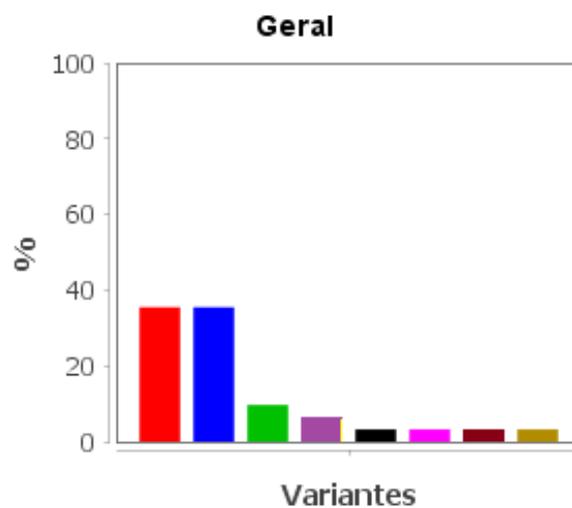
Carta nº 38
PICADA
ATALHO
ESTREITO

QSL 62 – O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?



Variantes

- vareda
- caminho
- trilha
- rastro
- pico
- parelha
- vazante
- picada
- sem resposta

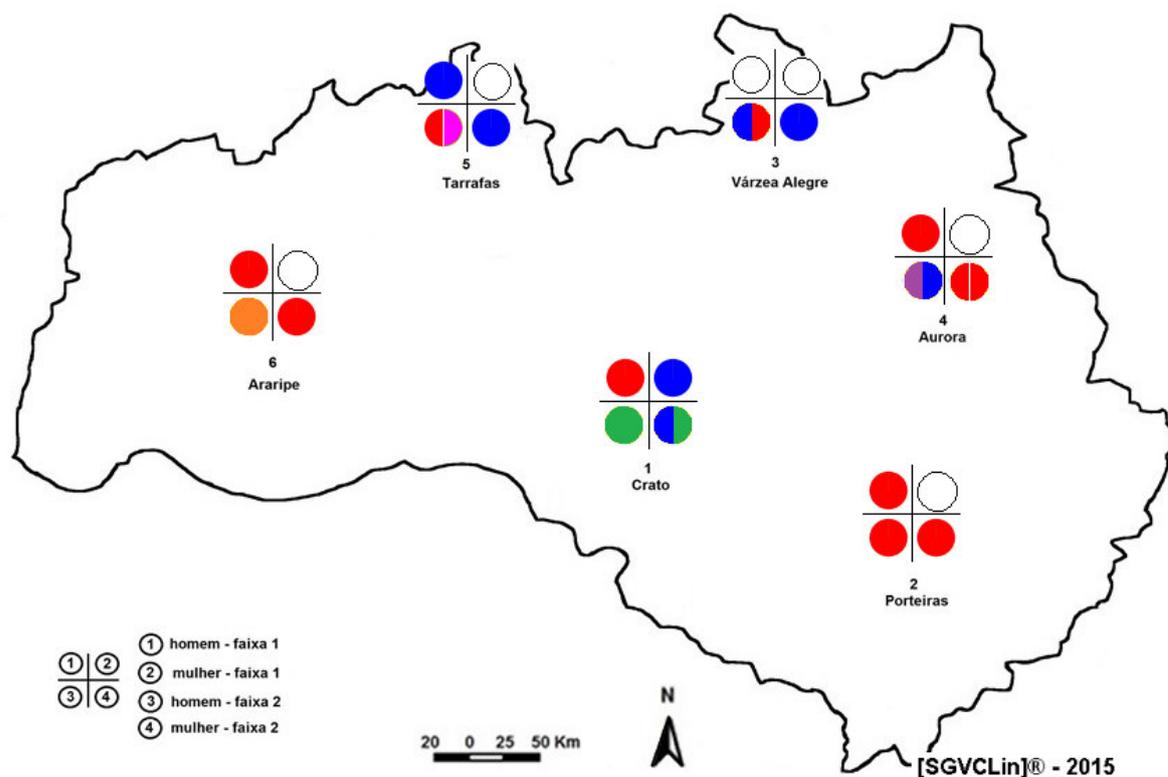




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

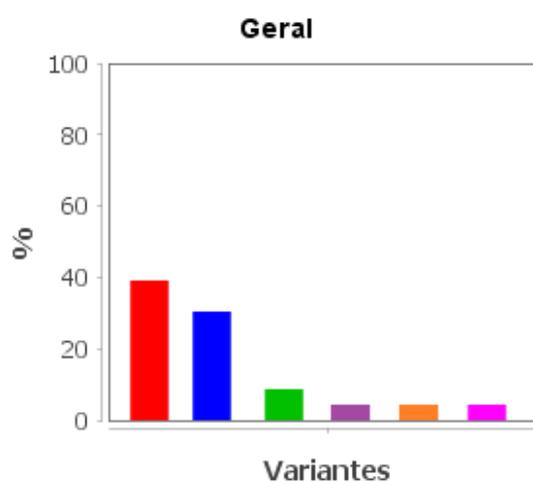
Carta n° 39
TRILHO
CAMINHO
VEREDA
TRILHA

QSL 63 – Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?



Variantes

- vareda¹
- caminho
- trilha²
- estrada
- escavado
- pico
- sem resposta



Nota:

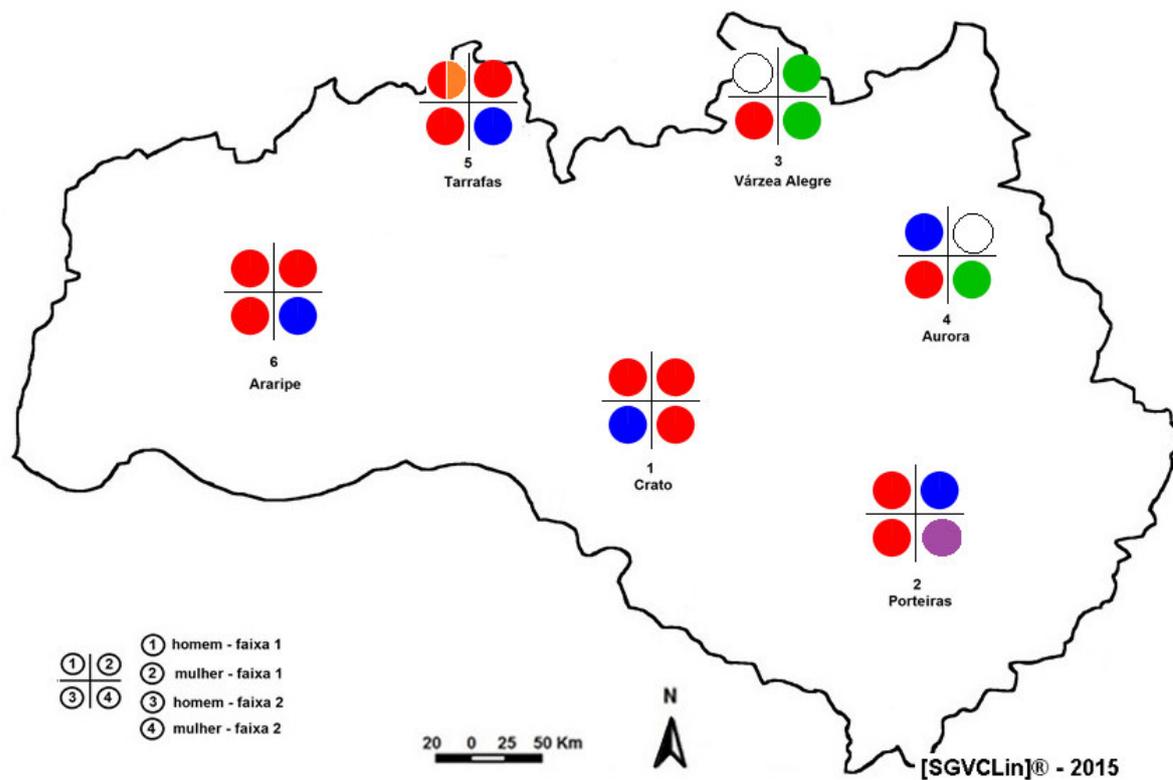
1. Foi registrada a forma “varedinha” pelos informantes AUR4 (1ª resp.) e VAR3 (2ª resp.).
2. Foi registrada a forma “trilhazinha” pelo informante CRA4 (2ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

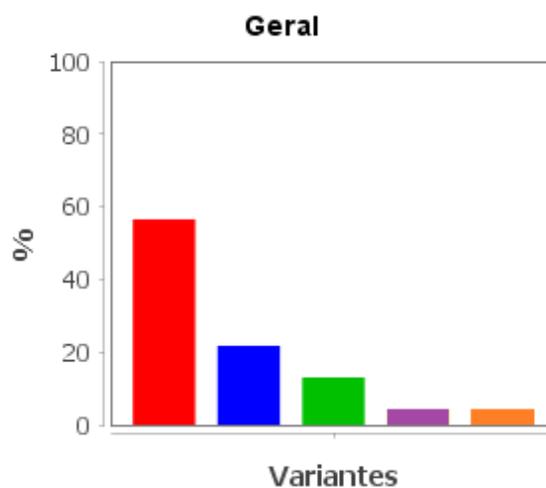
Carta nº 40
JOÃO-DE-BARRO

QSL 66 – Como se chama a ave que faz a sua casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?



Variantes

- joão-de-barro
- joana-de-barro
- maria-de-barro
- jana-gaia
- rouxinol
- sem resposta

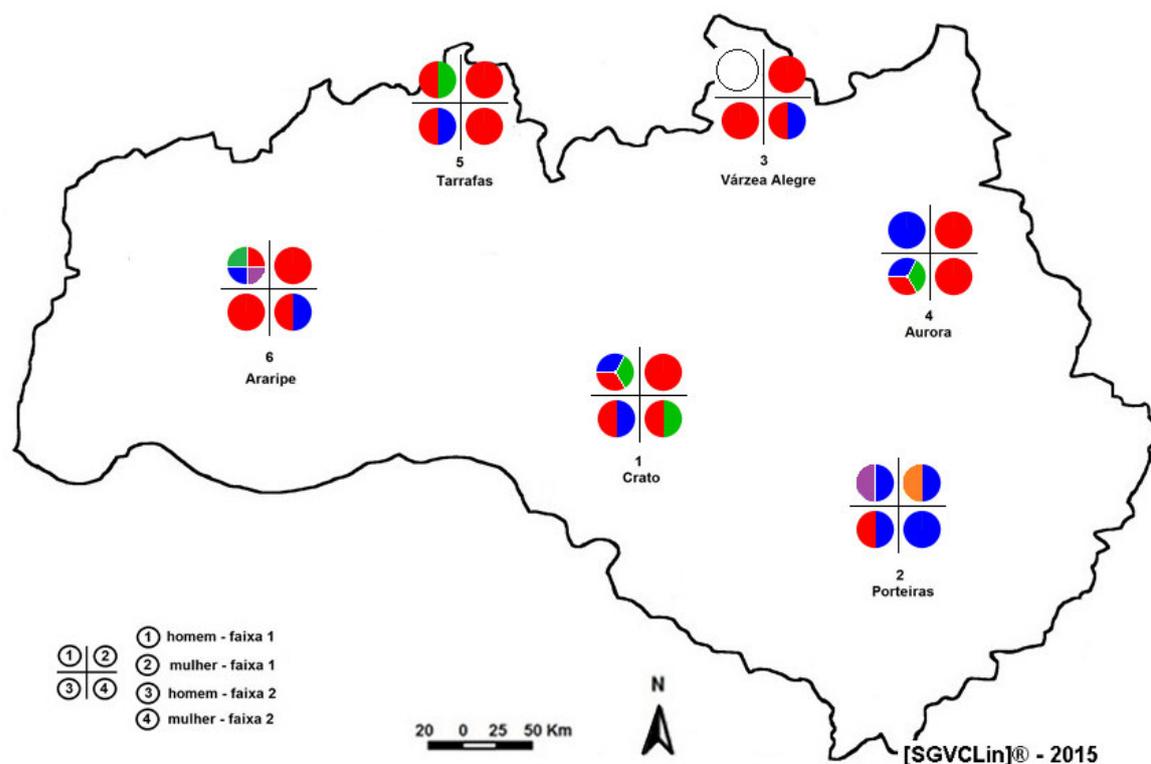




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

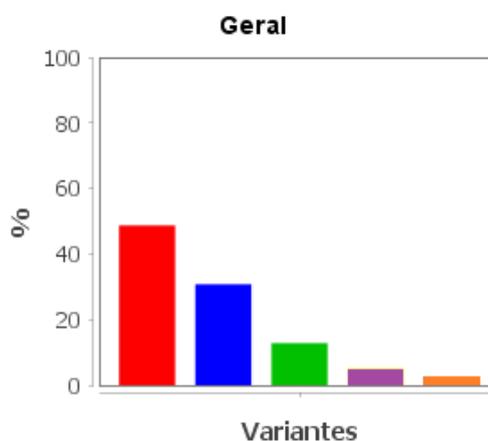
Carta n° 41
GALINHA
D'ANGOLA
GUINÉ
COCAR

QSL 67 – Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?



Variantes

- capote
- guiné
- galinha de angola
- tô fraco
- galinha da angola
- sem resposta

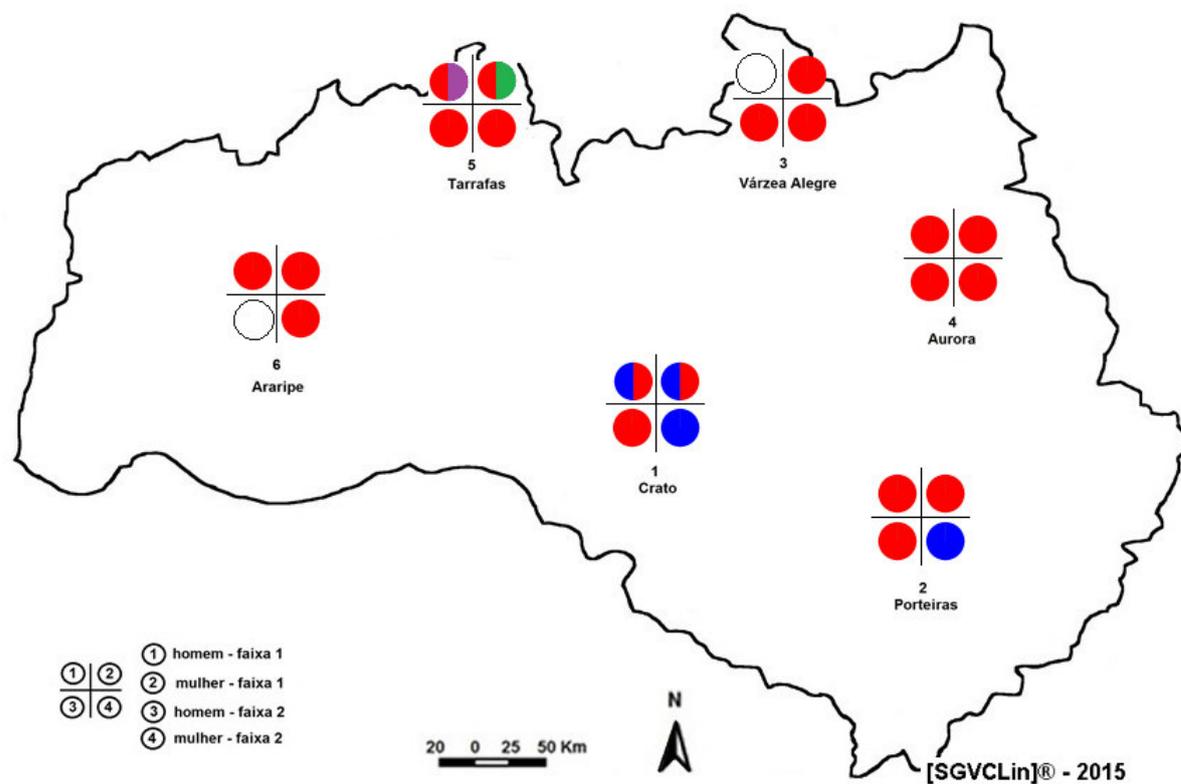




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

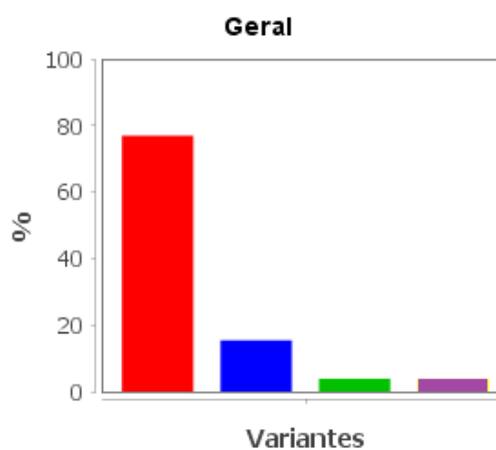
Carta nº 42
PAPAGAIO

QSL 68 – Como se chama a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?



Variantes

- papagaio
- louro
- periquito
- arara
- sem resposta

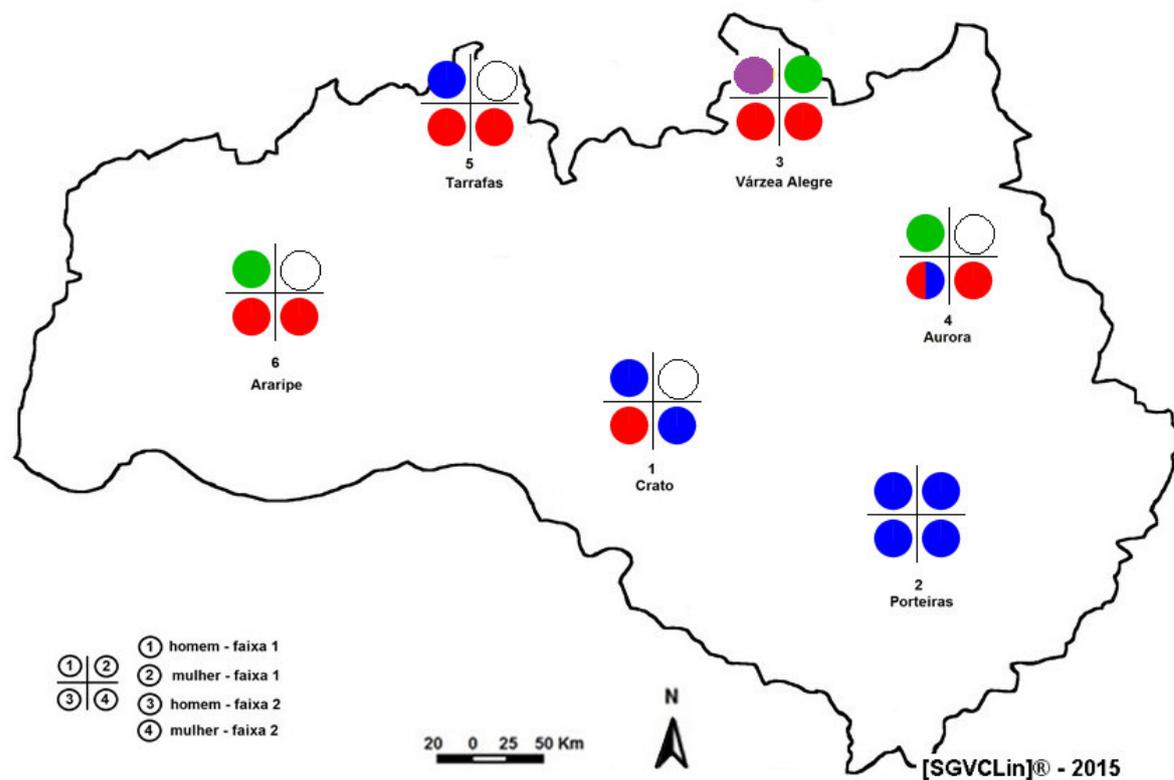




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

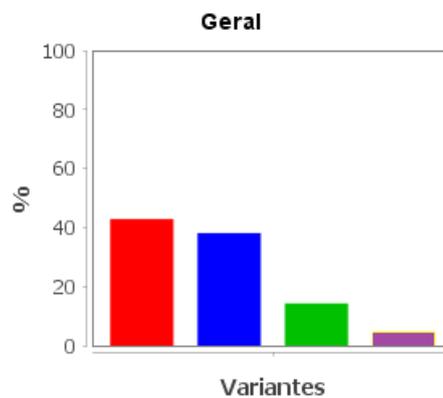
Carta nº 43
SURA

QSL 69 – Como se chama uma galinha sem rabo?



Variantes

- sura
- suru
- cotó
- nanica
- sem resposta

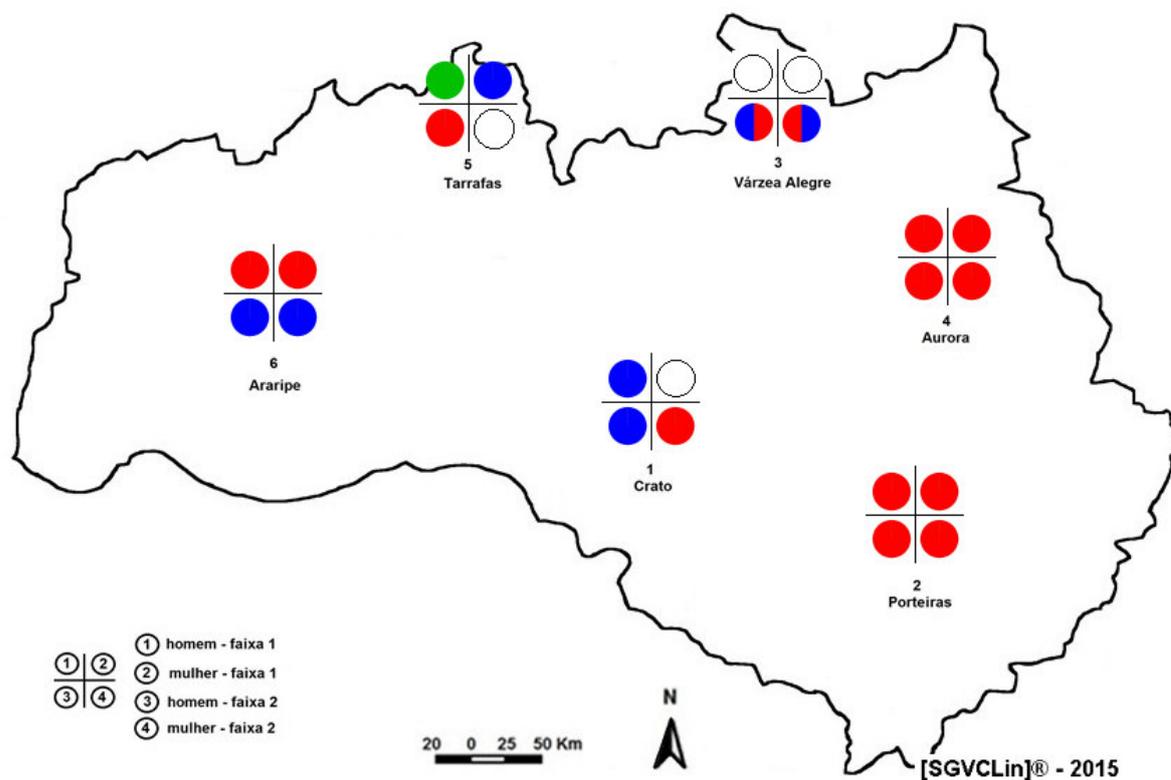




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

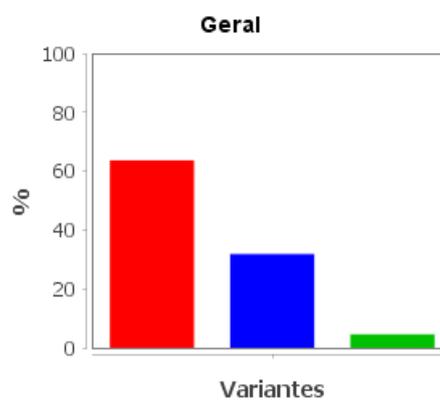
Carta nº 44
COTÓ

QSL 70 – Como se chama um cachorro sem rabo?



Variantes

- cotó
- bodó
- suru
- sem resposta

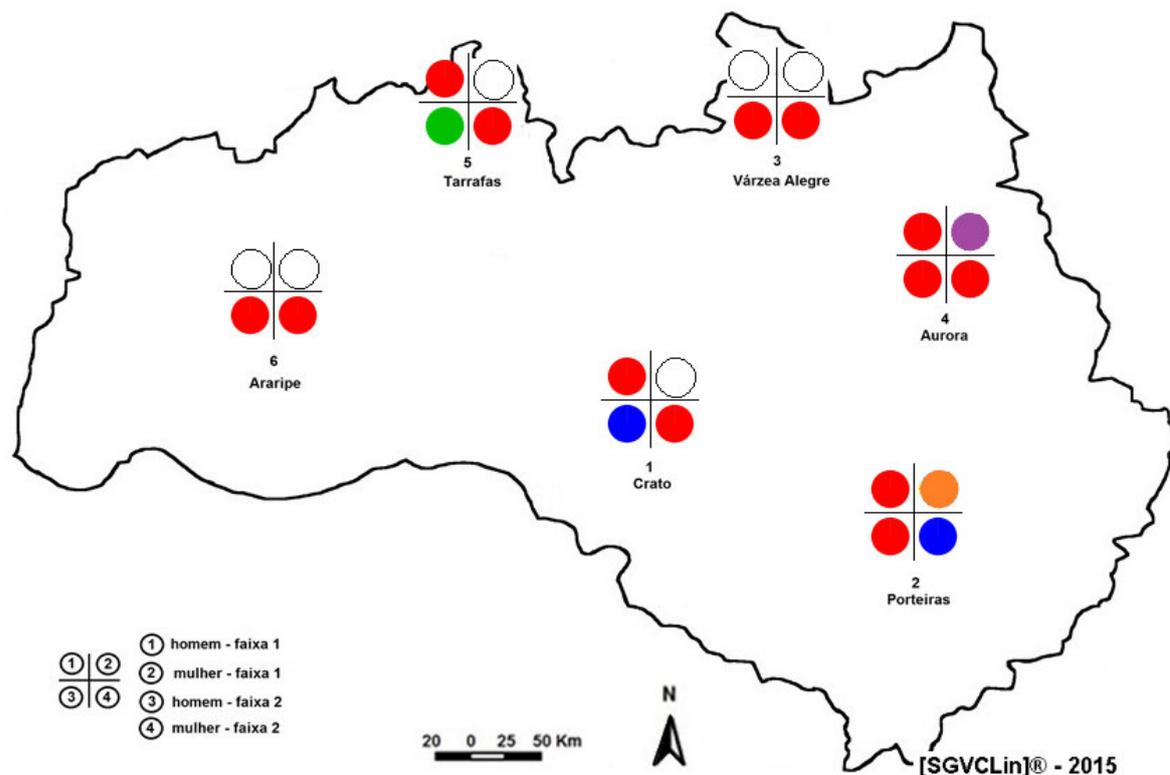




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

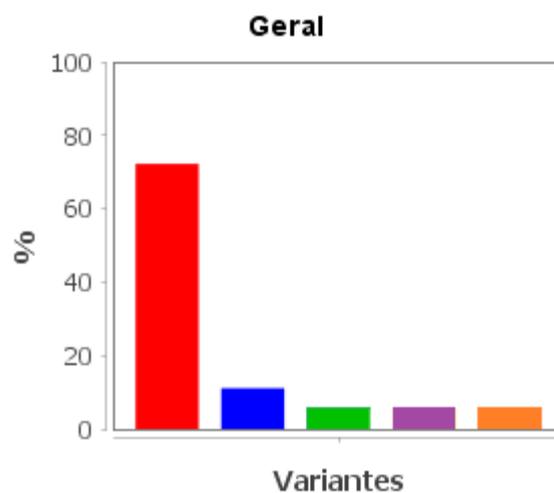
Carta nº 45
PATAS
DIANTEIRAS DO
CAVALO

QSL 72 – Como se chama as patas dianteiras do cavalo?



Variantes

- mão
- casco
- casco da frente
- patas dianteiras
- pé
- sem resposta

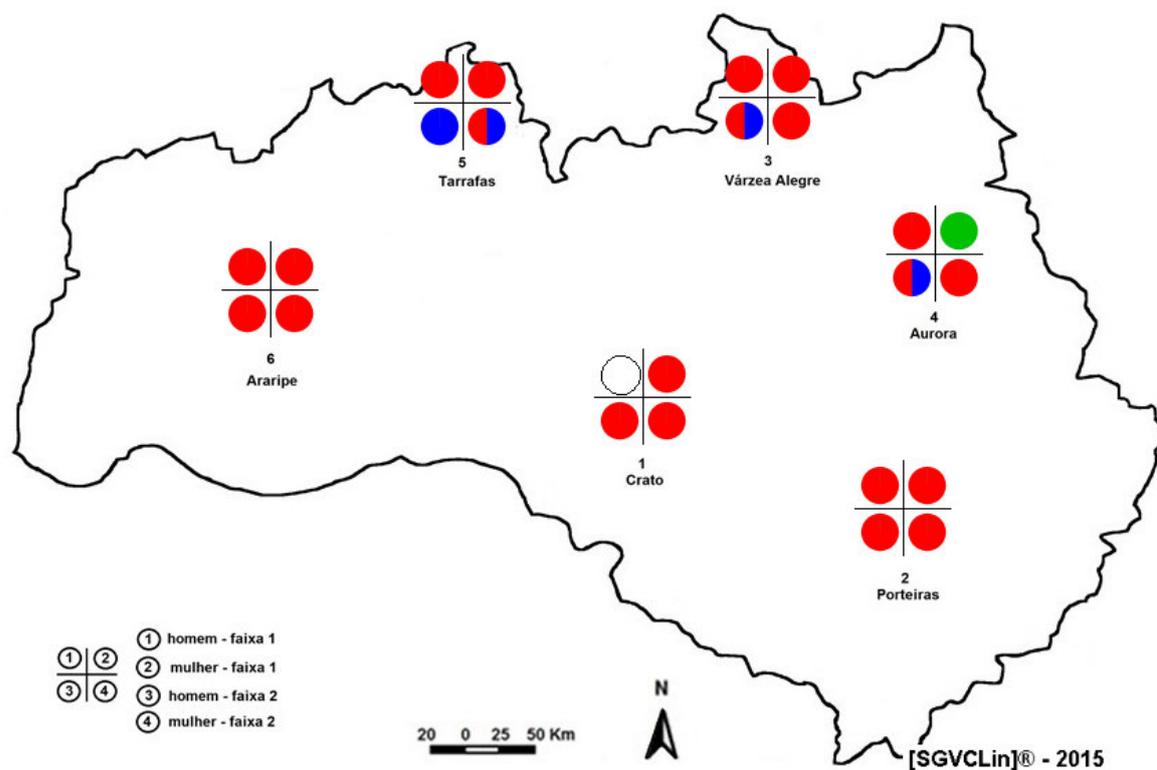




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

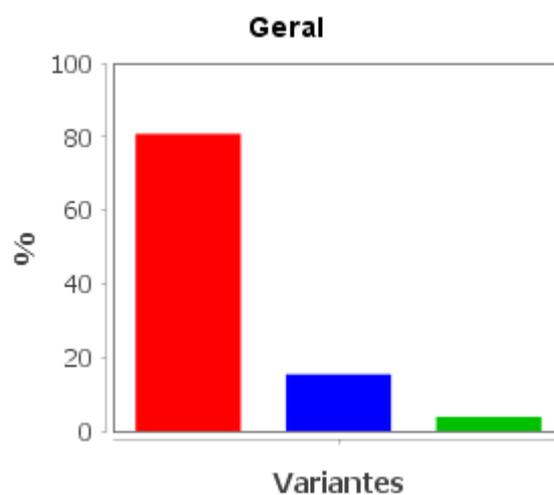
Carta nº 46
CRINA DA CAUDA

QSL 74 – Como se chama o cabelo comprido na traseira do cavalo?



Variantes

- rabo
- cauda
- crina
- sem resposta

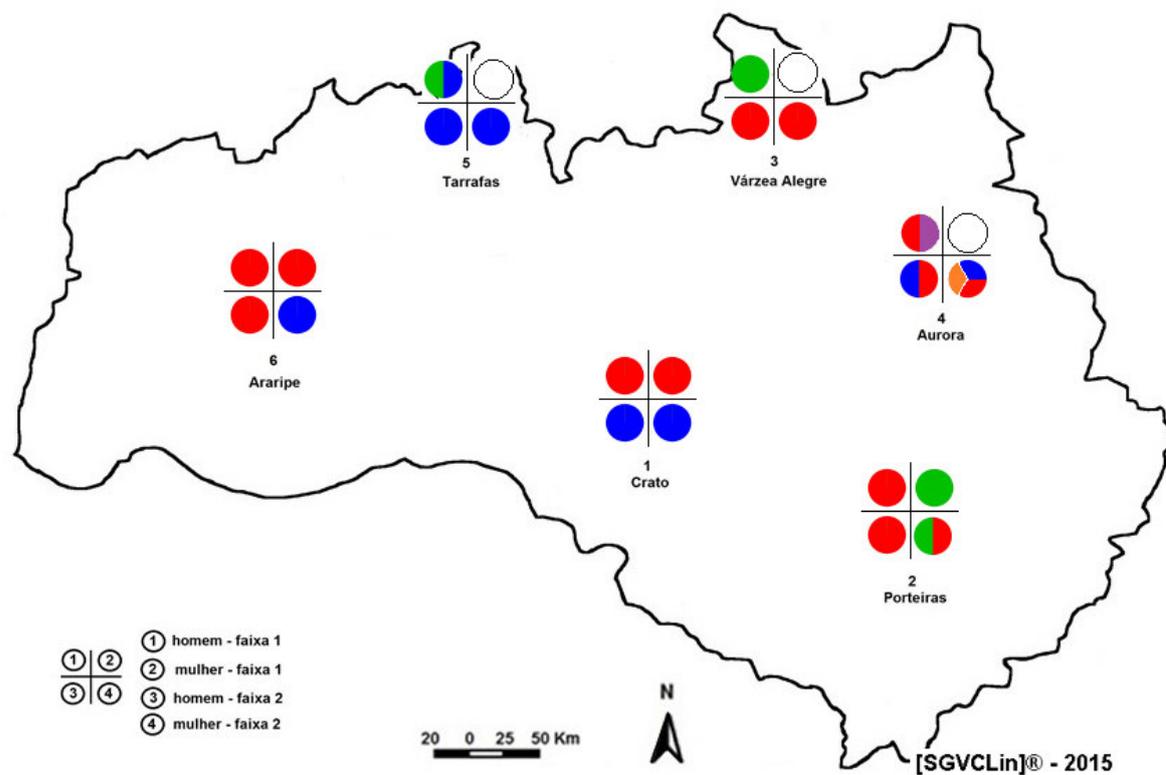




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

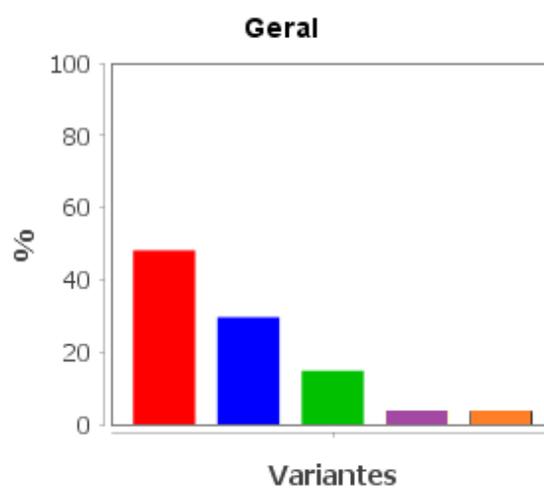
Carta nº 47
LOMBO

QSL 75 – Como se chama a parte do cavalo onde vai a sela?



Variantes

- lombo
- espinhaço
- costa
- quadril
- barriga
- sem resposta

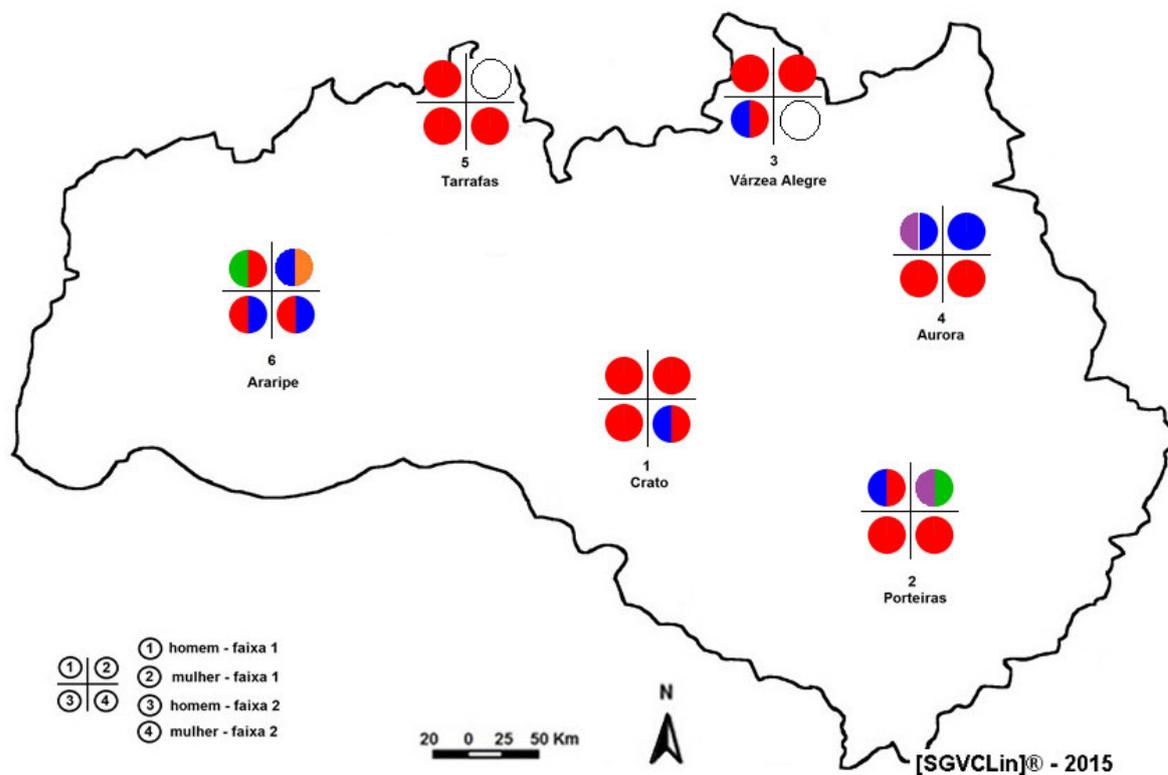




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

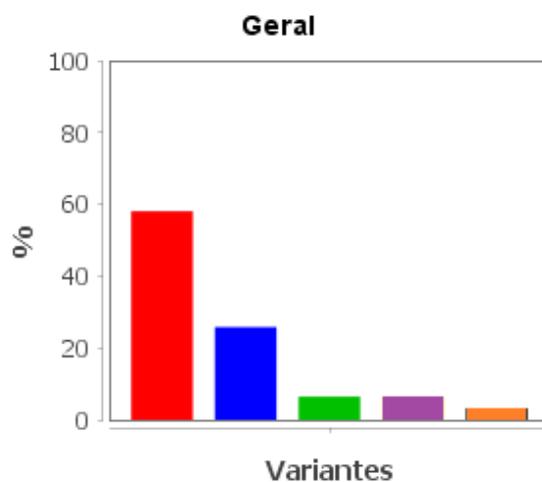
Carta nº 48
ANCA
GARUPA
CADEIRA

QSL 76 – Como se chama a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)?



Variantes

- garupa
- quartos
- bunda
- quadril
- osso
- sem resposta

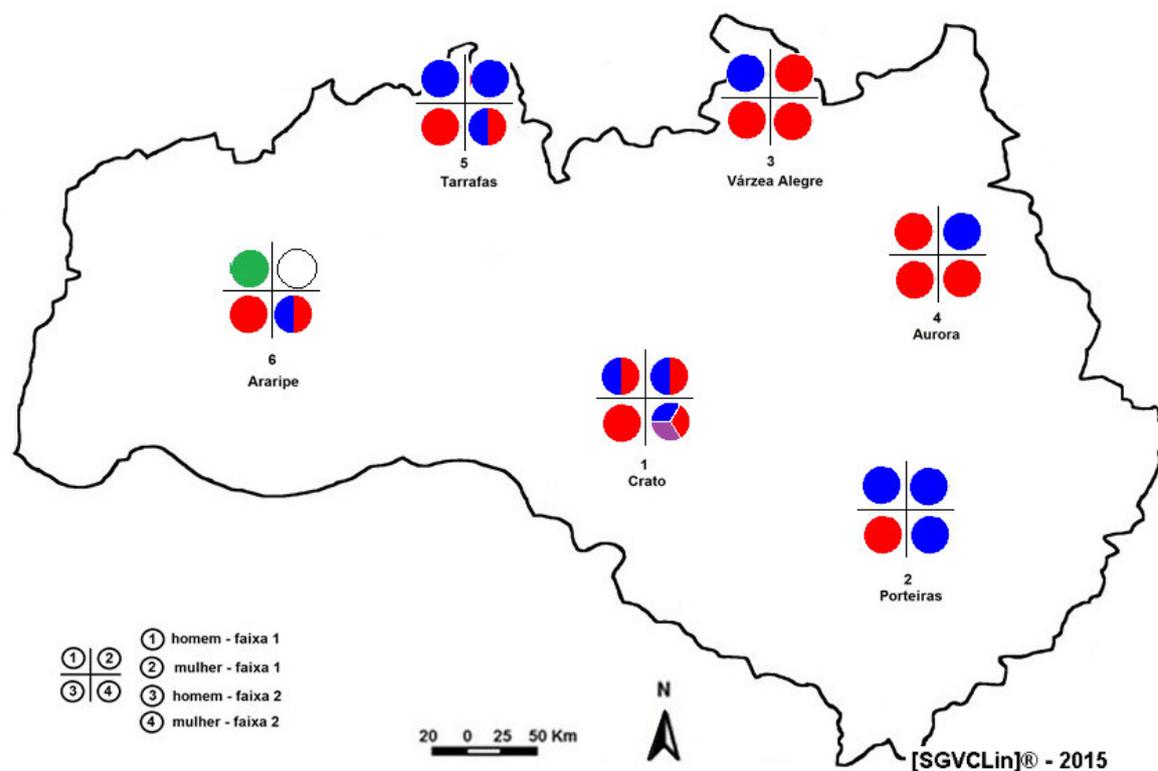




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

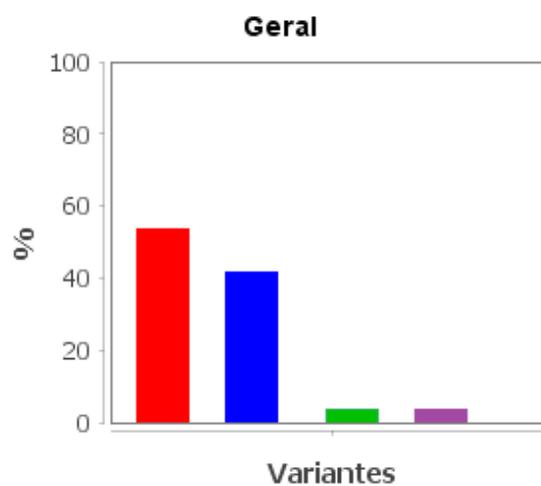
Carta nº 49
ÚBERE

QSL 80 – Em que parte da vaca fica o leite?



Variantes

- úbere
- peito
- teta
- mamas
- sem resposta



Nota:

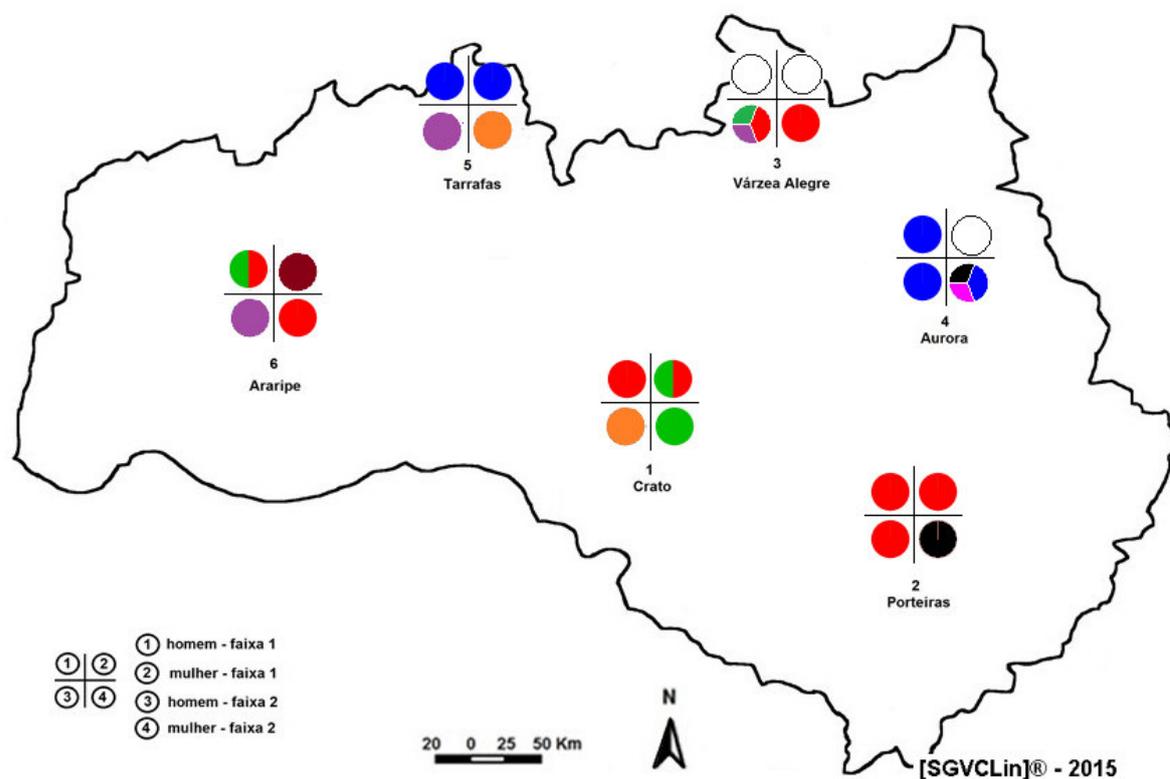
1. Foi registrada a variante fonética [ˈubru] pelo informante CRA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

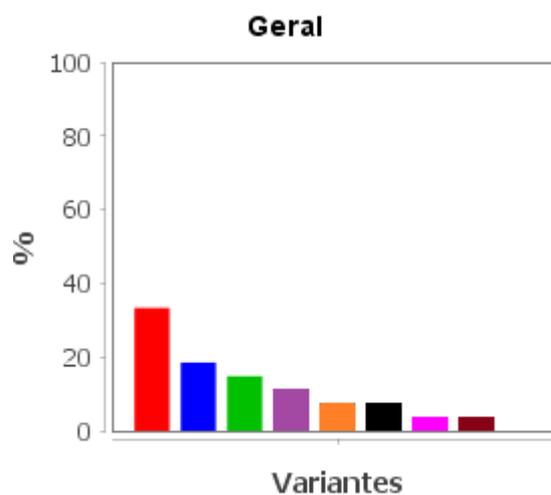
Carta n° 50
MANCO

QSL 82 – Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?



Variantes

- manco
- aleijado
- coxo
- cotó
- coxó
- outras formas
- deficiente
- canguru
- sem resposta



Nota: Outras respostas obtidas:

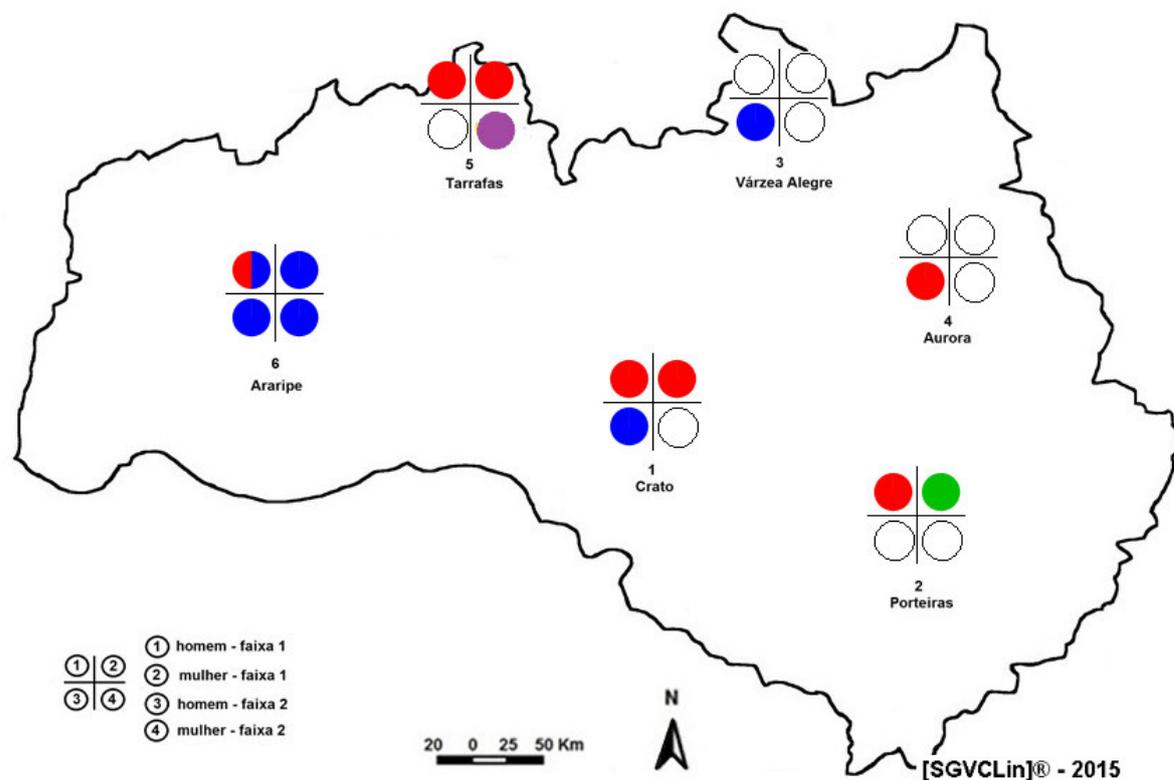
1. Foi registrada a forma “mocho” pelo informante POR4.
2. Foi registrada a forma “caxingando” pelo informante AUR4 (1ª resp.).



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

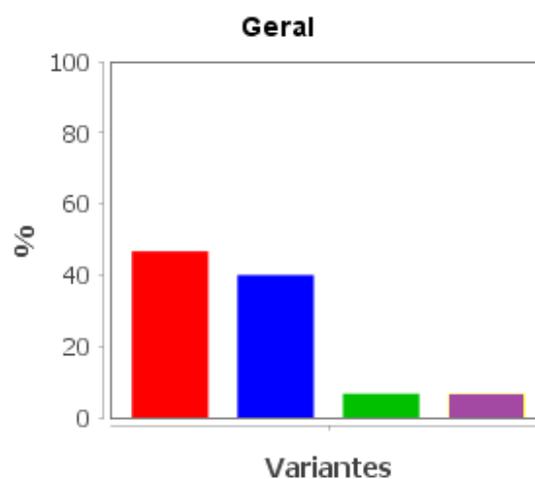
Carta nº 51
SANGUESSUGA

QSL 84 – Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num rio? (*cf. item 77*)



Variantes

- sanguessuga
- chamechuga
- lesma
- mucuim
- sem resposta

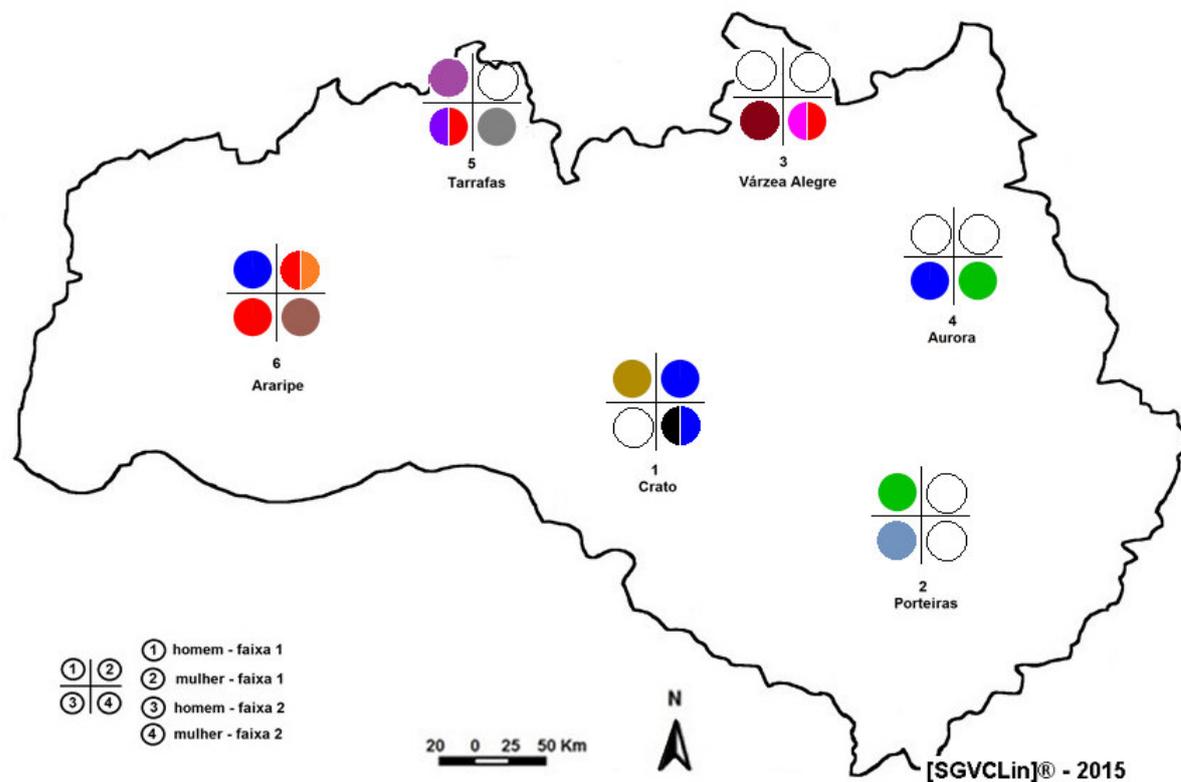




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

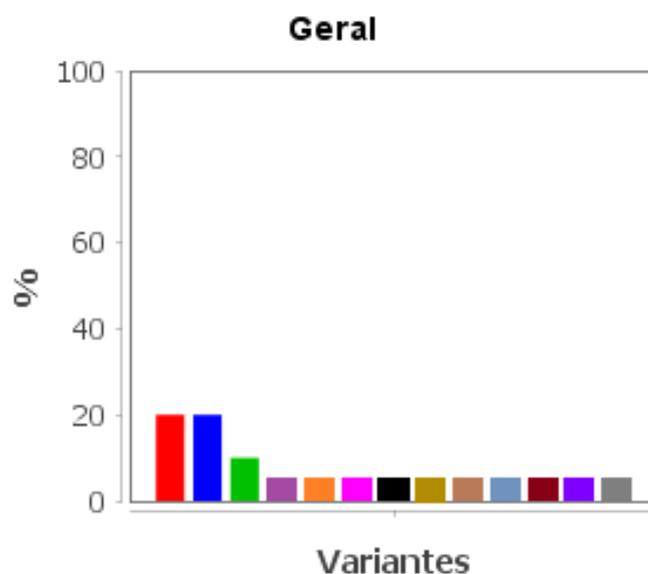
Carta n° 52
LIBÉLULA

QSL 85 – Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?



Variantes

- gafanhoto
- libélula
- lava-cu
- canudo
- bunda n'água
- helicóptero
- cachimbo
- zigue-zigue
- avião
- amor de véio
- mijacorda
- esqueleto
- besouro
- sem resposta

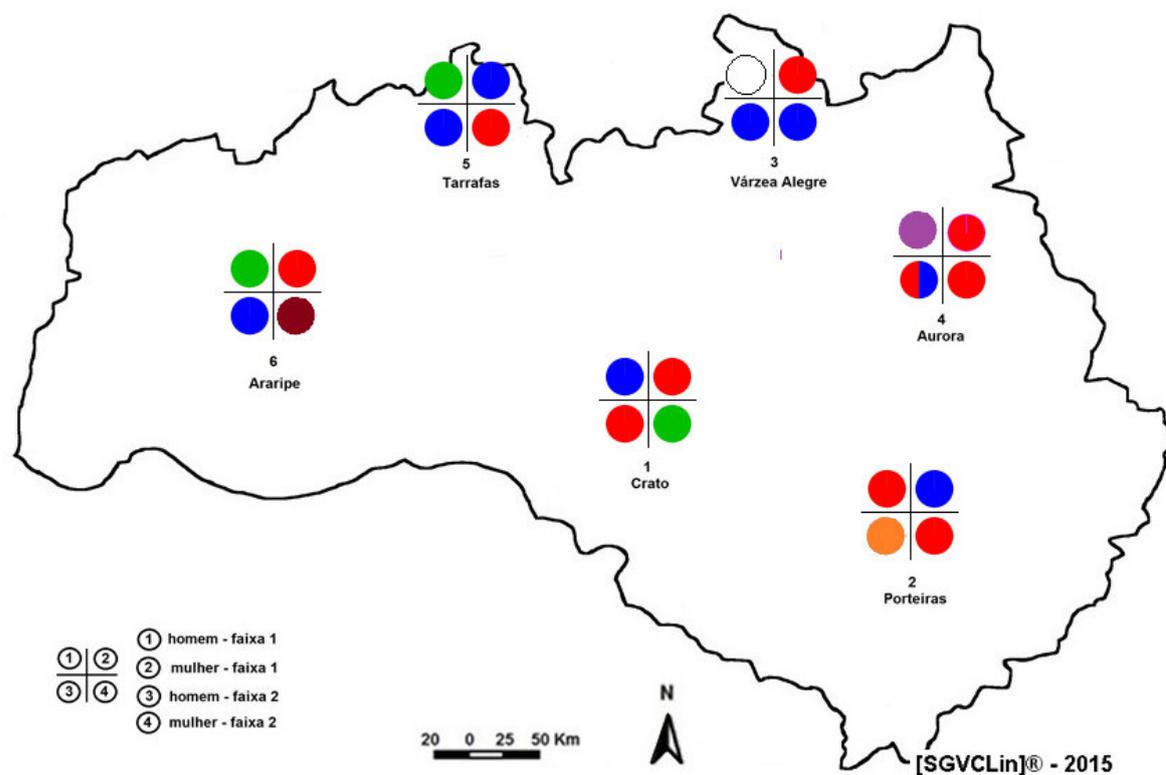




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

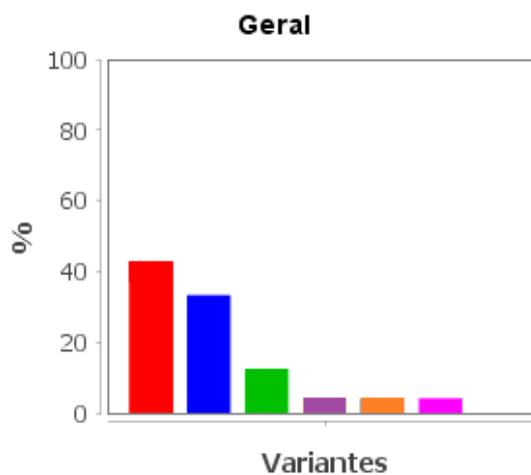
Carta nº 53
BICHO DA FRUTA

QSL 86 – Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?



Variantes

- lagarta¹
- tapuru
- larva
- inseto
- bicho
- bicho da goiaba
- sem resposta



Nota:

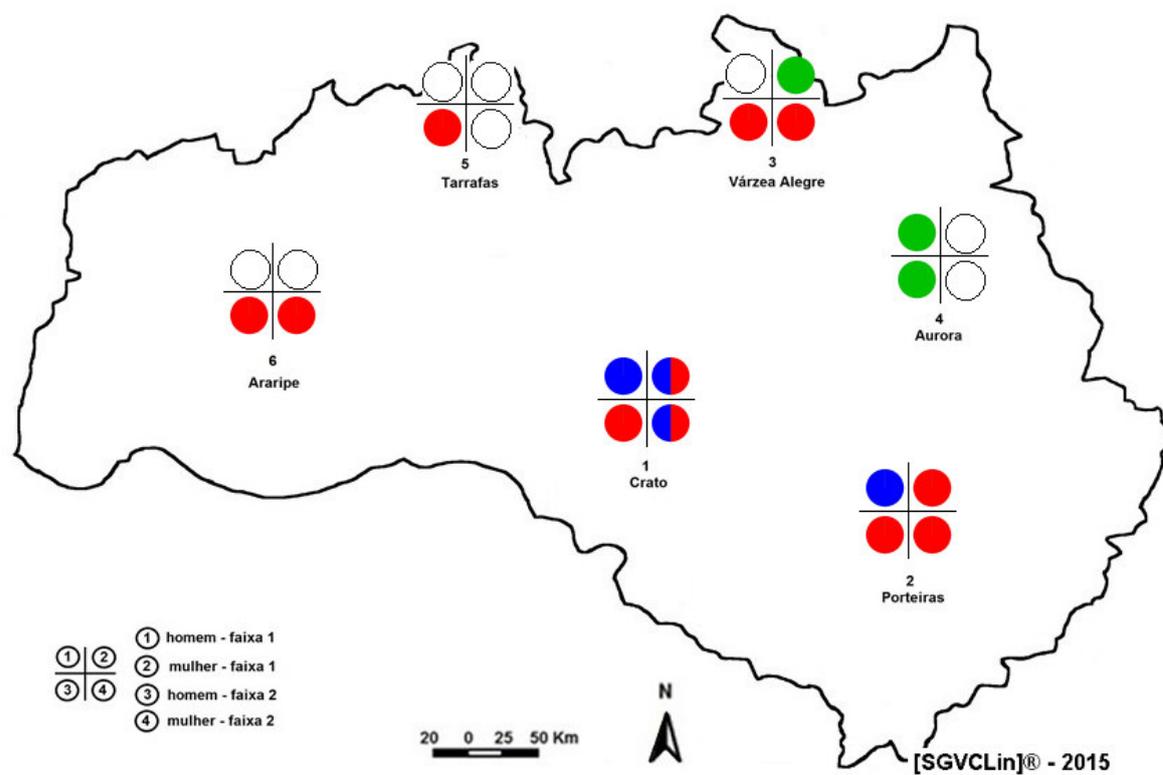
1. Foi registrada a variante fonética [laf'gate] pelo informante AUR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

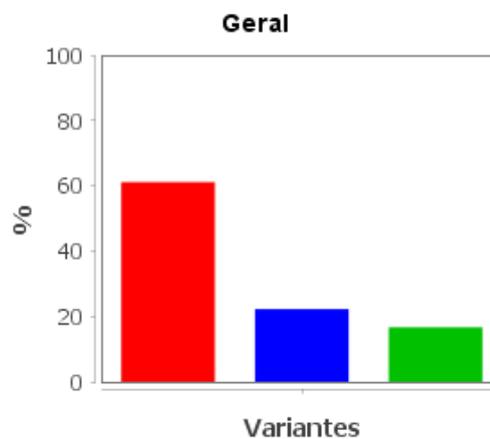
Carta nº 54
PÁLPEBRA
CAPELA DOS
OLHOS

QSL 89 – Como se chama esta parte que cobre o olho? (*Apontar*).



Variantes

- pestana
- pálpebra
- pestanha
- sem resposta

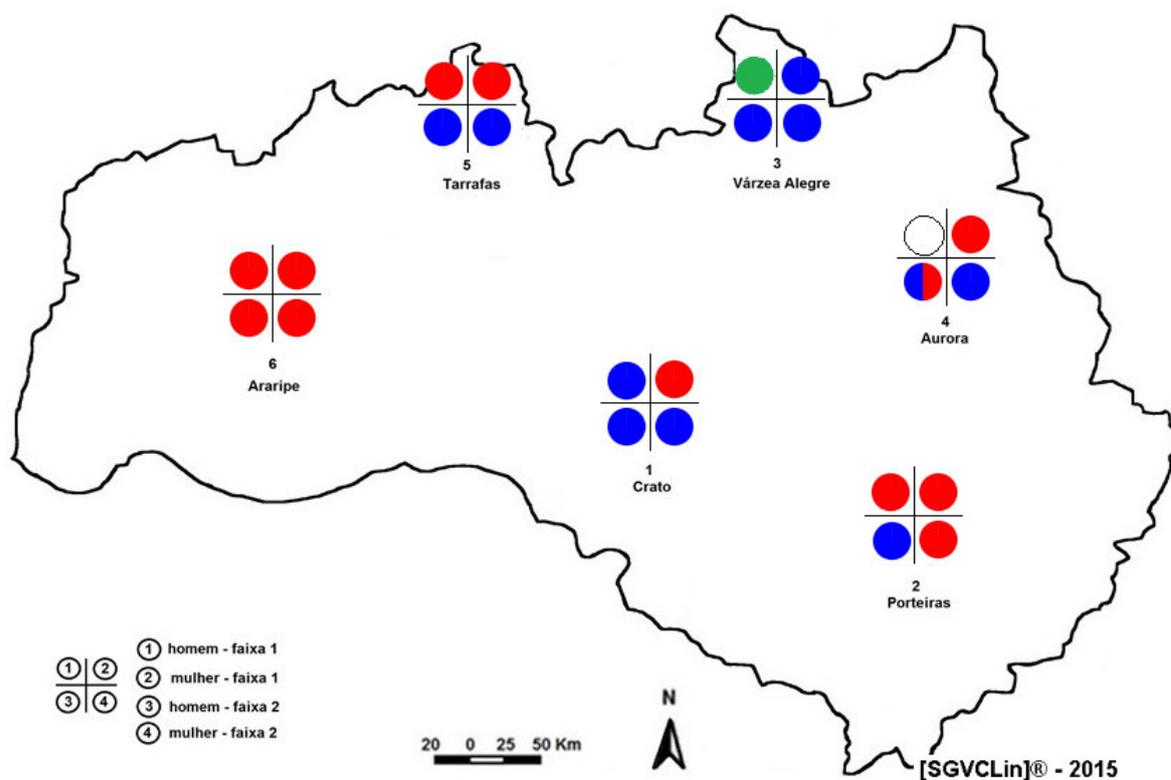




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

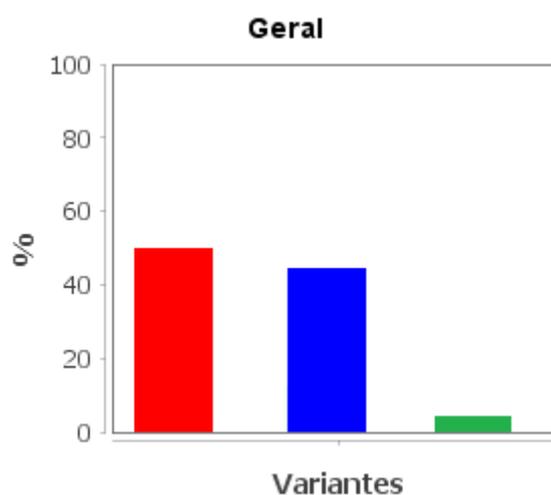
Carta nº 55
CISCO

QSL 90 – Como se chama alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?



Variantes

- argueiro¹
- cisco
- bagaço
- sem resposta



Nota:

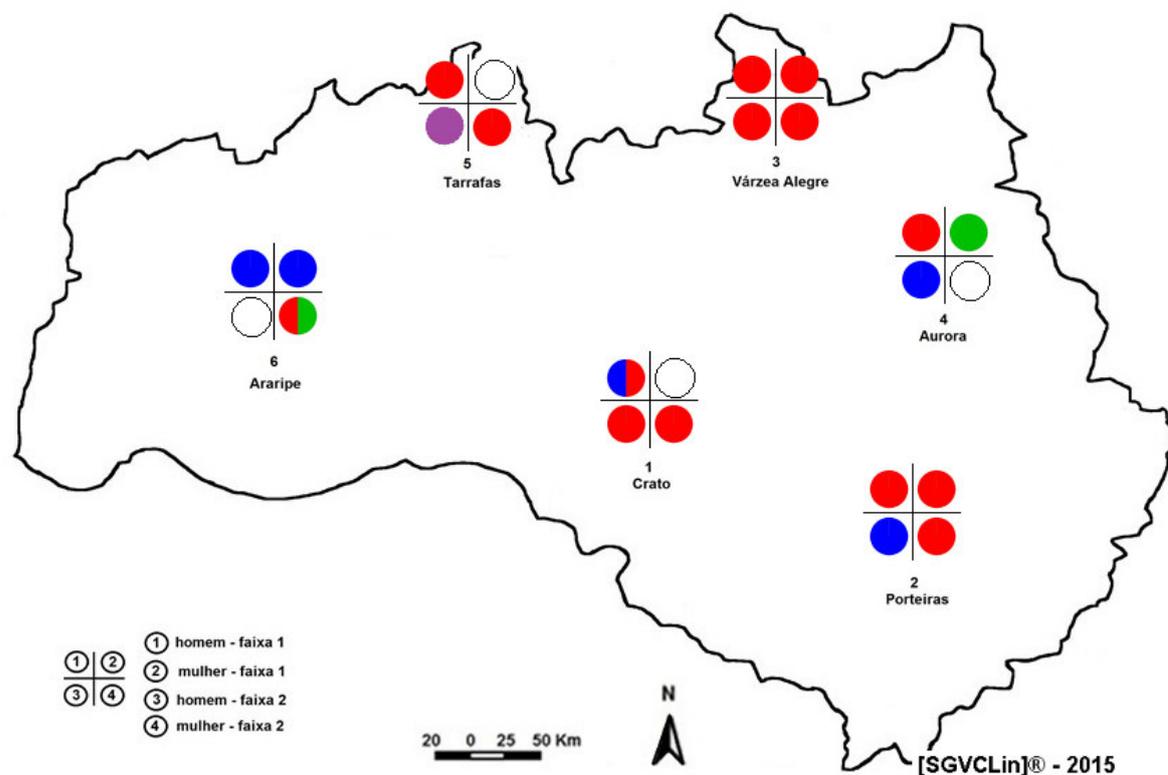
1. Foram registradas as seguintes variantes fonéticas: a) [aw'gejrɔ] pelos informantes AUR3 (2ª resp.), AUR4, VAR2 e VAR4; b) [aw'gerɔ] pelos informantes POR3, TAR3 e TAR4; c) [aw'gejrɪ] pelos informantes CRA1 e VAR4; d) [aj'gerɔ] pelo informante CRA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

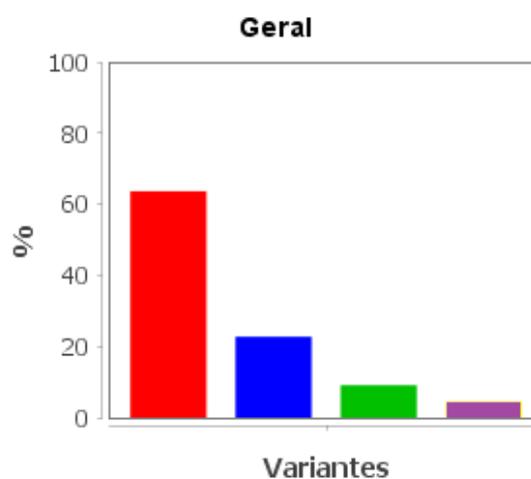
Carta nº 56
CEGO DE UM
OLHO

QSL 91 – Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?



Variantes

- cego
- caolho
- cego de um olho
- torto de um olho
- sem resposta

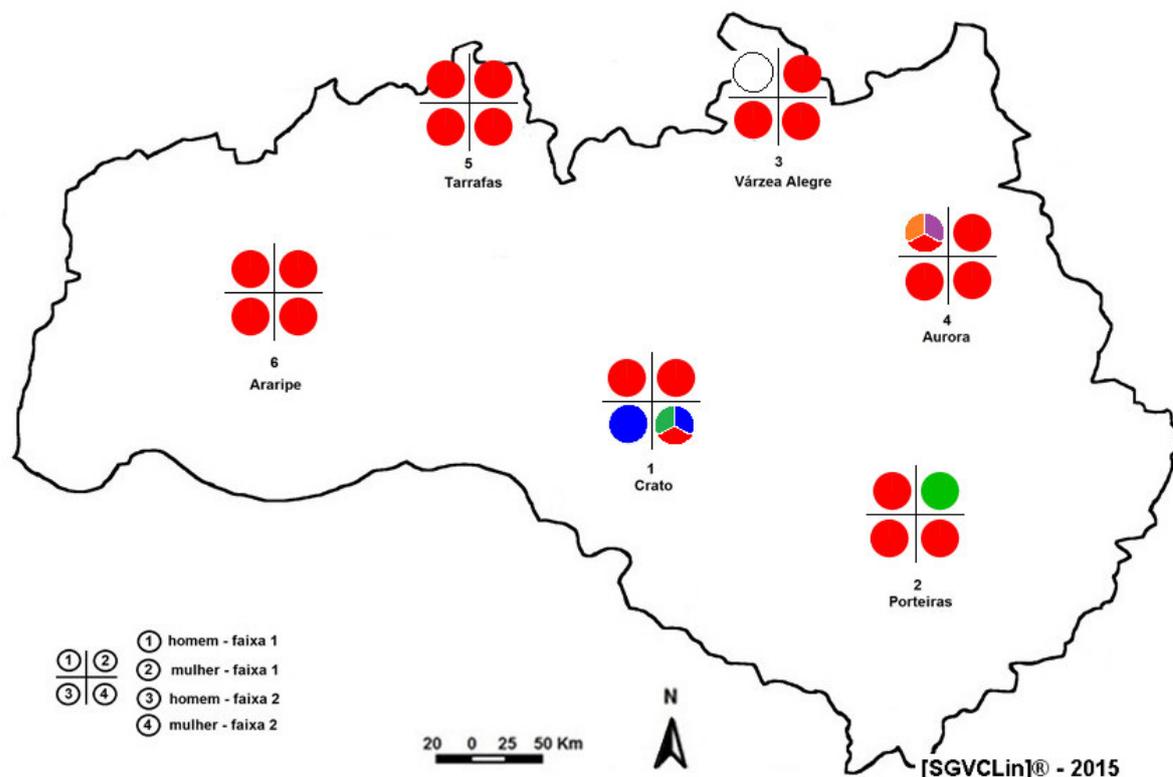




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

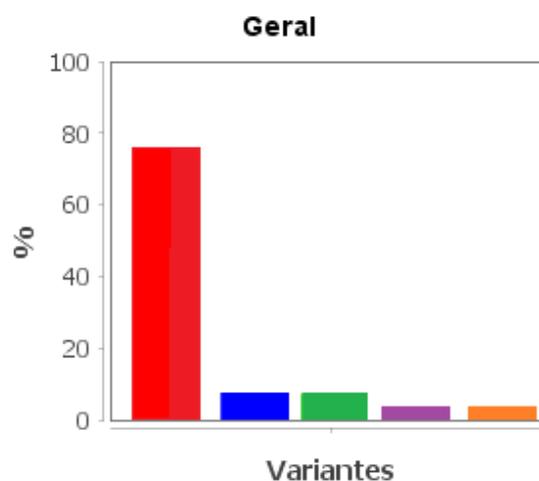
Carta nº 57
VESGO

QSL 92 – Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? (*Completar com um gesto dos dedos*).



Variantes

- zanolho¹
- olho trocado
- vesgo
- desvio
- torto
- sem resposta



Nota:

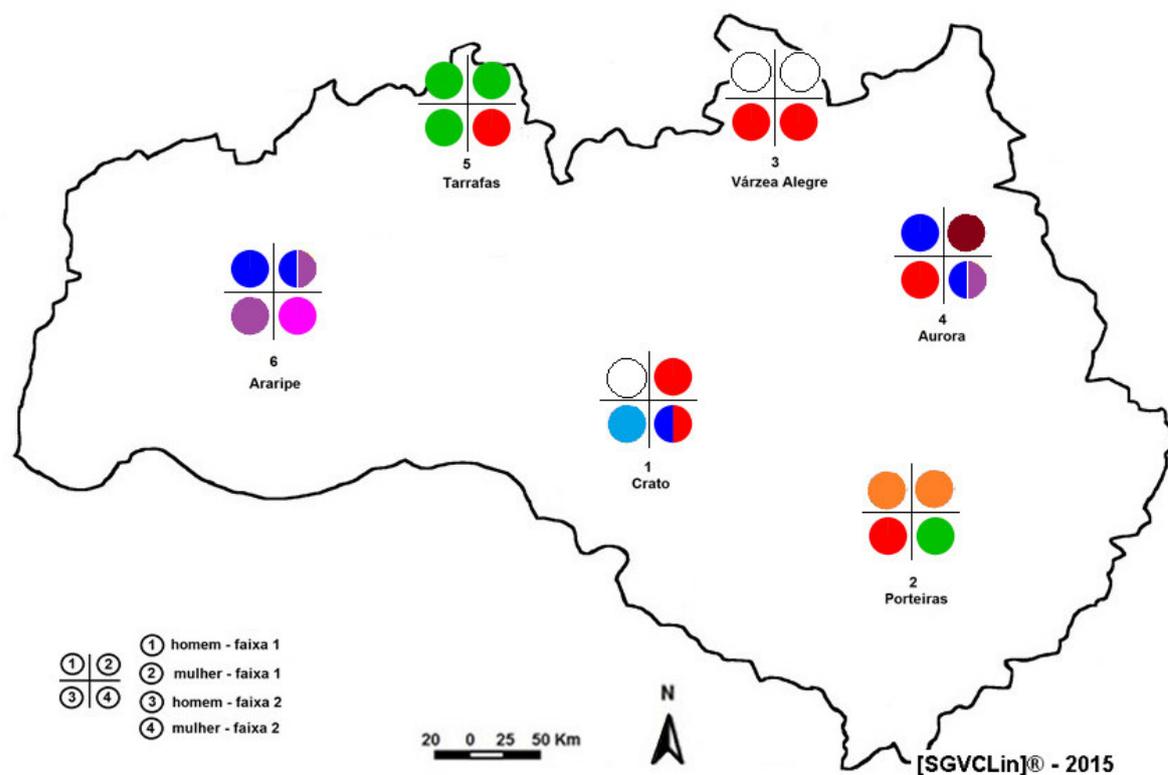
1. Foram registradas as seguintes variantes fonéticas: a) [zã'noj] pelos informantes CRA2, POR1, AUR2, AUR3, VAR2, TAR1, TAR2, TAR3, TAR4, ARA1, ARA2, ARA3, ARA4; b) [zã'noju] pelos informantes CRA1, CRA4 (2ª resp.), POR4, AUR1 (3ª resp.), VAR3. c) [za'roj] pelos informantes POR3 e AUR3; d) [zo'noʎu] pelo informante VAR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

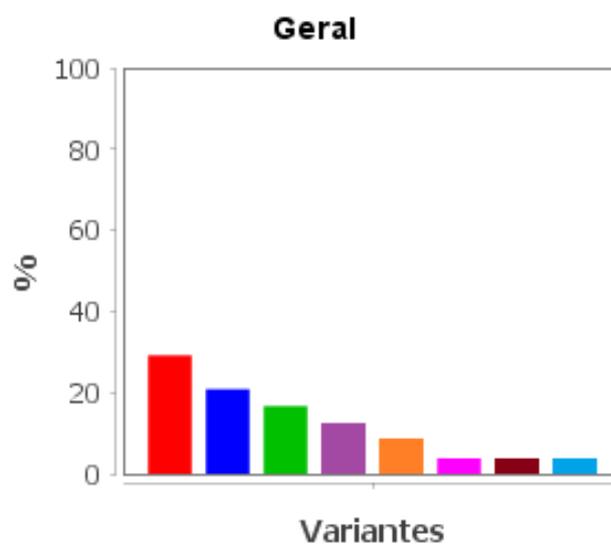
Carta nº 58
MÍOPE

QSL 93 – Como se chama a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?



Variantes

- míope
- cego
- curto-da-vista
- vista-curta
- quatro-olhos
- vista ruim
- ruim da vista
- milto
- sem resposta



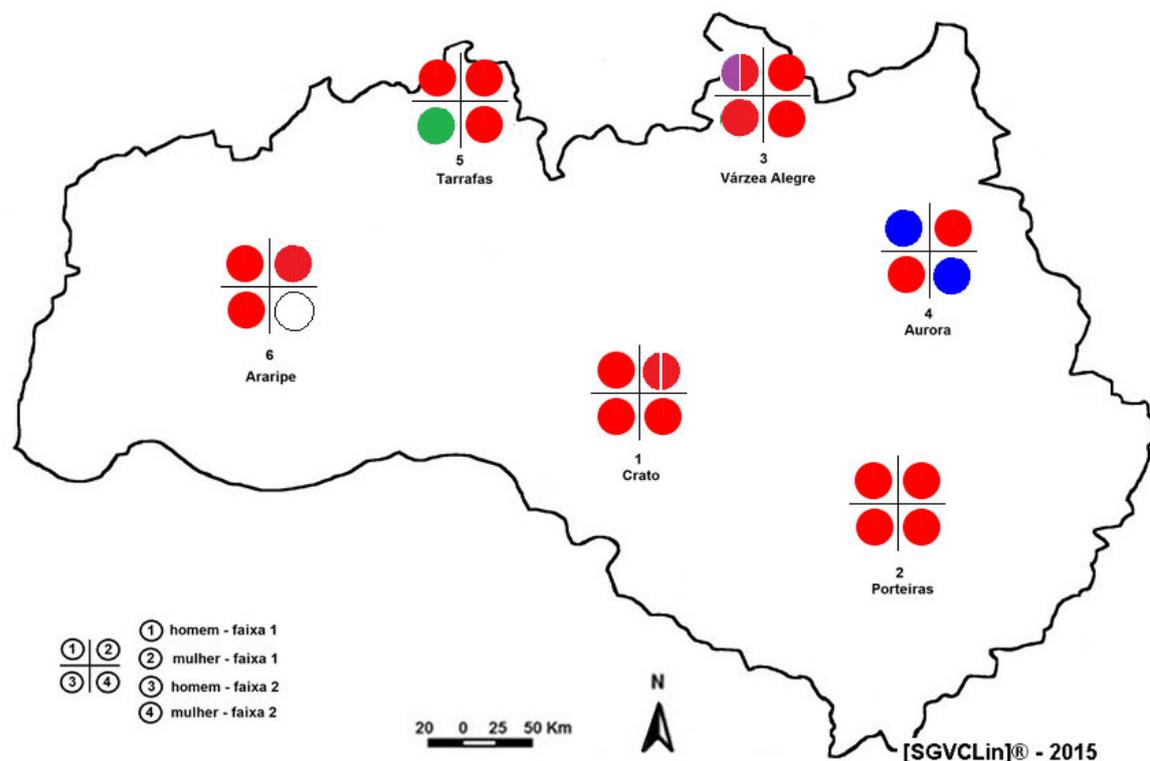


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense

Alicace

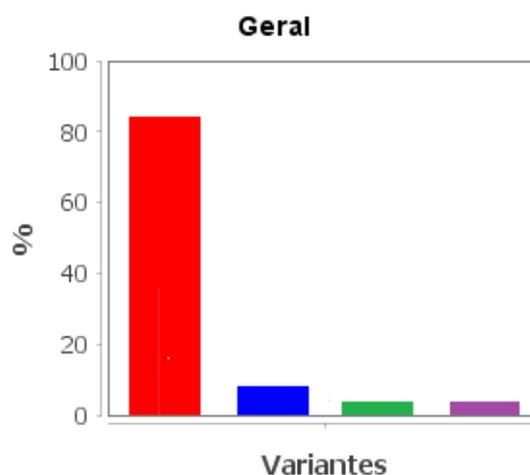
Carta n° 59
TERÇOL
VIÚVA

QSL 94 – Como se chama a bolinha que nasce na _____ (cf. item 89) fica vermelha e incha?



Variantes

- terçol¹
- cu-de-pinto
- vilido
- sinal
- sem resposta



Nota:

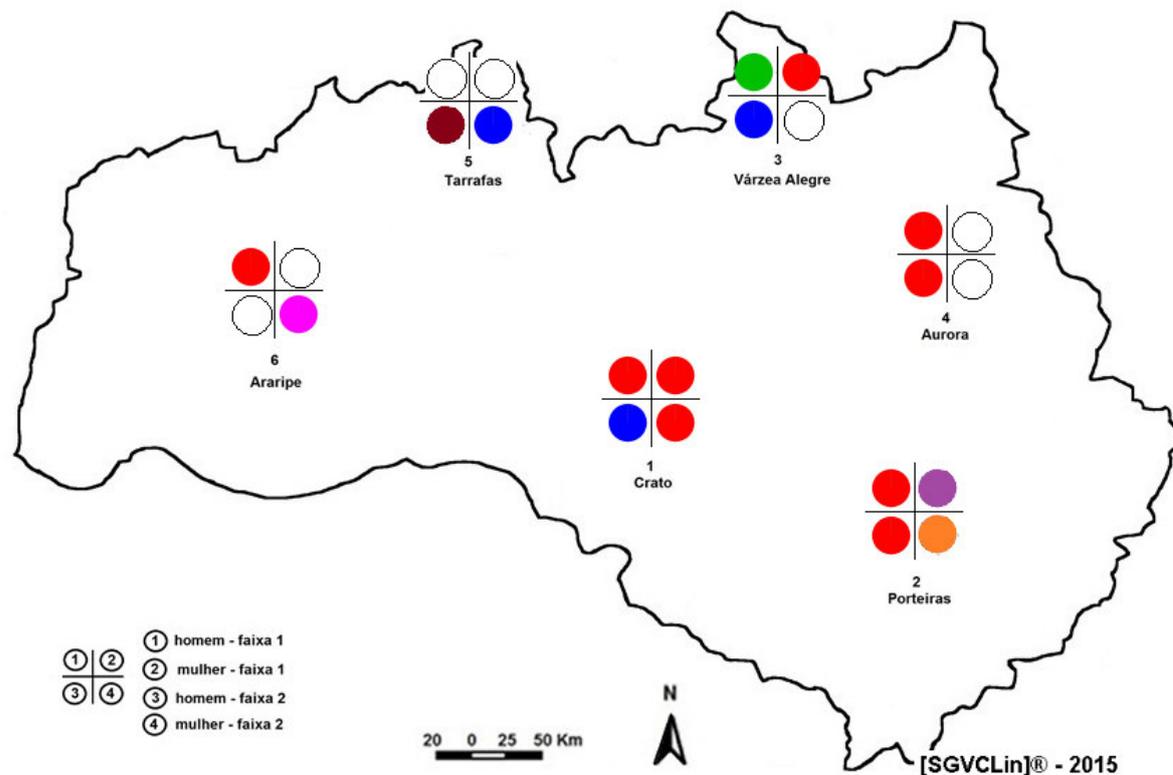
- Foram registradas as seguintes variantes fonéticas: a) [trej¹sɔw] pelos informantes CRA3, AUR2, VAR1 (2A), VAR2, VAR3, TAR1, TAR2, TAR4, ARA3; b) [trej¹sɔ] pelos informantes CRA4, POR2, POR3, POR4; c) [tre¹sɔw], pelos informantes CRA1, AUR3, ARA2; d) [tre¹sɔ] pelo informante POR1; e) [trẽ¹sɔw], pelo informante CRA2 (2ª resp.); f) [tri¹sɔw], pelo informante ARA1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

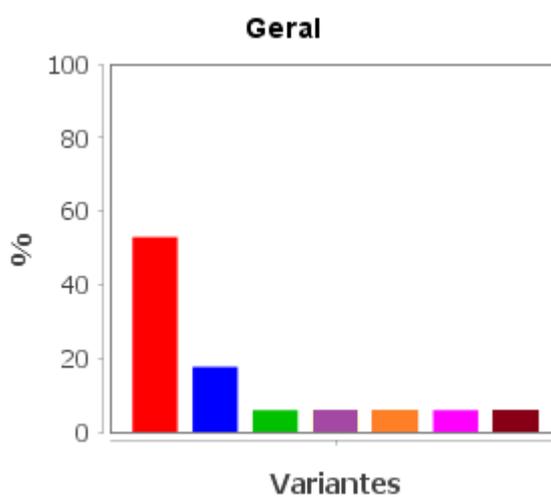
Carta n° 60
CONJUNTIVITE
DOR D'OLHOS

QSL 95 – Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho, e amanheça grudado?



Variantes

- conjuntivite
- dordói
- doente dos olhos
- remela
- sapiranga
- doença dos olhos
- rã
- sem resposta

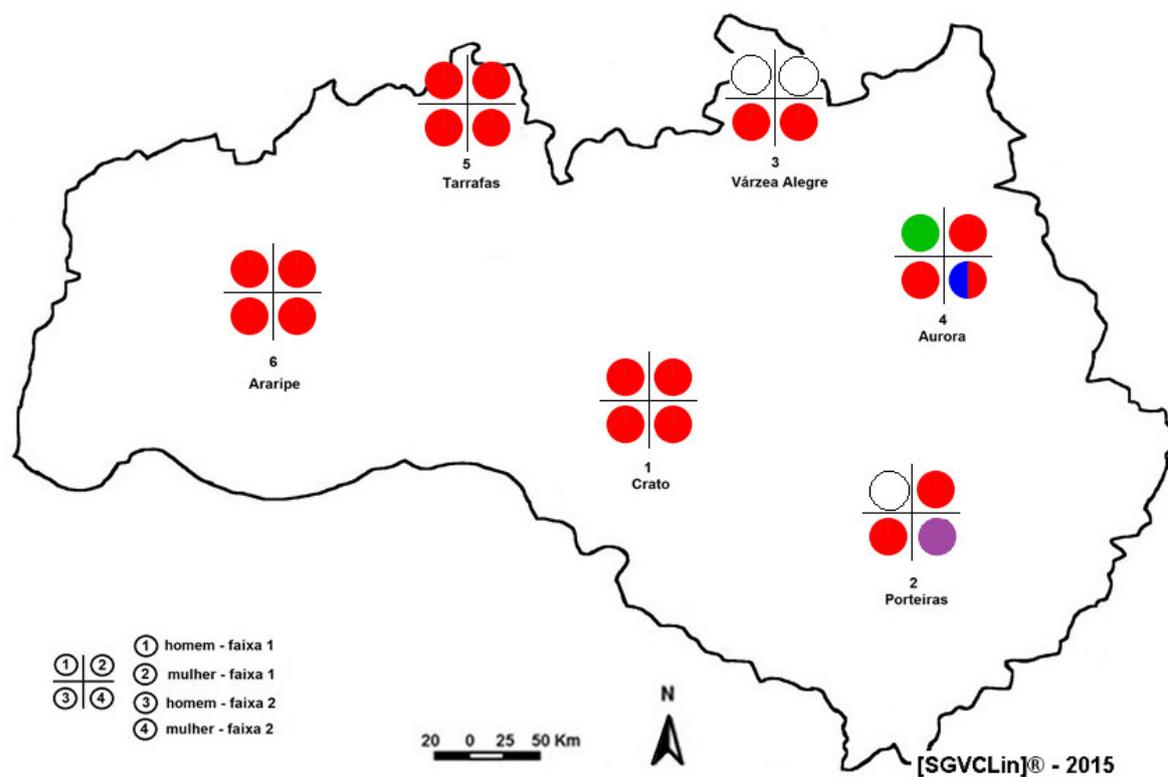




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

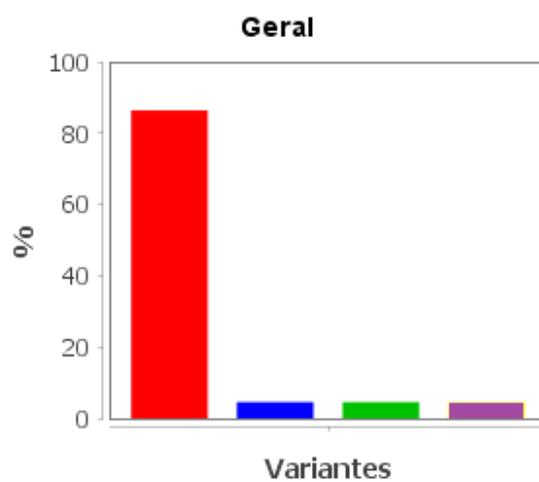
Carta nº 61
CATARATA

QSL 96 – Como se chama aquela pele branca no olho que dá em pessoa mais idosa?



Variantes

- catarata
- vilida
- pasta
- cataraca
- sem resposta

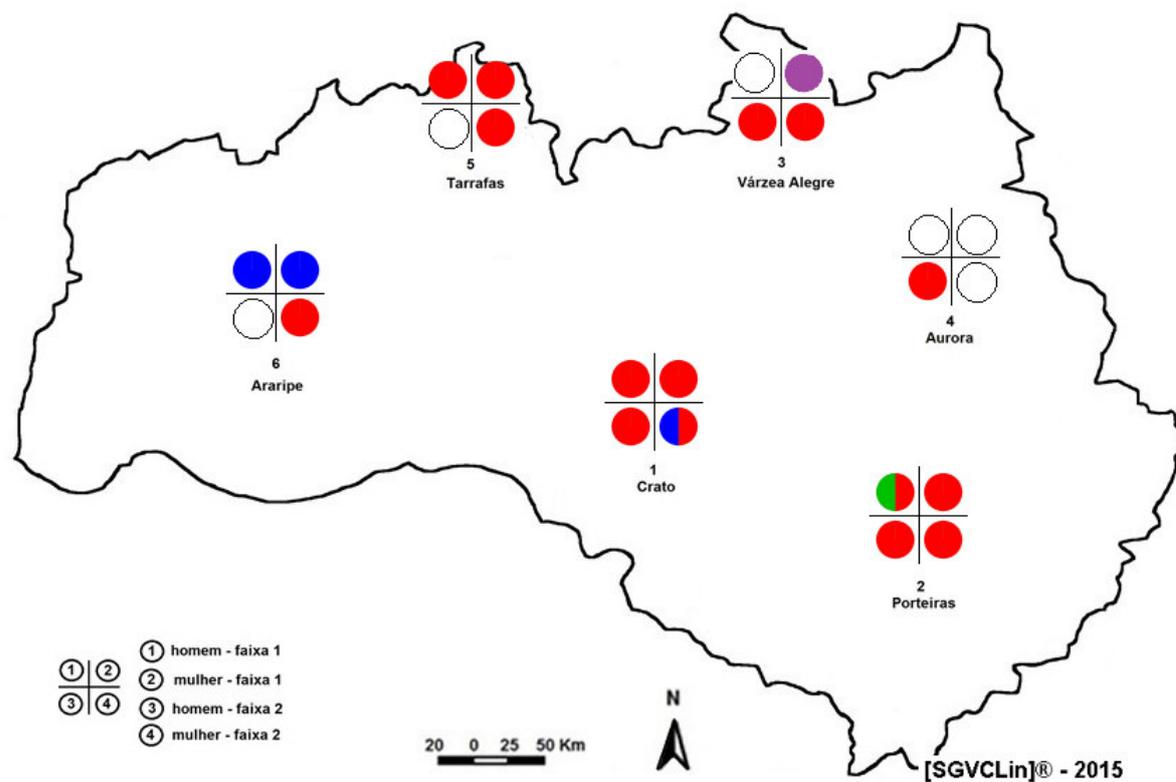




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

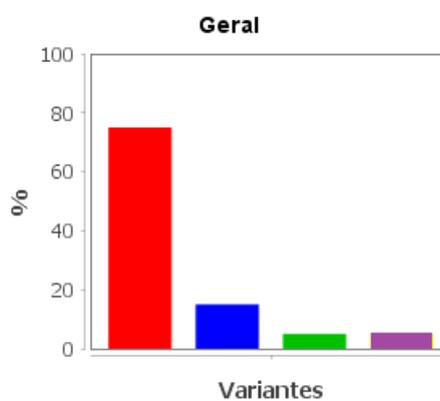
Carta nº 62
DENTES CANINOS
PRESAS

QSL 97 – Como se chamam esses dois dentes pontudos? (*Apontar*).



Variantes

- presas
- caninos
- garra
- dente de vampiro
- sem resposta

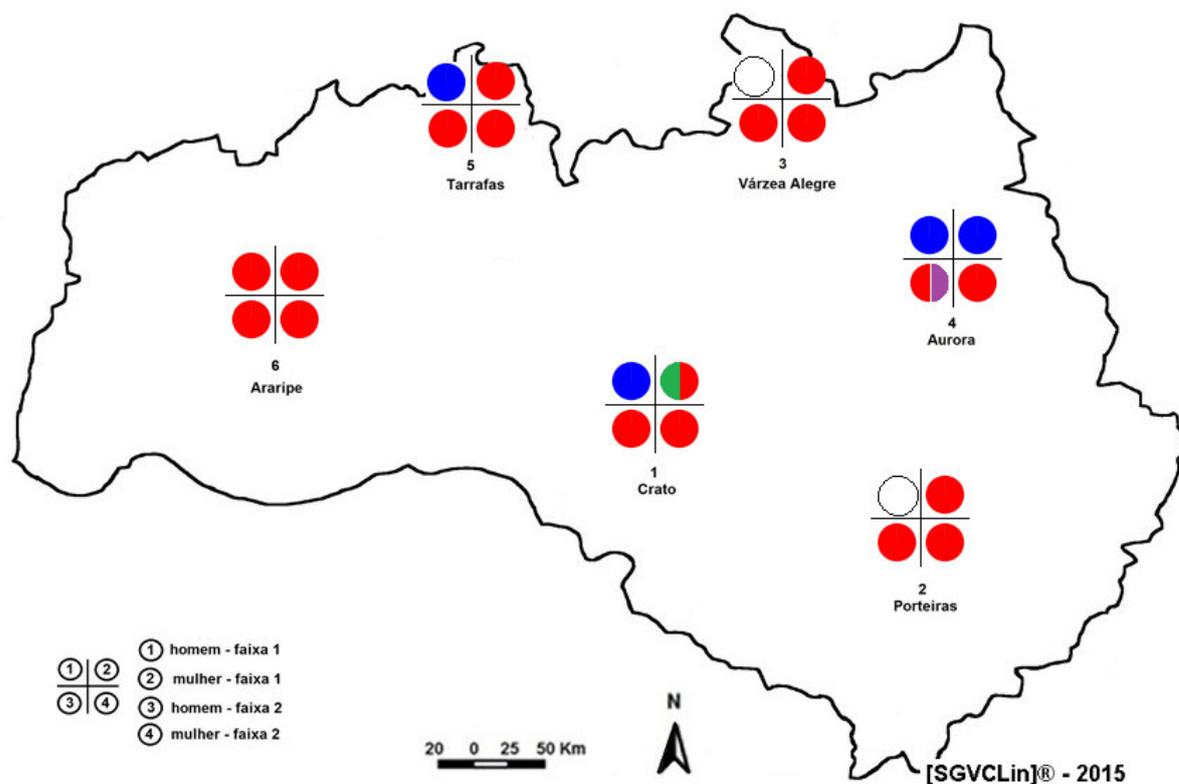




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

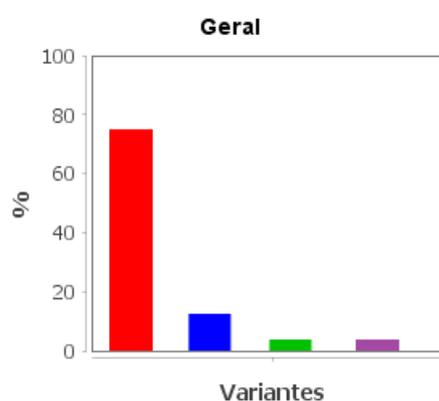
Carta nº 66
DENTES DO SISO
DO JUÍZO

QSL 98 – Como se chamam esses dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?



Variantes

- queiro
- queixar¹
- molares
- sisos
- sem resposta



Nota:

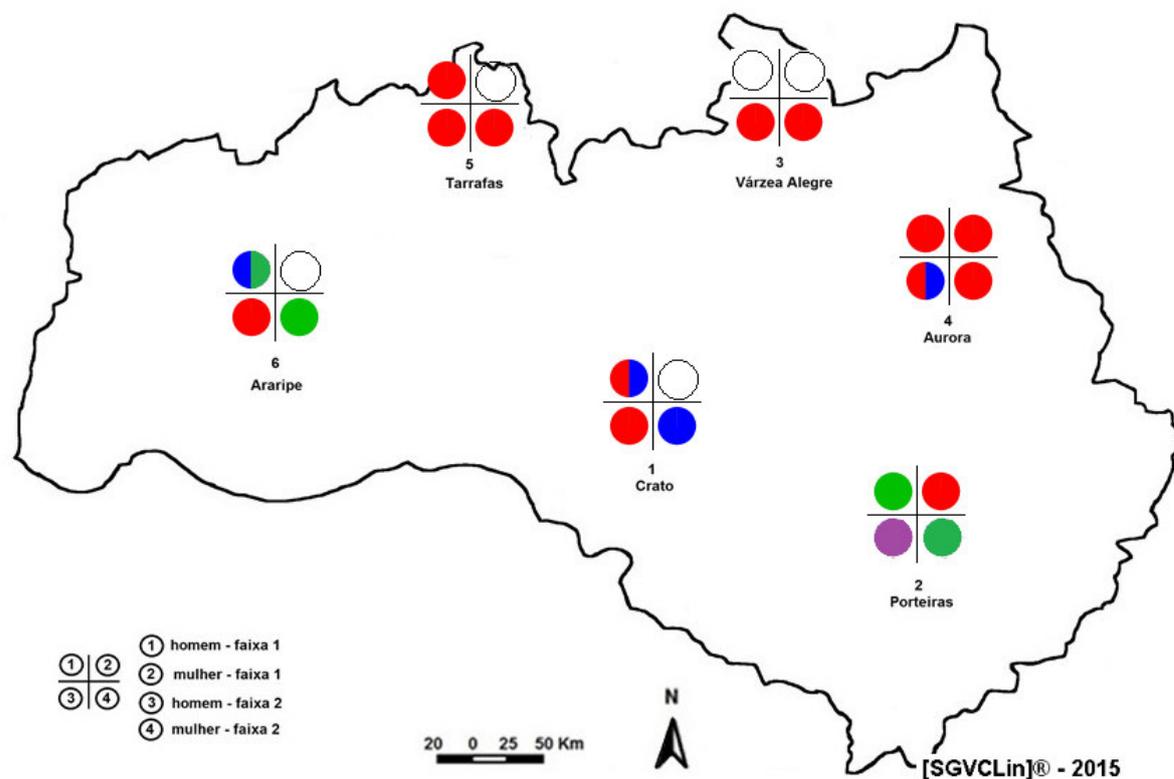
1. Foi registrada a variante fonética: a) ['keʃaw], pelo informante TAR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

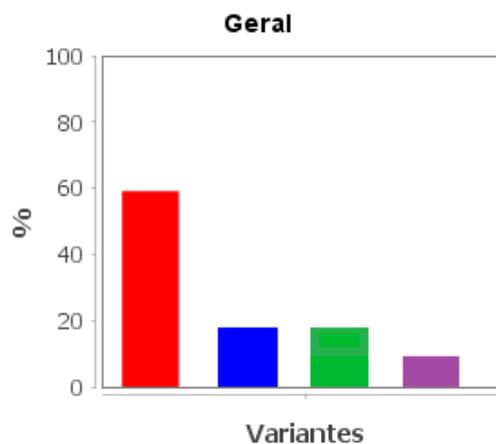
Carta nº 67
FANHOSO
FANHO

QSL 101 – Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz? (*Imitar*).



Variantes

- fanhoso
- fanho
- fonhem¹
- fonho
- sem resposta



Nota:

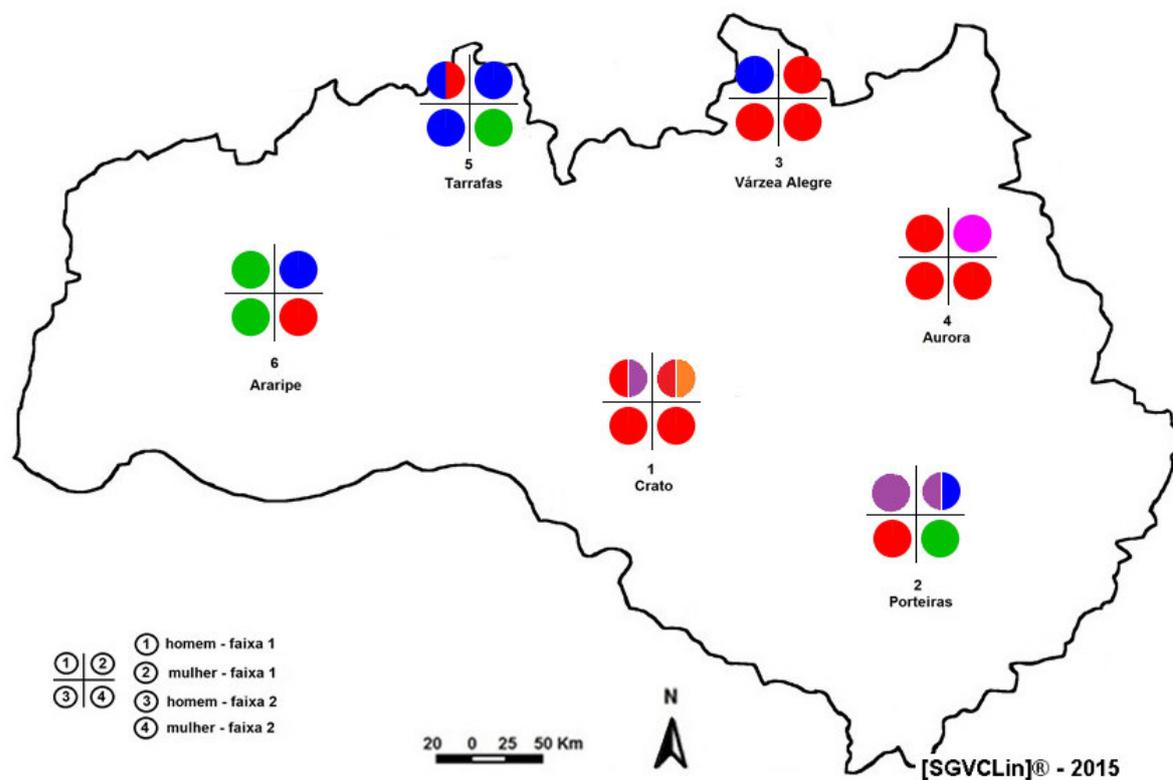
1. Foi registrada a variante fonética [fõ^lẽ] pelo informante POR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

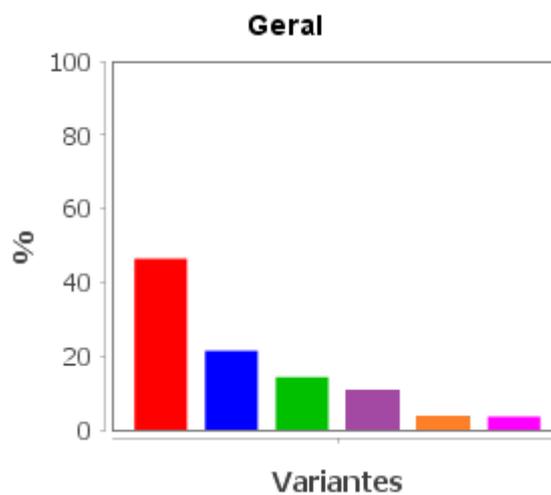
Carta n° 68
MELECA
TATU

QSL 102 – Como se chama a sujeirinha que se tira do nariz com o dedo?



Variantes

- cataraca
- catarro
- catarata
- meleca
- muco
- butela
- sem resposta

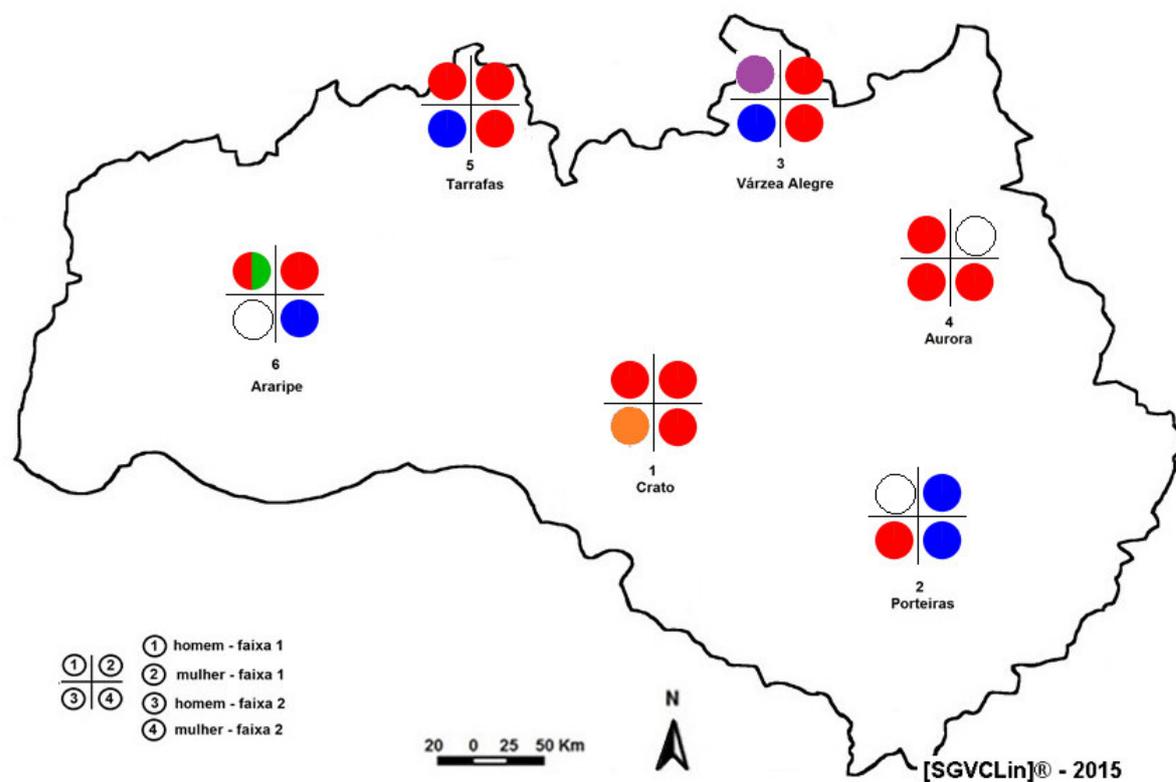




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

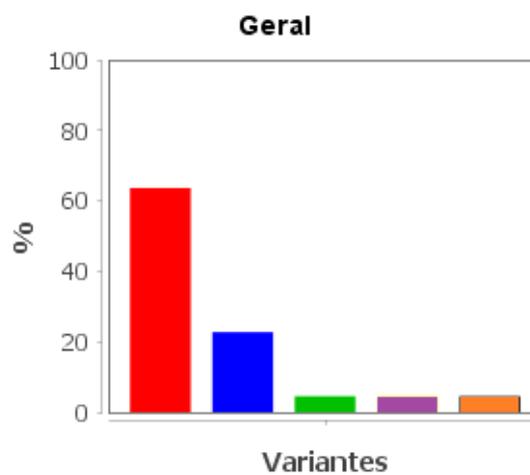
Carta nº 69
NUCA

QSL 104 – Como se chama isto? (*mostrar*).



Variantes

- nuca
- cangote
- cacunda
- osso
- tupete
- sem resposta

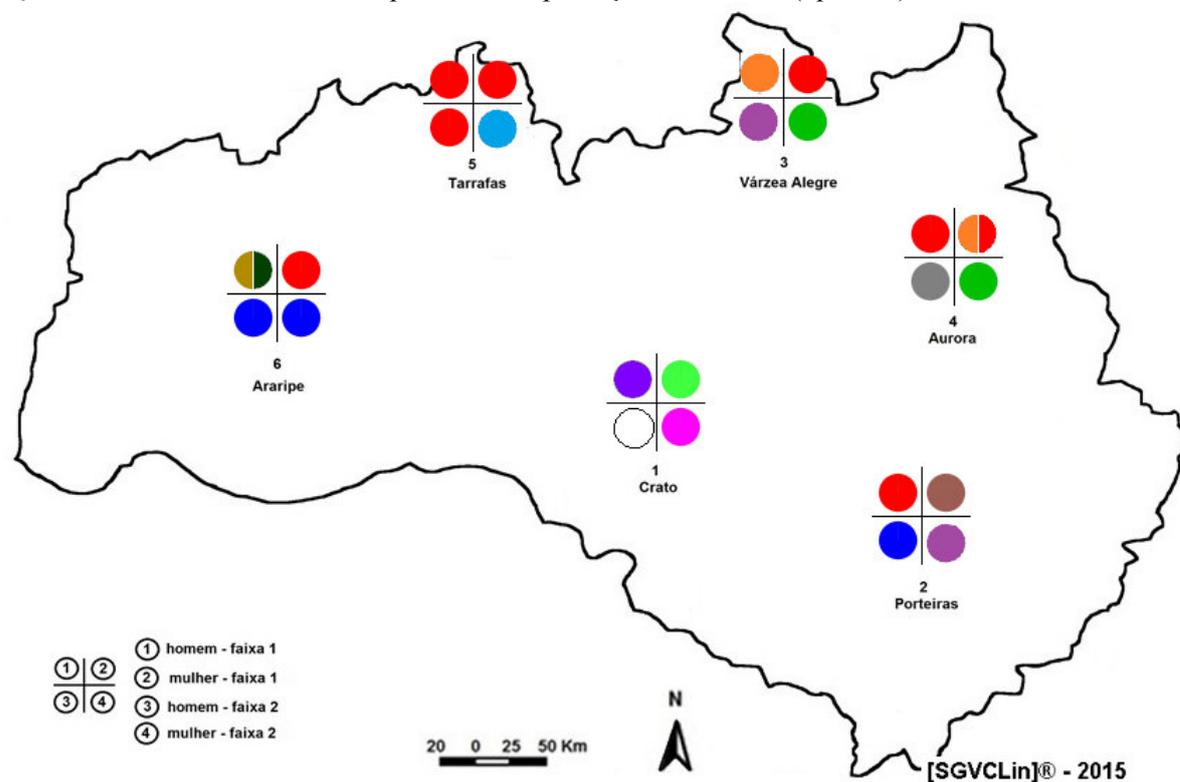




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta nº 70
POMO DE ADÃO
GOGÓ

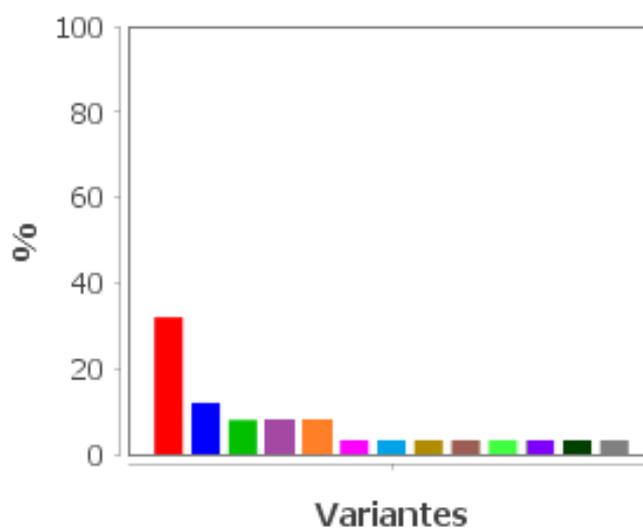
QSL 105 – Como se chama esta parte alta do pescoço do homem? (*Apontar*).



Variantes

- gogó
- nó
- nó da garganta
- nó da goela
- caroço
- pescoço de galinha
- goto
- goela
- osso
- pomo de adão
- maçã
- greguelo
- garganta
- sem resposta

Geral

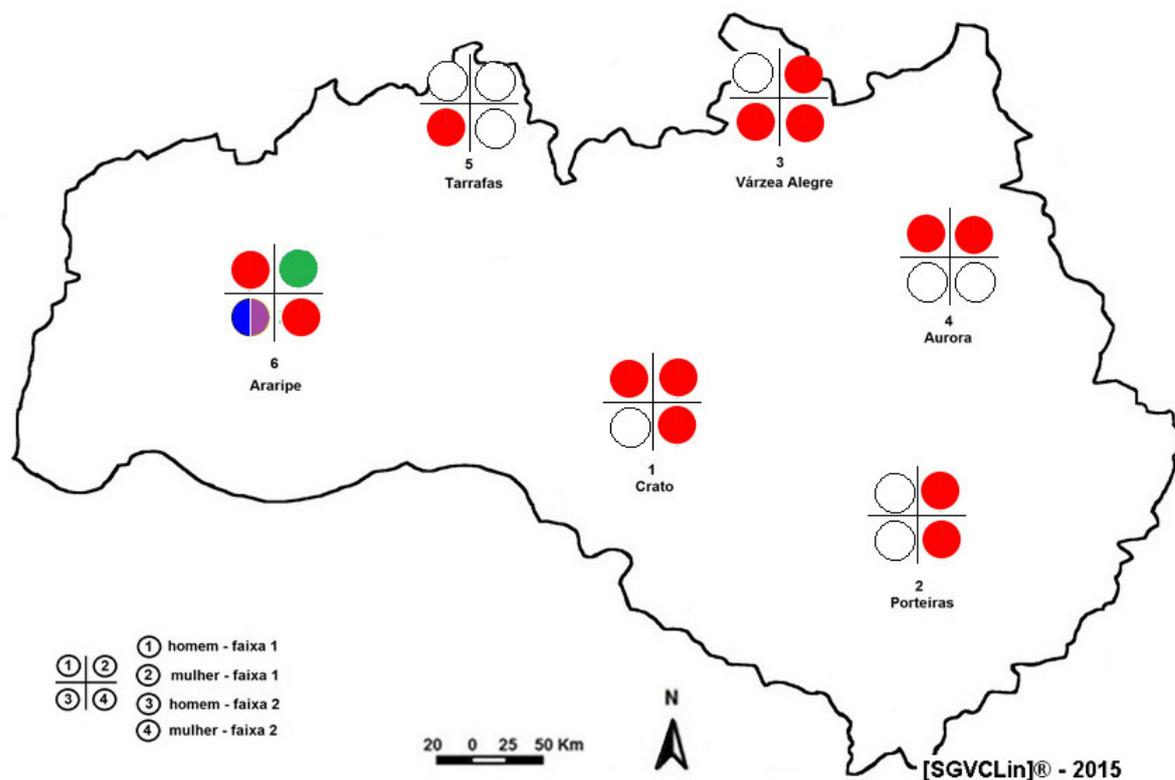




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

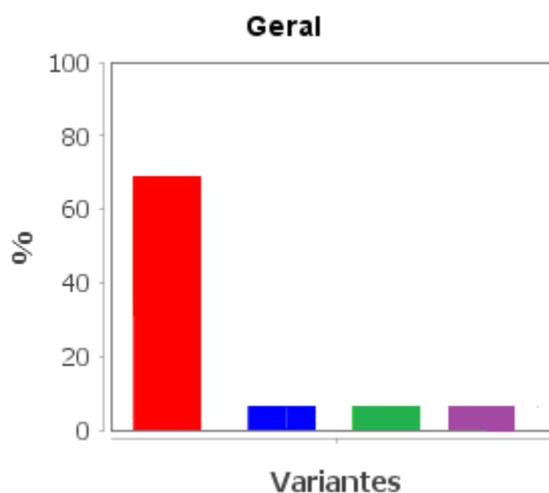
Carta nº 71
CORCUNDA

QSL 107 – Como se chama a pessoa que tem um calombo nas costas e fica assim? (*mímica*)?



Variantes

- corcunda¹
- calumbim
- mondrongo
- deficiente
- sem resposta



Notas:

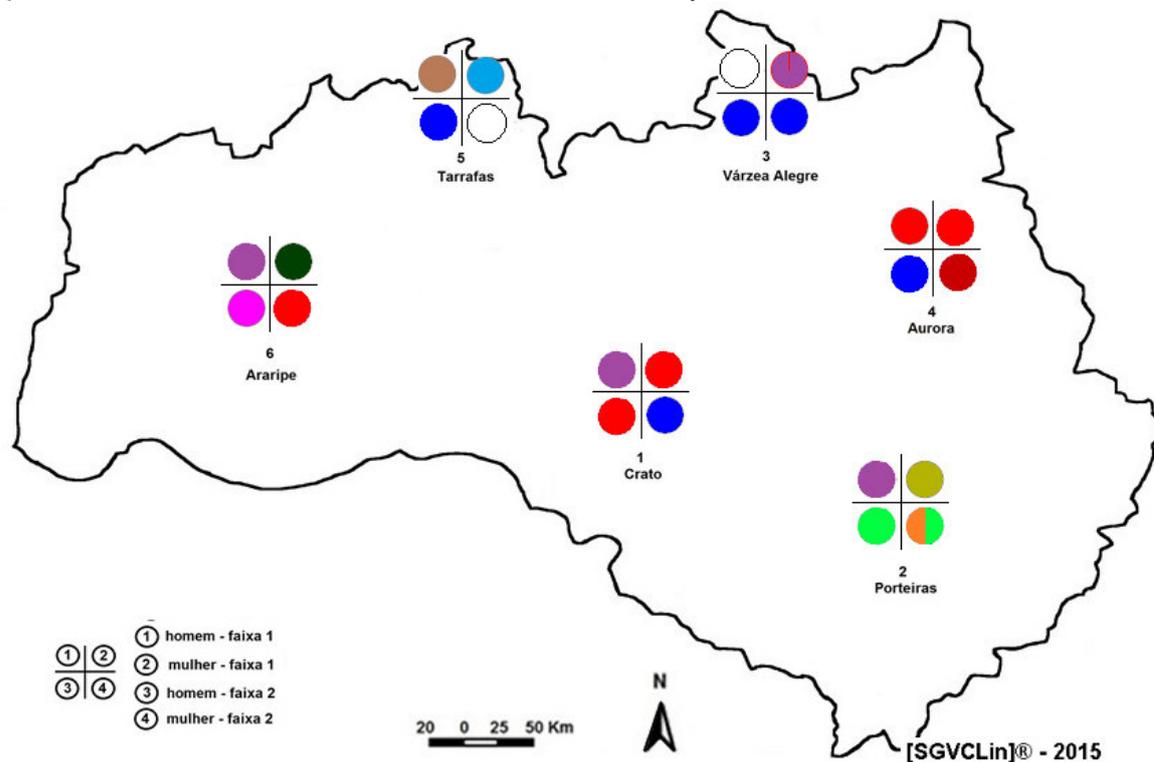
1. Foram registradas as seguintes variantes fonéticas: a) [kɔh'kũdũ] pelos informantes CRA1, AUR1, VAR2, VAR3 e TAR3; b) [ka'kũdũ] pelos informantes POR2 e ARA4; c) [kɔ'kũdũ] pelo informante AUR2; d) [kah'kũdɛ] pelo informante POR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta n° 72
CHEIRO NAS
AXILAS

QSL 109 – Como se chama o mau cheiro em baixo dos braços?



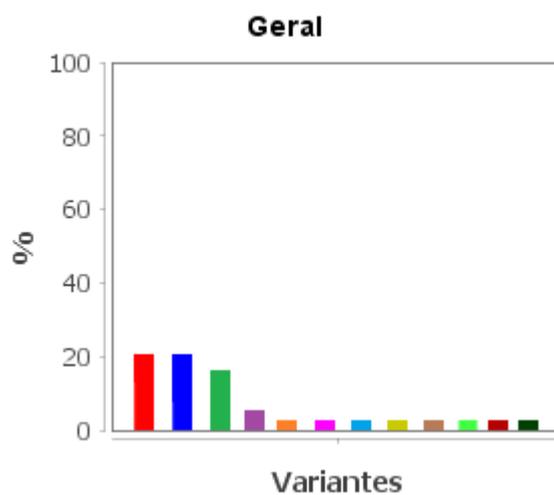
Variantes

- fedor¹
- suor²
- catinga
- carniça
- gambá
- babosa
- mau odor
- suvaqueira
- inhaca
- mau cheiro
- odor

○ sem resposta

Notas:

1. Foram registradas as seguintes formas: a) “fedorento” pelos informantes CRA3 e AUR2; b) “fedido” pelo informante AUR1.
2. Foram registradas as seguintes formas: a) “suor fedido” pelo informante VAR3; b) “suor podre” pelo informante CRA3; c) “suor fedorento” pelo informante VAR4.

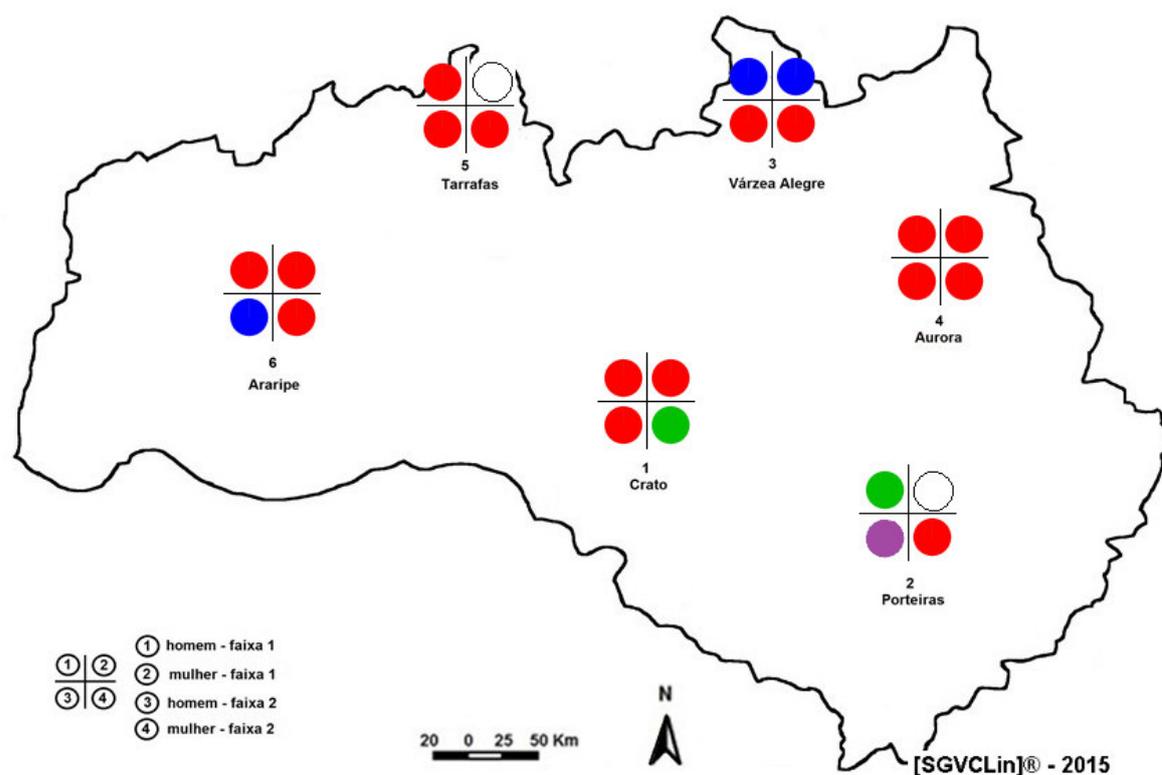




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

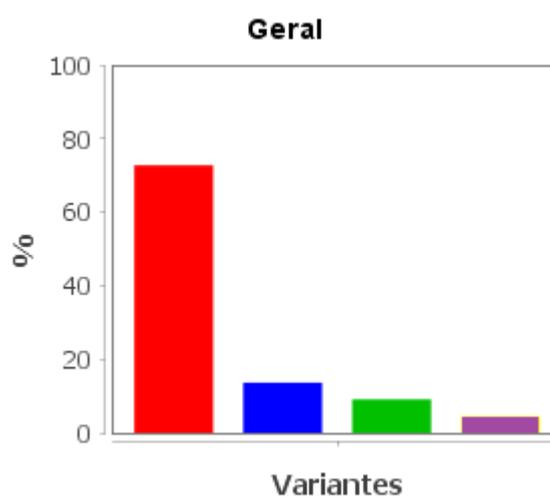
Carta n° 73
CANHOTO

QSL 110 – Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?
(Completar com o gesto).



Variantes

- canhoto
- esquerdo
- destro
- adéstio
- sem resposta

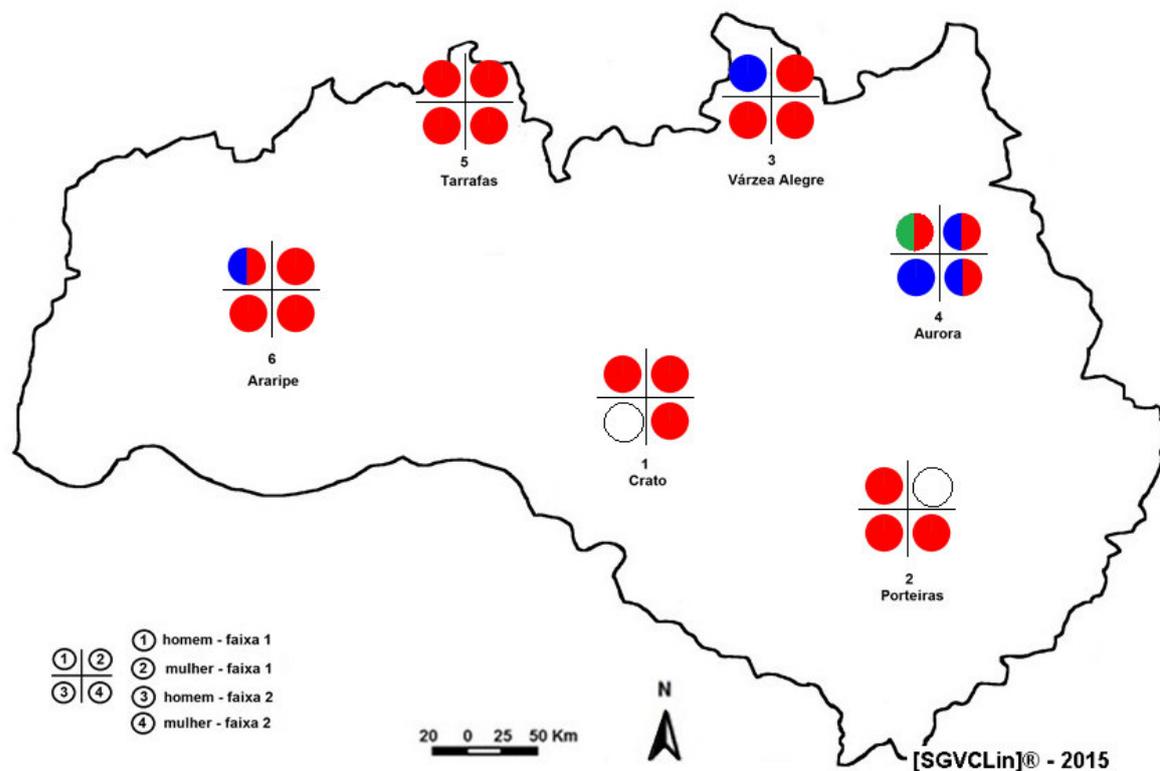




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

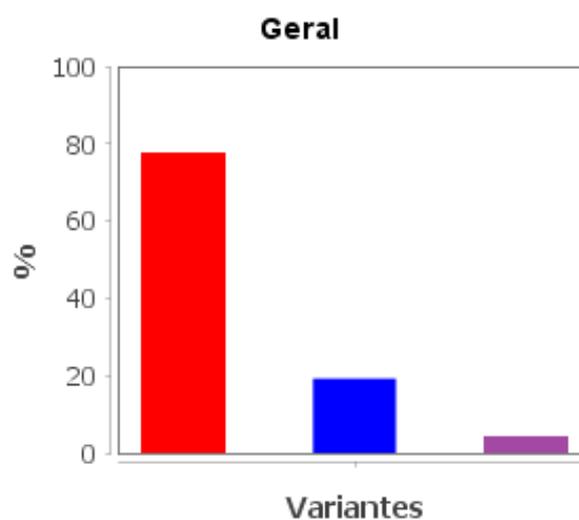
Carta nº 74
ÚTERO

QSL 113 – Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?



Variantes

- útero¹
- barriga
- ventre
- sem resposta



Nota:

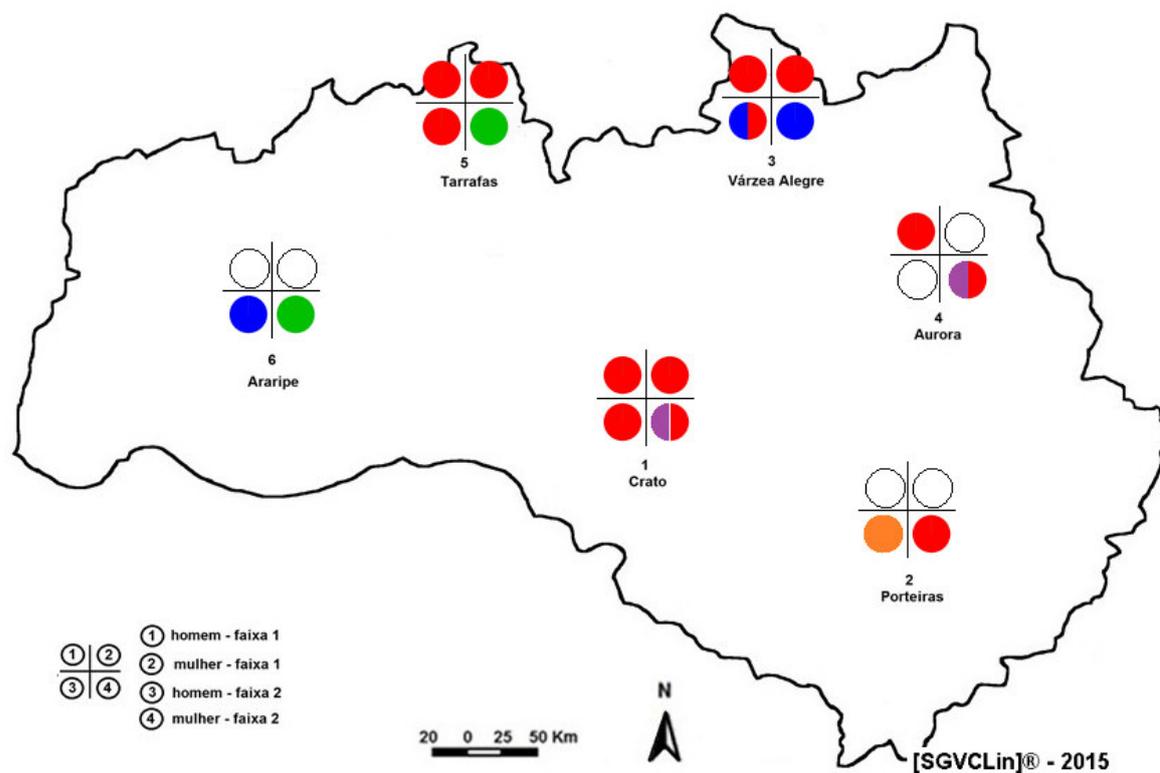
1. Foi registrada a variante fonética [ˈutru] pelos informantes POR4 e AUR1.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

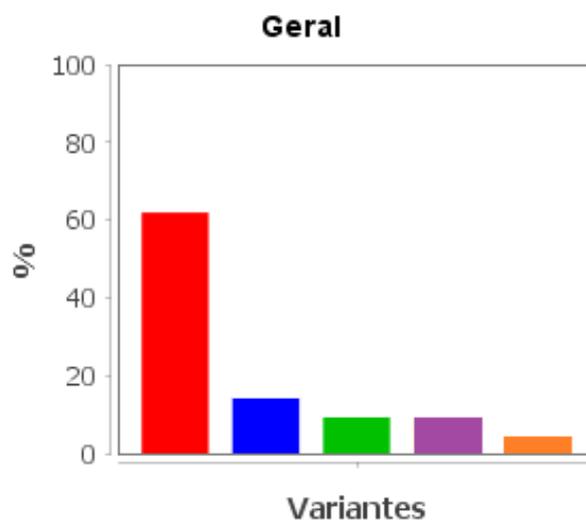
Carta nº 75
PERNETA

QSL 114 – Como se chama a pessoa que não tem uma perna?



Variantes

- aleijado
- cotó
- coxó
- deficiente
- conxa
- sem resposta

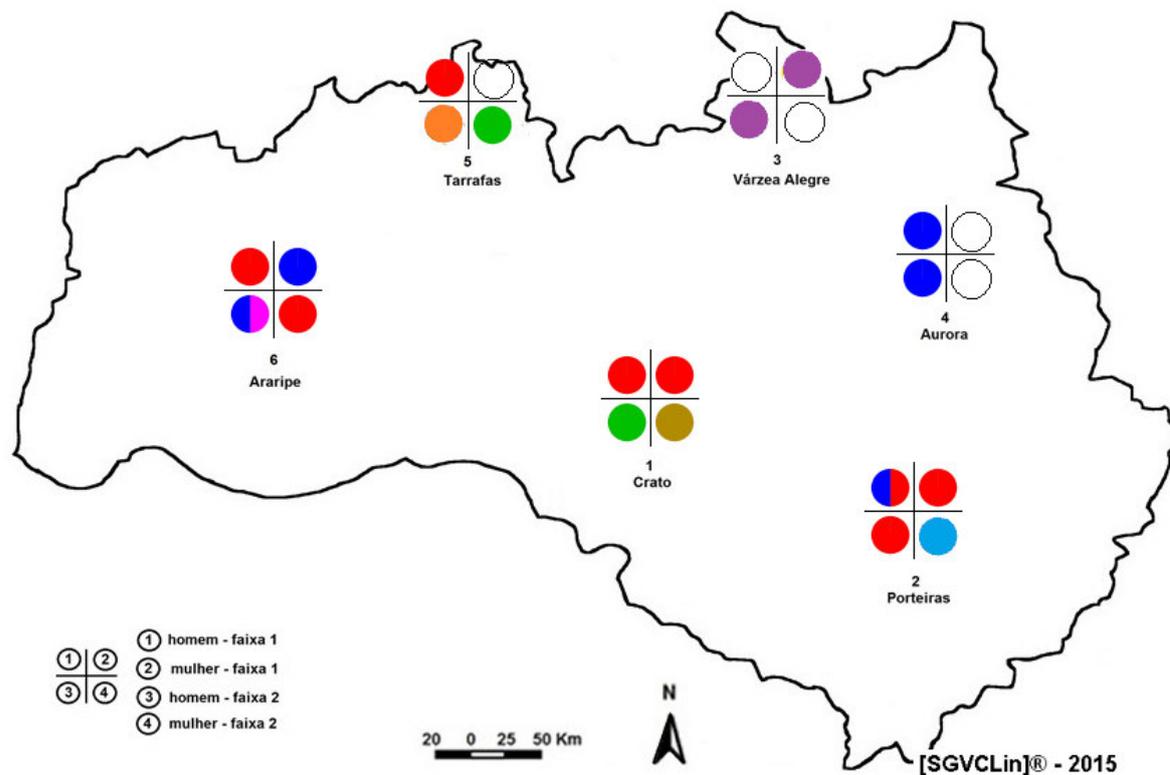




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta nº 76
MANCO

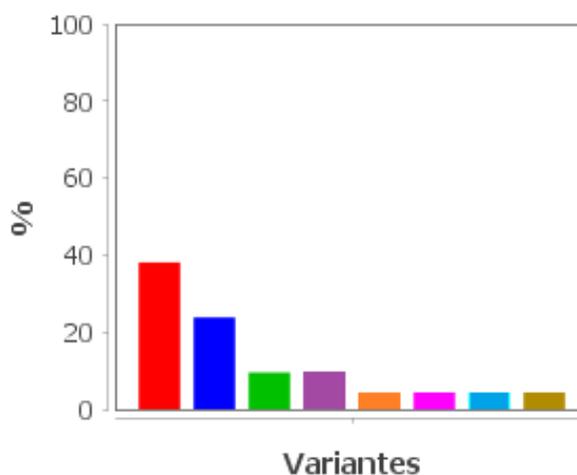
QSL 115 – Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?



Variantes

- manco
- aleijado
- coxó
- caxinga
- caxingó
- defeituoso
- coxo
- pernetá
- sem resposta

Geral

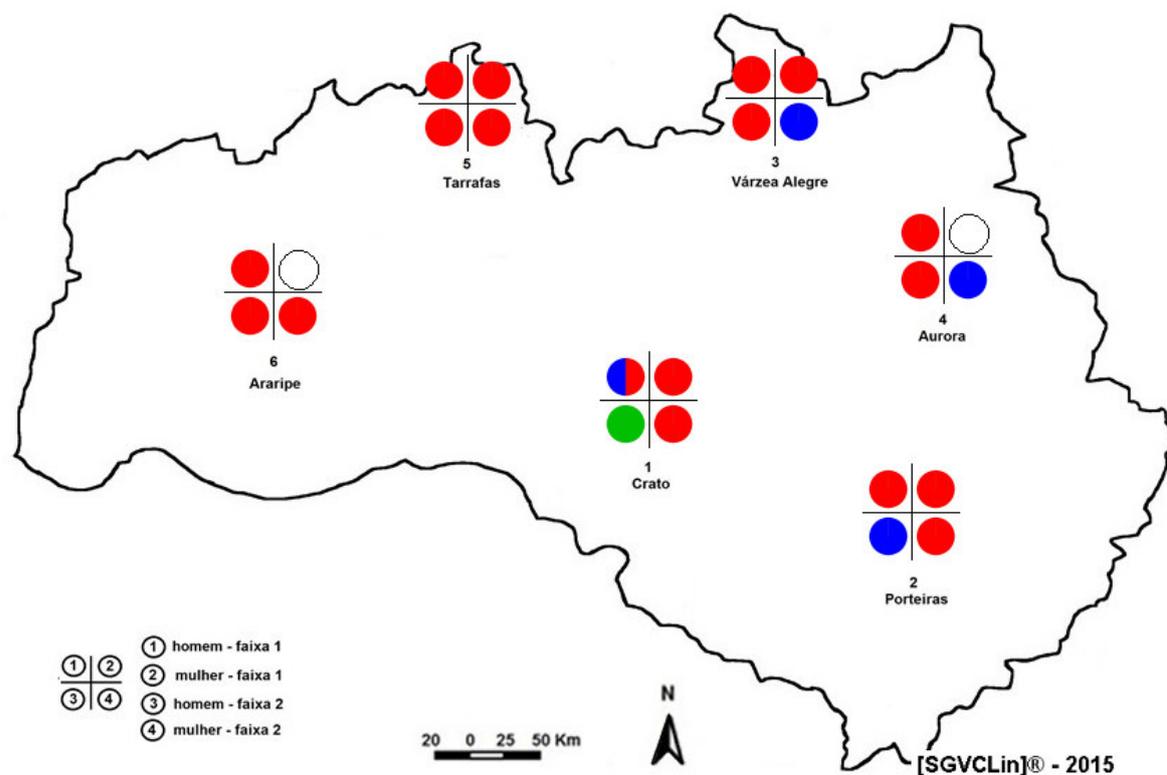




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

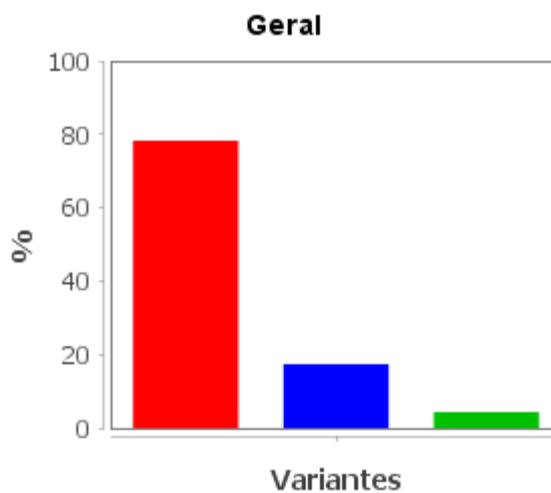
Carta n° 77
PESSOA DE
PERNAS
ARQUEADAS

QSL 116 – Como se chama a pessoa de pernas curvas? (*Mímica*).



Variantes

- cambota
- zambeta
- zambeto
- sem resposta

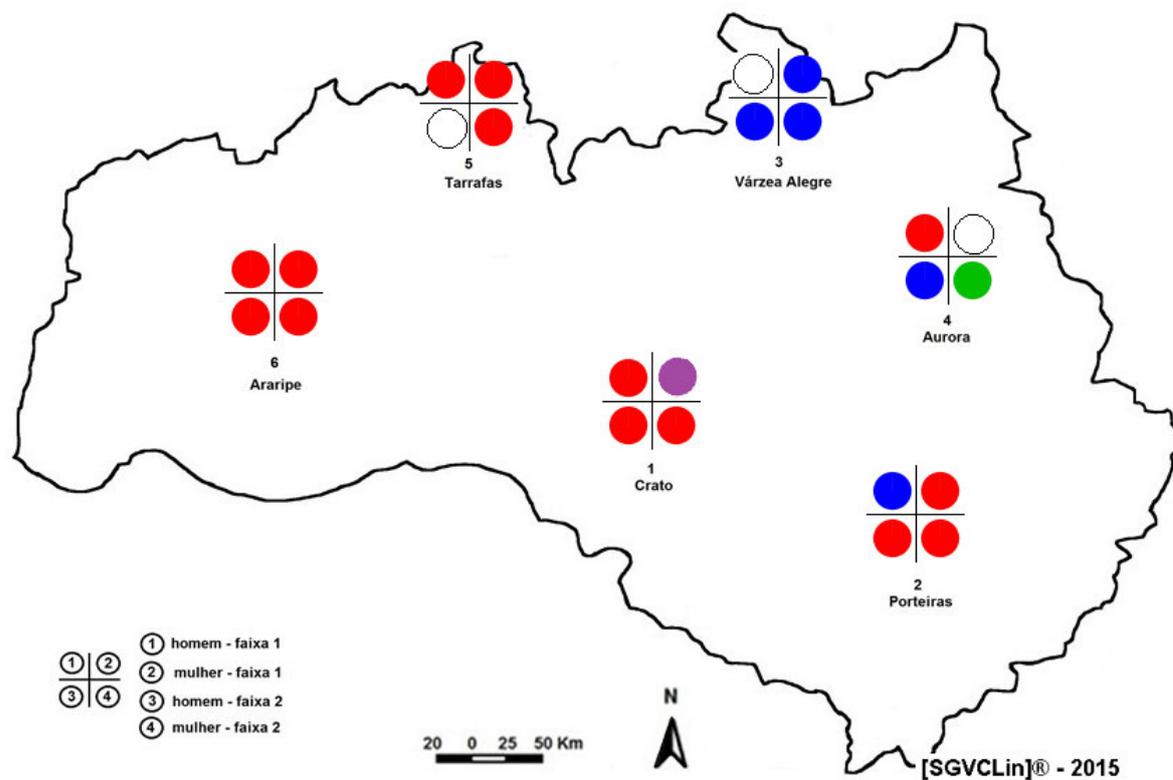




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

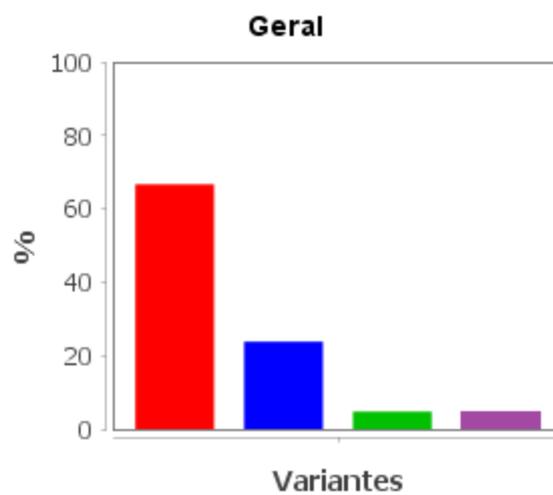
Carta n° 78
RÓTULA
PATACA

QSL 117 – Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?



Variantes

- bolacha
- bolacha do joelho
- osso
- rótula
- sem resposta

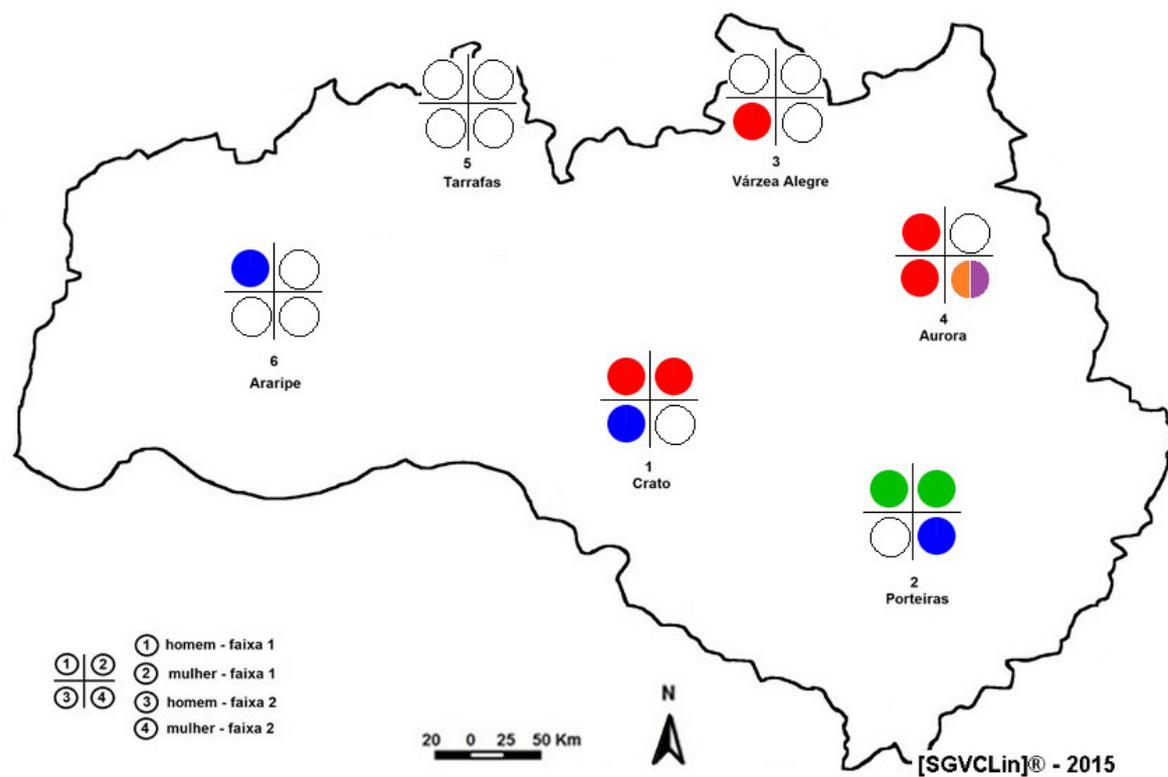




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

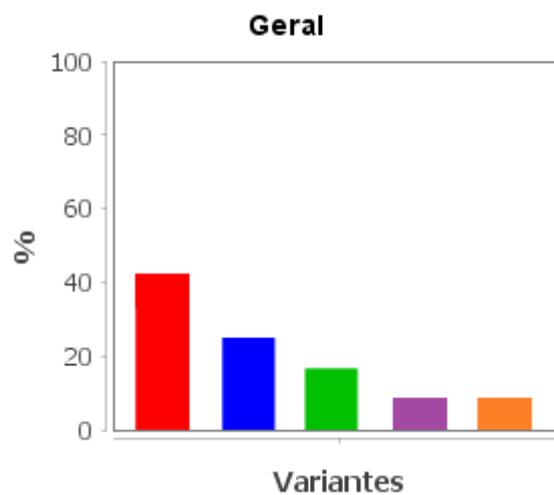
Carta n° 79
TORNOZELO

QSL 118 – Como se chama isto? (*Apontar*)



Variantes

- calcanhar¹
- peito do pé
- tornozele
- mocotó
- rejeito
- sem resposta



Nota:

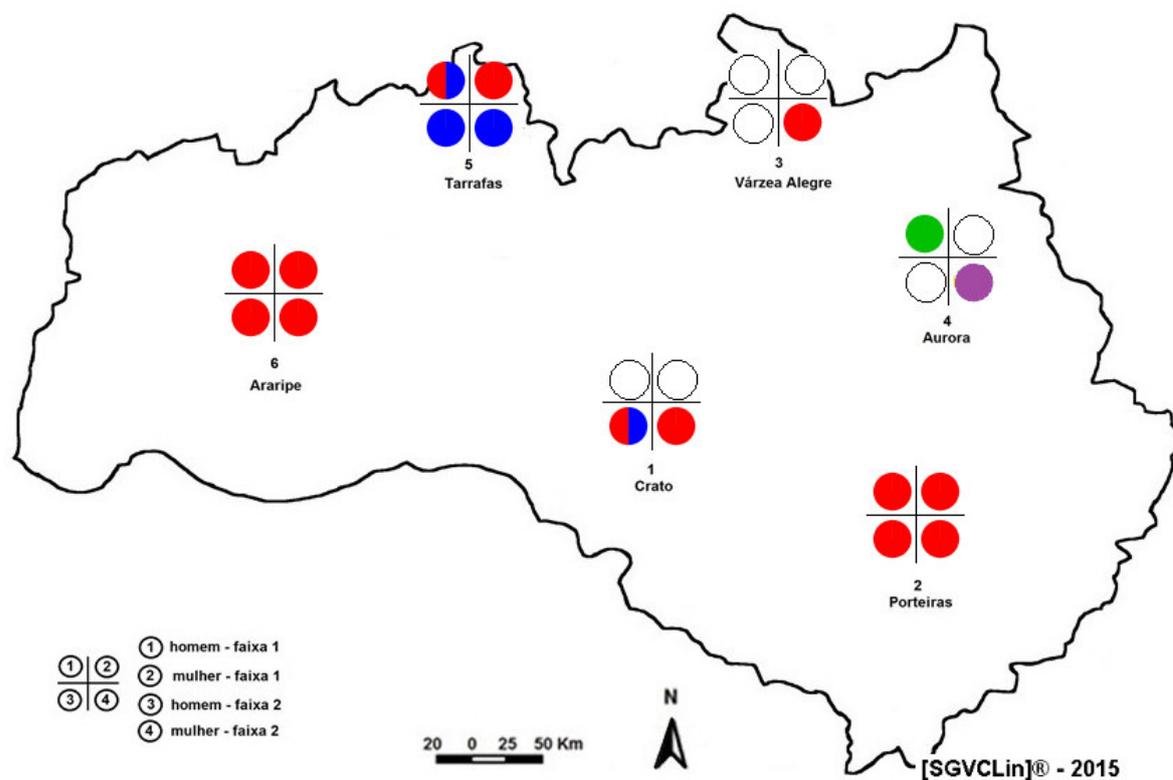
1. Foi registrada a variante fonética [kahka^hɲa] pelo informante AUR3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

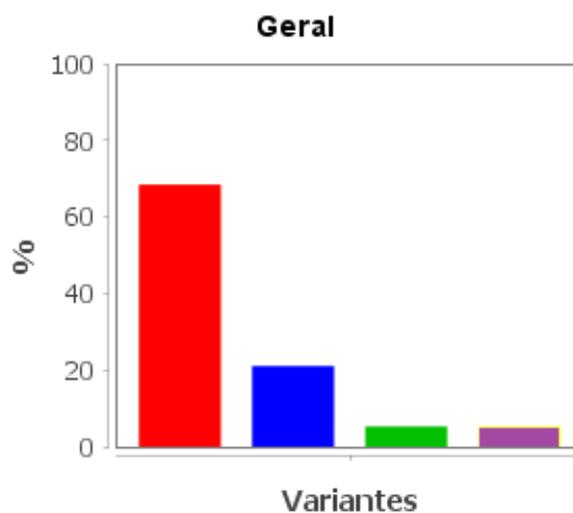
Carta n° 80
CALCANHAR

QSL 119 – Como se chama isto? (*Apontar*)



Variantes

- calcanhar
- mocotó
- rejeito
- cotovelo
- sem resposta

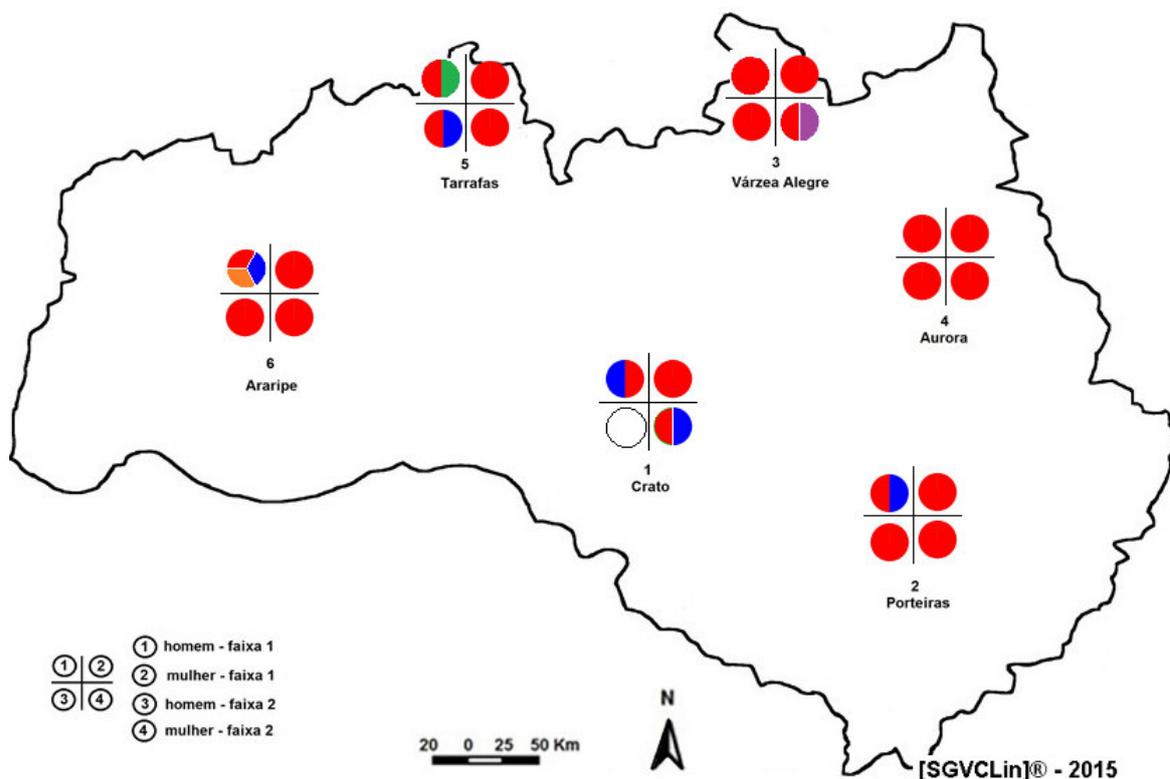




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

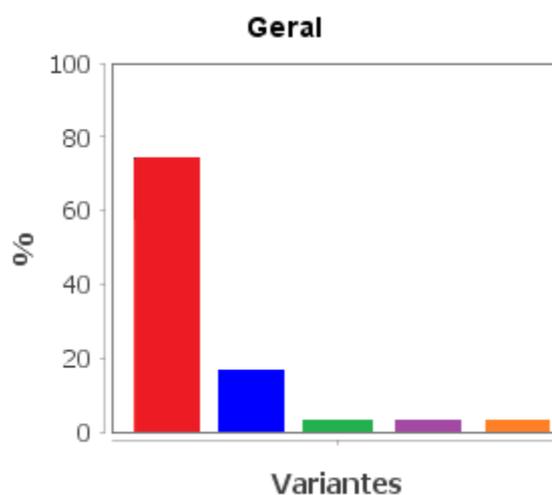
Carta n° 81
MENSTRUAÇÃO

QSL 121 – As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?



Variantes

- menstruação¹
- bode
- chico
- os tempo
- naqueles dias
- sem resposta



Nota:

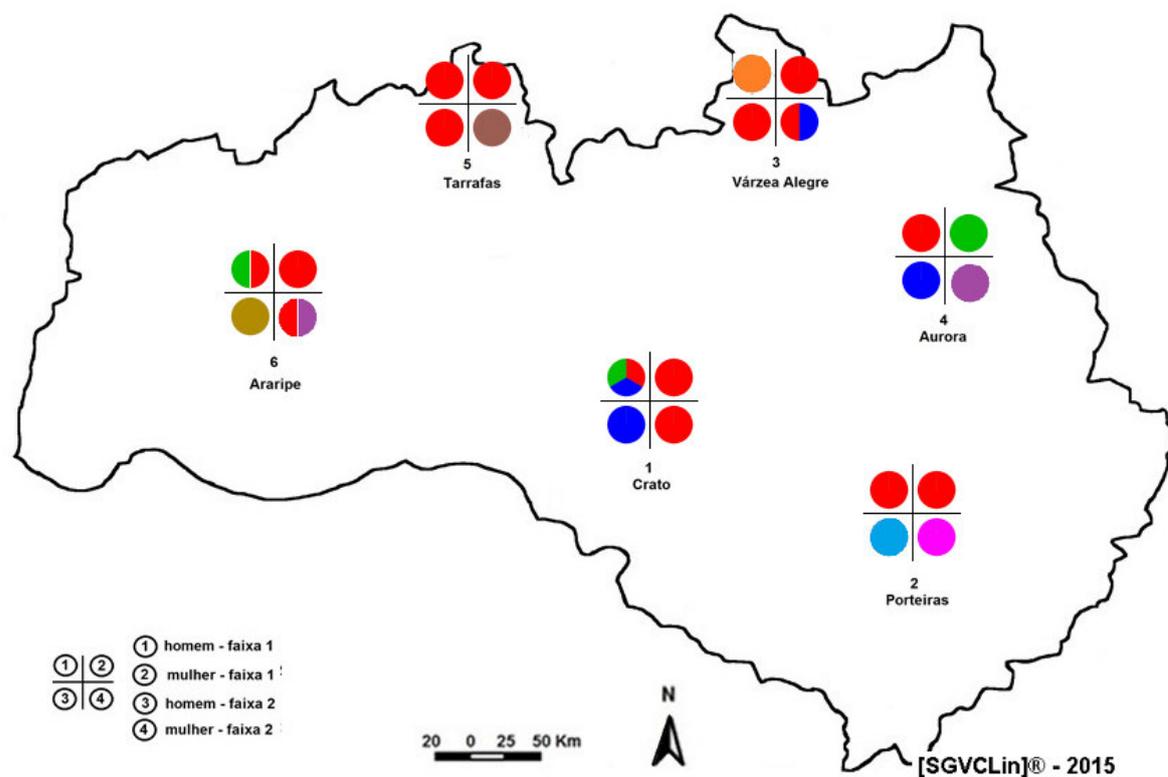
1. Foram registradas as seguintes formas: a) “menstruando” pelos informantes CRA4 e AUR4; b) “menstruada” pelos informantes POR3 e VAR1; c) “menstruar” pelo informante ARA3.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

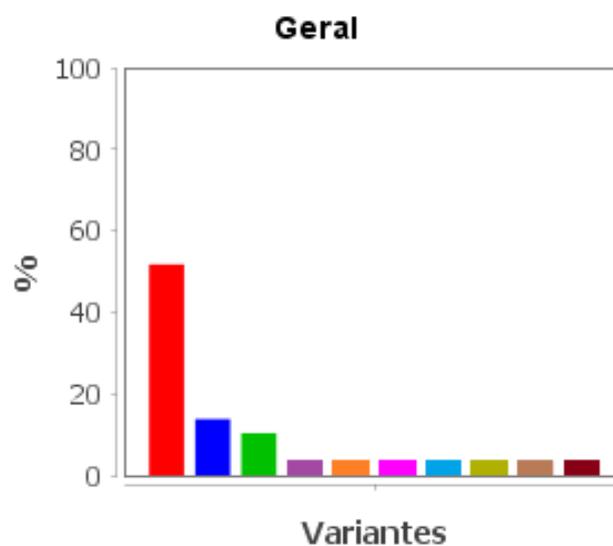
Carta n° 82
DAR À LUZ

QSL 124 – Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____.



Variantes

- parir
- ganhar neném
- dar à luz
- ter neném
- ganhar
- receber menino
- ganhar menino
- ter menino
- descansar
- ter filho
- sem resposta

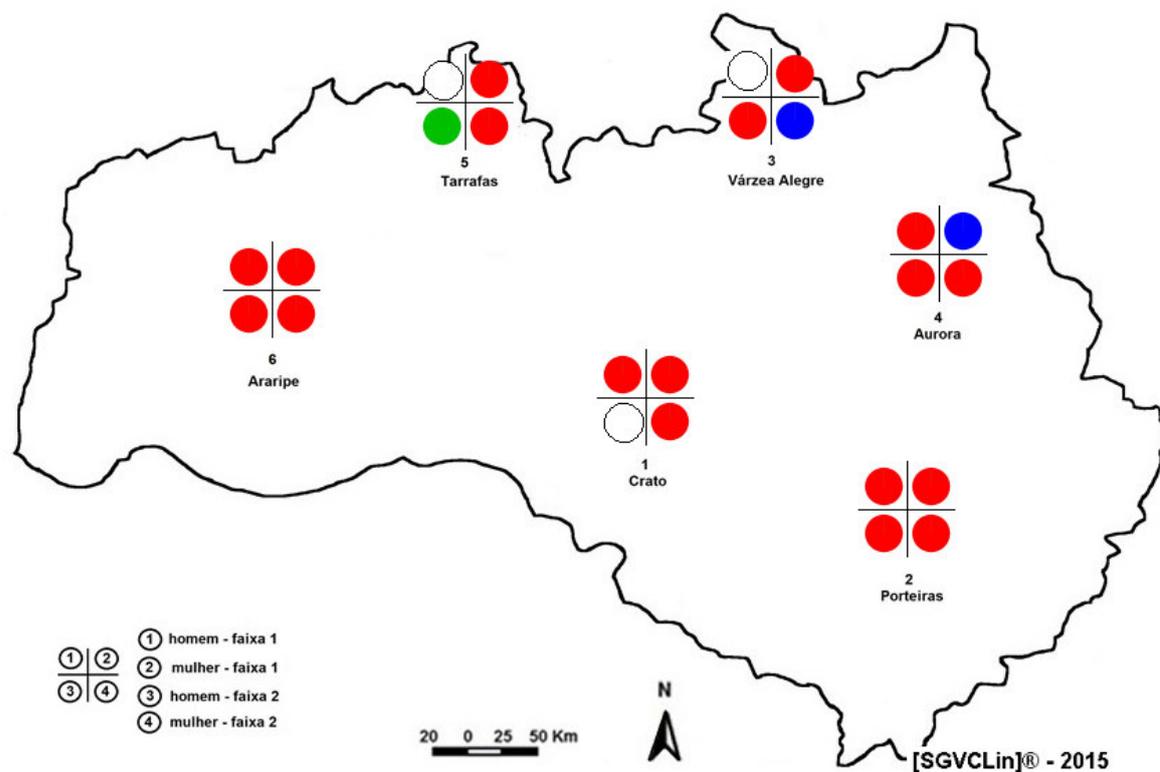




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

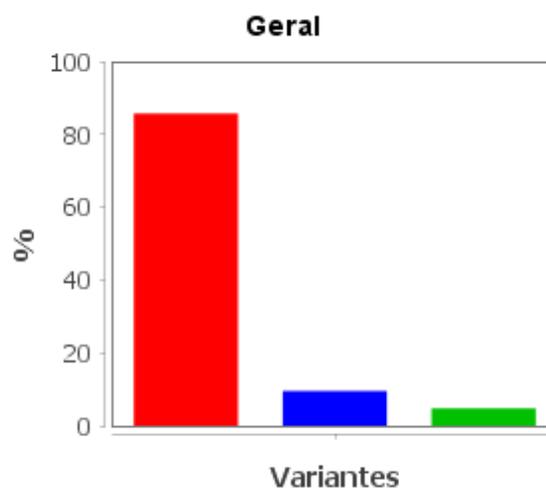
Carta nº 83
ABORTO

QSL 126 – Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve ____.



Variantes

- aborto
- abortou
- botou no mato
- sem resposta

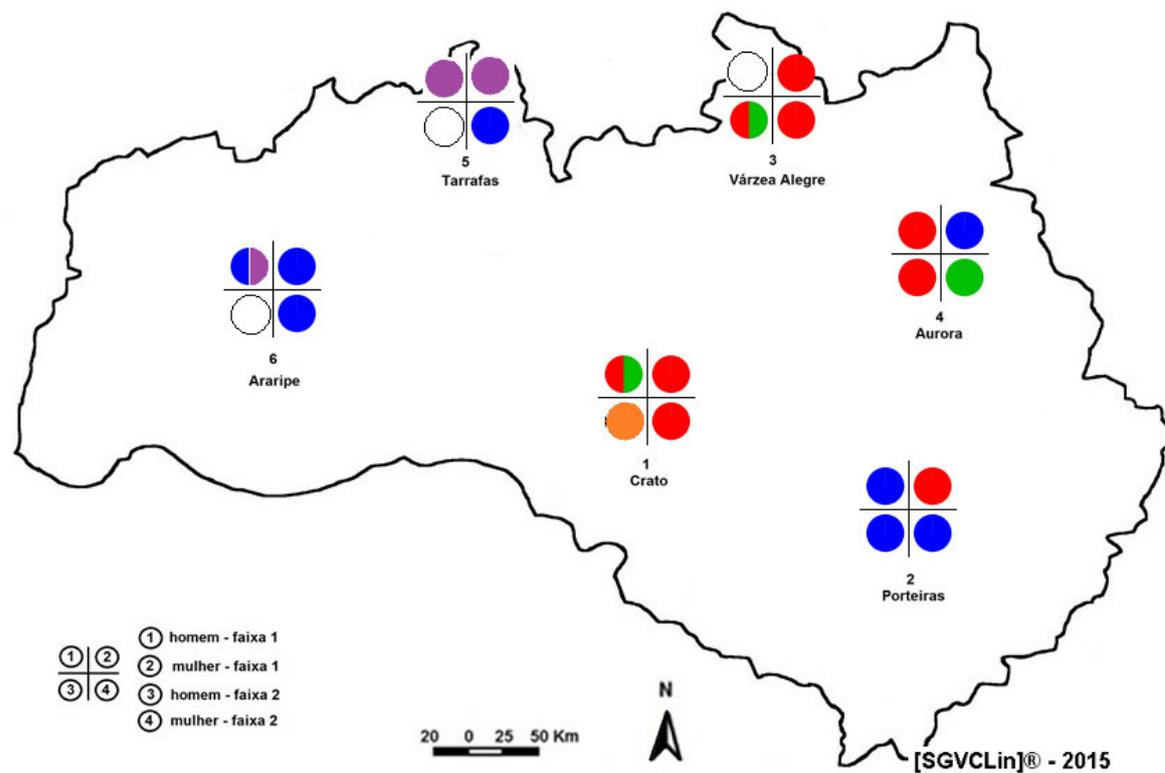




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

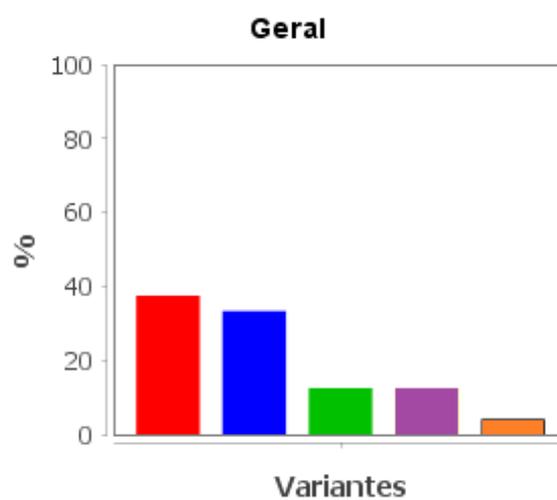
Carta nº 84
ABORTAR

QSL 123 – Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____.



Variantes

- abortou
- abortar
- perdeu a criança
- perder
- perdeu o bebê
- sem resposta

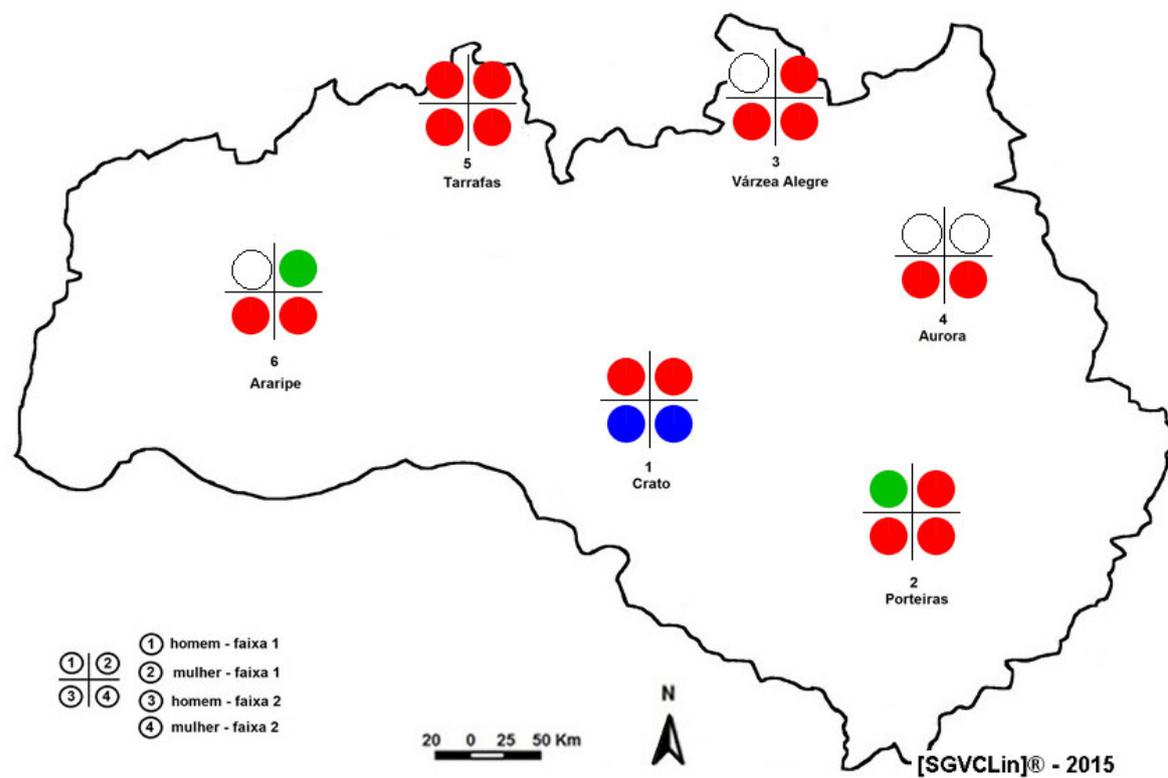




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

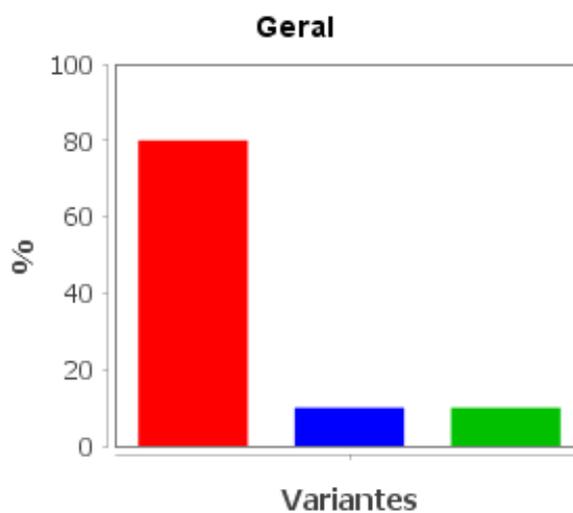
Carta nº 85
AMA DE LEITE

QSL 128 – Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, essa mulher



Variantes

- mãe de leite
- ama de leite
- mãe de peito
- sem resposta

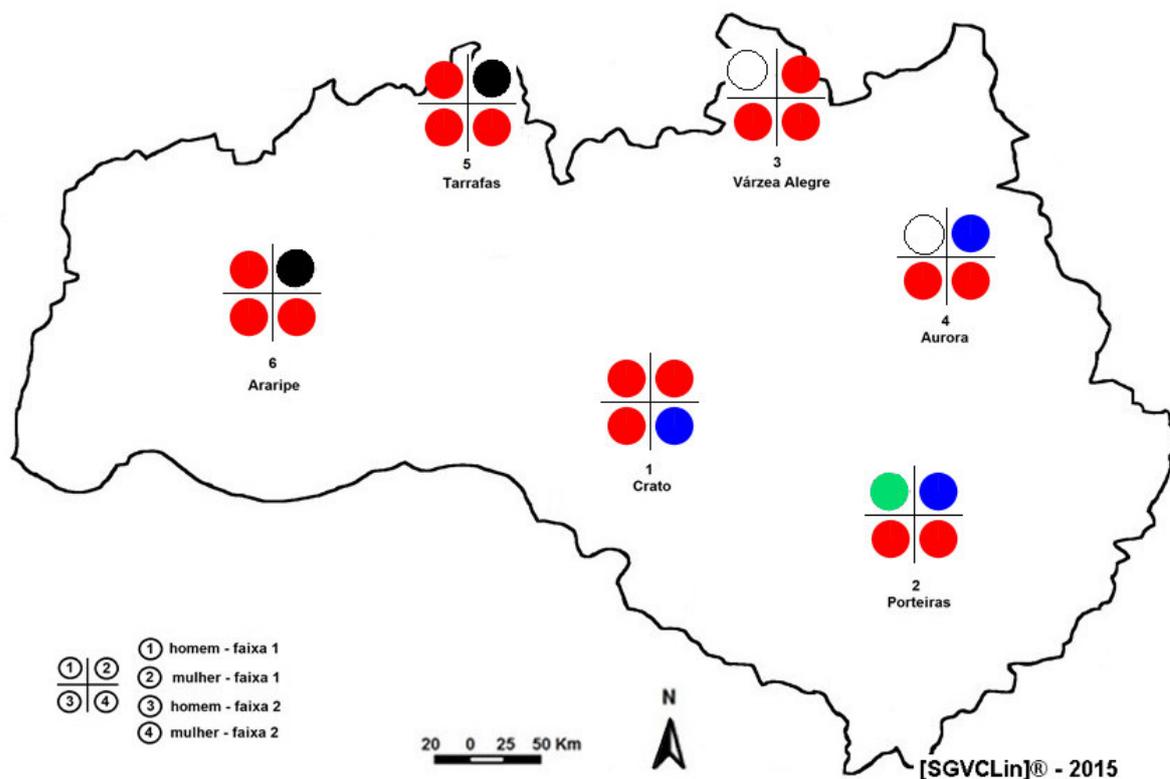




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

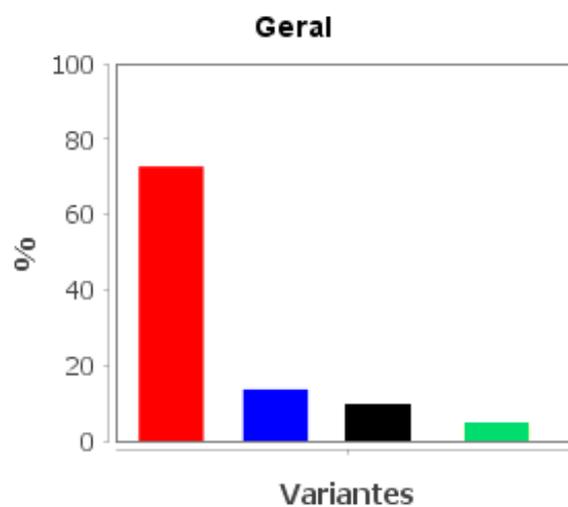
Carta nº 86
IRMÃO DE LEITE

QSL 129 – O próprio filho da ____ (cf. item 128) a criança que ela amamenta são o quê um do outro?



Variantes

- irmão de leite
- irmãos
- irmão de peito
- outras formas
- sem resposta



Nota: Outras formas obtidas

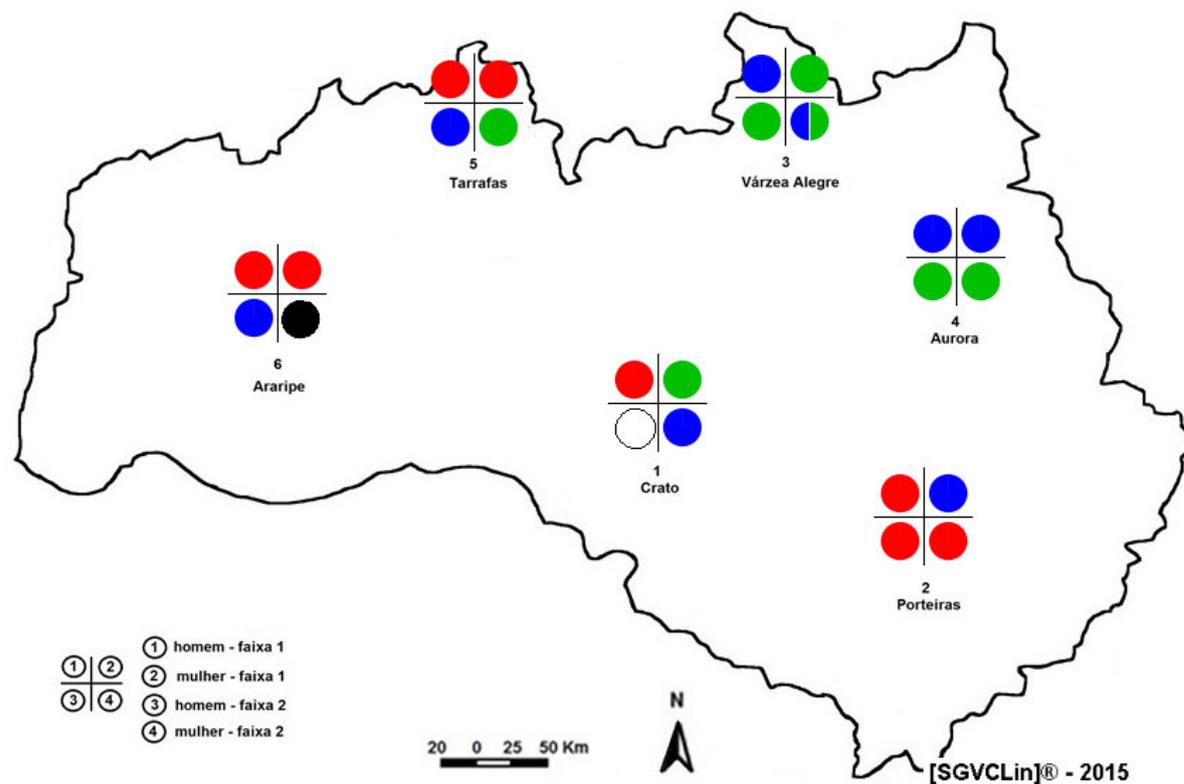
1. Foram registradas as seguintes formas: a) “filho de peito” pelo informante ARA2; b) “filho de leite” pelo informante TAR2.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

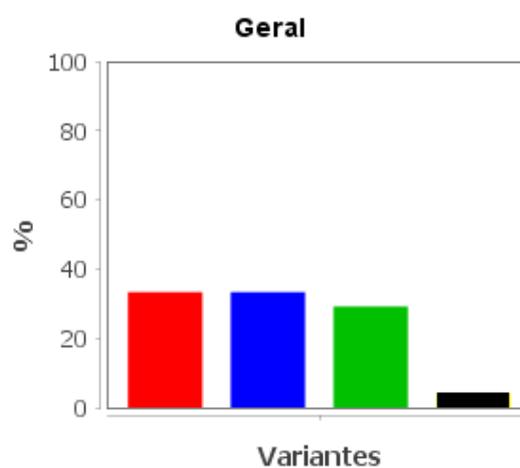
Carta nº 87
FILHO ADOTIVO

QSL 130 – Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?



Variantes

- adotado
- filho de criação
- filho adotivo
- outra forma
- sem resposta



Nota: Outra forma obtida:

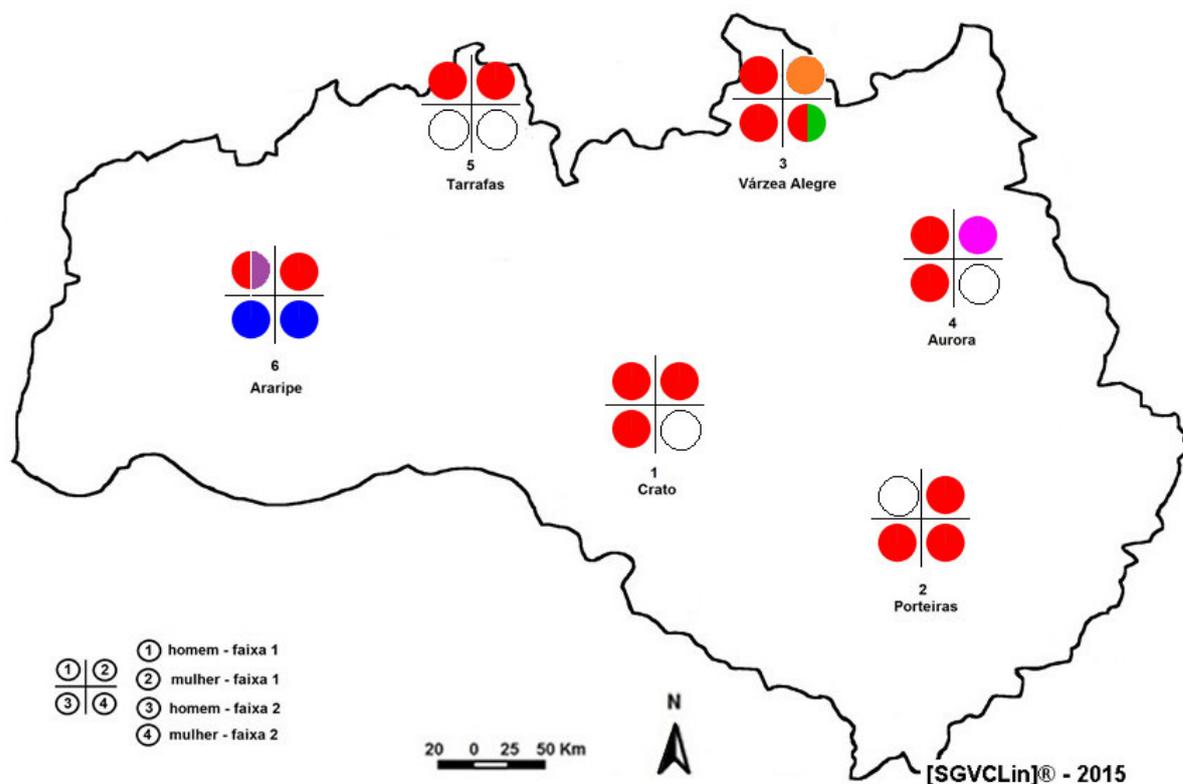
1. Foi registrada a forma “filho de criação” pelo informante ARA4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

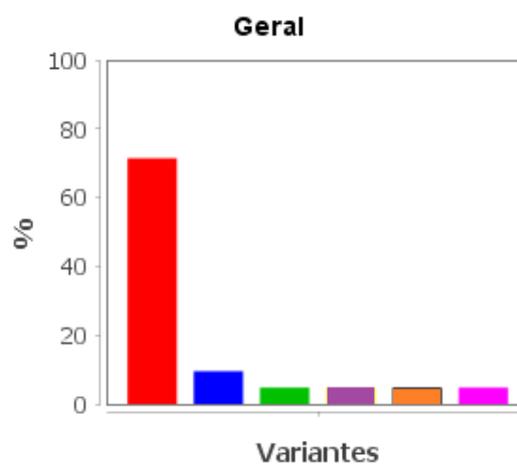
Carta nº 88
MENINO

QSL 132 – Criança pequenina, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?



Variantes

- menino
- moleque
- garoto
- guri
- meu rapaz
- menininho
- sem resposta

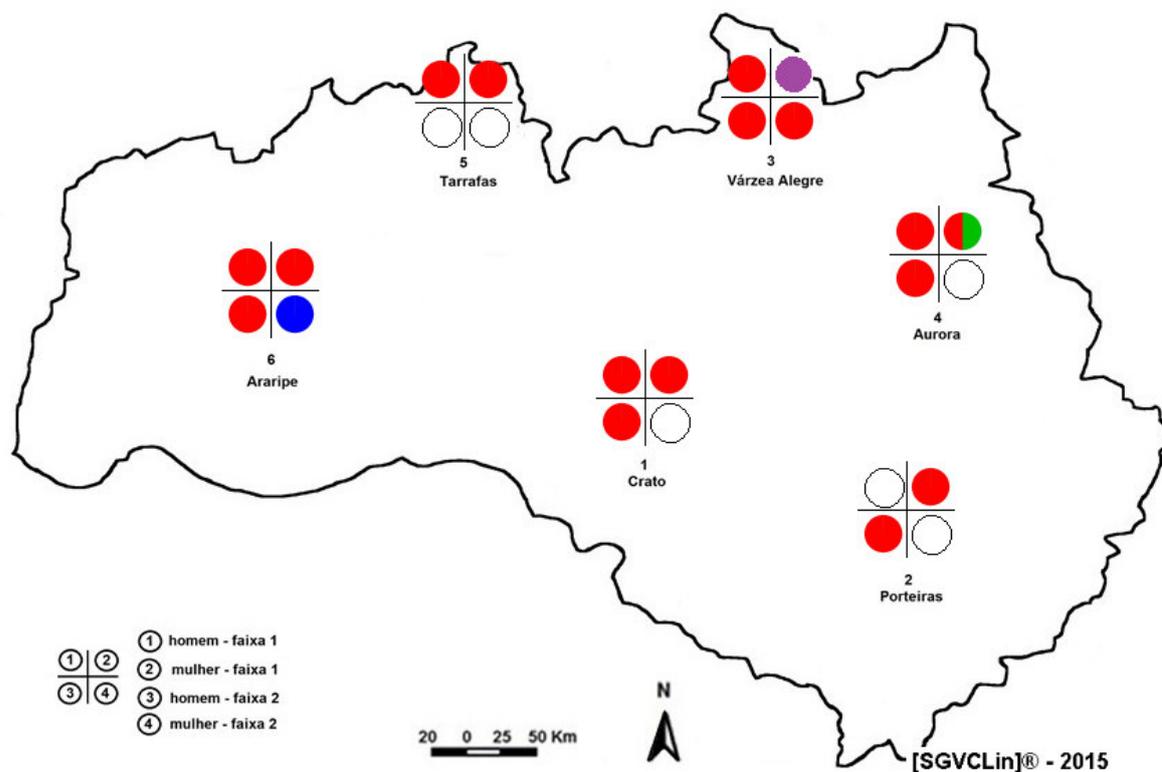




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

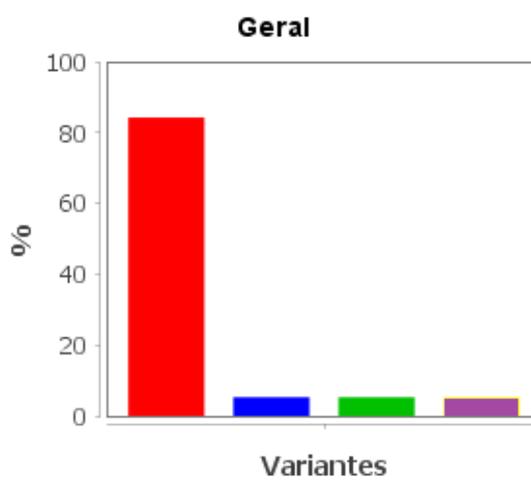
Carta nº 89
MENINA

QSL 133 – E se for do sexo feminino?



Variantes

- menina
- moleca
- menininha
- minha mocinha
- sem resposta

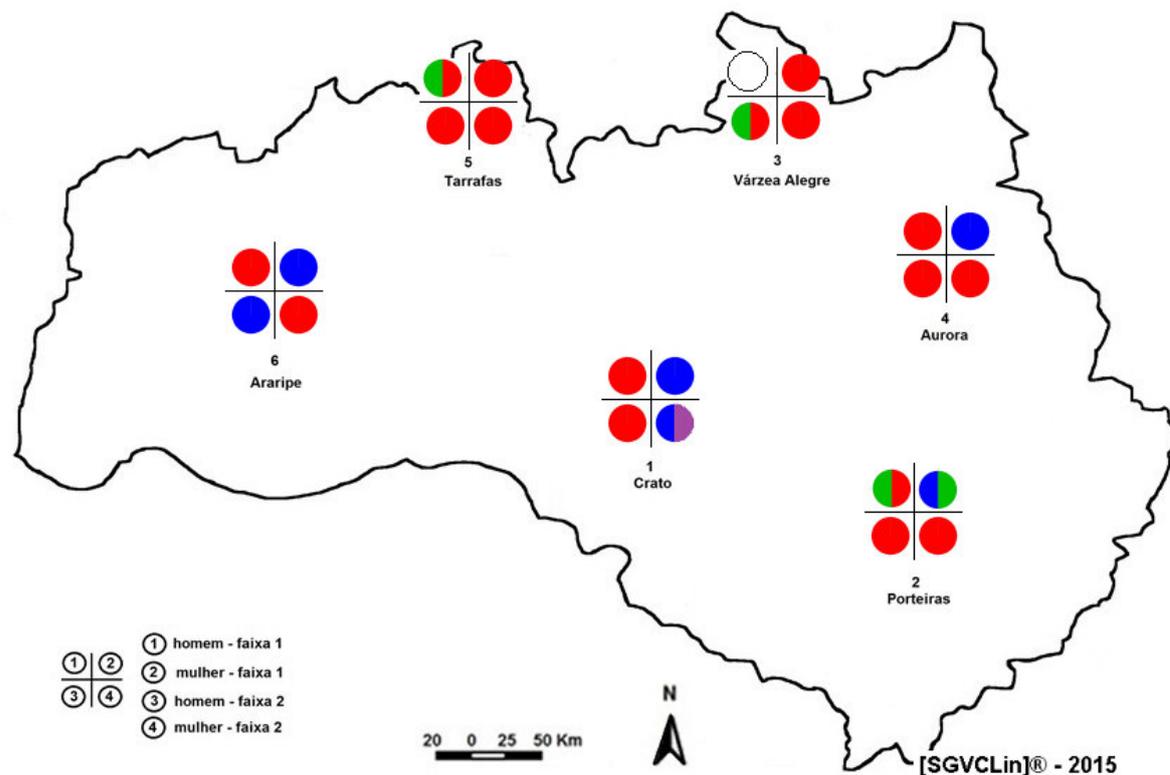




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

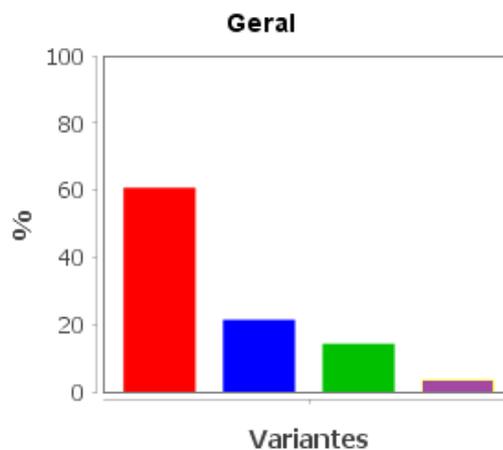
Carta n° 90
FINADO
FALECIDO

QSL 135 – Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não s tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?



Variantes

- finado
- falecido
- defunto
- morto
- sem resposta

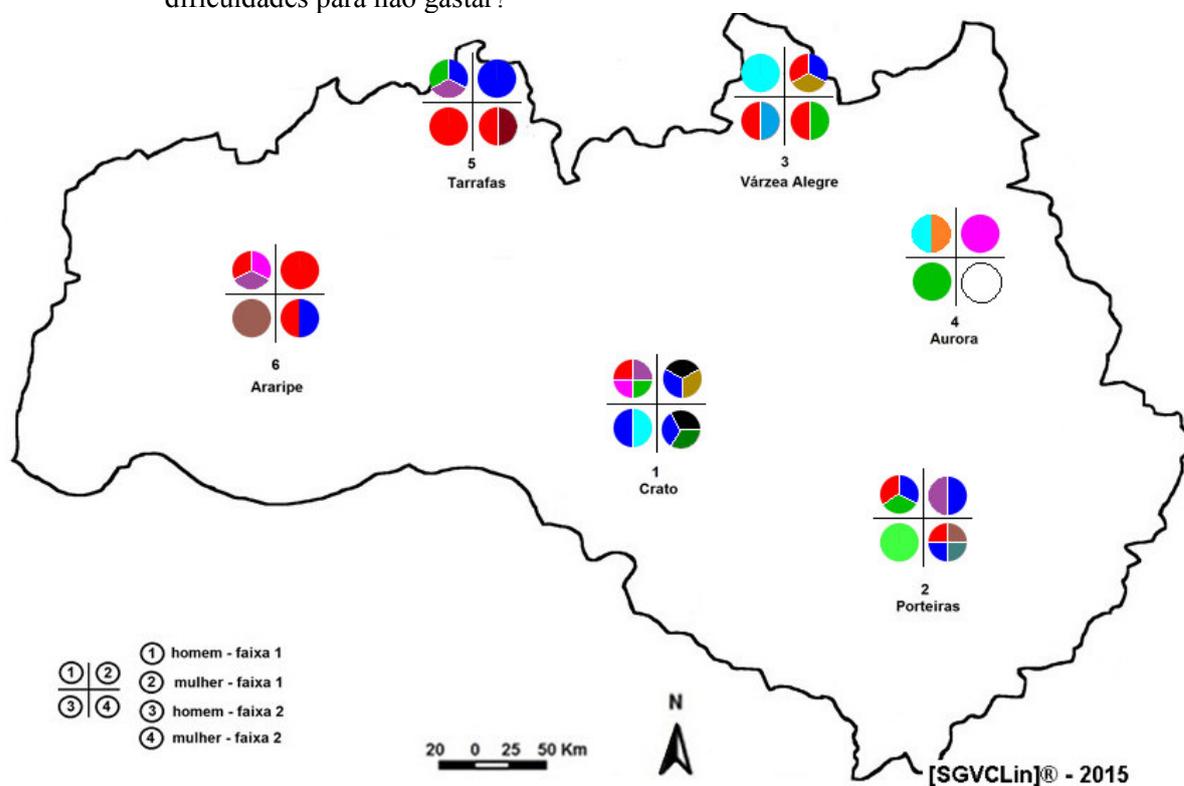




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta n° 92
PESSOA SOVINA

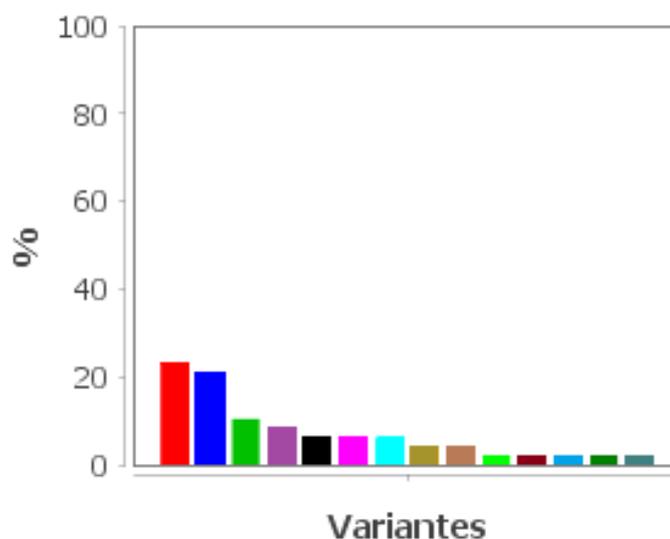
QSL 138 – Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?



Variantes

- miserável
- mão-de-vaca
- penoso
- pão duro
- sovina
- mão-fechada
- seguro
- mesquinho
- sovino
- mucurana
- ureca
- econômico
- canguinha
- morto-de-fome
- sem resposta

Geral

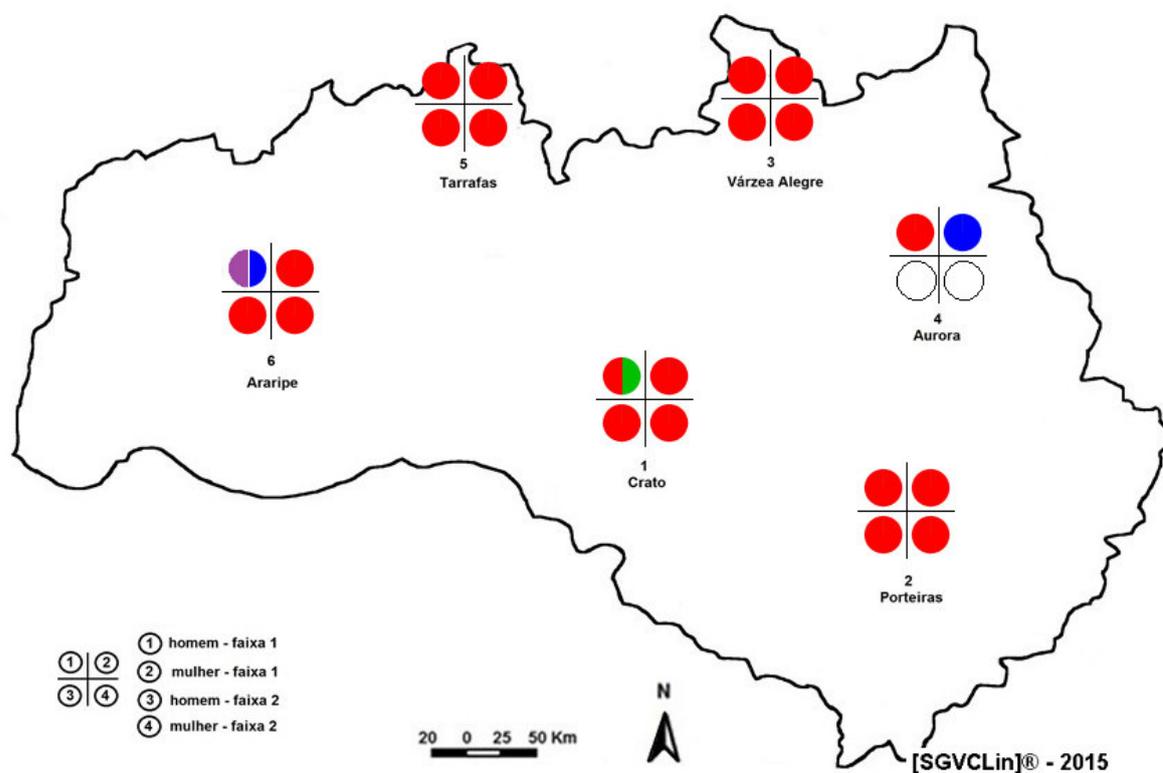




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

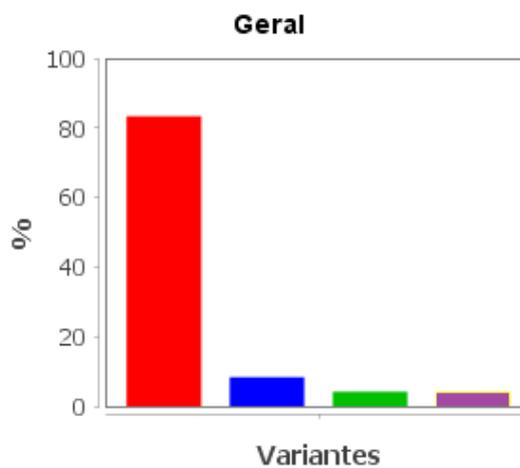
Carta nº 93
MAU PAGADOR

QSL 139 – Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?



Variantes

- velhaco
- caloteiro
- enrolado
- mau pagador
- sem resposta

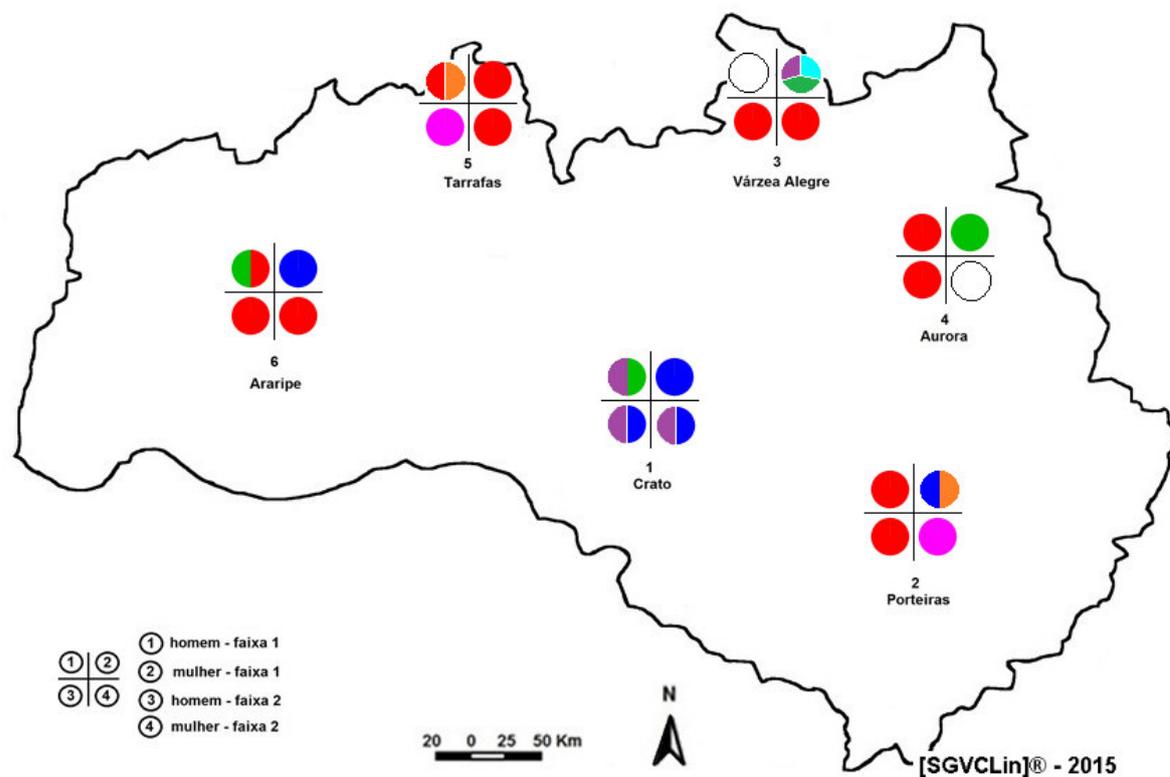




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

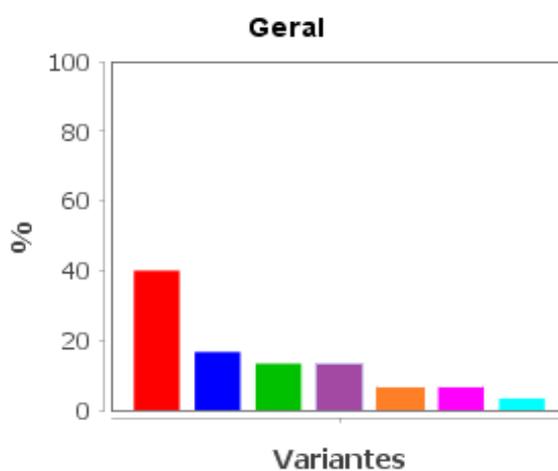
Carta nº 94
ASSASSINO PAGO

QSL 140 – Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?



Variantes

- pistoleiro
- assassino
- matador
- bandido
- criminoso
- matador de aluguel
- marginal
- sem resposta

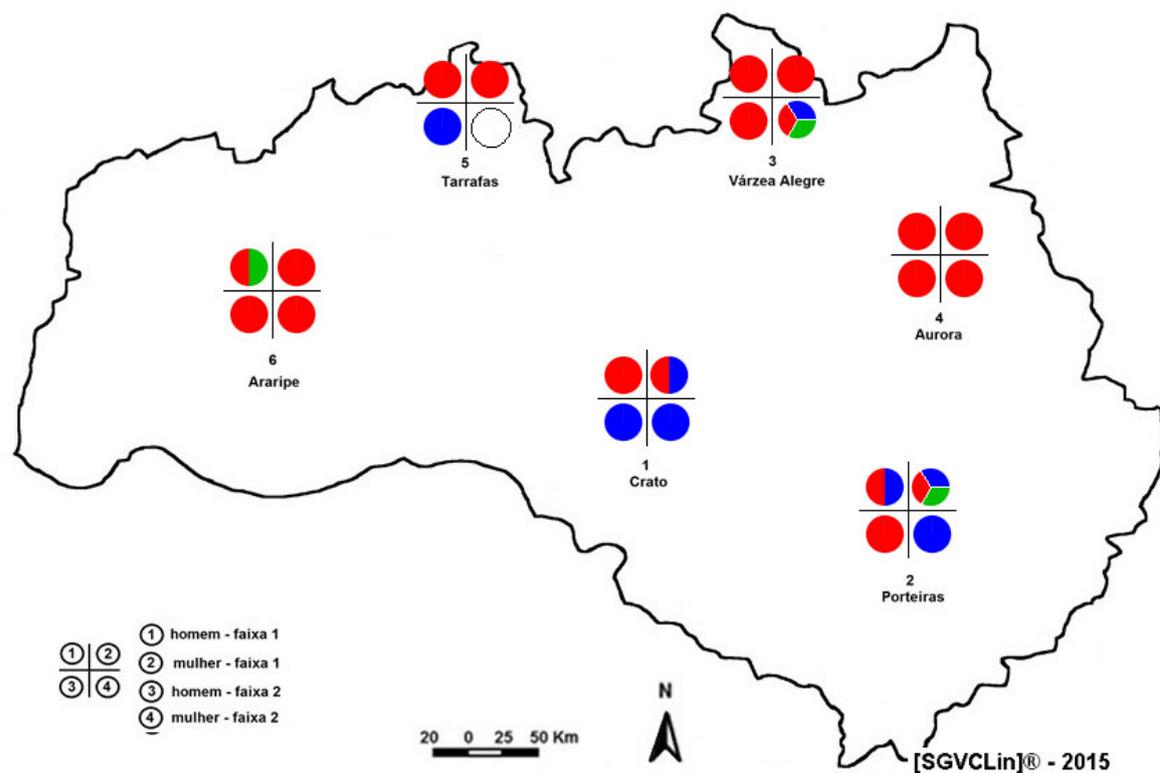




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

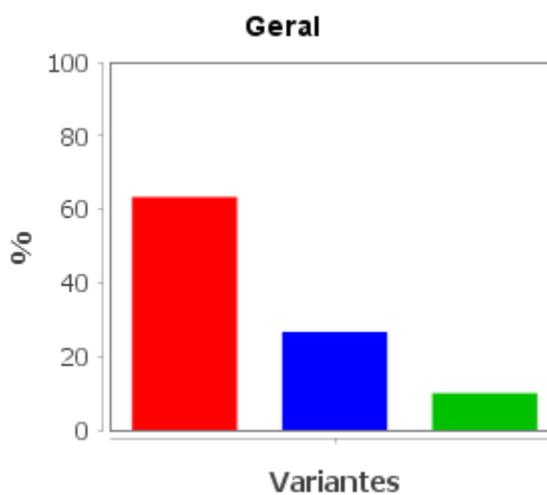
Carta nº 95
MARIDO
ENGANADO

QSL 141 – Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?



Variantes

- corno
- chifrudo
- traído
- sem resposta

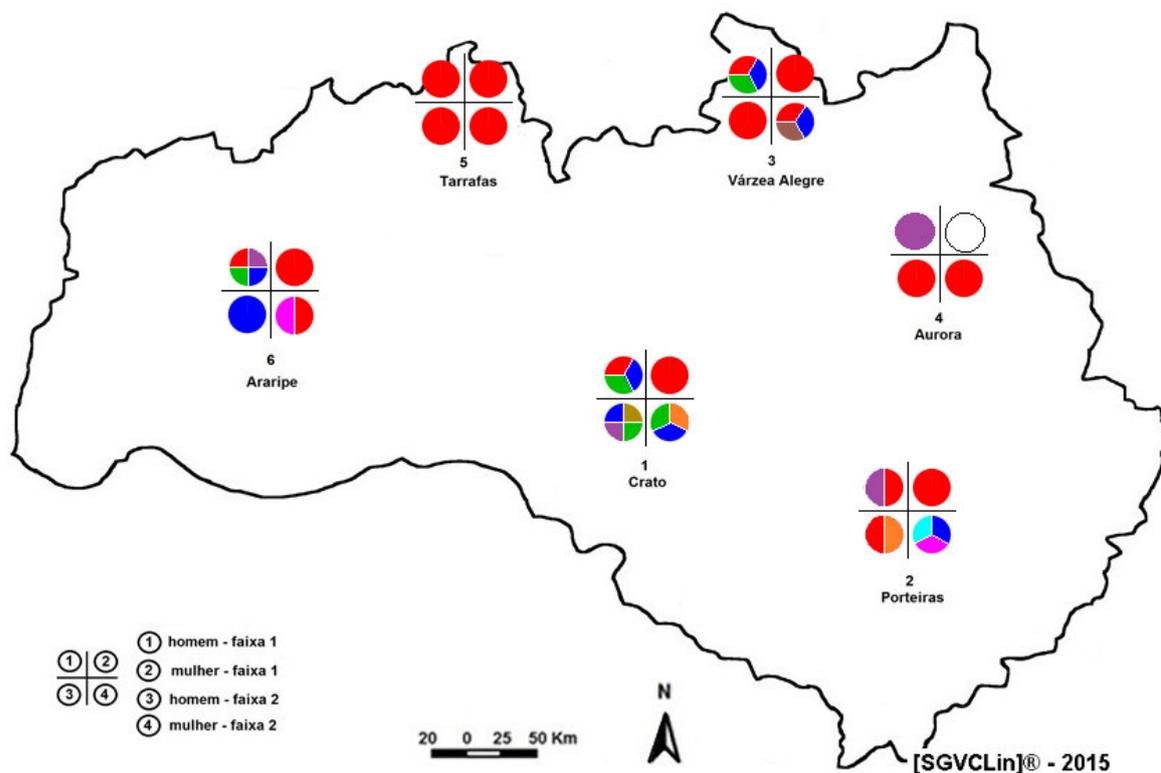




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

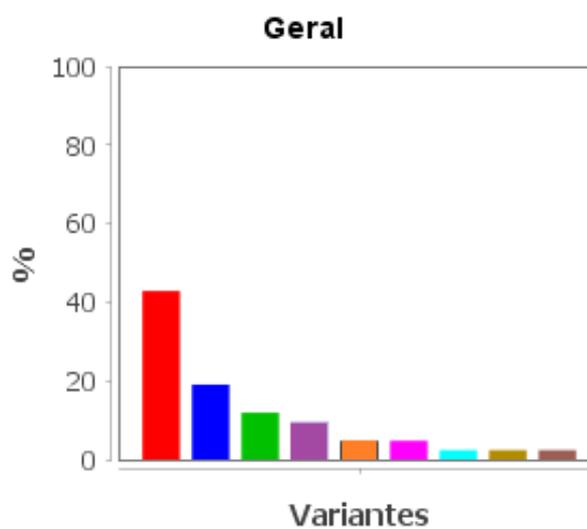
Carta nº 96
PROSTITUTA

QSL 142 – Como se chama a mulher que se vende para qualquer pessoa?



Variantes

- prostituta
- rapariga
- quenga
- puta
- mulher da vida
- bandida
- mulher fácil
- batedeira
- mulher de programa
- sem resposta

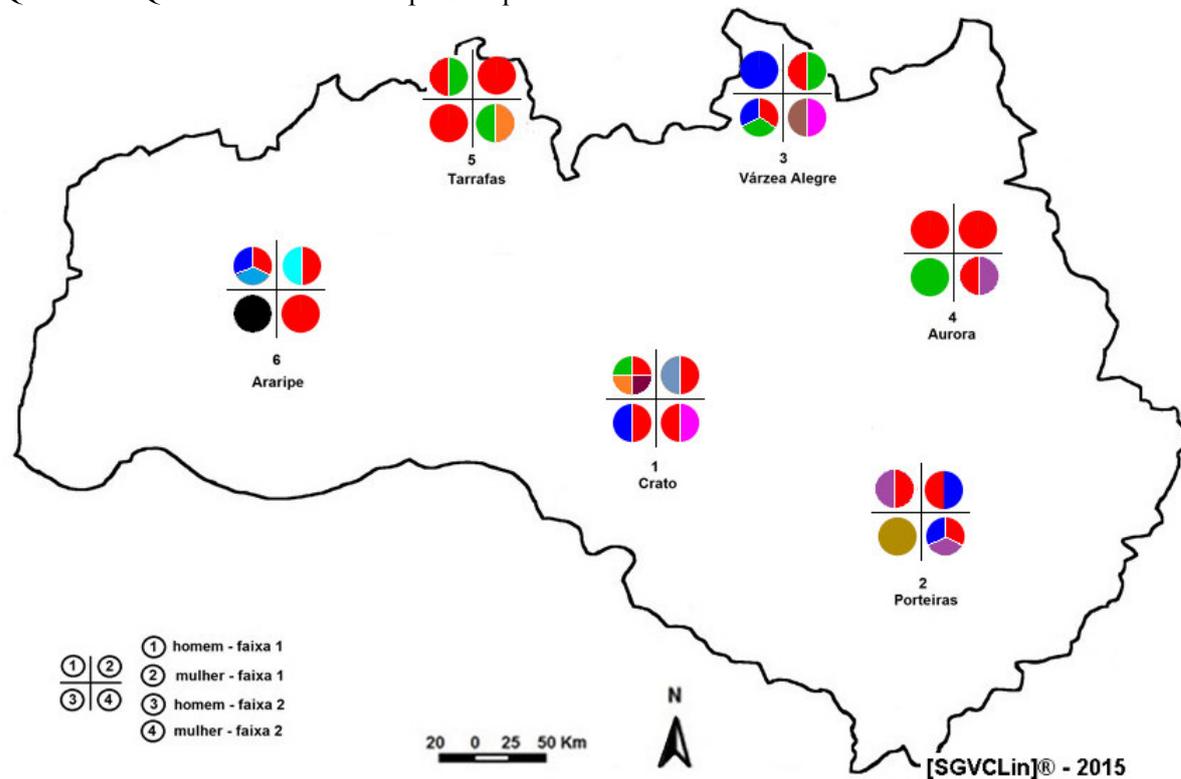




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta n° 97
BÊBADO
(DESIGNAÇÕES)

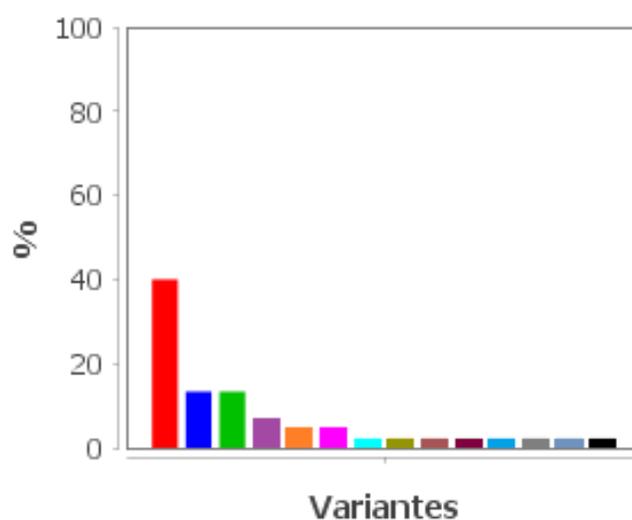
QSL 144 – Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?



Variantes

- cachaceiro
- pingunço
- alcólatra
- bebão
- bebarrão
- viciado
- bêbado
- ébrio
- depravado
- pé inchado
- beberrão
- bebedor
- bebo
- alcólico

Geral

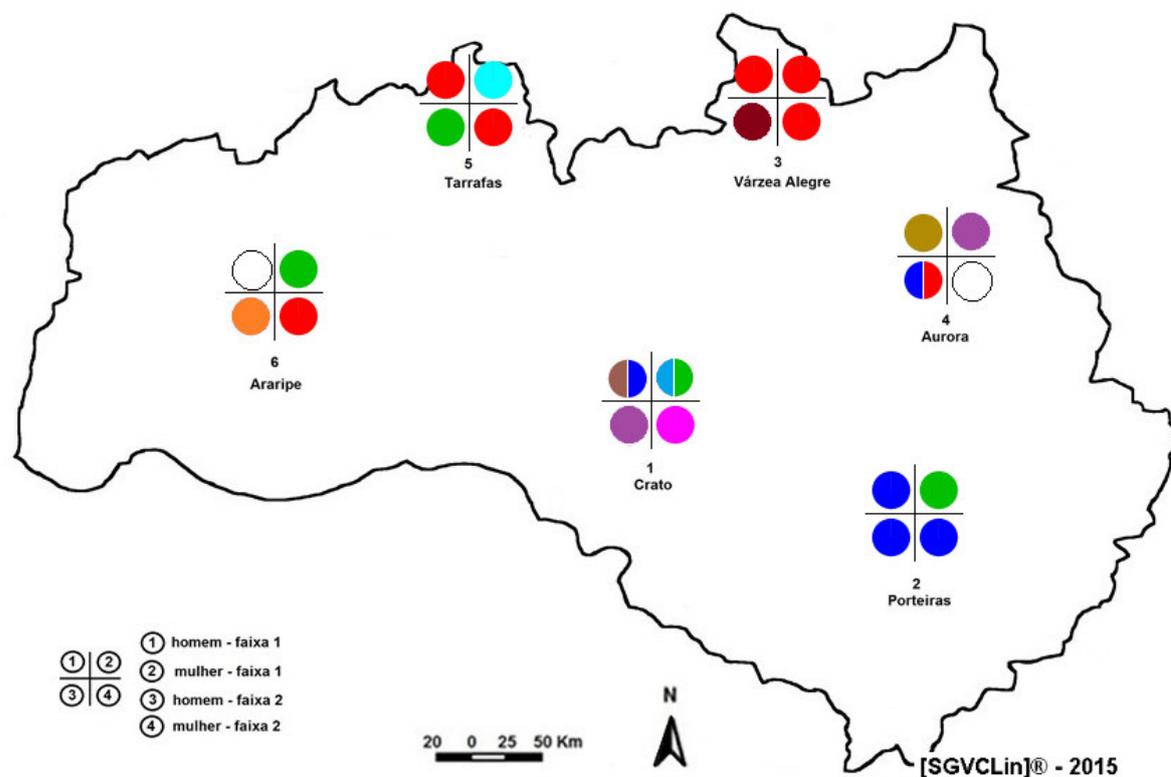




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

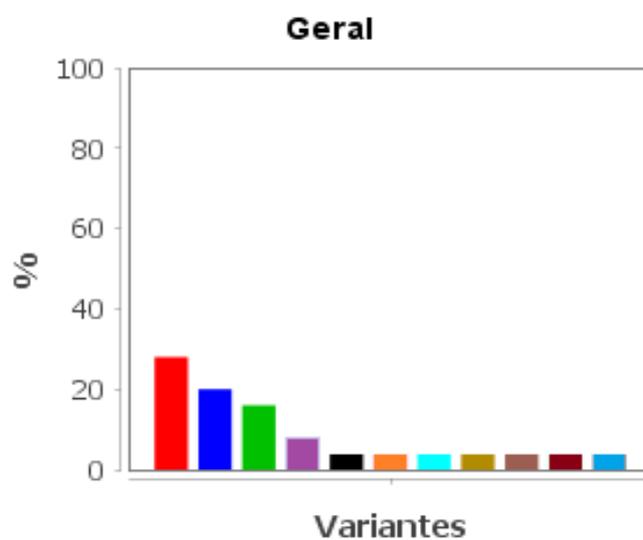
Carta nº 98
CIGARRO DE
PALHA

QSL 145 – Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?



Variantes

- cigarro de fumo
- boró
- cigarro de palha
- porronca
- cigarro de mão
- turunga
- cigarro manso
- fumo
- cigarro forte
- bozó
- cigarro brabo
- sem resposta

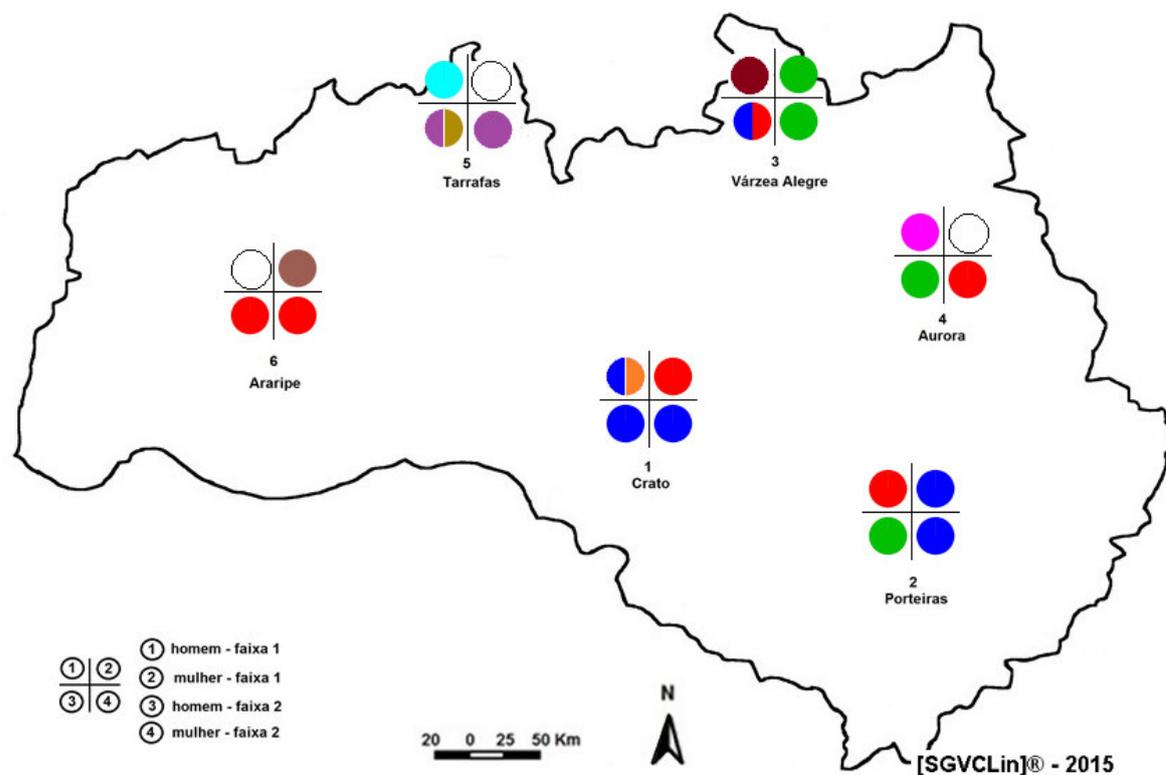




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

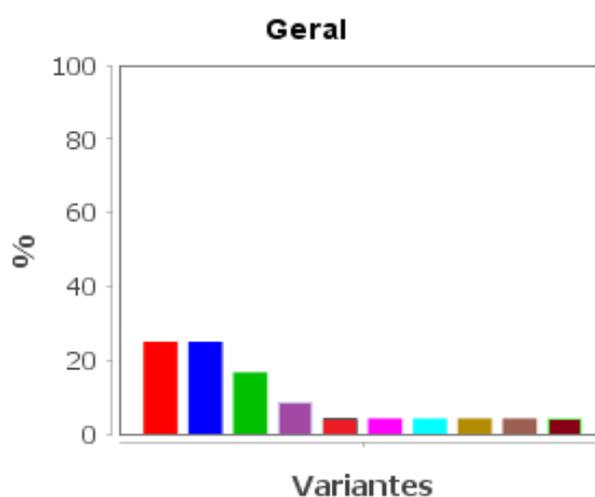
Carta nº 99
TOCO DE
CIGARRO

QSL 146 – Como se chama o resto do cigarro que se joga fora?



Variantes

- ponta
- bituca
- cuxia
- pé-de-cigarro
- coxia
- bota
- ponta de cigarro
- bico de cigarro
- filtro
- sem resposta

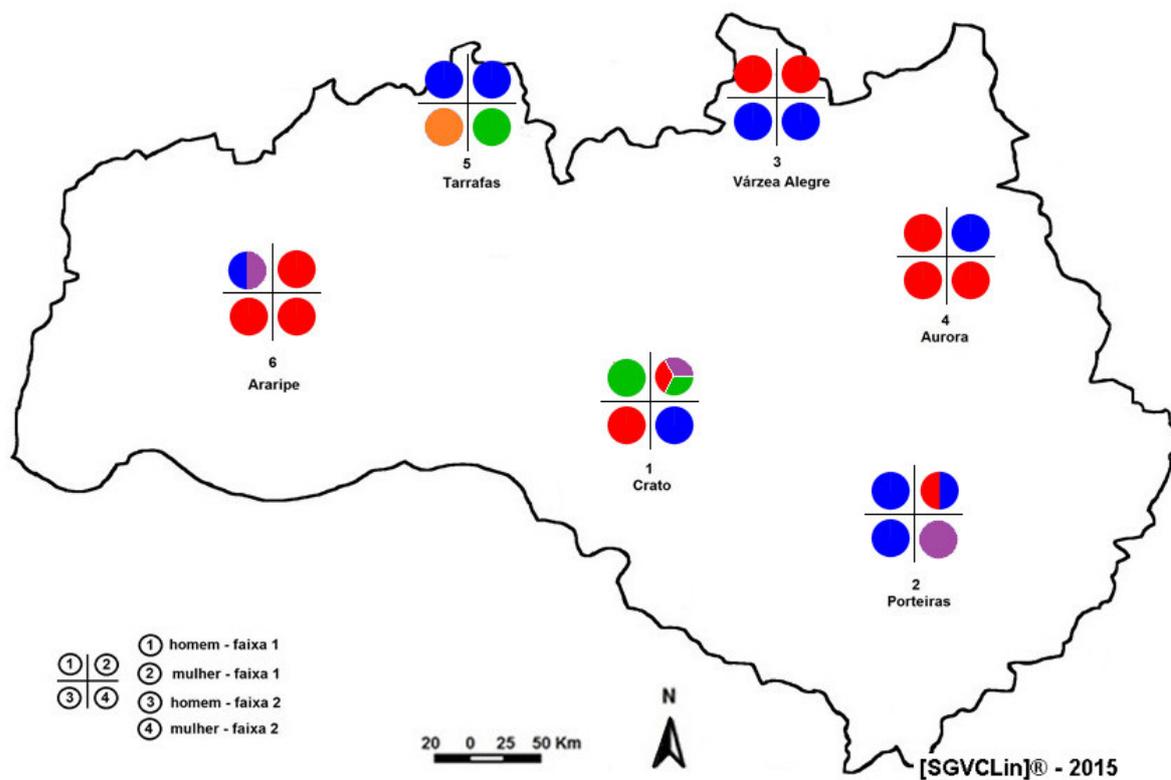




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

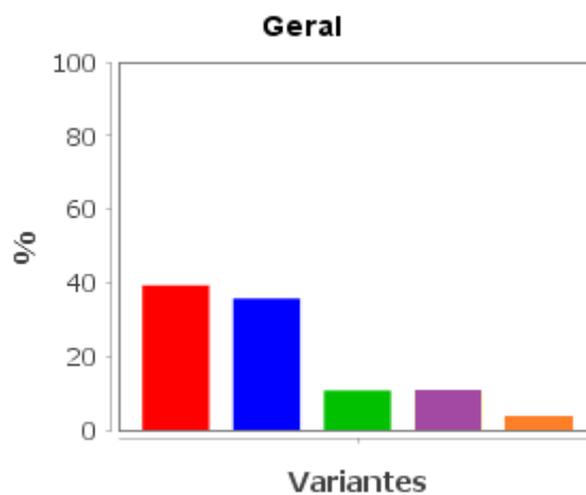
Carta n° 100
DIABO

QSL 147 – Deus está no céu e no inferno está _____ ?



Variantes

- cão
- diabo
- demônio
- satanás
- capeta
- sem resposta

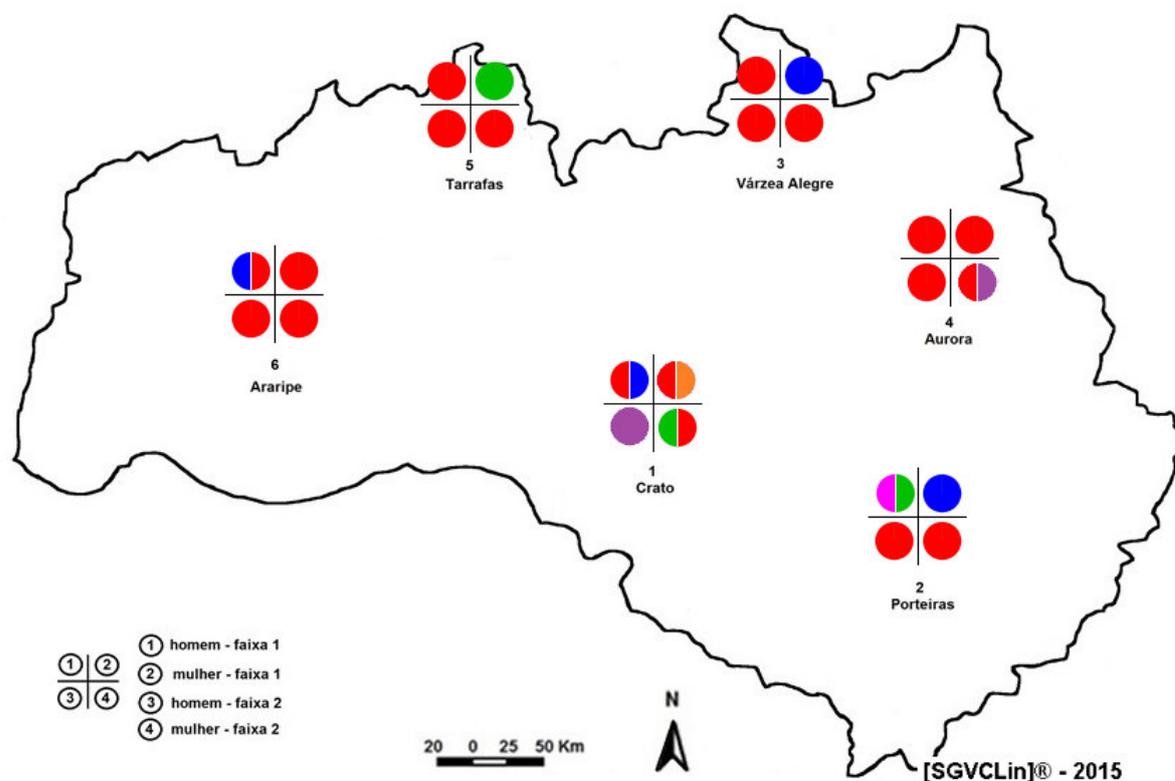




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

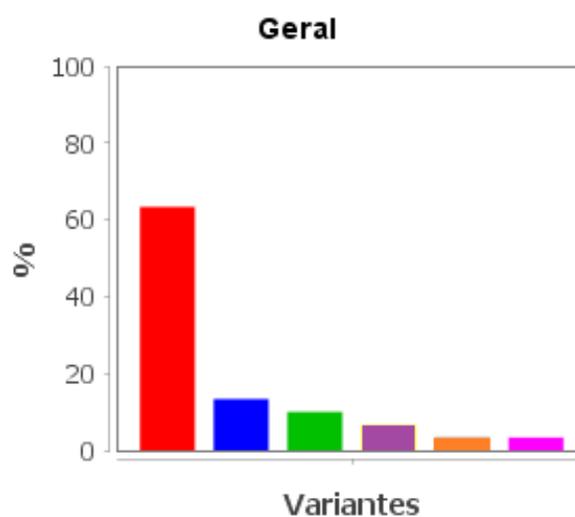
Carta n° 101
FANTASMA

QSL 148 – O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casa, que se diz que é do outro mundo?



Variantes

- alma
- assombração
- fantasma
- visage
- espírito
- vulto
- sem resposta

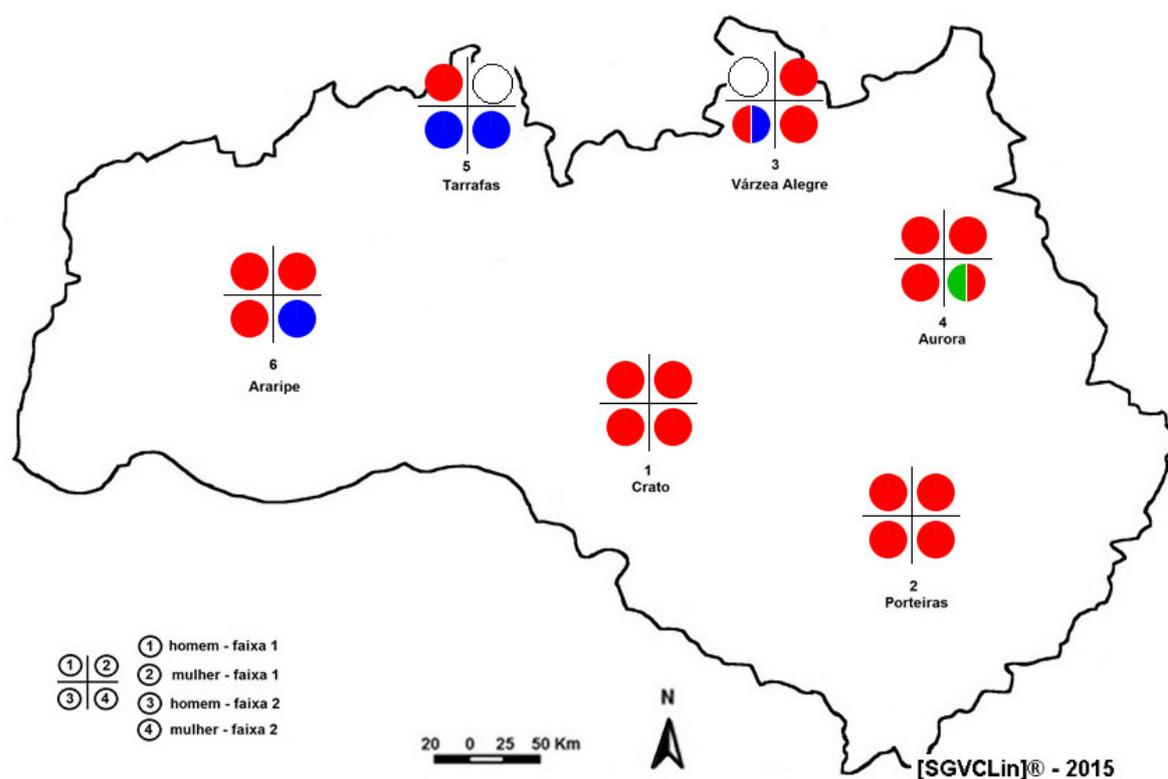




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

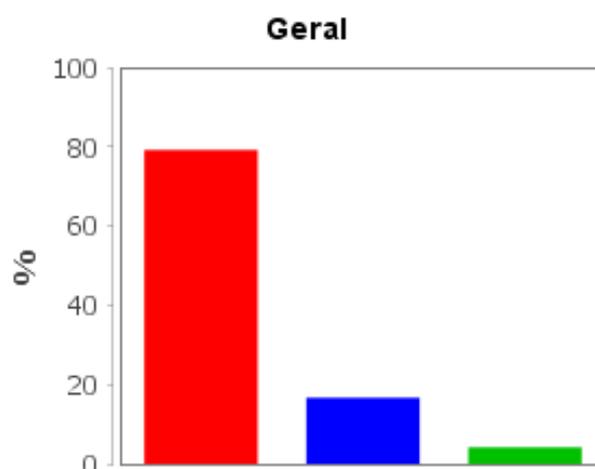
Carta nº 102
FEITIÇO

QSL 149 – O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, em encruzilhadas?



Variantes

- macumba
- feitiço
- trabalho
- sem resposta

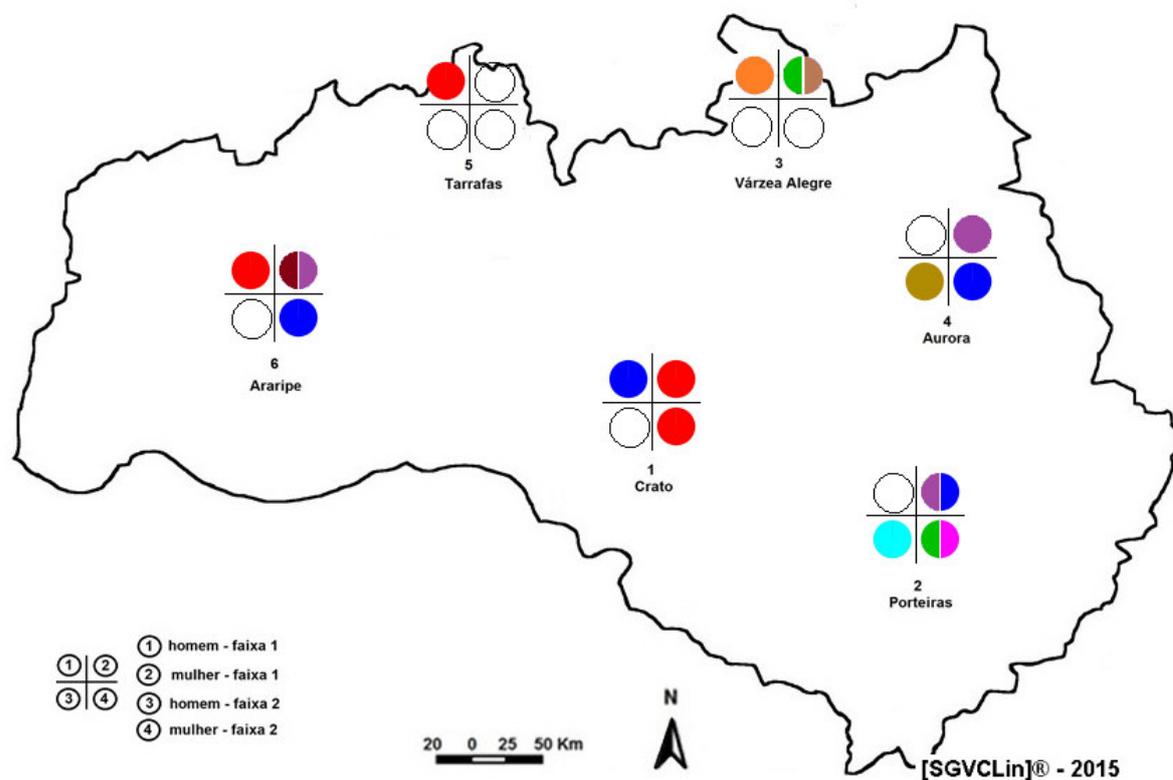




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

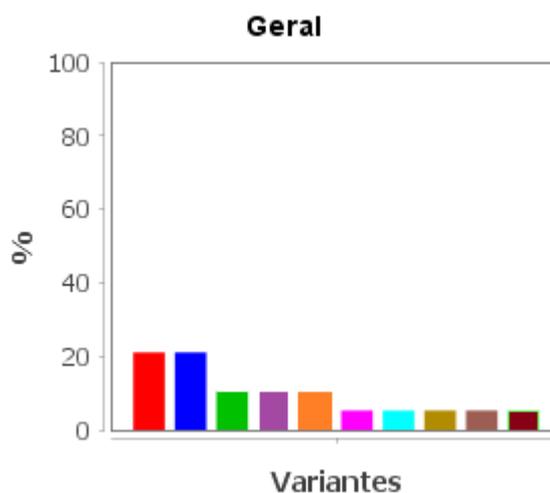
Carta n° 103
AMULETO

QSL 150 – Como se chama objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?



Variantes

- amuleto
- figa
- terço
- trevo
- crucifixo
- rosário
- benzê
- pé de coelho
- escapulário
- cruz
- sem resposta

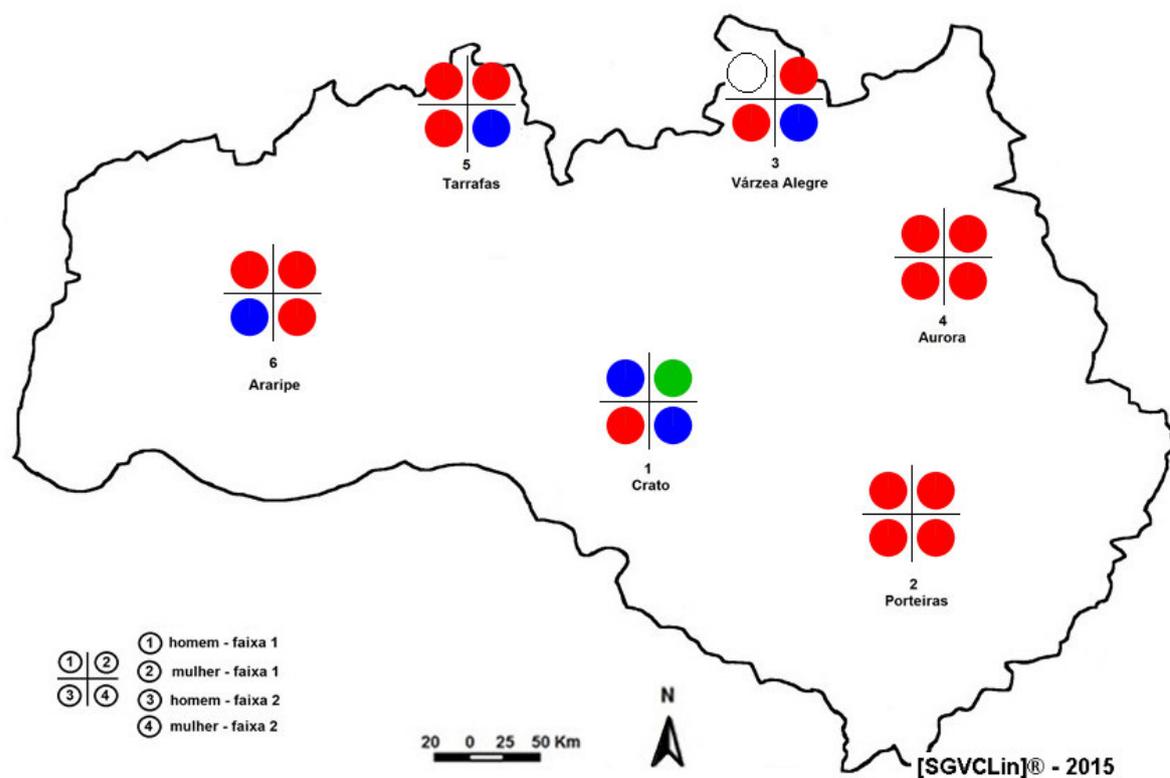




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

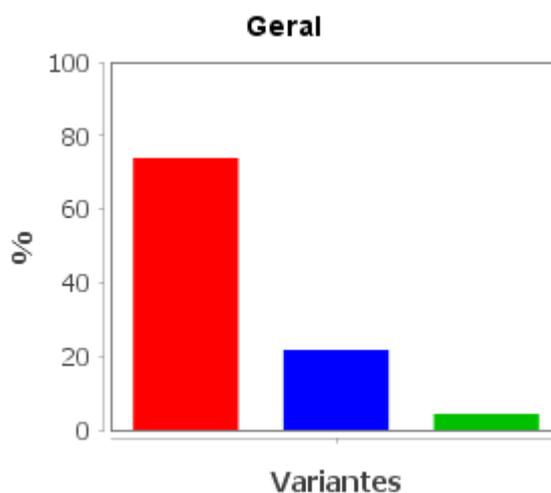
Carta n° 104
BENZEDEIRA

QSL 151 – Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?



Variantes

- rezadeira
- benzedeira
- curandeira
- sem resposta

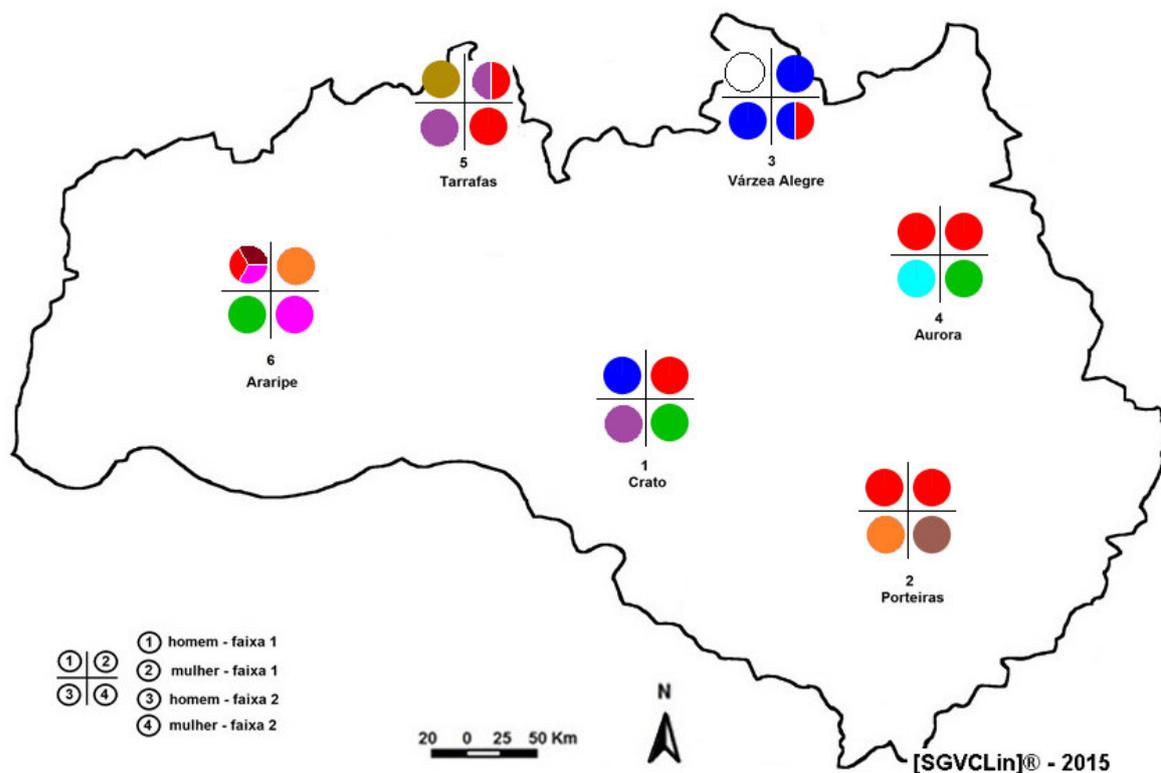




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

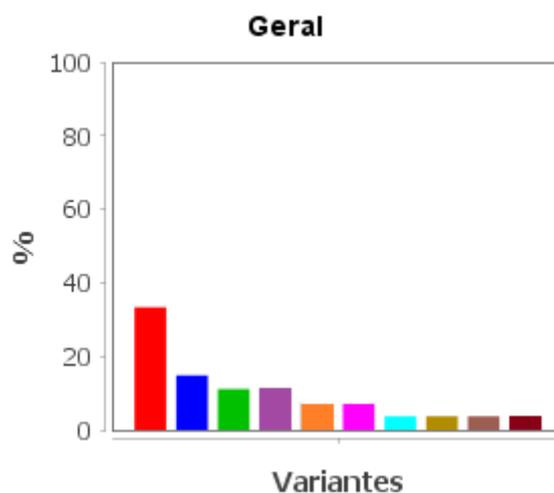
Carta nº 105
CAMBALHOTA

QSL 155 – Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?
(Mímica).



Variantes

- cambalhota
- bunda-canacha
- bumba-canacha
- bumba-canastra
- bumba-canasca
- bunda-canasta
- bucanacha
- bula-canastra
- bumba-canasta
- pirueta
- sem resposta

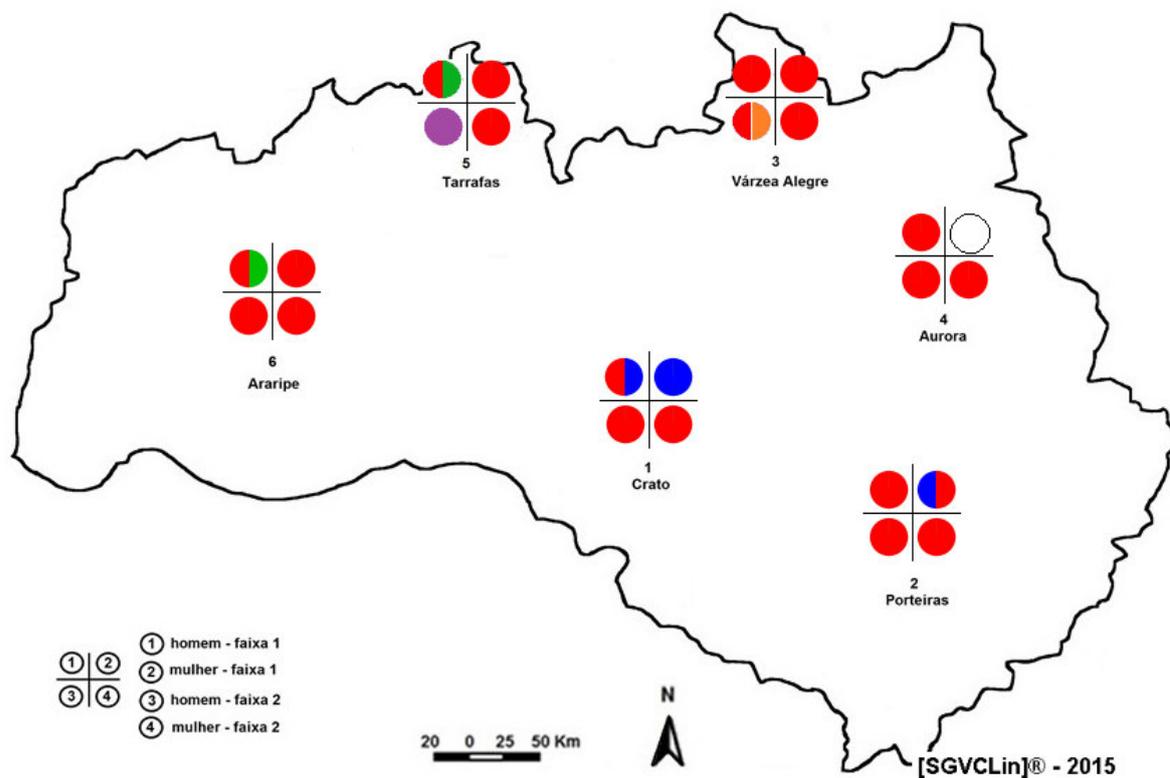




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta n° 106
BOLINHA DE
GUDE

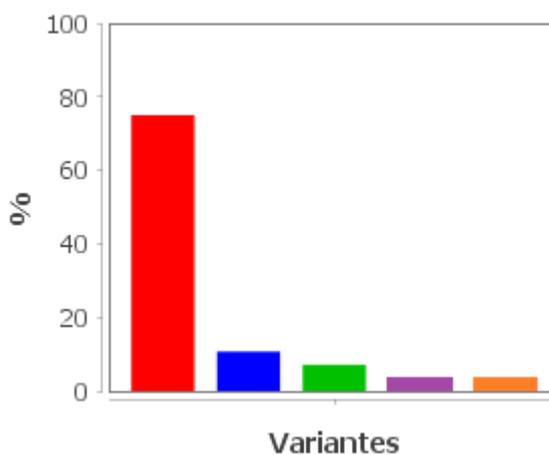
QSL 156 – Como se chama as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?



Variantes

- bila
- bola de gude
- bolinha de gude
- bilazinha
- fubeca
- sem resposta

Geral

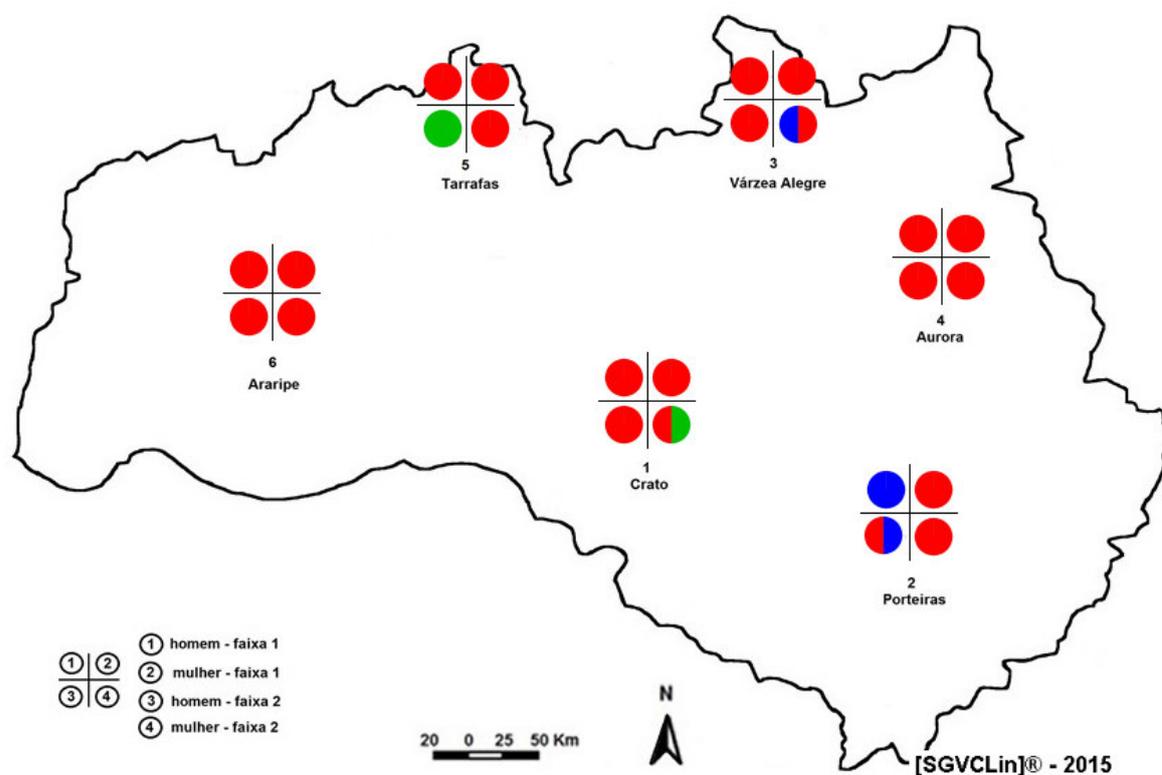




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

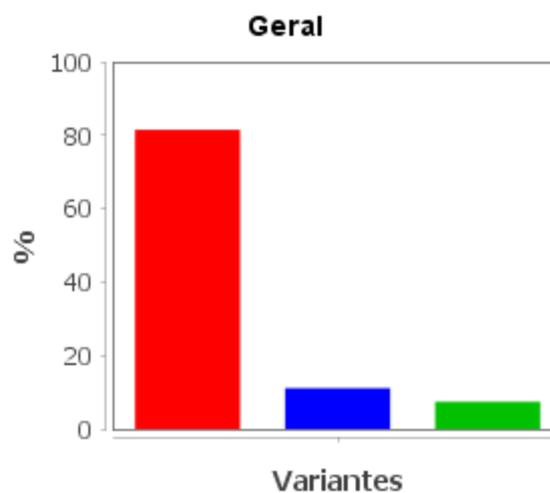
Carta nº 107
PAPAGAIO DE
PAPEL
PIPA

QSL 158 – Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que empina no vento por meio de uma linha?



Variantes

- pipa
- raio
- papagaio
- sem resposta

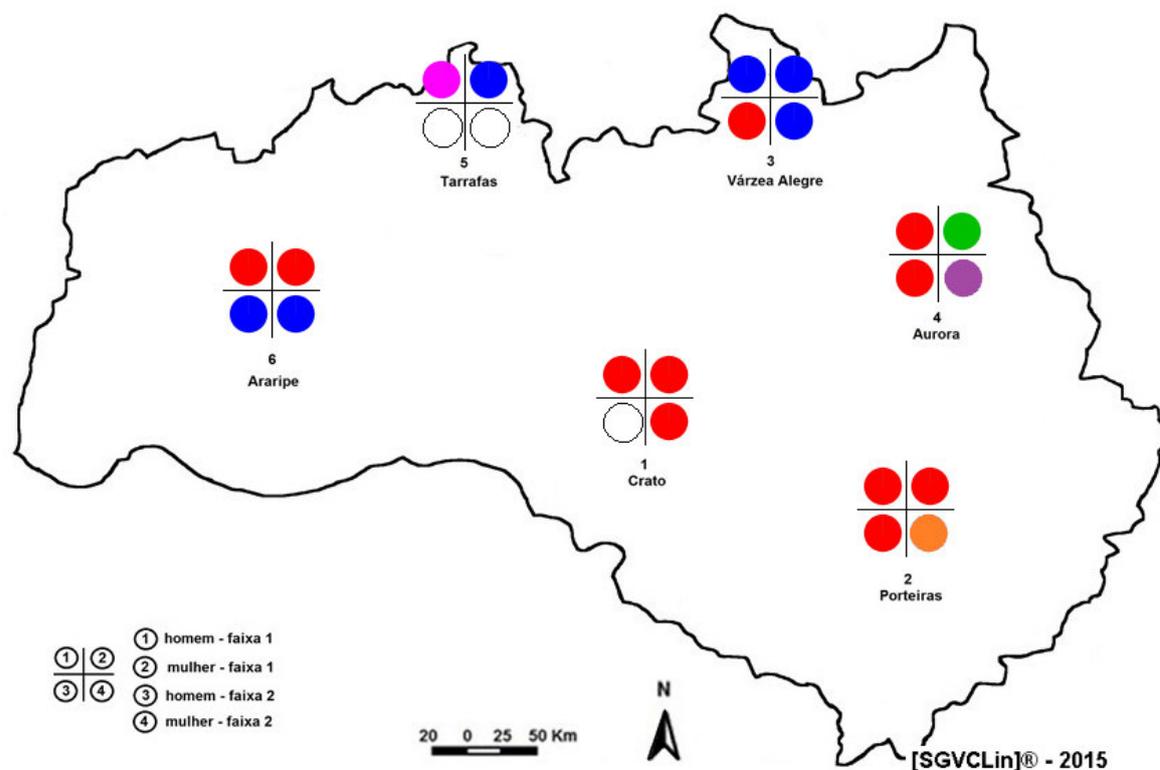




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

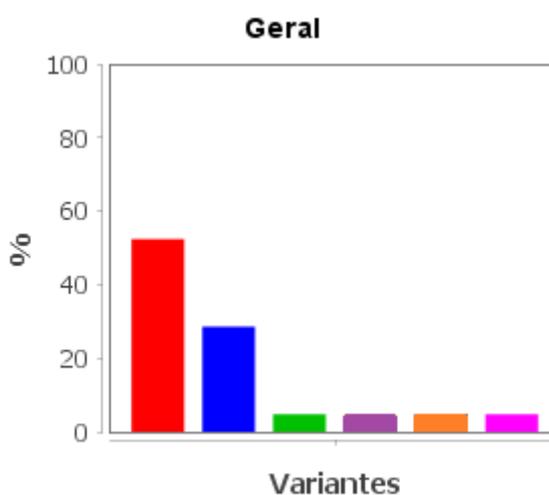
Carta n° 108
ESCONDE-
ESCONDE

QSL 160 – Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?



Variantes

- esconde-esconde
- esconder
- prissesconde
- esconder e achar
- uribusca
- pique-esconde
- sem resposta

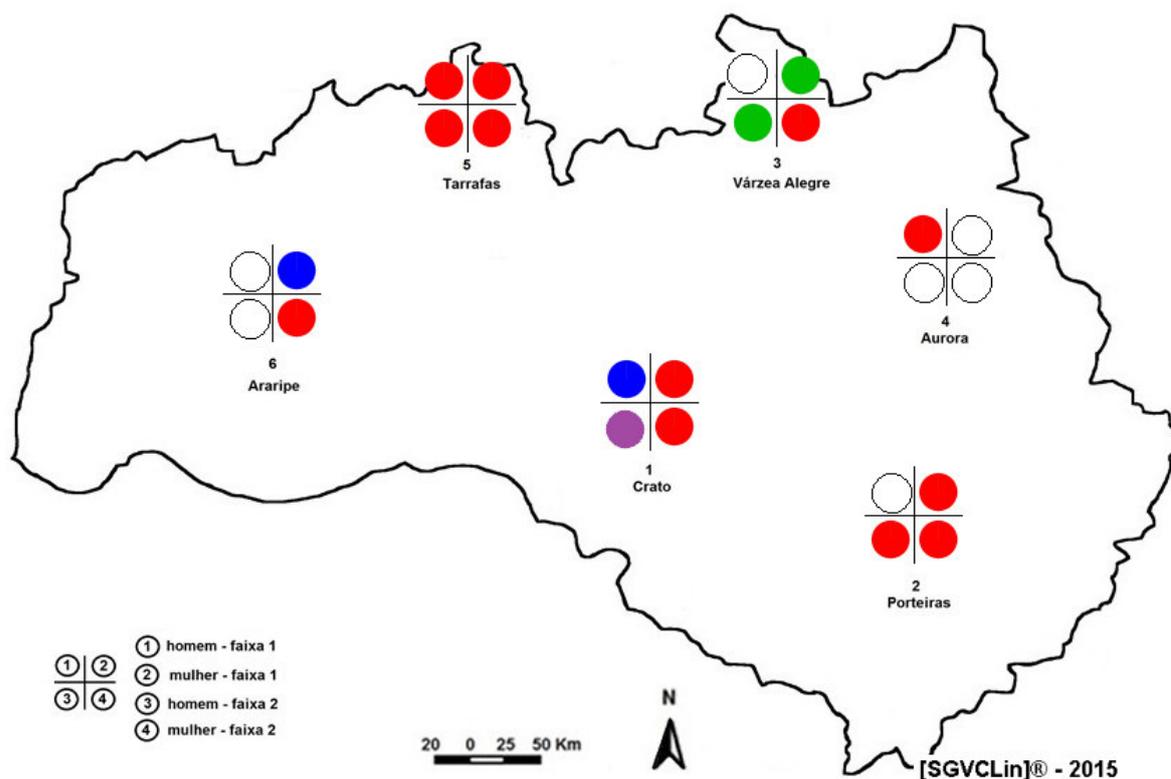




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

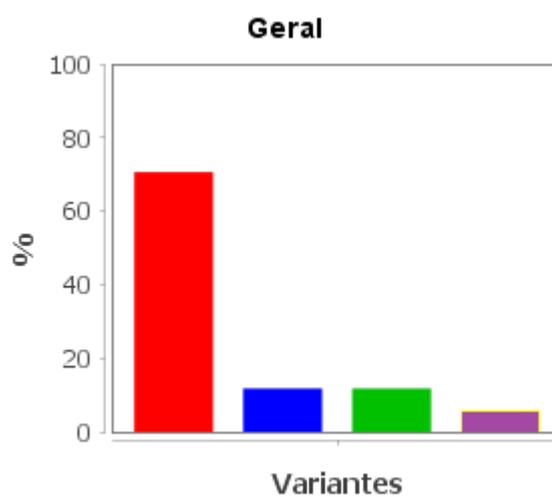
Carta n° 109
CABRA-CEGA

QSL 161 – Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?



Variantes

- cobra-cega
- cabra-cega
- toca
- bisca
- sem resposta

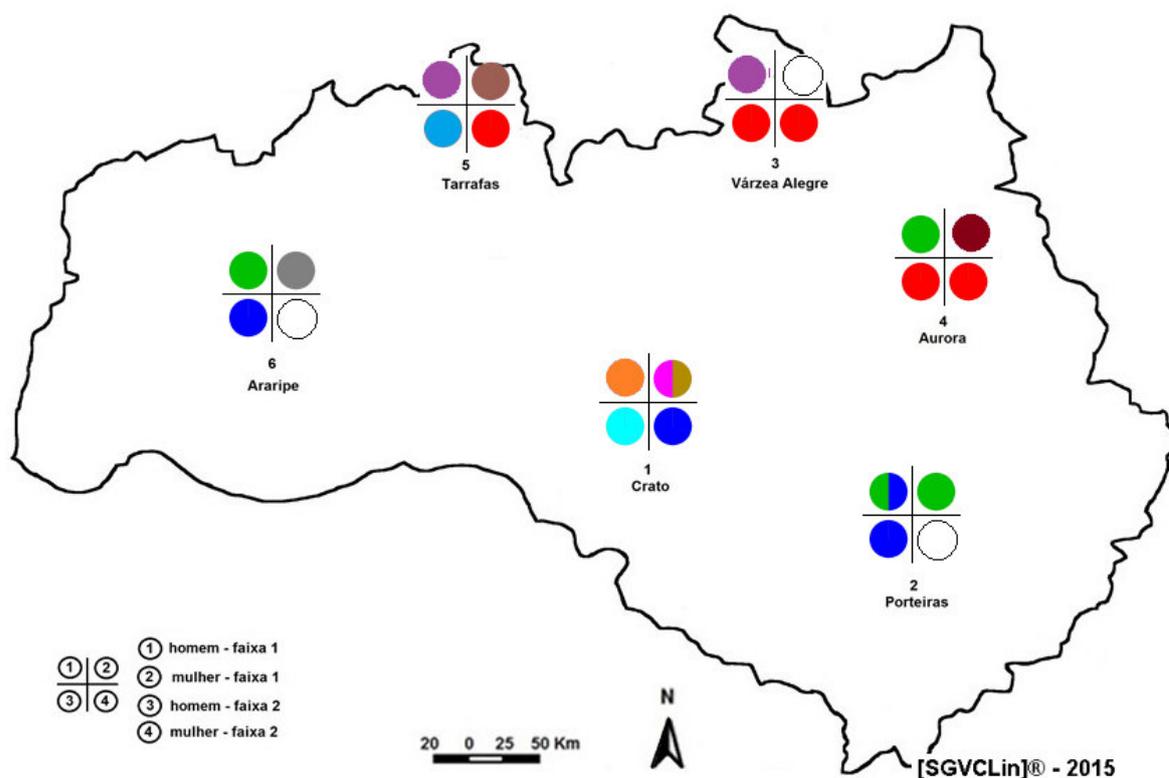




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

Carta n° 110
PEGA-PEGA

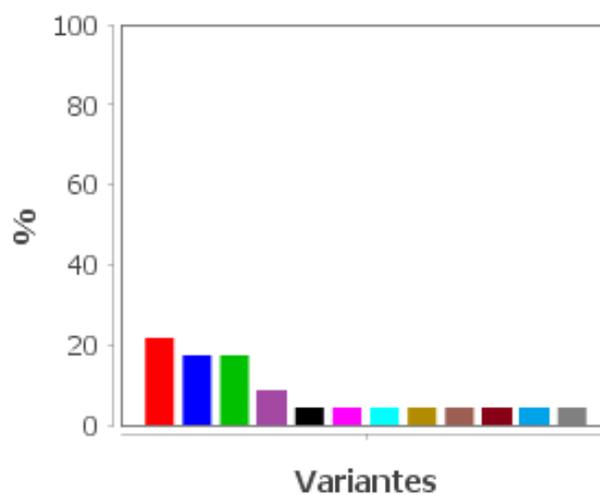
QSL 162 – Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?



Variantes

- trisca
- bicheira
- pega-pega
- pega
- duro
- pão de duro
- polícia e ladrão
- congela
- toque
- trisca
- estátua
- sem resposta

Geral

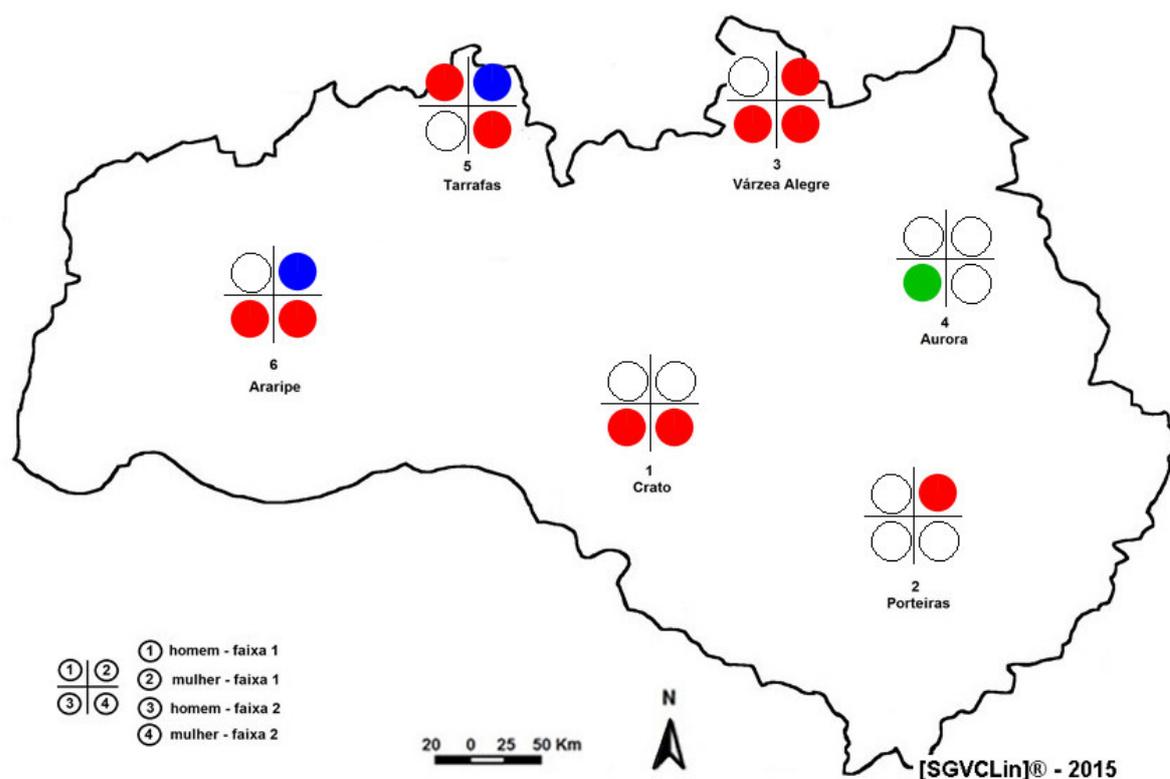




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

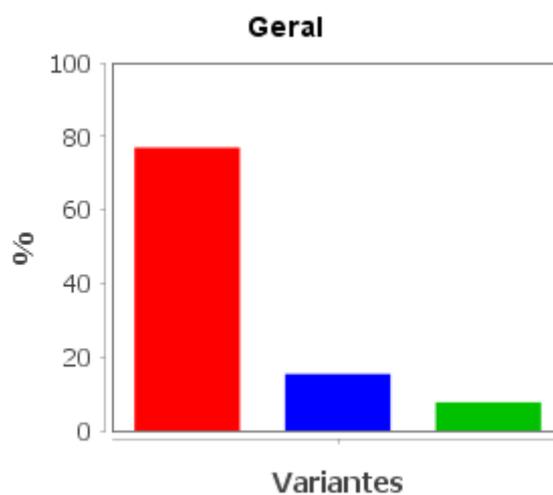
Carta n° 111
CHICOTE-
QUEIMADO
LENÇO ATRÁS

QSL 164 – Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculos, enquanto uma outra vai passando com um pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair antes de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?



Variantes

- anel
- passa o anel
- chicote-queimado
- sem resposta

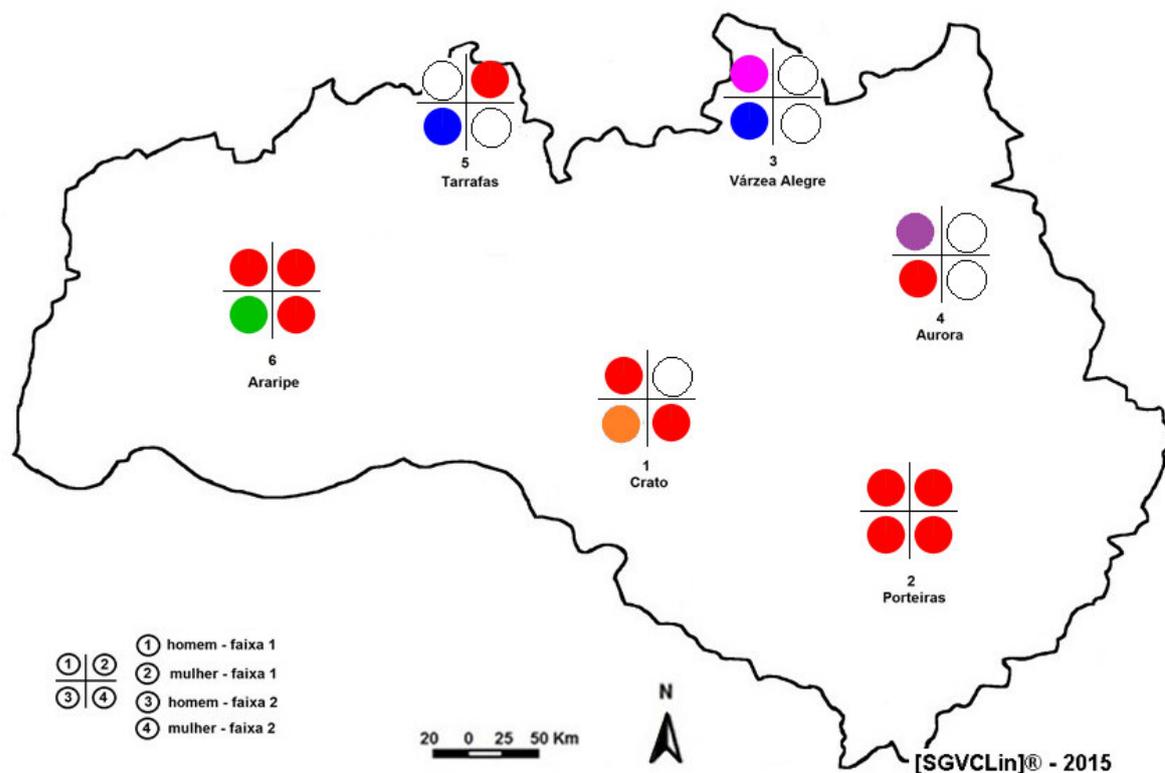




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

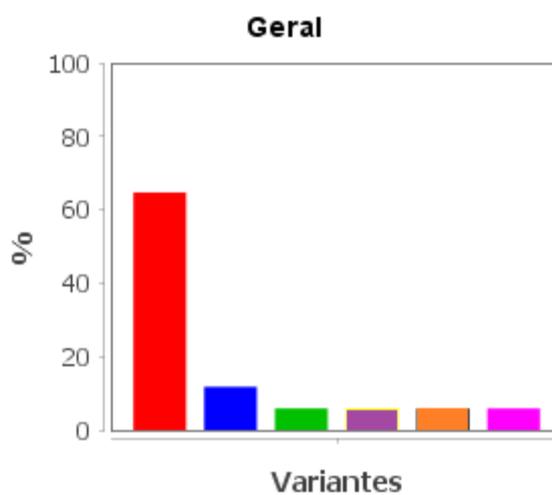
Carta n° 112
GANGORRA

QSL 165 – Como se chama uma tábua apoiada no meio onde cada criança se senta numa ponta e quando uma sobe e a outra desce? (*Mímica*).



Variantes

- gangorra
- galamarte
- bacamarte
- balançador
- barca
- balanço
- sem resposta

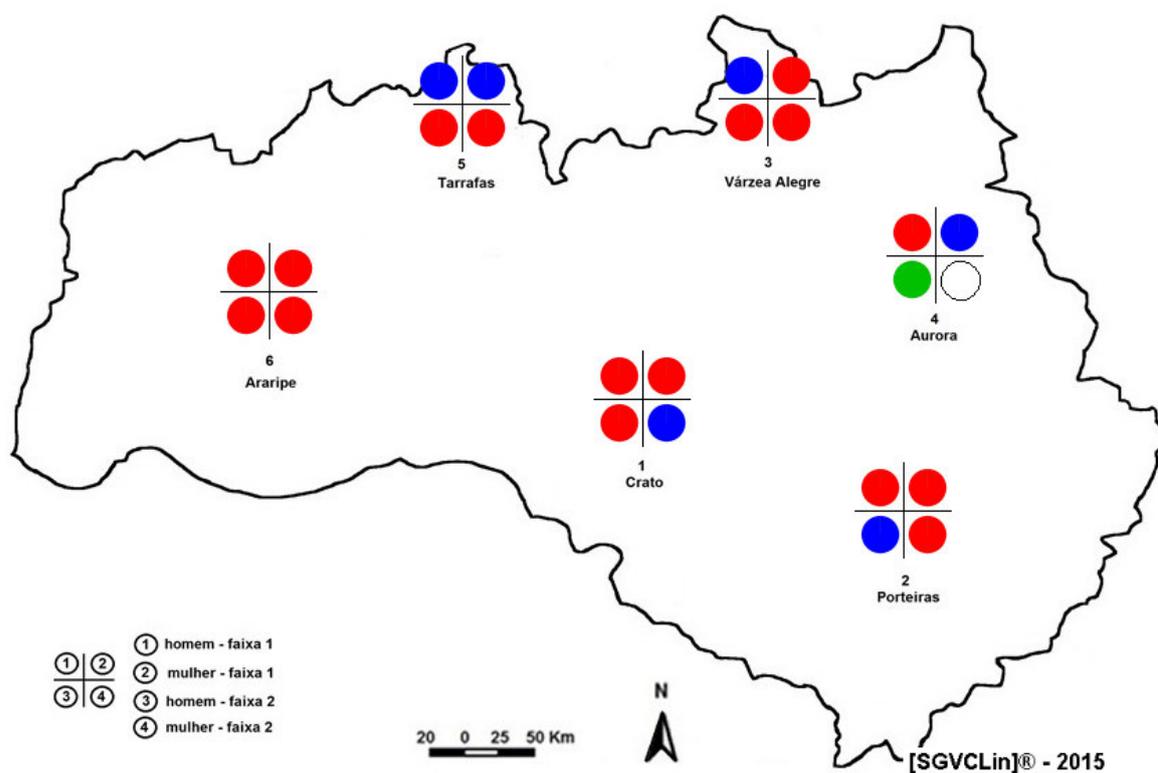




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

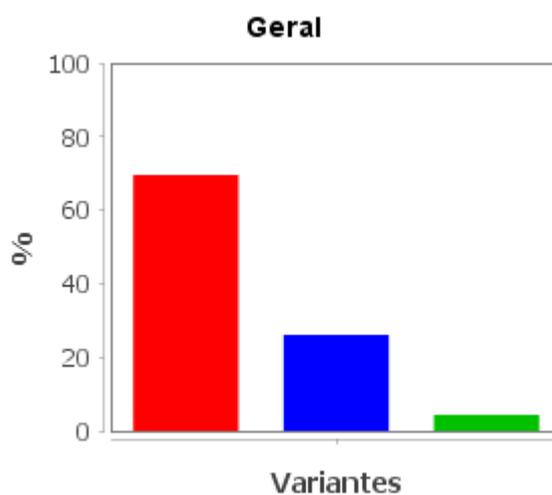
Carta n° 113
BALANÇO

QSL 166 – Como se chama uma tábua, pendurada em cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (*Mímica*).



Variantes

- balançador
- balanço
- balancê
- sem resposta



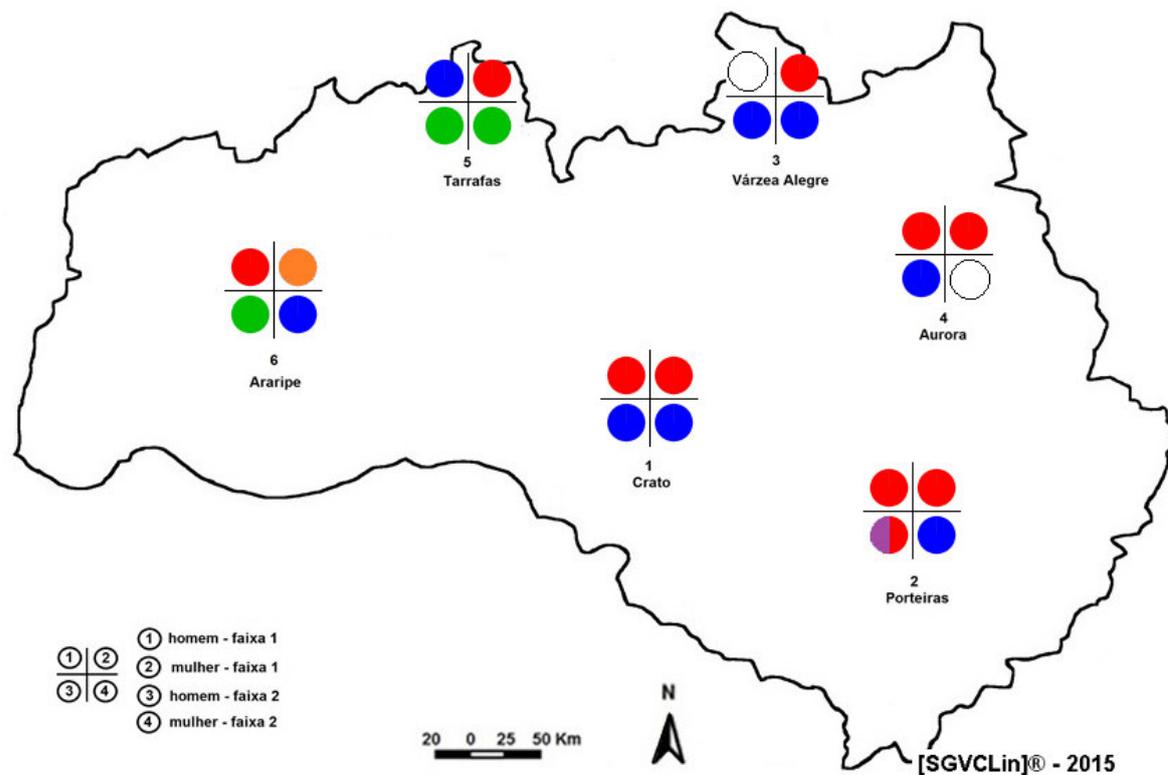


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

Carta nº 114
AMARELINHA

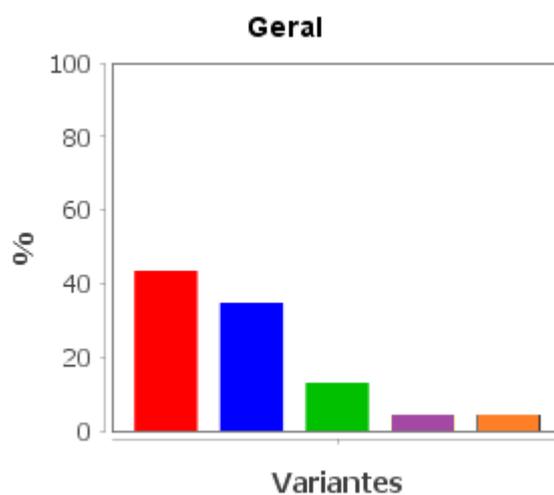
QSL 167 – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.



Variantes

- amarelinha
- macaca
- pula-pula
- academia
- céu e inferno
- sem resposta

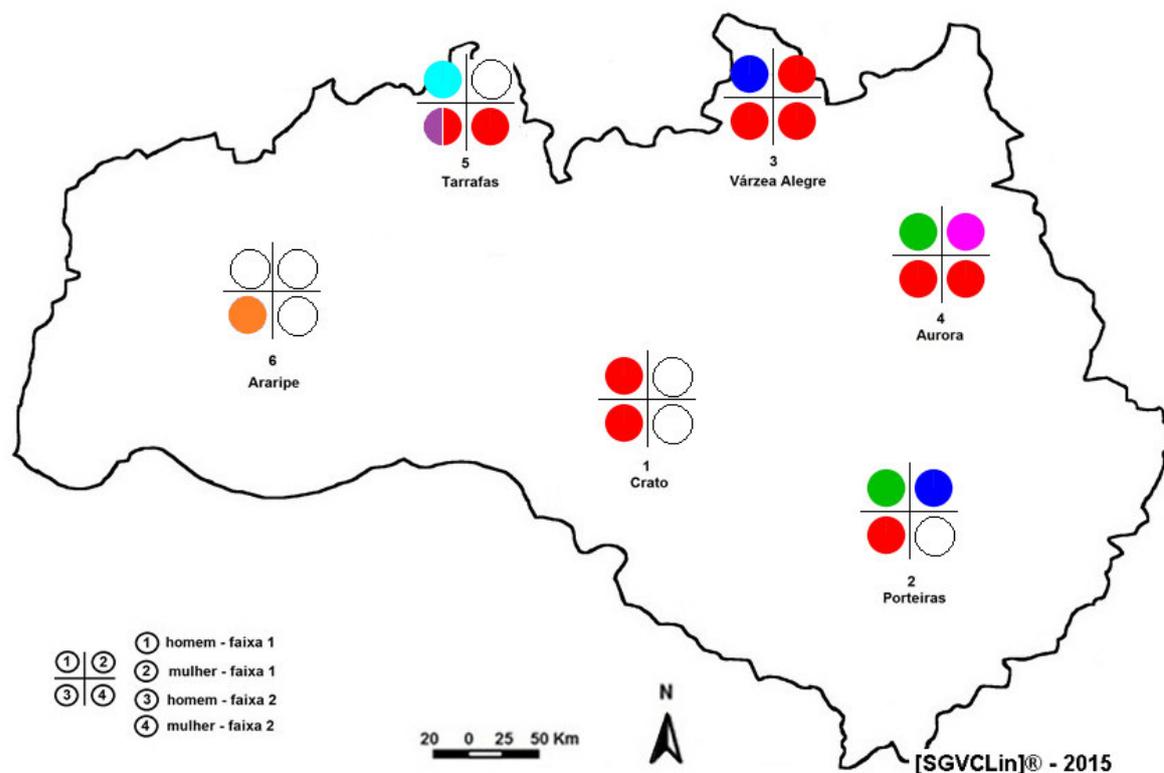




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

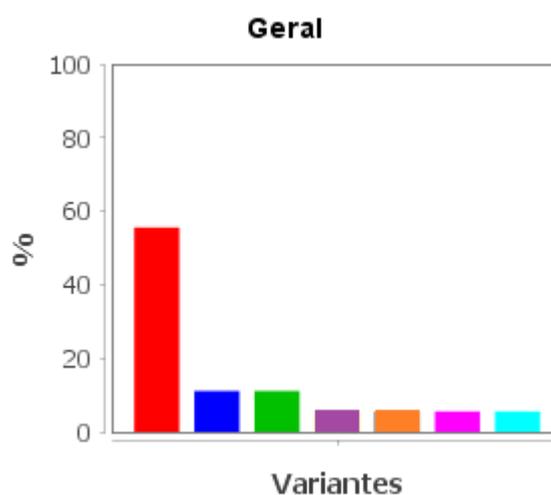
Carta nº 115
TRAMELA

QSL 168 – Como se chama aquela pecinha de madeira que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela?



Variantes

- trameLA
- ferrolho
- fechadura
- trave
- trava
- tranca
- trinco
- sem resposta

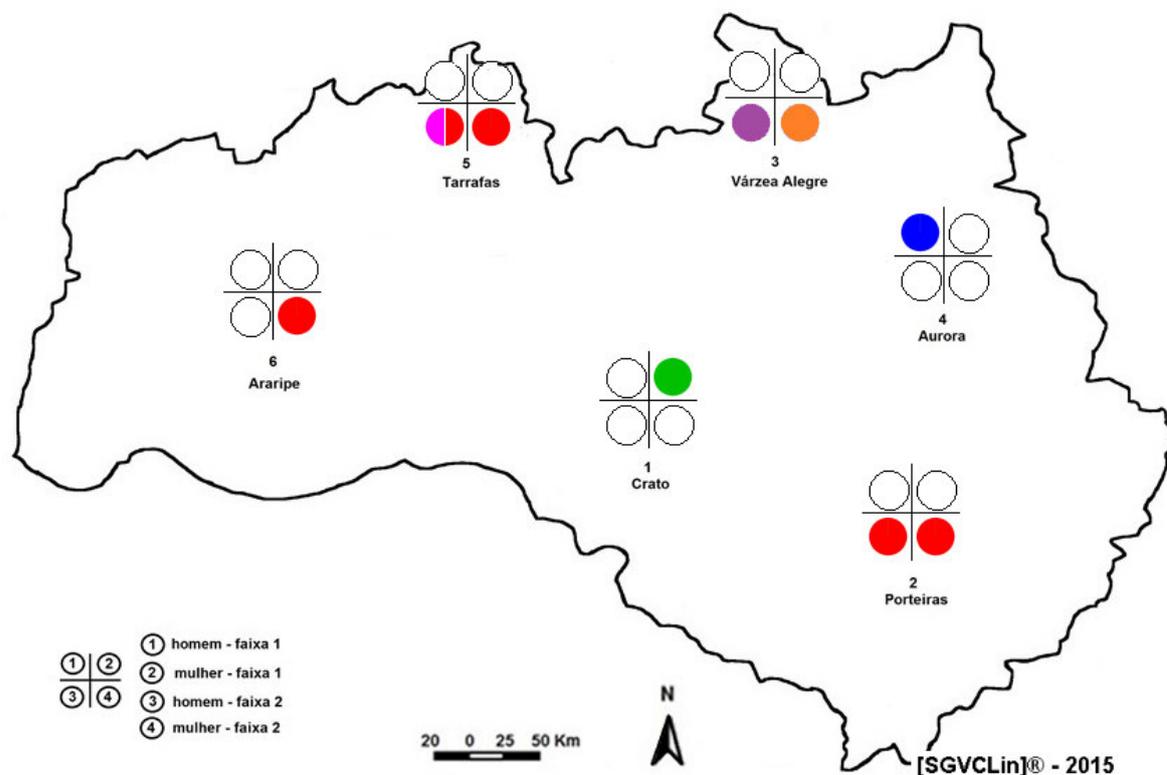




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

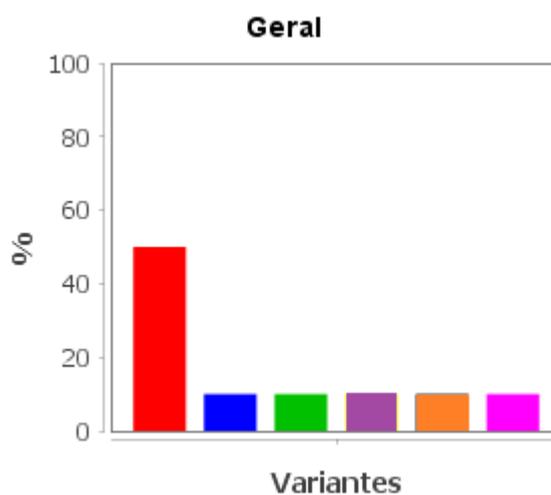
Carta n° 116
VENEZIANA

QSL 169 – Quando uma janela tem duas partes, como a parte de fora que é formada por tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura.*



Variantes

- janelinha
- banderola
- grade
- veneziana
- roda
- mostrador
- sem resposta

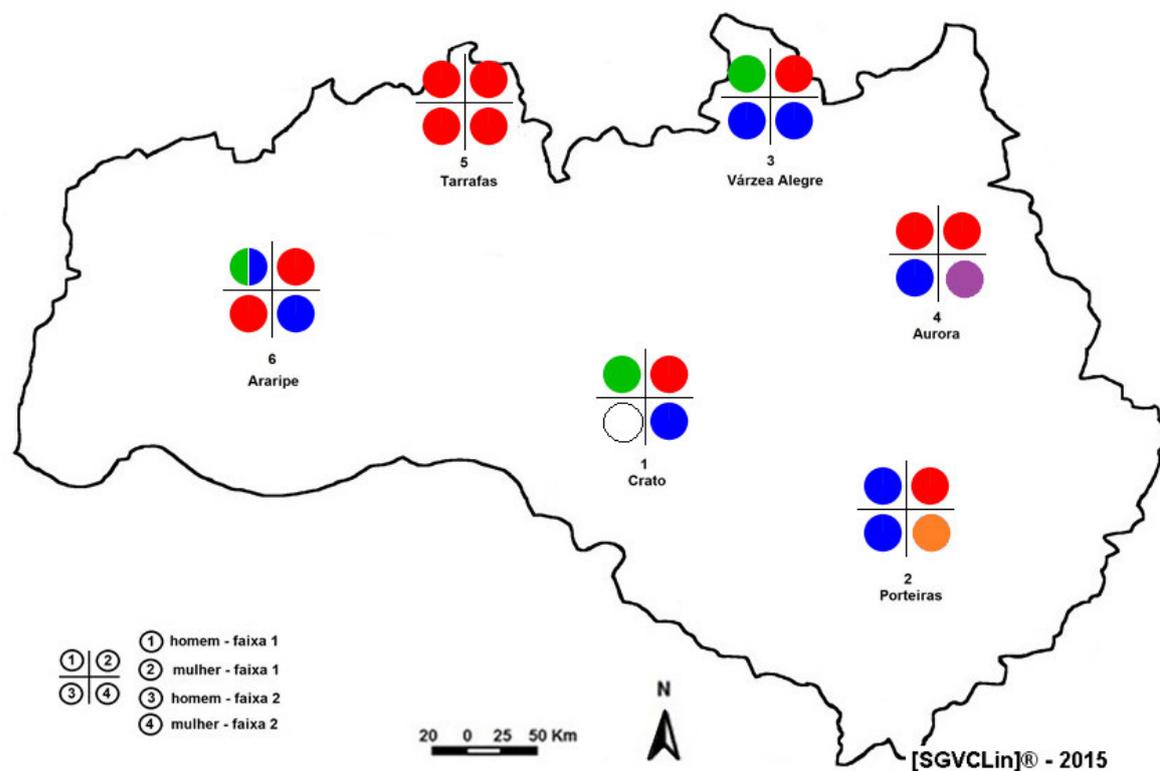




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

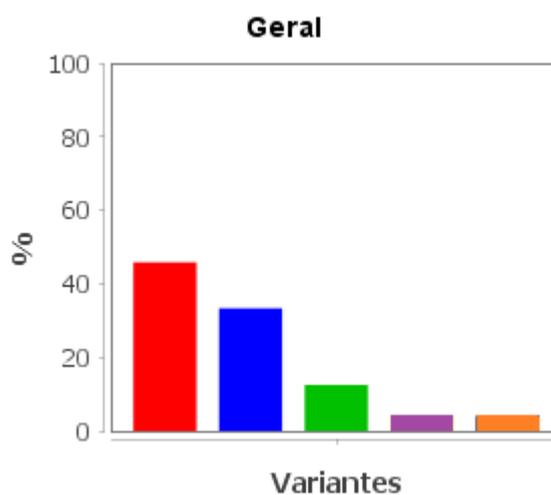
Carta n° 117
VASO SANITÁRIO
PATENTE

QSL 170 – Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?



Variantes

- vaso
- sanitário
- privada
- bojo
- aparelho
- sem resposta

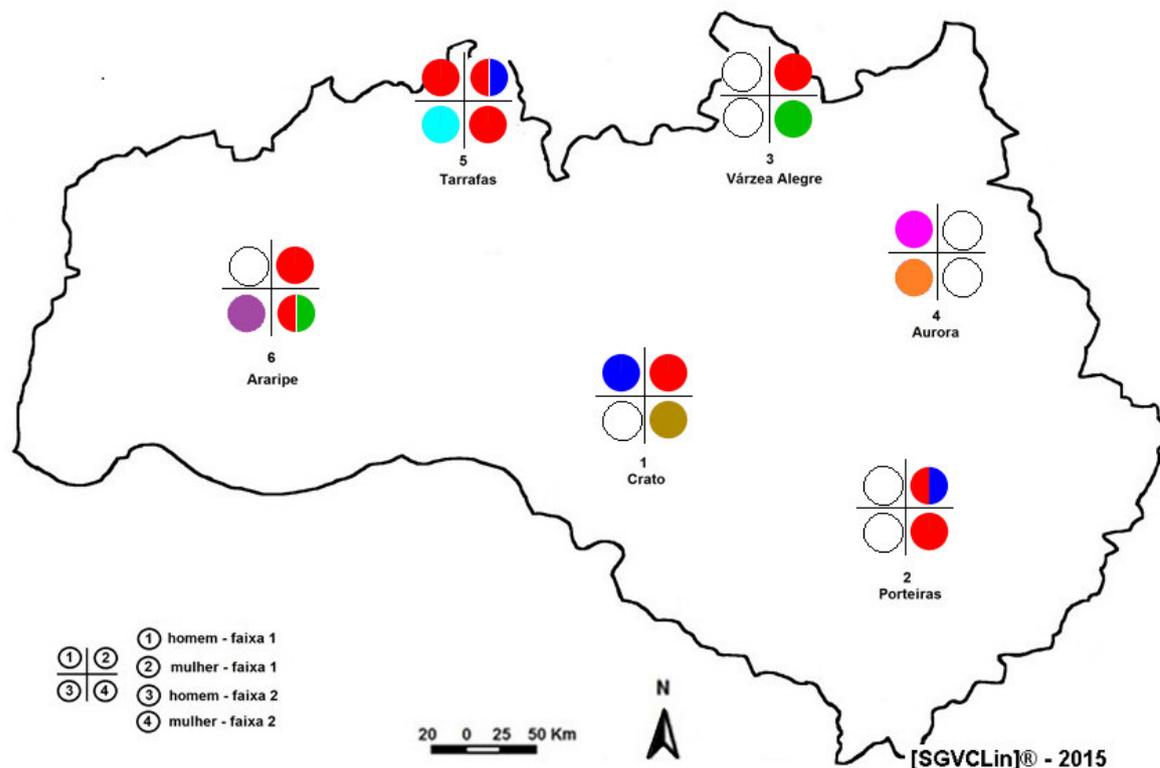




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

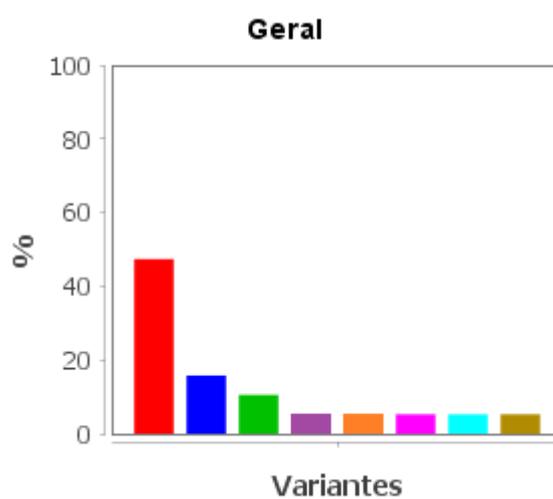
Carta n° 118
FULIGEM

QSL 171 – Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão de lenha?



Variantes

- fumaça
- carvão
- pucumã
- pucunã
- tucumã
- mancha
- cinza
- tirma
- sem resposta

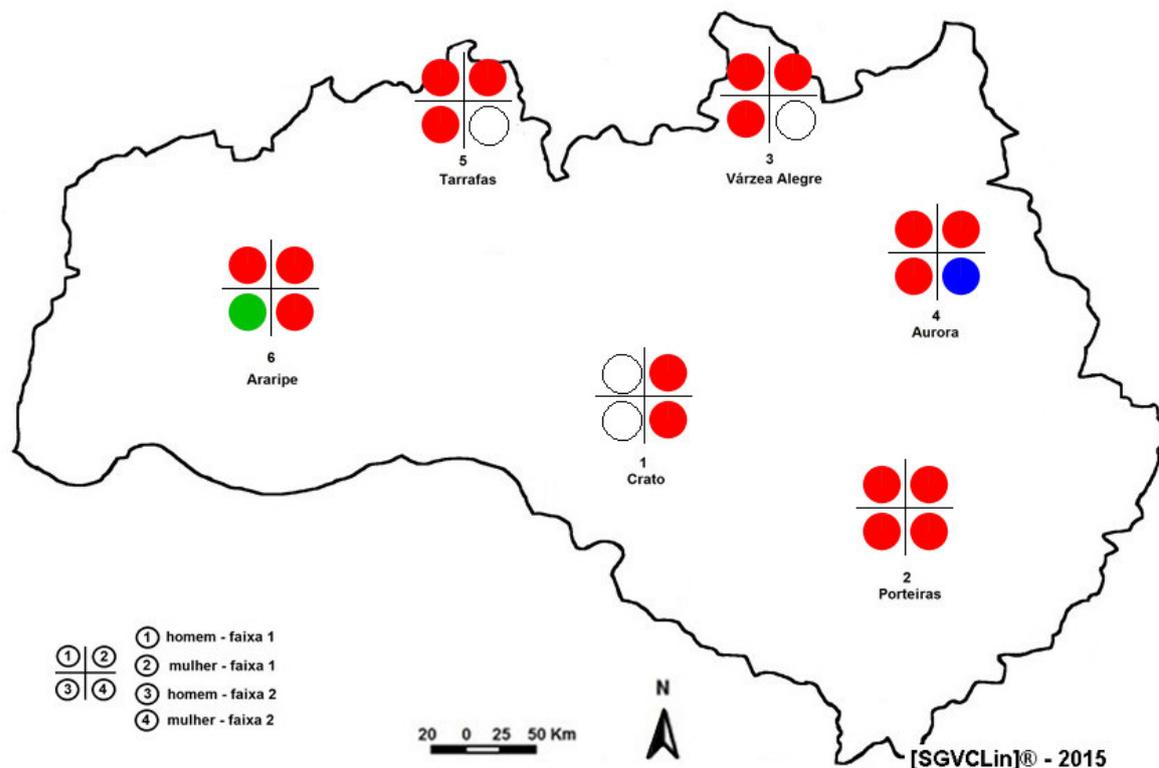




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

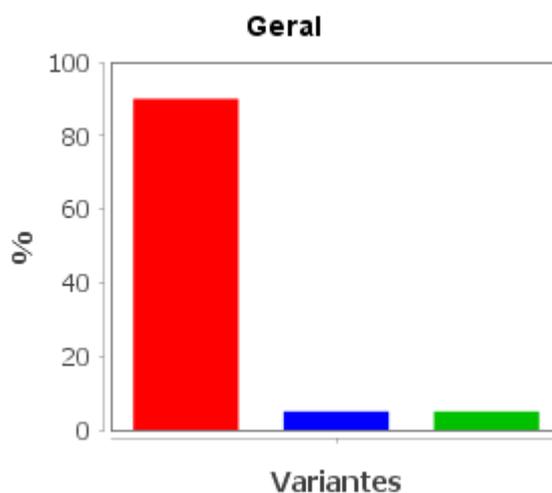
Carta n° 119
LANTERNA

QSL 174 – Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim? (*mímica*).



Variantes

- lanterna
- lâmpada
- candieiro
- sem resposta

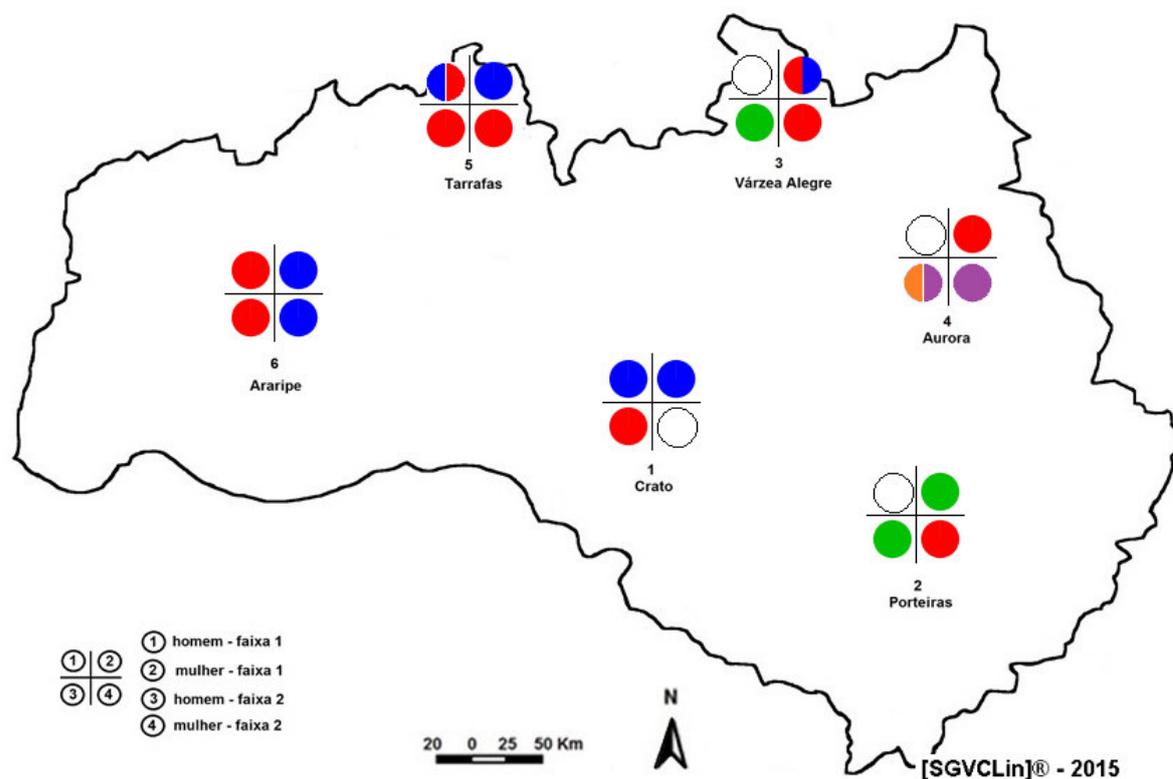




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Aicace

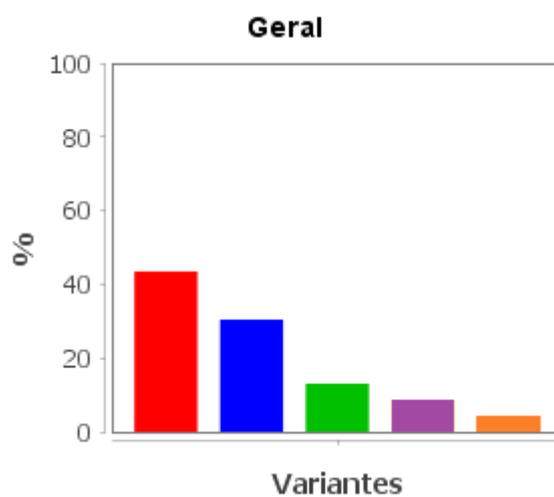
Carta n° 120
INTERRUPTOR DE
LUZ

QSL 175 – Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?



Variantes

- tomada
- apagador
- interruptor
- acendedor
- botão
- sem resposta

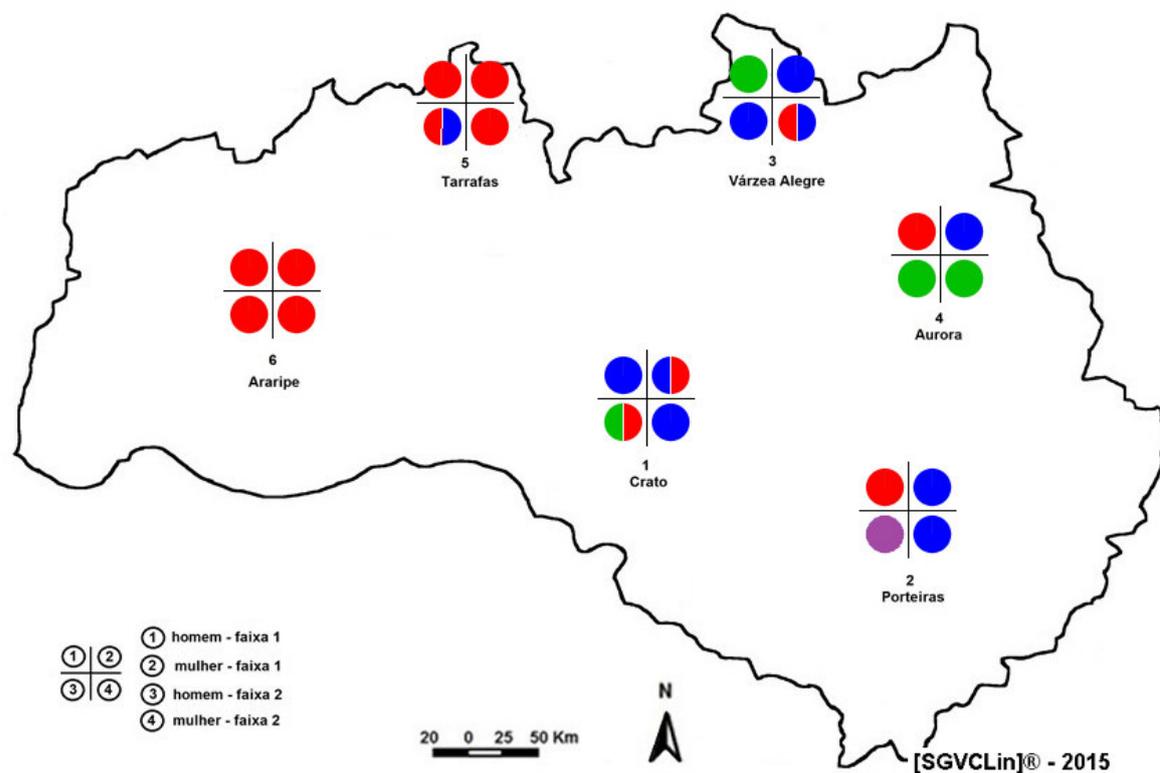




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

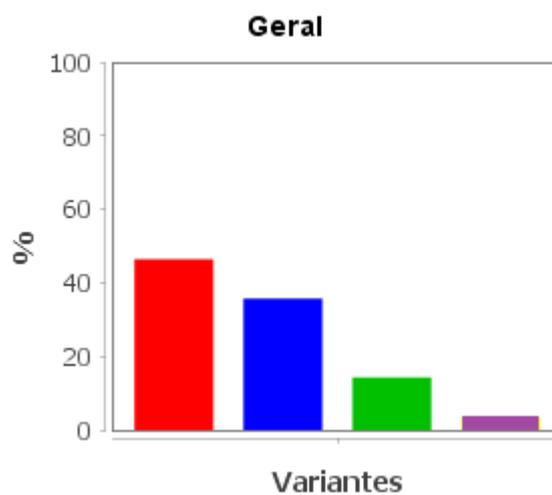
Carta n° 121
CAFÉ DA MANHÃ

QSL 176 – Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?



Variantes

- merenda
- café da manhã
- café
- lanche
- sem resposta

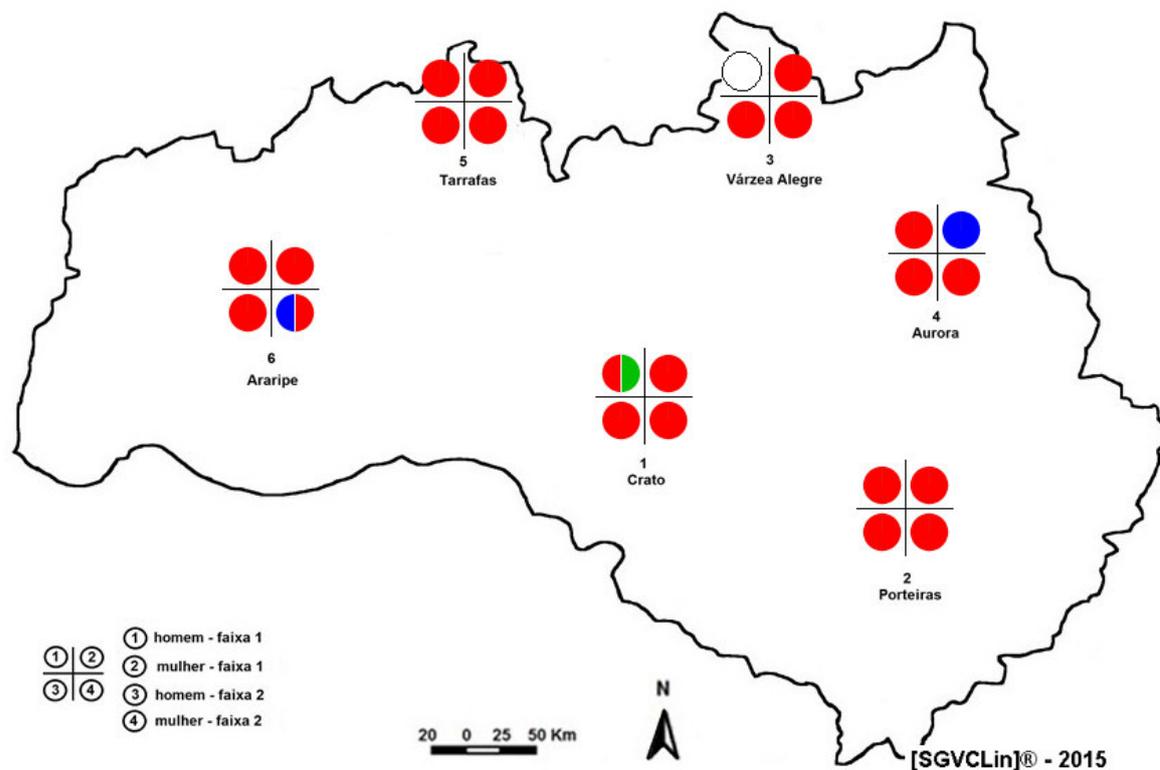




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

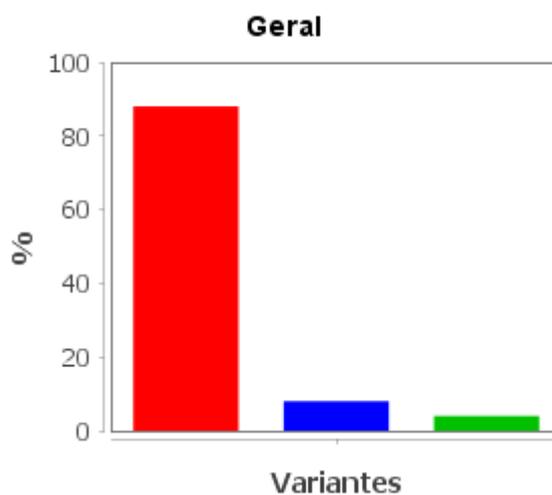
Carta n° 122
CURAU
CANJICA

QSL 179 – Como se chama uma papa cremosa feita com coco milho verde ralado, polvilhada com canela?



Variantes

- canjica
- mingau
- angu
- sem resposta

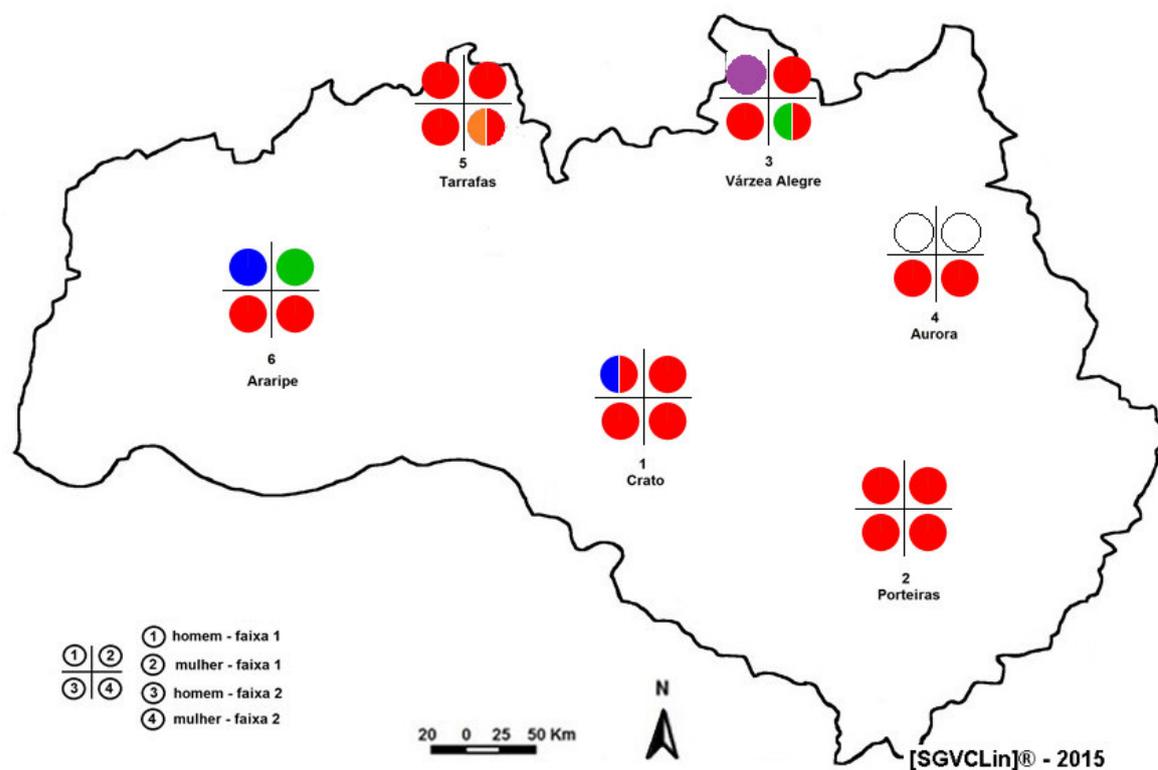




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

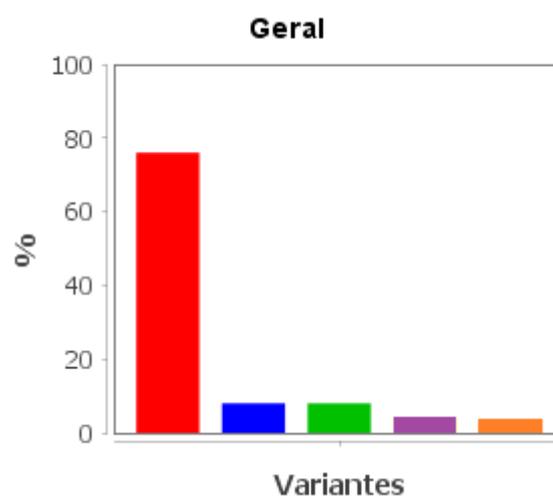
Carta n° 123
CURAU

QSL 180 – E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que se chama?



Variantes

- angu
- canjica
- mingau
- papa
- curau
- sem resposta



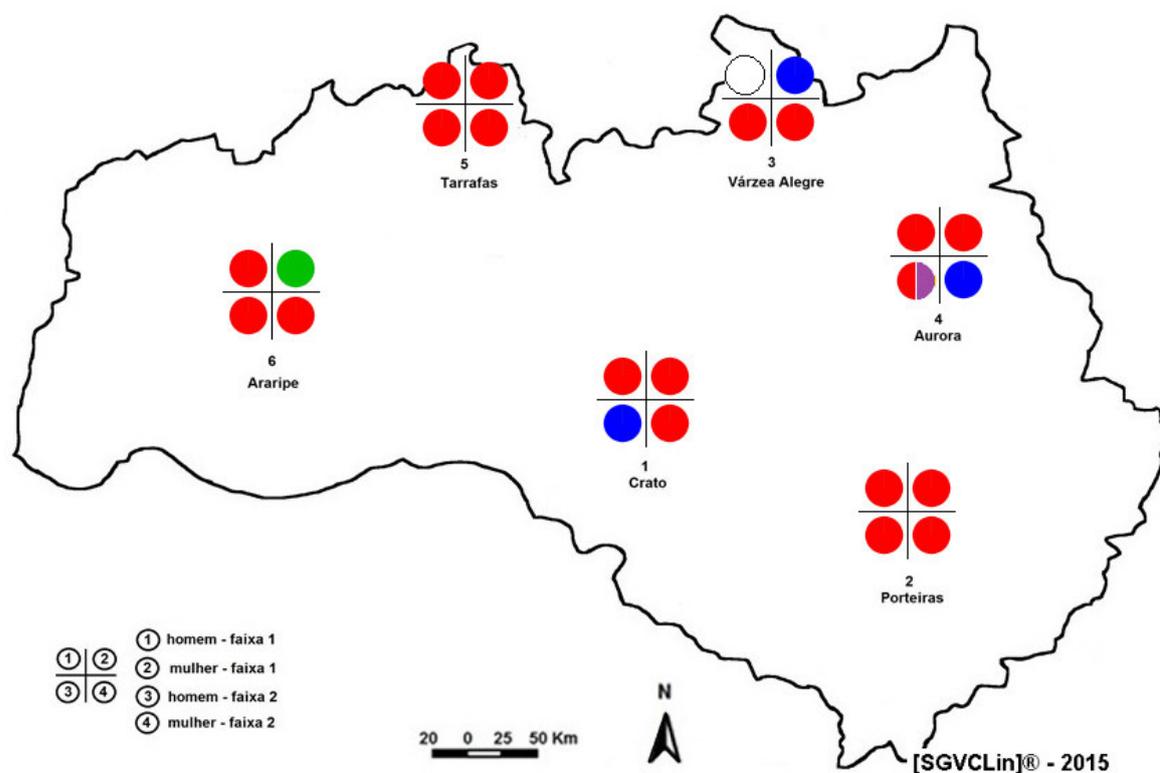


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense

Alicace

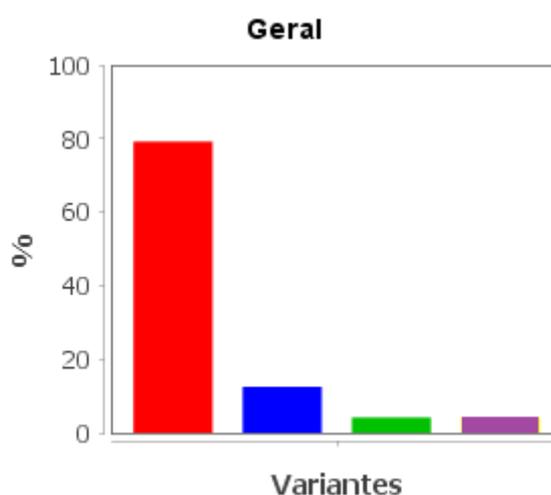
Carta n° 124
MUNGUZÁ
CANJICA

QSL 181 – Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho brancos, coco e canela?
[Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho, feijão e carne de porco ou de boi?]¹



Variantes

- muncunzá
- macunzá
- mucunzá
- canjica
- sem resposta



Nota:

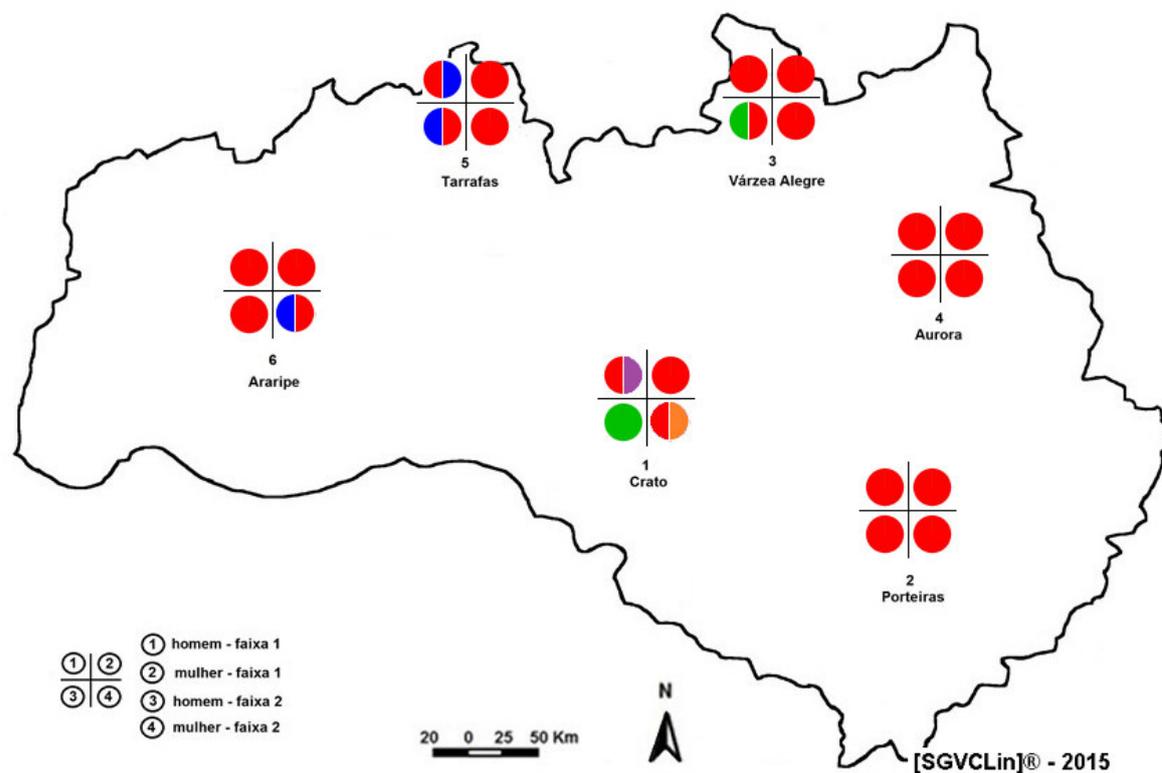
1. O acréscimo a essa questão deu-se por conta de que na região do cariri cearense é costume o desse alimento com milho, feijão e carne.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

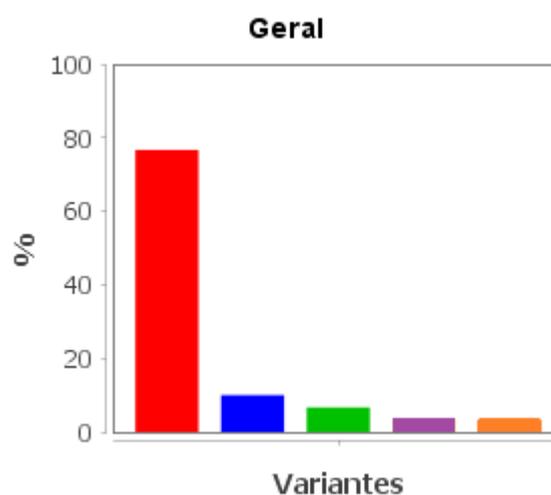
Carta n° 125
AGUARDENTE

QSL 182 – Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.



Variantes

- cachaça
- cana
- pinga
- fubuia¹
- ipioca²
- sem resposta



Notas:

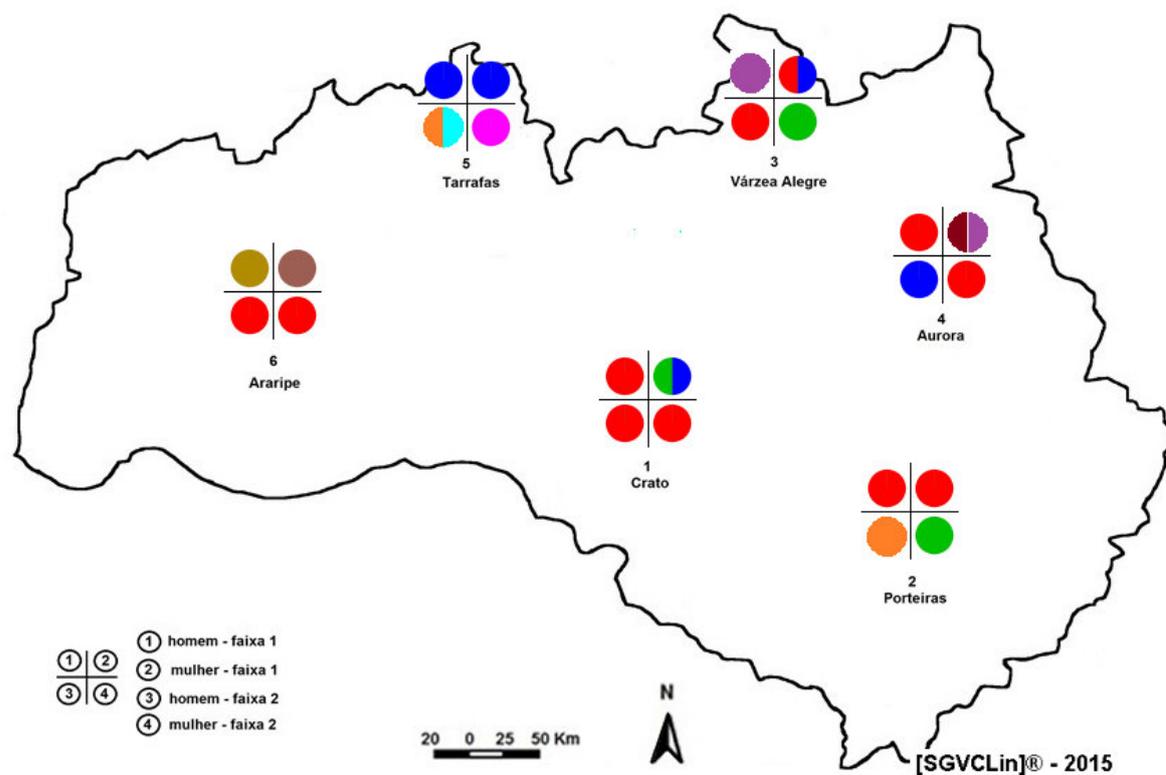
1. Na região do Cariri, o termo “fubuia” é usado para designar a aguardente de baixa qualidade.
2. O termo “ipioca” usado pelo informante CRA4 é uma metonímia à cachaça Ypióca, produzida em Maraguape-CE desde julho de 1846, cujo nome tem origem no Tupi-Guarani e significa “terra roxa”.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

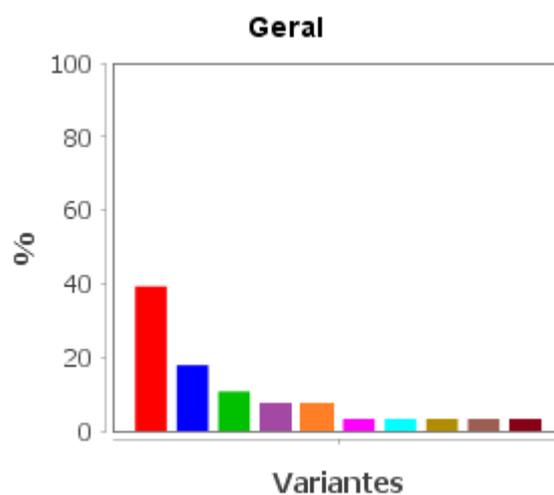
Carta nº 126
EMPANTURRADO

QSL 183 – Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou _____.



Variantes

- esbafarido
- cheio
- empanzinado
- barriga cheia
- farto
- afadigado
- bucho inchado
- esbaforido
- entufado
- panejado
- sem resposta

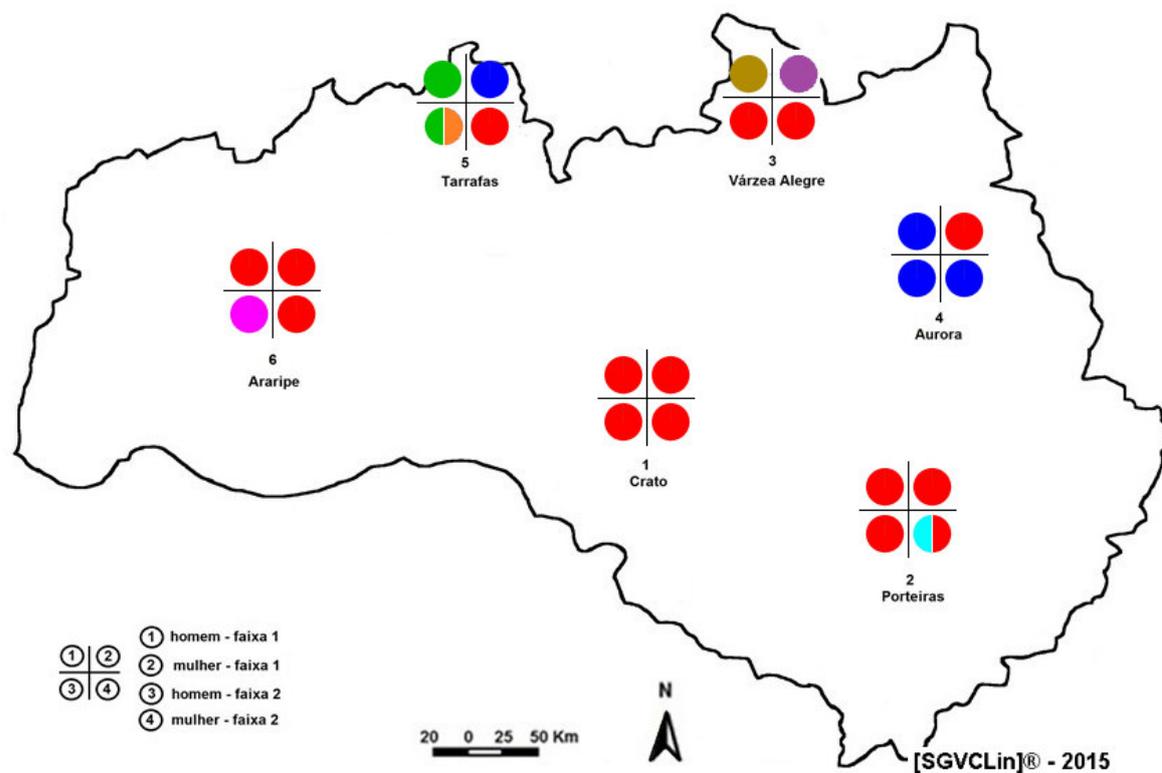




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

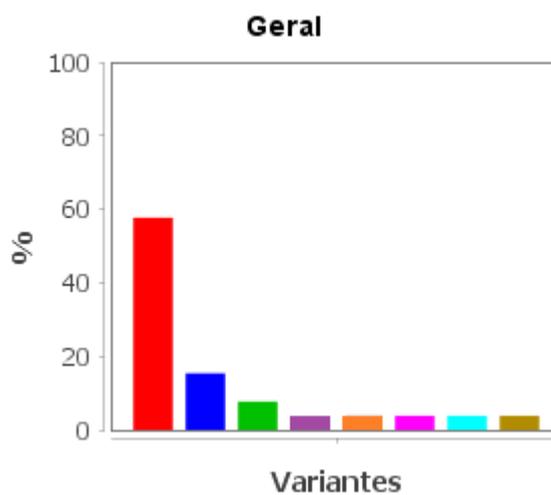
Carta nº 127
GLUTÃO

QSL 184 – Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?



Variantes

- guloso
- comilão
- esgueirado
- morta-fome
- esgalamido
- acavalado
- acanalhado
- sem resposta

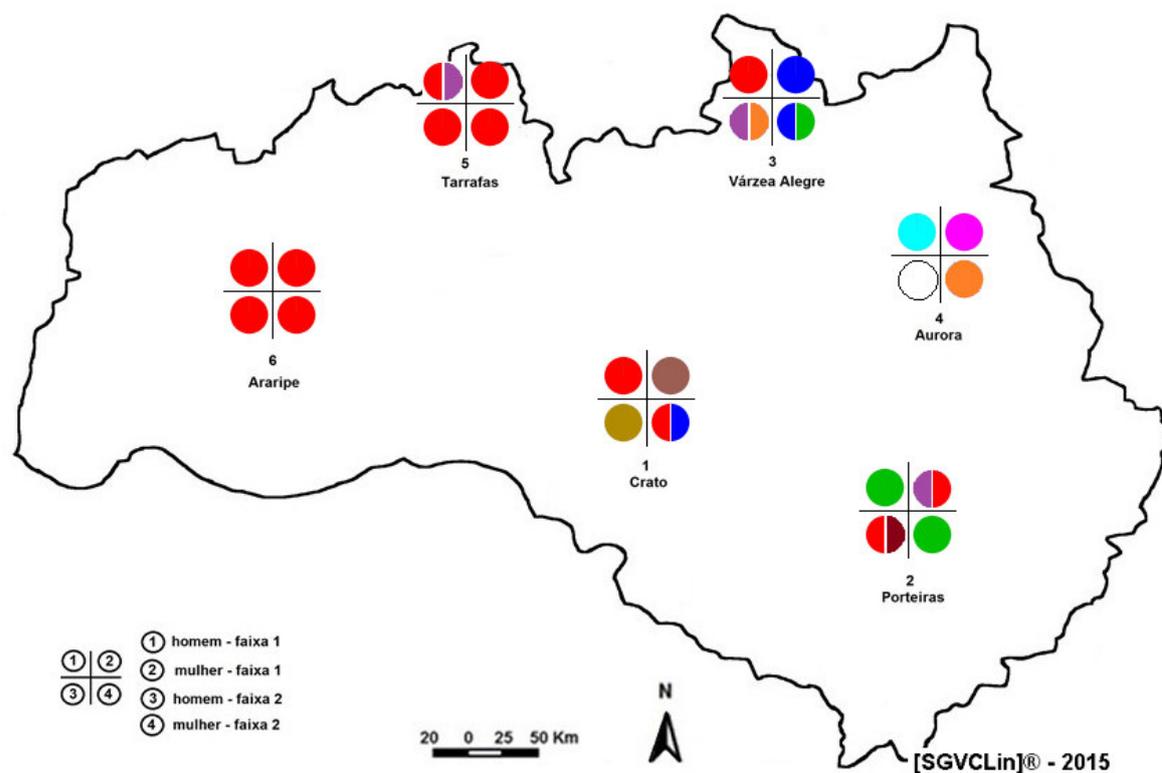




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

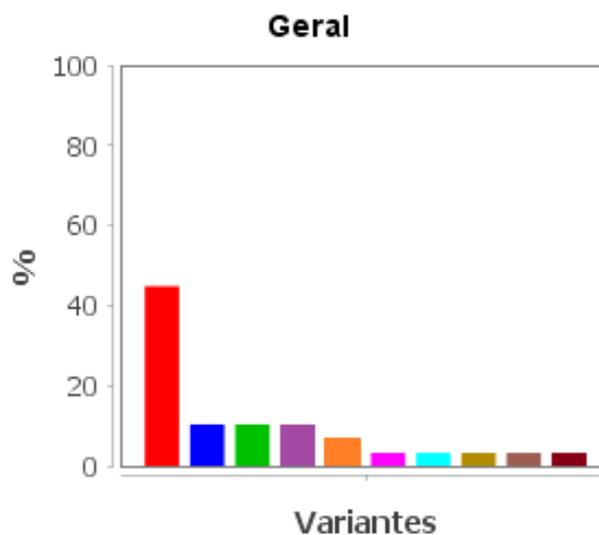
Carta n° 128
PÃO FRANCÊS

QSL 186 – Como se chama isto? *Mostrar*



Variantes

- pão
- carioquinha
- pão aguado
- pão francês
- pão de sal
- pão careca
- pão sovado
- pão salgado
- pão carioca
- bisnaga
- sem resposta

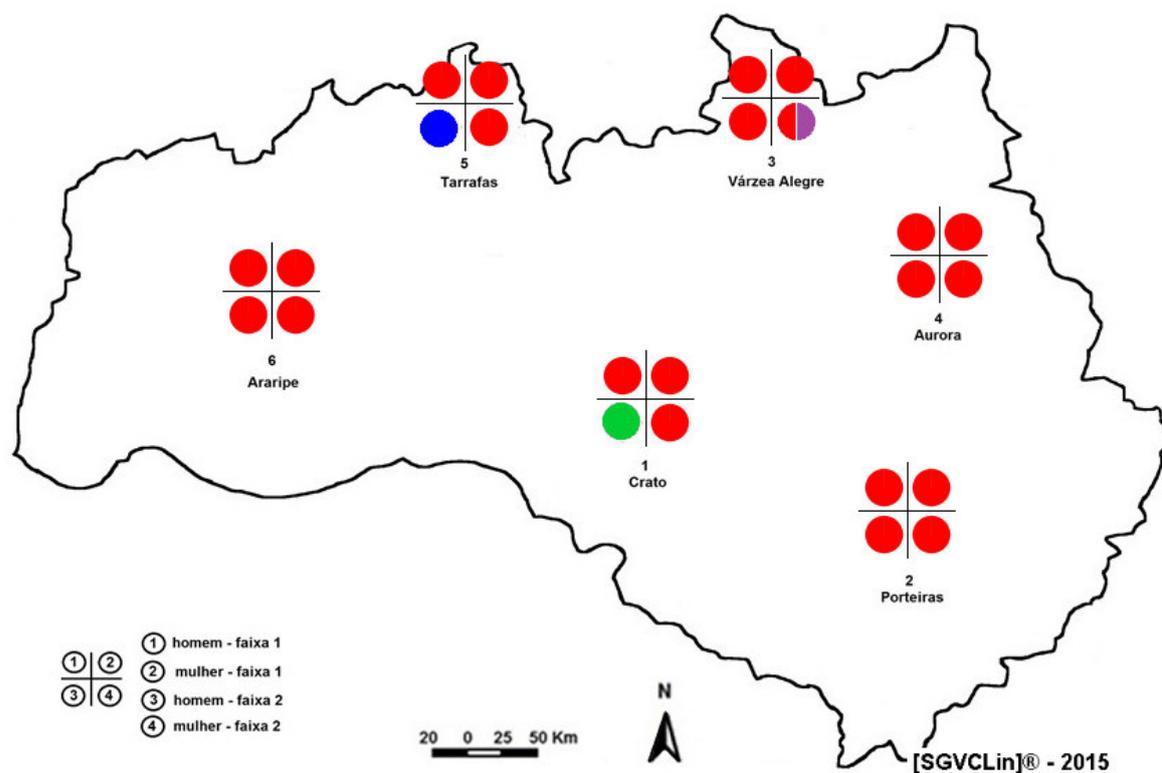




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

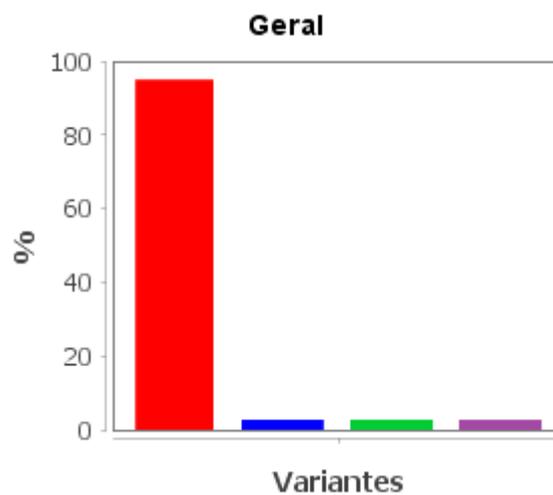
Carta nº 129
SUTIÃ

QSL 188 – Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?



Variantes

- sutiã
- surtiã
- sutião
- corpete
- sem resposta

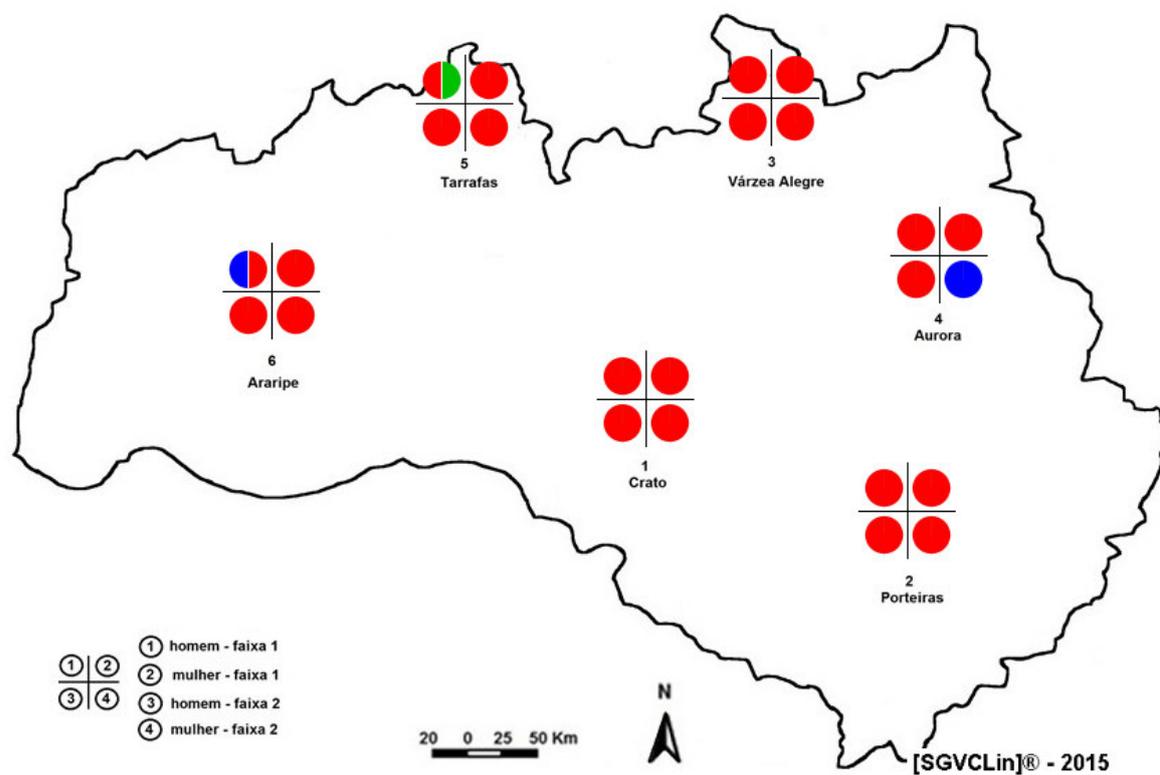




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

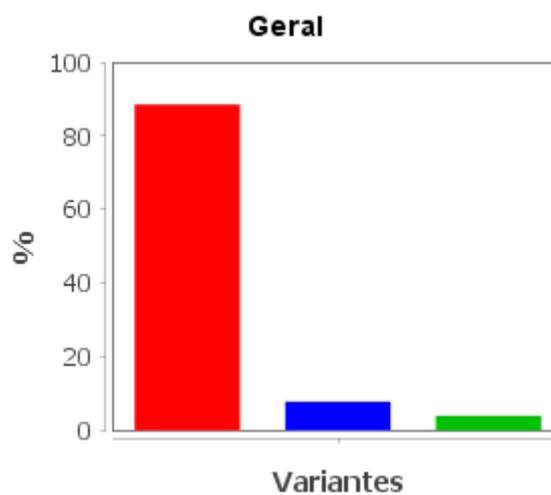
Carta nº 130
CUECA

QSL 189 – Como se chama roupa que o homem usa debaixo da calça?



Variantes

- cueca
- zorba
- sunga
- sem resposta

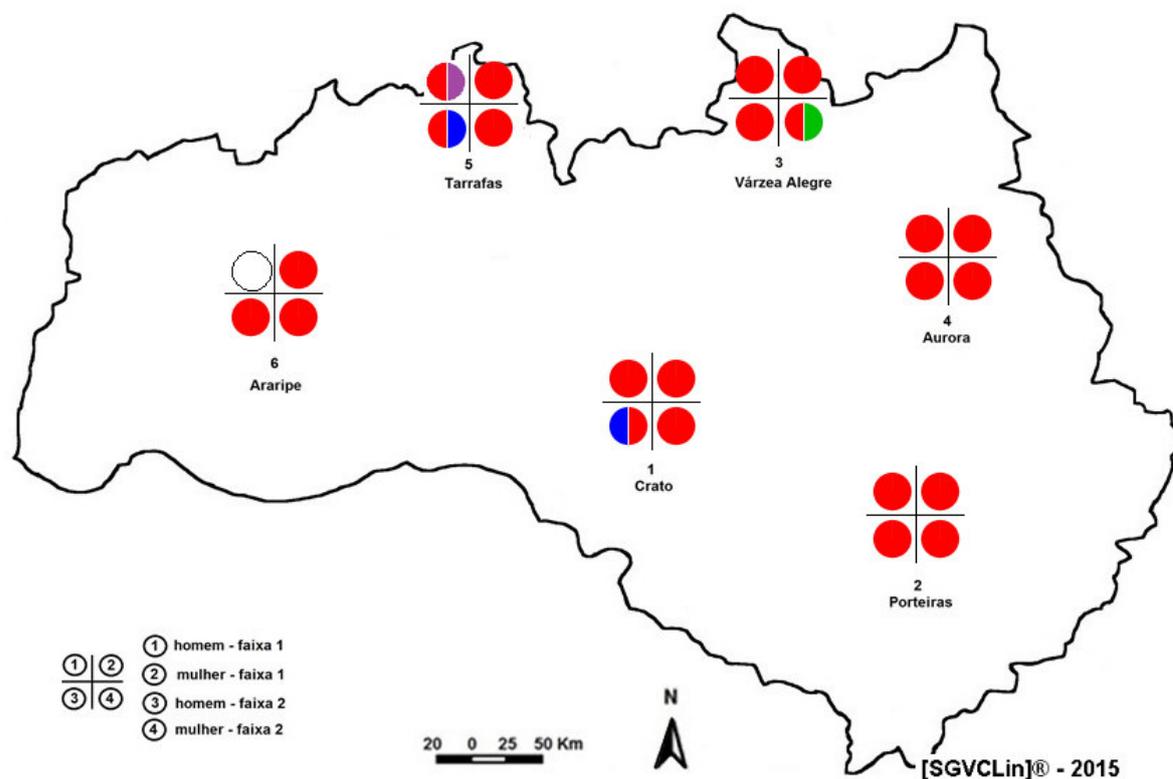




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

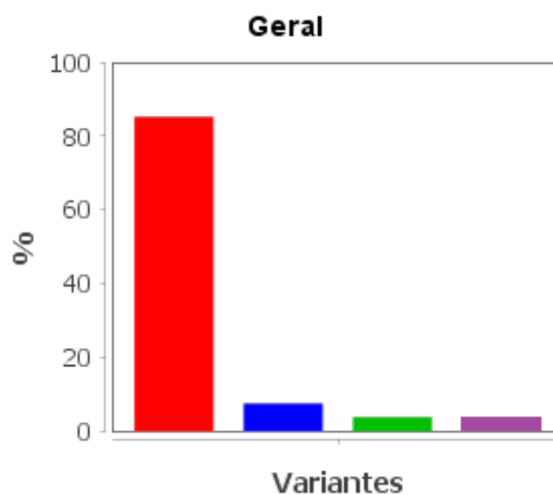
Carta n° 131
CALCINHA

QSL 190 – Como se chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?



Variantes

- calcinha
- biquini
- anágua¹
- lingerie
- sem resposta



Nota:

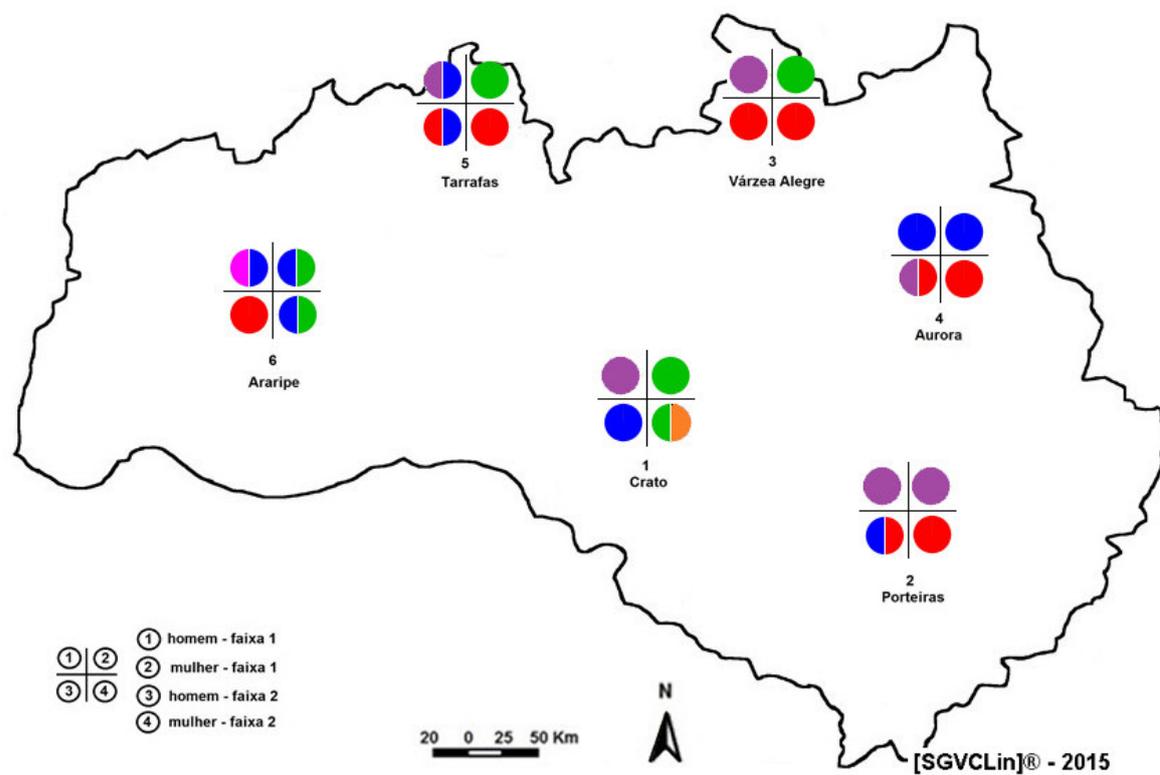
1. Foi registrada a variante fonética [ˈnagwɐ] pelo informante VAR4.



Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

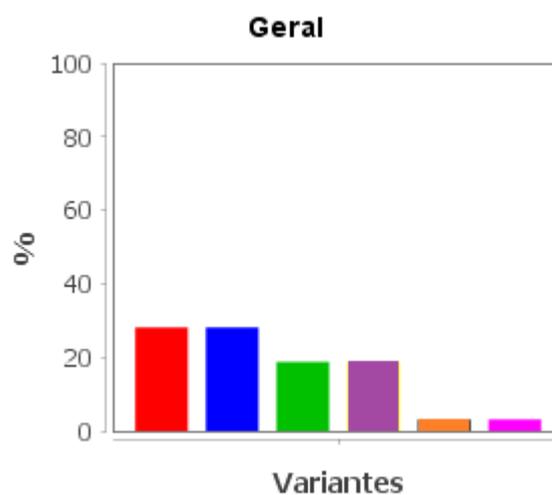
Carta n° 132
ROUGE

QSL 191 – Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, para ficarem mais rosadas?



Variantes

- ruge
- pó
- blanche
- maquiagem
- carmim
- pozinho

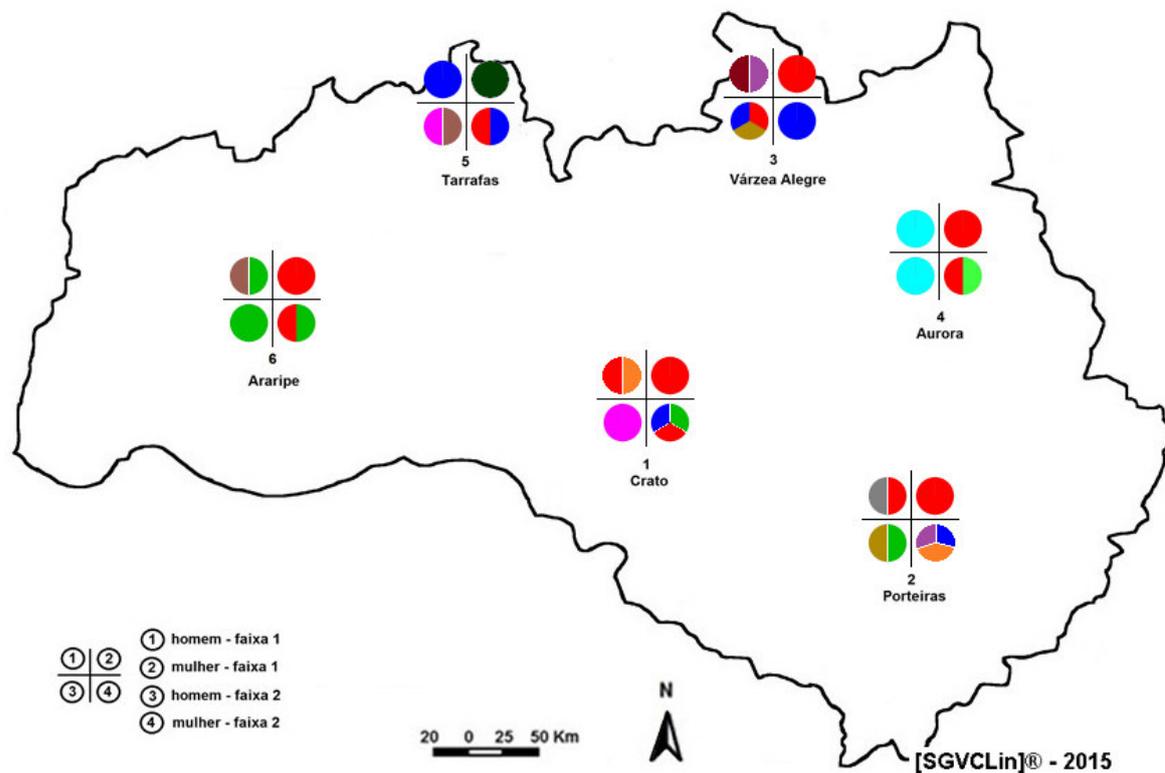




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

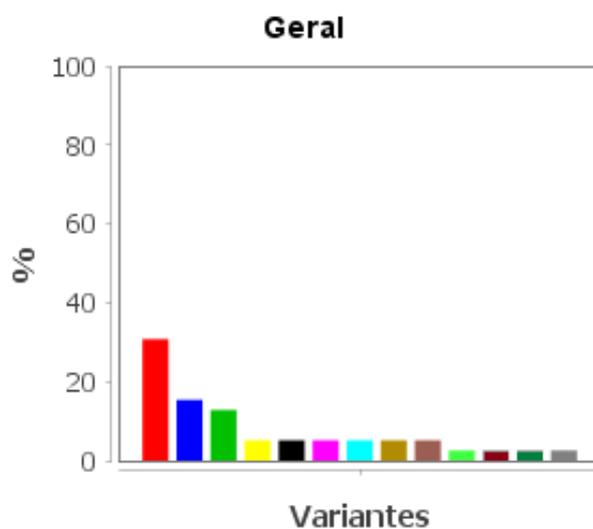
Carta nº 133
GRAMPO (COM
PRESSÃO)
RAMONA / MISSE

QSL 192 – Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar*



Variantes

- grampo
- prisilha
- pregador
- piranha
- pegador
- prendiz
- fívela
- misampli
- prendedor
- bico-de-pato
- gancho
- presilha
- biliro

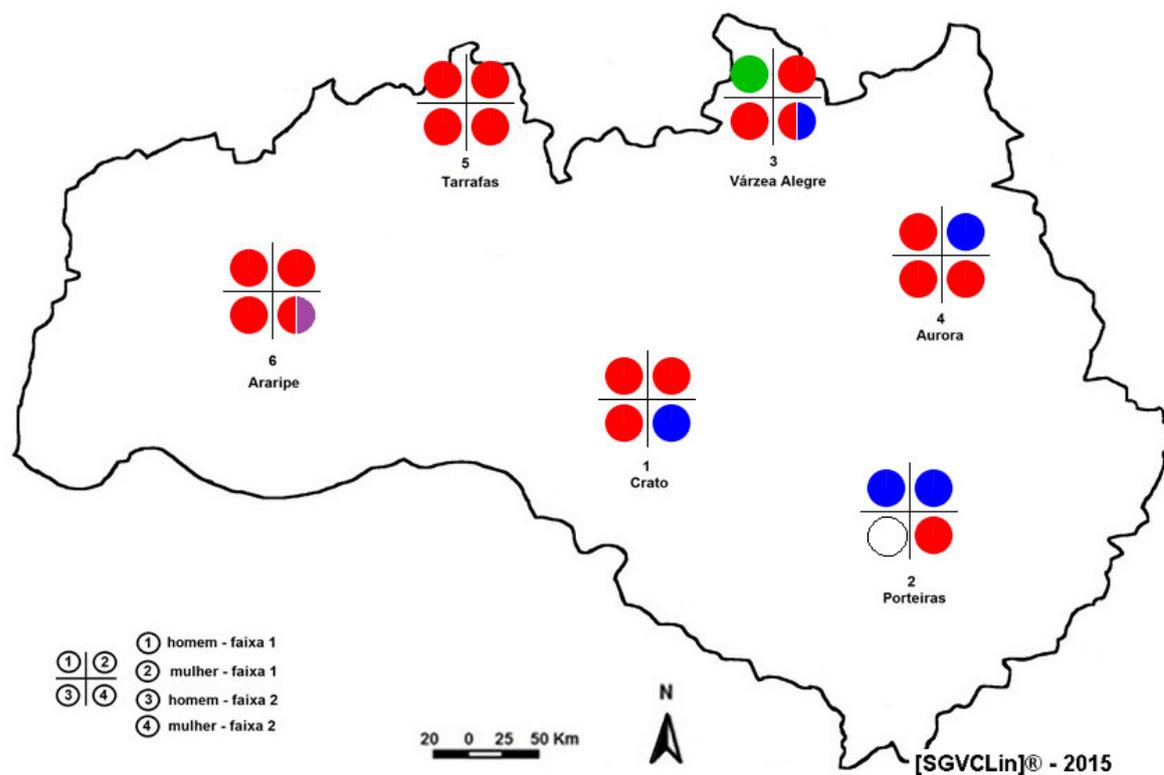




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

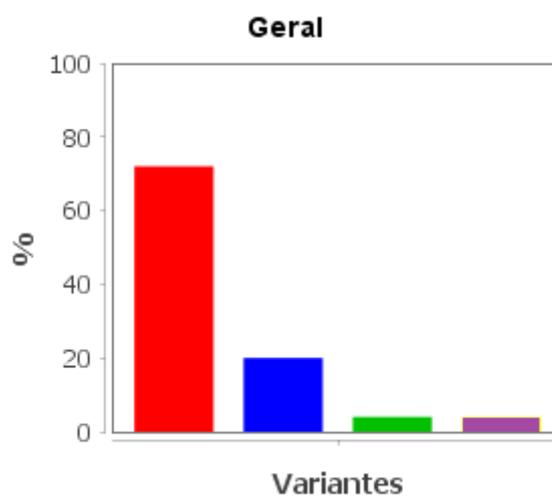
Carta n° 134
DIADEMA
ARCO
SINAL

QSL 193 – Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? (*mímica*).



Variantes

- gigolé
- tiara
- giguelé
- arco
- sem resposta

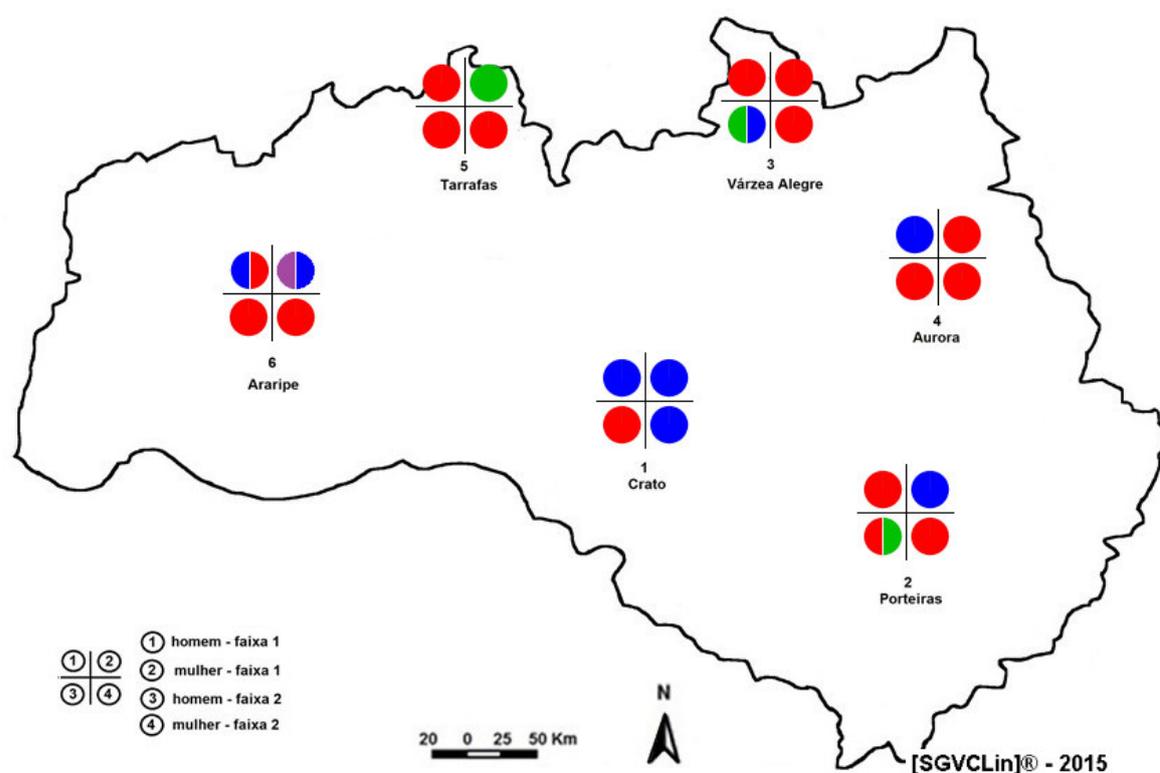




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

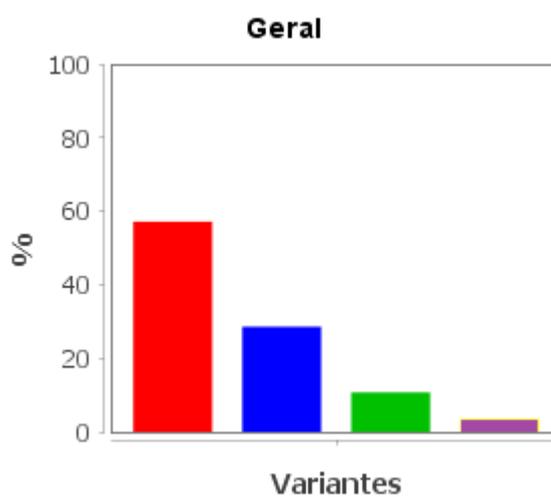
Carta n° 135
SINALEIRO
SEMÁFORO
SINAL

QSL 194 – Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?



Variantes

- sinal
- semáforo
- farol
- sinalização

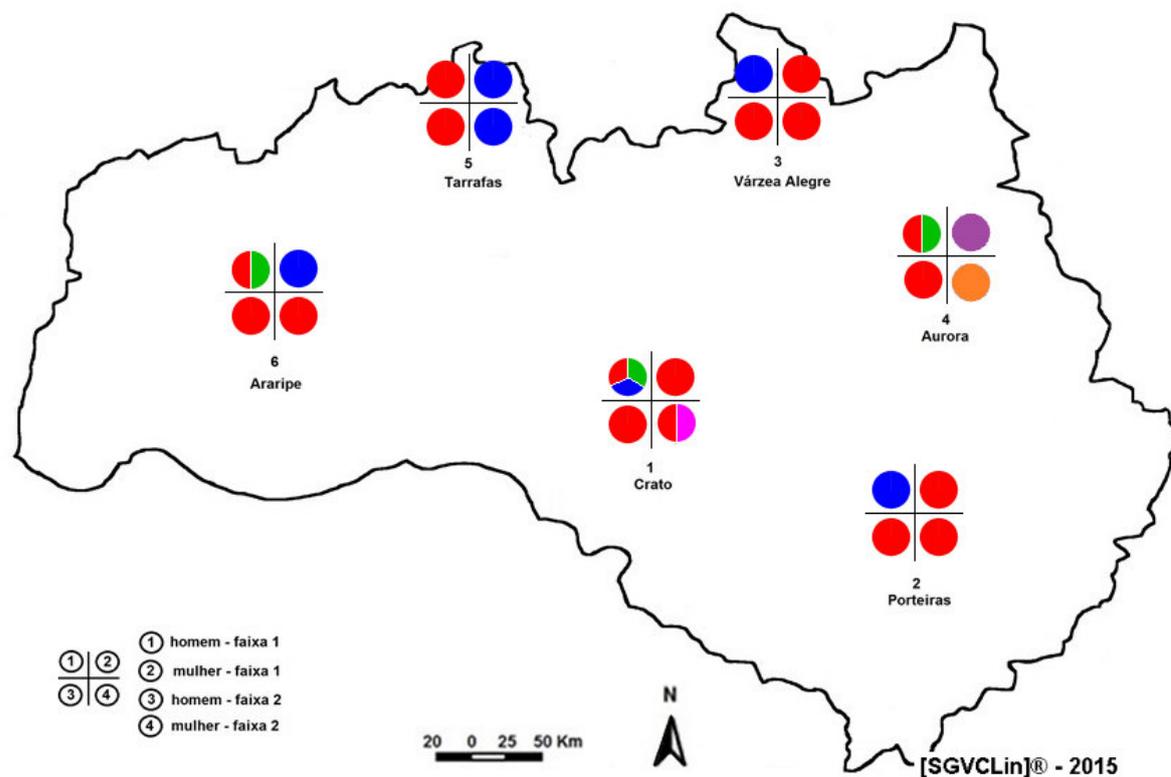




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

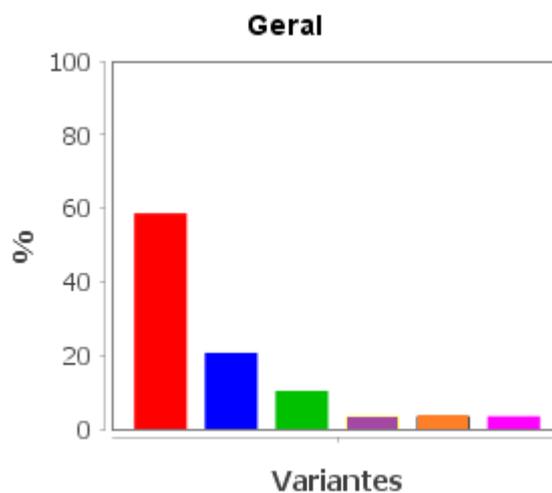
Carta nº 136
LOMBADA
QUEBRA-MOLAS

QSL 195 – Como se chama aquele morrinho para os carros diminuïrem a velocidade?



Variantes

- lombada
- quebra-molas
- catabio
- lombo
- lombadinha
- tartarugas
- sem resposta

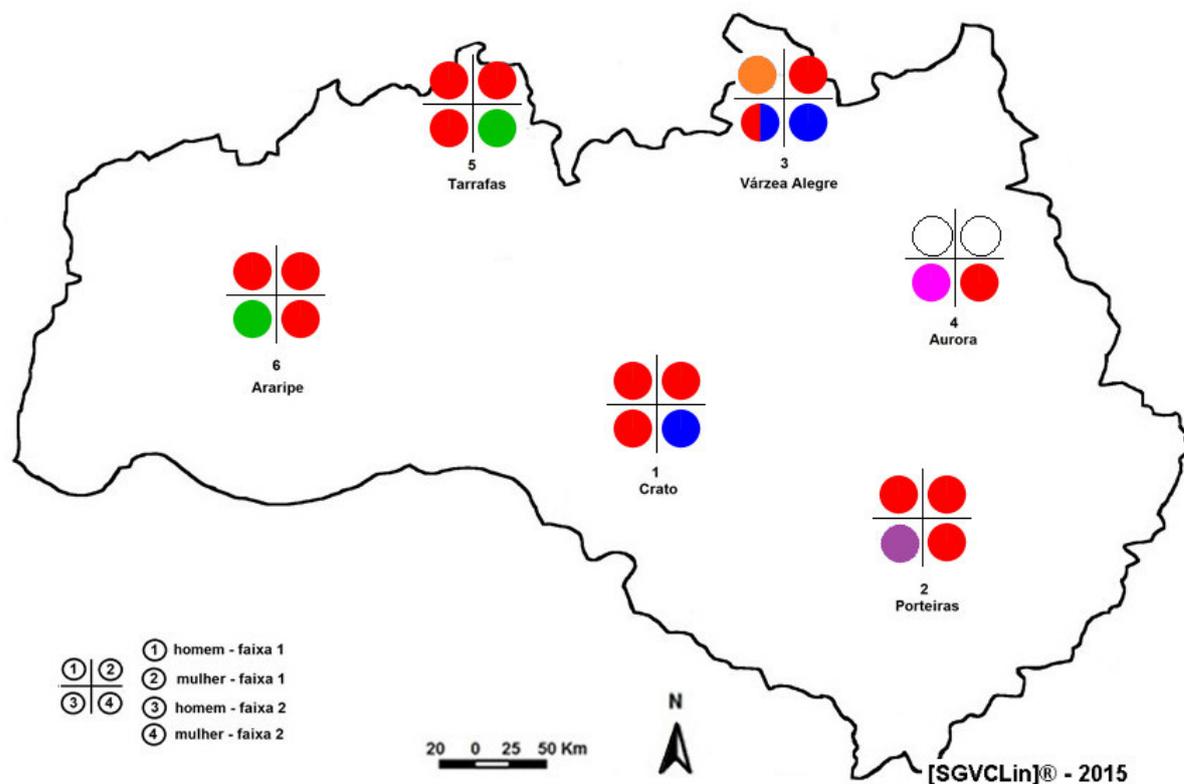




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense Alicace

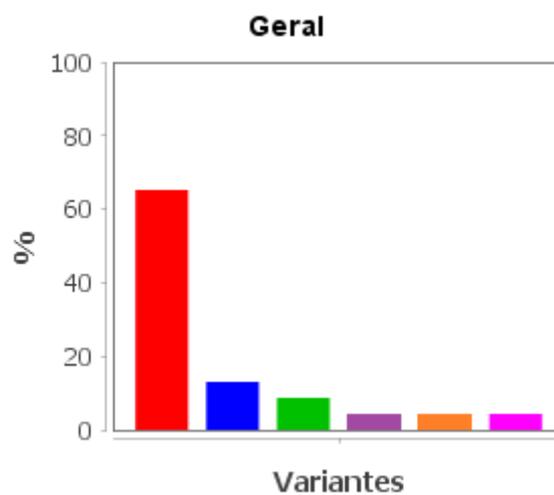
Carta n° 137
MEIO-FIO

QSL 197 – Como se chama o que separa o _____ (cf. item 196) da rua?



Variantes

- meio-fio
- paralepípedo
- fio-de-pedra
- paralepipo
- pilazim
- feixe
- sem resposta



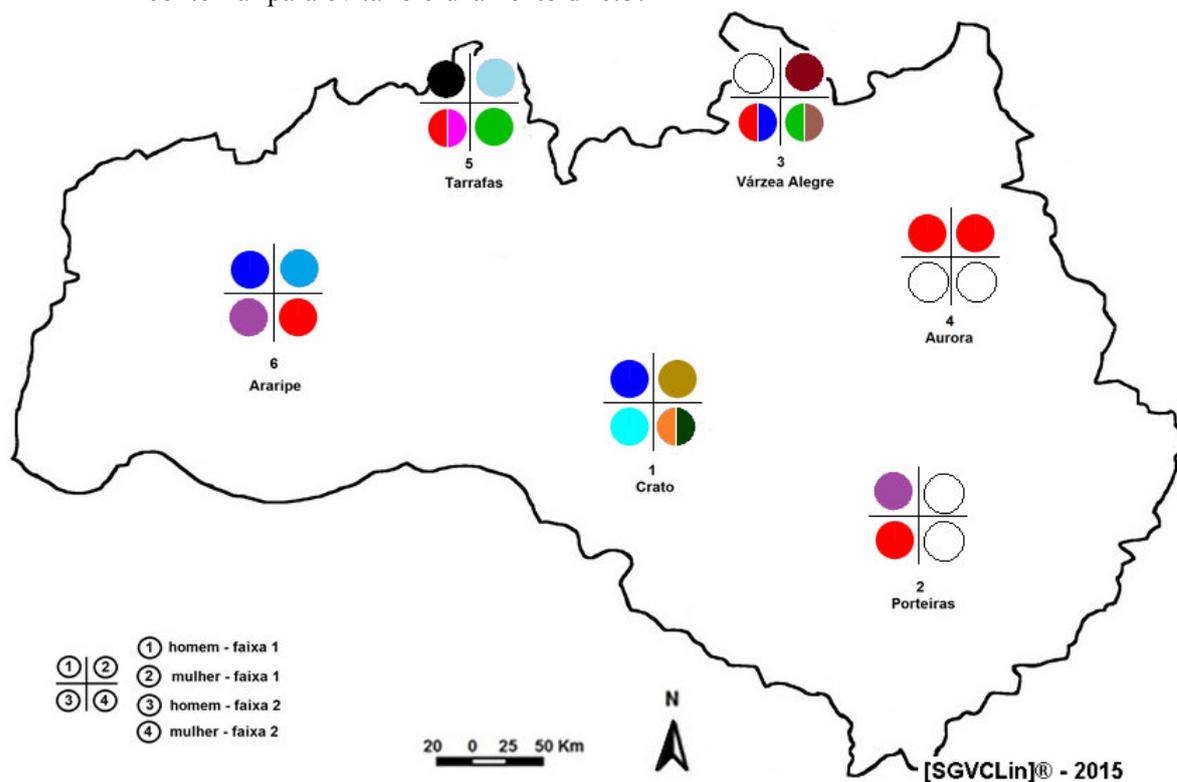


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense

Alicace

Carta n° 138
ROTATÓRIA
RÓTULA

QSL 198 – Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?



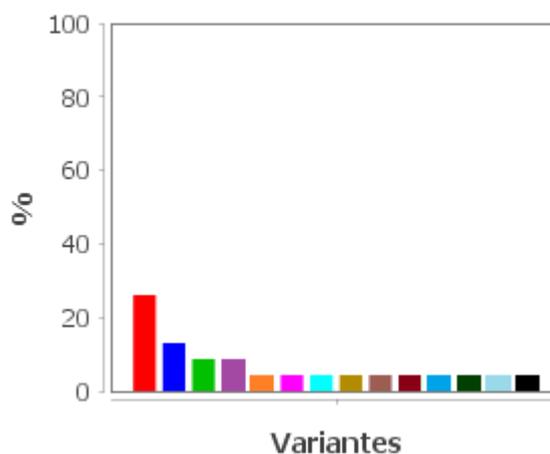
Variantes

- retorno
- rotatória
- cruzamento
- rodízio
- canteiro
- balão
- giratória
- rodeio
- entroncamento
- pracinha do jumento¹
- desvio
- encruzilhada
- triângulo
- contorno
- sem resposta

Nota:

1. O termo “pracinha do jumento” refere-se à uma rotatória na entrada da cidade de Várzea Alegre em cujo centro há uma escultura de jumento em homenagem ao Pe. Antonio Vieira, autor do livro “O Jumento, Nosso Irmão”, em 1964).

Geral

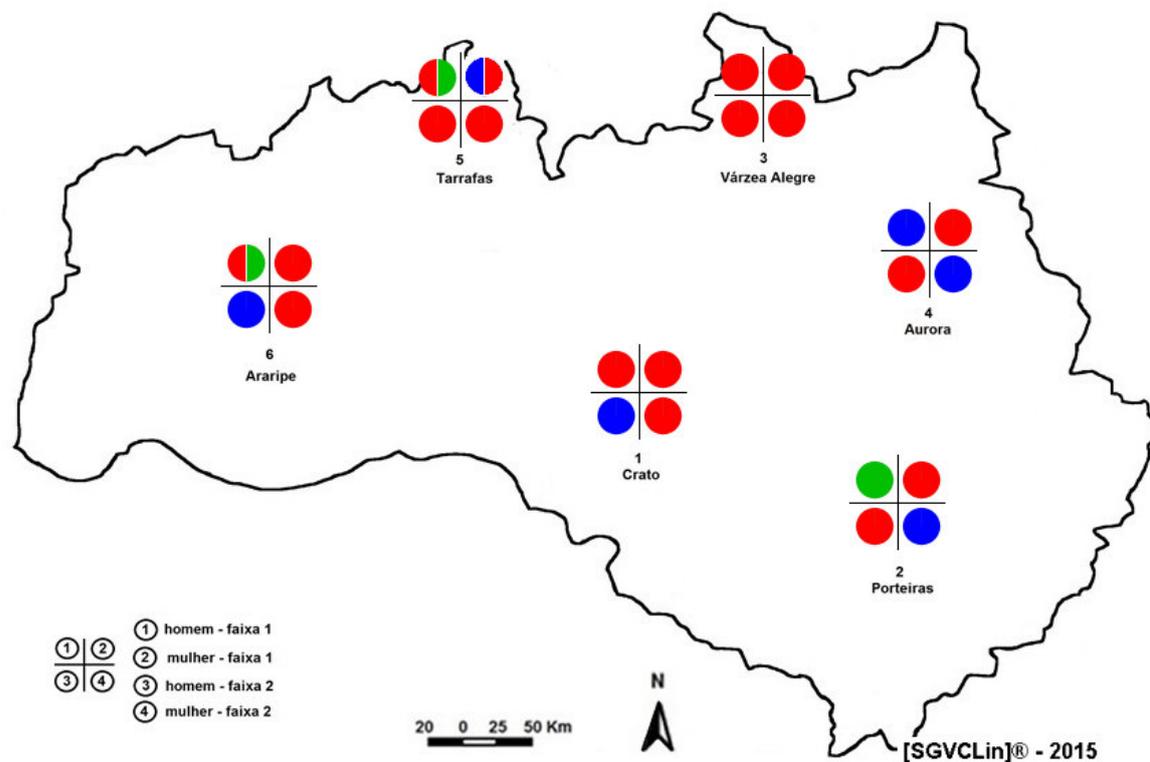




Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense
Alicace

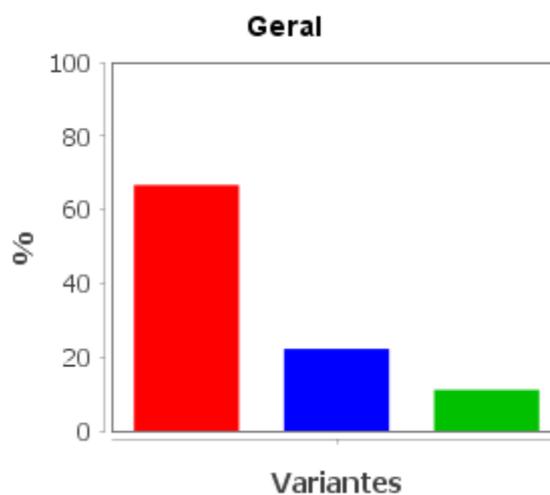
Carta n° 139
LOTE
TERRENO
DATA

QSL 199 – Como se chama a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?



Variantes

- terreno
- chão
- lote



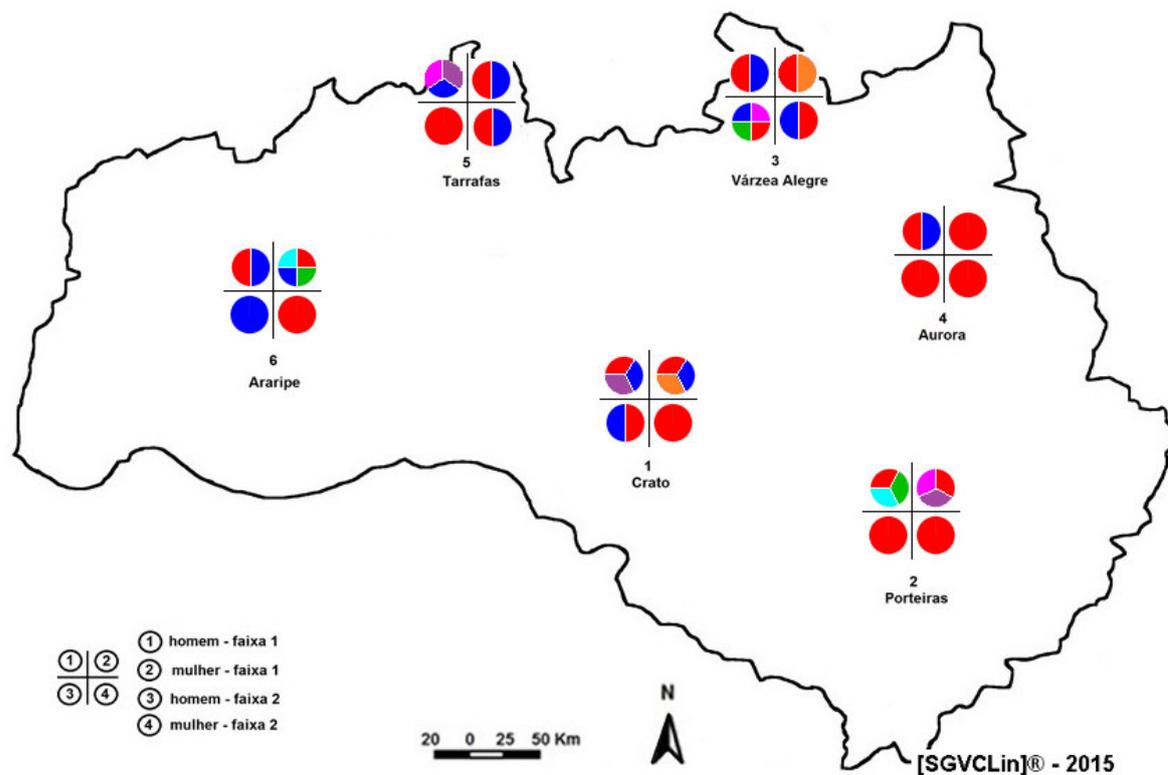


Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense

Alicace

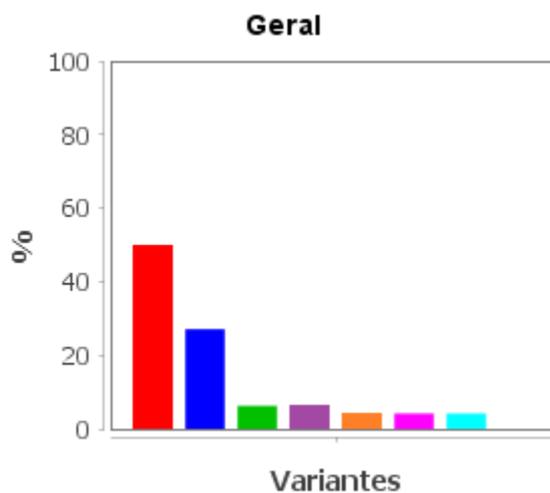
Carta n° 140
BODEGA
BAR
BOTECO

QSL 202 – um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. item 82) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?



Variantes

- bar
- bodega
- boteco
- mercearia
- mercantil
- botequim
- mercadinho



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é uma contribuição aos estudos geolinguísticos por meio da caracterização do falar caririense, já que sua rede de pontos conta apenas com seis localidades, pois temos a convicção de que o Atlas Fonético e Semântico-Lexical da Região do Cariri cearense – Alicace – pode assegurar uma visão aprofundada das particularidades linguísticas em seus aspectos fonéticos-fonológicos e semânticos-lexicais de toda uma região. Todavia, acreditamos que esta pesquisa representa um passo no caminho a percorrer no conhecimento das variedades linguísticas, sabidas, mas pouco exploradas pelos estudiosos da região.

Assim, seguindo os caminhos traçados pela Dialectologia moderna e da Geolinguística, além das orientações emanadas no Atlas Linguístico do Brasil, o AliB, procuramos registrar o falar de uma região com vistas a fazer a sua descrição, e quiçá, preservar a sua memória linguística, ou a nossa, que aflora em determinadas lexias que nos levam a tempos pretéritos, como as palavras GALAMARTE, BILIRO, GIGOLÉ, MISAMPLI, que há muito não ouvimos, mas que aparecem nesta pesquisa.

Além de que a pesquisa dialetológica nos proporciona uma maior reflexão sobre a língua e a sua relação com os sujeitos falantes em seu mundo linguístico, que, apesar de se sentirem intimidados no primeiro momento, muitas vezes, sugerem-nos essa reflexão como ocorreu com um informante, jovem, ajudante de pedreiro, a partir da resposta dada à questão 142 (variante-tema BRAGUILHA), quando, ao responder a forma [bra'gjɐ], imediatamente dar o alerta de que essa forma está errada, pois existem várias formas para pronunciar a palavra e que deveria ter dito [bra'giʎɐ], acrescentando que tanto faz uma ou outra, pois não importa como se fala, mas o que se fala.

No entanto, com os desafios enfrentados para fazer a aplicação dos questionários, em alguns momentos, ficamos desestimulados, sem norte, mas, de repente, o pensamento presente que a empreitada maior tiveram os primeiros dialetólogos ao enfrentar barreiras mais adversas com relação à locomoção, aos equipamentos, à própria confecção manual das cartas linguísticas.

Após a coleta de dados, procedemos à transcrição fonética e grafemática de todas as variantes, que selecionadas segundo os critérios pré-estabelecidos, resultaram em 112 cartas fonéticas e 164 semântico-lexicais, totalizando 276 cartas linguísticas que retratam toda a realidade linguística da região estudada nos aspectos fonético e semânticos-lexicais.

Com relação ao aspecto fonético, pode-se verificar, na Região do Cariri cearense, a ocorrência dos fenômenos fonológicos de supressão, de inserção, de substituição e a transposição de fonemas, como seguem:

- supressão de segmento(s) no interior de palavras paroxítonas: [ˈlãpə] (Carta nº 6, p. 129) - [ˈfõskʊ] (Carta nº 10, p. 133) - [ˈafivɾɪ] (Carta nº 28, p. 151);
- supressão da /d/ do grupo -ndo: [fɛhˈvẽnu] (Carta nº 20, p. 143) - [hẽˈmãnu] (Carta 37, p. 160);
- supressão de vogal no início de palavra: [fiˈtɔzɐ] (Carta nº 38, p. 161);
- supressão da /ʔ/ em final de palavra: [aˈzu] (Carta nº 63, p. 186);
- supressão da /h/ em final de palavras: [hazˈga] (Carta nº 62, p. 185) - [bejˈʒa] (Carta nº 105, p. 228) - [muˈʎɛ] (Carta nº 92, p. 215);
- apagamento do glide nos ditongos decrescentes [aj], [ej] e [ow]: [pẽˈnerɐ] (Carta nº 17, p. 140) - [ˈkaʃɐ] (Carta nº 2, p. 125) - [teˈzorɐ] (Carta nº 3, p. 126);
- inserção da vogal anterior alta no meio da palavra: [ˈpĩnew] (Carta nº 49, p. 172) - [adivɔˈgadʊ] (Carta nº 61, p. 194);
- transformação da lateral alveolar vozeada velarizada [ɬ] na posição final de sílaba em semivogal [w]: [ˈsɔw] (Carta nº 41, p. 164) - [ˈawtɐ] (Carta nº 95, p. 218);
- transformação de vogais orais seguidas das consoantes nasais [m] e [n] segmentos vocálicos nasais: [fũˈmasɐ] (Carta nº 11, p. 134) - [tõˈmatɪ] (Carta nº 22, p. 145) - [siˈnẽmɐ] (Carta nº 68, p. 191);
- transformação do ditongo nasal [ẽj] em segmento vocálico oral [ɪ]: [paˈsaʒɪ] (Carta nº 52, p. 175) - [ˈõmɪ] (Carta nº 91, p. 214);
- transformação das estruturas silábicas [ljɐ] e [njɐ] em uma lateral palatal vozeada [ʎ]: [fãˈmiʎɐ] (Carta nº 93, p. 216) - [sãˈdaʎɐ] (Carta nº 100, p. 223);
- transformação do glide do ditongo decrescente [ej] seguido de hiato em segmento consonantal lateral palatal vozeada [ʎ]: [ˈteʎɐ] (Carta nº 34, p. 157);

- transformação da fricativa alveolar desvozeada /s/ pós-vocálico [s] em fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ]: [tʃ^htradɐ] (Carta n° 45, p. 168);
- transformação da vogal anterior média-alta /e/ em vogal anterior alta [i]: [tʃ^hzorɐ] (Carta n° 3, p. 126) - [sɪ^hbolɐ] (Carta n° 21, p. 144) ;
- transformação da vogal posterior média-alta [o] em vogal posterior alta [u]: [gɔ^hfɪ^hdurɐ] (Carta n° 15, p. 138) - [tũ^hmatɪ] (Carta n° 22, p. 145)
- Transformação da fricativa labiodental vozeada [v] em oclusiva bilabial vozeada [b] = [trabɪ^hserɪ] (Carta n° 5, p. 128) - [ba^hhe] (Carta n° 13, p. 136);
- Transformação da fricativa alveolar desvozeada /s/ pós-vocálico em fricativa glotal vozeada [ɦ]: [ˈmefɦmɐ] (Carta n° 110 p. 233);
- Transposição de segmento na mesma sílaba: [paɦtɪ^hlerɐ] - [baɦ^hgɦɐ] (Carta n° 102, p. 225);
- Transposição de fonema em sílaba diferente: [ˈvɦɪdɪ] (Carta n° 50, p. 173);
- Substituição da lateral alveolar vozeada [l] por um tepe alveolar vozeado: [ˈprakɐ] (Carta n° 48, p. 171);
- Substituição da nasal palatal vozeada [ɲ] pela semivogal [j]: [kã^hmĩɐ] (Carta n° 4, p. 127) - [amã^hjã] (Carta n° 42, p. 165);
- Substituição da lateral palatal vozeada [ʎ] pela semivogal [j]: [trabaj^ha] (Carta n° 57, p. 180) - [ʒu^hɛju] (Carta n° 86, p. 209) - [ˈvɛj] (Carta n° 99, p. 222);
- Mudança de acento tônico da sílaba para a sílaba posterior: [võ^hmitu] (Carta n° 90, p. 213)
- Mudança da vogal anterior alta nasal /i/ em vogal posterior alta nasal /ũ/: [i^hbigu] (Carta n° 85, p. 208).

Com relação ao aspecto lexical, podemos verificar que houve ocorrência de itens em todos os campos semânticos do questionário aplicado, conforme se pode observar no Quadro 10, a seguir, em que registramos a presença do item lexical que ocorre em todos os pontos pesquisados, distribuídos conforme o campo semântico:

Quadro 10 – Ocorrência do item lexical em todos os pontos.

Campo Semântico	Questão	Item Lexical	Nº de ocorrência
Acidentes geográficos	1	riacho	18
	2	pinguela	13
	5	onda	19
Fenômenos atmosféricos	7	redemoinho (do vento)	23
	11	tempestade	13
	17	arco-íris	20
	19	úmida	12
	20	orvalho	09
	21	neve	14
Astros e tempo	25	o sol se põe	13
	29	estrela d'alva	12
	31	estrela cadente	13
	37	antes de ontem	16
Atividades agropastoris	39	tangerina	21
	40	amendoim	19
	44	mangará	11
	52	carro de mão	10
	57	caçua	15
	59	borrego	12
	60	perdeu a cria / perder a cria	09
	62	vareda	11
	63	vareda	11
Fauna	66	joão-de-barro	13
	67	capote	19
	68	papagaio	20
	70	cotó	14
	72	mão	13
	73	quilina	08
	74	rabo	21
	76	garupa	18
	80	úbere	15
	86	lagarta	10
Corpo humano	91	cego	14
	92	zanolho	21
	94	terçol	20
	96	catarata	19
	97	presas	15
	98	queiro	18
	101	fanhoso	13
	102	cataraca	13

	104	nuca	14
	107	corcunda	13
	110	canhoto	16
	113	útero	18
	116	cambota	18
Ciclos da vida	121	menstruação	23
	124	parir	15
	126	aborto	18
	128	mãe de leite	15
	129	irmão de leite	15
	132	menino	15
	133	menina	16
	135	finado	17
Convívio e comportamento social	139	velhaco	19
	141	corno	19
	142	prostituta	18
	144	cachaceiro	18
Religião e crenças	148	alma	19
	149	macumba	20
	151	rezadeira	17
Jogos e diversões infantis	155	cambalhota	09
	156	bila	21
	158	pipa	22
	161	cobra-cega	11
	166	balançador	16
	167	amarelinha	10
Habitação	170	vaso	11
	174	lanterna	18
Alimentação e cozinha	175	tomada	10
	176	merenda	13
	179	canjica	22
	180	angu	19
	181	muncunzá	19
	182	cacheça	23
	184	guloso	15
Vestuário e acessórios	188	sutiã	22
	189	cueca	23
	190	calcinha	23
	192	grampo	11
	193	gigolé	18
Vida urbana	194	sinal	16
	195	lombada	12

	196	calçada	22
	197	meio-fio	15
	199	terreno	18
	202	bar	21

Além dessa forma de ocorrência dos itens lexicais, podemos observar a ocorrência de diversos itens lexicais dados como resposta à questão proposta cuja ocorrência não se verifica em todos os pontos de inquérito, a saber: questão 4 - redemoinho (de água); questão 6 - onda de rio; questão 15 - chuva de pedra; questão 18 - garoa; questão 32 - via láctea; questão 47 - soca; questão 53 - haste do carrinho de mão; questão 55 - cangalha; questão 57 - jacá; questão 58 - bolsa; questão 61 - trabalhador de enxada em roça alheia; questão 75 - lombo; questão 82 - manco; questão 85 - libélula; questão 89 - pálpebra; questão 90 - cisco; questão 93 - míope; questão 95 - conjuntivite; questão 105 - pomo-de-adão; questão 109 - cheiro nas axilas; questão 114 - pernetá; questão 115 - manco; questão 117 - rótula; questão 119 – calcanhar; questão 130 - filho adotivo; questão 136 - pessoa tagarela; questão 138 - pessoa sovina; questão 140 - assassino pago; questão 155 - cigarro de palha; questão 146 - toco de cigarro; questão 150 - amuleto; questão 160 - esconde-esconde; questão 162 - pega-pega; questão 164 - chicote queimado; questão 165 - gangorra; questão 168 – tramela; questão 171 - fuligem; questão 183 – empanturrado; questão 191 - rouge; questão 198 – rotatória.

Apesar das dificuldades, o objetivo maior de nossa pesquisa foi alcançado, ou seja, a construção do nosso atlas, visto que a nossa proposta era registrar as variantes fonéticas e lexicais, coletadas com a aplicação de questionários estruturados já utilizados para a construção da grande obra dialetológica do e no Brasil: o Atlas Linguístico do Brasil.

Com a pesquisa, também, foi possível observar o comportamento dos sujeitos dos sujeitos-informantes em relação a algumas formas que induzem ao que se costuma chamar “nome feio”, como é o caso da questão 85 (Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?, que muitas vezes não é respondida por informantes femininas que conhecem apenas essa forma. Em outros casos, pode-se observar, especialmente, a ocorrência de palavras que não são sofrem alterações fonéticas em sua estrutura interna, além observar que novas formas para nomear as coisas ocorrem entre os mais jovens, ficando algumas formas designativas da infância, ainda, mantidas por sujeitos de outra geração.

Contudo, esperamos, com a elaboração deste Atlas, estar contribuindo com o trabalho de professores, estudiosos e pesquisadores interessados por estudos diatópicos e diastráticos, como também esperamos que novos trabalhos cheguem a ser realizados, com outras perspectivas, outros recortes, visto que acreditamos que dado o caráter dinâmico da língua, os estudos a seu respeito é inesgotável.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

----- (Org.) **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1998.

----- A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas linguístico do Brasil: introdução**. Vol. 1. Londrina: Eduel, 2014. p. 95-111.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário da viagem de Francisco Freire Alemão: Crato-Rio de Janeiro, 1859-1860**. V. 2. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007, p. 234.

ALENCAR, B. A. Designações de acidentes geográficos e de elementos hídricos no Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário-MS: algumas reflexões. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo v. 43, n. 1. 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/455/337>. Acesso em: 15 out. 2017.

SOUZA, Maria Alice Veiga Ferreira de. Impactos da gestão de aulas baseadas em problemas verbais de Matemática sobre a aprendizagem. *Educar em revista*, Curitiba, v. 33, n. 64, abr./jun. 2017. DOI: 10.1590-0104-4060.46978. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/46978/32186>. Acesso em: 14 fev. 2019, 20:40.

ALENCAR, Maria Silvana Militão. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza** [manuscritos]: as realizações dos fonemas /r/ e /r/. 2007. Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6109/1/2007_tese_smalencar.pdf. Acesso em: 15 iout. 2017.

ALETEIA, Amador Verissimo de. **Carta XIX: notícias das minas do ouro nos Cariris Novos**. In: *Revista do Instituto do Ceará*. ANNO XXI. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1907. p. 149-181.

ALKMIN, T. M. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA, Edilene Maria de Oliveira. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco: Almaspe**. Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 2009. Disponível em: http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6307?locale=pt_BR. Acesso em 9 abr. 2017.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas linguístico do Paraná – ALPR II**. 2007. 3 v. Tese de Doutorado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

ALVES, Joaquim. O Vale do Cariri. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, t. LIX, p. 94-133. 1945. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1945/1945-OValedoCariri.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo, ed. Anhembi limitada, 1955.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

----- A Variação Fonético-Lexical em Atlas Linguístico no Nordeste. **Revista do GELNE**, Ano 1, n. 2, p. 14-20, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9252/6606>. Acesso em: 12 mai. 2018.

----- Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-120. Dez./2000. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/viewFile/9349/5029>. Acesso em 10 mai. 2018.

----- Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. **REUNIÃO ANUAL DA SBPC – 57ª PROGRAMAÇÃO DA ABRALIN**, 2005, Fortaleza - CE.

----- Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA Jacyra Andrade, CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2 - Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BARTHES, Roland (s.d.). **Elementos de Semiologia**. 21. ed. Trad. de Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Luíza Neri. Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas Linguístico do Ceará**. v. I, v. II. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>. Acesso em 15 mai 2019.

BOAS, Franz. **The mind of primitive man**. New York: The Macmillan, 1911. Disponível em; https://pure.mpg.de/rest/items/item_2287034/component/file_2287035/content. Acesso em: 10 mai. 2019.

BORTONE, M. E. Comunicação interdialetoal. In: Cavalcanti, M.C.; BORTONI-RICARDO, Stella M. (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável**: Território Cidadania do Cariri – MDA/SDT/AGROPOLOS. Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010. v. 1. II. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio131.pdf. Acesso em 06 dez. 2014.

BRÉAL, Michel. Introduction. In: BOPP, Franz. **Grammaire comparée des langues indo-européennes**. Tome 1. Tradução de Michel Bréal. Paris : Imprimerie Impériale, 1866. PDF. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86090v.texteImage>. Acesso em 12 nov. 2018.

BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos falares do baixo Amazonas**: AFBAM. v. 1, v. 2, 2011. 297 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2355/1/ROSEANNY%20MELO%20DE%20BRITO.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese consonantal em Português e sua interpretação na teoria da Otimalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 163-192. 2000. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2322/2271>. Acesso em: 18 set. 2018.

CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, p. 29-48, 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/Issue/1094/10>. Acesso em 05 nov. 2019.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: pró e contra para uma linguística social**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

----- **Sociolinguística**: uma introdução. 2. ed. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus**. v. 3. São Paulo: SE-CENP, 1988. p. 29-41.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Antenor Nascentes e a filosofia brasileira**. São Paulo: Vozes, 1965.

----- **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

----- **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1997.

----- **Introdução às línguas indígenas brasileiras:** linguística e filologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

----- **História da linguística.** 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARDOSO, Suzana. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista GELNE.** v. 4, n. 2, p.1-16. Fortaleza: UFC, 2002. Disponível em: http://www.gelne.org.br/Site/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0_12.pdf. Acesso em: 24 abr. 2018.

----- **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana. **Atlas Linguístico de Sergipe II.** Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.

CARDOSO, Suzana. **Atlas Linguístico do Brasil:** introdução. V. 1. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, Suzana et al (Orgs.). **Documento 4:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra Andrade. Percursos da geolinguística no Brasil In: **Linguística.** 2013, vol. 29, n. 1, p. 115-142. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100006. Acesso em 14 mai. 2018.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul. **Revista Estudos Linguísticos,** São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, jan-abr. 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1129>. Acesso em 05 mai 2018.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral:** cinco estudos. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSERIU, E. A Geografia Linguística. In: COSERIU, E. **O homem e sua linguagem.** Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC.** 2007. 772 f. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/pt-br.php>. Acesso em 07 abr. 2017.

CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. O Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM. In: PAULA, Alessandra de et al (orgs.). **Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa:** homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018. p. 141-150.

CUBA, M. A. Inserções parentéticas no corpus do Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. **Via Litterae,** Anápolis, v. 4, n. 2, p. 269-278 jul./dez. 2012 Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae>. Acesso em: 9 abr. 2017.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology: a Reader**. 2nd. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009.

----- **Antropología lingüística**. Trad. Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. 2. ed. Rev. e aum. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba** - municípios do Litoral Norte de São Paulo. 2010. 741 f. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18102010-144550/pt-br.php>. Acesso em 06 mai. 2018.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Dicionário Aurélio Escolar: Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 1838 p.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **História do Cariri**. V. I. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

----- **História do Cariri**. V. III. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

----- **História do Cariri**. V. 4. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile de 1968].

----- Sobrevivência portuguesa no Cariri cearense. **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, Porto Alegre, p. 311-343, set. 1967. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S04.13.pdf>. Acesso em 18 jun. 2018.

----- A história regional como parte integrante do ensino universitário. **Revista de História**. São Paulo, v. 36, n. 7, p. 463-473. 1968. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/127399/124570>. Acesso em 15 jun. 2018.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. *Revista ALEA* Rio de Janeiro, v. 11. n. 1, p. 148-165, jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alea/v11n1/v11n1a12.pdf>. Acesso em 15 mai. 2018.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. Trad. de Albertino Pinheiro. Companhia Editora Nacional, 1942.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas Linguistique de la France**: notice servant à l'intelligence des cartes. Paris: Honoré Champion, 1902. Disponível em: <https://archive.org/details/atlaslinguistnot00gilluoft>. Acesso em: 15 jun. 2018.

GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000, p. 49-76.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HORA, Demerval da; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria. Português Brasileiro: uma língua de metátese? **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 178-196, set. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/fale/article/view/2799>. Acesso em: 20 out. 2018

HUGO, Victor. **Oeuvres complètes de Victor Hugo**: Cromwell. t. 2. Bruxelles : Meline, Cans et Compagnie, 1842.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Orgs.). **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 91-100.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas linguístico dos falares do alto rio Negro - ALFARIN**. Orientador: Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras)– Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2372/1/jeiviane.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, V. 2.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Marli Quadros. Variação linguística: dialetos, registros e norma linguística. In: SILVA, Luiz Antônio da (Org.). **A língua que falamos**: português, história, variação e discurso. São Paulo: Editora Globo, 2005.

LIMA, Fabiana dos Santos. **Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu**. 2009. 136 f. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3598>. Acesso em 07 abr. 2017.

MARRA-SILVA, D. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes). Orientador: Sebastião Elias Milani. 2009. – Departamento de Linguística, Letras e Artes, Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2009. Disponível em:

https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2433/1/Dissertacao_Daniel_Silva.pdf. Acesso em: 12 out. 2018.

MATHEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Editeur Édouard Champion, 1921.

MENDONÇA, Thaianne Alves. **Atlas Linguístico de Icatu - ALinl**. 2017. 389 f. Dissertação de Mestrado. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2004. Disponível em: <http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/1613>. Acesso em 07 abr. 2018.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Jamyle dos Santos. **Atlas linguístico léxico-semântico de Capistrano**. 2011. 199 f. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2011. Disponível em: www.uece.br/posla/dmdocuments/JamyledosSantosMonteiro.pdf. Acesso em 07 abr. 2017.

MUSSALIM, Fernanda. **Linguística I**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009. Ebook. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em 20 jun. 2018.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro, Simões, 1953.

----- **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (Parte I)**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

NOGUEIRA, Albana Xavier; ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul: gênese e trajetória. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013. [livro eletrônico]. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitaisgratuitos>. Acesso em 10 mai. 2008.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**. Londrina, v. 9, n. 2, p. 169-183, dez. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3944/3153>. Acesso em: 10 mai. 2008.

PAIVA, Melquíades Pinto. Senado do Império: o senador Alencar e o Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, v. 121, p. 45-64. 2007. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2008/02-Art_SenadodoImperio.pdf. Acesso em 10 mai. 2017.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas geolinguístico do litoral potiguar -ALiPTG**. 2007. 2v. Vol I: 123 f. Vol II 189 f. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://alib.ufba.br/atlas-geolinguistico-do-litoral-potiguar-aliptg>. Acesso em 9 abr. 2018.

PEZATT, Gabriella Monteiro ; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; SILVESTRE, Luciana. Algumas mudanças ortográficas do português no Brasil observadas e discutidas a partir de uma crônica de 1932. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 257-272, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/14692/13189>. Acesso em: 15 ago. 2018.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Ed. fac.sim. Fortaleza: FWA, 2009.

PINHEIRO, Raimundo Teles. O Cariri cearense. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, n. 99, p. 399-403. jan/dez. 1979. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1979/1979-OCaririCearense.pdf>. Acesso em 10 mai. 2018.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. As origens dos Índios Cariris. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, t. LXIV, p. 314-347. 1950. Disponível em: <https://institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1950/1950-OrigensIndiosCariris.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

------. O povoamento do Cariri cearense. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, p. 195-205. 1956. Disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1956/ACL_1956_32_O_Povoamento_do_Cariri_Cearense_Th_Pompeu_Sobrinho.pdf. Acesso em: 10 mai. 2018.

POP, Sever. **La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques**. Partie 1. Dialectologie romane. Belgique: Fondation Universitaire de Belgique, 1950.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 4 ed. rev. e modificada, com a reelaboração de vários capítulos. São Paulo. Nacional, 1982.

PRETI, D. Norma e variedades lexicais urbanas. In: A. T. de Castilho. **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 157-168.

RAZKY, Abdelhak et al. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, Abdelhak. (Org.). **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX**. 302 f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. 366 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Londrina:

Universidade Estadual de Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000171785>. Acesso em 07 abr. 2018.

ROMANO, V; SEABRA, R; OLIVEIRA, N. [SGVCLin]: *software* para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5757>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ROSSI, Nelson. **A Dialectologia**. ALFA, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3299/3026>. Acesso em 05 abr. 2108.

ROSSI, Nelson; ISENSÉE, Dinah Maria; FERREIRA, Carlota. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco - ALiPE**. 2013. 417 f. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/6279>. Acesso em 07 abr. 2017.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo**. 2 v. Dissertação de Mestrado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

SAPIR, Edward. **Anthropologie: culture**. t. 2. Traduction de Christian Baudelot et Pierre Clinquart. Paris : Éditions de Minuit, 1969.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1961.

SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense**. 2001. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Moisés Batista da. **Atlas linguístico do centro-oeste potiguar**. 2012. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8253>. Acesso em 07 abr. 2017.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1952.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola uma perspectiva social**. 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. In: **Revista argentina de historiografía lingüística**. v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.hispadoc.es/download/articulo/2971700.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. Comissão de Normalização. Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, UFC, 2019. 75 p. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/servicos-e-produtos/normalizacao-de-trabalhos-academicos/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. Guia de normalização para elaboração de referências da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2018. 24 p. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/servicos-e-produtos/normalizacao-de-trabalhos-academicos/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

VENDRYÈS, Joseph. **Le langage**: introduction linguistique à l'histoire. Paris: Albin Michel, 1950.

VIANA, João Segadas. Divisão territorial do Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: ano II, nº 3, 1940. p. 372-406. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1940_v2_n3.pdf Acesso em 23 Ago, 2019.

VILELA, Mario. **Estudos da lexicografia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

ZÁGARI, Roberto L. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Em 02 vias, firmado por cada participante-voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada “Atlas Linguístico da Região do Cariri cearense”, realizada pelo doutorando Carlos Alberto Moreira Saraiva, aluno do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esta pesquisa tem por objetivo elaborar um Atlas Linguístico, a partir de um mapeamento da diversidade linguística, no nível fonético-fonológico e semântico-lexical, da Região do Cariri cearense. Para tanto, sua participação consiste em responder a um questionário cujas respostas serão gravadas e transcritas na íntegra. No entanto, se algumas perguntas gerarem desconforto ou constrangimento, você não será obrigado a respondê-las e isso não lhe penalizará e não lhe impedirá de continuar participando da pesquisa. As informações que você fornecer serão úteis para que possam ser atingidos os objetivos da pesquisa. Assinando esse consentimento, você não desiste de nenhum de seus direitos. Além disso, você não libera os investigadores de suas responsabilidades legais e profissionais no caso de alguma situação que lhe prejudique. A sua participação é inteiramente voluntária. Uma vez aceitando participar desta pesquisa, você está livre para abandonar o estudo a qualquer momento, sem que isto afete o seu relacionamento com esta instituição. O investigador também poderá retirá-lo da pesquisa a qualquer momento, se ele julgar que seja necessário para o seu bem estar. Por ser voluntário, você não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo, que serão custeados única e exclusivamente pelo pesquisador. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. Não há riscos relacionados aos procedimentos que serão realizados neste estudo visto que não haverá nenhum procedimento invasivo e que possa atingi-lo. Será garantido que todas as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

ATENÇÃO: Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, ou caso surja alguma dúvida quanto à ética da pesquisa, entre em contato com:

Responsável pela pesquisa:

Nome: Carlos Alberto Moreira Saraiva

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Heron Felício de Alencar, 368 – Seminário – Crato-CE
 Telefones: (88) 3521-8652– E-mail: jasaraivabarro@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Cariri - URCA

Rua Coronel Antonio Luiz, 1161 – Pimenta – Crato-CE

Telefone: 3102.1291 E-mail: cep@urca.br

O abaixo-assinado, _____, ____ anos, RG nº _____
 declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da
 pesquisa “Atlas Linguístico da Região do Cariri Cearense”. Eu declaro que li cuidadosamente
 este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de
 fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi
 explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo
 uma cópia assinada deste Termo.

....., / /

.....
 Voluntário

.....
 Assinatura

.....
 Pesquisador

.....
 Assinatura

.....
 Testemunha

.....
 Assinatura

.....
 Assinatura Profissional que aplicou o TCLE

.....
 Assinatura

ANEXO A – MODELO DE FICHA DAS LOCALIDADES

FICHA DA LOCALIDADE

1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES:
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) Pelos próprios: b) Pelos habitantes de outras localidades:
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) Pelos próprios habitantes: b) Pelos habitantes de outras localidades:
6. NÚMERO DE HABITANTES:
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

ANEXO B - MODELO DE FICHA DOS INFORMANTES

FICHA DO INFORMANTE

Nº DO PONTO:		Nº DO INFORMANTE:	
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. M B. F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL:	A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)		
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)			
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. () especialização B. () profissionalizante C. () outros		
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. () sim B. () não		
15. EM CASO NEGATIVO, INDICAR A NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
19. TIPO DE RENDA: A. () individual B. () familiar			
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO			
20. ASSISTE TV? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () novelas D. () noticiários G. () outro B. () esportes E. () programa religioso C. () programa de auditório F. () filmes	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. () rede gratuita B. () parabólica C. () tv por assinatura	
23. OUVE RÁDIO?			
A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca D. () parte do dia	E. () o dia inteiro F. () enquanto viaja G. () enquanto trabalha		

24. PROGRAMAS PREFERIDOS:				
A. <input type="checkbox"/> noticiário geral	E. <input type="checkbox"/> música			
B. <input type="checkbox"/> esportes	F. <input type="checkbox"/> progr. c/ participação do ouvinte			
C. <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> programa religioso	G. <input type="checkbox"/> outro			
D. <input type="checkbox"/> noticiário policial				
25. LÊ JORNAL?				
A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> semanalmente E. <input type="checkbox"/> raramente				
26. NOME DO(S) JORNAL(IS):				
A. local B. estadual C. nacional				
27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:				
A. <input type="checkbox"/> editorial	E. <input type="checkbox"/> política			
B. <input type="checkbox"/> esportes	F. <input type="checkbox"/> página policial			
C. <input type="checkbox"/> variedades	G. <input type="checkbox"/> classificados			
D. <input type="checkbox"/> programa cultural	H. <input type="checkbox"/> outra			
28. LÊ REVISTA?				
A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca				
29. NOME/TIPO DE REVISTA:				
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>

ANEXO C – FICHA PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA	
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?	
38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. () tímido B. () vivo C. () perspicaz D. () sarcástico	
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. () total B. () grande C. () média D. () fraca	
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. () cooperativa B. () não cooperativa C. () agressiva D. () indiferente	
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. () “A” B. () “B” C. () “C” D. () “D”	
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. () grande B. () médio C. () pequeno D. () nenhum	
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. () sim B. () não	
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):	
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE	
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:	
47. OBSERVAÇÕES	
48. NOME DOS INQUIRIDORES: INQ: AUX: AUX2:	
48. ENTREVISTA:	
CIDADE: UF:	DATA: DURAÇÃO:

ANEXO D – QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

1	Qual o tipo de moradia mais comum aqui da região? (<i>Obter a forma inserida em contextos mais amplos</i>)	CASA
2	Onde se constrói uma casa? [O que preciso para construir uma casa?]	TERRENO
3	... aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos na cozinha (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala..) ou produtos para vender no supermercado, mercearias etc.?	PRA TELEIRA
4	... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?	TELEVISÃO
5	Quando a gente compra uma TV, ela vem da loja dentro de uma _____.	CAIXA
6	...o objeto com que se corta tecido?	TESOURA
7	Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?	CAMINHA
8	... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?	TRAVE SSEIRO
9	Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem....?]	LUZ
10	O que ilumina uma casa e tem que ser trocada quando queima? (<i>Apontar</i>).	LÂMPADA
11	Antigamente, para passar a roupa, usava-se um ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferros que se usa?	ELÉTRICO
12	... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?	TORNEIRA
13	,,, aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulhas, prego, alfinetes?	ÍMÃ
14	Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano _____ a porta.	FECHA
15	... aquele palitinho que acende o fogo?	FÓSFORO
16	... aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?	FUMAÇA
17	Do que é feito os fogos de artificios?	PÓLVORA
18	Para limpar o chão o que é que é preciso fazer? (<i>mímica</i>).	VARRER
19	...a refeição que se faz, geralmente, ao meio-dia?	ALMOÇO
20	Uma comida pode estar boa ou _____.	RUIM
21	... o que se come no almoço, uns grãosinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?	ARROZ
22	A carne de porco não é magra porque tem _____.	GORDURA
23	... uma pequena grade de metal ou de ferro que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa para assar carne, frango, etc.?	GRELHA
24	... aquele objeto que se usa na cozinha para passar farinha? (<i>mímica</i>).	PENEIRA
25	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]	COLHER
26	... um aparelho que é usado para fazer vitamina, sucos, etc.?	LIQUIDIFICADOR / LIQUIDIFICADOR

27	Quando a água da panela está quente, cheia de bolinhas, como é que se diz que ela está?	<u>F</u>ERVENDO
28	O que é preciso colocar na carne para temperar?	<u>S</u>AL
29	... um tempero de comida que quando se está cortando chora.	<u>C</u>EBOLA
30	... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão.	<u>T</u>OMATE
31	Para comer uma banana, o que é que se tira?	<u>C</u>ASCA
32	... aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?	<u>A</u>BÓBORA
33	No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?	<u>C</u>LARA
34	E a amarela?	<u>G</u>EMA
35	... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?	<u>M</u>ANTEIGA
36	Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai _____ (mímica) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].	<u>B</u>OTAR
37	Qual o contrário de feio?	<u>B</u>ONITO
38	... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?	<u>R</u>OSA
39	O que é que dá sombra nas ruas, no campo, para o gado nos pastos?	<u>Á</u>RVORE
40	Para se ter flor no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz?	<u>P</u>LANTA
41	... a fêmea do carneiro?	<u>O</u>VELHA
42	... aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro? OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS	<u>C</u>AVALO
43	Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (mímica)?	<u>M</u>ONTAR
44	... um inseto que vive em colmeias e produz um líquido que é usado como alimento?	<u>A</u>BELHA
45	E o que é que a abelha fabrica?	<u>M</u>EL
46	... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?	<u>B</u>ORBOLETA
47	... aquilo que a aranha faz nas paredes?	<u>T</u>EIA
48	... o bichinho que o gato caça?	<u>R</u>ATO
49	... um animal grande que se vê no circo, tem uma tromba?	<u>E</u>LEFANTE
50	O que se pesca nos rios, no mar?	<u>P</u>EIXE
51	... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizado para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?	<u>C</u>ANOA
52	Quando se faz assim (mímica) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?	<u>R</u>EMANDO
53	... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café e outras coisas ? OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS	<u>F</u>AZENDA
54	... uma doença que dá no gado, em geral, na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.	<u>A</u>FTOSA
55	Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____	<u>N</u>OITE

56	E depois da noite, vem o quê?	<u>DIA</u>
57	De janeiro a dezembro se diz que se passou quanto tempo? [30 dias dá um mês, 12 meses dá um ____?] [Como é que se chama o período d 12 meses?]	<u>ANO</u>
58	... aquilo que brilha no céu, de dia?	<u>SOL</u>
59	... o dia depois de hoje?	<u>AMANHÃ</u>
60	... o dia que vem depois de sexta-feira?	<u>SÁBADO</u>
61	No inverno faz frio. E no verão?	<u>CALOR</u>
62	Qual é o contrário de cedo?	<u>TARDE</u>
63	O que vem depois de dois?	<u>TRÊS</u>
64	O que vem depois de nove?	<u>DEZ</u>
65	O que vem depois de treze?	<u>CATORZE / QUATORZE</u>
66	Catorze não é uma letras. É o quê?	<u>NÚMERO</u>
67	Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?	<u>ESTRADA</u>
68	... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?	<u>POÇA</u>
69	Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros passem?	<u>DESVIO</u>
70	O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (<i>mímica</i>), com números?]	<u>PLACA</u>
71	... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?	<u>BICICLETA</u>
72	... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego fura e se esvazia?	<u>PNEU</u>
73	De que material são feitas as janelas, os para-brisas dos carros?	<u>VIDRO</u>
74	Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?	<u>SEGURO</u>
75	Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?	<u>PASSAGEM</u>
76	E quando se paga para viajar daqui a ____? Dizer o nome de uma cidade próxima	<u>REAL / REAIS</u>
77	Qual o contrário de pouco?	<u>MUITO</u>
78	Você / o(a) senhor(a) tomou / pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ____ 500 reais.	<u>DEVE</u>
79	Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o(a) senhor(a) vai devolver. Você / o(a) senhor(a) agradece. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?	<u>OBRIGADO</u>
80	Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?	<u>TRABALHAR</u>
81	Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o ____?]	<u>EMPREGO</u>

82	Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim? E quando está começando, como é que se diz?	INÍCIO
83	Quem se elege para dirigir a cidade?	PREFEITO
84	Onde as crianças vão aprender a ler?	ESCOLA
85	O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?	COLEGAS
86	... aquilo branquinho, assim (mímica), que serve para escrever no quadro, na escola?	GIZ
87	... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?	BORRACHA
88	Fazer assim (mímica) em um papel é _____	RASGAR
89	Que cor é esta? <i>Mostrar</i>	AZUL
90	O nosso país?	BRASIL
91	... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?	BANDEIRA
92	Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca? E quem nasce em Pernambuco?	PERNAMBUCANO
93	... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]	SOLDADO
94	Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?	CORREIO
95	De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?	LIQUIDAÇÃO / LIQUIDAÇÃO
96	Aonde se vai para ver um filme?	CINEMA
97	No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na _____]	DEFESA
98	Os jogadores de futebol aqui (apontar) usam camiseta. E aqui (apontar) o que é que usam?	CALÇÃO
99	Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há _____ há força?]	UNIÃO
100	Em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoa são uma das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]	COMPANHEIRO
101	Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?	ADVOGADO
102	Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço _____].	QUESTÃO / QÜESTÃO
103	Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: o ladrão foi _____ pela polícia.	PEGO
104	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ela é o quê?	INOCENTE
105	Qual o contrário de errado?	CERTO
106	Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é _____	MENTIRA

107	Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?	<u>PROCISSÃO</u>
108	... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?	SANTO ANTONIO
109	Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?	<u>PECADO</u>
110	Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?	<u>PERDÃO</u>
111	... aquilo que os reis colocam na cabeça (<i>mímica</i>)?	<u>COROA</u>
112	... isto? <i>Apontar</i>	<u>OLHO</u>
113	... esta parte? <i>Apontar</i>	<u>PESCOÇO</u>
114	... esta parte? <i>Apontar</i>	<u>ORELHA</u>
115	E esta parte aqui dentro, (<i>apontar</i>) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?	<u>OUVIDO</u>
116	E isto? <i>Apontar</i>	<u>DENTE</u>
117	Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do _____?]	<u>PEITO</u>
118	... o órgão que fica aqui (<i>apontar</i>), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve malária?	<u>FÍGADO</u>
119	Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?	<u>CORAÇÃO</u>
120	Aqui (<i>mostrar</i>) é a frente, e aqui (<i>mostrar</i>)?	<u>COSTAS</u>
121	... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?	<u>UMBIGO</u>
122	... esta parte? <i>Apontar</i>	<u>JOELHO</u>
123	Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?	<u>FERIDA</u>
124	... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?	<u>CASPA</u>
125	Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?	<u>BANHO</u>
126	Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?	<u>DESMAIO</u>
127	O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?	<u>VÔMITO</u>
128	Adão foi o primeiro _____ ?	<u>HOMEM</u>
129	E Eva foi a primeira _____ ?	<u>MULHER</u>
130	Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?	<u>FAMÍLIA</u>
131	O que é que o irmão de seu pai ou de mãe é seu?	<u>TIO</u>
132	O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?	<u>GENRO</u>
133	Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho _____ ?	<u>ÚNICO</u>
134	O que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?	<u>ALTA</u>
135	Qual é o contrário de alta?	<u>BAIXA</u>
136	A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem os cabelos claros, dourados, amarelados?	<u>LOURA</u>
137	Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa _____ ?	<u>VOZ</u>
138	Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?	<u>DOIDO</u>
139	Um sapato que não é novo é _____ ?	<u>VELHO</u>
140	Aquele chinelo aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?	<u>SANDÁLIA</u>

141	Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?	MEIA
142	... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com um zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?]	BRAGUILHA
143	O que é que se usa aqui no dedo? (<i>apontar</i>).	ANEL
144	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?	PERFUME
145	Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?	PRESENTE
146	Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (<i>mímica</i>)?	BEIJAR
147	Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____ (<i>mímica</i>)	SORRISO
148	A pessoa que não está acordada, está _____? (<i>mímica</i>).	DORMINDO
149	Como se chama isto? <i>Assobiar</i>	ASSOBIO
150	Quando não se acha uma coisa, a coisa fica _____?	PERDIDA
151	Quando se perde uma coisa, se vai procurando até _____?	ENCONTRAR
152	Quando se quer saber de uma coisa, se vai _____?	PERGUNTAR
153	Qual é o contrário de entrar?	SAIR
154	Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar.	BARULHO
155	Se uma pessoa não quer ser incomodada, ela diz: “Me deixe em _____”?	PAZ
156	Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.] Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa.]	MESMA
157	Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?	HÓSPEDE
158	Este lado é o direito e este (mostrar)?	ESQUERDO
159	Quem não está mais vivo é porque já _____?	MORREU

ANEXO E – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO- LEXICAL (QSL)

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1	... rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?	CÓRREGO / RIACHO
2	... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de _____ (cf. item 1)?	PINGUELA
3	... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro?	FOZ
4	... muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso?	REDEMOINHO (DE ÁGUA)
5	... o movimento da água do mar? (<i>Imitar o balanço das águas</i>)	ONDA DO MAR
6	... o movimento da água do rio?	ONDA DE RIO

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7	... o vento forte que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	REDEMOINHO (DO VENTO)
8	... um clarão que surge no céu em dias de chuva?	RELÂMPAGO
9	... uma luz forte e rápida que sai das nuvem, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?	RAIO
10	o barulho forte que se escuta logo depois de um _____? (cf. item 9)	TROVÃO
11	...uma chuva com vento forte que vem de repente?	TEMPORAL / VENDAVAL / TEMPESTADE
12	Existem outros nomes para _____? (cf. item 11)?	NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL
13	... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	TROMBA D'ÁGUA
14	... uma chuva forte e contínua?	CHUVA FORTE
15	Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?	CHUVA DE PEDRA
16	Como dizem aqui do tempo quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?	ESTIAR / COMPOR O TEMPO
17	Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (<i>mímica</i>). Que nomes dão a essa faixa?	ARCOS-ÍRIS
18	... uma chuva bem fininha?	GAROA
19	Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?	TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
20	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	ORVALHO / SERENO
21	Muitas vezes, principalmente de manhã, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que	NEVOEIRO / CERRAÇÃO /

	cobre tudo. Como chamam isso?	NEBLINA
--	-------------------------------	---------

ASTROS E TEMPO

22	... a parte do dia quando começa a clarear?	AMANHECER (O DIA)
23	O que é que acontece no céu de manhã quando começa a clarear?	NASCER (DO SOL)
24	... a claridade avermelhada do céu antes de _____ (cf. item 23)?	ALVORADA
25	E o que acontece no céu no final da tarde?	PÔR (DO SOL)
26	... a claridade avermelhada que fica no céu depois do _____ (cf. item 25)?	CREPÚSCULO
27	E quando o sol se põe?	ENTARDECER
28	... o começo da noite?	ANOITECER
29	De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam essa estrela?	ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA D'ALVA
30	De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?	ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE
31	De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim (<i>mímica</i>) e faz um rico de luz. Como chamam isso?	ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO
32	E quando se vê uma _____ (cf. item 31), como é que se diz? IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE	MUDAR / CORRER UMA ESTRELA
33	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto das outras. Como chamam esta banda ou faixa?	VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO
34	Quais são os meses do ano?	MESES DO ANO
35	Alguns meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?	MESES COM NOMES ESPECIAIS
36	Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi? [O dia imediatamente anterior ao de hoje?]	ONTEM
37	... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]	ANTEONTEM
38	... o dia que foi antes de _____ (cf. item 37)? [E mais um dia para trás?]	TRANSANTEONTEM

ATIVIDADES AGROPASTORIS

39	... as frutas menores que a laranja que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS	TANGERINA / MEXERICA
----	---	----------------------

	DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE	
40	... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come cozido, assado, cozido, torrado ou moído?	AMENDOIM
41	... umas florezinhas brancas com miolo amarelo, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelo, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê / bebê e até adulto e também para acalmar. <i>Mostrar</i> .	CAMOMILA
42	... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?	PENCA
43	... duas bananas que nascem grudadas?	BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS
44	... a ponta rosa no cacho da bananeira	UMBIGO / CORAÇÃO
45	Quando se vai colher o milho, o que e se tira do pé?	ESPIGA
46	Quando se tira da _____ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?	SABUGO
47	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama?	SOCA / TOUCEIRA
48	... flor grande , amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?	GIRASSOL
49	Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?	VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA
50	... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?	MANDIOCA / AIPIM
51	... uma raiz parecida com _____ (cf. item 51) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?	MANDIOCA
52	... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?	CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA
53	... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o(a) _____ (cf. item 52)?	HASTE DO CARRINHO DE MÃO
54	... a armação de madeira que se coloca no pescoço do (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca?	CANGALHA / FORQUILHA
55	... a armação que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? (<i>Mostrar gravura</i>).	CANGALHA
56	... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? (<i>Mostrar gravura</i>).	CANGA
57	... aquele objeto de vime, de taquara, de cipó trançado, para levar batatas, (mandioca, macaxeira, aipim, etc.) no lombo do cavalo ou do burro?	JACÁ / BALAIO
58	E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?	BOLSA / BRUACA
59	... a cria da ovelha logo que nasce? e até que idade se dá esse nome?	BORREGO (DO NASCER ATÉ...)
60	Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?	PERDA DA CRIA
61	... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro	TRABALHADOR

	e recebe por dia de trabalho?	DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA
62	O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?	PICADA / ATALHO ESTREITO
63	... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?	TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA

FAUNA

64	... a ave preta que come animal morto, podre?	URUBU
65	... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?	COLIBRI / BEIJA-FLOR
66	... a ave que faz a sua casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?	JOÃO-DE-BARRO
67	... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?	GALINHA D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR
68	... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?	PAPAGAIO
69	... uma galinha sem rabo?	SURA
70	... um cachorro sem rabo?	COTÓ
71	... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?	GAMBÁ
72	... as patas dianteiras do cavalo?	PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO
73	... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?	CRINA DO PESCOÇO
74	... o cabelo comprido na traseira do cavalo?	CRINA DA CAUDA
75	... a parte do cavalo onde vai a sela?	LOMBO
76	... a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)?	ANCA / GARUPA / CADEIRA
77	O que o boi tem na cabeça?	CHIFRE
78	... o boi sem _____ (cf. item 77)?	BOI SEM CHIFRE
79	... a cabra que não tem _____ (cf. item 77)	CABRA SEM CHIFRE
80	Em que parte da vaca fica o leite?	ÚBERE
81	... a parte com que o boi espanta as moscas?	RABOS
82	... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?	MANCO
83	... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulho quando voa?	MOSCA VAREJEIRA
84	... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num rio? (cf. item 77)	SANGUESSUGA
85	... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?	LIBÉLULA
86	... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?	BICHO DA FRUTA
87	... aquele que dá em esterco, em pau podre?	CORÓ

88	... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (<i>Imitar o zumbido</i>).	PERNILONGO
----	--	------------

CORPO HUMANO

89	... esta parte que cobre o olho? (<i>Apontar</i>).	PÁLPEBRA / CAPELA DOS OLHOS
90	... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?	CISCO
91	...a pessoa que só enxerga com um olho?	CEGO DE UM OLHO
92	... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? (<i>Completar com um gesto dos dedos</i>).	VESGO
93	... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?	MÍOPE
94	... a bolinha que nasce na _____ (cf. item 89) fica vermelha e incha?	TERÇOL / VIÚVA
95	... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho, e amanheça grudado?	CONJUNTIVITE / DOR D'OLHOS
96	... aquela pele branca no olho que dá em pessoa mais idosa?	CATARATA
97	esses dois dentes pontudos? (<i>Apontar</i>).	DENTES CANINOS / PRESAS
98	... esses dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta	DENTES DO SISO / DO JUÍZO
99	... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)? <i>Apontar</i>	DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO
100	... a pessoa que não tem dentes?	DESDENTADO / BANGUELA
101	... a pessoa que parece falar pelo nariz? (<i>Imitar</i>).	FANHOSO / FANHO
102	... a sujeirinha que se tira do nariz com o dedo?	MELECA / TATU
103	... que barulhinho que se fez? <i>Soluçar</i>	SOLUÇO
104	... isto? (<i>mostrar</i>).	NUCA
105	esta parte alta do pescoço do homem? (<i>Apontar</i>).	POMO DE ADÃO / GOGÓ
106	... o osso que vai do pescoço até o ombro? (<i>Apontar</i>).	CLAVÍCULA
107	... a pessoa que tem um calombo nas costas e fica assim? (<i>mímica</i>)?	CORCUNDA
108	... esta parte aqui? (<i>mostrar</i>).	AXILA
109	... o mau cheiro em baixo dos braços?	CHEIRO NAS AXILAS
110	... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? (<i>Completar com o gesto</i>).	CANHOTO
111	... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?	SEIOS / PEITO
112	Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?	VOMITAR
113	... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?	ÚTERO
114	... a pessoa que não tem uma perna?	PERNETA
115	... a pessoa que puxa de uma perna?	MANCO
116	... a pessoa de pernas curvas? (<i>Mímica</i>).	PESSOA DE

		PERNAS ARQUEADA
117	... o osso redondo que fica na frente do joelho?	RÓTULA / PATACA
118	... isto? (<i>Apontar</i>)	TORNOZELO
119	... isto? (<i>Apontar</i>)	CALCANHAR
120	Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? (<i>Mímica</i>).	CÓCEGAS

CICLOS DA VIDA

121	As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso	MENSTRUAÇÃO
122	Numa certa idade, acaba o(a) _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.	ENTRAR NA MENOPAUSA
123	...a mulher que ajuda a criança a nascer?	PARTEIRA
124	Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para _____.	DAR À LUZ
125	... duas crianças que nascem no mesmo parto?	GÊMEOS
126	Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____.	ABORTO
127	Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____.	ABORTAR
128	Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como se chama essa mulher	AMA DE LEITE
129	O próprio filho da _____ (cf. item 128) a criança que ela amamenta são o quê um do outro?	IRMÃO DE LEITE
130	...a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?	FILHO ADOTIVO
131	...o filho que nasceu por último?	FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA
132	Criança pequenina , a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	MENINO / GURI / PIÁ
133	E se for do sexo feminino?	MENINA
134	Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?	MADRASTA
135	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não se tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	FINADO / FALECIDO

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

136	... a pessoa que fala demais?	PESSOA TAGARELA
137	... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	PESSOA POUCO INTELIGENTE
138	... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	PESSOA SOVINA
139	... a pessoa que deixa suas contas penduradas?	MAU PAGADOR
140	... a pessoa que é paga para matar alguém?	ASSASSINO PAGO
141	... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?	MARIDO ENGANADO

142	... a mulher que se vende para qualquer pessoa?	PROSTITUTA
143	... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?	XARÁ
144	Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?	BÊBADO (DESIGNAÇÕES)
145	Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?	CIGARRO DE PALHA
146	...o resto do cigarro que se joga fora?	TOCO DE CIGARRO

RELIGIÃO E CRENÇAS

147	Deus está no céu e no inferno está _____ ?	DIABO
148	O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casa, que se diz que é do outro mundo?	FANTASMA
149	O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, em encruzilhadas?	FEITIÇO
148	... objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	AMULETO
151	... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?	BENZEDEIRA
152	Como se chama a pessoa que cura através de ervas e plantas?	CURANDEIRO
153	Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam presa numa corrente?	MEDALHA
154	No Natal, monta-se um grupo de figuras representando a Virgem Maria, São José, o Menino Jesus, etc. Como chamam isso?	PRESEPIO

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

155	... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (<i>Mímica</i>).	CAMBALHOTA
156	... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	BOLINHA DE GUDE
157	... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (<i>mímica</i>), que os meninos usam para matar passarinho?	ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE
158	...o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que empina no vento por meio de uma linha?	PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA
159	E um brinquedo parecido com o(a) _____ (cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha	PIPA / ARRAIA
160	... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?	ESCONDE- ESCONDE
161	... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	CABRA-CEGA
162	...uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?	PEGA-PEGA
163	... esse ponto combinado?	FERROLHO /

		SALVA / PICULA / PIQUE
164	... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculos, enquanto uma outra vai passando com um pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair antes de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?	CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS
165	... uma tábua apoiada no meio onde cada criança se senta numa ponta e quando uma sobe e a outra desce? (<i>Mímica</i>).	GANGORRA
166	...uma tábua, pendurada em cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (<i>Mímica</i>).	BALANÇO
167	...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (<i>mímica</i>) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.	AMARELINHA

HABITAÇÃO

168	... aquela pecinha de madeira que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela?	TRAMELA
169	Quando uma janela tem duas partes, como a parte de fora que é formada por tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? <i>Mostrar gravura</i>	VENEZIANA
170	Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?	VASO SANITÁRIO / PATENTE
171	... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão de lenha?	FULIGEM
172	... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	BORRALHO
173		ISQUEIRO / BINGA
174	... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim? (<i>mímica</i>).	LANTERNA
175	Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	INTERRUPTOR DE LUZ

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

176	... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?	CAFÉ DA MANHÃ
177	... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoitos?	GELEIA
178	... a carne depois de triturada na máquina?	CARNE MOÍDA
179	... uma papa cremosa feita com coco milho verde ralado, polvilhada com canela??	CURAU / CANJICA
180	E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que se chama?	CURAU
181	... aquele alimento feito com grãos de milho brancos, coco e canela?	MUNGUZÁ / CANJICA
182	... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.	AGUARDENTE
183	Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____.	EMPANTURRADO
184	... uma pessoa que normalmente come demais?	GLUTÃO
185	... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? <i>Mostrar</i>	BALA / CONFEITO / BOMBOM

186	... isto? <i>Mostrar</i>	PÃO FRANCÊS
187	... isto? <i>Mostrar</i>	PÃO BENGALA

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

188	... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?	SUTIÃ
189	... roupa que o homem usa debaixo da calça?	CUECA
190	... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?	CALCINHA
191	... aquilo que as mulheres passam no rosto, para ficarem mais rosadas?	ROUGE
192	...um objeto fino de metal, para prender o cabelo? <i>Mostrar</i>	GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE
193	... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? (<i>mímica</i>).	DIADEMA / ARCO / SINAL

VIDA URBANA

194	Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?	SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL
195	... aquele morrinho para os carros diminuírem a velocidade?	LOMBADA / QUEBRA-MOLAS
196	Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?	CALÇADA / PASSEIO
197	... o que separa o _____ (cf. item 196) da rua?	MEIO-FIO
198	... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?	ROTATÓRIA / RÓTULA
199	... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?	LOTE / TERRENO / DATA
200	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?	ÔNIBUS URBANO
201	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?	ÔNIBUS INTERURBANO
202	um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. item 82) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?	BODEGA / BAR / BOTEÇO